



POVOAMENTO RURAL NO TROÇO MÉDIO DO GUADIANA ENTRE O RIO DEGEBE E A RIBEIRA DO ÁLAMO (IDADE DO FERRO E PERÍODOS MEDIEVAL E MODERNO)

Bloco 14 – Intervenções e Estudos no Alqueva

João António Marques
Susana Gómez Martínez
Carolina Grilo
Carlos Batata

**POVOAMENTO RURAL NO TROÇO MÉDIO DO GUADIANA
ENTRE O RIO DEGEBE E A RIBEIRA DO ÁLAMO
(IDADE DO FERRO E PERÍODOS MEDIEVAL E MODERNO)**

BLOCO 14 – INTERVENÇÕES E ESTUDOS NO ALQUEVA

FICHA TÉCNICA

MEMÓRIAS d'ODIANA - 2.ª Série

TÍTULO

**POVOAMENTO RURAL NO TROÇO MÉDIO DO
GUADIANA ENTRE O RIO DEGEBE E A RIBEIRA DO
ÁLAMO (IDADE DO FERRO E PERÍODOS MEDIEVAL
E MODERNO)**

Bloco 14 – Intervenções e Estudos no Alqueva

AUTORES

**João António Marques, Susana Gómez Martínez, Carolina Grilo
e Carlos Batata**

EDIÇÃO

**EDIA - Empresa de desenvolvimento
e infra-estruturas do Alqueva**

**DRCALEN - Direcção Regional
de Cultura do Alentejo**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**António Carlos Silva
Frederico Tátá Regala**

DESIGN GRÁFICO

Luisa Castelo dos Reis / VMCdesign

**PRODUÇÃO GRÁFICA,
IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VMCdesign / Ligação Visual**

TIRAGEM

500 exemplares

ISBN

978-989-98990-0-1

DEPÓSITO LEGAL

356 090/13

FINANCIAMENTO

**EDIA - Empresa de desenvolvimento e infra-estruturas
do Alqueva**

**DRCALEN - Direcção Regional de Cultura do Alentejo
INALENTEJO**

QREN - Quadro de Referência Estratégico Nacional

FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Évora, 2013

**JOÃO ANTÓNIO MARQUES, SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ,
CAROLINA GRILO E CARLOS BATATA**

**POVOAMENTO RURAL NO TROÇO MÉDIO
DO GUADIANA ENTRE O RIO DEGEBE
E A RIBEIRA DO ÁLAMO (IDADE DO FERRO
E PERÍODOS MEDIEVAL E MODERNO)**

Bloco 14 – Intervenções e Estudos no Alqueva

ÍNDICE

9	Nota Editorial
13	1 - INTRODUÇÃO
13	1.1. Enquadramento e caracterização da área de estudo
16	1.2. Estratégia e metodologia dos trabalhos de campo
18	1.3. Estratégia e metodologia do estudo do espólio
19	1.4. Equipa técnica
21	2. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA IDADE DO FERRO
21	2.1. Os sítios e a sua arquitectura
21	2.1.1. Espinhaço 9
28	2.1.2. Monte Roncanito 2A
33	2.1.3. Monte Roncanito 4
43	2.1.4. Monte Roncão 11
51	2.1.5. Arquitectura e organização espacial
54	2.2. Cerâmicas e outro espólio dos sítios da Idade do Ferro
54	2.2.1. Introdução
54	2.2.2. O estudo das cerâmicas
55	2.2.3. Períodos cronológicos e sua relação com os materiais estudados
59	2.2.4. Conclusões do estudo
59	2.2.5. Catálogo de peças
175	3. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PERÍODO MEDIEVAL E DO MODERNO
175	3.1. Cabeçana 4
175	3.1.1. Introdução
179	3.1.2. Trabalhos Arqueológicos
191	3.1.3. Estudo do espólio
204	3.1.4. Considerações finais
205	3.2. Espinhaço 7
205	3.2.1. Introdução
206	3.2.2. Trabalhos arqueológicos
206	3.2.2.1. Estratigrafia
209	3.2.2.2. Interpretação global dos dados
209	3.2.3. Estudo do espólio
213	3.2.4. Conclusão
213	3.3. Espinhaço 11
213	3.3.1. Introdução
214	3.3.2. Trabalhos arqueológicos
214	3.3.2.1. Estratigrafia

214	3.3.3. Estudo do espólio
220	3.3.4. Conclusão
220	3.4. Monte Roncanito 13
220	3.4.1. Introdução
221	3.4.2. Trabalhos arqueológicos
224	3.4.3. Estudo do espólio
230	3.4.4. Conclusão
230	3.5. Monte Roncão 13
230	3.5.1. Introdução
231	3.5.2. Trabalhos arqueológicos
235	3.5.3. Estudo do espólio
238	3.5.4. Conclusão
238	3.6. Monte Roncanito 10
238	3.6.1. Introdução
239	3.6.2. Trabalhos arqueológicos
244	3.6.3. Estudo do espólio
252	3.6.4. Conclusões
253	3.7. Monte Roncanito 18
253	3.7.1. Introdução
254	3.7.2. Trabalhos arqueológicos
255	3.7.3. Estudo do espólio
261	3.7.4. Conclusão
261	3.8. Cabeçana 3
261	3.8.1. Introdução
262	3.8.2. Trabalhos arqueológicos
264	3.8.3. Estudo do espólio
267	3.8.4. Conclusão
267	3.9. Espinhaço 4
267	3.9.1. Introdução
267	3.9.2. Trabalhos arqueológicos
270	3.9.3. Estudo do espólio
274	3.9.4. Conclusão
274	3.10. Monte Roncão 10
274	3.10.1. Introdução
275	3.10.2. Trabalhos arqueológicos
284	3.10.3. Estudo do espólio
297	3.10.4. Conclusão
298	3.11. Monte Barbosa 5
298	3.11.1. Introdução
299	3.11.2. Trabalhos arqueológicos
301	3.11.3. Estudo do espólio
309	3.11.4. Conclusão

310	3.12. Cabeçana 7
310	3.12.1. Introdução
310	3.12.2. Trabalhos arqueológicos
313	3.12.4. Estudo do espólio
316	3.12.5. Conclusão
316	3.13. Monte Musgos 3
316	3.13.1. Introdução
318	3.13.2. Trabalhos arqueológicos
322	3.13.3. Estudo do espólio
327	3.13.4. Conclusões
328	3.14. Espinhaço 5
328	3.14.1. Introdução
329	3.14.2. Trabalhos arqueológicos
332	3.14.3. Estudo do espólio
335	3.14.4. Conclusão
336	3.15. Monte Roncanito 14
336	3.15.1. Introdução
337	3.15.2. Trabalhos arqueológicos
339	3.15.3. Estudo do espólio
342	3.15.4. Conclusão
342	3.16. Monte Roncanito 2
342	3.16.1. Introdução
344	3.16.2. Trabalhos arqueológicos
346	3.16.3. Estudo do espólio
347	3.16.4. Conclusão
349	3.17. Monte Roncão 12
349	3.17.1. Introdução
350	3.17.2. Trabalhos arqueológicos
354	3.17.3. Estudo do espólio
357	3.17.4. Conclusão
357	3.18. Monte do Balanco
357	3.18.1. Introdução
357	3.18.2. Estratigrafia
359	3.18.3. Espólio
365	3.18.4. Conclusão
365	3.19. Monte Roncanito 23
365	3.19.1. Introdução
366	3.19.2. Trabalhos arqueológicos
374	3.19.3. Estudo do espólio
374	3.19.4. Conclusão

380	3.20. Monte Tapada 40
380	3.20.1. Introdução
381	3.20.2. Trabalhos arqueológicos
383	3.20.3. Estudo do espólio
389	3.20.4. Conclusão
389	3.21. Monte Roncanito 26
389	3.21.1. Introdução
390	3.21.2. Trabalhos arqueológicos
392	3.21.3. Estudo dos materiais
395	3.21.4. Considerações finais
396	3.22. Rocha da Gramacha 2
396	3.22.1. Introdução
397	3.22.2. Trabalhos arqueológicos
400	3.22.3. Estudo do espólio
402	3.22.4. Conclusões
407	3.23. Monte Barbosa 7
407	3.23.1. Introdução
408	3.23.2. Trabalhos arqueológicos
409	3.23.3. Estudo do espólio
413	3.23.4. Conclusão
413	3.24. Monte Roncanito 17
413	3.24.1. Introdução
413	3.24.2. Trabalhos arqueológicos
416	3.24.3. Estudo do espólio
421	3.24.4. Conclusão
421	3.25. Monte Roncanito 5
421	3.25.1. Introdução
421	3.25.2. Trabalhos arqueológicos
425	3.25.3. Estudo do espólio
427	3.25.4. Conclusão
428	3.26. Espinhaço 6
428	3.26.1. Introdução
429	3.26.2. Trabalhos arqueológicos
430	3.26.3. Espólio
430	3.26.4. Conclusões
431	4. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS SÍTIOS MEDIEVAIS E MODERNOS
441	5. BIBLIOGRAFIA
449	6. ANEXO

NOTA EDITORIAL

O presente volume é parte integrante da 2ª Série da coleção “Memórias d’Odiana- Monografias Arqueológicas de Alqueva”, uma iniciativa editorial instituída pela EDIA em 1999 para divulgação científica dos resultados do plano de trabalhos arqueológicos de minimização promovidos e financiados por esta entidade, no âmbito das obras do empreendimento de Alqueva. Interrompida desde 2006 após a publicação de 4 monografias, está programada no âmbito desta nova série, a edição de 14 volumes completando, no essencial, a divulgação dos resultados dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos nas margens do Guadiana na fase de construção da Barragem de Alqueva. O presente esforço editorial, só foi possível graças à cooperação estabelecida entre a EDIA e a Direção Regional de Cultura do Alentejo, através de um Protocolo (2010) que criou as condições indispensáveis para a aprovação de uma candidatura aos fundos europeus através do QREN-INALENTEJO, associando as competências e atribuições específicas da DRCALLEN, enquanto tutela no âmbito do património cultural, à garantia do financiamento da comparticipação nacional por parte da EDIA, a entidade promotora do empreendimento.

EDIA (Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva)
DRCALLEN (Direção Regional de Cultura do Alentejo)

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

I. Introdução

I.1. Enquadramento e caracterização da área de estudo

A área abrangida pelos trabalhos arqueológicos situa-se nos concelhos de Reguengos de Monsaraz e de Portel, Distrito de Évora, na região do Alentejo, no Sul de Portugal (ver fig. 1.1).

Reguengos de Monsaraz é confinado a norte pelos concelhos de Redondo e Alandroal, a Este pelo concelho de Mourão, a sul pelos concelhos de Moura e

Portel e a oeste pelos concelhos de Évora e parte do de Portel, abrangendo uma área de cerca de 474 Km². O concelho de Portel ocupa uma área de cerca de 601 km².

Esta região é dominada pelo rio Guadiana que é um dos maiores rios da Península Ibérica com uma extensão de cerca de 780 km, ocupando a sua bacia hidrográfica uma superfície de cerca de 61000 km² e que apresenta caudais sazonais irregulares, que ou originam cheias catastróficas ou estiagens prolongadas sem periodicidade fixa atravessando áreas com características climáticas semi-áridas e afectadas por impacte antrópico recente, apresentando um comportamento

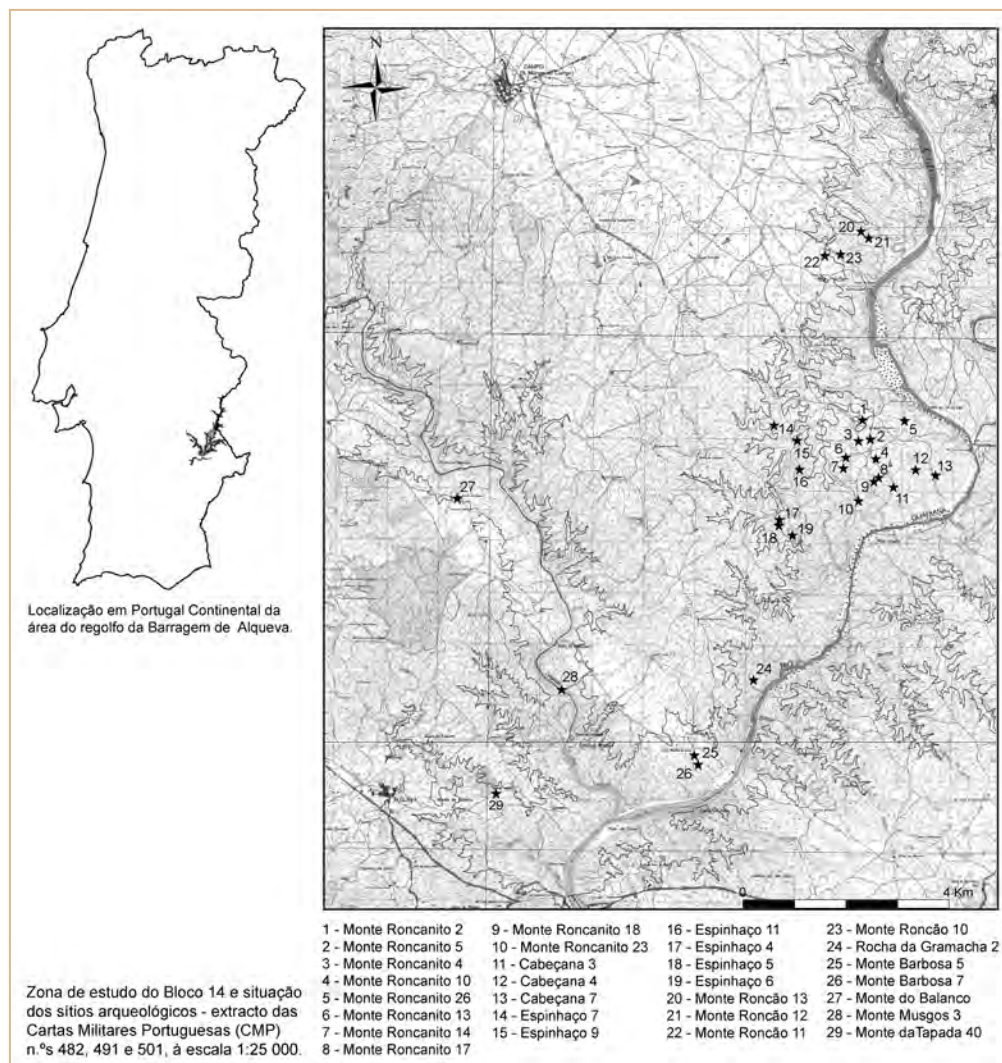


Fig. 1.1
Localização cartográfica da área de estudo e dos sítios intervenionados.

hidrológico similar ao dos *widian* das áreas desérticas do Norte de África e da Península Arábica (ANGELLUCI, 2003: 6).

A área onde foram efectuadas a maioria das intervenções localiza-se nos vales do rio Guadiana e do rio Degebe, no concelho de Reguengos de Monsaraz, freguesias de Campinho e de Campo e no concelho de Portel, freguesias de Amieira e de Alqueva.

Do ponto de vista geológico esta área integra-se na denominada “Zona de Ossa-Morena”, que abrange não só parte do actual Alentejo como da confinante *Extremadura* espanhola (ver fig.1.2), e que é formada por rochas metamórficas paleo zóicas, acompanhadas por rochas ígneas e por coberturas sedimentares terciárias e quaternárias (ANGELLUCI, 2003: 8).

Localmente, a maioria dos sítios arqueológicos assentam na Formação de Barrancos, atribuída por correlação litoestratigráfica ao Câmbrio superior/Ordovício inferior (PIÇARRA, 2000; ARAÚJO & *alii*, 2006). Esta unidade litoestratigráfica compreende rochas metamórficas xistentas e de origem vulcânica (Complexo Vulcânico Sedimentar de São Marcos do Campo; ARAÚJO & *alii*, 2006). Neste último contexto enquadra-se a área do Monte Roncão, freguesia de Campinho, assente em litologias

típicas do Complexo Vulcânico Sedimentar de São Marcos do Campo.

Já na área contígua da freguesia de Campo, do Monte Roncanito e do Monte Espinhaço, predominam os xistos de tonalidade cinzentos-escuros, esverdeados e roxos (ARAÚJO & *alii*, 2006). Frequentemente, observam-se filões e veios de quartzo (+/- clorite e especularite) com espessura significativas (CARVALHOSA, 1967: 8; ARAÚJO & *alii*, 2006). Blocos rolados deste quartzo são frequentemente utilizados na construção.

É de referir que na área dos sítios arqueológicos designados como Cabeçana, se encontram identificados terraços fluviais onde abundam os elementos de quartzo e de quartzito, mais ou menos rolados (Q4, entre os 50 m e os 70 m, CARVALHOSA, 1967: 8).

Na área seguinte situada a sudoeste, junto à foz do rio Degebe, e onde se localizam os sítios Monte Barbosa e Monte Musgos, ocorrem predominantemente micaxistos englobados no Complexo Filonítico de Moura Ficalho (ARAÚJO, 1989, 1995; BORREGO, 2009), que se apresentam luzentes, acastanhados e muito dobrados, e “rochas verdes” (metavulcanitos de natureza básica) recentemente individualizados numa unidade litoestratigráfica designada Formação

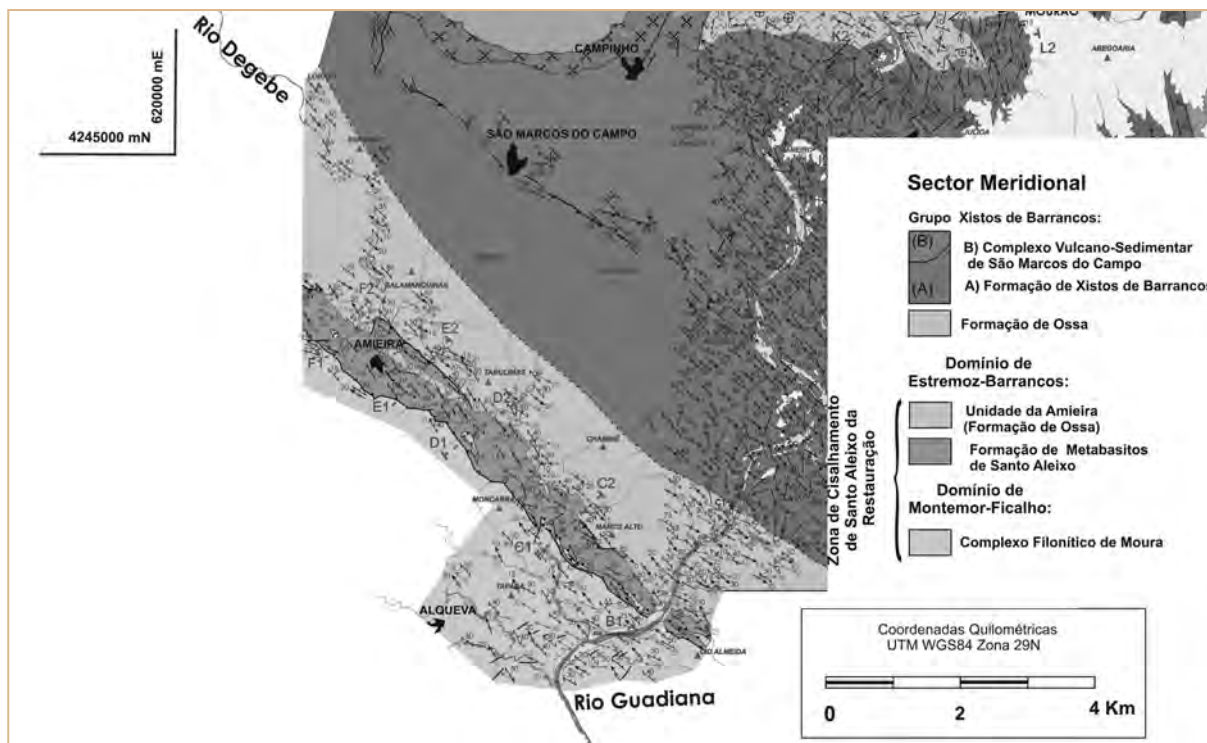


Fig. 1.2 – Extracto adaptado do Mapa Geológico do Domínio de Estremoz-Barrancos (BORREGO, 2009, Anexo III) relativo à área de estudo.

de Metabasitos de Santo Aleixo (BORREGO, 2009), substrato que abrange os restantes sítios localizados na margem direita do Degebe, nas freguesias de Amieira e de Alqueva.

Não existem nestas áreas recursos minerais com interesse económico.

Do ponto de vista geomorfológico esta área corresponde à penepalanície do Alentejo no qual o rio Guadiana é o elemento morfológico dominante que corre num vale entalhado que interrompe o extenso planalto alentejano. Nesta área surge em amplos meandros encaixados e limitados pelas encostas do vale fluvial caracterizado pela presença de um sistema de terraços aluviais quaternários (ANGELLUCI, 2003, p. 9).

A planície, com altitudes médias de 200 m possui um relevo que, apesar de ondulado, é pouco acentuado. Além do rio Guadiana, é atravessada pelo rio Degebe, também encaixado devido ao abaixamento nível base durante o Quaternário dando-se a respectiva confluência dos dois rios no Porto de Évora. Como cursos de água tributários mais importantes do Guadiana temos as ribeiras do Zebro, Barbas de Lebre, de Azevel, Alcarrache e do Álamo e do Degebe, as ribeiras da Amieira e da Caridade.

A região tem clima mediterrânico com influência atlântica proporcionando Verões quentes e secos e Invernos curtos e chuvosos sendo a precipitação total anual entre os 600 e os 700 mm e a temperatura médias de 16° mas com amplitudes térmicas de cerca de 25°.

A maioria dos solos são esqueléticos, com elevados riscos de erosão, afloramentos rochosos e muito baixa fertilidade. Têm uma fraca produtividade sendo, na sua maioria, rochosos e coberta por mato. No entanto, entre Reguengos de Monsaraz e Monsaraz existe uma extensa mancha de solos mediterrânicos com bom potencial agrícola e sem problemas de erosão.

Predomina a grande propriedade latifundiária com culturas extensivas e zonas de caça. As culturas predominantes são a vitivinicultura, a olivicultura e a cerealífera. Predomina ainda a pecuária e a pastorícia associada ao montado de azinho e sobro, que correspondem aos elementos arbóreo-arbustivos mais evidentes, a que crescem o carvalho cerquinho, os pinheiros bravo e manso e o eucalipto, e também choupos, salgueiros, freixos e amieiros. O mato existente é constituído por urzes, giestas, piornos, sargaço, esteva, rosmaninho, tomilho, medronheiro, aroeira, silva, roseira brava, murta, espinheiro, lentisca, zambujeiro, carrasco, loendro, tamargueira, tamujo, catapereiro e sanguinho das sebes. Na fauna destacam-se as espécies

cinégéticas como a perdiz comum, a lebre e o javali, bem como o sisão, exemplo de ave estepária, ou, ainda, o abutre do Egipto.

São inúmeros os vestígios arqueológicos que atestam o povoamento deste território desde a Pré-História e Pré-História Recente, passando pela Idade do Ferro e pelo Período Romano.

Esta região encontrar-se-ia centrada, pelo menos desde a Idade do Ferro, em Évora, a *Liberalitas Iulia Ebora* romana. A reorganização administrativa e militar do Império Romano efectuada por Augusto em 29 a. C. integrou a província da Lusitânia, com capital em *Augusta Emerita*, actual Mérida, no respectivo *Conventus Emeritensis*.

É possível que existisse um itinerário romano que atravessava a região no sentido norte-sul, de ligação de Évora a Moura passando por Monsaraz, existindo evidências de vários locais de travessia dos rios Guadiana e Degebe como atestam os topónimos Porto do Balanco e Porto Musgos no Degebe, e Porto Meirinho e Porto Espada, no Guadiana.

De acordo com estudos comparativos entre várias regiões do antigo Império Romano ao longo dos séculos V, VI e VII produziram-se uma série de crises ligadas à contracção e desequilíbrio do sistema de trocas e a um processo de recuo e de reduzida continuidade urbana, produzindo uma cultura material menos complexa que a tardo-romana. O século VIII surge assim como um período de reduzidas trocas no mediterrâneo assinalando-se a natureza regional dos sistemas económicos, que se tornam predominantemente locais (WICKHAM, 2004, p. 27 e 32).

Esta problemática da transição do mundo antigo para o mundo medieval, nomeadamente do povoamento rural islâmico na região Sul de Portugal, tem ocupado vários investigadores, destacando-se as abordagens de Cláudio Torres (1992a, 1992b e 1995), e os trabalhos de H. Catarino (1997/1998) e de James Boone (2001).

No período emiral e califal, este território encontrar-se-ia na área de influência da *kura* de Mérida, até à fundação de Badajoz em 875, que com a fragmentação do Califado de Córdova, no início do século XI e até à invasão almorávida em 1094, foi sede de um reino taifa que dominou grande extensão da península.

À islamização e arabização do território sucede, após a conquista cristã, nos séculos XII e XIII, um modelo político, económico e social senhorial.

Monsaraz foi conquistada em 1167, por Geraldo Sem Pavor tendo o primeiro Foral sido concedido por D. Afonso III, em 15 de Janeiro de 1276.

Fot. 1.1
Vista do regolfo de
Alqueva desde o sítio
Cabeçana 4, em 2002.



Já o concelho de Portel tem origem a partir de 1257, quando D. João Peres de Aboim, que viria também a ser conhecido por D. João de Portel, entra na posse de uma extensa área, destacada do concelho de Évora, sendo outorgado à vila foral em 1262.

O modelo senhorial com base no latifúndio foi-se adaptando às alterações sócio-políticas mantendo como característica a exploração de mão-de-obra desapossada da terra, numa persistente longa duração neste território até meados do século XX.

Actualmente, a densidade populacional deste território situa-se entre os cerca de 24 habitantes por Km² do concelho de Reguengos de Monsaraz e os 12 habitantes por Km² do concelho de Portel, encontrando-se o povoamento concentrado em pequenas localidades e escassos montes dispersos.

Esta área foi, desde meados dos anos quarenta do século XX, intensamente prospectada e objecto de trabalhos arqueológicos de que se destacam, a título de exemplo, a identificação e inventariação dos monumentos megalíticos efectuados pelos Leisner e as escavações de Afonso do Paço no Castelo da Lousa.

No entanto, verifica-se faltarem sínteses regionais ou locais que permitam integrar os dados arqueológicos coligidos nas últimas décadas.

Mas foi, primeiro com as prospecções da área do regolfo, e depois com o programa de minimização de impactes da barragem de Alqueva sobre o património arqueológico, que se deu o grande impulso no conhecimento da ocupação e exploração deste território e no qual se incluem estes trabalhos.

1.2. Estratégia e metodologia dos trabalhos de campo

Os trabalhos arqueológicos relativos ao Bloco 14, Medieval/Moderno, desenvolveram-se na área da

Bacia do Degebe e em Reguengos, a sul do Álamo, no âmbito das medidas de minimização de impactes negativos sobre o património arqueológico da Barragem de Alqueva.

Os objectivos a alcançar foram definidos contratualmente com a EDIA, que agrupou, neste Bloco, 33 sítios atribuídos aos períodos medieval e moderno que foram identificados durante as prospecções preliminares compiladas no Quadro Geral de Referência (SILVA, 1996). Foi avaliado o respectivo valor científico e patrimonial e, numa fase posterior, efectuada a recolha e registo exaustivo da informação das estações mais significativas (ver fot. 1.1).

Durante três anos, foram efectuadas outras tantas campanhas de escavação que tiveram uma duração entre 6 e 10 meses, tendo-se, em 2001-2002, efectuado durante cerca de dois meses uma campanha final, apoiada pelo Instituto Português de Arqueologia, para completar a escavação em área de um dos sítios mais significativos deste Bloco, referimo-nos ao Cabeçana 4.

Em fase prévia aos trabalhos de campo, em cada um dos sítios foi implantado um marco em tubo de PVC preenchido com cimento, e pintado de branco e



Fot. 1.2 – Selagem das sondagens 4 e 7 no Monte Roncanito 18, em 1998.



Fot. 1.3 – Vista geral dos trabalhos de limpeza do sítio Monte Musgos 3, em 1999.



Fot. 1.5 – Vista geral dos trabalhos de escavação no sítio Espinhaço 7, em 2000.



Fot. 1.4 – Trabalhos de protecção da Sondagem I no sítio Monte Musgos 3, em 1999.

com o número de inventário da EDIA, sendo posteriormente georreferenciado. Era depois implantada a quadrícula executando-se a escavação através da decapagem das camadas naturais através de planos artificiais de 10 cm, sendo efectuado o respectivo registo em fichas de plano e de unidade estratigráfica, desenho de campo e fotografia a preto e branco e diapositivo a cores.

Inicialmente e conforme o acordado com a EDIA, efectuou-se o reconhecimento e reavaliação dos 33 sítios, executando-se sistematicamente sondagens de diagnóstico para aferir o respectivo valor científico, avaliando-se quais deveriam ser objecto de alargamento das sondagens ou de escavação em área, pois este tipo de intervenção somente fora prevista para quatro das estações.

Destes 33 sítios, 29 foram intervencionados, pois Perdigueiros 1 não foi localizado, muito possivelmente por ter sido surribado para plantação de pinheiros. Outros três, encontravam-se fora da cota máxima de enchimento da albufeira, correspondente 152 m, caso do Monte Roncanito 1, do Monte Roncanito 3 e do Monte Musgos 10.

Em seguida, vamos descrever, sumariamente, os sítios e a estratégia de intervenção, agrupados geogra-

ficamente de sul para norte da área de intervenção do Bloco 14, desde a foz do Degebe até à ribeira do Álamo (ver fot. 1.5).

Na zona do Monte Barbosa localizavam-se vários sítios. Foram intervencionados, através da execução de sondagens, dois deles, sendo um dos quais, o Monte Barbosa 5, partilhado com o Bloco 4 (pré-história recente). Localizava-se numa superfície aplanada numa das encostas do vale do rio Guadiana. O Monte Barbosa 7, que verificou-se poder corresponder a um chafurdo situava-se no topo de uma pequena elevação que dominava a encosta do vale. Em ambos foram executadas sondagens de diagnóstico.

Na zona do Monte Barbosa identificaram-se vários sítios tendo sido executadas sondagens de diagnóstico em dois deles. Um dos sítios, o Monte Barbosa 5, era partilhado com o Bloco 4 (pré-história recente) e localizava-se numa superfície aplanada situada numa das encostas do vale do rio Guadiana. O Monte Barbosa 7, que se verificou poder corresponder a um chafurdo, situava-se no topo de uma pequena elevação que dominava a encosta do vale.

A Rocha da Gramacha 2, o sítio localizado na cota mais baixa do Bloco, num pequeno terraço na margem do rio Guadiana, era constituída por uma estrutura habitacional rural arruinada, onde foram executadas sondagens de diagnóstico.

Num terraço fluvial situado numa vertente da margem direita do rio Degebe, procedeu-se a um conjunto de sondagens no sítio designado como Monte Musgos 3 onde era visível uma estrutura em alvenaria de xisto e argamassa. No decurso destes trabalhos foi também identificado, na rechã, um povoado pré-histórico onde o Bloco 4 efectuou sondagens.

Na margem direita do rio Degebe, foram efectuadas sondagens no Monte da Tapada 40, situado junto à localidade de Amieira, e que revelaram um conjunto de muros de uma estrutura habitacional. Ainda nesta área, numa várzea próximo do Monte do

Balanco, também foram efectuadas sondagens que não revelaram vestígios de estruturas.

Junto ao Guadiana, em torno de uma elevação destacada, encimada por um terraço do Quaternário, foram intervencionados vários sítios, nomeadamente os Cabeçana 3, Cabeçana 4 e Cabeçana 7. O Cabeçana 3 localiza-se na vertente da elevação, numa área mais afastada do rio, onde se efectuaram várias sondagens de diagnóstico. O Cabeçana 4, que se encontrava implantado numa vertente côncava situada a norte, foi, numa primeira fase em 1998, alvo de sondagens de diagnóstico, efectuando-se posteriormente duas campanhas, em 2000 e 2001/2002, que permitiram a sua escavação integral. Quase junto à margem do rio Guadiana, situava-se o sítio Cabeçana 7, onde as sondagens detectaram escassos vestígios.

A área da envolvente do Monte Roncanito, situado num interflúvio, caracteriza-se pela existência de vários talwegues. Numa suave vertente côncava localizava-se o sítio do Monte Roncanito 2, onde foram efectuadas duas sondagens que permitiram identificar uma inumação. Na vertente situada mais a Norte, numa área que bordejia a cota 152, foram abertas sondagens que permitiram identificar um habitat de grandes dimensões, que se designou como Monte Roncanito 2A.

O Monte Roncanito 4 situava-se na vertente virada a sul do mesmo interflúvio, onde se realizou uma campanha de sondagens alargadas para delimitação do sítio que revelou um habitat que se calcula que se desenvolve por mais de um hectare. O Monte Roncanito 5 situava-se na elevação a este do sítio anterior, onde foram executadas sondagens sem grandes resultados.

Num extenso interflúvio aplanado, situava-se o Monte Roncanito 10, onde foram executadas sondagens em três núcleos distintos, designados por 10, 10A e 10B. Já a estratigrafia observada nas sondagens executadas no Monte Roncanito 13 e no Monte Roncanito 14 atestaram o elevado grau de destruição que sofreram estes sítios. Foram igualmente efectuadas sondagens no Monte Roncanito 17, que permitiram identificar duas estruturas circulares, possivelmente chafurdos, eventualmente relacionados com o habitat próximo designado Monte Roncanito 18, ambos localizados numa suave encosta orientada a sul.

A escavação em área do Monte Roncanito 23 permitiu delimitar um conjunto de estruturas relativamente bem conservadas, situadas numa rechã que domina o vale próximo do rio Guadiana. Já as sondagens no Monte Roncanito 26 permitiram identificar uma estrutura do âmbito etno-arqueológico.

Refira-se que os sítios correspondentes aos vários Espinhaços se encontram implantados em interflúvios, junto a talwegues que desaguam nas mesmas linhas de água afectas ao rio Guadiana, de características sazonais e com marcas evidentes da sua torrencialidade nos períodos de cheia. Foram realizadas sondagens no sítio Espinhaço 4 e no contíguo Espinhaço 5, onde se identificaram duas estruturas. As sondagens efectuadas no Espinhaço 6 revelaram um chafurdo berçário. O Espinhaço 7 e Espinhaço 11 correspondiam a sítios muito destruídos, enquanto as sondagens no Espinhaço 9 revelaram estruturas de habitat.

Já numa área a norte do Monte Roncão, procedeu-se à execução de sondagens e posteriormente à escavação em área do Monte Roncão 10, localizado no topo de um interflúvio, relativamente próximo do Monte Roncão 11, sítio muito bem conservado e onde, após as sondagens, se efectuou um alargamento da área escavada. A campanha de sondagens efectuada no Monte Roncão 12 permitiu identificar um extenso sítio bastante destruído, localizando-se a cerca de 200 m o Monte Roncão 13 onde também se efectuaram sondagens de diagnóstico.

Deste locais afectos ao Bloco 14 a intervenção permitiu diferenciar 4 locais que datavam da Idade do Ferro, nomeadamente Monte Roncão 11, Monte Roncanito 4, Espinhaço 9 e Monte Roncanito 2A. No quadro geral de referência do Alqueva estavam identificados como de cronologia medieval/moderna, mas a reavaliação inicial das estações permitiu corrigir a sua datação. De acordo com esta divisão cronológica, optamos por separar em capítulos individualizados os sítios da Idade do Ferro e os sítios de época Medieval/Moderna.

1.3. Estratégia e metodologia do estudo do espólio

O espólio recebeu o tratamento inicial de limpeza manual e mecânica, marcação e reconstituição, no decurso dos trabalhos de campo (ver fot. 1.6 e 1.7).

Posteriormente, em 2003, iniciou-se o estudo dos materiais arqueológicos. Este estudo assentou principalmente no inventário exaustivo do espólio mediante uma ficha de caracterização para cada um dos indivíduos identificados.

A ficha individual, continha um total de 53 campos que procuraram sistematizar tanto a informação contextual dos objectos como as suas características intrínsecas. Um conjunto de campos servia para iden-



Fot. 1.6 – Trabalhos de tratamento do espólio, em 1999.



Fot. 1.7
Marcação
do espólio,
em 1999.

tificar a peça e a sua localização (N.º Referencial, N.º de Identificação da peça, Contentor e Saco de Armazenagem). Outro conjunto de informação referia o contexto de achado do objecto (Estação arqueológica, N.º de Inventário EDIA, Sector, Sondagem, Quadrado, Unidade Estratigráfica, Plano e cotas X, Y e Z). Outro conjunto de campos informava as dimensões do objecto (Altura, Largura, Comprimento, Diâmetro da Base, Diâmetro do Bordo, Espessura da Parede, Peso). Seguia um conjunto alargado de campos que descrevia as características intrínsecas de cada objecto (Matéria, Tipo de Produção, Partes da Peça Conservadas, Forma Funcional, Forma do Bordo, Colo, Bojo, Base, Bico, Asa, N.º de Asas, Carena, Cor da pasta no exterior, no cerne e no interior, Textura, Tipo de Elementos Não Plásticos (ENP), Densidade e Calibre dos ENP, Tipo de Pasta (em função de vários critérios de classificação como a cor, a textura e a expressividade dos ele-

¹ Ver lista de pastas no Anexo I.

mentos não plásticos)¹, Técnica de Fabrico, Técnica de Cozedura, Técnica de Acabamento Externa e Interna, Técnica e Motivo Decorativo, (tanto no Exterior como no Interior). Por último dois campos permitiam incorporar outras referências menos específicas (Observações) e algumas conclusões crono-culturais (Paralelos e Cronologia).

Este inventário, realizado inicialmente em suporte papel, foi, posteriormente, integrado em suporte digital, com a construção de uma base de dados que comportasse as problemáticas e fundamentos principais do estudo do espólio (ver fig. 1.3). Simultaneamente realizou-se o registo gráfico e fotográfico dos objectos mais significativos de cada sítio arqueológico intervenção.

A informação analítica obtida através do inventário deu lugar à caracterização global, mas pormenorizada em termos estatísticos, do espólio de cada um dos sítios. A partir desta caracterização obtiveram-se informações sistemáticas sobre aspectos crono-tipológicos e técnicos dos conjuntos que permitiram extrair, em alguns casos, conclusões acerca das realidades socioeconómicas destes assentamentos humanos.

I.4. Equipa técnica

Coordenação geral e científica do responsável pelo Bloco 14, João António Marques, que também elaborou textos e igualmente procedeu à revisão da monografia em 2012.

O tratamento, conservação, marcação e inventário geral do espólio entre 1998 e 2001 teve a coordenação de Alice Caeiro e de Susana Bailarim. Entre 2002 e 2004, já na fase dos estudos, esses trabalhos contaram com a participação de Carlos Fona, Ângela Sabino, Clarisse Alves e de Ricardo Raminhos.

O estudo do espólio cerâmico dos períodos Medieval e Moderno teve a coordenação científica de Susana Gómez Martínez, investigadora da Universidade de Coimbra destacada no CEA/Campo Arqueológico de Mértola, que também elaborou os textos e efectuou a revisão da monografia em 2012, tendo sido coadjuvada, até 2007, por Rocio Álvaro, do Campo Arqueológico de Mértola.

Os trabalhos de inventariação descritiva e analítica, inserção de dados, desenho, fotografia, quantificação e análise, foram efectuados por Gonçalo Lopes e Carolina Grilo, que também participou no estudo e interpretação da arquitectura dos sítios medievais e

Fig. 1.3
Exemplo
de Ficha
de Inventário
de Espólio.

ALQUEVA / BLOCO 14 (1998 / 2002)				Menu Principal	
FICHA DE INVENTÁRIO DE ESPÓLIO					
Estação Arqueológica	Monte Roncão 10(018)	Nº Inventário EDIA	95382	Numero de Peça	(18)1916
Armazenagem	Contentor	48	Saco	9	Data de Inventari
Referência	Sector: 23	Quad/Sond	#Nome?	Sondagem	
	Quadrado		Plano	1	UE: 1
Líticos	Tipologia de lítico		Matéria-prima		
Osso	Osso Animal		Tipo de metais		
Metais	Matéria-base de metais		Osso Humano		
Cerâmica:					
Partes da Peça conservada:		Pança	Tipo de peça	contentor	
Tipo de produção			Coro		
Bordo			Bojo		
Asa:			Carena:		Bico
Número de Asas		0	Fundo ou base		
Medidas:					
Espessura das paredes (cm):		1,1	Larg. (cm):	4,7	Diâmetro da boca
Diâmetro da base		0	Altura (cm)	4	Peso(gr):
Técnica Decorativa		Não apresenta		Motivo Decorativo Dominant	
Pastas					
Cerne (Cor)		Cinzento	Interior(Cor)	laranja	Exterior(Cor)
Fabrico		Torno rápido	Textura:	granulosa	Cozedura:
Elementos não plásticos		Elementos não Plásticos			
Calibre ENP		Peq., Méd. e Grande		Quantidade ENP	
Paralelos					
Bibliografia:					
Observações					
ALQUEVA / BLOCO 14 (1998 / 2002)				Menu Principal	
FICHA DE INVENTÁRIO DE ESPÓLIO					

modernos, elaborou textos dos vários estudos e ainda efectuou a revisão da monografia em 2012.

O estudo do espólio cerâmico da Idade do Ferro teve a coordenação científica de Carlos Batata, que também assegurou o desenho das peças e o respecti-

vo texto, datado de Janeiro de 2005. Os trabalhos de inventariação descritiva e analítica, inserção de dados e de fotografia foram efectuados por Marco Liberato.

A fotografia das peças para publicação foi efectuada pelo fotógrafo Manuel Ribeiro.

2. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA IDADE DO FERRO

2. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA IDADE DO FERRO

2.1. Os sítios e a sua arquitectura

No âmbito dos trabalhos do Bloco 14 foram escavados quatro sítios que se verificaram tratar-se cronologicamente da Idade do Ferro: Espinhaço 9, Monte Roncanito 2A, Monte Roncão 11 e Monte Roncanito 4.

De acordo com o contratualizado, inicialmente foi realizado um programa de sondagens arqueológicas, que nas duas últimas estações foram alargadas para efeitos de uma caracterização cronológico-cultural das ocupações.

A sua apresentação será objecto do presente capítulo.

2.1.1. Espinhaço 9

Os trabalhos arqueológicos no Espinhaço 9 foram efectuados em 2000² no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14 (SILVA, 1996). A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação

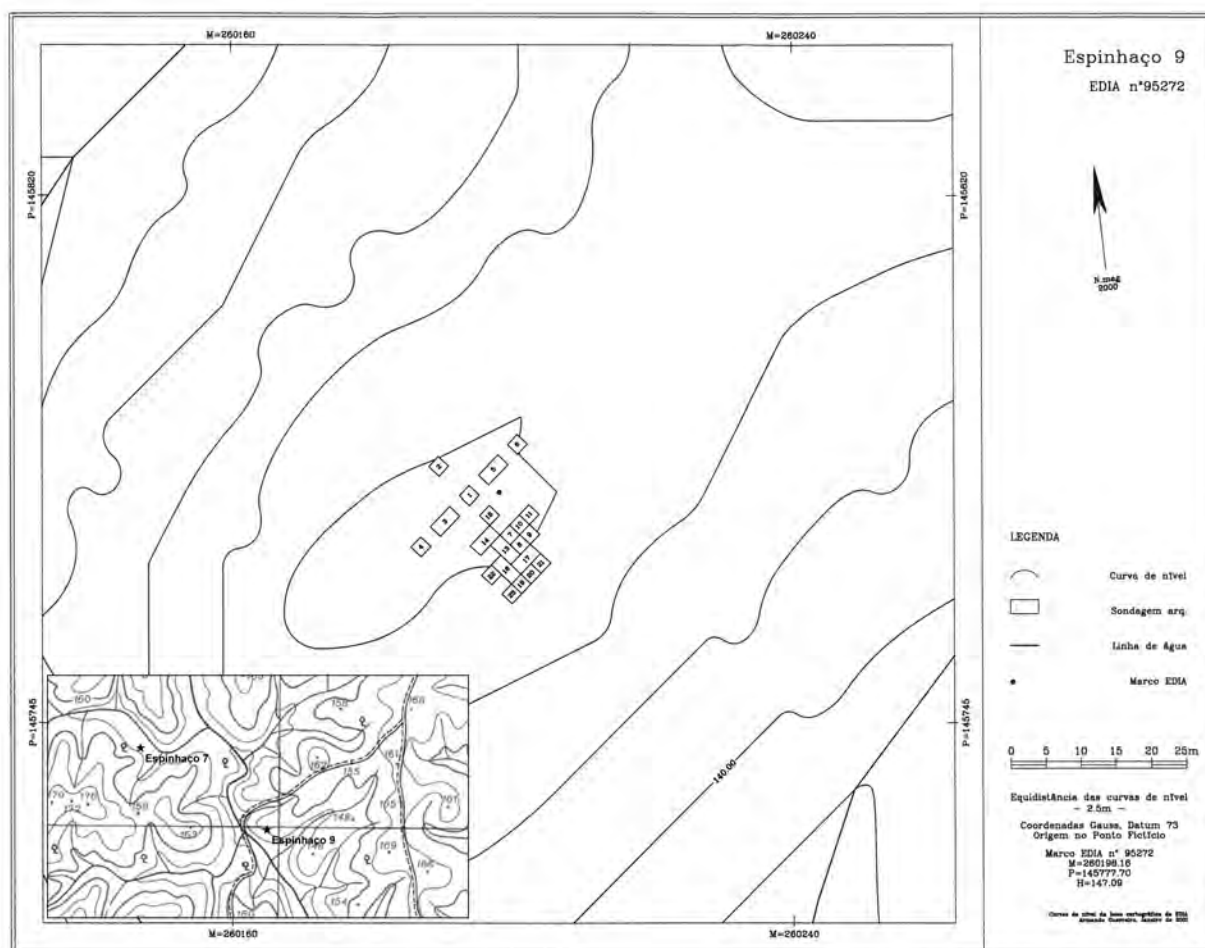


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

² Os trabalhos arqueológicos realizados em Espinhaço 9 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Maria João Miranda, arqueóloga estagiária; Vera Assunção, arqueóloga estagiária; David Ferrão, finalista do curso de História na variante de Arqueologia; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados.

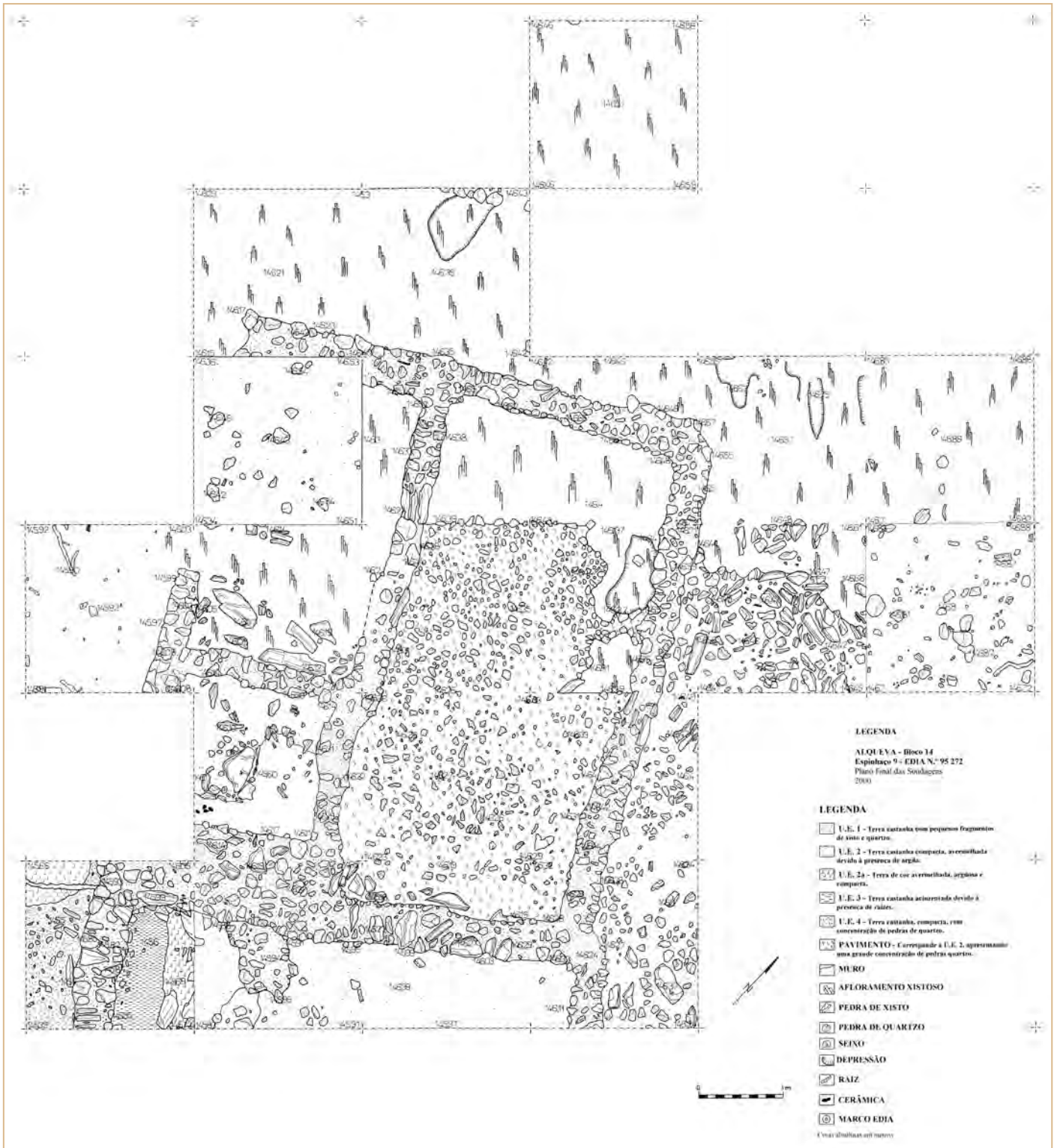


Fig. 2 – Planta geral das estruturas exumadas.

de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de S. Marcos do Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95272, classificado como um habitat de cronologia medieval/moderna e situa-se numa pequena plataforma sobranceira a uma linha de água subsidiária do Guadiana, com presença de blocos péticos de quartzo branco e xisto e alguns materiais cerâmicos de construção à superfície do terreno, que configuraram a atribuição cronológica ao local.

2.1.1.1. Trabalhos arqueológicos

A intervenção consistiu num conjunto de sete sondagens iniciais a que, com o decorrer dos trabalhos e em função dos dados obtidos, foram sucessivamente acrescentadas dezasseis novas sondagens. Destas duas, 12 e 15, apesar de implantadas, não foram intervenções.

Os trabalhos revelaram, regra geral, uma estratigrafia horizontal de parca potência, traduzida por um único depósito sedimentar que cobria directamente o afloramento xistoso. A excepção observou-se na Son-

dagem 7, posteriormente alargada, onde foi identificado um conjunto edificado composto por diferentes espaços de dimensões e planta globais indefinidas.

Este edifício apresentava planta aparentemente rectangular, com orientação SW-NE, onde foram escavados de forma integral três compartimentos e parcialmente descobertos outros dois. Corresponderam a espaços angulares com muros de espessuras variáveis, entre os 0,40 e os 0,90 m, muito provavelmente levantados em terra, com recurso a estruturas de sustentação para apoio às coberturas em materiais perecíveis. Os embasamentos dos muros, de blocos de pequeno e médio calibre de quartzo branco e de xisto eram ligados com terra argilosa e encontravam-se muito destruídos, dada a forte erosão do local, conservando apenas uma a duas fiadas sobre o afloramento xistoso. Este último apresentava pontualmente pequenas depressões ou irregularidades que foram colmatadas com estratos argilosos de matriz xistosa, que poderão ter estado relacionados com acções pontuais de nivelamento do terreno para a edificação.

2.1.1.2. Estratigrafia

A estratigrafia local resumiu-se essencialmente a um primeiro nível de coberto vegetal (U.E. 1), rela-

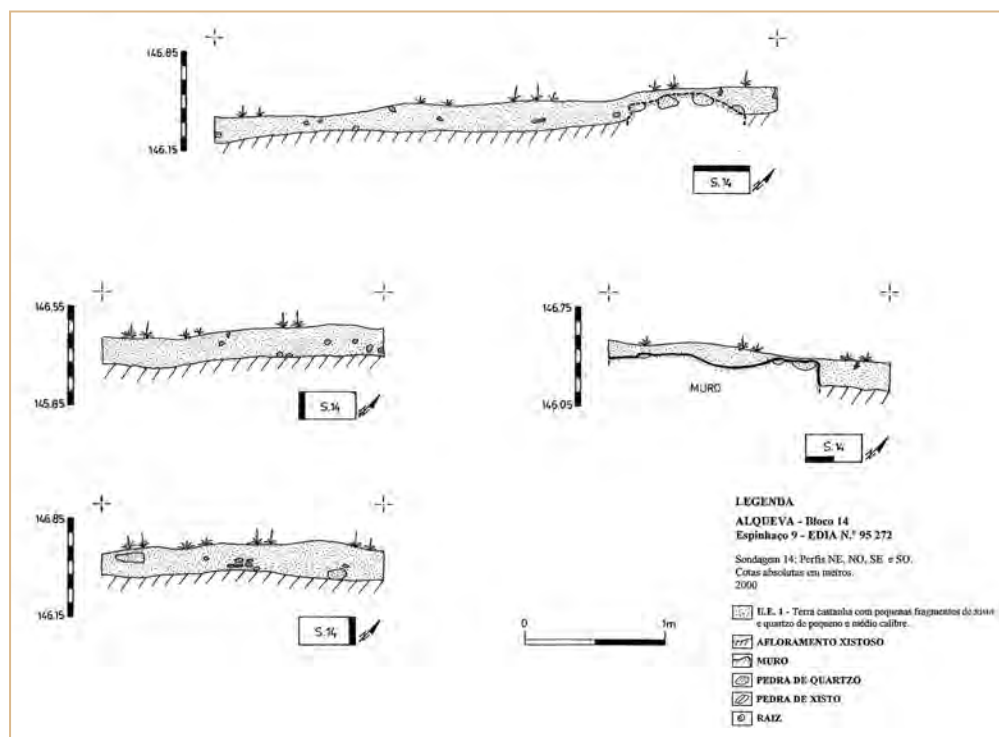


Fig. 3 – Perfil estratigráfico da Sondagem 14.

tivamente solto, onde foi recolhida a maior parte do escasso espólio exumado, que forneceu desde logo materiais de cronologia sidérica, sob o qual foi identificado o afloramento de base, relativamente alterado, face à extrema erosão do local.

Na Sondagem 7 foram inicialmente identificadas as estruturas e níveis sedimentares abaixo descritos:

2.1.1.2.1. Ambiente 1

O primeiro espaço identificado destacava-se pela sua centralidade face ao conjunto edificado e apresentava uma planta rectangular com uma área aproximada de 16,5 m². No seu interior, após a remoção da U.E. 1 e sob a U.E. 2, um nível térreo semi-compacto, foi identificado um empedrado de pequenos blocos de quartzo preenchidos com um sedimento argiloso avermelhado assente directamente sobre o afloramento xistoso.

Esta estrutura, que deveria corresponder a um piso/solo de ocupação, parece também ter funcionado como nível de colmatação das irregularidades do próprio afloramento, que se apresentava ligeiramente desnivelado no canto NW deste espaço. Alinhado ao eixo central do Ambiente 1 destacava-se um buraco



Fot. 1 – Ambiente 1, pavimento.



Fot. 2 – Ambiente 1, vista para noroeste.

de poste aberto no possível pavimento e integrado no sistema de sustentação da cobertura.

O espólio aí exumado, com recolhas oriundas da U.E. 2, destacou a presença de taças, pequenos recipientes fechados de perfis diversificados, um percutor e um possível polidor sob seixo.

2.1.1.2.2. Ambiente 2

O ambiente 2 possuía uma área aproximada de cerca de 6,80 m², condicionada pelos limites da intervenção que impediram a definição da sua planta integral e a aferição da sua relação com a área a W, intuída por um vão, denunciado no muro de delimitação SW.

Sob a U.E. 1, foi identificada em toda extensão deste espaço a U.E. 2, um nível de terras castanho avermelhadas semi-compactas que cobria um estrato (U.E. 3) com diversas lajes de xisto de calibre diverso organizadas ao longo do limite S desta área, sob a forma de um pavimento ou lajeado de xisto que complementaria o espaço, aplicadas directamente sobre o afloramento rochoso regularizado. O espólio, muito reduzido e fragmentado foi recuperado exclusivamente na U.E. 1, assinalando-se a presença de uma taça hemisférica.

A acentuada destruição dos muros deste espaço motivada pelas práticas agrícolas não permitiu observar como se processaria a ligação entre este espaço e o A1, ainda que esta pudesse ser sugerida a W deste último, a um patamar superior, permitindo equacionar o A2 como uma eventual zona vestibular do A1.

2.1.1.2.3. Ambiente 3

À semelhança do A2, o Ambiente 3 possuía planta quadrangular, com cerca de 1,80x1,80 m e uma área interior de 3,20 m². Tal como o anterior, também não foi integralmente escavado, o que inibe possíveis considerações a respeito da sua organização e articulação com os demais espaços. Não foi observado qualquer acesso aos espaços 1 e 2, devendo o mesmo ser efectuado, a S, em área não escavada. No seu interior, após a remoção das U. E. 1 e 2, esta última de características similares à U.E. 2 do A2, foi identificado um pavimento ou “solo” de terra argilosa e coloração avermelhada (U.E. 3) e uma estrutura de combustão centrada, de tipologia quadrangular, definida por uma “moldura” de lajes de xisto imbricadas. Encontrava-se preenchida por um depósito de coloração avermelhada muito consolidado e argiloso (U.E. 2/3) com diversos fragmentos cerâmicos de produção manual e cozedura irregular pertencentes a um recipiente fechado e al-

guns elementos de escória em ferro. O espólio oriundo deste espaço resumiu-se a escassos fragmentos cerâmicos pertencentes a recipientes modelados de perfil em “S”/ovóide com acabamentos toscos ou grosseiros e com vestígios de fogo e um exemplar, polido com decoração incisa sobre o colo. Foram também recolhidos fragmentos disformes de granito que poderão ter estado associados a artefactos conotados com actividades de transformação e produção agrícola.

O limite sul do A3 era delimitado por uma estrutura mural de maior espessura, com cerca de 0,80 m, que efectuava parede meã com o espaço a SE (Ambiente 4). Na ausência da caracterização completa do mesmo, não será de descartar uma eventual função estrutural desta estrutura como muro duplo de reforço desta área, considerando a hipótese de o adossamento de uma eventual estrutura mural de contornos aparentemente semicirculares no A4.

2.1.1.2.4. Ambiente 4

Apesar da afectação causada pela erosão e pelos trabalhos agrícolas, revelou-se evidente a relação do A4 com os demais espaços escavados e a sua continuação para SE.

No canto W, em área resguardada, foi identificado um troço de um muro de uma estrutura semi-circular onde foram recolhidos materiais cerâmicos. Encontrava-se conservada em duas fiadas pétreas, que, tal como os muros, eram ligadas por terra argilosa. O seu diâmetro rondava os 2,5 m, encontrando-se adossada ao canto W deste espaço, sem vestígios de combustão. Apesar do seu avançado grau de destruição, salientam-se algumas semelhanças com a estrutura identificada no Monte Roncão 11, com paralelos em distintas regiões do Sudoeste peninsular (BUGALHÃO, 2001, p. 33-34; CORREIA, 1988-89, p. 83; CALADO & *alii*, 2008; MATALOTO, 2007; JIMÉNEZ ÁVILA & ORTEGA BLANCO, 2001, p. 231; RODRÍGUEZ DÍAZ & ORTIZ ROMERO, 2004, vol.1, p. 202-203), cuja função não se encontra ainda totalmente clarificada, podendo estar relacionada com estruturas de combustão do tipo fornos ou como estruturas aéreas de armazenagem.

2.1.1.2.5. Outros espaços estruturais

Registaram-se ainda outros possíveis espaços de ocupação que, pela acentuada erosão local e pela natureza da intervenção arqueológica, não foram plenamente caracterizados, como a zona a NW do A2 e a área contígua a N do A1.



Fot. 3 – Vista geral para norte das estruturas exumadas.



Fot. 4 – Fragmento bordo de taça – (29)105.

Da primeira, com a remoção da U.E. 1, observou-se uma estrutura mural paralela ao muro que delimitava os espaços 1 e 2, definindo uma possível área de circulação/ocupação exterior onde foram igualmente recuperados alguns materiais cerâmicos muito fragmentados. Quanto à segunda área localizada a N do A1, após a remoção da U.E. 1, registou-se a presença de um nível sedimentar de terras castanho avermelhadas muito compactas com abundantes elementos pétreos que correspondia ao derrube do muro do A1 e que cobria um lajeado de xisto, truncado para N e NW associado a uma outra área funcional. Aí não foi recolhido qualquer espólio arqueológico.

Do conjunto arquitectónico de Espinhaço 9 foram escavados três compartimentos e identificados mais um a dois espaços parcialmente definidos, estendidos para sul e eventualmente para norte, definidos por muros de embasamento pétreo, que, pela própria ausência de derrubes pétreos, deveriam ser levantados em terra. Apesar da intervenção arqueológica ter registado uma única fase construtiva ou de edificação, não podemos deixar de considerar plausível a existência de ações pontuais de remodelação dos espaços internos com o consequente cerramento de vãos e organização de novos acessos aos ambientes identificados. Uma análise detalhada da planta das estruturas identificadas

parece reforçar esta ideia. Nos próprios aparelhos construtivos locais. A parca estratigrafia conservada revelou a presença de níveis de solo em terra, mistos e em xisto, sobre o afloramento de base não regularizado, comuns a locais de cronologias coevas. Contudo, os constrangimentos da intervenção e a destruição provocada pelas práticas agrícolas inibiram a análise e interpretação da área construída de Espinhaço 9 e dos seus espaços escavados, que com excepção do A3, estavam desprovidos de outras estruturas arguindo a favor de uma multifuncionalidade. Neste espaço, uma lareira em “caixa” semelhante a estruturas observadas no Monte Roncão 11, ou na Herdade da Sapatoa (MATALOTO, 2007) e possíveis restos de dormentes em granito insinuam um possível cariz doméstico relacionado com a pre-

paração e confecção de alimentos, por oposição aos demais ambientes que não revelaram indícios mais evidentes sobre as actividades aí desenvolvidas.

Do mesmo modo, o escasso espólio recolhido registou uma distribuição equilibrada pelos diferentes espaços escavados, apesar do domínio percentual de recolhas no A1, onde se concentravam as formas de mesa e uso individual, taças e pequenos potes, e que, pelas dimensões e características, poderia estar coadunado a uma utilização habitacional.

2.1.2. Monte Roncanito 2A

Os trabalhos arqueológicos no Monte Roncanito 2A foram efectuados em Março de 2000³ no conjunto

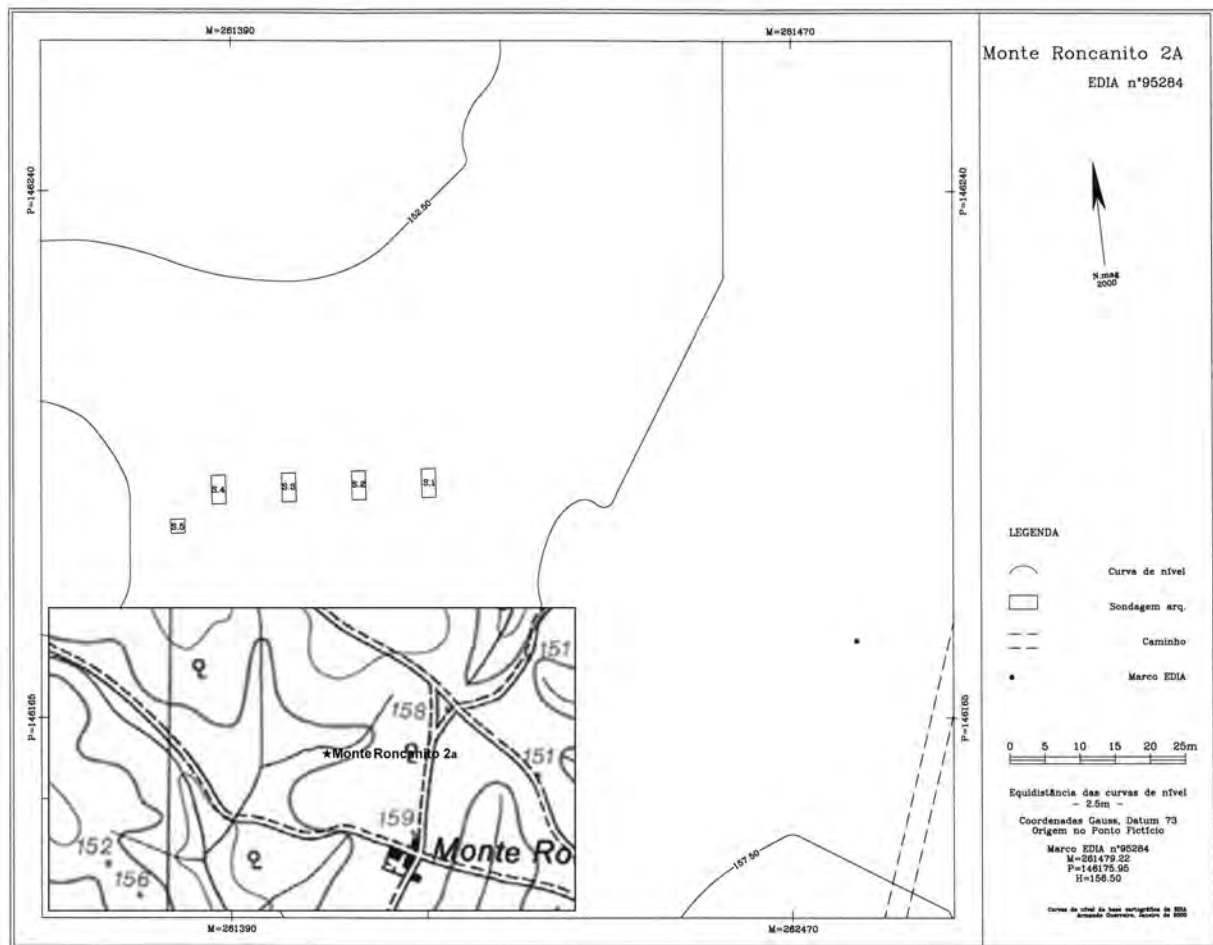


Fig. 1 – Localização na CMP 491, levantamento topográfico e implantação das sondagens.

³ A intervenção arqueológica no Monte Roncanito 2A foi efectuada pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico e pelos trabalhos de campo; Susana Bailarim, Assistente de Arqueólogo e finalista do curso de História na variante de Arqueologia, Maria João Miranda, arqueóloga estagiária; Vera Assunção, arqueóloga estagiária; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados.

das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14 (SILVA,1996). A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de S. Marcos do Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95284, classificado como um habitat de cronologia medieval/moderna.

O sítio arqueológico do Monte Roncanito 2 A correspondeu a um dos núcleos dispersos nos terrenos do Monte Roncanito, situado numa pequena elevação aberta onde se observavam pequenas concentrações de blocos pétreos de quartzo ao longo de uma centena de metros, com relativo domínio da paisagem e fácil acesso às margens do Guadiana e às pequenas linhas de água próximas.

Nas suas imediações encontram-se os sítios de cronologia medieval/moderna, designadamente os locais Monte Roncanito 1, 3 e 5 e o habitat da Idade do Ferro, Monte Roncanito 4.

2.1.2.1. Trabalhos arqueológicos

A intervenção arqueológica no local consistiu num programa de cinco sondagens distribuídas pela área da plataforma de cerca de 40 m, distando entre si 8 a 10 m, que permitiram observar uma estratigrafia diversificada.

Apesar da extrema erosão do local, em parte provocada pelos trabalhos agrícolas que arrasaram e destruíram parte das estruturas existentes, foram observados vestígios de uma ocupação com restos de estruturas de cariz habitacional, evidenciada pela pre-



Fot. 1 – Vista geral da área de implantação das sondagens.

sença de estruturas murais, orientadas ao longo de um eixo N-S e parcialmente truncadas, que pertenceriam a diferentes espaços/edifícios, distribuídas pelas diferentes sondagens ao longo da plataforma. Estes conjuntos de estruturas murais eram construídos com recurso ao material pétreo local: quartzo e xisto em blocos de média e grande dimensão, dispostos em fiadas de embasamento de muros que seriam levantados em terra ou adobes e dos quais foram identificados restos de derrubes. A espessura destes muros, quando foi possível apurar, correspondeu a cerca de 0,40 m com duas a três fiadas conservadas.

2.1.2.2. Estratigrafia

As cinco sondagens apresentaram estratigrafias caracterizadas pela parca potência e pela extrema afectação do local pelos trabalhos agrícolas, encontrando-se muito revolvidas, com um primeiro nível de coberto vegetal (U.E. 1), comum a todas as áreas, relativamente solto e heterogéneo, onde foram recolhidos alguns materiais cerâmicos muito rolados, fragmentos de telhas e um prego em ferro, validando assim a primeira cronologia atribuída ao local, enquadrada no período medieval/moderno. Nas Sondagens 1, 3 e 5, com a remoção deste estrato superficial detectou-se de imediato a presença de estruturas.

2.1.2.2.1. Sondagens 1, 3 e 5

Na Sondagem 1, após a remoção da U.E. 1, foram identificados dois muros dispostos de modo perpendicular que delimitavam uma área construída. No interior desta, sob o nível de colmatação natural das estruturas (U.E. 2), onde foram recolhidos alguns fragmentos de pequenos recipientes, identificou-se a U.E. 3, um estrato composto por terra semi-argilosa, com diversos nódulos de barro cozido que deveria corresponder a um eventual revestimento das paredes, entretanto destruídas. Este nível assentava directamente sobre o afloramento rochoso e forneceu alguns recipientes cerâmicos: duas taças, um pequeno vaso globular e um fragmento de um prato de produção modelada.

Na Sondagem 3 foram registados dois troços de muro muito destruídos, alinhados paralelamente, com orientação N-S. Estes muros encontravam-se interrompidos por um vão de acesso E-W com cerca de 1 m de largura, traduzindo uma área interior delimitada a W e a N pelo canto da estrutura no quadrante N da sondagem. Sobre o mesmo foi aí identificado um grande derrube pétreo e abundantes nódulos de barro cozido,

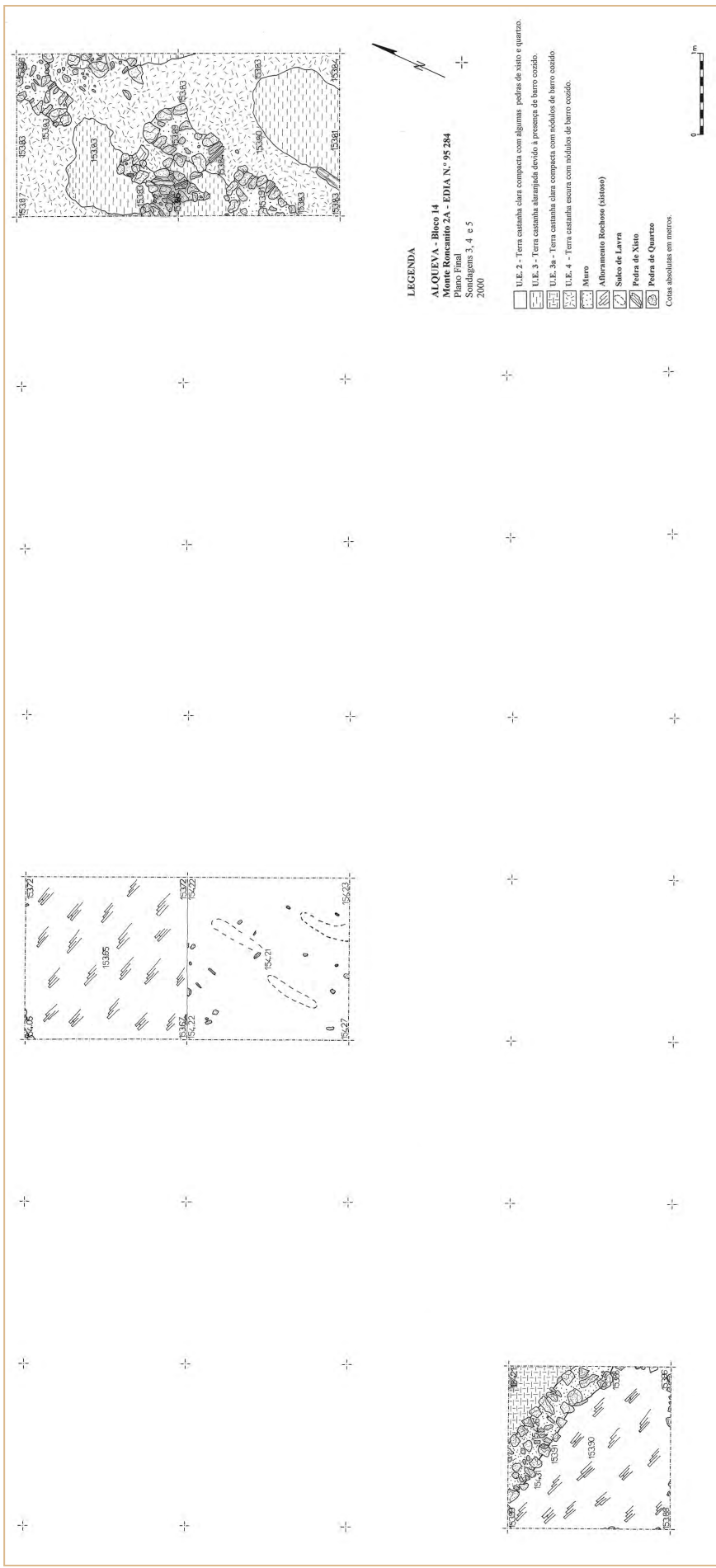


Fig. 2 e 3 – Planta final das sondagens.

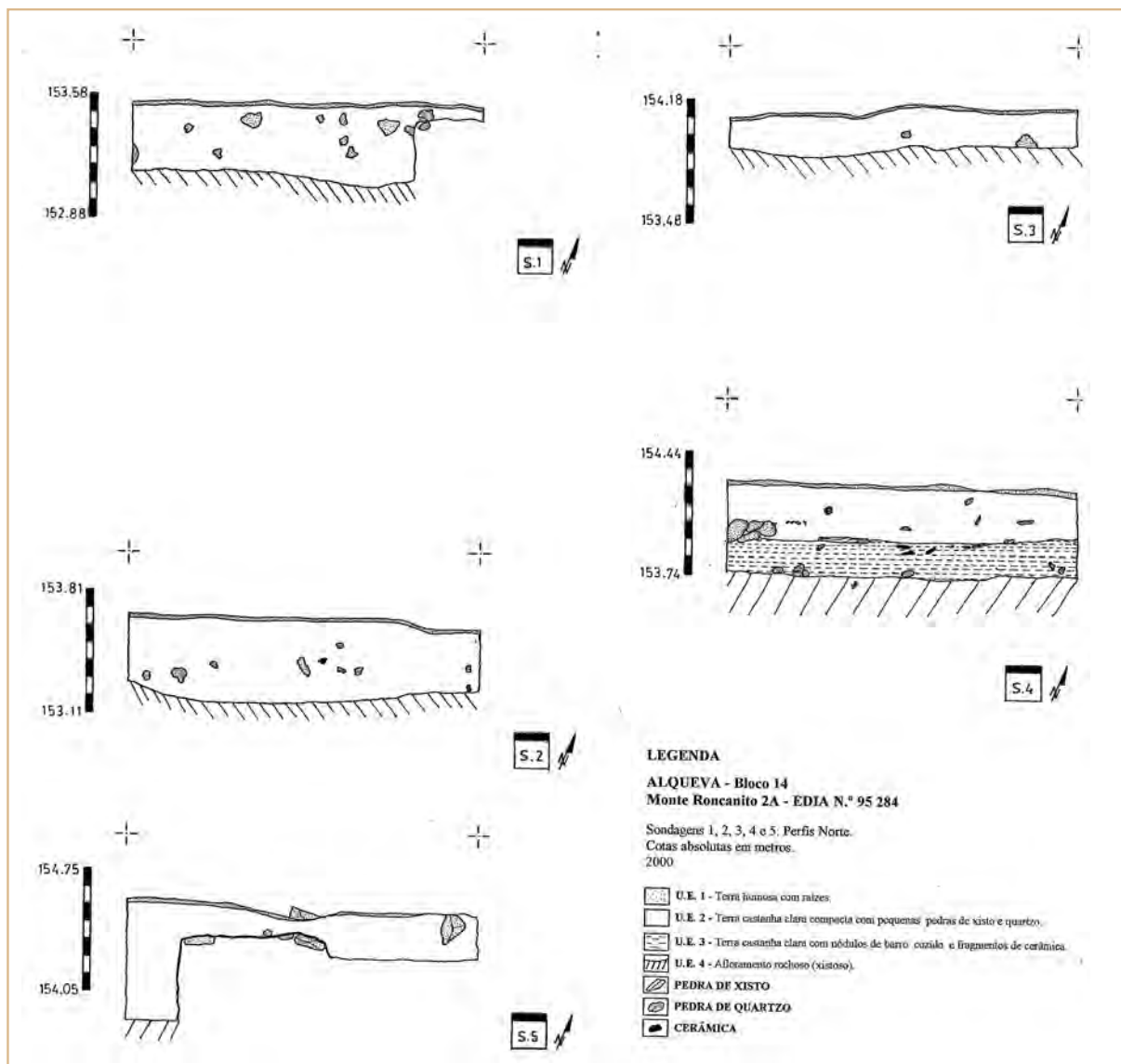


Fig. 4 – Cortes estratigráficos.



Fot. 2 – Plano final da Sondagem I.



Fot. 3 – Peça (26)0034, Sondagem I.



Fot. 4 – Plano final da Sondagem 5.

(U.E. 4) que cobriam uma bolsa de contornos semi-circulares (U.E.6), relativamente circunscrita. Localizava-se a S do muro, no aparente espaço interior definido por este e estaria relacionada com uma possível estrutura de combustão/lareira ou com um pequeno cinzeiro, não sendo clara a sua funcionalidade, uma vez que esta área não foi escavada até à rocha de base. Registou-se a recolha de uma taça na U.E.3.

A escavação da Sondagem 5 constatou a continuação do nível de destruição das paredes (U.E. 3) anteriormente detectado na Sondagem 1, que cobria um muro de material pétreo de quartzo, de orientação SE/NO, alinhado em consonância com as estruturas da Sondagem 1 e a cerca de 30 m destas. Este derrube selava um nível de abandono constituído pela U.E. 5, onde foram recolhidos dois exemplares de taças hemisféricas e abundantes fragmentos cerâmicos.

2.1.2.2.2. Sondagens 2 e 4

Apesar da inexistência de estruturas, a abundante presença de espólio nestas sondagens validava a sua relação com os conjuntos edificados, eventualmente no interior dos conjuntos ou em espaço ocupado e com estes relacionado.

Na Sondagem 2 as recolhas de materiais foram oriundas das U.E. 2 e 3. Na U.E. 2, nível de colmatação natural das estruturas, observaram-se ainda alguns materiais de construção, telhas digitadas e a presença de recipientes fechados relacionados com a média armazenagem. Na U.E. 3, possivelmente correspondente ao nível de abandono do local relacionado com a destruição do espaço habitacional, um conjunto cerâmico de cerca de 21 recipientes: diversas taças, com acabamentos cuidados, recipientes fechados de distintas dimensões, vocacionados para a média e grande armazenagem, sem decoração e com presença de aplicações



Fot. 5 – Peça (26)0079, Sondagem 2.



Fot. 6 – Peça (26)0081, Sondagem 2.

plásticas e vasos de perfis diversificados, assim como um pequeno recipiente com asa zenital. Em menor quantidade, na Sondagem 4 foi também recolhido um conjunto de recipientes oriundos da U.E. 2. A própria disposição destas sondagens, face às estruturas identificadas ao longo da plataforma, reforça a ideia de corresponderem a possíveis áreas interiores dos edifícios, reconhecendo-se diferentes soluções construtivas nos assentamentos rurais sidéricos da região: edifícios únicos, como o Monte Roncão 11 ou conjuntos habitacionais compostos por diferentes edifícios, com espaços de transição entre núcleos como a Casa da Moinhola ou Miguéns 2 (CALADO, 2002; MATA-LOTO, 2007).

2.1.3. Monte Roncanito 4

Os trabalhos arqueológicos no Monte Roncanito 4 foram efectuados no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14 (SILVA, 1996). Numa primeira fase, a intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação do local e do seu potencial arqueológico, seguindo-se uma fase de definição da área arqueológica, a interenunciar posteriormente, com vista à caracterização

cronológico-cultural das realidades observadas. Estas intervenções decorreram ao longo da primavera e verão de 2000⁴.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de S. Marcos do Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95286, classificado como um habitat de cronologia medieval/moderna.

O Monte Roncanito 4 localiza-se no topo de uma pequena elevação situada na vertente oeste do Rio Guadiana, a escassos metros a sul do Monte Ronca-

nito, que lhe dá o nome, com um relativo domínio da paisagem e um fácil acesso às linhas de água secundárias situadas a SO e NO, numa zona onde se observavam à superfície blocos de quartzo e xisto de calibre diverso e alguns fragmentos de cerâmica comum.

Nas suas imediações encontram-se os sítios de cronologia sidérica Monte Roncanito 2A e Espinheiro 9.

2.1.3.1. Trabalhos arqueológicos

A intervenção no local consistiu inicialmente num programa de sete sondagens arqueológicas que,



Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico da área intervencionada com implantação da quadrícula.

⁴ Os trabalhos no Monte Roncanito 4 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Susana Bailarim, assistente de arqueólogo e finalista do curso de História na variante de Arqueologia; Carlos Alberto Fona, licenciado em História; Maria João Miranda, arqueóloga estagiária; Vera Assunção, arqueóloga estagiária; David Ferrão, finalista do curso de História na variante de Arqueologia; Nuno Palmeiro, estudante do 3º ano do curso de Arquitectura; António Cristino, José Rito e José Sardinha, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Armando Guerreiro. Tintagem dos desenhos de campo: Alexandra Lima, Susana Bailarim e Cláudia Rosado.



Fot. 1 – Vista geral da área da área intervencionada.

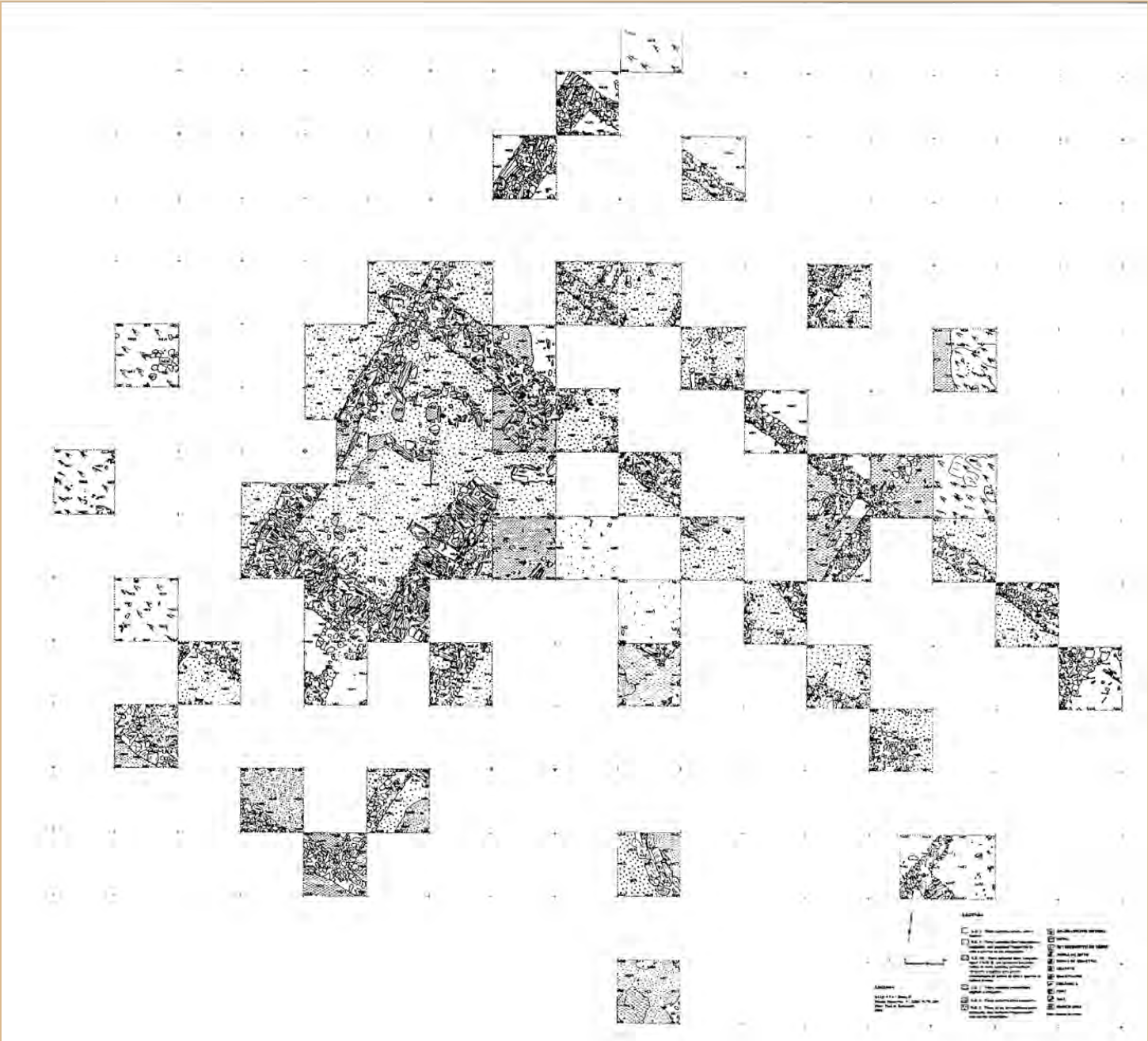


Fig. 2 – Planta geral final do Monte Roncanito 4.

em virtude dos resultados obtidos, foram posteriormente integradas numa intervenção de caracterização dos limites da área arqueológica que se afigurava bastante extensa. O local foi organizado em sectores de intervenção, procedendo-se à definição das realidades arqueológicas e à escavação de áreas quadriculadas com vista à delimitação das estruturas.⁵

2.1.3.2. Estratigrafia

A estratigrafia local revelou-se simples, com um nível de coberto vegetal de cerca de 10 cm que cobria a totalidade da área da plataforma, (U.E. 1) com materiais pétreos dispersos por toda a plataforma, evidenciando a destruição do local provocada pela lavoura. Os materiais arqueológicos aí recolhidos corresponderam a escassos fragmentos de cronologia proto-histórica, diversos fragmentos de uma talha e alguns materiais de construção, telhas digitadas e caneladas, indicado-

res de uma eventual ocupação de cronologia medieval/moderna, que definiu o enquadramento cronológico original do local⁶.

A U.E. 2 correspondeu ao nível de colmatção natural do local, observada em quase toda a área escavada, de composição heterogénea e semi-compacta. A sua escavação pôs a descoberto um complexo habitacional superior a 700 m², de larga dimensão e alguma complexidade, cuja planta e limites não foram aferidos na totalidade, organizado em diversos espaços interiores.

Este conjunto desenvolvia-se ao longo dos quadrantes N e E, até ao início da vertente da plataforma aplanada, desconhecendo-se os seus limites a S, E e N, embora a presença de estruturas murais nos últimos quadrantes reforce a sua continuidade nestas áreas.

O grau de conservação das estruturas foi afectado pela fraca potência do local e pelos trabalhos agrícolas, registando-se contudo o recurso aos modelos

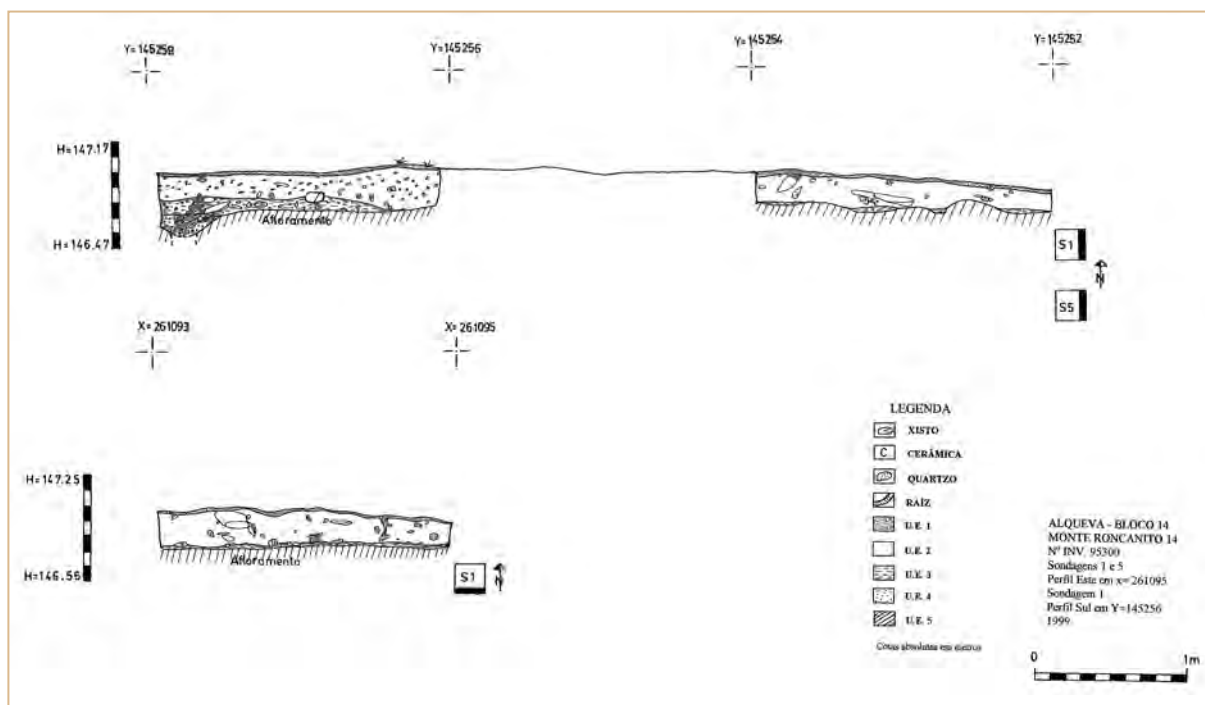


Fig. 3 – Perfis estratigráficos das Sondagens 1 e 5.

⁵ A intervenção efectuada incidiu na delimitação dos vestígios arqueológicos, pelo que grande parte das áreas observadas apenas foram intervencionadas até ao topo da U.E.2/3. Procurava-se, numa seguinte fase de intervenção, que nunca chegou a ocorrer, a caracterização dos vestígios. Os critérios que nortearam esta opção prenderam-se com a calendarização interna dos trabalhos do Bloco 14 e com as negociações estabelecidas com a EDIA. A revisão cronológica do local, inicialmente definido como um habitat medieval/moderno e o seu enquadramento na Idade do Ferro condicionaram temporalmente este processo.

⁶ Uma eventual ocupação desta fase não encontrou eco em profundidade nas áreas escavadas, podendo cingir-se a uma zona delimitada, não aflorada pela intervenção arqueológica.

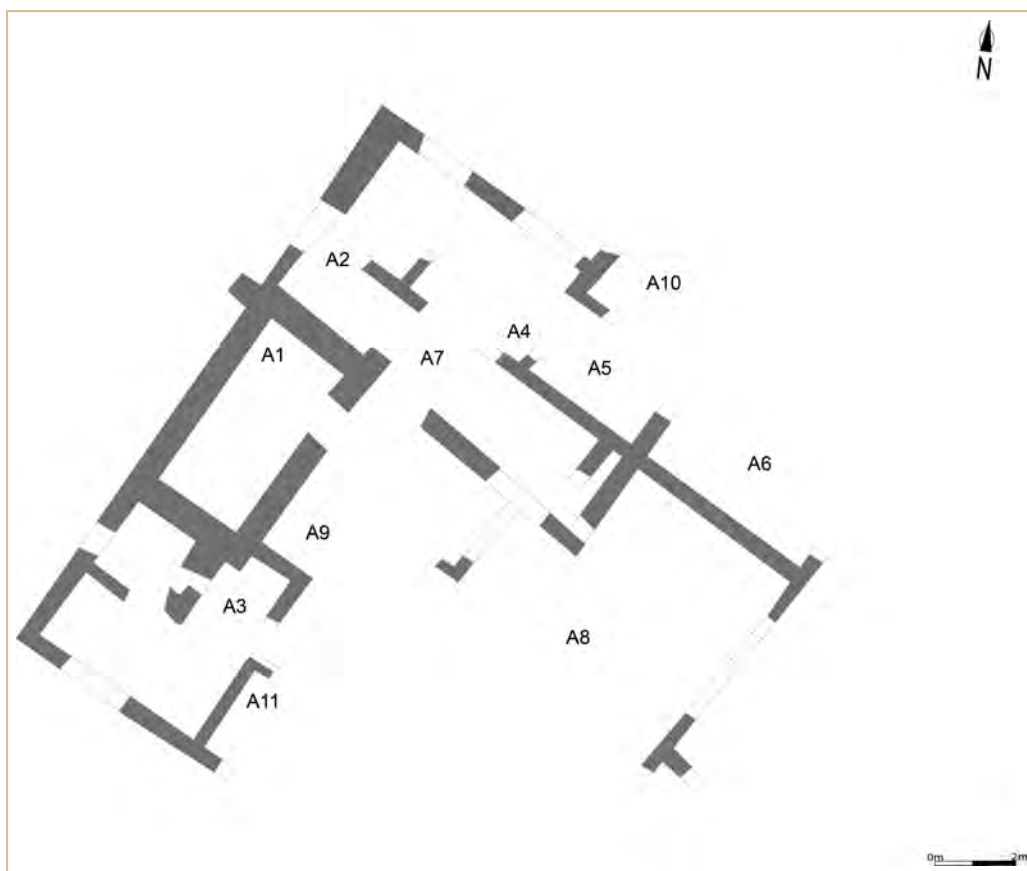


Fig. 4 – Planta esquemática das estruturas com identificação dos ambientes.

construtivos observados em locais de cronologias coevas: a utilização de muros pétreos, simples ou compostos, levantados em terra e/ou, pontualmente, em pedra, nos casos de derrubes muito significativos; o recurso à técnica do perpianho, com a disposição transversal dos elementos pétreos ao eixo maior das paredes; ou mesmo a colocação de elementos pétreos em “cunha” nos cantos e vãos, como travamentos das estruturas, construídas com recurso às matérias-primas locais: xisto e quartzo, de dimensões variadas, construídas directamente sobre o afloramento rochoso, maioritariamente sem recurso a valas de fundação.

Nos casos identificados, os pavimentos corresponderam a níveis de terra argilosa avermelhada, relativamente finos e compactos, observados directamente sobre o afloramento rochoso, registando-se um possível caso de preparação do terreno através da colmatação das irregularidades do afloramento. Pontualmente, este último poderá também ter funcionado como nível de “chão”.

A ligação entre os distintos espaços far-se-ia a partir de vãos, dos quais apenas foi identificado de for-

ma segura o acesso ao ambiente 1 e ao conjunto de estâncias a N deste, com cerca de 1,20 m de largura, correspondendo a interrupções construtivas das estruturas murais desde a base das mesmas, sem presença de soleiras ou outros elementos indicadores das mesmas.

Dada a natureza da intervenção arqueológica que incidiu fundamentalmente na delimitação das estruturas, não foram observadas evidências de estruturas domésticas ou secundárias, nem tão-pouco foi possível obter uma leitura de cariz integral dos espaços, que parecem obedecer a uma organização interior, com eventuais reformulações, nem sempre fáceis de reconhecer.

2.1.3.2.1. Ambiente I

Neste espaço incidiram as primeiras sondagens efectuadas no local, correspondendo ao único ambiente integralmente escavado. Apresentava planta rectangular, orientada SO/NE e possuía uma área de 36 m² acedida a partir de um vão aberto a E a partir do A9 com cerca de 1,20 m de largura.



Fot. 2 – Vista geral para norte da área do Ambiente I.



Fot. 3 – Pormenor dos muros no vértice sudeste do Ambiente I.

A nível construtivo era notória a utilização de diferentes técnicas: os muros S e SE elaborados exclusivamente em xisto com grandes blocos imbricados dispostos transversalmente e em cunha, com recurso à técnica do perpianho conferindo maior coesão e robustez às estruturas, apesar do aspecto algo desordenado; os muros a N e NW, de aparelho misto de quartzo e xisto de dimensões menores, com lajes de xisto dispostas em cutelo a demarcar as faces, ligados igualmente com terra argilosa muito compacta, de construção mais grosseira. No canto NNW do A1, o paramento interior destes últimos achava-se muito destruído.

As espessuras das paredes correspondiam a 0,70 m, com alçados preservados na ordem dos 0,60 m, (esta zona do ambiente 1 correspondeu à área com maior potência estratigráfica do local), construídos directamente sobre o afloramento rochoso, sem presença de valas de fundação ou interfaces escavados no mesmo.

As diferentes soluções construtivas aí atestadas poderão estar, em boa parte, associadas a uma fase de remodelação da estrutura que parece funcionar como



Fot. 4 – Ambiente I, muro sudoeste, pormenor da caixa/cista.

um dos eixos estruturantes do complexo, a julgar pela simetria relativa das estâncias que lhe são contíguas, a N e a S. Esta ideia é reforçada pelo facto do A1 ser o único espaço onde se registou a técnica do perpianho, que, por uma maior complexidade construtiva poderia aqui sugerir um eventual reforço da estrutura original definida em quartzo e xisto como os demais espaços, mantendo a coesão original desta estância.

No troço central do muro E destacou-se igualmente uma estrutura diferenciada: um conjunto de lajes de xisto verticais que denunciavam uma estrutura tipo “caixa”/cista rectangular, parcialmente sobreposta ao muro e ao interior do compartimento, alinhada E-W, com as dimensões de 1,40x0,50 m. Era coberta por uma laje de xisto depositada horizontalmente, e a escavação do seu interior, composto em exclusivo por um único depósito sedimentar, não forneceu qualquer espólio antropológico ou arqueológico.

No interior do A1, após a remoção do nível de colmatação natural (U.E. 2) onde foram, recolhidos diversos materiais de cronologia sidérica observou-se um estrato sedimentar com forte presença de elementos pétreos dispersos e desorganizados, mais evidentes no canto NW, onde os muros se encontravam danificados, interpretado como um nível de abandono do local (U.E. 2/3). Este nível estaria em boa parte associado à destruição da base fundacional dos muros do A1, que seriam levantados em taipa, a julgar pela abundante presença de nódulos de barro e forneceu um conjunto significativo de materiais muito fragmentados onde se destacam as taças, bacias/alguidares, fragmentos de vasos e potes.

No interior da estrutura foi igualmente aflorado, um nível de terra homogéneo de coloração avermelhada, compacto e muito argiloso (U.E. 3), com indícios



Fot. 5 – Ambiente 1: Peça (28)0210, Sondagem 2.



Fot. 6 – Ambiente 1: Peça (28)1728, Sector B.

de acção de fogo, provavelmente relacionado com um possível pavimento ou nível de “chão”. Apesar deste surgir de forma descontínua no interior do A1, a sua regularidade reforçava esta ideia, registando-se igualmente abundante espólio cerâmico no interface sobre o mesmo: taças com acabamentos cuidados, fragmentos de formas fechadas (potes/vasilhas de armazenagem) e um fragmento de uma provável ânfora, com arranque de asa de secção circular.

No canto SW do A1, o nível de derrube pétreo 2/3 assentava directamente sobre um depósito de terras castanhas acinzentadas, bastante compactas e argilosas (U.E. 4), que pelas suas características e pelos materiais exumados poderia representar um eventual nível de ocupação mais antigo, reformulado posteriormente com o pavimento da U.E. 3, ou um nível de colmatação e regularização para a construção daquele. Aí foi recolhida uma forte componente material dominada quase exclusivamente por formas abertas com a presença de taças polidas e engobadas, bacias/alguidares e um cossoiro.

Estas remodelações internas do A1 poderiam em parte estar relacionadas com as etapas de reformulação construtiva desta área, mantendo a sua dinâmica e articulação internas, onde, apesar da ausência de estruturas de apoio habitacionais, os recipientes cerâmicos de média dimensão e com alguns vestígios de exposição a fogo sugerem uma utilização no âmbito de contextos domésticos, na confecção e serviço de mesa.

2.1.3.2.2. Ambiente 2

Dado o desconhecimento dos reais limites deste espaço, optou-se por designar como A2 o conjunto das realidades estruturais a N do ambiente 1, cujo acesso seria efectuado a partir das estâncias definidas como ambiente 4 e 7. O A2 possuía planta quadrangular e semi-quadrangular, com áreas definidas entre os 12 m², no espaço contíguo ao A1 e 15 m², no espaço a N deste.

No seu todo, o A2 correspondeu ao conjunto destes dois espaços organizados numa planta semi-quadrangular rectangular, desconhecendo-se contudo como se articulavam com o A4 (ainda que se intua a presença de um vão), uma vez que os muros que delimitavam estes espaços se encontravam destruídos ou não foram totalmente delimitados, dificultando a leitura da sua orgânica interna. Do acesso efectuado a E com este último, acedia-se a uma área menor a S desta.

Os muros que delimitavam o A2 possuíam aparelho pétreo em quartzo, com blocos de xisto de média e pequena dimensão ligados por terra, com espessuras variáveis entre 1,10 m e os 0,70 m. Esta disparidade deverá estar relacionada com a disposição dos mesmos, destacando-se maior espessura nos muros que delimitam o quadrante W do A2 e que correspondem ao limite do complexo habitacional neste sector. Regista-se também um maior cuidado na técnica de construção murária, com os elementos pétreos de xisto e quartzo imbricados com blocos menores, dispostos de forma a travar os restantes, salientando a grande densidade de material pétreo, por oposição a outras estruturas faceadas com pedra e recurso a terras de colmatação interiores.

De realçar ainda a já mencionada simetria entre este espaço e o A3, sinónimo de uma planificação estrutural original de construção do complexo.

A sucessão estratigráfica neste espaço revelou a presença da U.E. 2, o estrato de colmatação natural das estruturas, que assentava sobre um nível de derrube dos muros pétreos, igualmente registado no A1, a U.E. 2/3, onde foram recolhidas taças hemisféricas, fragmentos de formas fechadas do tipo pote/panela de

média dimensão, onde se salienta um fragmento de asa zenital e um fragmento com uma aplicação plástica do tipo mamilo vertical alongado.

2.1.3.2.3. Ambiente 3

O A3 correspondeu ao espaço definido a S do A1, organizado por seu turno com um pequeno espaço interior, considerado como o limite das construções do conjunto habitacional a S, uma vez que as sondagens aí abertas não evidenciaram a continuação de quaisquer estruturas. Possuía planta quadrangular, com uma área total de cerca de 53 m², efectuando-se o acesso ao mesmo a partir de E, por um vão intuído no muro divisório, abrindo para um espaço de contornos e limites indefinidos. No seu interior, em área contígua ao A1, desenhou-se uma área cerrada, acedida a partir de um acesso, provavelmente efectuado a N, de contornos menores com cerca de 8 m², evocando claros paralelismos com o espaço do A2 e que, como este, poderia também ser ainda organizado num segundo espaço menor. Dada a ausência de indicadores neste sentido, optou-se por designar de A3 a totalidade deste espaço, cujas dimensões, são efectivamente singulares, correspondendo a uma extensa área, que deveria estar certamente organizada.

Registe-se também que a actual configuração desta estância resultou da construção do muro de fecho N, no alinhamento do limite do A1, efectuado em momentos posteriores, provavelmente relacionados com a reconversão do A1, uma vez que este muro de fecho era construído em xisto, de técnica similar àquele espaço.

Para além dos estratos sucessivos comuns à restante área escavada e associados à colmatção natural da área arqueológica e ao derrube de parte das estruturas murais, foi aí observado um nível circunscrito de terra castanha escura muito argilosa, com abundante presença de carvões, nas imediações do paramento SW, que poderia corresponder a uma pequena estrutura de combustão, de contornos disformes, registando-se também a presença de um grande fragmento de um dormente em granito, relacionado com actividades de transformação. Em rigor, o facto de os trabalhos não terem continuado nesta área impediu uma leitura e interpretação consistentes desta estrutura, embora se devam salientar as semelhanças com as estruturas de combustão identificadas no povoado de Los Caños, Zafra, Badajoz (RODRÍGUEZ DÍAZ, CHAUTÓN PEREZ e DUQUE ESPINO, 2006, p. 92, fig. 9), simples e sem contornos estruturais ou



Fot. 7 – Ambiente 3: Peça (28)1791, Q. F36.



Fot. 8 – Peça (28)1297, Q. H36.

molduras aparentes. Da mesma forma, o conjunto de recipientes recolhidos neste espaço é rastreável em contextos domésticos, com presença de recipientes de armazenagem, formas fechadas de média e pequena dimensão e taças hemisféricas, com destaque para um fragmento de forma aberta, possivelmente uma taça com caneluras na superfície exterior, considerada como uma reprodução de cerâmica cinzenta.

2.1.3.2.4. Ambiente 4

Este espaço parece ter correspondido a uma pequena área de ligação dos ambientes 2 e 5, com cerca de 17 m² e planta quadrangular: no caso do vão de acesso ao A2 a W, os vestígios murais encontravam-se completamente arrasados; já a ligação a E com o A5 era observada pelo travamento da estrutura mural e o seu eixo perpendicular para E.

O acesso ao mesmo seria efectuado por um vão a partir do A7 a NW, intuído pela disposição em cunha dos elementos pétreos do muro N deste último, de dimensões desconhecidas, dada a evidente destruição na

sua continuação para E; os muros eram construídos maioritariamente em quartzo, registando-se nesta área um abundante derrube pétreo deste material, que cobria um nível de terra compacta, muito argilosa e relativamente regular, interpretado como um pavimento ou piso térreo no interior deste espaço, sobre o afloramento rochoso.

O espólio recolhido destacou-se sobretudo pela escassez e pelo elevado grau de fragmentação, registando-se a exumação de um fragmento de mó em granito. Como referido, a sua definição, em conjunto com o espaço designado A2 e em consonância com o A7 parece definir uma área de contornos similares ao A3, eventualmente relacionada com a configuração original do edifício.

2.1.3.2.5. Ambientes 5, 6 e 10

Estes espaços corresponderam ao sector N, accedidos a partir do A4 e em articulação com outras áreas, como o caso do A5. A organização dos muros e espaços sugeria uma sucessão construtiva do A5, A6 e A10: a estância 5 correspondeu a um espaço rectangular, intuído pela orientação dos muros que a definiam, com cerca de 13 m², que comunicaria com o A10, a N e onde se observou um nível de “chão” semelhante ao do A4; o A6, localizado a E, do qual apenas se conservaram os muros meeiros a S, onde não se observou qualquer vão ou acesso e um pequeno troço a W, com o A5, não sendo possível determinar se o acesso entre ambos era aí efectuado ou a partir do A10, como o hipotético prolongamento das estruturas parece definir; finalmente o A10, do qual se conserva apenas o canto SW, evidenciando a sua continuação para N.

Os muros compreendiam espessuras de 0,70 m com duas a três fiadas conservadas. Não obstante as já mencionadas dificuldades de caracterização destas estruturas devemos realçar que as evidências do A6 parecem indicar um espaço de dimensões consideráveis, recordando de alguma forma, o ambiente 7. A sua construção num alinhamento aparentemente distinto das outras realidades pode também sugerir tratarem-se de espaços associados a uma etapa de reformulações do complexo original. Também neste último foram observados vestígios de um pavimento avermelhado e muito compacto, com nódulos de argila cozida, construído sobre o afloramento rochoso e alguns materiais muito fragmentados, onde se salientam dois fragmentos de taças.

No A10 foram igualmente recuperados alguns fragmentos de materiais de construção oriundos das U.Es. 1 e 2, e um fragmento de uma tigela com vidrado

castanho monocromático, associados a uma ténue ocupação posterior do local, expressada na presença dos materiais recolhidos em superfície e neste sector.

A sucessão construtiva destes espaços parece sugerir uma ampliação do complexo original para N, a partir do A4, originalmente mais centrado sobre as estâncias a W A1, 2 e 3 e disposto em torno de uma área central, definindo uma posterior ampliação para N que lhe conferiu uma planta e dimensões de características distintas.

2.1.3.2.6. Ambiente 7

Este espaço apresentava uma disposição rectangular, com uma área de 31,5 m², de dimensões aproximadas ao A1, observando contudo uma planta mais alongada, alinhada a um eixo de circulação funcional W – E.

Para além de funcionar como elemento distribuidor entre os núcleos estruturais a N e NW do complexo e os espaços a S e SE, as dimensões deste espaço configuram-lhe outro carácter, que poderá estar relacionado com a abundante presença de materiais cerâmicos aí registada e com a sua organização interior, destacada no seu limite NE: observou-se a presença de um troço de muro, parcialmente destruído, perpendicular ao muro divisório do compartimento a NE, que foi inicialmente interpretado como um possível testemunho de uma fase construtiva anterior, posteriormente reformulada com a ampliação das estâncias a N do complexo (A5, 6, e 10). A pequena dimensão desta área definida entre os muros, apartada do restante espaço do A7 poderia sugerir tratar-se de um eventual espaço de armazenagem, reforçado pela quantidade de materiais aí recolhida.

A estratigrafia desta área revelou também a presença de um nível de destruição com diversos elementos pétreos no interior do mesmo, sobre o qual se destacava um “chão” de terra argilosa, documentado no sector SE deste espaço, observado na área intramuros. Relativamente ao espólio cerâmico recolhido, foi exumada grande quantidade de fragmentos de cerâmica de formas coadunadas com o consumo, taças e vasos de pequena e média dimensão e dois recipientes fechados de armazenagem evocando as formas anfóricas.

2.1.3.2.7. Ambientes 8 e 9

Apesar do desconhecimento dos limites destas áreas, o A9 e o A8 parecem corresponder aos espaços centrais de circulação, acesso e redistribuição espacial do conjunto arquitectónico observado em Monte Roncanito 4.



Fot. 9 – Perspectiva para noroeste das estruturas que delimitam a sudoeste o Ambiente 8.

A zona de acesso às estâncias NW e N do complexo foi designada de A9 e individualizada a partir da observação de um pequeno troço de muro que destacava um ângulo recto, definindo um espaço interior entre o A8, o A1 e o A7, concebido na fase de reformulação do acesso a estas áreas com a construção do fecho N do A3 e provavelmente relacionado com uma reorganização do A8. Desconhecem-se os seus limites e planta, provavelmente quadrangular. Do diverso espólio aí recolhido, foram recuperados dois pratos, um dos quais de perfil carenado e revestido a engobe vermelho, vasos de pequena dimensão e recipientes de armazenagem de bordos esvasados, colo curto e estrangulado, com polimento sobre o bordo e na superfície exterior.

O A8 deveria tratar-se de um espaço aberto e de um elemento de estruturação das diferentes estâncias, com uma funcionalidade própria como um importante

espaço de circulação, correspondendo à zona de acesso ao complexo, efectuada a partir de S, SE, a única área onde não se detectaram evidências de novas estruturas, como no Monte Roncão 11.

As suas dimensões e planta não foram aferidas, dado o grau de destruição do local nestes sectores. Contudo, a leitura e orientação das estruturas limitrófes a este espaço parecem traduzir uma área de contornos quadrangulares ou sub-quadrangulares que intermediaria a ligação entre as demais áreas, desconhecendo-se como a forma se processava e ou eventual presença de outros espaços anexos a este.

Foi aí identificado um lajeado de xisto de médio calibre, disposto horizontalmente e conservado numa estreita faixa na zona SE do A8, directamente sobre um estrato de nivelamento castanho-escuro que cobria o afloramento rochoso. A sua presença, ainda que residual, reforça a ideia de se tratar de uma área possivelmente descoberta e de acesso central. Na área NW, de ligação com o A9, observou-se um vasto derrube de elementos pétreos de xisto, resultantes da destruição do muro de fecho do A3. Do conjunto recuperado nesta área registam-se taças, potes ovóides, um recipiente de grandes dimensões e alguns fragmentos de formas fechadas com incisões e aplicações plásticas do tipo pequenos mamilos.

2.1.3.2.8. Outros vestígios estruturais

Merecem igual menção as estruturas observadas a E do A3, cujo arranque dos muros indica a sua continuação e evidencia a presença de um outro espaço de planta e área indefinidas, ignorando-se a sua estruturação com o A8. A presença de construções nesta área reforça a ideia de uma entrada ou acesso à área habitacional por sudeste, como já fora referido.

Por último, cabe referir neste sector a presença do muro que define o limite E da área ocupada, ao qual se adossa uma outra estrutura de traçado perpendicular, indicando a presença de novo espaço a E do A8, igualmente indefinido.

O facto de não se ter atingido na maioria das sondagens o afloramento rochoso não permitiu efectuar uma caracterização rigorosa do local nem definir o conjunto de níveis de ocupação eventualmente preservados, denotando-se uma ausência quase total de estruturas domésticas, provavelmente não afloradas, ainda que nos casos do A1 e A7 fossem inexistentes. Os dados obtidos não se revelaram suficientes para avançarmos uma interpretação segura da funcionalidade de cada um dos compartimentos.

2.1.4. Monte Ronção II

Os trabalhos arqueológicos no Monte Ronção 11 foram efectuados no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14 (SILVA,1996). Numa primeira fase, a intervenção ar-



Fot. I – Vista geral da área em fase prévia à intervenção.

queológica teve como principal objectivo a avaliação do local e do seu potencial arqueológico, seguindo-se uma fase de definição da área arqueológica, a interencionar posteriormente, com vista à caracterização cronológico-cultural das realidades observadas. Estas intervenções decorreram ao longo da primavera e verão de 1999.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de S. Marcos do Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95583 classificado como um habitat de cronologia medieval/moderna.

O sítio arqueológico do Monte Ronção 11 encontra-se a cerca de 100 m dos anexos e armazéns do monte com o mesmo nome, no topo de uma pequena elevação com relativo domínio visual e fácil acesso ao Guadiana, do qual dista poucos metros. No reconhecimento superficial do local foram detectados elementos pétreos e cerâmicos que indicavam maior concentração de vestígios na crista da plataforma onde foram efectuados os trabalhos arqueológicos.

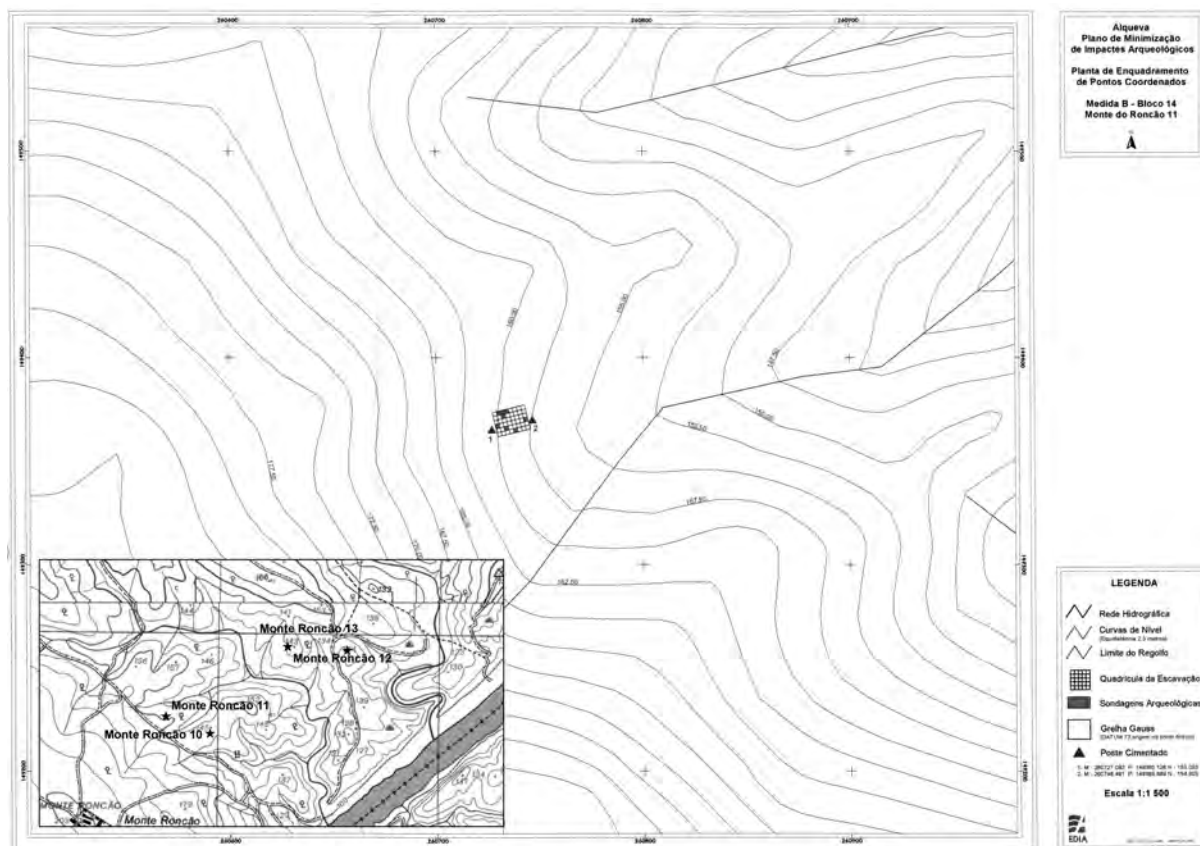


Fig. I – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico do local com implantação da quadrícula.



Fot. 2 – Vista geral das estruturas escavadas.

2.1.4.1. Trabalhos arqueológicos

A intervenção no local⁷ consistiu, numa primeira fase, num programa de sondagens arqueológicas (cerca de sete) para a caracterização cronológico-cultural do sítio arqueológico, que, em virtude dos resultados obtidos, foram posteriormente alargadas e escavadas em área com vista à caracterização do local. A estratégia de escavação acabou contudo por sofrer algumas alterações, condicionada pelo insuficiente número de dias de trabalho previstos inicialmente para uma intervenção desta dimensão, tendo em conta que a área a intervir e a complexidade das estruturas detectadas se vieram a revelar maiores do que inicialmente se esperava.

Desta forma, na impossibilidade de escavar integralmente a área ocupada foram estabelecidos cortes perpendiculares no interior de alguns dos ambientes detectados por forma a obter informações sobre o seu interior e a sua sequência estratigráfica, e a deter, por amostragem, as informações necessárias para uma melhor caracterização do conjunto de vestígios.

2.1.4.2. Estratigrafia

A estratigrafia geral observada na quase totalidade dos sectores intervencionados revelava-se bastante linear, apresentando um primeiro nível superficial, de

parca potência que cobria a totalidade da área da plataforma, a U.E. 1, sob o qual era visível a U.E. 2, um depósito linear de terras castanho amareladas, semi-compactas, com relativa presença de pequenas pedras de xisto e quartzo, oriundas da desagregação das estruturas do local, que se afigurava mais compactada em determinados sectores (aí definida como U.E. 3). Sobre esta, consoante os sectores de intervenção, eram ainda observadas as U.E. 4 e 5, ambas com grande quantidade de materiais arqueológicos, assim como a estratigrafia individualizada de cada ambiente escavado.

De um modo genérico podemos associar as U.E. 2 e 3 aos momentos de colmatação e abandono do conjunto de edificações de Monte Roncão 11. Em áreas pontuais do sítio arqueológico estas realidades encontravam-se perturbadas em momentos de cronologia recente associados ao período Medieval e Moderno, onde se destacavam alguns materiais de construção e escassos fragmentos cerâmicos que permitiram uma inicial caracterização do local nas cronologias recentes.

Os trabalhos efectuados permitiram a identificação de um conjunto de vestígios em regular estado de conservação, com uma estratigrafia horizontal relativamente regular, correspondendo a um núcleo habitacional de orientação noroeste-sudeste, com pelo menos dez compartimentos organizados em torno de um pátio central que serviria de espaço de circulação a partir do qual se distribuíam os diversos espaços.

O conjunto arquitectónico do Monte Roncão 11 assume uma planta genericamente quadrangular com cerca de 520 m² e pelo menos doze espaços individualizados, delimitados de forma total e parcial, salientando-se a sua continuidade para noroeste, oeste e sudoeste, organizados em redor de um pátio no topo do pequeno cabeço onde se implanta o sítio arqueológico.

As estruturas assentes no afloramento rochoso, apresentam espessuras entre os 0,40 e 0,90 m e alturas variadas, compostas de blocos pétreos de média e grande dimensão de quartzo e xisto ou exclusivamente de xisto com duas a três fiadas conservadas, registando o uso do paramento faceado imbricado e a técnica do perpianho, para reforço das estruturas, patente também noutros edifícios sidéricos da região, como o Espinhaço de Cão ou a Casa da Moinhola 3 (CALA-

⁷ Os trabalhos arqueológicos efectuados no sítio Monte Roncão 11 foram desenvolvidos em 1999 pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Danilo Pavone, desenhador (sondagens); Vitória Valverde e Carlos Fona, estagiários; António Cristino, José Rito, José Sardinha e João Capucho (escavação em área), trabalhadores indiferenciados; José Luís Neto, Hugo Silva, Maria João Miranda e Vera Assunção, estudantes estagiários (escavação em área); Topografia de Carlos Picaró.

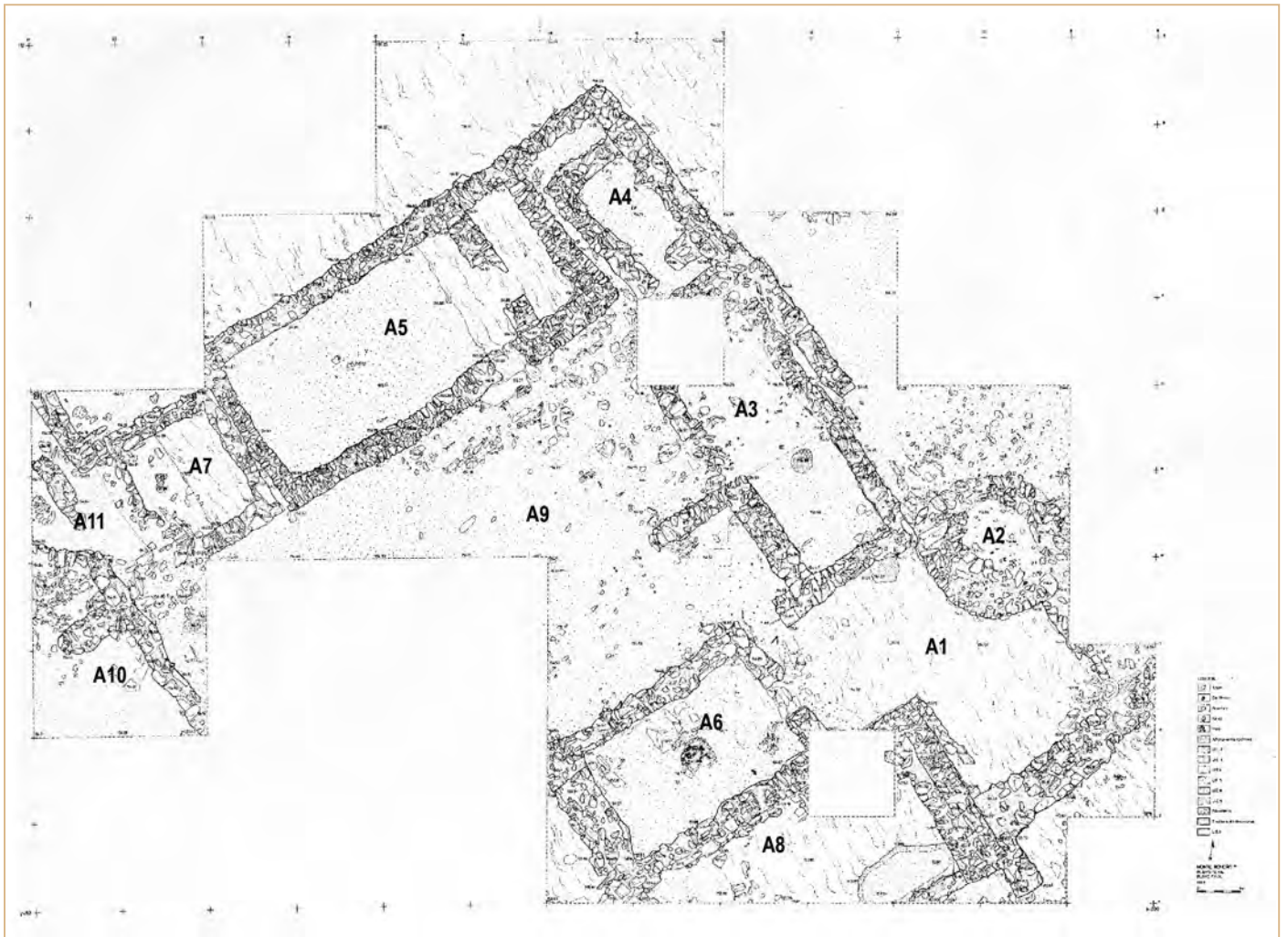


Fig. 2 – Planta geral final do Monte Rencão II com a identificação dos vários ambientes.

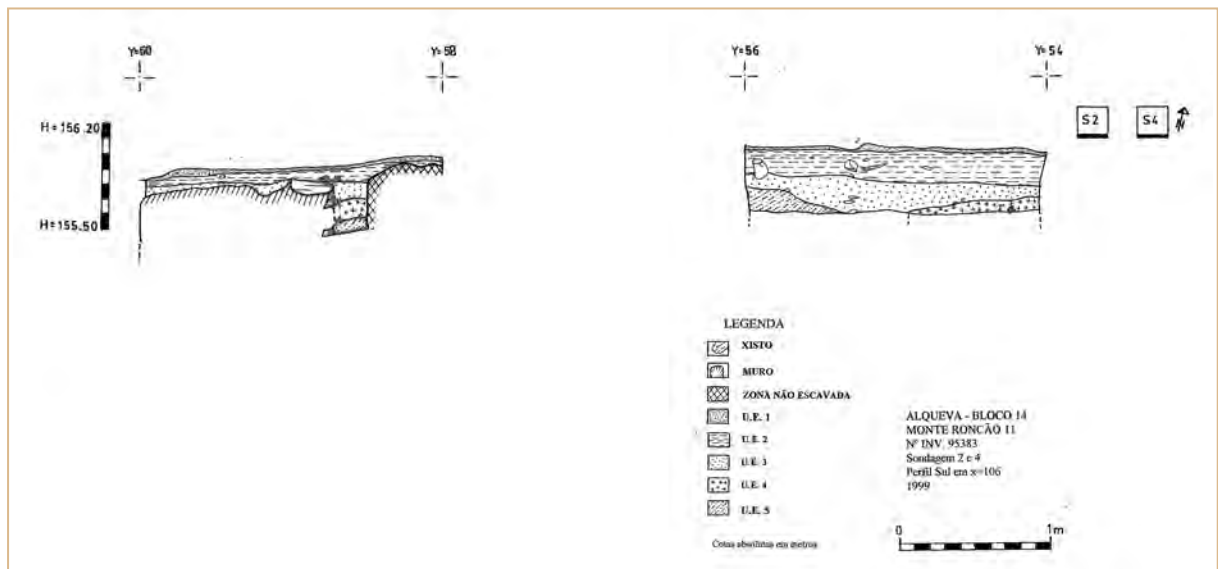
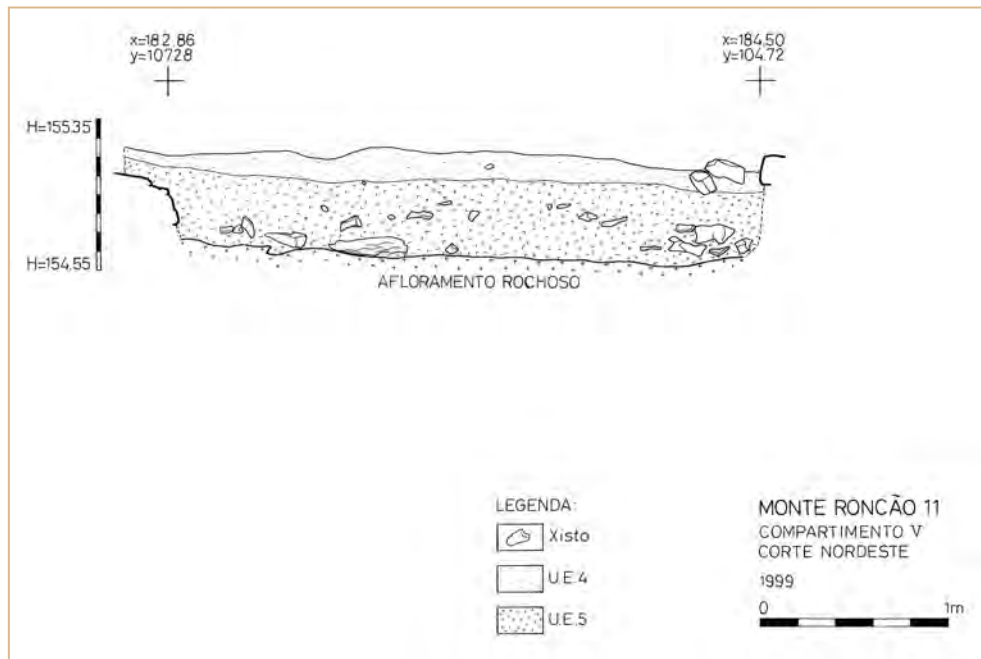


Fig. 3 – Perfil estratigráfico: Sondagens 2 e 4.

Fig. 4
Perfil estratigráfico:
Ambiente 5.



DO, MATALOTO & ROCHA, 2007; CALADO, MATALOTO, 2008) e a Herdade da Sapatoa (MATALOTO, 2007). Coexistem estruturas murais com alguma envergadura e robustez, registando-se também a técnica do duplo paramento. As paredes deveriam ser erguidas em terra, como se constatou pela existência de diversos fragmentos de barro cozido, alguns dos quais com negativos de ramagens recolhidos em diversos compartimentos, salvo eventuais exceções onde se conservaram derrubes pétreos muito significativos, destacando-se igualmente o recurso a materiais pétreos em degraus, identificados em algumas das estâncias escavadas, e em alguns equipamentos de cariz doméstico, registando-se um possível banco ou poial e uma estrutura de combustão em caixa no ambiente 6.

Os pavimentos, quando identificados, corresponderam a “solos” de terra argilosa ou pisos térreos, podendo combinar remodelações com lajes ou lajetas de xisto, para reforço ou escoamento das humidades de solo, consoante a natureza dos espaços identificados. Em rigor, o próprio afloramento rochoso poderá também ter assumido essa função.

Nos acessos aos espaços foram identificados diversos vãos, de características e dimensões distintas, oscilando entre os 0,50 e 1 m de largura, correspondendo a interrupções construtivas das estruturas murais desde a base das mesmas, a acessos alteados a partir de bases cerradas e/ou a reformulações estruturais em determinadas estâncias que conduziram à construção de degraus de acesso às mesmas.

O conjunto arquitectónico apresenta assim reformulações e sobreposições de estruturas construtivas que

estabelecem, pelo menos duas fases ocupacionais distintas, apesar de cronologicamente contínuas, identificadas muito sumariamente, tornando-se nesta fase do estudo dos elementos arquitectónicos complexo fornecer uma leitura global dos diversos espaços edificados. Correspondem sobretudo a modificações pontuais de reformulação, reorganização e ampliação do espaço interior, que apresentamos de forma mais detalhada com a análise individualizada dos ambientes escavados.

2.1.4.3. Arquitectura

2.1.4.3.1. Ambientes 1 e 2

Definido no limite sudeste da área escavada o ambiente 1 apresentava uma planta sub-rectangular, orientada NO/SE com cerca de 20 m² de área, cujo acesso era efectuado por um vão com cerca de 0,80 m



Fot. 3 – Vista para noroeste dos Ambientes 1 e 2.

de largura, aberto a partir de um espaço definido a W.

Um segundo vão aberto no muro SW com 1 m de largura permitia o acesso ao ambiente 6, destacando o papel deste espaço no circuito de circulação e organização estrutural do conjunto. Este vão foi posteriormente alteado com pequenas lajes de xisto dispostas horizontalmente, num eventual pavimento observado igualmente no acesso a W, que deveria corresponder ao nível de circulação nesta área, observado sobre o afloramento rochoso, (U.E. 8) que foi colmatado nas áreas norte e este deste espaço pela U.E. 9. Esta última, extremamente compacta e argilosa, identificada a espaços directamente sobre o afloramento xistoso, deverá ter correspondido ao pavimento desta zona funcional, ainda que não pareça ter recoberto toda a área deste ambiente, ou que o lajeado observado na zona de acesso ao A1 possa ter correspondido a uma reformulação do mesmo. Cobrindo toda a área interior deste compartimento achava-se um sedimento castanho avermelhado compacto e relativamente argiloso (U.E. 7) com abundante presença de materiais cerâmicos com vestígios de exposição a fogo e os restos ósseos de um pequeno mamífero, correspondendo a um possível nível de ocupação, onde foi recolhido abundante espólio cerâmico que estaria relacionado com uma área funcional de âmbito doméstico vocacionada para actividades produtivas, atestada pela abundante presença de formas cerâmicas para produção e confecção de alimentos e por alguns fragmentos de mós em granito. A maioria do conjunto



Fot. 4 e 5 – Peças (019)0630 e (019)3253.



Fot. 6 – Vista para norte do Ambiente 2.



Fot. 7 – Peças (019)7769 a (019)7772.

cerâmico identificado em Monte Roncão 11 provém deste espaço, observando-se aí uma clara versatilidade formal e tecnológica das produções cerâmicas, sistematicamente com vestígios de exposição a fogo.

Adossado à parede SW deste espaço era visível uma estrutura cuja funcionalidade deverá ser entendida como apoio à habitação, no quadro das estruturas domésticas do tipo bancos ou poiais vulgarizadas em outros conjuntos habitacionais da região como Espinhaço 9 ou a Herdade da Sapatoa (MATALOTO, 2007). Este murete era composto por blocos pétreos de xisto de médio calibre com cerca de 0,40 m de espessura, atingindo o comprimento de 1,50 m ao longo do muro sudoeste do ambiente 1.

O A1 era delimitado a W pelo muro de separação do A3 e em zona contígua a este, no canto N, fechado por uma estrutura circular com 3,5 m de diâmetro (identificada como A2), de construção análoga às demais, com blocos imbricados de xisto e quartzo, muito destruída, que na fase de escavação foi interpretada como um possível forno, dadas as suas dimensões

e os abundantes vestígios de combustão no espólio recolhido, reforçando a ideia de uma utilização doméstica para este espaço. Todavia, a sua escavação apenas permitiu a identificação do anel pétreo que compunha a base da mesma, encontrando-se muito destruída e preenchida por um nível de colmatação semelhante ao identificado no interior do A1, a UE4. O espólio associado à sua definição era também variado, observando-se a total ausência de formas abertas, com especial relevo para as formas vocacionadas para a produção e confecção de alimentos a quente, com inúmeros vestígios de exposição a fogo.

2.1.4.3.2. Ambiente 3

Este espaço localizava-se a noroeste do ambiente 1, apresentando uma planta rectangular com uma área aproximada de 14 m². A natureza deste espaço afigurou-se mais complexa, pelo facto da maioria das estruturas se encontrar muito destruída, constatando-se a sua natureza tardia face aos espaços edificados a W e SW, que deveriam apresentar uma articulação, distribuição e acesso diferenciados. A presença dos dois muros paralelos que delimitam este compartimento a N parece confirmar esta hipótese: numa primeira fase, o limite deste espaço deveria ser tomado a partir do muro exterior, onde se observava um vão ou acesso ao interior do próprio conjunto habitacional, correspondendo a área ocupada pelo A3 a uma continuação natural do *pátio* ou corredor interior, sem definir uma articulação funcional própria. Nesta fase, o acesso ao conjunto de estâncias seria efectuado por NE; posteriormente, este acesso NE é cerrado com a construção de um segundo muro reformulado a partir do primeiro e paralelo a este, que define o limite do ambiente 3. O espaço antes aberto ao ambiente 4 é cerrado com a construção de novas estruturas, desconhecendo-se contudo como se processaria o acesso a este novo espaço, uma vez que não foi observada com segurança a presença de qualquer vão ou interrupção natural das estruturas murais. Ainda assim, este deveria ser efectuado a partir do espaço central ou pátio (A9) ou de uma eventual área vestibular deste, definida pela presença de um muro a S do A3, no prolongamento da área descoberta do A9.

Ainda que não tenha sido escavado na totalidade, a estratigrafia do seu interior revelou uma sequência composta por um nível de “solo” ou pavimento regula-

rizado idêntico ao pavimento observado no ambiente 1⁸, a U.E. 9, de barro enegrecido bastante compactado, imediatamente sobre o qual foi exumado abundante espólio arqueológico fragmentado, associado a estratos argilosos de coloração castanho avermelhada, a U.E. 7 e a U.E. 6.

Este nível encontrava-se posteriormente truncado pela presença de um depósito sedimentar colmatado por diversas lajetas de xisto, interpretado como uma aparente regularização de solo deste ambiente, a U.E. 5, desta feita com algum material estrutural em xisto e recoberto pela U.E. 4, um depósito sedimentar com igual abundância de materiais cerâmicos identificado com o nível de abandono do local.

Do exterior do A3, definido como o exterior do espaço edificado foram também recolhidos alguns materiais cerâmicos onde se salienta um fragmento de um prato de perfil carenado em engobe vermelho.

2.1.4.3.3. Ambiente 4

Tal como o ambiente 3, o ambiente 4 apresentava uma planta rectangular, embora de dimensões substancialmente mais reduzidas, com cerca de 6 m², localizado em área contígua ao A5 e a NW do A3.

A reestruturação do espaço observada no A3 afectou igualmente esta estância, inicialmente menor. As estruturas murais detectadas na zona central deste espaço sugerem uma primeira edificação de planta rectangular, posteriormente integrada no conjunto construído contíguo deste espaço e do A5, cujo acesso seria, nesta área, efectuado por E, através de um vão com cerca de 1 m. Este momento parece decorrer em fase prévia à construção do A3, cujo cerramento do acesso por NE ao conjunto construído, obriga à remodelação e a uma nova distribuição dos espaços.

A nível estratigráfico, ainda que este espaço não tenha sido totalmente escavado, as informações obtidas no curso das sondagens iniciais efectuadas no local permitiram confirmar a colmatação do primeiro conjunto de estruturas com a remodelação interior do A4, sob um estrato de terras avermelhadas e nódulos de argila (U.E. 6) que preenchia o conjunto e sobre o qual se detectou a U.E. 5, um nível compacto e semi-argiloso e os níveis subsequentes, com presença de diversos materiais cerâmicos.

De realçar, que, neste espaço, assim como em praticamente toda a área escavada, o material cerâ-

⁸ Devido ao declive na zona sudeste da estação arqueológica, este pavimento e o pavimento do ambiente I destacavam uma ligeira diferença altimétrica.

mico dos estratos inferiores, se encontrava muito fragmentado, podendo revelar uma intencionalidade relacionada com a colmatação/regularização de uma nova etapa de construção/remodelação dos conjuntos. O espólio recuperado, exclusivamente cerâmico, traduziu-se numa amostra muito reduzida, o que inibe possíveis leituras quanto à sua funcionalidade. A disposição e reduzidas dimensões do A4 parecem ser pequenas para constituir uma área funcional, coadunando-se a uma eventual área de anexo ou de armazenagem.

2.1.4.3.4. Ambiente 5

Localizado no centro da elevação onde se implanta o sítio arqueológico, o ambiente 5 apresentava cerca de 27 m², acedido directamente a partir do pátio a W, com um desnível vencido por dois degraus compostos por duas lajes de xisto sobrepostas. Tratava-se de um compartimento de planta rectangular que apresentava um pequeno espaço diferenciado no limite sudeste, interpretado como uma pequena divisão anexa ao compartimento em questão e correspondia, a seguir ao A1, ao maior espaço identificado no local. Uma vez mais, o facto de não ter sido escavado na totalidade inibe grandes considerações sobre a sua natureza.

A estratigrafia deste espaço revelou sobre o afloramento rochoso, um estrato sedimentar com abundante espólio arqueológico e forte presença de elementos pétreos de xisto de grandes dimensões, associado ao derrube interno das estruturas ou paredes, sobre a qual se observavam a U.E. 5 e a U.E. 4, esta última de grande potência, onde foram recolhidos diversos conjuntos cerâmicos.



Fot. 8 – Ambiente 5: Peça (019)7800, em cerâmica de tipologia e funcionalidade desconhecidas.



Fot. 9 e 10 – Peça (019)7800: Fotografias após limpeza e trabalhos de conservação e de restauro.



Fot. 11 – Peças (019)2175, (019)2037, (019)2173 e (019)2174.

2.1.4.3.5. Ambiente 6

O ambiente 6 apresentava uma planta igualmente rectangular com uma área de cerca de 16 m². O seu acesso era efectuado a partir do ambiente 1 por um vão, já descrito, no muro SE que foi posteriormente alteado por um conjunto de degraus compostos por lajes de xisto, dispostos sobre a U.E. 3, um estrato de coloração castanho avermelhada e argiloso que recobria todo o ambiente 6.



Fot. 12 – Vista para noroeste do Ambiente 6.



Fot. 13 – Ambiente 6: Estrutura de combustão.

Esta unidade cobria o afloramento xistoso, relativamente regularizado nesta área, que deveria corresponder a um nível de circulação e uma estrutura de combustão, a U.E. 6, centrada em relação ao ambiente 6, de planta rectangular, delimitada por uma *caixa* de lajes de xisto. As terras compactas do interior desta estrutura apresentavam abundantes carvões e materiais cerâmicos com vestígios de exposição a fogo. Este nível era coberto pelos depósitos associados à U.E. 3.

A relação directa deste espaço com o ambiente 1 permite considerar esta área como zona contígua de relacionada com as actividades domésticas, nomeadamente a confecção de alimentos e a armazenagem, sustentadas pela profusão de formas cerâmicas relacionadas com a produção e utilização a fogo e de grande volumetria coadunadas à armazenagem.

2.1.4.3.6. Ambiente 7

Desde logo se tornou evidente que apesar de integrar em dado momento o programa construtivo dos restantes espaços deste complexo habitacional, o

ambiente 7, localizado no extremo W da área escavada, não pertencia ao momento original de construção do ambiente 5, correspondendo uma etapa posterior à sua execução. A relação entre estes espaços justapostos paralelamente e com algumas diferenças a nível do aparelho construtivo das estruturas pétreas parece indicar que o ambiente 7 e o restante conjunto de estruturas que se desenvolvem a noroeste e oeste deste correspondem a um momento de reformulação e maior complexificação deste conjunto habitacional.

Os limites físicos da área escavada neste sector inibiram a real percepção destes momentos, bem como a identificação e possível interpretação das restantes e eventuais demais estâncias nesta área, salientando-se apenas a presença de outros espaços ou ambientes a noroeste deste espaço 7 e a oeste, numa eventual continuação deste, que foram definidos a fim de melhor identificar e organizar as realidades escavadas e os conjuntos cerâmicos recuperados.

Originalmente mais amplo, o ambiente 7 foi convertido num espaço de contornos rectangulares com cerca de 6 m² de área interior, delimitado internamente por uma estrutura mural muito destruída mas da qual foi possível observar o alinhamento que organizaria o espaço interior em duas divisões: a primeira, de planta quadrangular, aproximada aos espaços também identificados nos ambientes 4 e 5; e a segunda, aberta e acessível por noroeste, posteriormente fechada ou “estrangulada” pelo muro de orientação noroeste – sudeste que delimita o *pátio* central da estação.

Quanto à estratigrafia observada, revelou um estrato com grande abundância de materiais pétreos, muito possivelmente associados ao momento de destruição/alteração e remodelação deste espaço, registando a escassez de materiais arqueológicos, facto não invulgar se consideramos que este perímetro poderá ter funcionado como uma zona de circulação entre espaços e não tanto como uma divisão específica. Estes espaços construídos estão também localizados numa zona de suave pendente da plataforma do local, cujo ponto mais alto se situa na área do A5, registando-se uma potência estratigráfica menor nestes sectores, explicando a parca estratigrafia detectada no interior destes compartimentos.

2.1.4.3.7. Ambiente 8

Um segundo espaço “encaixado” entre os ambientes 1 e 6 de planta rectangular foi igualmente identificado e escavado, apresentando uma planta rectangular, apesar dos seus limites sul e este não se encontrarem



Fot. 14 – Ambiente 8: Fossa.

completamente definidos. Os seus muros divisórios encontravam-se ao nível dos alicerces das fundações, com alçados conservados de cerca de 10 cm e sem vestígios da presença de um acesso ou vão a partir dos espaços 1 ou 6. O efectivo desconhecimento da sua planta completa impede uma leitura precisa do esquema de circulação e acesso ao mesmo, que poderia efectuar-se também a partir de W.

No interior deste espaço, após a remoção da U.E. 5 foi observada uma estrutura negativa do tipo fossa/depressão, de contornos irregulares ligeiramente ovalada, escavada no afloramento xistoso, no canto NE do A8, junto aos muros de limite do espaço. Apesar de não ter sido escavada na totalidade, revelou uma estratigrafia de preenchimento composta por depósitos sedimentares com abundante material cerâmico: sob a U.E. 5, identificou-se um nível de terras castanhas muito escuras, compactadas, com grande concentração de pequenas lascas de xisto, provavelmente resultantes do processo de deterioração do próprio afloramento xistoso, a U.E. 6 e sob esta a U.E. 7, composta por terras castanhas avermelhadas, barrentas e compactadas, com grande concentração de pequenas lascas de xisto, também estas provavelmente resultantes do processo de deterioração do próprio afloramento xistoso.

Do seu interior foram exumados bastantes pedras de xisto de pequeno e médio calibre e alguns fragmentos de cerâmica comum e de cerâmica de construção (telha), na sua maioria das terras da U.E. 5.

2.1.4.3.8. Ambiente 9

A denominação deste espaço como *pátio* pretendeu realçar esta área interior como um elemento de estruturação das diferentes estâncias, com uma fun-

cionalidade própria como um importante espaço de circulação uma vez que todas as entradas detectadas apresentam em comum um acesso a este espaço interior. Apresentava uma área aproximada de 104 m²; configurando de longe o maior espaço observado neste conjunto de vestígios.

Possuía planta rectangular, apesar de incompleta, desconhecendo-se como se processava o seu encerramento (provavelmente a partir de sudeste) e relação com os demais espaços a sul, sudeste ou oeste, zonas de possível acesso geral. De igual modo, na ausência de elementos estruturais que indiquem possíveis pavimentos em lajes, devemos considerar que seria recoberto por um nível de solo térreo, destacando no limite com os ambientes 3 e 5 um vasto derrube de elementos pétreos de xisto.

O conjunto material exumado neste espaço não destacou distinções em relação às restantes áreas pelo que será de assumir, que para além da articulação da circulação interna do sítio, este espaço seria utilizado para desenvolver funções próprias do contexto rural do local.

2.1.4.3.9. Ambientes 10 e 11

Com a remodelação do A7, são também edificados diferentes espaços a W, designados como ambientes 10 e 11, que indiciam a continuidade das estruturas para S e W da plataforma, atestando a crescente complexificação deste complexo edificado.

2.1.5. Arquitectura e organização espacial

O conjunto de locais de cronologia sidérica escavados pelo Bloco 14 apresenta uma série de elementos no âmbito da organização dos espaços que merecem algum destaque, assumindo linhas de continuidade e algumas diferenças face a locais de cronologias coevas.

Estas considerações foram condicionadas pela natureza das intervenções levadas a cabo, a destruição causada pelas acções agrícolas, nos casos do Espinheiro 9 e Monte Roncanito 2, que limitaram o nosso conhecimento sobre as estruturas dos locais, pela própria natureza do registo, não vocacionado para a problemática das questões estruturais e pela premissa de arqueologia de emergência, que impediu a escavação integral de muitos dos contextos observados, que assumem assim carácter de amostras sobre as realidades antigas. De toda a forma, a leitura dos elementos construtivos é também ela fundamental para a estruturação dos faseamentos de cada sítio escavado e para a integração

e abordagem funcional dos contextos, uma vez que, na maioria dos casos, os espaços construídos não são estáticos mas antes reparados e remodelados/reconstruídos total ou parcialmente.

Para os quatro locais em análise a informação disponível é distinta e desigual: Se nos casos do Monte Roncanito 2 e do Espinhaço 9 as sondagens efectuadas puseram a descoberto locais fortemente afectados pelas práticas agrícolas, com um elevado grau de destruição dos contextos arqueológicos e com uma potência de solos escassa; já o Monte Roncanito 4 e o Monte Roncão 11 destacaram-se pelo nível de conservação das estruturas e contextos, permitindo uma amostra substanciada dos espólios e das amostras estruturais e arquitectónicas, observando desde logo um conjunto de elementos que permitem supor reestruturações e alterações aos modelos originais.

Factor comum é o seu carácter habitacional e doméstico, materializado nos espólios recolhidos e num conjunto de soluções arquitectónicas pautadas pelo recurso ao material pétreo local, recuperado no entorno directo dos habitats. Foram identificados muros, soleiras, pavimentos, estruturas de apoio, estruturas de sustentação, ainda que de forma desigual, em todos os locais, revelando uma coesão estrutural neste conjunto de locais.

Os quatro locais apresentavam estruturas murais construídas em pedra de xisto, isolada ou combinada com quartzo, segundo diferentes modelos técnicos. Não apresentavam fundações detalhadas, limitando-se à construção directamente sobre o afloramento rochoso, minimamente nivelado para o efeito ou sobre uma pequena camada de terra de regularização, que poderia corresponder à desagregação da própria rocha de base, como detectado em Espinhaço 9. Em alguns casos, esta camada de nivelamento, poderá ter servido como um nível de cimentação/circulação ou pavimento dos espaços, encontrando-se esta técnica atestada no Monte Roncanito 4, com paralelos no habitat do Monte dos Serros Verdes 4 (ALBERGARIA & *alii*, no prelo, p. 7).

Os paramentos murais observaram alguma diversidade construtiva, por vezes num mesmo espaço ou edifício, realçando a capacidade de adaptação e o carácter moldável destes modelos arquitectónicos e a capacidade adaptativa das comunidades locais, com presença de estruturas conservadas ao nível das fundações, de maior espessura e/ou dos alçados dos paramentos, alcançando cerca de 0,70 m no Monte Roncão 11 e 0,40 m do Monte Roncanito 4. Apesar da relativa conservação, a concentração de materiais pétreos nos níveis superficiais de todas as áreas escavadas sugeria

a destruição parcial ou mesmo total, em alguns casos, das estruturas.

O modelo construtivo dominante correspondeu à organização de blocos pétreos de xisto e quartzo afeixoados dispostos de forma transversal e/ou perpendicular, preenchidos com blocos menores e ligados com terras argilosas, observando-se o recurso ao travamento dos cantos com a disposição de elementos pétreos em cunha a fim de reforçar as estruturas. Este esquema foi observado em Espinhaço 9, Roncanito 2 e 4 e Monte Roncão 11. No Monte Roncanito 4 foram igualmente documentados paramentos compostos por lajes de xisto imbricadas e dispostas perpendicularmente, com o interior preenchido por blocos de xisto e quartzo e por terras avermelhadas muito argilosas e compactas, registando-se ainda no A1 deste espaço o recurso à construção em perpianho, que tratando-se de uma técnica de construção de maior coesão e solidez construtiva, parece neste caso estar associada a reparações, reestruturações da área edificada e a um eventual reforço das estruturas mais vulneráveis. Ainda que diversificadas, estas soluções construtivas encontram amplos paralelos nos povoados alentejanos nos geograficamente próximos Herdade da Sapatoa, Malhada das Taliscas ou outros (CALADO, MATALOTO & ROCHA, 2007; CALADO, MATALOTO, 2008).

As espessuras dos muros oscilaram entre os 0,40, mais vulgarizados e os 0,70 m, com paredes meias, faceadas a diferentes espaços articulados e paredes justapostas ou duplas, associadas a eventuais reformulações dos interiores dos edifícios. Com excepção dos muros construídos segundo a técnica do perpianho no Monte Roncanito 4, as restantes estruturas eram compostas por aparelhos mistos, com recurso a xisto e quartzo, não tendo sido detectada uma utilização preferencial de determinada matéria-prima em detrimento de outra.

Nos casos do Monte Roncão 11 e Roncanito 4 há que salientar a presença de soluções que, dadas as contingências do tipo de intervenção, não foi possível caracterizar com a devida segurança. São disso exemplo a presença de muros duplos ou muros singulares com espessura de cerca de 1 m que podem estar relacionados com remodelações dos espaços edificados, reforços estruturais das construções ou eventuais alicerçamento para construções com mais do que um único piso. O mesmo pode ser entendido para algumas estruturas eventualmente entendidas como possíveis contrafortes de reforço das paredes, como a estrutura observada no exterior do A1 do Monte Roncão.

As paredes seriam erguidas maioritariamente em terra, constatada pela abundante presença de nódulos

de barro com negativos de ramagens e de materiais de apoio, observados em Monte Roncanito 2 (Sondagem 1, U.E. 3, muro 4), Monte Roncão 11 e no Monte Roncanito 4 e poderiam eventualmente apresentar um revestimento igualmente em terra, que apesar de não ter sido observado nos locais em apreço, se encontra documentado nos complexos edificados extremos de «La Mata» (RODRÍGUEZ DÍAZ e ORTIZ ROMERO, 2005, p. 109 e p. 112, fig. 18B) ou Cancho Roano. A dificuldade de definição destes depósitos dos restantes derrubes das paredes inibe uma possível percepção destas eventuais realidades.

Do mesmo modo, também os pavimentos, quando detectados, corresponderam maioritariamente a pisos térreos acamados sobre o afloramento base sobre os quais foram recolhidos abundantes conjuntos cerâmicos. O mesmo foi observado no Monte Roncão 11 e no Monte Roncanito 4. Em alguns casos resultou difícil discernir entre os níveis de chão e os restantes depósitos devido à homogeneidade e compactação entre os primeiros e os segundos.

A deposição destes acompanhava a inclinação natural do terreno, sendo o acesso aos compartimentos efectuado a partir de vãos correspondentes a interrupções naturais dos muros, com acessos entre os 0,80 m e 1,20 m. No caso do Monte Roncão 11, onde os compartimentos se encontravam construídos a quotas ligeiramente distintas devido ao relevo natural da plataforma, os desníveis de acesso foram vencidos com recurso a degraus/soleiras de contornos semi-retangulares e/ou com lajeados de colmatação que desempenhavam a mesma função, como atestado no caso dos acessos entre o A1 e o A6.

Foram igualmente registadas evidências de possíveis lajeados, que apesar de muito destruídos permitem supor a sua utilização como parte de possíveis pavimentos detectados no espaço descerrado no Monte Roncanito 4 e muito possivelmente também no Monte Roncão 11, no A9, zona descerrada com função de pátio. Como tem sido advogado, (MATALOTO, 2007; RODRÍGUEZ DÍAZ, CHAUTÓN PEREZ e DUQUE ESPINO, 2006) correspondem a soluções preferenciais para espaços abertos ou parcialmente descerrados, registando uma tendência para os espaços exteriores, por oposição aos pavimentos de “terra”, preferenciais para áreas cobertas, ainda que também possam estar relacionadas com o isolamento de possíveis humidades a partir do solo (RODRÍGUEZ DÍAZ e ORTIZ ROMERO, 2005, p. 119). No âmbito dos pisos ou níveis de circulação há ainda a destacar a solução observada em Espinhaço 9, no

A1, onde foi identificado um “empedrado” de blocos de quartzo de pequeno e médio calibre, dispostos de modo organizado e preenchidos com um sedimento argiloso avermelhado que assentava directamente sobre a rocha de base. Tal como os lajeados, trata-se de soluções observadas em espaços abertos identificadas em alguns locais de cronologias da segunda metade do milénio localizados na margem esquerda, entre a foz do Zebro e do Alcarrache como o Monte da Pata 1 e a Estrela 1 (ALBERGARIA & *alii*, no prelo). No caso de Espinhaço 9, a presença desta estrutura poderá estar relacionada com a necessidade de preencher e colmatar as irregularidades do afloramento, que apresentava desníveis consideráveis no interior deste espaço e a construção de uma estrutura coesa e mais resistente que um pavimento em terra.

No que respeita à orgânica interna dos espaços escavados e à sua arquitectura interna, as informações disponíveis são relativamente uniformes e de análise limitada. Apenas foram registadas sub-estruturas (buracos de poste) em Espinhaço 9, no A1, alinhado ao eixo central do compartimento, aberto no *empedrado* acima descrito e em Monte Roncão 11, também no A1. Este facto pode ser em parte explicado pelo facto de nem todos os compartimentos observados terem sido integralmente escavados.

Não obstante, demonstram o recurso a sistemas de revestimento e cobertura das estâncias, cabendo ressaltar a este propósito que, em alguns casos, as áreas destes compartimentos são muito extensas e os vãos entre paredes demasiado amplos para não contemplar a existência deste tipo de estruturas. Dada a ausência de materiais de construção associados a estes contextos, as coberturas seriam em materiais perecíveis, amplamente documentados em locais de cronologias da quinta centúria, na Extremadura espanhola em La Mata, onde foram identificados esquemas de cobertura mediante matérias vegetais entrançadas em estruturas de madeira carbonizadas (RODRÍGUEZ DÍAZ e ORTIZ ROMERO, 2005, p.104) ou no mundo ibérico em El Puntal dels Lops ou Illa d'en Reixac (BELARTE FRANCO, 1987, p.89).

As razões invocadas para a ausência das sub-estruturas são válidas para as estruturas de combustão ou lareiras pouco representadas no conjunto dos espaços identificados, em particular no Monte Roncão 11, onde os conjuntos cerâmicos assumem uma vocação de uso eminentemente doméstico e habitacional do local. Quando existentes, apresentavam algumas variações tipológicas, salientando-se a presença de estruturas de combustão simples, de contornos circulares, com cerca

de 0,70 m de diâmetro e sem contornos ou molduras estruturais, semelhantes às estruturas registadas no povoado estremenho de Los Caños, Zafra (RODRÍGUEZ DÍAZ, CHAUTÓN PEREZ, DUQUE ESPINO, 2006, p. 92, fig. 9), no A3 de Monte Roncãito 4 e estruturas de combustão em *caixa* rectangular no A3 de Espinhaço 9 e no A6 de Monte Roncão 11, também documentadas no povoado rural da Sapatoa, Redondo (Mataloto, 2007) e em outros povoados rurais baixo-alentejanos: Corvo I (MAIA & CORREIA, 1985, p. 247) ou Porto das Lages (CORREIA, 1989-90, p. 83). Estas últimas apresentavam cerca de 1 m de longitude máxima, localizadas aos eixos centrais dos compartimentos compostas por uma capa de barro endurecida de tom avermelhado sobre um nível muito argiloso com cerâmicas muito fragmentadas acamadas.

No quadro da arquitectura dos espaços interiores cabe ainda mencionar a presença de um possível banco ou poial em Monte Roncão 11, no A1, amplamente reconhecidos nos povoados rurais alentejanos e estremelhos, associados à orgânica e estruturação interna dos espaços domésticos.

Por último cabe também ressaltar a existência de um tipo de estrutura de planta circular ou sub-circular identificada nos sítios de Espinhaço 9 e Monte Roncão 11, descrita como A2. No primeiro local, apresentava um diâmetro de cerca de 2,5 m, encontrando-se adossada ao canto W do A4 e era composta por um anel pétreo em xisto, muito destruído, semelhante à estrutura do Monte Roncão 11, que apresentava contudo um diâmetro superior, de cerca de 3,5 m. Nas terras de enchimento e colmatação do anel pétreo desta última foram recolhidos diversos materiais cerâmicos com vestígios de exposição a fogo que poderiam traduzir uma funcionalidade relacionada com estruturas de combustão, fornos ou outras estruturas afins. A escassez de dados sobre a mesma inibe contudo uma interpretação segura desta hipótese, apesar de no povoado de Espinhaço de Cão (CALADO & MATALOTO, 2007, p. 16; MATALOTO, 2007) ter sido documentada uma estrutura sub-circular com vestígios de uma cúpula ou outra estrutura aérea e um piso regular em seixos de quartzito.

Nos casos de Monte Roncãito 4 e Monte Roncão 11, a complexidade dos edifícios escavados, constituídos por vários compartimentos, organizados segundo um aparente espaço que garante o acesso a um conjunto de estâncias interiores, que funcionariam ainda como áreas vestibulares de ligação a outros espaços, parece definir uma organização consecutiva. A disposição interna do habitat, de acordo com os dados disponíveis, parece não seguir uma estruturação me-

ramente axial, mas antes obedecer a uma evolução do espaço habitacional, possivelmente alargado de acordo com as necessidades da comunidade local. Este aspecto não desestruturou o conjunto de estruturas, antes alterou e reformulou alguns espaços interiores e acrescentou outros, tratando-se de uma característica comum a alguns habitats rurais do Alentejo Central e da Extremadura espanhola, onde salientamos a título de exemplo o conjunto de Los Caños, Zafra, Badajoz (RODRÍGUEZ DÍAZ, CHAUTÓN PÉREZ & DUQUE ESPINO, 2006, p.77).

2.2. Cerâmicas e outro espólio dos sítios da Idade do Ferro

2.2.1. Introdução

O presente estudo comparativo de materiais arqueológicos provenientes das quatro estações arqueológicas em análise, Espinhaço 9, Monte Roncãito 2A, Monte Roncãito 4 e Monte Roncão 11, assenta basicamente nas características das cerâmicas que, apesar de estarem contextualizadas, não foi possível, nessa fase dos trabalhos (2005), compará-las com os compartimentos de onde provieram, nem com as quadrículas, unidades estratigráficas (U.E.) e planos que as referenciam.

Apesar dessa falta verificou-se que os conjuntos são bastante homogêneos, apenas com alguns materiais cronologicamente distintos, tanto a montante como a jusante.

O grosso dos materiais insere-se no período fenício-púnico, com uma ocupação sidérica no período orientalizante, e apresenta alguns materiais cuja cronologia se pode estender até ao século III a. C.

Faz-se notar que este estudo foi concluído em inícios de 2005 não tendo sofrido qualquer posterior revisão ou actualização, para além de algumas pequenas precisões, pelo que se considera como um documento de trabalho datado que requer futuros desenvolvimentos.

2.2.2. O estudo das cerâmicas

Após o processo de montagem dos perfis e secções das peças, que ocupou uma boa parte do tempo despendido na sua catalogação, e depois de seu desenho à escala de 1/1, começaram a ser elaboradas as tabelas tipológicas das peças desenhadas, tendo em vista seu estudo posterior e respectiva inserção cronológica.

Foram estudadas, como já foi referido, quatro estações arqueológicas, a saber:

1 – Espinhaço 9, com 23 peças e 35 desenhos efectuados;

2 – Monte Roncanito 2A, com 67 peças e 87 desenhos efectuados;

3 – Monte Roncanito 4, com 127 peças e 164 desenhos efectuados;

4 – Monte Roncão 11, com 667 peças e 806 desenhos efectuados.

2.2.2.1. Determinação de tipologias e cronologia

Acerca da tipologia dos materiais estudados, foi verificado que são bastante homogêneos, com poucas variantes de estação para estação e integráveis todas num dado momento histórico, que aponta para o período orientalizante, com balizas cronológicas entre 700 e 500 a. C., e não foram verificadas quaisquer sobreposições de ocupações humanas sidéricas, quer anteriores quer posteriores, embora apareçam alguns materiais que fogem à cronologia estabelecida.

No caso de Monte Roncão 11 talvez se possa interpretar uma estrutura circular subjacente a estruturas rectangulares, como de um outro período anterior não muito distante. A querer corroborar esta hipótese, está o facto de a cerâmica ser bastante diferente do resto do conjunto, o que terá de ser analisado com maior pormenor.

2.2.3. Períodos cronológicos e sua relação com os materiais estudados

2.2.3.1. Pré-história

2.2.3.1.1. Materiais líticos

Das quatro estações estudadas, três apresentaram escassos materiais pré-históricos: o Roncanito 2A (Tipo 5) apresentou um percutor neo-calcolítico e dois seixos com levantamentos que alguns autores consideram como “indústrias macrolíticas” associadas ao período neo-calcolítico e outros consideram do paleolítico, o que não seria estranho aparecer na zona do rio Guadiana.

O Monte Roncanito 4 (Tipo 5) apresenta um seixo com levantamento de lascas, um fragmento de lâmina, um seixo com um levantamento e um disco de xisto com perfuração central. Esta última peça tem uma cronologia vasta podendo estender-se desde o Calcolítico até à Idade do Ferro.

O Monte Roncão 11 (Tipo 7) apresenta um machado de anfibolito.

2.2.3.1.2. Materiais cerâmicos

Das quatro estações estudadas, todas apresentaram raras cerâmicas que parecem ser pré-históricas, diferindo as suas características morfológicas e tipológicas do restante conjunto. Constitui excepção o Monte Roncanito 4 que apresentou uma concentração maior de cerâmicas pré-históricas: nestas se incluem três taças e uma panela com pega mamilar.

O Espinhaço 9 apresentou apenas um fragmento de panela com unhas que parece ser pré-histórica, apesar deste motivo parecer também em contextos da Idade do Ferro.

O Monte Roncanito 2A apresentou uma panela com pega mamilar.

Por sua vez, o Monte Roncão 11 (Tipo 3, I) apresentou um copo, uma taça e uma panela com pega mamilar.

2.2.3.2. Período romano

São escassos os materiais recolhidos de época romana. Com efeito apenas foi identificado um fragmento de fundo de ânfora (Monte Roncão 11, Tipo 3, H), a que é difícil definir a tipologia e cronologia aproximada, por o fragmento ser muito reduzido e alguns (poucos) imbrices mais clássicos (Monte Roncanito 4, Tipo 7, B e Monte Roncanito 2A, Tipo 7, C), encontrados em camadas mais profundas e contextualizadas.

2.2.3.2.1. Tardo-romano/visigótico

Não foram referenciados materiais cerâmicos deste período, com excepção de alguns imbrices de várias espessuras, geralmente muito toscos. Aparecem também e exclusivamente nas estações arqueológicas de Monte Roncanito 2A (Tipo 7, B) e Monte Roncanito 4 (Tipo 7, A e C).

2.2.3.3. Período de Época Moderna a Contemporânea

É também exclusivamente nas estações de Monte Roncanito 2A e Monte Roncanito 4 que apareceram algumas telhas de cronologia moderna, sendo a maior parte bastante recente. Em todo o caso não são muitos os exemplares recolhidos, o que se pode dever ao facto de serem materiais bastante recentes e não serem significativos em termos da caracterização arqueológica dos sítios. São geralmente provenientes da superfície ou das primeiras camadas.

No Monte Roncanito 2A apareceu ainda, à superfície, o bocal de uma talha de época contemporânea, peça (028)1799.

2.2.3.4. Da Época Fenícia ao séc. III a. C.

2.2.3.4.1. Bronze Final

Os materiais inventariados para este período são pouco característicos e muitos deles podem ser calcolíticos, dado que são formas que têm sido rastreadas nestes dois períodos cronológicos.

O que nos leva a inseri-los neste período, prende-se com o facto de não terem sido encontradas estruturas associadas ao período neo-calcolítico. Para o Bronze Final, a existência de uma casa circular que subjaz a estruturas rectangulares associadas a cerâmicas da Idade do Ferro em Roncão 11, pode ser indicativo da existência de alguma ocupação sidérica neste período.

Das quatro estações estudadas apenas o Espinhaço 9 não apresenta cerâmicas que se possam inserir neste período. No Monte Roncanito 2A, apareceu uma pança com pega mamilar (Tipo 4, B), no Monte Roncanito 4, três panças com pegas mamilares (Tipo 4, A) e no Monte Roncão 11, uma pança com pega mamilar (Tipo 4, J), potes com incisões no bordo (Tipo 3, L), dois bordos de potes com aplicação mamilar no interior (Tipo 3, F) e um com peça mamilar junto ao bordo (Tipo 3, B).

2.2.3.4.2. Idade do Ferro

Todas as estações arqueológicas estudadas apresentam como característica comum a existência de estruturas rectangulares associados a materiais cerâmicos inseríveis neste período. Em todas aparecem algumas peças muito semelhantes que as identificam com uma mesma cultura.

Em todas aparecem as taças de torno, de paredes finas, com pastas acastanhadas, sendo as de pasta cinzenta a excepção. Em todas aparecem os potes de perfil em S, com uma pequena parte deles feitos à mão.

2.2.3.4.2.1. Taças de paredes finas

2.2.3.4.2.1.1. Espinhaço 9

Do total de 310 fragmentos inventariados, foram descritos e desenhados 23 fragmentos, o que corresponde a 7,5 % do total. Destes 23 fragmentos, três são constituídos por taças, o que representa 13% das peças.

Apresentam muitas semelhanças com as taças apresentadas por SCHUBART (2002), nas lâminas 8, 9 e 10, datadas de época fenícia, entre os séculos VII e VI e nas da figura 82, da monografia de Ana Arruda (2002) que, sendo diferentes na cor e nas pastas das de cerâmica fina cinzenta, apresentam polimento das superfícies que é o caso da maior parte dos exemplares do presente estudo. Segundo a autora, a sua cronologia pode ir até ao séc. V a. C.

2.2.3.4.2.1.2. Roncanito 2A

Do total de 381 fragmentos inventariados, foram descritos e desenhados 67 fragmentos, o que corresponde a 17,5 % do total. Destes 67 fragmentos, 16 são constituídos por taças, o que representa 24% das peças.

Apresentam muitas semelhanças com as taças apresentadas por SCHUBART (2002), nas lâminas 8, 9 e 10, datadas de época fenícia, entre os séculos VII e VI e nas da figura 82, da referida obra de Ana Arruda (ARRUDA 2002) que, sendo diferentes na cor e nas pastas das de cerâmica fina cinzenta, apresentam polimento das superfícies que é o caso da maior parte dos exemplares do presente estudo. Segundo esta autora, a sua cronologia pode ir até ao séc. V a. C.

2.2.3.4.2.1.3. Monte Roncanito 4

Dos 1785 fragmentos inventariados, foram descritos e desenhados 124 fragmentos, o que corresponde a 7,5 % do total. Destes 124 fragmentos, 26 são constituídos por taças, o que representa 21% das peças.

Apresentam muitas semelhanças com as taças apresentadas por SCHUBART (2002), nas lâminas 8, 9 e 10, datadas de época fenícia, entre os séculos VII e VI e nas da figura 82, da citada obra de Ana Arruda (2002) que, sendo diferentes na cor e nas pastas das de cerâmica fina cinzenta, apresentam polimento das superfícies que é o caso da maior parte dos exemplares do presente estudo. Segundo esta autora, a sua cronologia pode ir até ao séc. V a. C.

2.2.3.4.2.1.4. Roncão 11

Do total de 7760 fragmentos inventariados, foram descritos e desenhados 806 fragmentos, o que corresponde a 10% do total. Destes 806 fragmentos, 185 são constituídos por taças, o que representa 23% das peças.

Apresentam muitas semelhanças com as taças apresentadas por SCHUBART (2002), nas lâminas

8, 9 e 10, datadas de época fenícia, entre os séculos VII e VI e nas da figura 82, da obra de Ana Arruda (2002) que, sendo diferentes na cor e nas pastas das de cerâmica fina cinzenta, apresentam polimento das superfícies que é o caso da maior parte dos exemplares do presente estudo, podendo, segundo esta autora, a sua cronologia ir até ao séc. V a. C.

Surge aqui como excepção uma taça de cor castanho-clara com engobe vermelho, peça (019) 7547.

2.2.3.4.2.2. Taças carenadas

As taças carenadas, que representam ainda um conjunto significativo, aparecem no Monte Roncão 11 e apresentam muitas semelhanças com as taças carenadas apresentadas por SCHUBART (2002), nas lâminas 9, datadas de época fenícia, entre os séculos VII e VI a. C. Também apresentam grandes semelhanças com as estudadas por Ana ARRUDA (2002), e representadas na figura 66, apesar de não apresentarem engobes vermelhos. São datadas a partir do séc. VII a.C.

A taça que aparece no Monte Roncanito 4 (Tipo 1, K) também apresenta grandes semelhanças com a peça 5 da fig. 66, da monografia de Ana Arruda (2002).

2.2.3.4.2.2. I. Taças hemisféricas

No Monte Roncão 11 estão também representados alguns exemplares deste tipo de cerâmica, com paralelos no já referido trabalho de Ana Arruda (ARRUDA 2002, Fig. 68), datados dos séculos VII e VI a.C.

2.2.3.4.2.3. Potes de bordos extrovertidos

Outro dos fósseis directores comuns a todas as estações estudadas são os potes de bordo extrovertido, mas não muito enrolados como na II Idade do Ferro. Têm como característica o seu fabrico manual, numa boa parte dos casos, diferente também dos potes da II Idade do Ferro que são já quase todos feitos a torno.

2.2.3.4.2.3. I. Decoração

Alguns destes potes apresentam decoração no exterior constituído por linhas incisadas em ziguezague, paralelas horizontais e paralelas verticais.

As linhas em ziguezague estão representadas no Espinhaço 9 e Monte Roncão 11, enquanto as linhas incisadas paralelas só aparecem em Monte Roncão 11 e associadas a taças carenadas finas, enquanto as anteriores estão associadas a potes grosseiros.

As linhas incisadas verticais associam-se por vezes a penteados e têm aspecto bastante arcaico (Monte Roncão 11), infelizmente os fragmentos são pequenos não deixando adivinhar a forma do recipiente.

Para além destes tipos são frequentes as dedadas e unhasdas (Espinhaço 9, Tipo 4, B e C; Monte Roncão 11, Tipo 4, B e I) e o espatulado (Monte Roncanito 4, Tipo 4, E; Monte Roncanito 2A, Tipo 4, A).

Este tipo tem paralelos em outras estações com influência fenícia como é o caso de Pedrada (Almada) onde se encontra cerâmica manual com digitalizações, unhasdas e incisões associadas a um prato de engobe vermelho (SILVA & SOARES, 1986, p. 135 e 137).

O único fragmento de cerâmica penteadada, que talvez se possa associar ao Bronze Final aparece no Monte Roncão 11 (Tipo 4, D).

Os ondulados exteriores feitos a torno aparecem no Monte Roncanito 4 (Tipo 4, D) e no Monte Roncão 11 (Tipo 3, X; Tipo 4, F).

2.2.3.4.2.4. Pratos

Foram registados alguns raros exemplares de pratos (Monte Roncanito 4, Tipo 10; Monte Roncão 11, Tipo 9, C). Apresentam muitas semelhanças com os pratos também raros encontrados por SCHUBART (2002) nas escavações de Toscanos e Alarcón (lâminas 6 e 7), datadas de época fenícia, entre os séculos VII e VI a. C.

2.2.3.4.2.5. Cossiros ou fusaiolas

O Monte Roncanito 4 apresenta dois cossiros; um arredondado com base plana (Tipo 8, A) e o outro plano (Tipo 8, B).

O Monte Roncão 11 apresenta uma maior variedade de cossiros, desde os bicónicos aos abolachados. O tipo 8 A apresenta algumas semelhanças com o Tipo 8 A do Monte Roncanito 4.

Os cossiros encontrados são bastante grosseiros e pouco uniformes, com muitos elementos não plásticos. Apesar do paralelo estabelecido ser com cossiros da Cultura Castreja, só o Tipo 8, B do Monte Roncão 11 apresenta semelhanças com os estudados por Armando Coelho (SILVA, 1986, Est. 81 e 82), que os situa cronologicamente na sua Fase II, ou seja, no período entre o séc. V e o II a. C.

No entanto, Pedro Salvado (1981), citando Zaida Castro Curel, refere que as formas bi e tronco cónicas existem já desde a I Idade do Ferro.

2.2.3.4.2.6. Asas

Na maior parte dos casos não foi possível associar a asa ao recipiente de que faria parte. De qualquer forma algumas ilações podem ser retiradas do conjunto que foi desenhado. As asas de fita andam associadas aos potes (Monte Roncão 11, Tipo 6, B) e as asas curtas, de secção subcircular e de arco muito fechado (Monte Roncanito 4, Tipo 6, A; Monte Roncão 11, Tipo 6, D) são asas de ânforas. Apresentam muitas semelhanças com as asas de ânforas fenícias apresentadas por Schubart (2002), na lâmina 14, datadas de época fenícia, entre os séculos VII e VI.

Um tipo muito particular de asa de rolo, de secção circular anda associado à boca de potes torneados de paredes finas (Roncão 11, Tipo 6, A) e através das suas características foi possível definir a mesma função para os fragmentos de asa de rolo circulares que surgiram no Monte Roncanito 4 (Tipo 6, B e D) e Monte Roncanito 2A (Tipo 6, A e B).

Este tipo de potes com asa sobre o bordo encontra paralelos num pote igual, mas mais tosco que apareceu na necrópole da Fonte Santa (Ourique) e datada também do período orientalizante (ARRUDA, 2001, p. 259). Também no artigo de Calado (CALADO & *alli*, 1999), sobre o Alentejo Central aparecem formas deste tipo.

Outros autores apresentam uma cronologia mais baixa para este tipo de pote com asa sobre o bordo, como é o caso de um pote proveniente do Castro da Azougada, Beja, considerando-o de tipo oriental, mas já dos finais da I, inícios da II Idade do Ferro (ALARÇÃO & SANTOS, 1996).

2.2.3.4.2.7. Fundos

Na maior parte dos casos os fundos desenhados não nos permitem saber a que peças pertencem. Porém, algumas características de pastas, espessuras de paredes e forma permitiram atribuí-las a determinada forma.

Os fundos com pé anelar andam associados às taças finas torneadas de pastas bem depuradas bem como alguns fundos planos (Monte Roncanito 2A, Tipo 2, C; Monte Roncão 11, Tipo 2, N, P e S).

Os fundos em ônfalo estão, num caso, associado a um pote globular (Monte Roncanito 4, Tipo 2, E) e noutro, a um fundo e pança de pote com ligeira carena na pança e nos outros casos, suspeita-se que talvez se possam associar a algumas taças (Monte Roncão 11, Tipo 2, L).

Alguns, mais espessos e com paredes mais verticais parecem pertencer a potes, outros pertencem a vasos ou a grandes taças.

2.2.3.4.2.8. Peças únicas

Algumas peças constituem exemplares únicos, com características que permitem uma identificação, classificação e datação mais precisa:

1 – *Larnax* (?) – O Monte Roncanito 2A apresenta ainda uma peça particular que se trata de uma espécie de bandeja rectangular com pé anelar alto e que se aproxima da tipologia dos *larnakes* (Tipo 9).

2 – Bocal de ânfora (Monte Roncão 11, Tipo 3, R) que apresenta semelhanças com as ânforas apresentadas por Juan Ramon (1981, Figura 2), com cronologia entre os séculos VIII e VI a. C., e que apresenta muitas semelhanças com as ânforas apresentadas por Schubart (2002), na lâmina 14, datadas entre os séculos VII e VI a. C., e com as apresentadas por Ana Arruda (2002, fig. 76).

3 – Fundo de ânfora (Monte Roncão 11, Tipo 3, H) com cronologia provável do séc. III a. C. (RAMON, 1981, Figura 6(1)).

4 – Copo – designado por Ana Arruda (2002) como “potinhos” – de Monte Roncão 11 (Tipo 1, N) formalmente semelhante ao representado na fig. 136, n.º 5, da mencionada obra.

5 – Vaso com carena. Proveniente de Monte Roncão 11 (Tipo 2, T) apresenta semelhanças formais com o vaso achado da necrópole escavada por Younès (1995), Planche IV (T I, 17), mas que é púnico (séc. III a I a. C.).

6 – Púcaro completo. Proveniente de Monte Roncão 11, que poderá datar do Bronze Final. Encontra paralelo num púcaro presente no catálogo da exposição temática efectuada no Museu Nacional de Arqueologia (ALARÇÃO & SANTOS, p. 176, n.º 1, 1996).

7 – Urna (?) globular. Proveniente de Monte Roncanito 4, apresenta grandes semelhanças com a urna globular apresentada por Javier Chamorro (1987, p. 214, fig. 15), apesar de lhe faltar a parte superior. Encontra-se datada dos finais do séc. VIII a. C.

8 – Fragmento de prato castanho-claro com engobe vermelho de Monte Roncanito 4, peça (028) 1350.

9 – Bordo e pança de taça castanho-clara com engobe vermelho de Monte Roncão 11, peça (019) 7547.

10 – Fragmento cerâmica ática ou de *sigillata* campaniense (?), no Monte Roncão 11.

11 – Apareceram alguns (poucos) materiais isolados como seja o caso de um fragmento de *sigillata* itálica (séc. I a. C.) e um de sudgálica.

2.2.3.4.2.9. *Materiais líticos*

Os materiais líticos deste período resumem-se a escassos seixos polidores/afiadores e encontram-se em todas as estações estudadas (Espinhaço 9, Tipo 5, A e C; Monte Roncanito 2 A, Tipo 5, C; Monte Roncanito 4, Tipo 5 C; Monte Roncão 11, Tipo 5 B).

Em todas as estações foram recolhidos alguns seixos arredondados, cuja funcionalidade como objecto utilitário nos parece duvidosa, devido ao facto de não apresentarem qualquer marca de uso (Espinhaço 9, Tipo 5, B; Monte Roncanito 2 A, Tipo 5, D; Monte Roncanito 4, Tipo 5 E; Monte Roncão 11, Tipo 5 C). De qualquer das formas os seixos foram trazidos do rio com alguma intencionalidade.

Do Monte Roncão 11 aparece a única pedra de granito de forja (centro picado e irregular).

2.2.4. Conclusões do estudo

Apesar de faltar efectuar a relação dos materiais cerâmicos com as estruturas dos quatro sítios estudados, os materiais desenhados e descritos podem correctamente inserir-se no período dito Orientalizante.

Alguns materiais não associados a estruturas pertencem tanto a períodos históricos anteriores (Pré-história) como posteriores (alguns fragmentos de Época Romana e escassos materiais visigóticos, modernos e contemporâneos).

Apesar de as cerâmicas estudadas encontrarem-se inseridas em quadrículas, planos e unidades estratigráficas, e algumas relacionadas com áreas mais restritas, referentes aos compartimentos escavados, o estudo efectuado baseou-se sobretudo na tipologia das formas que encontram paralelos em todos os locais com ocupação e/ou que sofreram influência fenícia na Península Ibérica, como são as formas de cerâmicas iguais às que foram encontradas em Fernão Vaz, datadas entre o séculos VII e o V a. C (ARRUDA, 2002).

No que se refere às taças hemisféricas com bordo arredondado, polidas em ambas as superfícies (interior e exterior) e com pastas bem depuradas, se bem que iguais às taças de cerâmica cinzenta fina, apresentam nestes quatro sítios, pastas acastanhadas, sendo raras as cinzentas.

As cerâmicas tipicamente fenícias ou fenício-púnicas encontram-se ausentes (cerâmicas pintadas em bandas), apenas tendo aparecido dois fragmentos com engobe vermelho.

Na maior parte dos casos estaremos em presença de imitações locais de cerâmicas orientais. Apesar de

existirem alguns materiais, cuja cronologia se poderá estender até ao séc. III a.C., o grosso das cerâmicas, poderá ser inserida no período entre os séculos VIII a. C. e o V a. C., com uma grande percentagem de cerâmicas feitas a torno, mas ainda com uma boa parte de peças feitas à mão (entre 15 e 30%). Estas eram, essencialmente constituídas por peças de cozinha, nomeadamente os potes.

Poderíamos citar uma bibliografia muito extensa, referindo um sem número de peças iguais às aqui estudadas, pelo que limitámo-nos somente a citar alguns dos autores, os quais constam na bibliografia, apesar das obras consultadas com cerâmicas deste tipo seja muito ampla.

Estes quatro sítios arqueológicos, constituídos por estruturas de planta ortogonal, configuram a existência, a avaliar pela pobreza de materiais achados, de pequenas quintas ou unidades agrícolas, talvez dependentes de povoados fortificados existentes nas imediações.

Este tipo de pequenas unidades agrícolas, já muito comuns no Bronze Final, situadas junto dos grandes rios, tem uma grande expansão durante a I Idade do Ferro, na metade sul do país.

A população, em muitos casos, senão na maioria, tratar-se-ia de um fundo indígena que foi sofrendo influências e aculturações, sobretudo nos casos aqui estudados, por parte de povos mediterrânicos.

2.2.5. Catálogo de peças

2.2.5.1. Espinhaço 9

2.2.5.1.1. Inventário

Peça (029)0002 - Percutor sobre seixo de quartzito, paralelepípedo, com marcas de uso nos dois topos.

Peça (029)0006 - Fragmento de fundo de alguidar (?) torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (029)0009 - Fragmento de polidor em seixo de anfibolito polido.

Peça (029)0010 - Seixo achatado em quartzito com marcas de uso.

Peça (029)0011 - Fragmento de bordo de fabrico a torno (?), com paredes de 0,8 de espessura. Pasta castanho-claro no cerne e cinzento-claro no exterior e interior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (029)0012 - Fragmento de bordo de taça de

fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha no cerne e cinzento-escuro no exterior e interior, bem depurada. Possível imitação fenícia.

Peça (029)0035 - Fragmento de bordo extrovertido de pequeno pote de fabrico manual, com 0,8 cm de espessura. Pasta friável, de cor castanho avermelhado no exterior e castanho-escuro no interior. Apresenta muitos ENP de várias dimensões. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (029)0046 - Seixo oblongo em quartzito, com nervuras de quartzo, com função de polidor em duas faces.

Peça (029)0047 - Seixo em grauvaque, arredondado, sem marcas de utilização.

Peça (029)0066 - Fragmento de bordo manual arredondado, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e no exterior, e castanho no interior, com muitos ENP de pequena e média dimensão.

Peça (029)0105 - Fragmento de bordo e pança de taça torneada com paredes de 0,7 cm. Pasta bem depurada, micácea, de cor castanho-claro. Possível imitação fenícia.

Peça (029)0196 - Fragmento de pança de taça (?) manual com decoração (pequenas depressões aleatórias no corpo da peça) com paredes de 1,1 cm de espessura, cor castanho-escuro no interior e castanho-avermelhado no exterior, e muitos ENP de tamanho médio. A face interna foi alisada.

Peça (029)0206 - Fragmento de pança manual com decoração incisa (unhadas), com paredes de 0,9 cm de espessura, cor castanho-escuro no interior e castanho-claro no exterior, e muitos ENP de pequeno e médio calibre. A face interna foi alisada. De cronologia aparentemente pré-histórica.

Peça (029)0228 - Seixo em anfíbolito, oblongo, que serviu como afiador/polidor numa das faces.

Peça (029)0245=0246=0247=0248=0249 - Fragmento de bordo e pança de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-claro, bem depurada e micácea. Possível imitação fenícia.

Peça (029)0252 - Fragmento de pança de ânfora e arranque de asa, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e castanha no interior e exterior, com muitos ENP de dimensões várias.

Peça (029)0254 - Fragmento de bordo e pança de pequeno pote manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta negra no cerne e castanha no interior e exterior. Apresenta ENP micáceos, de pequeno e médio calibre. De cronologia aparentemente pré-histórica.

Peça (029)262 - Fragmento de fundo de grande pote manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta vermelha com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (029)0263 - Fragmento de fundo de grande pote manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

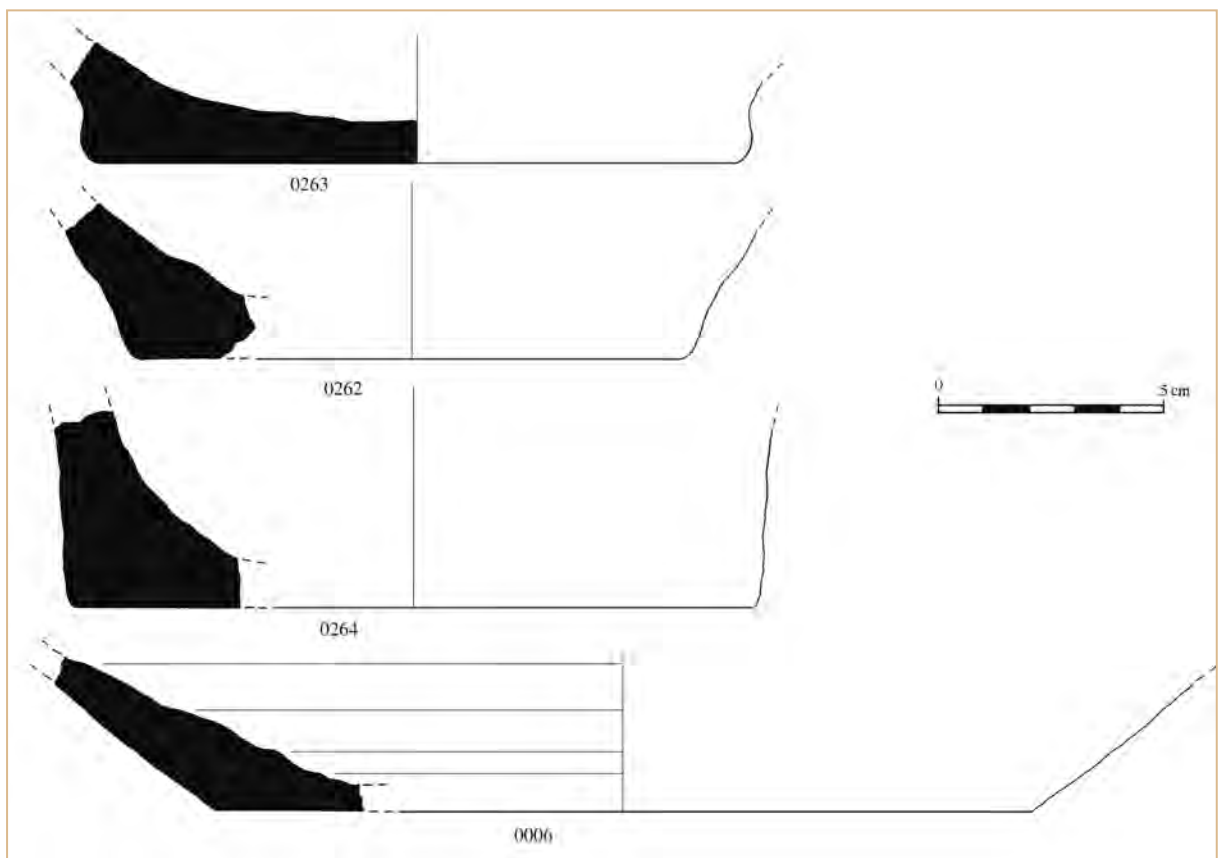
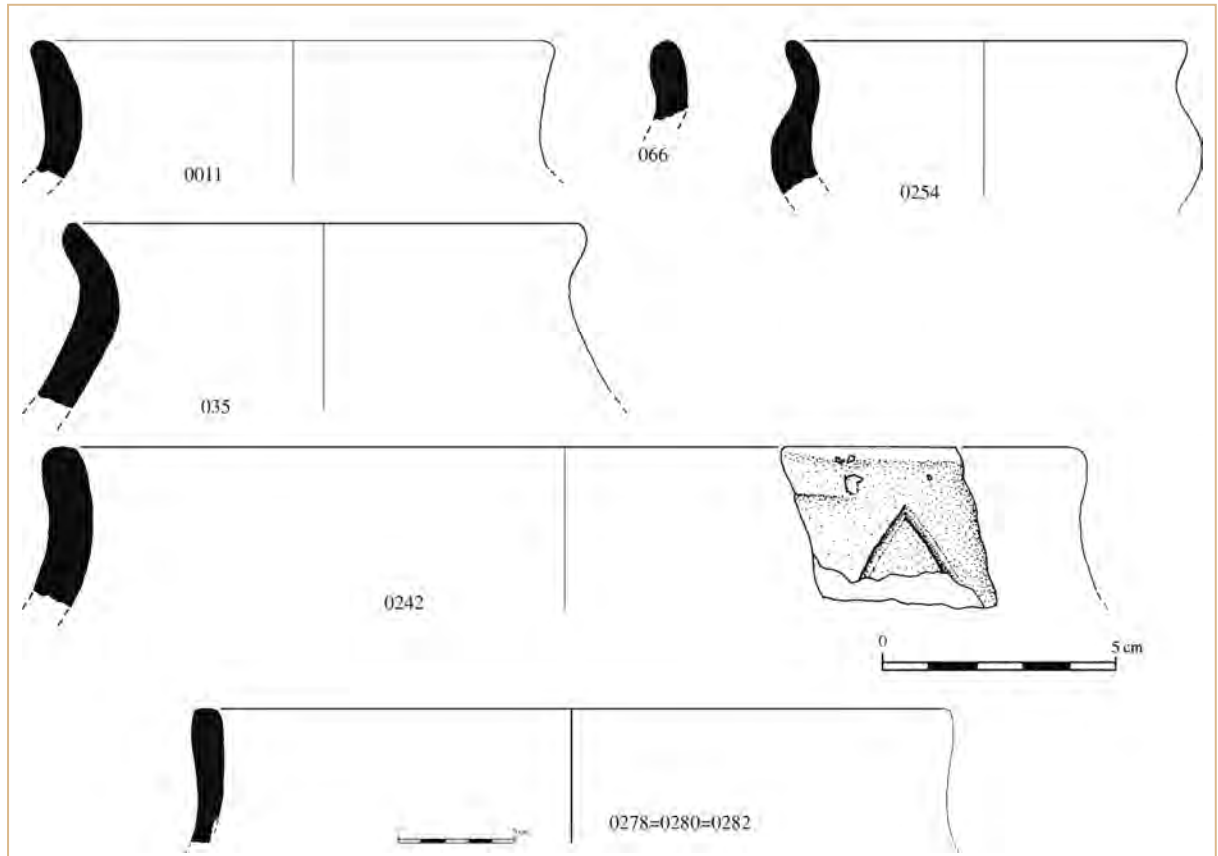
Peça (029)0264 - Fragmento de fundo de grande pote manual com 1 cm de espessura. Pasta vermelha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

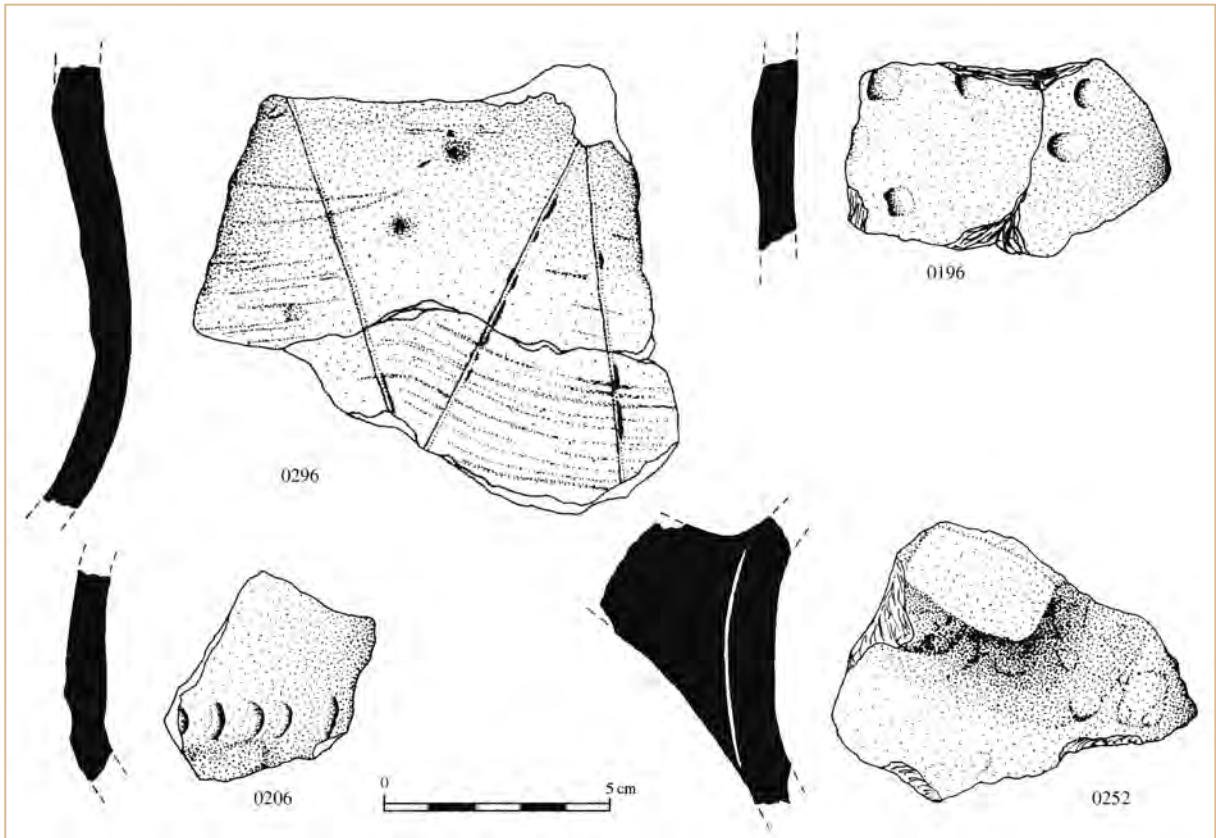
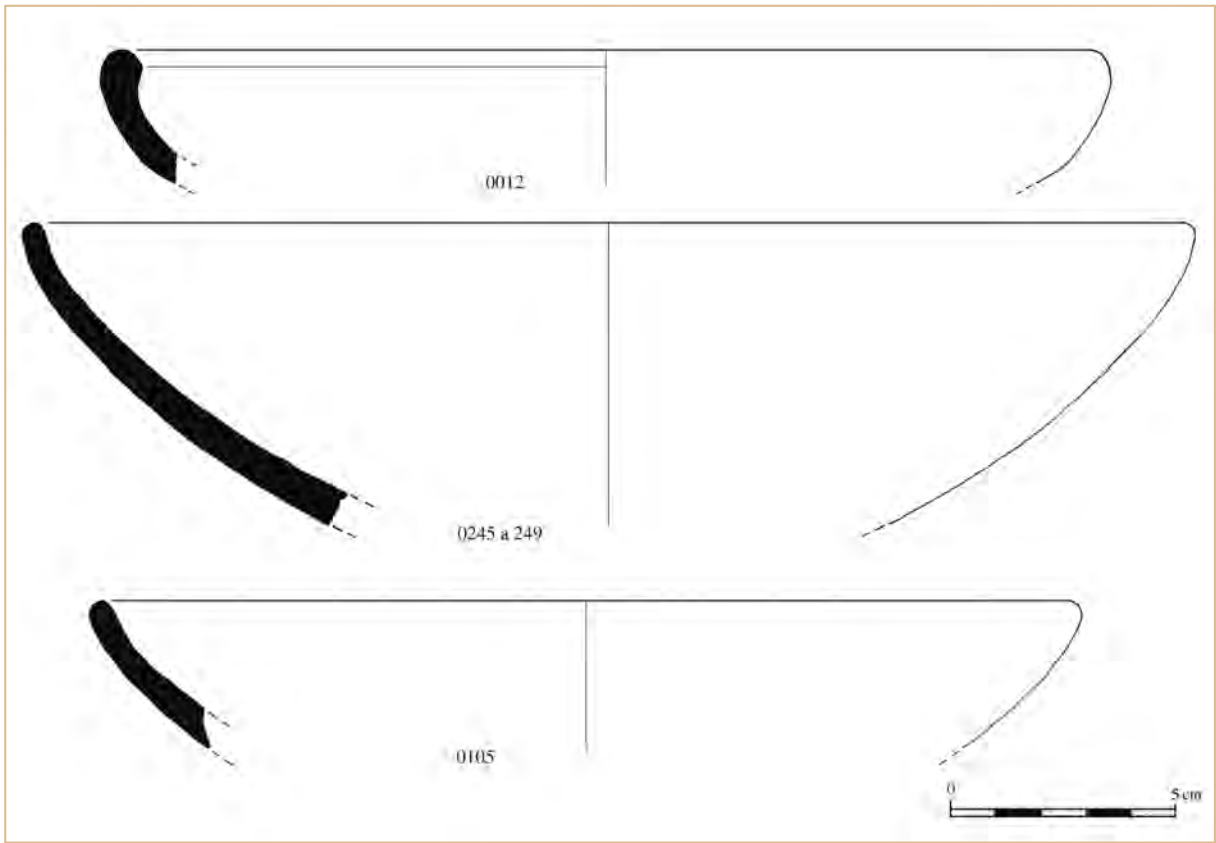
Peça (029)0280=0282=0278 - Fragmentos de bordo recto manual, de grande pote, alisada interior e exteriormente, com paredes de 1,2/1,4 cm de espessura. Pasta vermelha, com muitos ENP de várias dimensões.

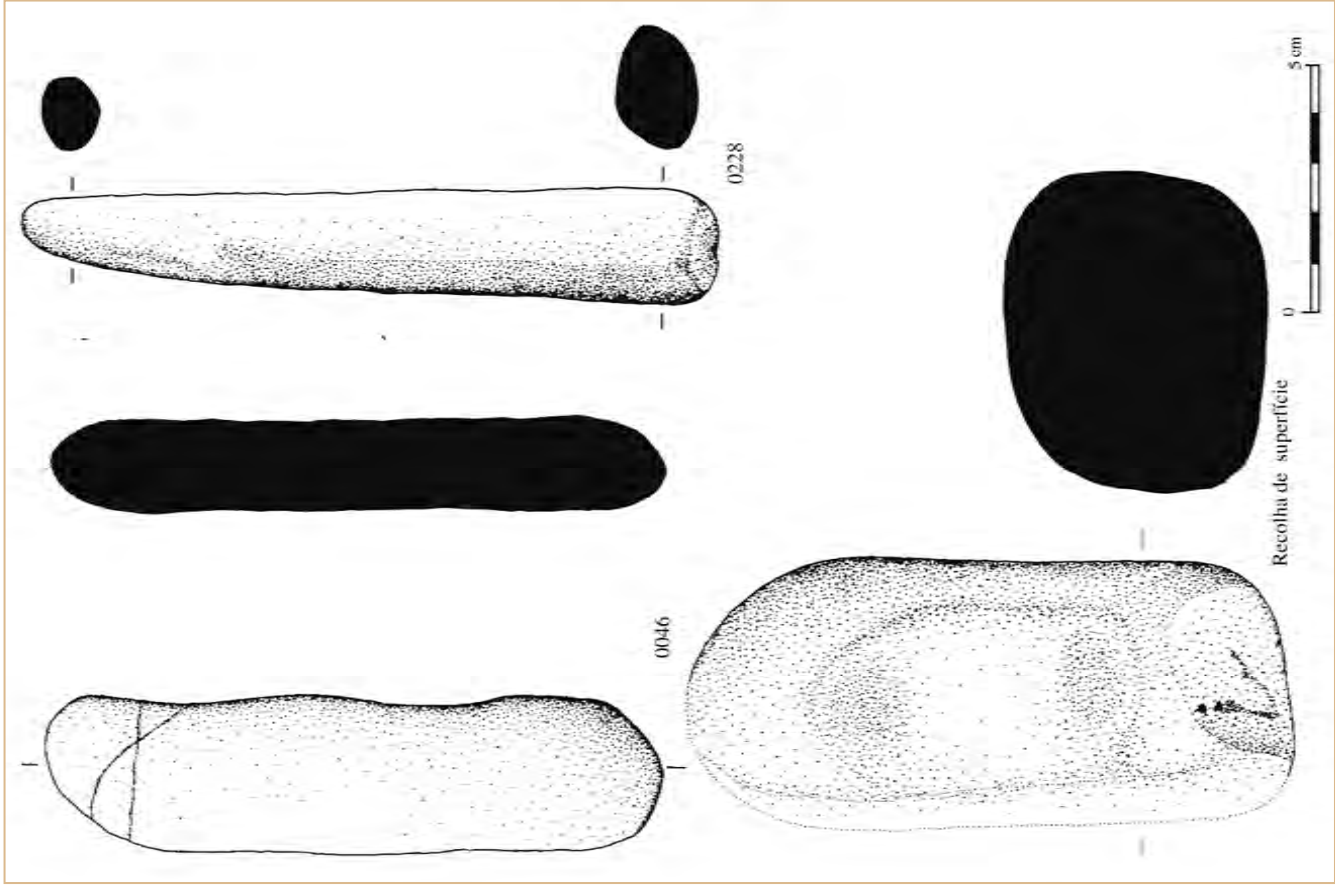
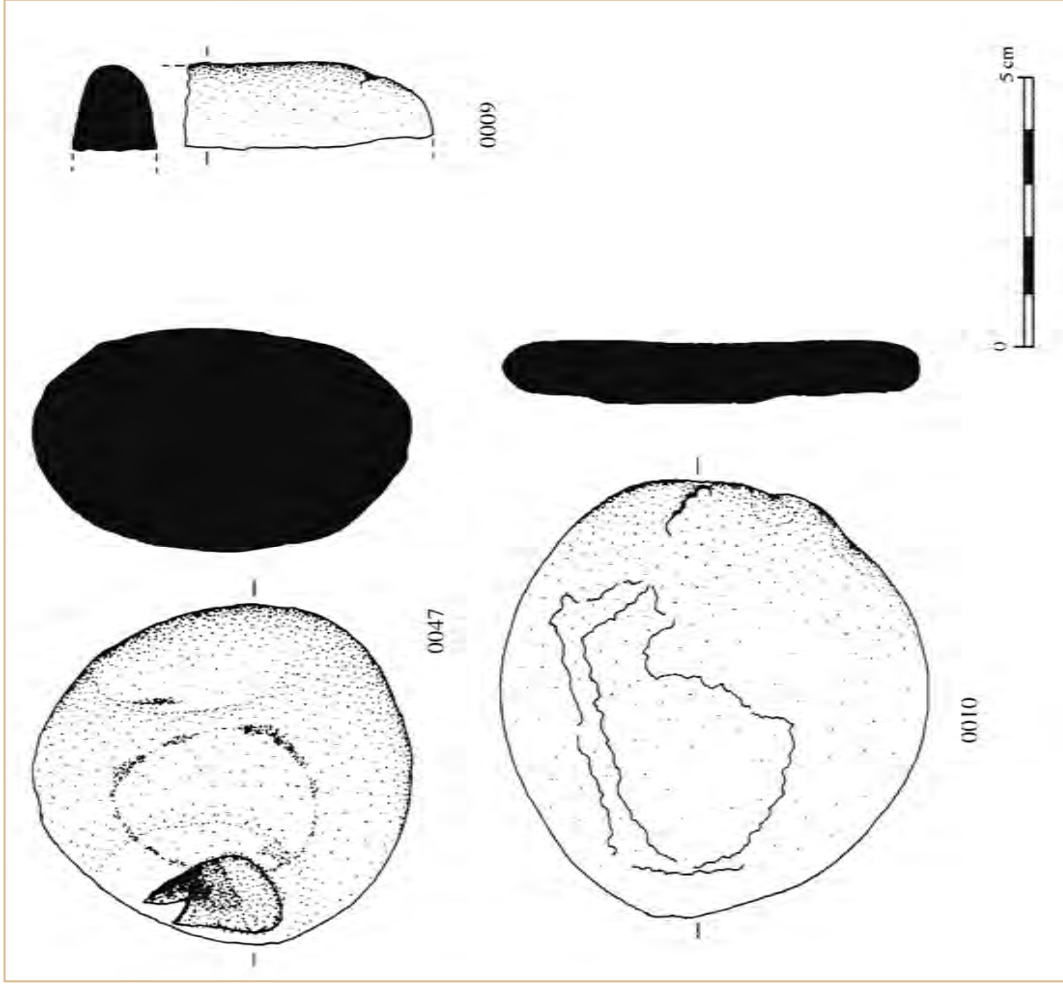
Peça (029)0296 - Fragmento de colo manual de grande vasilha com decoração incisa (linhas em ziguezague) e, por baixo, penteado, com paredes de 0,7 cm de espessura, cor vermelha e com ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia da Idade do Ferro.

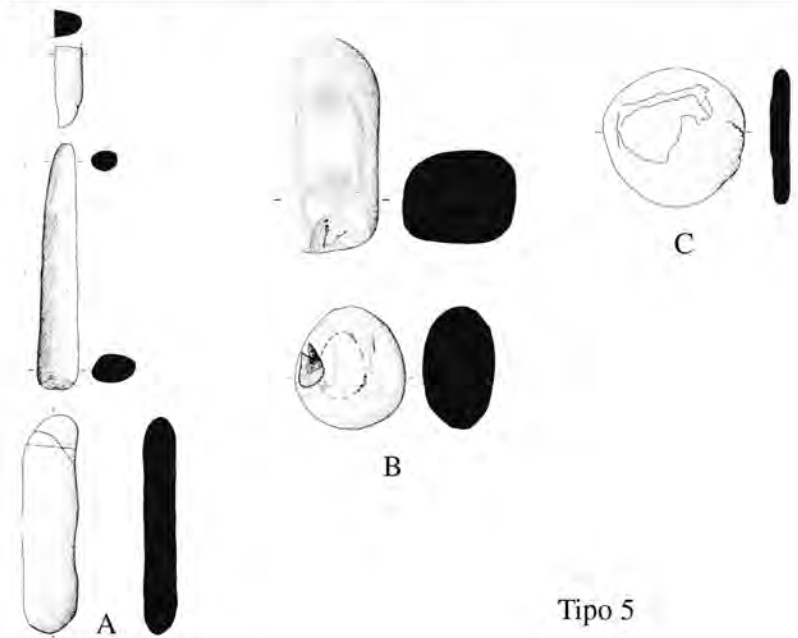
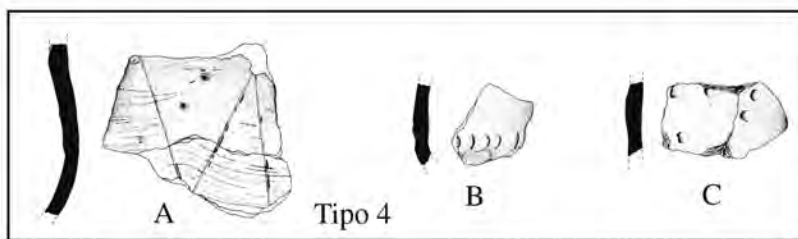
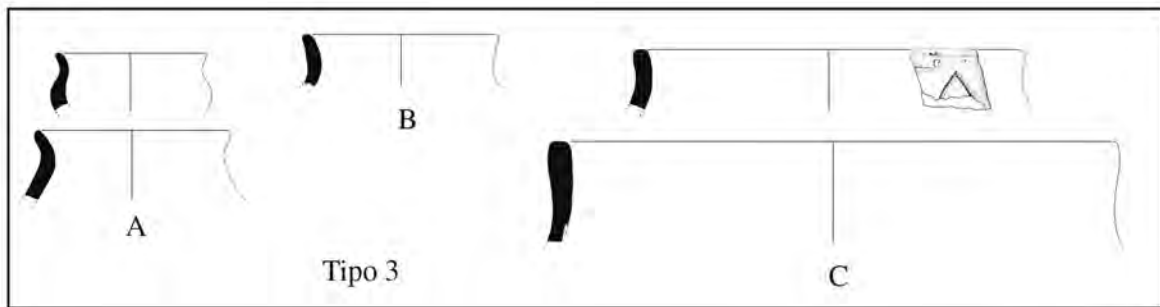
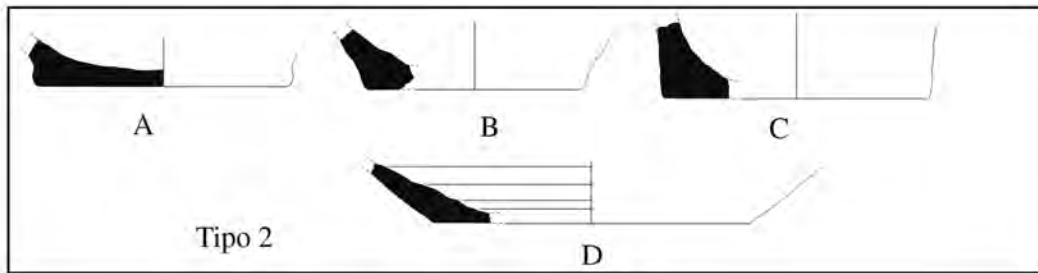
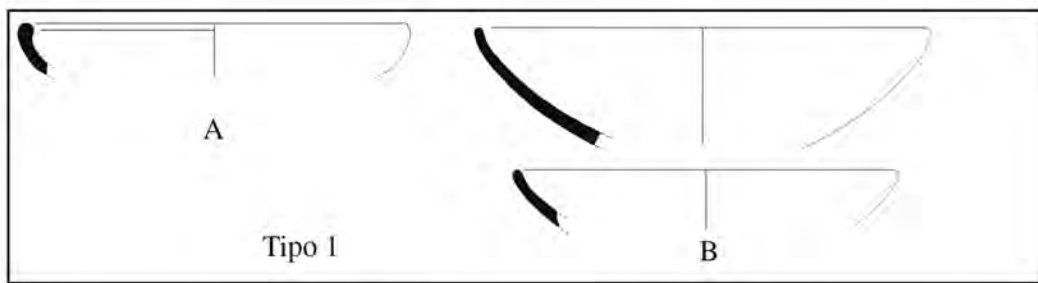
2.2.5.1.2. Desenhos

Materiais cerâmicos









2.2.5.2. Monte Roncanito 2A

2.2.5.2.1. Inventário

Peça (026)0003 - Fragmento de bordo extrovertido de fabrico manual de taça, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e castanho-avermelhada no interior e exterior; com muitos ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (026)0006 - Fragmento de asa de fita, com arranque de bordo de pote manual com paredes de 1,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (026)0033 - Percutor em quartzo-leitoso. De cronologia Pré-histórica.

Peça (026)0034 - Fragmento de bordo e fundo com pé alto de peça singular. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de várias dimensões. Possível imitação fenícia.

Peça (026)0035 - Fragmento de fundo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,6/0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (026)0037 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha no cerne e castanho-escuro nas duas faces, com alguns ENP de pequeno calibre. Possível imitação fenícia.

Peça (026)0038 - Seixo em quartzito polido numa das faces. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (026)0007=0009 - Fragmento de pança de pote, de fabrico a torno, decorada com ondulados, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e castanho avermelhada nas duas faces, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (026)0039 - Percutor em quartzito com esmagamento em duas pontas opostas. De cronologia neo-calcolítica.

Peça (026)0040 - Calhau em grauvaque, com dois levantamentos laterais. De cronologia do Paleolítico Inferior.

Peça (026)0041=0036 - Fragmento de fundo e pança de grande taça, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne, castanha no interior e castanho-avermelhada no exterior, com grande quantidade de ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (026)0058 - Seixo polidor em quartzito.

Peça (026)0075 - Fragmento de bordo extrovertido muito danificado de pote, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta negra no cerne e avermelhada nas

duas faces, com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (026)0077 - Fragmento de fundo de pote muito danificado, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (026)0079 - Fragmento de bordo, pança e asa de pote de fabrico a torno, com paredes de 0,6/0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequena dimensão. Da I Idade do Ferro.

Peça (026)0080 - Fragmento de pança de grande pote, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequena e média dimensão, com aplicação de gomos verticais.

Peça (026)0081 - Fragmento de asa de rolo de ânfora, com 2,1 cm de diâmetro. Pasta castanho-avermelhada, com poucos ENP de pequeno calibre. Possível fabrico fenício.

Peça (026)0082 - Fragmento de bordo extrovertido de pote de média dimensão, de fabrico a torno, paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (026)0083 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre, polida em ambas as faces.

Peça (026)0085 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre, polida em ambas as faces.

Peça (026)0086 - Fragmento de bordo extrovertido de pote de média dimensão, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (026)0087 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, fina, com paredes de 0,3 cm. Pasta castanha, com muitos ENP de pequeno calibre, polida em ambas as faces.

Peça (026)0088 - Fragmento de bordo extrovertido manual de grande pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e castanho-avermelhada nas duas faces, alisada.

Peça (026)0089 - Fragmento de fundo côncavo de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta negra no cerne e castanho-escuro nas duas faces, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (026)0094 - Seixo de xisto com a espessura de 6,9 cm de espessura e algumas manchas de uso.

Peça (026)0095 - Polidor em seixo de quartzito polido numa das faces.

Peça (026)0096 - Fragmento de bordo extrovertido de pote manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequena e média dimensão. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (026)0097 - Fragmento de bordo recto de vaso, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (026)0121 - Fragmento de pança de pote com paredes de 0,7 cm de espessura, Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre, micácea e decoração canelada na parte externa.

Peça (026)0134 - Fragmento de bordo extrovertido manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha, com muitos ENP de pequeno calibre e alguns de médio calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (026)0139 - Fragmento de bordo extrovertido de pote manual, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha, com muitos ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia da Idade do Ferro.

Peça (026)0159 - Fragmento de bordo extrovertido de pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escura no cerne e castanho-avermelhada nas duas faces, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (026)0160 - Fragmento de bordo extrovertido muito danificado, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escura no cerne e castanho-avermelhada nas duas faces, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (026)0161 - Fragmento de asa de rolo com 2,3 cm de diâmetro. Pasta castanha com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (026)0215 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta vermelha, bem depurada. Possível imitação fenícia.

Peça (026)0221 - Fragmento de telha fina, com 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-clara, com alguns ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia recente. Peça (026)0223 - Fragmento de telha fina, com 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-clara, com alguns ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia recente.

Peça (026)244 - Fragmento de pança com pega mamilar. Pasta castanho-escura, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (026)0245=0246=0312 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote manual, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno e médio calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (026)227 - Fragmento de telha fina, com 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-clara, com alguns ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia recente.

Peça (026)0258 - Fragmento de fundo manual. Pasta castanho-escura com muitos ENP de calibre médio.

Peça (026)0259 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta negra no cerne e castanho-escura no interior e exterior, bem depurada e polida em ambas as faces.

Peça (026)0267 - Fragmento de bordo extrovertido manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de calibre médio. Da I Idade do Ferro.

Peça (026)0270=0268 - Fragmento de bordo extrovertido de vaso com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne e castanho-escura nas duas faces, polida em ambas, bem depurada.

Peça (026)0271 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzenta no cerne e cinzento-escura nas duas faces, bem depurada.

Peça (026)0272 - Fragmento de fundo de taça de grande, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escura no cerne e no interior e castanho-avermelhada no exterior, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (026)0292=0294=0296=0267 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta negra, bem depurada, polida nas duas faces.

Peça (026)0299 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta negra no cerne e castanho-avermelhada no interior e no exterior, com alguns ENP de pequeno calibre e polida nas duas faces.

Peça (026)0305 - Fragmento de bordo extrovertido, muito danificado, de pote pequeno, com 0,5 cm de espessura. Pasta castanha, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (026)0317 - Fragmento de fundo com paredes de 1 cm de espessura. Pasta friável, castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno calibre. Peça (026)0319=0327=0330=0326 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote manual, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-escura, com muitos ENP de pequena e médio calibre.

Peça (026)0320 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, bem depurada, com ambas as faces polidas.

Peça(026)0321 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha, com alguns ENP de pequeno calibre, polida em ambas as faces.

Peça (026)0322 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha, com alguns ENP de pequeno calibre, polida em ambas as faces.

Peça (026)0323 - Polidor em seixo de quartzito.

Peça (026)0332 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno e médio calibre, micácea.

Peça (026)0342 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote manual, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha no cerne e castanho-avermelhada em ambas as faces, com muitos ENP de pequeno calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (026)0351 - Fragmento de pança com decoração canelada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escura, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (026)0367 - Polidor em seixo de quartzito.

Peça (026)0368 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta cinzento-escura, bem depurada e polida em ambas as faces.

Peça (026)0369 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com alguns ENP de pequena e média dimensão, polida em ambas as faces.

Peça (026)0377 - Fragmento de *imbrex* castanho, com 1,7 cm de espessura e muitos ENP de pequeno e médio calibre.

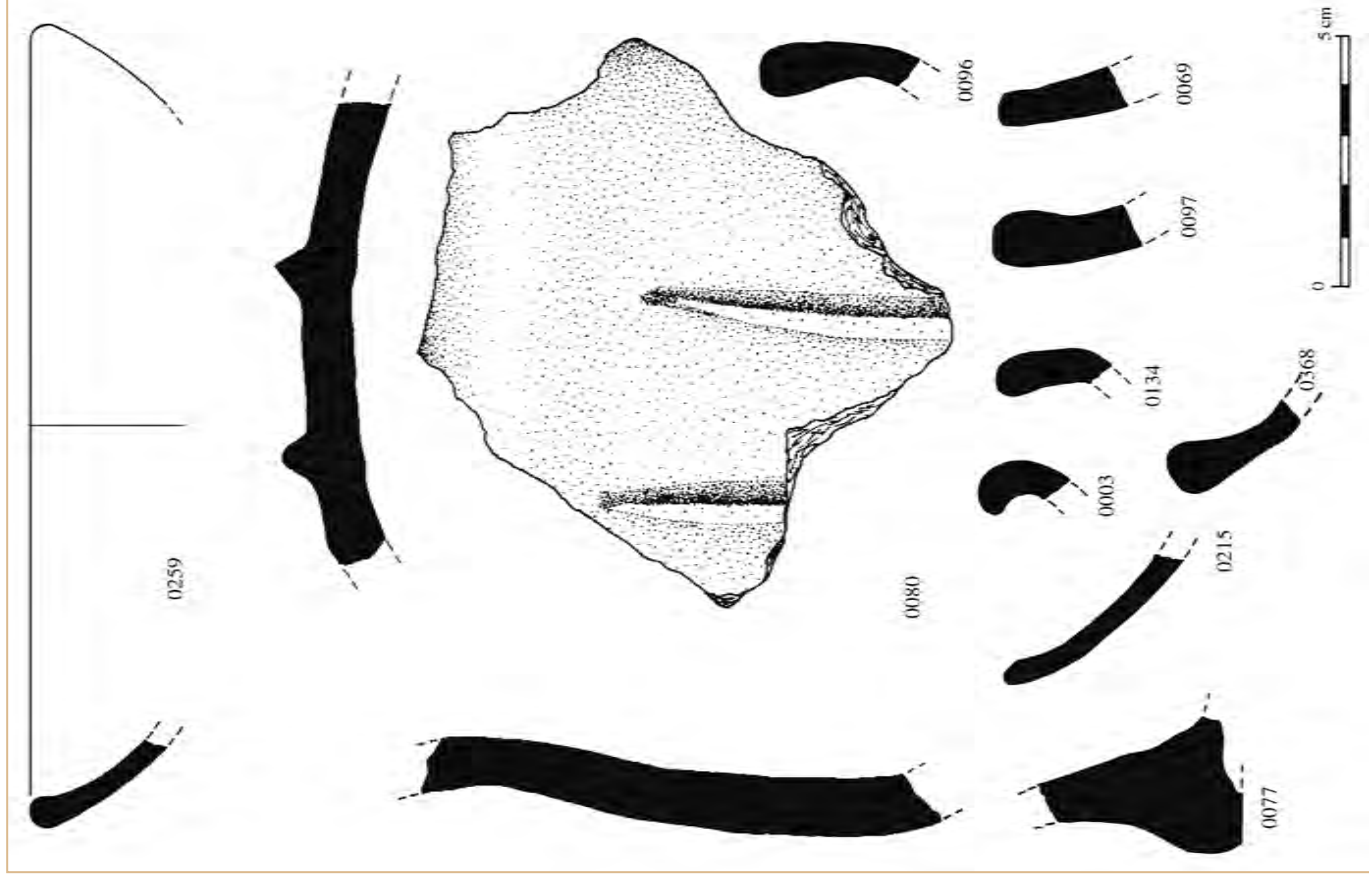
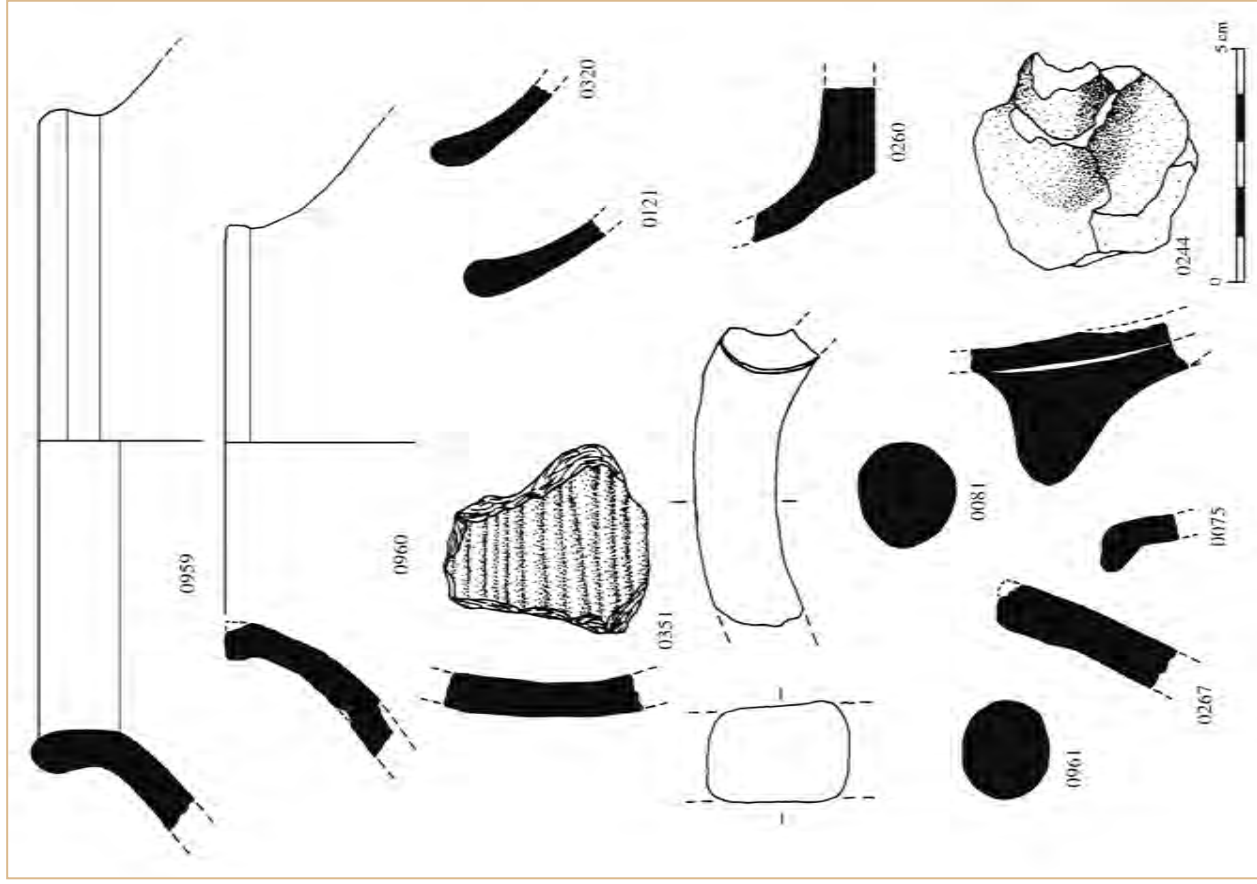
Peça (026)0378 - Fragmento de telha alaranjado, com 1,3 cm de espessura, com muitos ENP de várias dimensões. De cronologia Moderna/ Contemporânea.

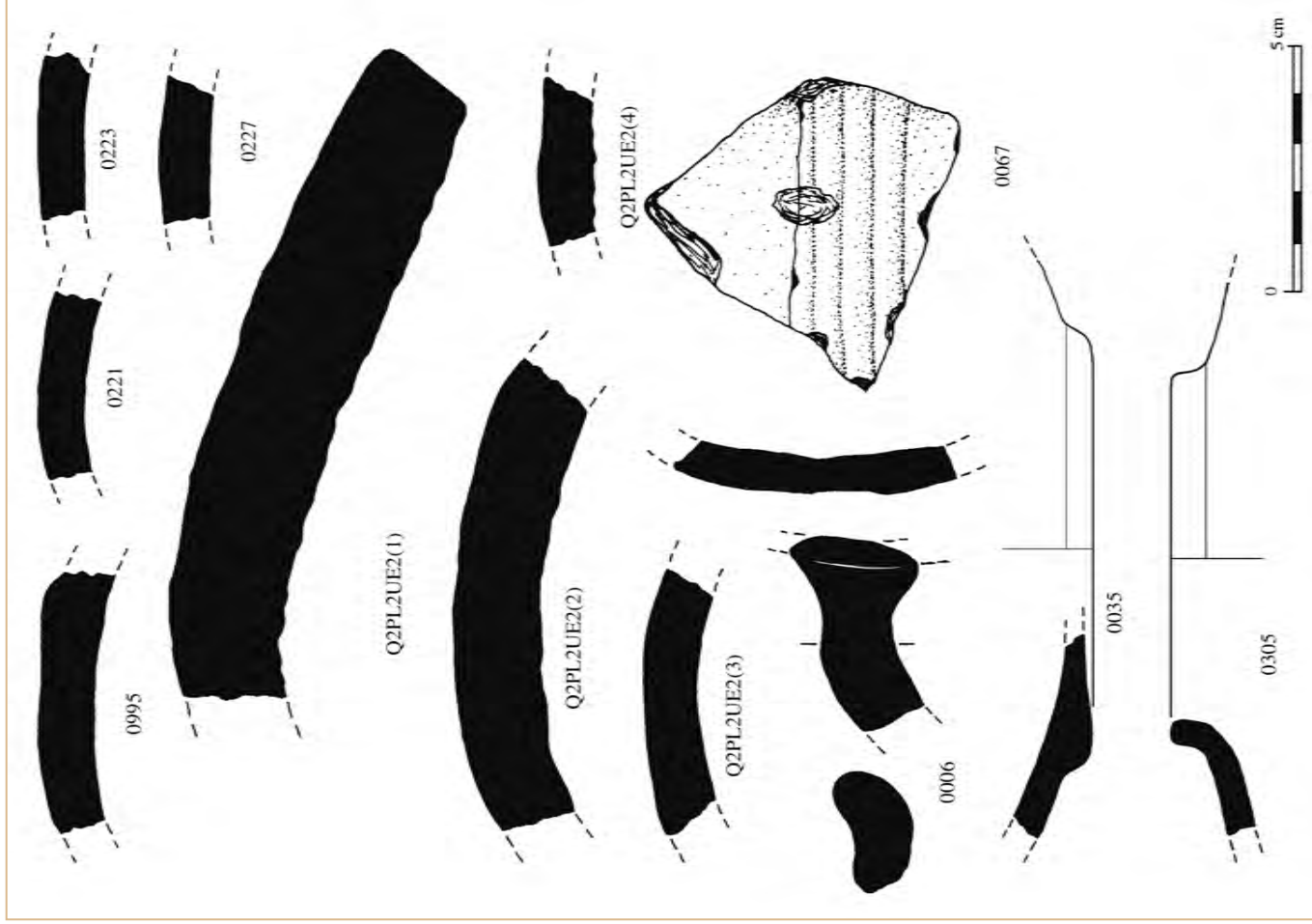
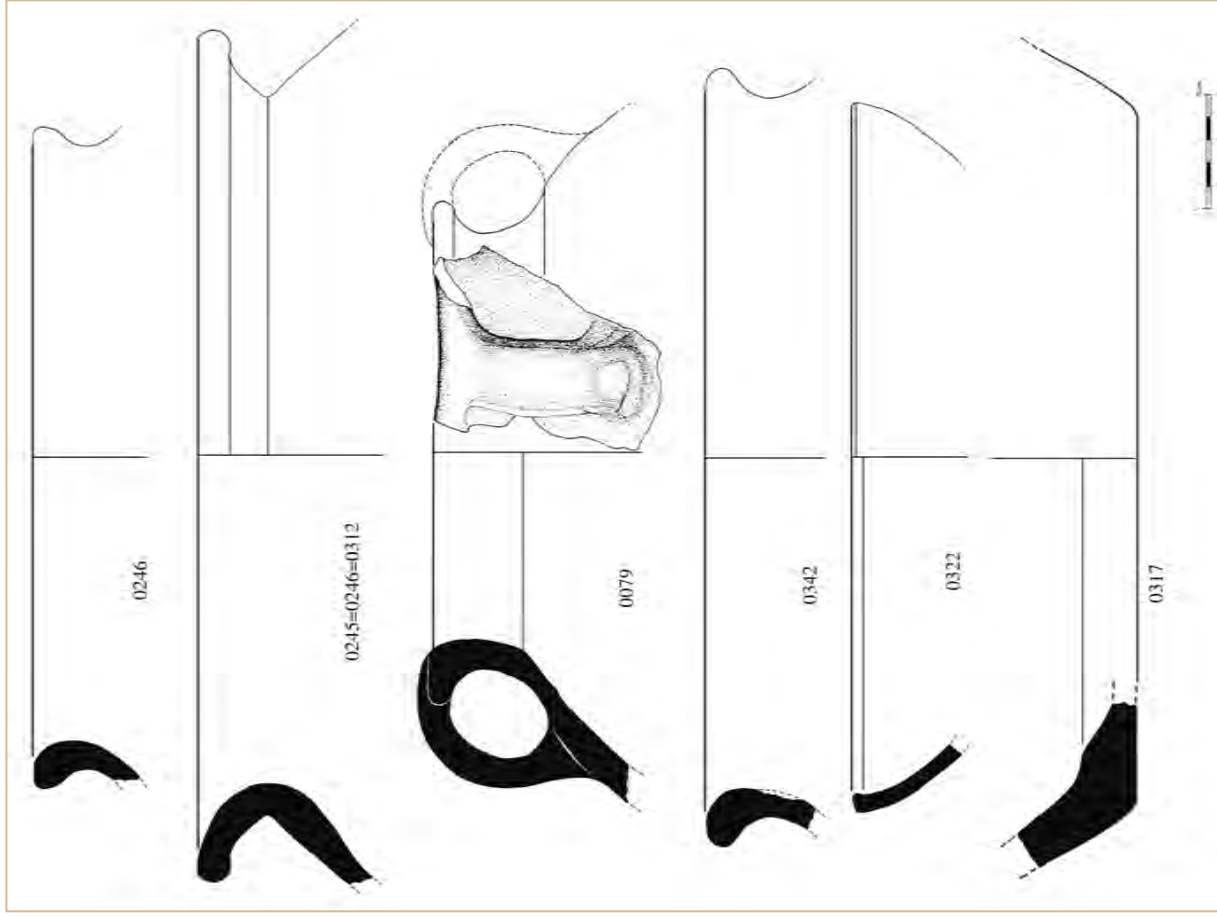
Peça (026)0379 - Fragmento de *imbrex* castanho, com 2,3 cm de espessura e muitos ENP de pequeno médio calibre.

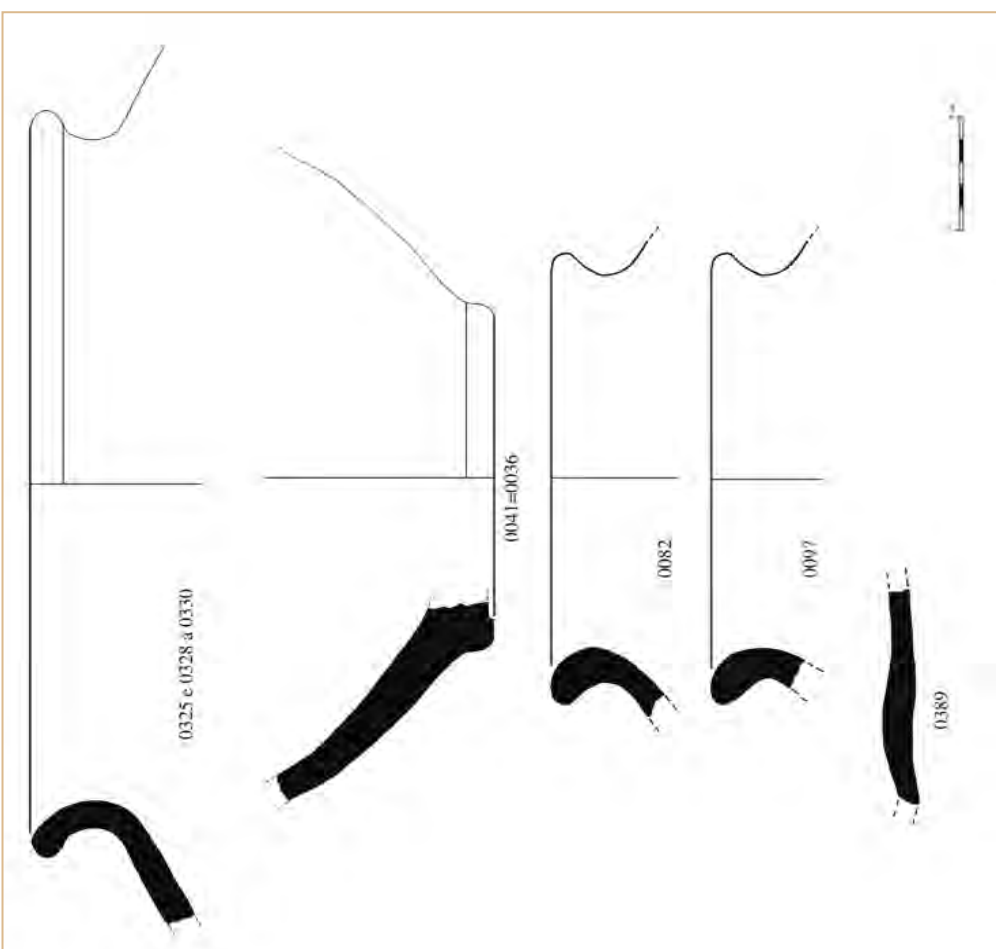
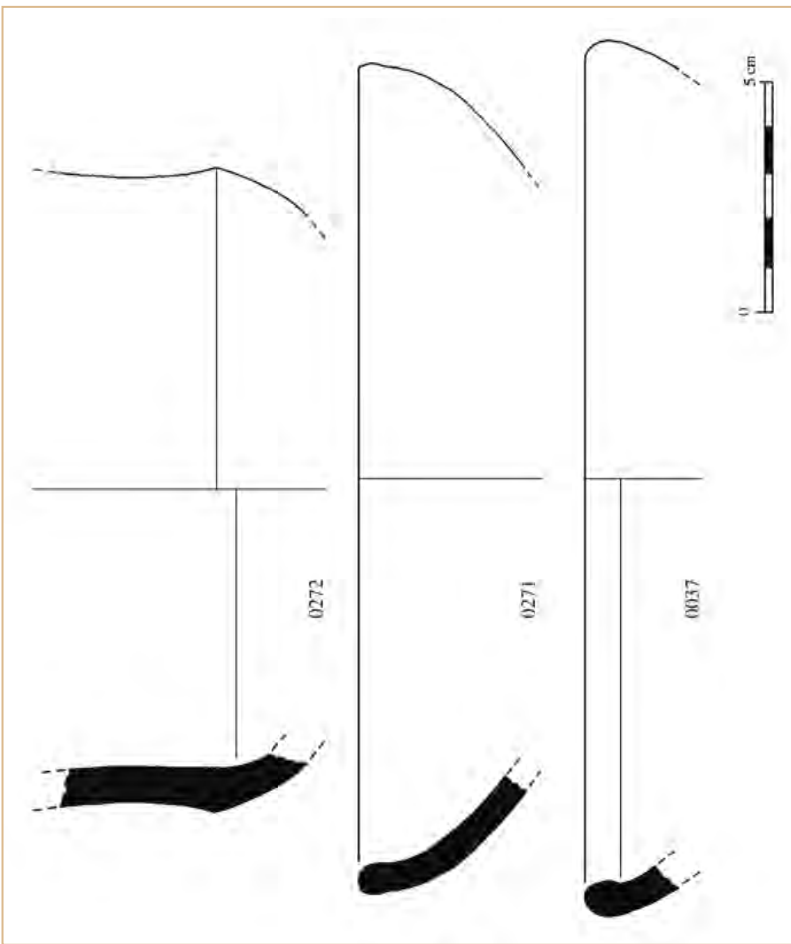
Peça (026)0995 - Fragmento de telha castanho-avermelhada com paredes de 1,1/ 1,3 cm de espessura. Pasta com muitos ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia recente.

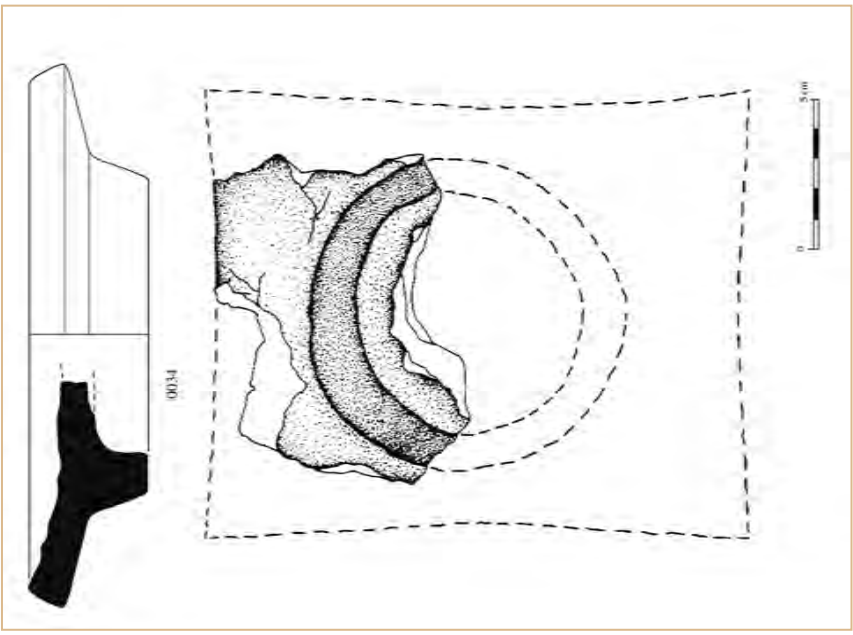
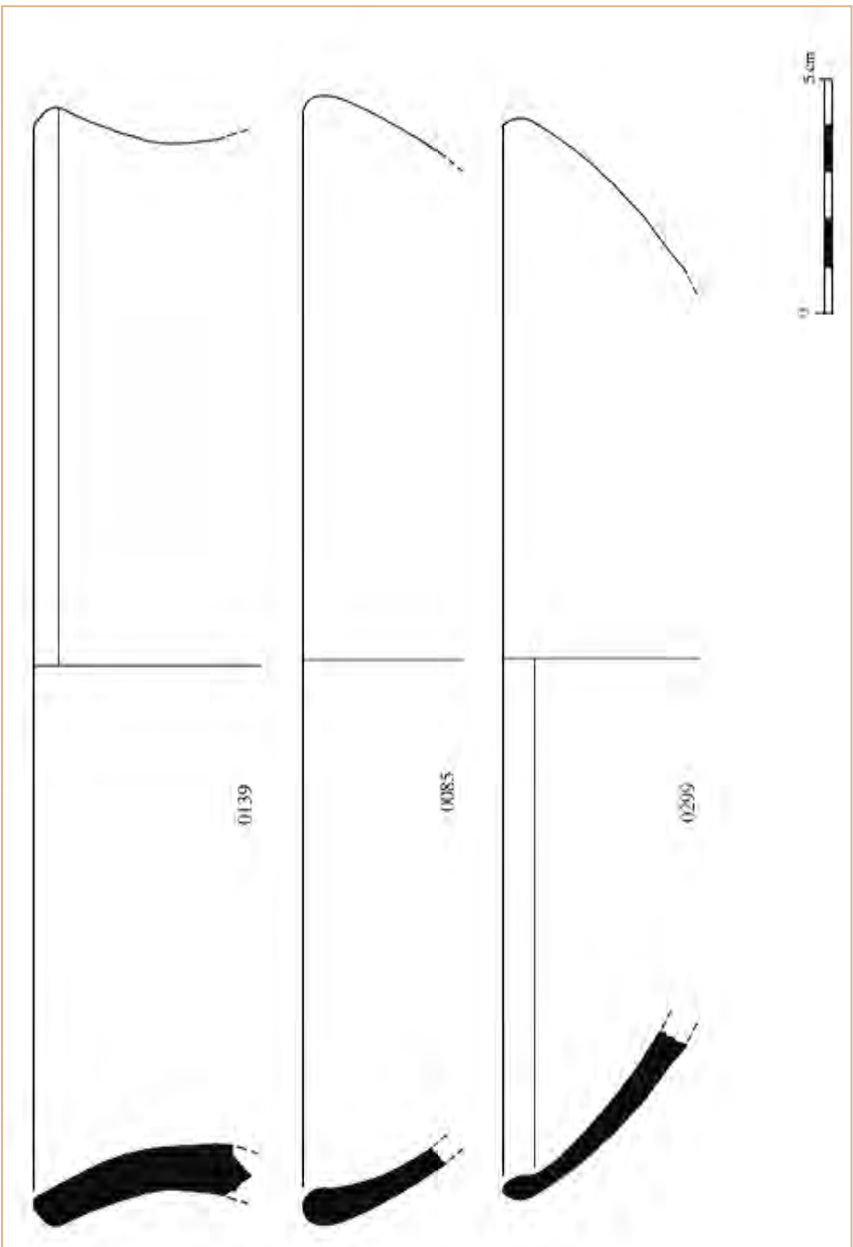
2.2.5.2.2. Desenhos

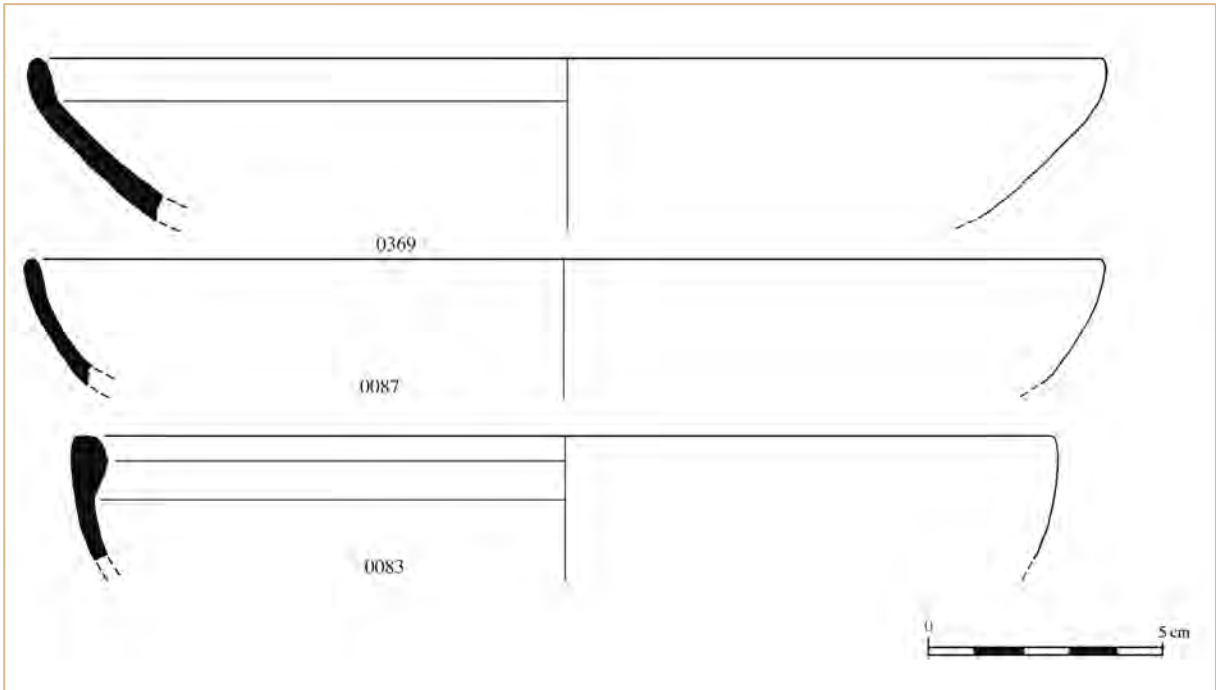
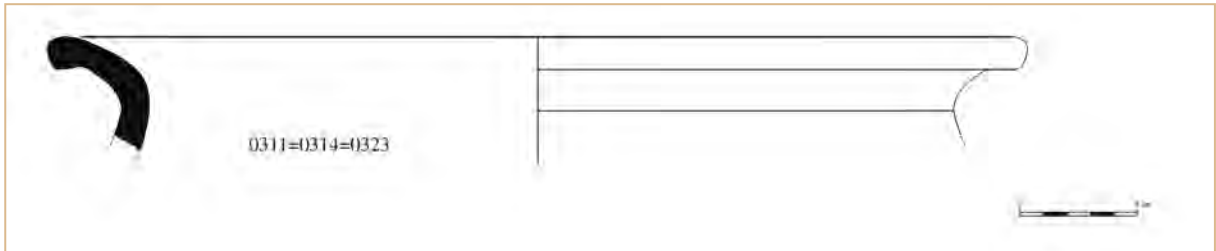
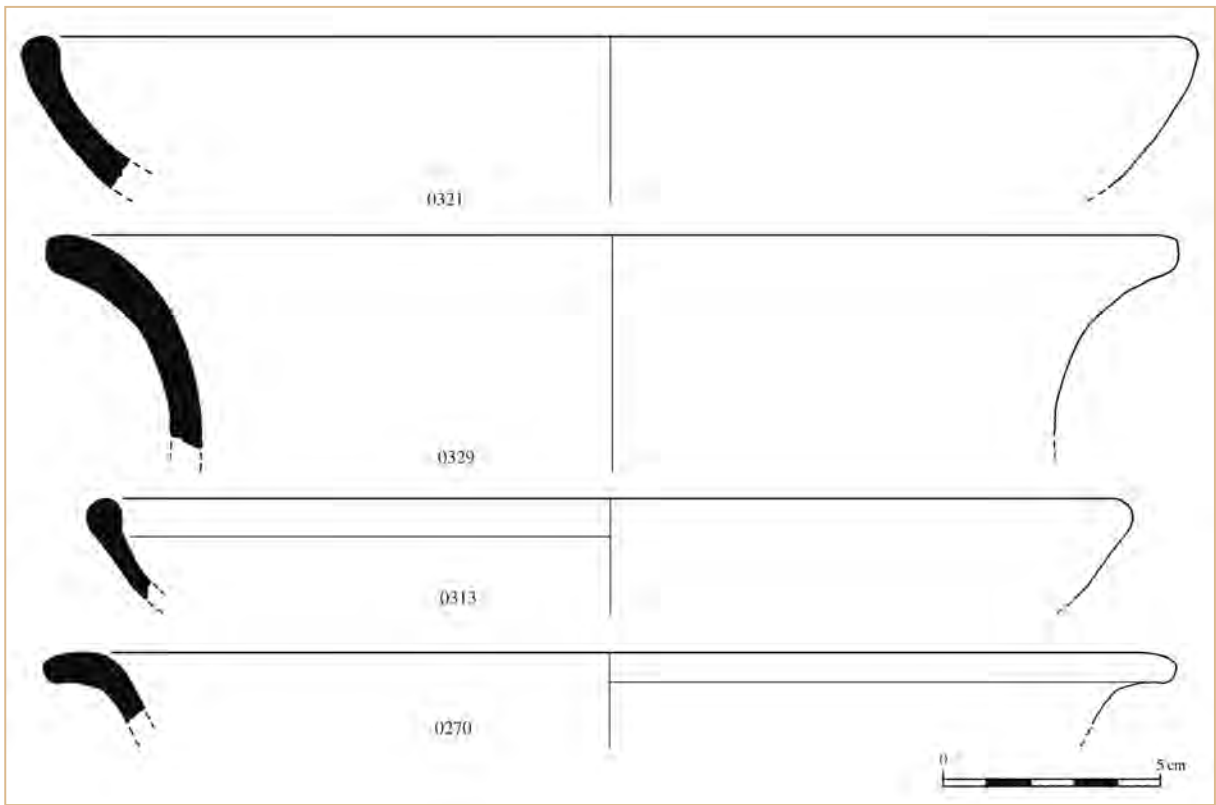
Materials cerâmicos

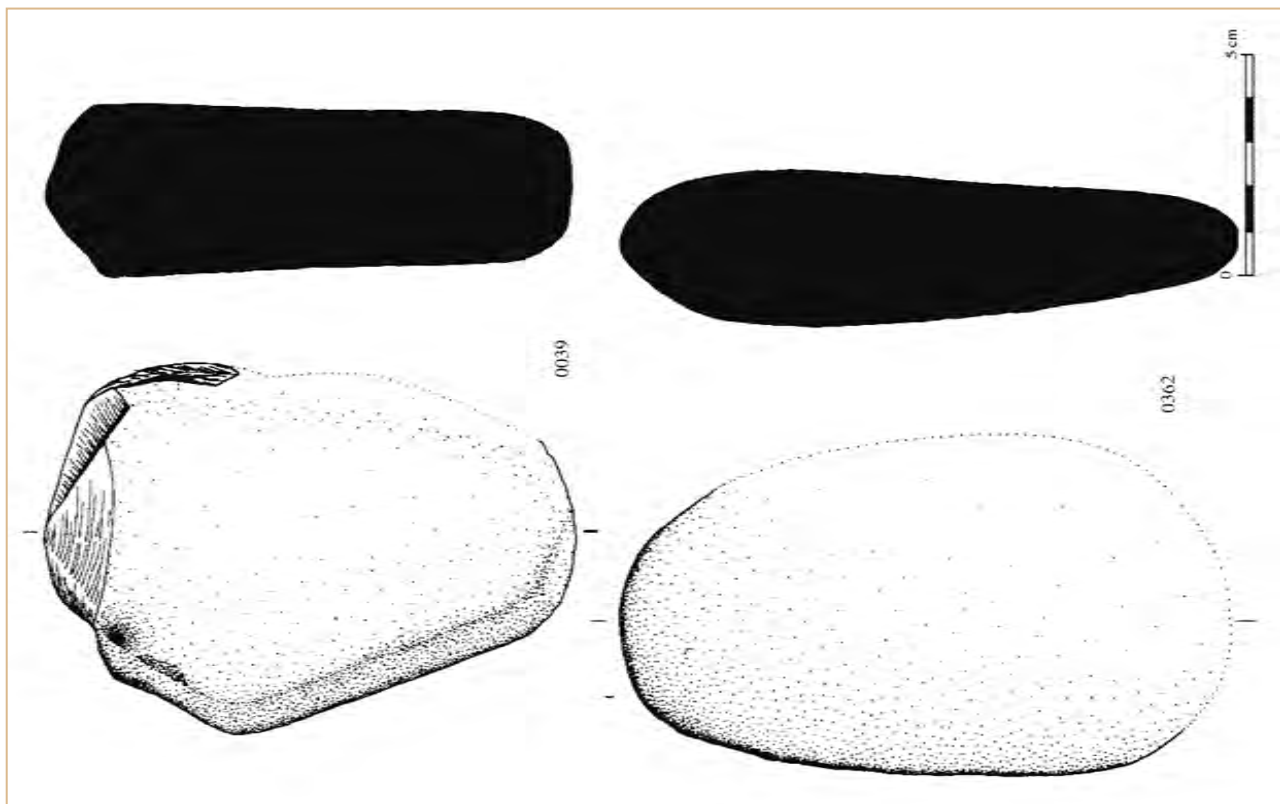
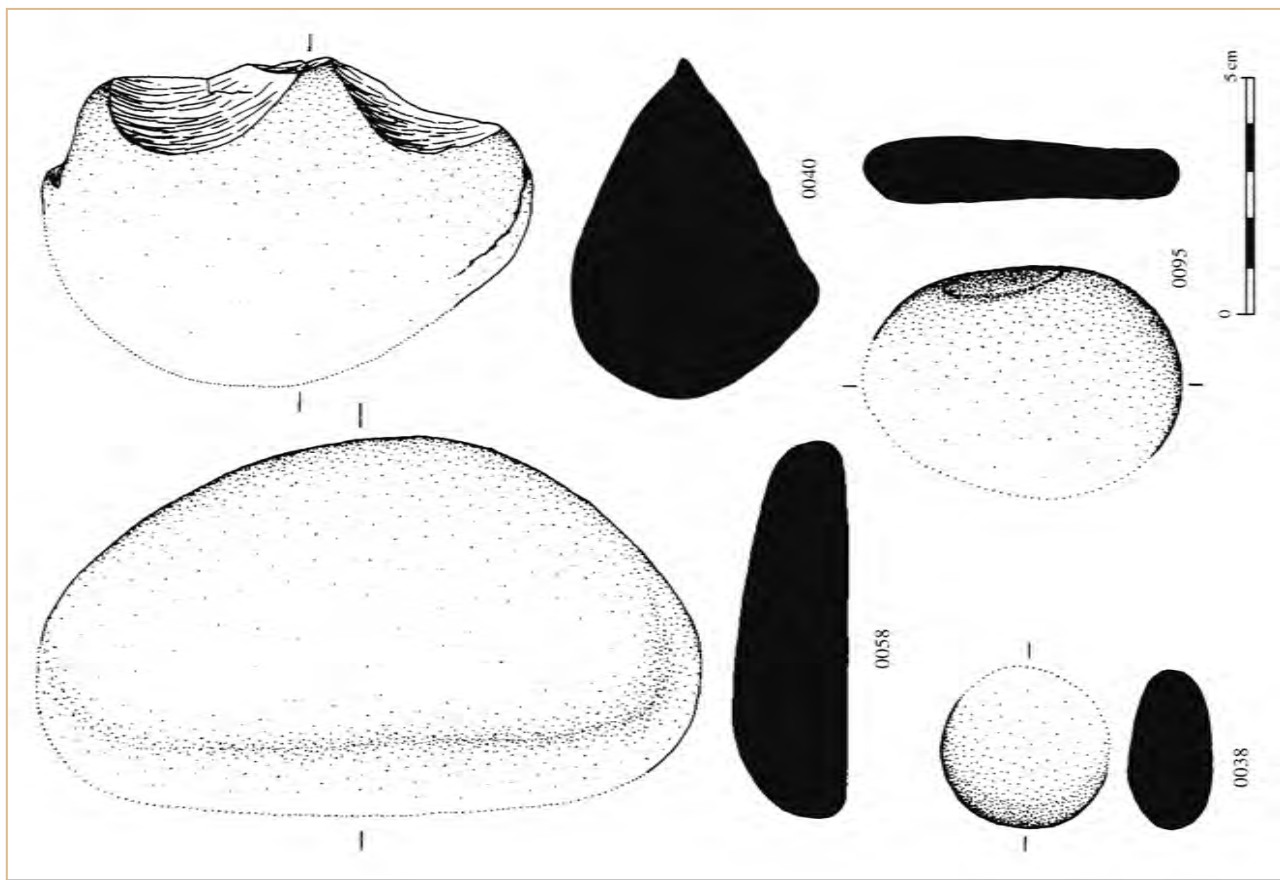


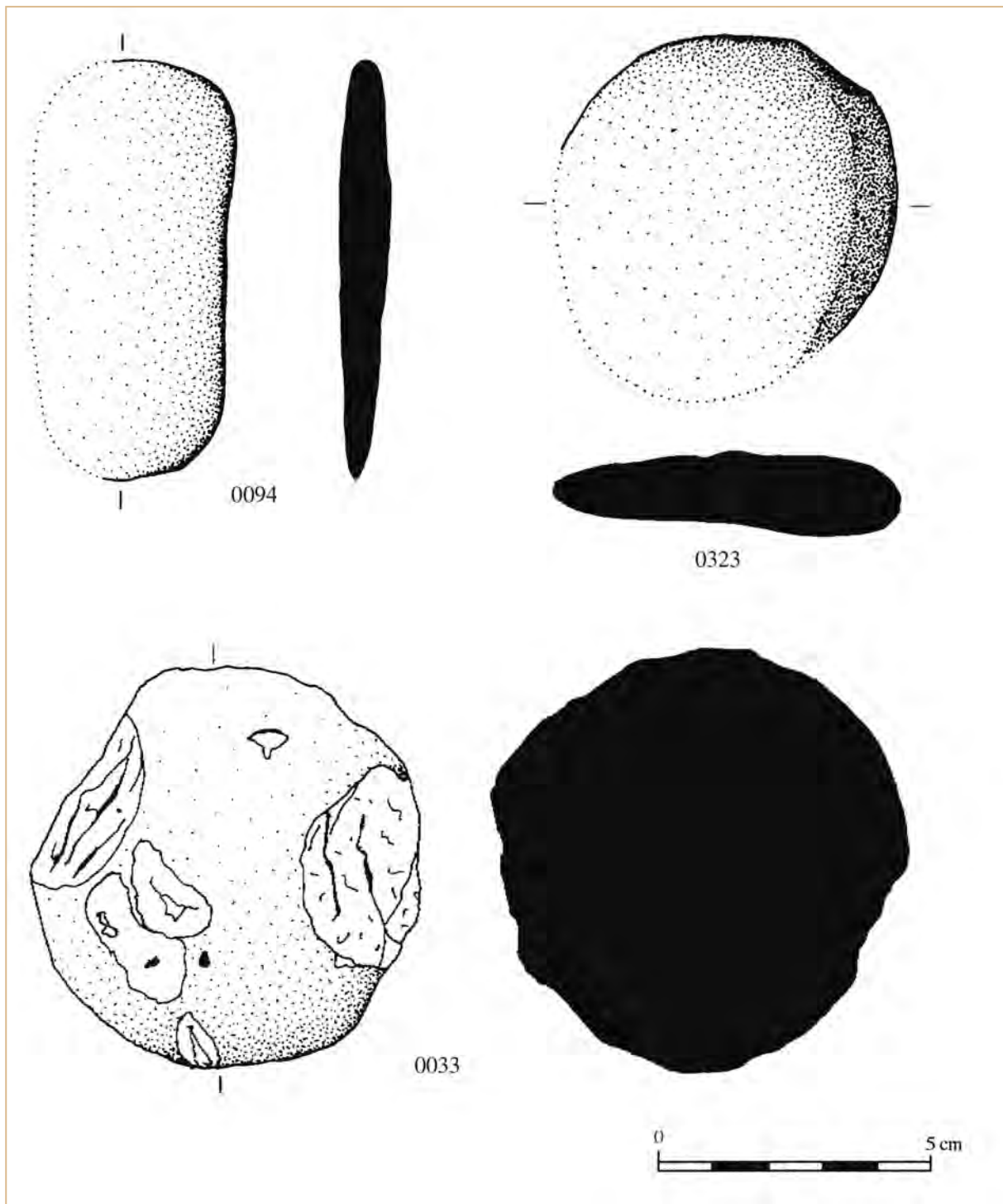




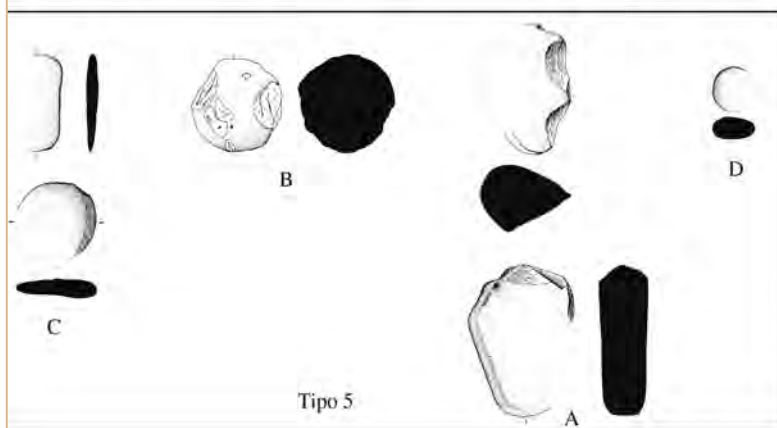
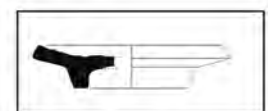
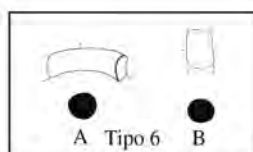
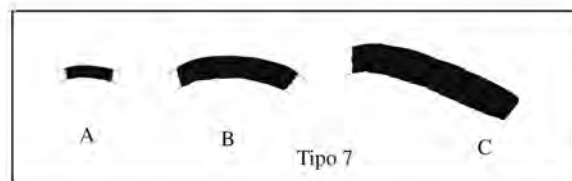
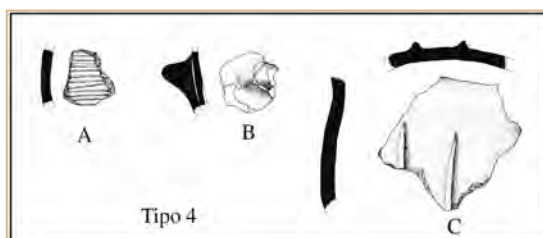
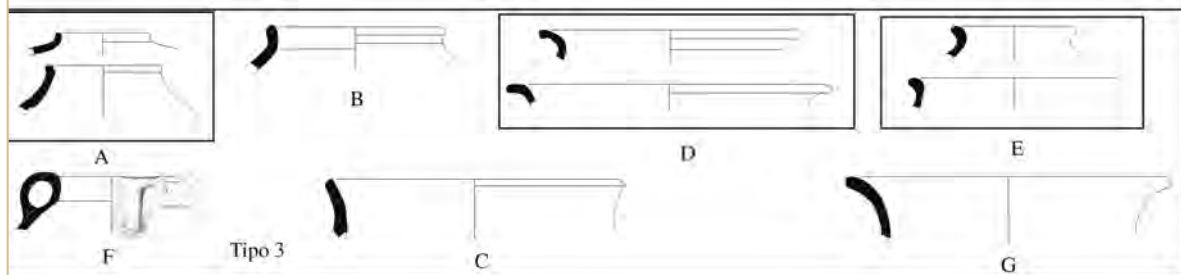
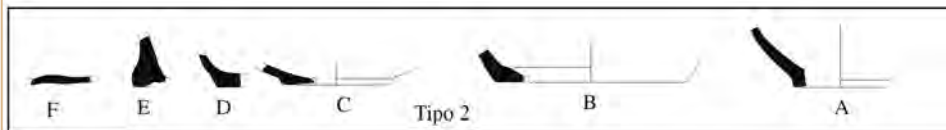
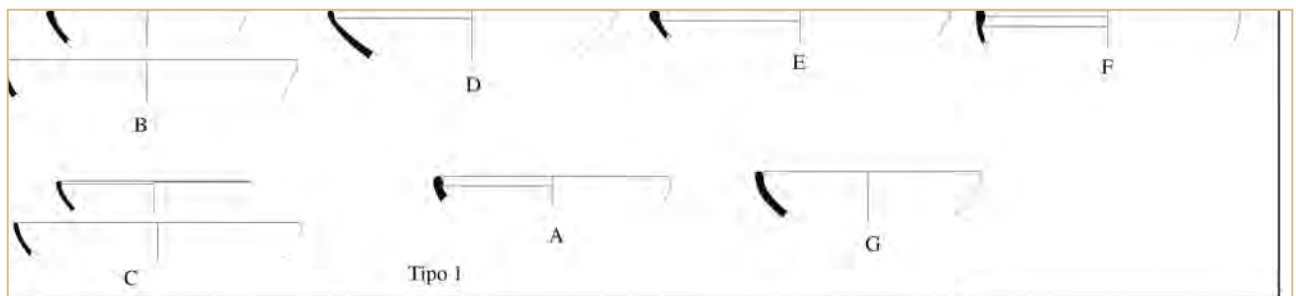








Quadros tipológicos



Tipo 8

Tipo 9

Tipo 5

2.2.5.3. Monte Roncanito 4

2.2.5.3.1. Inventário

Peça (028)0001 - Percutor em diorito.

Peça (028)0002 - Fragmento de *imbrex* com 1,7/1,8 cm de espessura, muito irregular na face inferior, de cor castanha no cerne e vermelho no exterior. Apresenta grande quantidade de ENP de pequeno e médio calibre. De cronologia romana, eventualmente já do período do Baixo Império.

Peça (028)0011 - Fragmento de telha com 1,2 cm de espessura. Rugosa na face inferior, alisada com os dedos na face superior e com sulco central feito com os dedos. Pasta vermelha com ENP de pequeno calibre. Época Moderna a Contemporânea.

Peça (028)0218 - Fragmento de fundo manual de pote de grandes dimensões. Apresenta pasta negra, cinzenta e acastanhada com muitos ENP de médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)0024 - Bordo extrovertido manual de grande pote com paredes de 1 cm de espessura. Apresenta pasta castanha com ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)0025 - Bordo manual de pote médio com paredes de 0,8 cm de espessura. Apresenta pasta cinzenta (cerne) e acastanhada no interior e no exterior com ENP de pequeno calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)0026 - Fundo com pé anelar de taça (?) torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Apresenta pasta avermelhada, friável, com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (028)0059 - Calhau de quartzito com talhe bifacial. Do Paleolítico Médio.

Peça (028)0061 - Fragmento de bordo manual extrovertido com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (028)0084 - Fragmento de bordo extrovertido, de aba larga, de taça, de fabrico a torno, com a espessura de 0,4 cm. Pasta alaranjada com alguns ENP de pequeno e médio calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)0085 - Fragmento de bordo extrovertido de aba larga de taça com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta alaranjada muito friável, bem depurada.

Peça (028)0086 - Fragmento de bordo extrovertido de aba larga de taça com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta alaranjada muito friável, com ENP de várias dimensões.

Peça (028)0161 - Fragmento de bordo manual extrovertido muito rude. Pasta castanho-escura no ex-

terior e avermelhado no interior, com ENP de pequeno e grande calibre. Da I Idade do Ferro. Igual a 0735, 0733 e 0732. (não ilustrado).

Peça (028)0210 - Fragmento de asa de rolo com arranque de bordo com 2,3/ 2,4 cm de diâmetro. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre. Possível origem fenícia.

Peça (028)0243 - Bordo de pequena taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta castanha e negra, bem depurada (sem ENP), polida no interior e no exterior. Eventual influência mediterrânica.

Peça (028)0246 a 0268 - Taça de cerâmica fina feita a torno com 26 cm de diâmetro e pé anelar. Pasta avermelhada muito friável com ENP de pequeno calibre, polida no interior e exterior. I Idade do Ferro, de eventual influência mediterrânica.

Peça (028)0274 - Bordo de taça alisada no interior e no exterior com paredes de 0,4 cm de espessura. Apresenta pasta avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre e alguns grandes. Eventual influência mediterrânica.

Peça (028)0280=0282 - Bordo extrovertido de vaso grande feito a torno (?) com paredes de 0,7 cm de espessura. Apresenta pasta negra bem depurada, polida no interior e no exterior e com alguns ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)0283 - Bordo extrovertido de pequena taça torneada (?) com paredes de 0,5 cm de espessura e pasta cinzenta bem depurada (sem ENP). Eventualmente da I Idade do Ferro.

Peça (028)0312 - Bordo extrovertido de grande pote com parede de 1 cm de espessura. Apresenta pasta avermelhada muito friável e com muitos ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)0380=0389 - Fragmento de bordo manual extrovertido de grande pote, com paredes de 2 cm de espessura. Pasta castanho-escura no cerne e castanha nas duas faces, micácea, com muitos ENP de médio e grande calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)0452=0433 - Fragmento de fundo de taça média, de fabrico a torno, com pé anelar, e paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta muito friável, alaranjada e bem depurada.

Peça (028)0478 - Afiador em anfibólito quebrado com marcas em vários sentidos de objectos aguçados.

Peça (028)0479=0482=0484=0485=0496=0501 - Fragmento de bordo e colo de pote médio, de fabrico a torno, com bordo esvasado, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escura no cerne, castanha no interior e castanho-avermelhada no exterior, com ENP de pequeno calibre.

Peça (028)0524 - Fragmento de panela com perfuração, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-clara nas duas faces e castanho-escuro no verso, com alguns ENP de várias dimensões.

Peça (028)0544 - Fragmento de panela de grande peça, com paredes de 0,9 cm de espessura, com carena leve. Pasta vermelha polida no exterior, com alguns ENP de várias dimensões.

Peça (028)0569 - Fragmento de bordo de taça cerâmica fina de torno, com paredes de 0,4 cm de espessura, polida em ambas as faces. Pasta vermelha no verso e castanho-escuro nos dois lados, bem depurada com poucos ENP, maioritariamente, micáceas.

Peça (028)0584 - Fragmento de fundo e panela de pequeno pote. Pasta cinzenta no verso e castanho-escuro nas duas faces, bem depurada.

Peça (028)0589 - Fragmento de bordo de taça polida nas duas faces, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta cinzenta no verso e castanho-clara nas duas faces, bem depurada, com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)0603=0609 - Fragmento de panela de pote de grandes dimensões com paredes de 1 cm de espessura e decoração exterior com duas linhas incisivas paralelas. Apresenta pasta castanha, polida no interior e exterior, bem depurada (sem ENP).

Peça (028)0613 - Fragmento de panela de pote de grandes dimensões com paredes de 1 cm de espessura e decoração exterior com três linhas incisivas paralelas. Apresenta pasta castanha, polida no interior e exterior, bem depurada (sem ENP).

Peça (028)0614 - Bordo de pequena taça em paredes finas com 0,3 cm de espessura. Apresenta pasta cinzenta, polida no interior e no exterior, bem depurada (sem ENP).

Peça (028)0638 - Fragmento de asa de fita, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha no verso e vermelha em ambas as faces, com ENP de pequena e média dimensão.

Peça (028)0640 - Bordo extrovertido manual de médio pote, com paredes de 0,6 cm de espessura. Apresenta pasta castanha com ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)0666 - Bordo extrovertido manual de pote médio com paredes de 0,6 cm de espessura. Apresenta pasta negra e avermelhada com ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)0670 - Cossido de base côncava e topo convexo com 2,5 cm de diâmetro e pasta castanho-escuro com ENP de médio calibre. Eventualmente da I Idade do Ferro.

Peça (028)0680 - Lâmina de sílex. Neo-calcolítico.

Peça (028)0687 - Fragmento de bordo extrovertido manual de grande pote, com paredes de 1 cm a 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de média e grande dimensão. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)0688 - Aba de prato (?) em cerâmica fina com paredes de 0,4 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-clara, muito friável, com alguns ENP de pequeno calibre. De eventual influência fenícia.

Peça (028)0718 - Fragmento de asa de rolo com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta friável, cinzento-clara no verso e alaranjada nas duas faces, com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)0732 - Fragmento de bordo manual extrovertido muito rude. Pasta castanho-escuro no exterior e avermelhado no interior, com ENP de pequeno e grande calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)0733 - Fragmento de bordo manual extrovertido muito rude. Pasta castanho-escuro no exterior e avermelhado no interior, com ENP de pequeno e grande calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)0735 - Fragmento de bordo manual extrovertido muito rude. Pasta castanho-escuro no exterior e avermelhado no interior, com ENP de pequeno e grande calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)0809 - Fragmento de asa de rolo com 2,4 cm de diâmetro. Pasta vermelha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (028)0811 - Fragmento de bordo extrovertido manual de pote com 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-clara nas faces e cinzento-clara no verso, com ENP de pequeno e grande calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)0865=0866=0868=0869 - Fragmento de bordo redondo e panela de pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,7/ 0,8 cm de espessura. Pasta vermelha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micáceas.

Peça (028)0884 - Fragmento de bordo espessado, recto, de vaso manual, com paredes de 0,9 cm de espessura, polido no interior. Pasta vermelha no verso e exterior e negra no interior, com ENP de pequeno calibre.

Peça (028)0890=0891=0892 - Fragmento de bordo e panela de grande taça com carena leve, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta vermelha, muito friável, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)0916 - Fragmento de fundo manual de grande vaso de taça, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)0930 - Fragmento de asa de fita com a espessura de 0,9 cm. Pasta vermelha bem depurada.

Peça (028)0942=0943=0944 - Fragmento de bordo recto manual de pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta avermelhada e negra, muito friável, com muitos ENP de médio e grande calibre.

Peça (028)0956 - Fragmento de asa de rolo com arranque de bordo com 2,5 cm de diâmetro. Pasta castanha, micácea, polida no dorso, com ENP de pequeno calibre.

Peça (028)0977 - Bordo extrovertido polido no interior e no exterior e pasta avermelhada no interior e cinzenta no exterior, bem depurada (sem ENP). I Idade do Ferro.

Peça (028)0998 - Disco de xisto com perfuração central bicónica. De cronologia calcolítica.

Peça (028)1027 - Fragmento de bordo de taça em cerâmica fina polida nas duas faces, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta avermelhada no cerne e castanho-escuro nas duas faces, bem depurada, com poucos ENP, essencialmente micas.

Peça (028)1030 - Afiador/alisador em seixo em anfibolito fragmentado.

Peça (028)1041 - Fragmento de asa de rolo com 2,3/ 2,4 cm de diâmetro. Pasta bege, muito friável, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)1049 - Fragmento de pança de taça de cerâmica fina, com caneluras no exterior, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta alaranjada no cerne e cinzento-claro nas duas faces, bem depurada com poucos ENP.

Peça (028)1091 - Fragmento de bordo e colo de taça grande de paredes rectas e bordo triangular, manual, com decoração penteada no exterior e alisada no interior, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha no cerne e vermelha nas duas faces, com muitos ENP de médio e grande calibre. Da idade do Bronze.

Peça (028)1099 - Bordo extrovertido manual de pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta negra (cerne) e vermelha no exterior, muito friável, com ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1125 - Asa de rolo de possível pote ou ânfora, com 2,5 cm de espessura. Apresenta pasta cinzento-clara (cerne) e alaranjada no exterior com ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1126 - Fragmento de pança com pega mamilar e paredes de 0,9 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-escuro alisada com alguns ENP de pequeno e médio calibre. Eventualmente de cronologia neo-calcolítica.

Peça (028)1128 - Fundo de vaso manual com paredes de 1,1/1,2 cm de espessura e pasta avermelhada com ENP de calibre médio.

Peça (028)1129 - Fragmento de bordo extrovertido de pote manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha micácea, com muitos ENP de várias dimensões. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)1137 - Fragmento de bordo extrovertido de pote de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta vermelho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)1142=1147 - Fragmento de pança com carena leva de pote grande, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (028)1148 - Fragmento de bordo triangular de grande vaso, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com ENP de médio calibre, com sulcos paralelos feitos com os dedos no exterior. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)1149 - Fragmento de carena de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta cinzento-clara, polida nas duas faces, bem depurada, sem ENP.

Peça (028)1190 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta negra no cerne e vermelha nas duas faces, polida, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1191 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta friável, castanho-clara, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)1192 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes polidas de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne e castanho-escuro nas duas faces, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1214 - Fundo de vaso com paredes de 0,9 cm de espessura, polidas no interior e no exterior. Apresenta pasta acinzentada no interior e castanho-claro no exterior, com ENP de pequeno calibre e alguns grandes.

Peça (028)1216=1219 - Bordo de taça torneada com 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta castanha, polida no interior e no exterior com poucos ENP. Peça de eventual influência fenícia.

Peça (028)1220 - Bordo recto manual de taça com 0,7 cm de espessura e pasta castanha com ENP de pequeno e médio calibre. Neo-calcolítico.

Peça (028)1221 - Bordo de vaso manual pequeno com paredes de 0,6/0,7 cm de espessura. Apresenta

pasta avermelhada espatulada em linhas paralelas no interior e no exterior e com ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1259 - Fragmento de bordo manual recto de grande pote alisado nas duas faces, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)1256 - Fragmento de pança com carena leve, alisada nas duas faces, com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e vermelha nos dois lados, com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micáceas.

Peça (028)1270=1271=1272 - Fragmento de pança com carena de peça de grandes dimensões, com paredes de 1,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne, castanha no exterior e castanha avermelhada no interior, espatulada no interior. Peça fabricada a torno lento, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1288 - Fragmento de bordo de pote de fabrico a torno, em cerâmica fina, espatulada no interior e polida no exterior, com paredes de 0,3 cm de espessura. Pasta cinzento-clara no cerne, depois acastanhada e negra nas duas faces, bem depurada com alguns ENP de pequeno calibre, essencialmente micáceas.

Peça (028)1297 - Fragmento de bordo e pança, de fabrico a torno, extrovertido, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro no cerne e castanho-clara nas duas faces, com pasta bem depurada. Da I Idade do Ferro.

Peça (028)1318 - Fragmento de asa de fita, com sulcos no meio, com a espessura de 1,2 cm. Pasta castanho-escuro, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)1350 - Fragmento de prato torneado, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanho-clara, com engobe vermelho nas duas faces, bem depurada, com alguns ENP de pequeno e médio calibre. Influência fenícia.

Peça (028)1357 - Fragmento de bordo de taça de cerâmica fina, polida nas duas faces, com paredes de 0,3 cm de espessura. Pasta vermelha no cerne e negra no exterior, bem depurada com alguns ENP de pequeno e grande calibre.

Peça (028)1362 - Bordo extrovertido de pote grande manual com paredes de 1,3 cm de espessura. Apresenta pasta negra no interior e castanho-escuro no exterior com muitos ENP de médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1383 - Fragmento de bordo e pança de taça de cerâmica fina, de fabrico a torno, polida em

ambas as faces, com paredes de 0,3 cm de espessura. Pasta vermelha no cerne e negra nas duas faces., bem depurada, com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1385=1384=1389 - Fragmento de pança manual de grande pote com paredes de 0,9/1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e vermelha nas duas faces, com ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (028)1437 - Fragmento de bordo e pança de taça, de fabrico a torno, polida nas duas faces, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne, castanha no interior e negra no exterior, com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1440 - Fragmento de asa de rolo com 2,2 cm de diâmetro. Pasta negra no cerne e vermelha nas duas faces, com ENP de várias dimensões.

Peça (028)1451 - Fundo manual de grande vaso com paredes de 1 cm de espessura. Apresenta pasta cinzenta (cerne) e vermelha no interior e exterior, bem depurada, mas com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1451 - Fragmento de fundo de grande pote ou alguidar, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta cinzenta no cerne e vermelha nas duas faces, com alguns ENP de médio calibre.

Peça (028)1456 - Fragmento de pança manual de grande pote com paredes de 1/1,1 cm de espessura e com sulco inciso no exterior. Apresenta pasta castanha, muito friável e com muitos ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1459 - Fragmento de bordo manual em bisel alisado com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de várias dimensões. De cronologia neo-calcolítica.

Peça (028)1481 - Fragmento de bordo extrovertido de vaso com paredes de 0,5 cm. Pasta vermelha no cerne e negra nas duas faces, micácea, bem depurada, com poucos ENP e com decoração à base de espatulados paralelos no interior e polida no exterior.

Peça (028)1490 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta castanha (cerne) e negra no interior e exterior, polida. Influência fenícia.

Peça (028)1491 - Bordo de taça de cerâmica fina com paredes de 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta castanha, polida no interior e no exterior, bem depurada (sem ENP). Eventual influência fenícia.

Peça (028)1501 - Fragmento de taça de fabrico a torno de cerâmica fina, polida nas duas faces, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-clara, bem depurada, micácea, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1502 - Fundo de taça de base côncava

com paredes de 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta avermelhada, polida no interior e no exterior com poucos ENP.

Peça (028)1543 - Fragmento de bordo de taça vidrada a melado no interior e amarelado no exterior, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta avermelhada, bem depurada, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (028)1554 - Parede de pote manual com mamilo e com 1,1 cm de espessura. Apresenta pasta cinzenta no cerne e avermelhada no interior com ENP de pequeno e médio calibre. Neo-calcolítico à I Idade do Ferro.

Peça (028)1559 - Bordo torneado de taça com paredes de 0,5 cm de espessura e pasta acastanhada com ENP de pequeno calibre e algumas micas.

Peça (028)1559a - Bordo extrovertido de torno lento (?) de pote de tamanho médio com paredes de 0,6 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-clara com muitos ENP de pequeno calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1560 - Bordo extrovertido manual de pote? de tamanho médio com paredes de 1 cm de espessura. Apresenta pasta negra com manchas castanhas no interior e ENP de médio calibre e algumas micas. I Idade do Ferro.

Peça (028)1674=1687 - Fundo de vaso ou pote de grandes dimensões, de fabrico manual e com paredes de 1,1 cm. Apresenta pasta avermelhada, alisada no interior e no exterior e com ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1682 - Bordo manual extrovertido, de pasta acastanhada, alisada no interior e exterior, com ENP de pequeno e médio calibre. I.ª Idade do Ferro.

Peça (028)1684 - Fragmento de pança de taça grande manual com paredes de 0,8 cm de espessura. Apresenta pasta avermelhada com ENP de pequeno e médio calibre com micas e espatulado formando linhas paralelas no interior. I Idade do Ferro.

Peça (028)1726 - Bordo de taça de cerâmica fina torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escura no interior e exterior, polida, bem depurada mas com raros ENP de pequeno calibre. De eventual influência fenícia.

Peça (028)1727 - Bordo de taça de cerâmica fina torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta castanha polida no interior e exterior, bem depurada mas com alguns ENP de pequeno e médio

calibre. De eventual influência fenícia.

Peça (028)1728 - Cossóiro castanho com 2,5 cm de largura e 1,4 cm de altura com ENP de pequeno e médio calibre. Eventualmente da I Idade do Ferro.

Peça (028)1758 - Bordo de taça torneada com paredes de 7/9 cm de espessura. Apresenta pasta avermelhada (cerne) e negra no interior e exterior, polida, com reflexos metálicos e bem depurada (sem ENP). Eventual imitação fenícia.

Peça (028)1759 - Bordo de taça manual, alisada no interior e no exterior, de cor castanha com ENP de pequeno e médio calibre. Neo-calcolítico.

Peça (028)1760 - Fragmento de pança torneada (torno rápido) de ânfora com paredes de 7 a 9 cm de espessura. Apresenta pasta cinzenta (cerne), negra no exterior, polida, com ENP pequenos e alguns de médio calibre. Eventualmente da II Idade do Ferro.

Peça (028)1767=1778 - Fundo de vaso ou pote manual de grandes proporções com paredes de 1,2/1,3 cm de espessura. Apresentava pasta avermelhada com ENP de quartzo de pequeno e médio calibre e alguns de grande calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1791 - Fundo com 13 cm de diâmetro de pote manual de grandes proporções com paredes de 1,2 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-avermelhada com ENP de pequeno e médio calibre. I Idade do Ferro.

Peça (028)1793 - Fragmento de telha tosca, com dedadas como decoração, com 1,4 cm de espessura. Pasta vermelha com grande quantidade de ENP de várias dimensões.

Peça (028)1794 - Fragmento de telha curva com a espessura de 1,3 cm. Pasta cinzenta (excesso de cozedura) com ENP de várias dimensões.

Peça (028)1795 - Fragmento de telha curva, muito friável, com a espessura de 2,4 cm. Pasta vermelha bem depurada, com dedadas de alisamento.

Peça (028)1797 - Seixo em xisto branco polido em ambas as faces. Polidor.

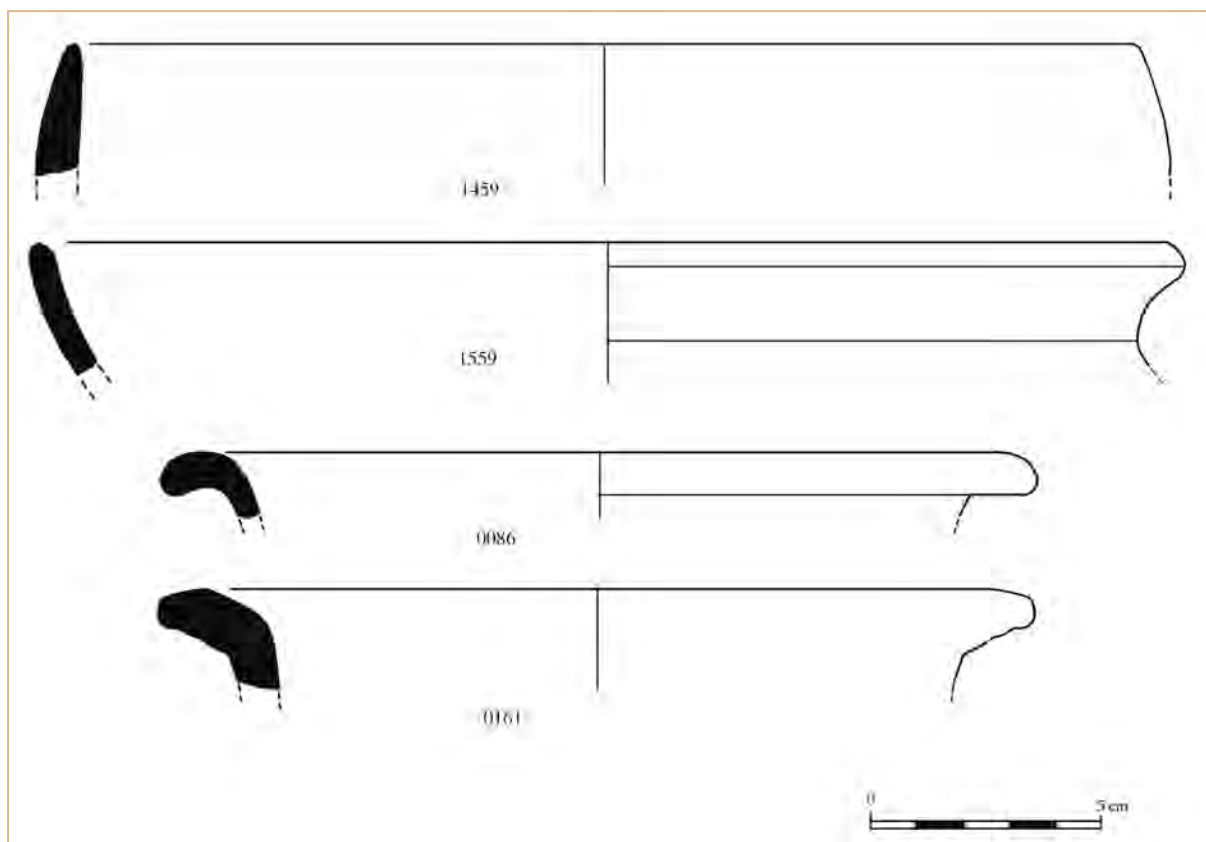
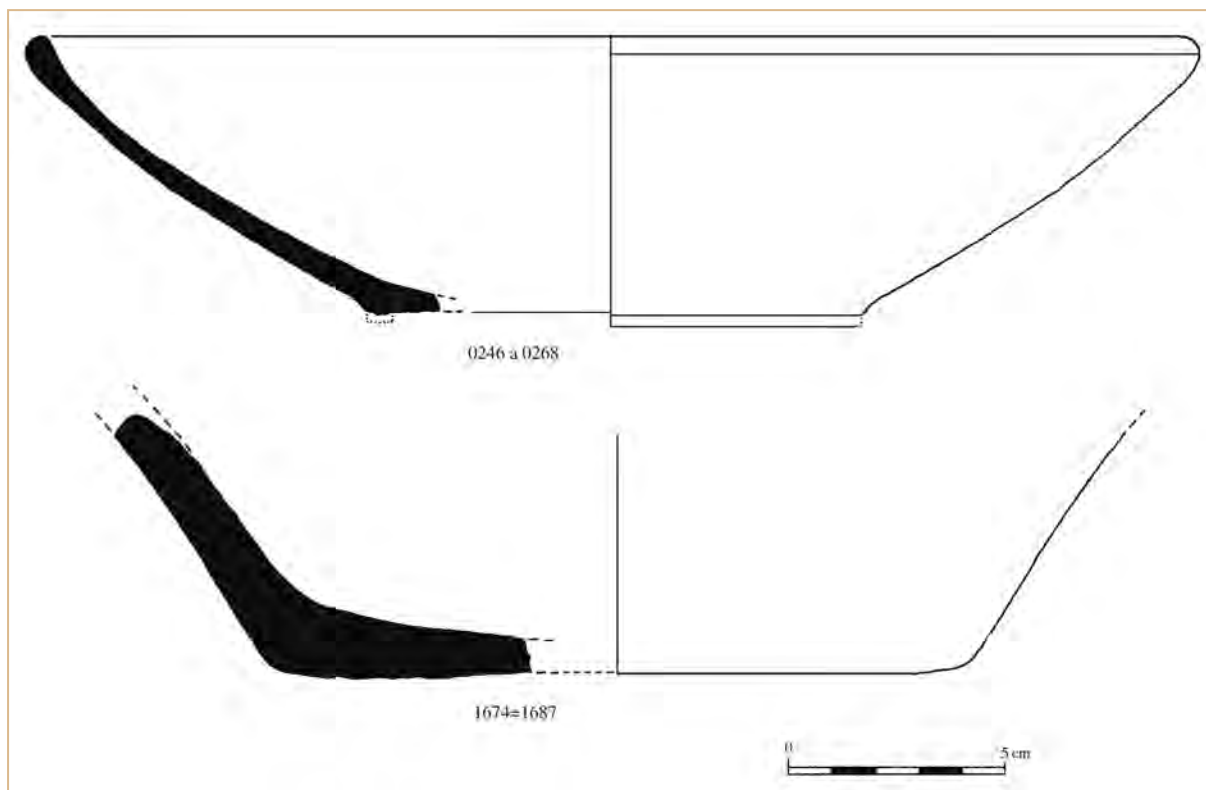
Peça (028)1798 - Seixo em quartzito negro que serviu como polidor numa das faces.

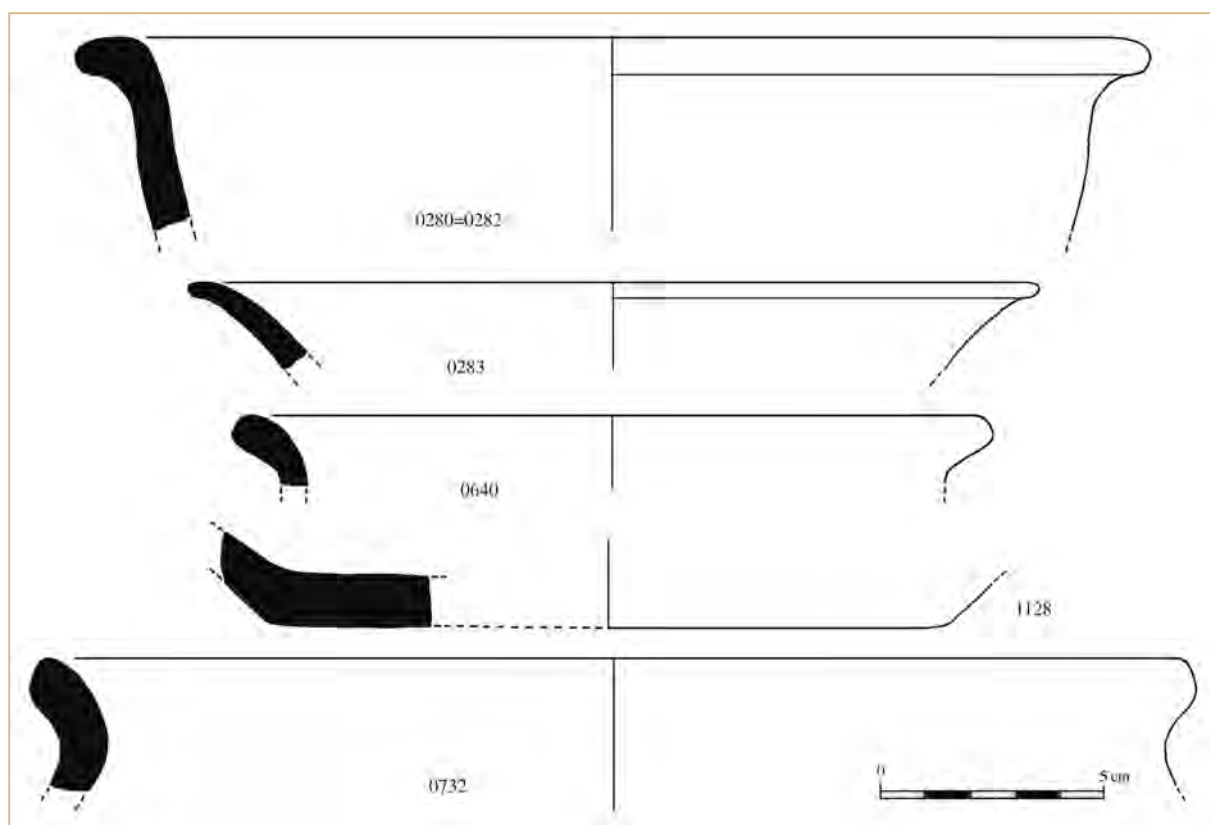
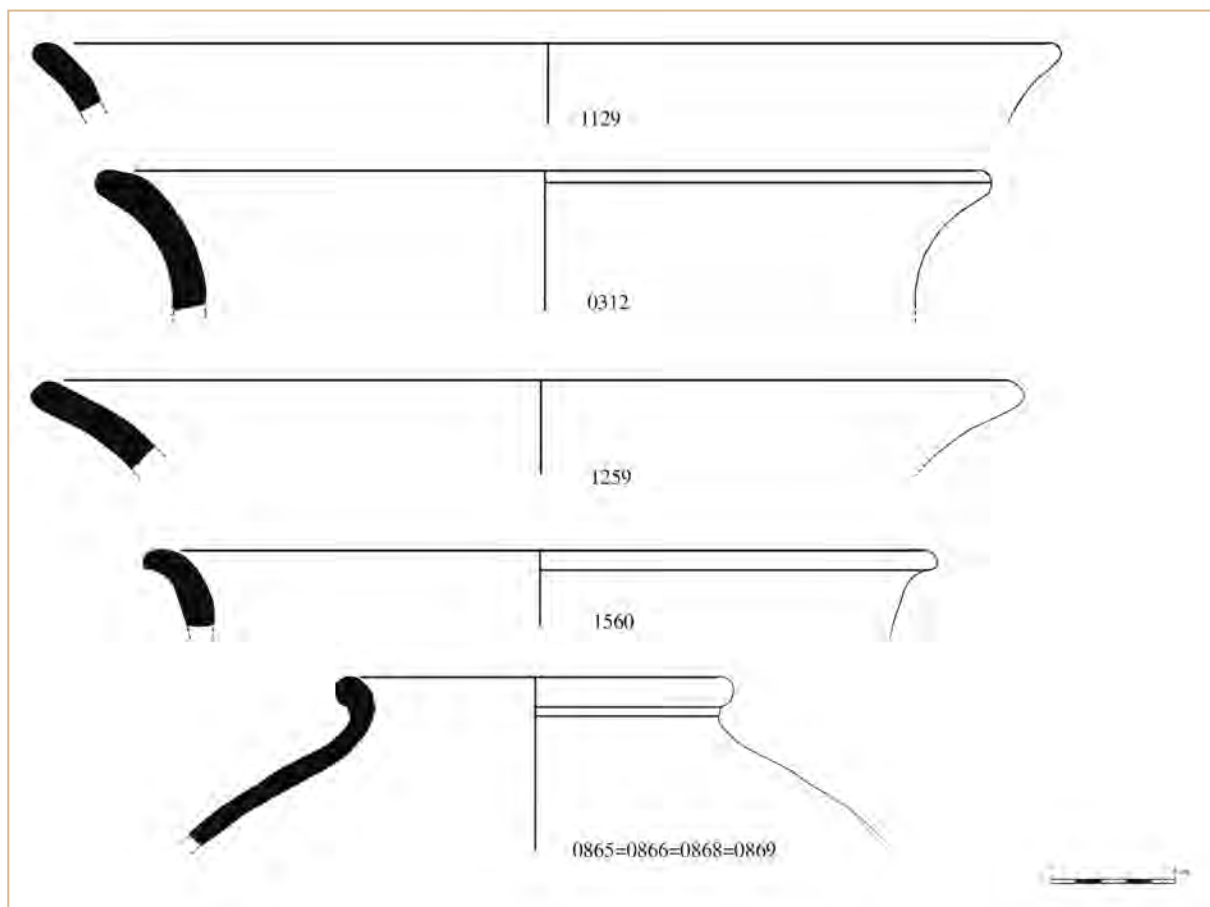
Peça (028)1799 - Fragmento de bordo de talha contemporânea.

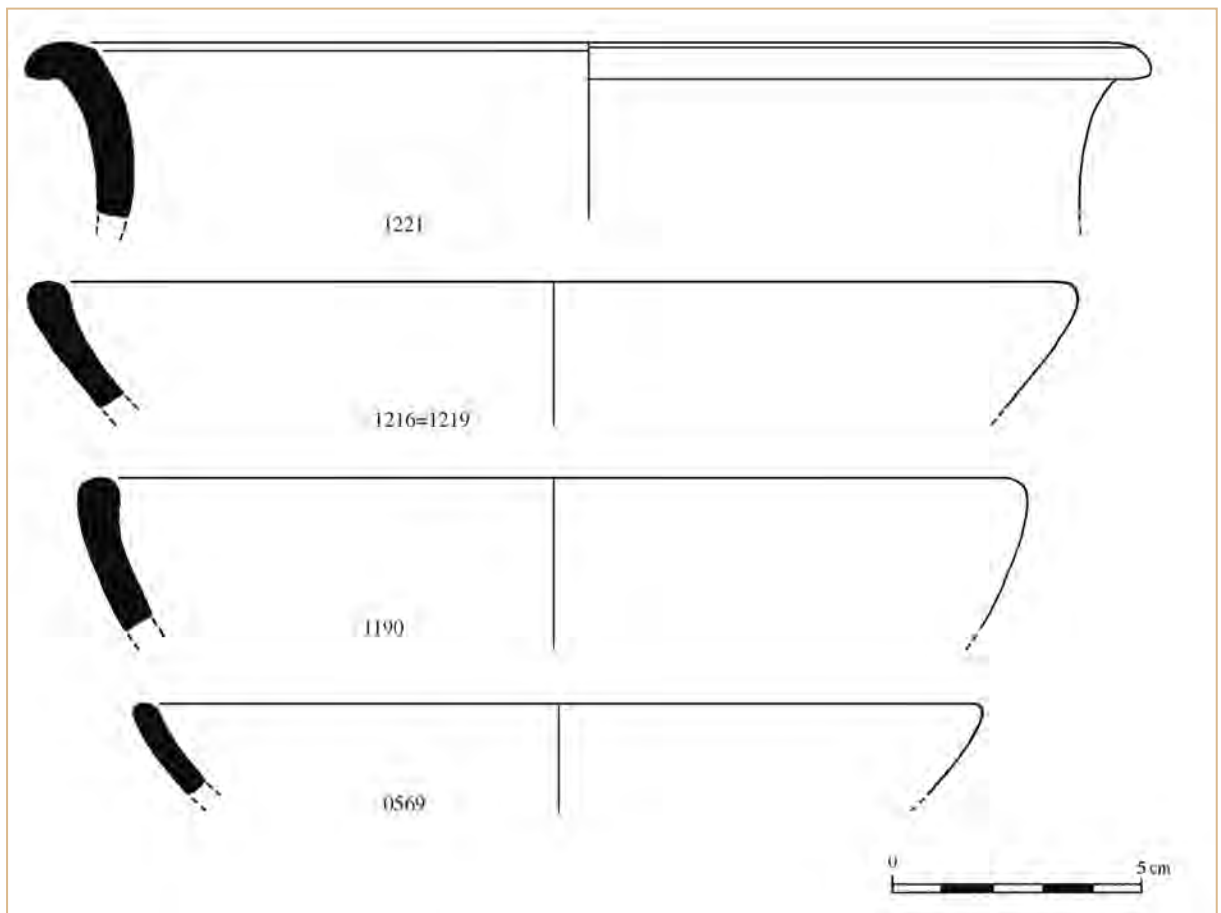
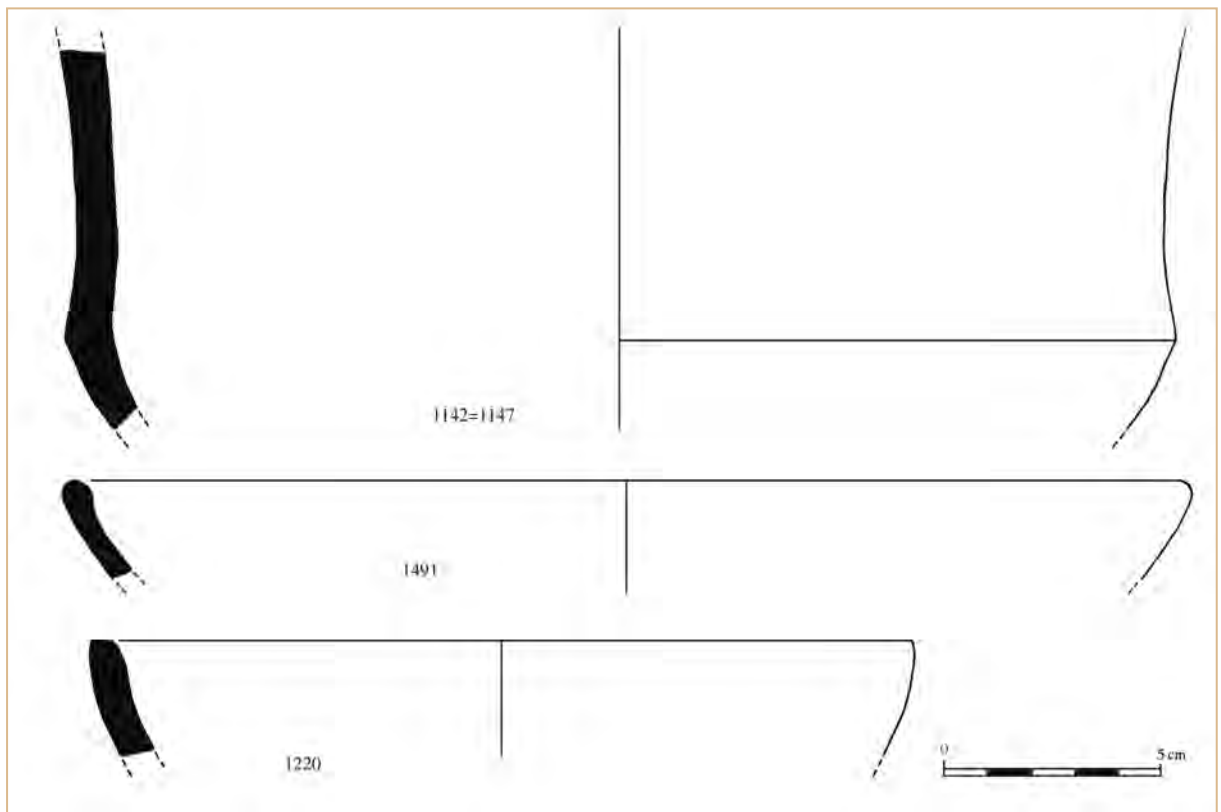
Peça (028)L34PL1UE2 - Fragmento de *imbrex* com dedadas marcadas em pasta alaranjada muito friável, com 1,3 a 1,7 cm de espessura.

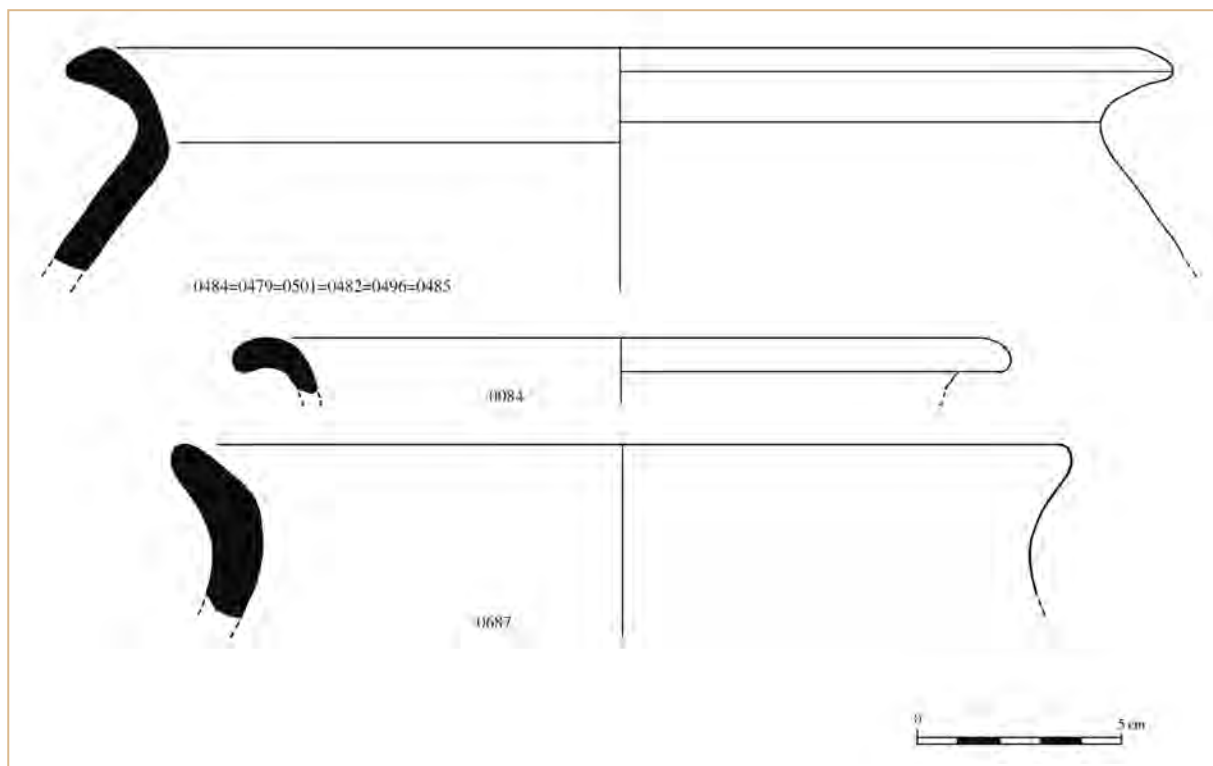
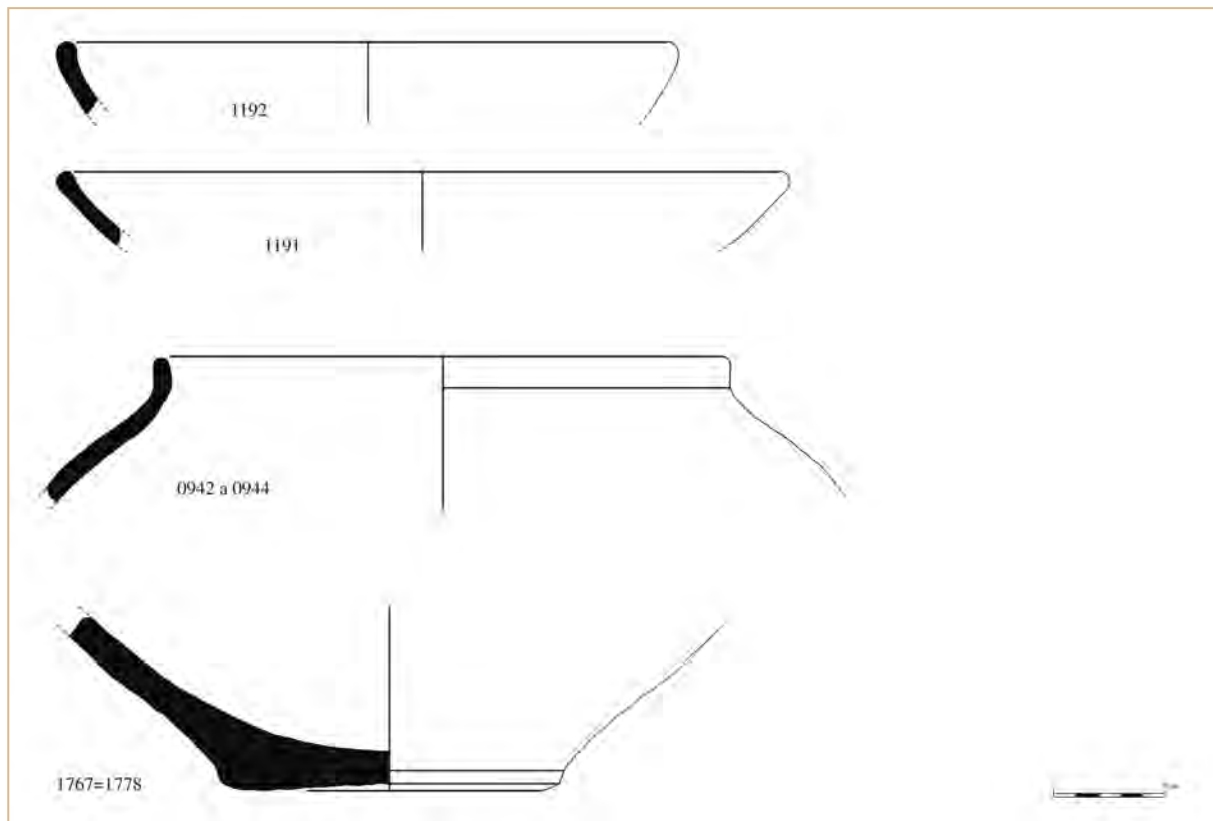
2.2.5.3.2. Desenhos

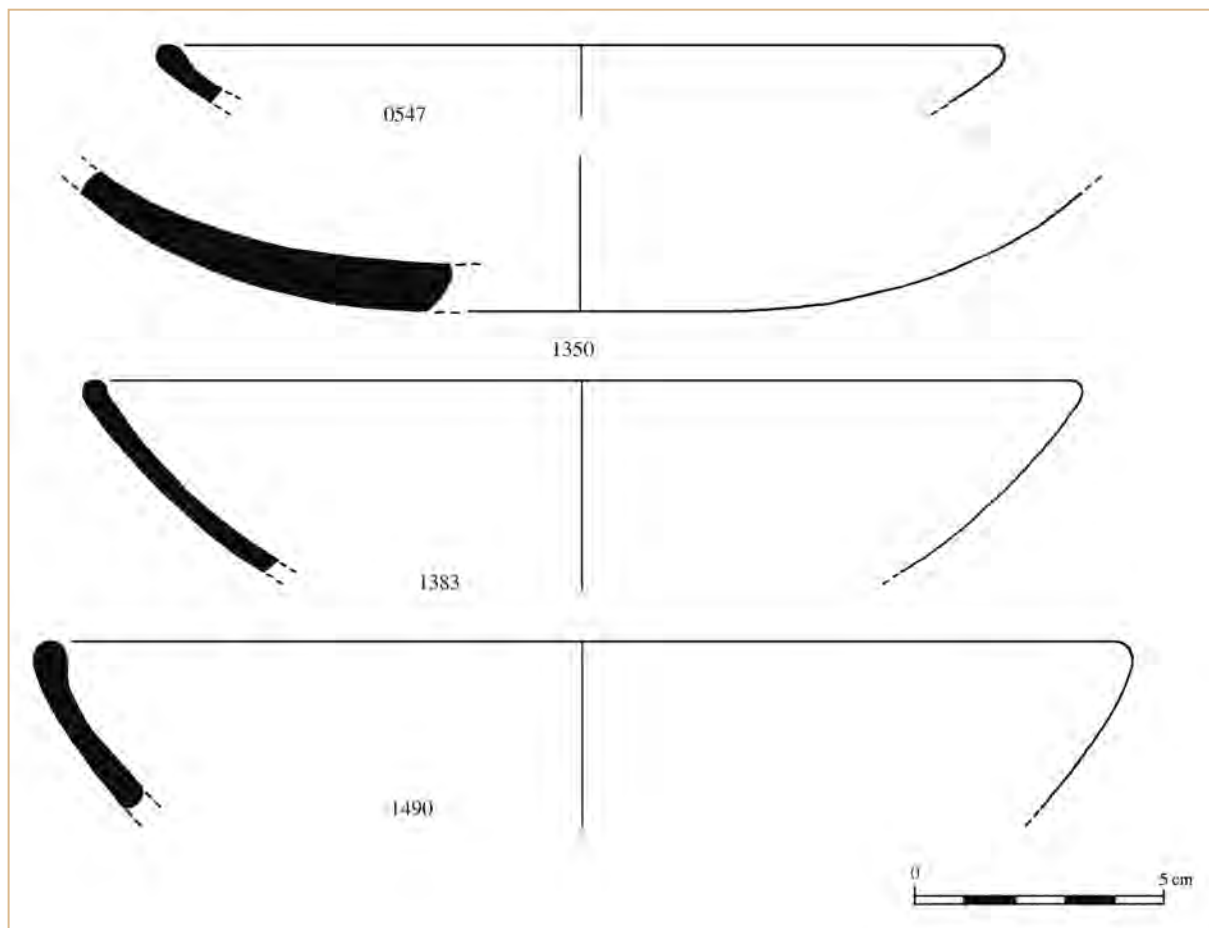
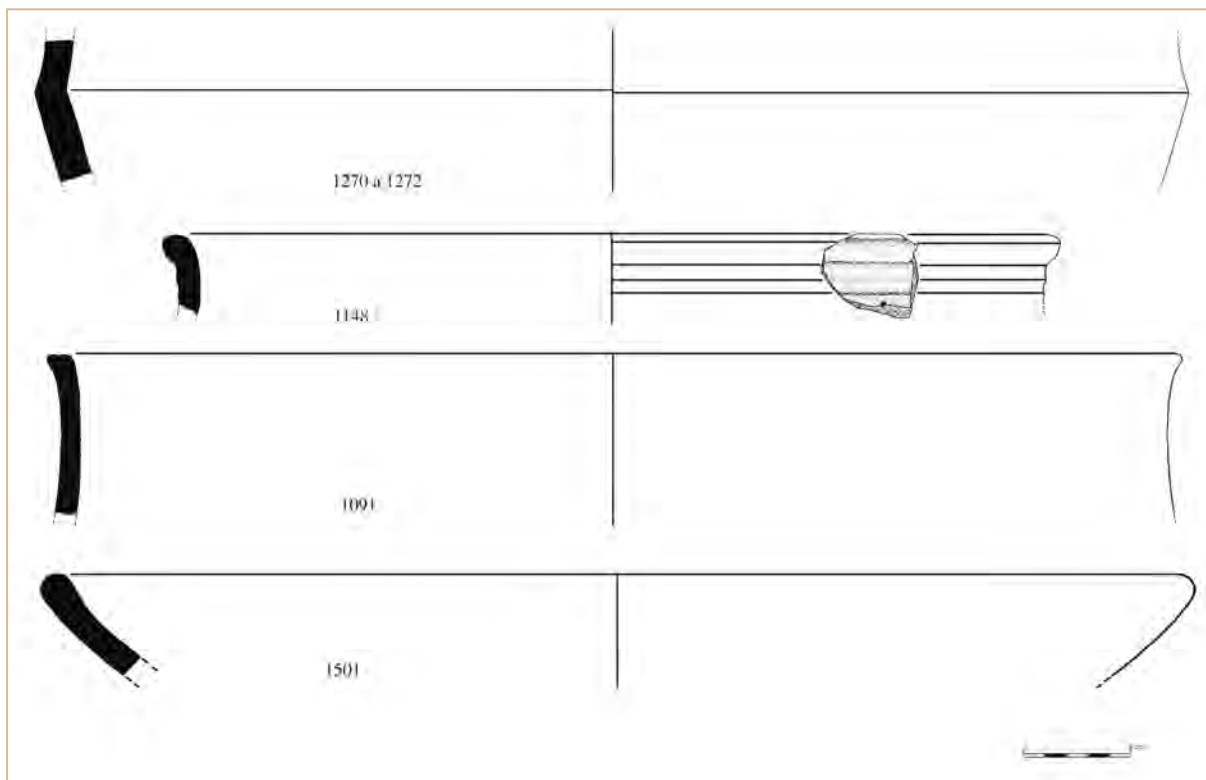
Materiais cerâmicos

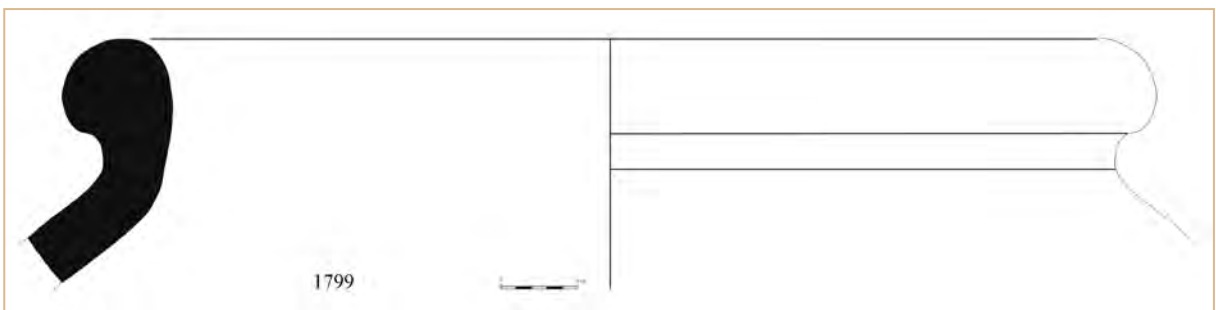
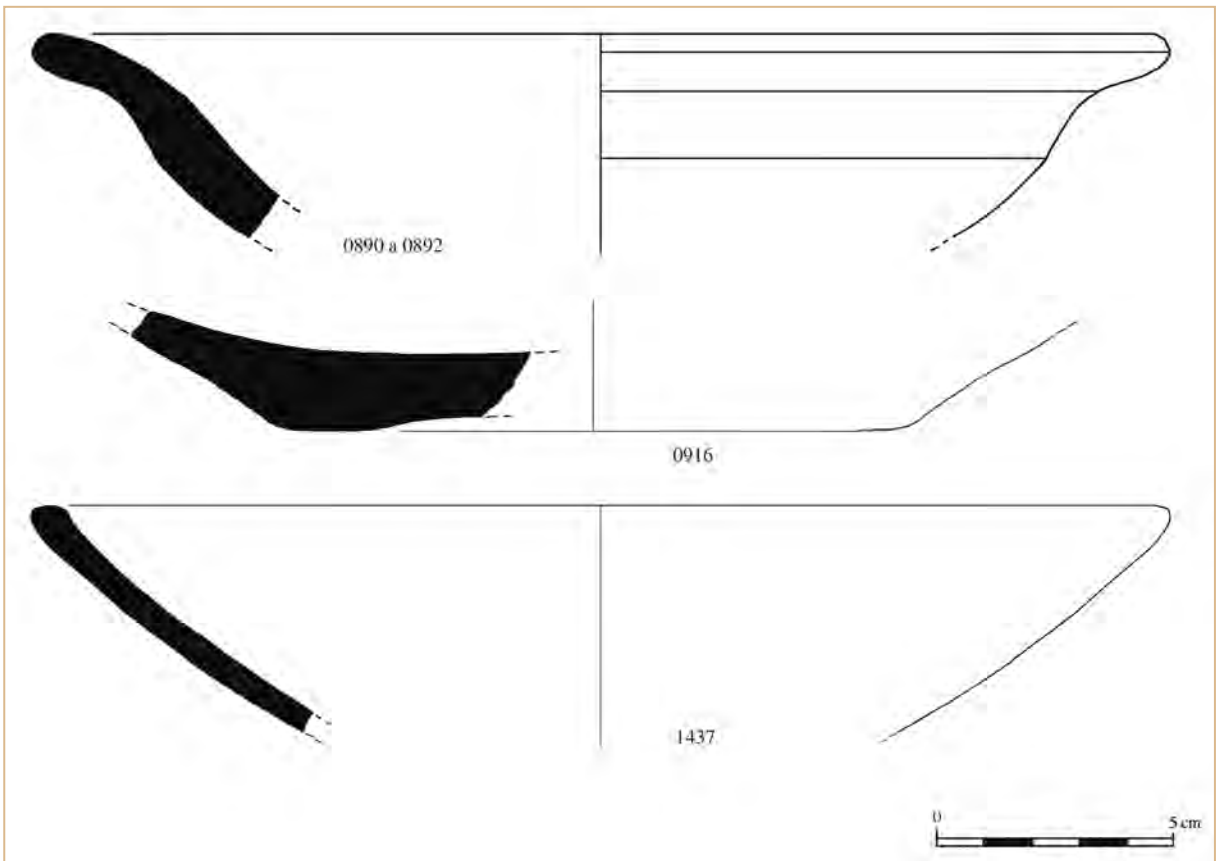
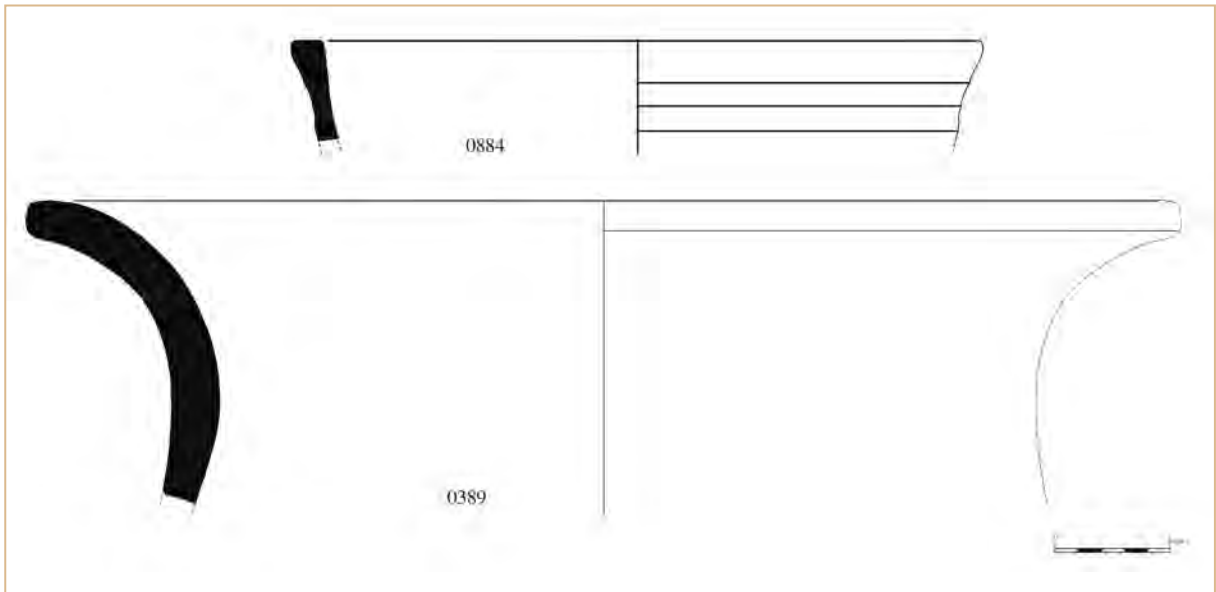


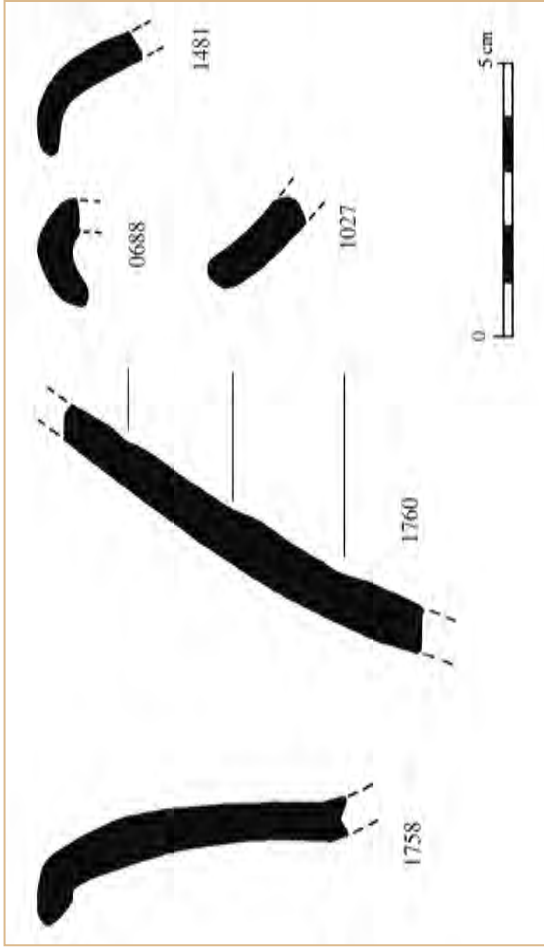
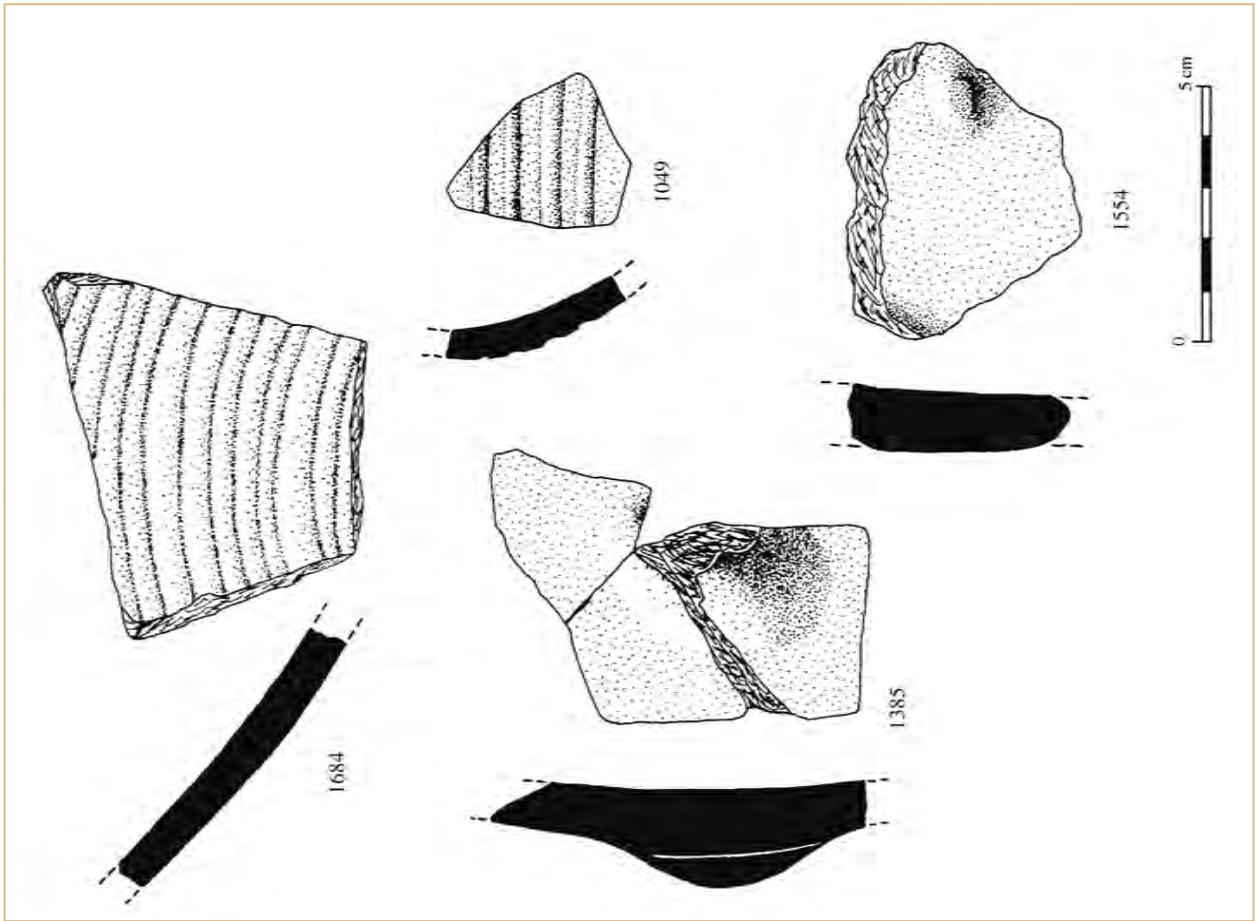


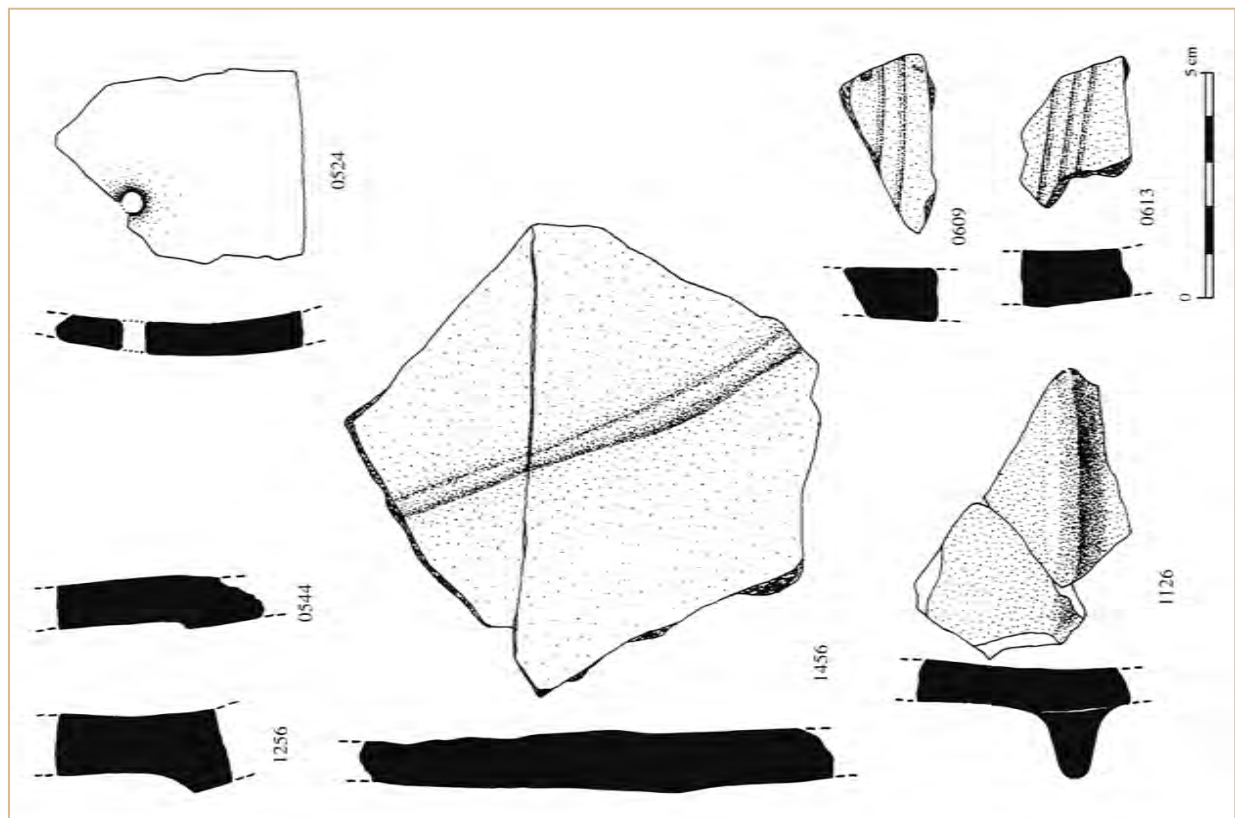
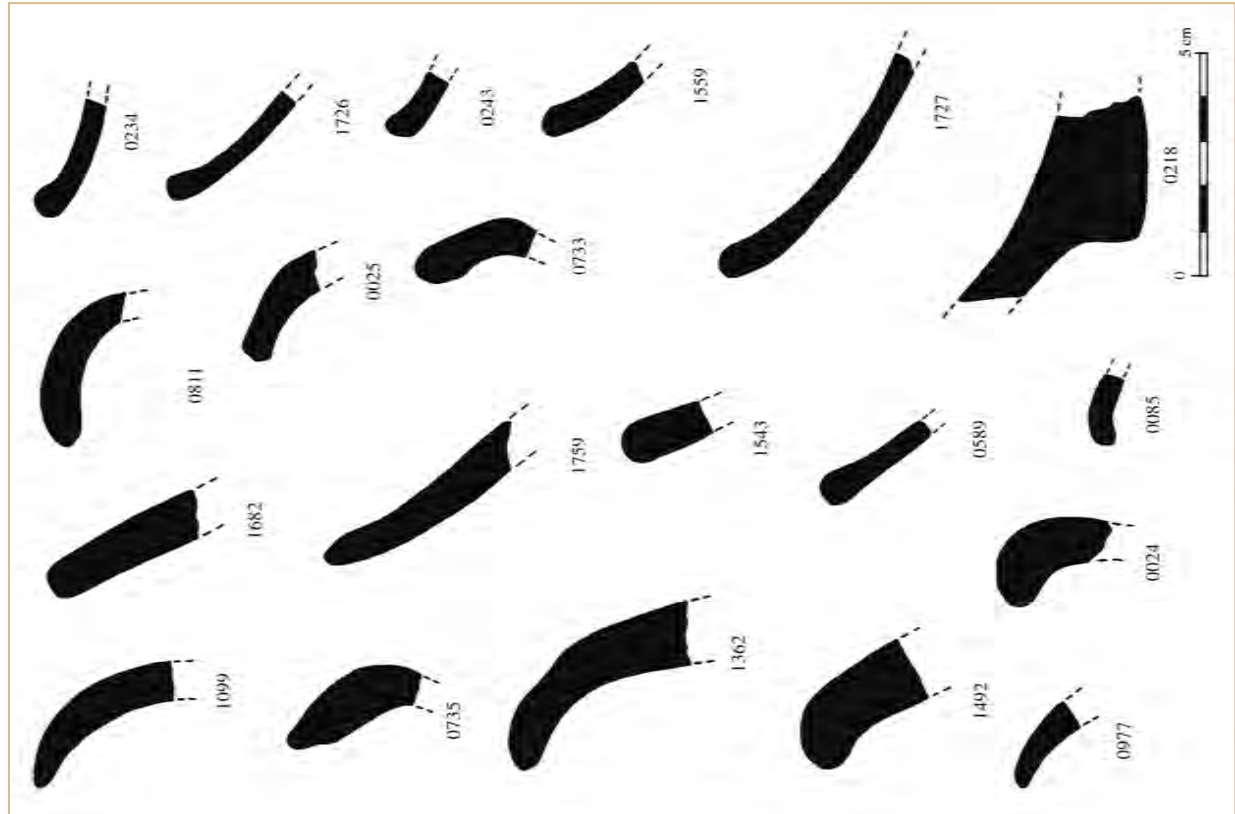


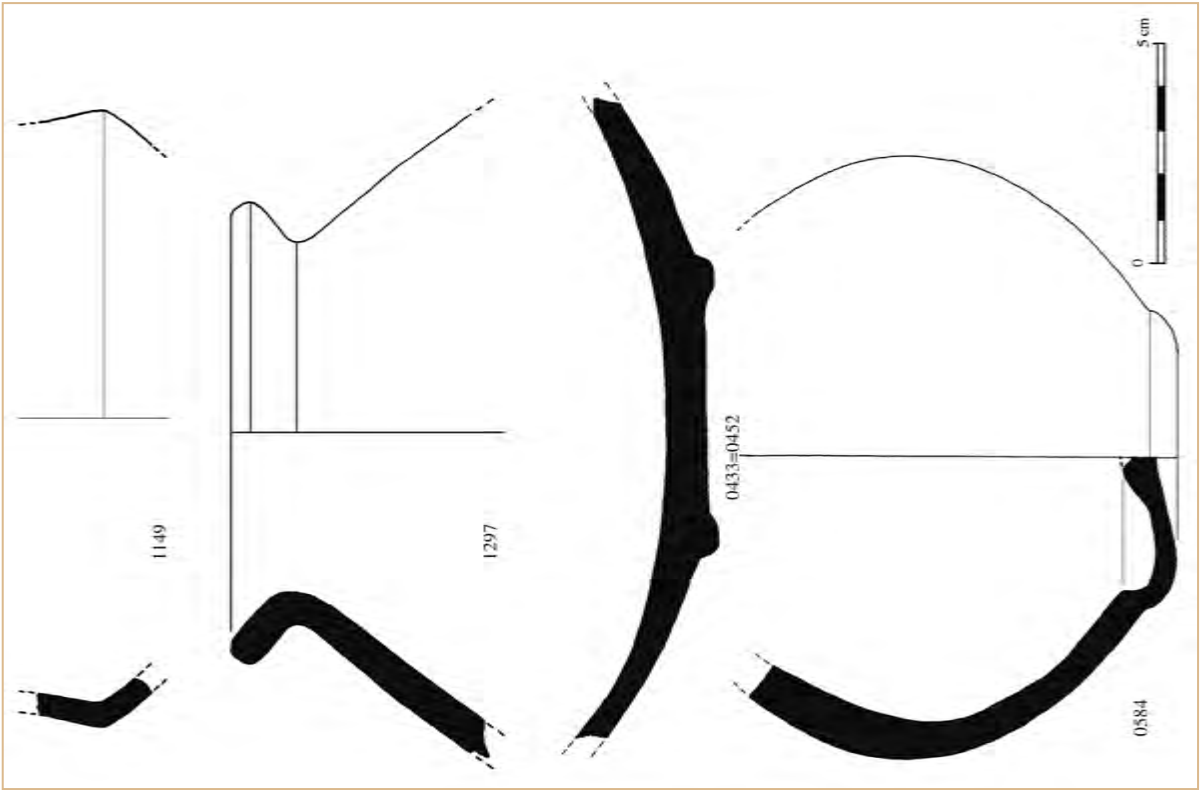
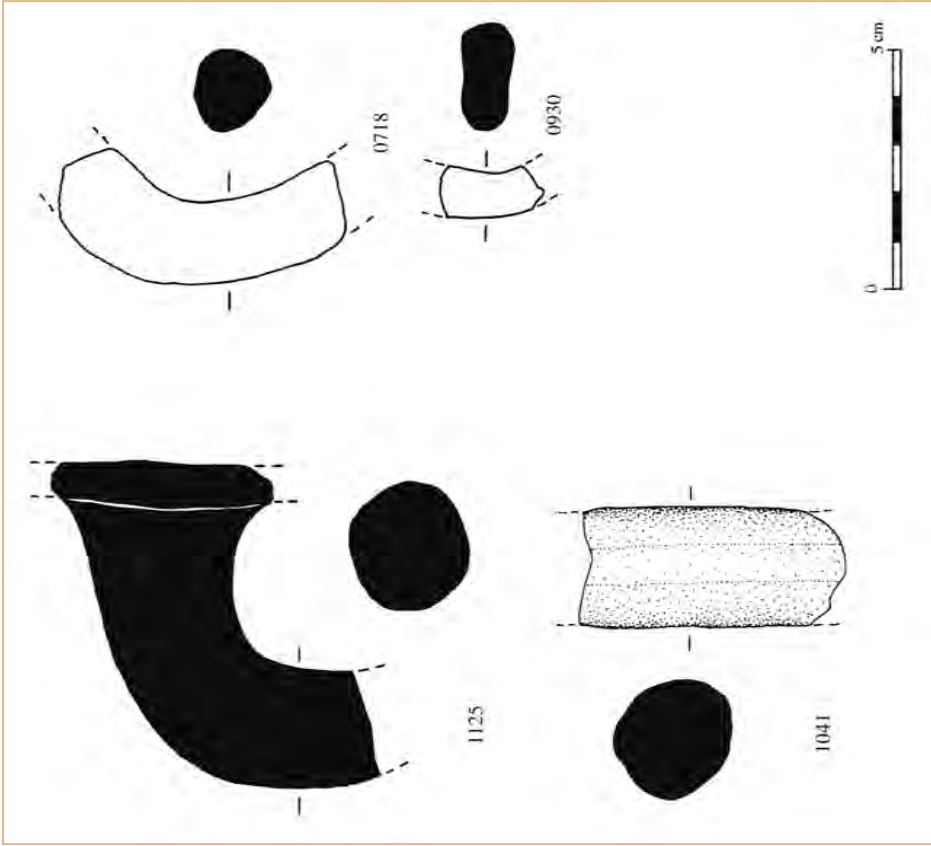


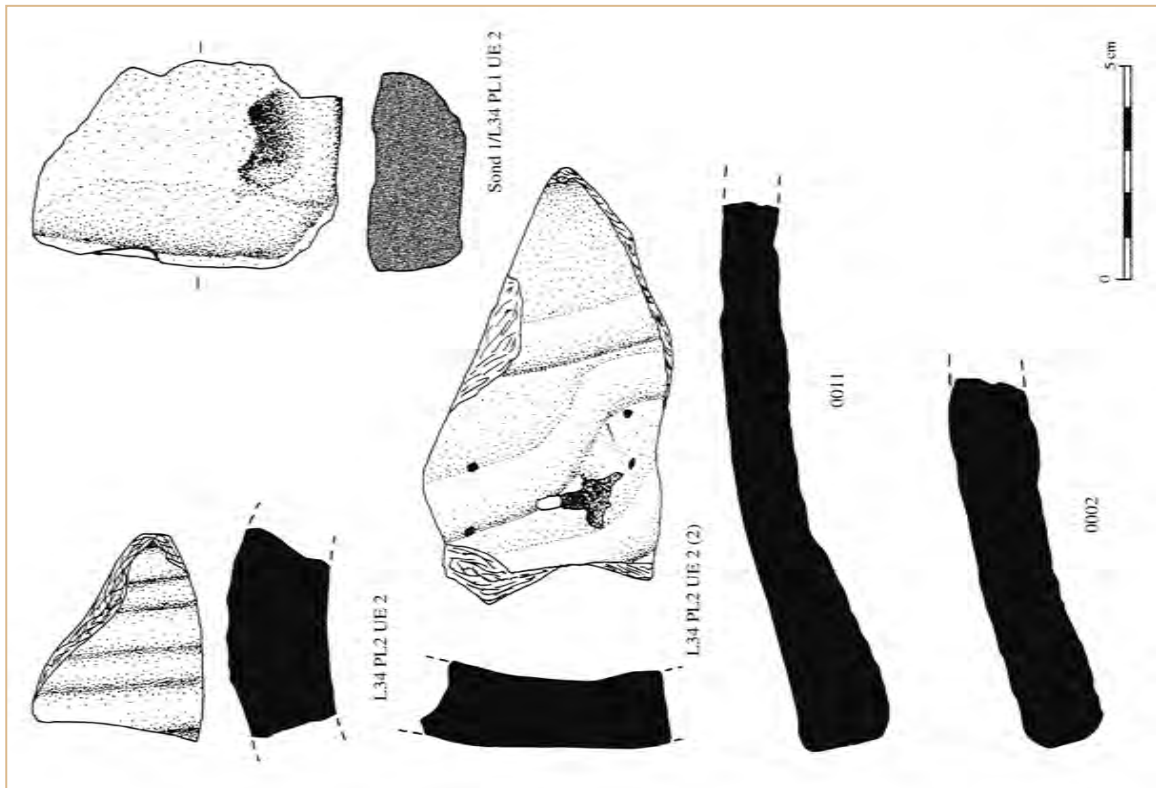
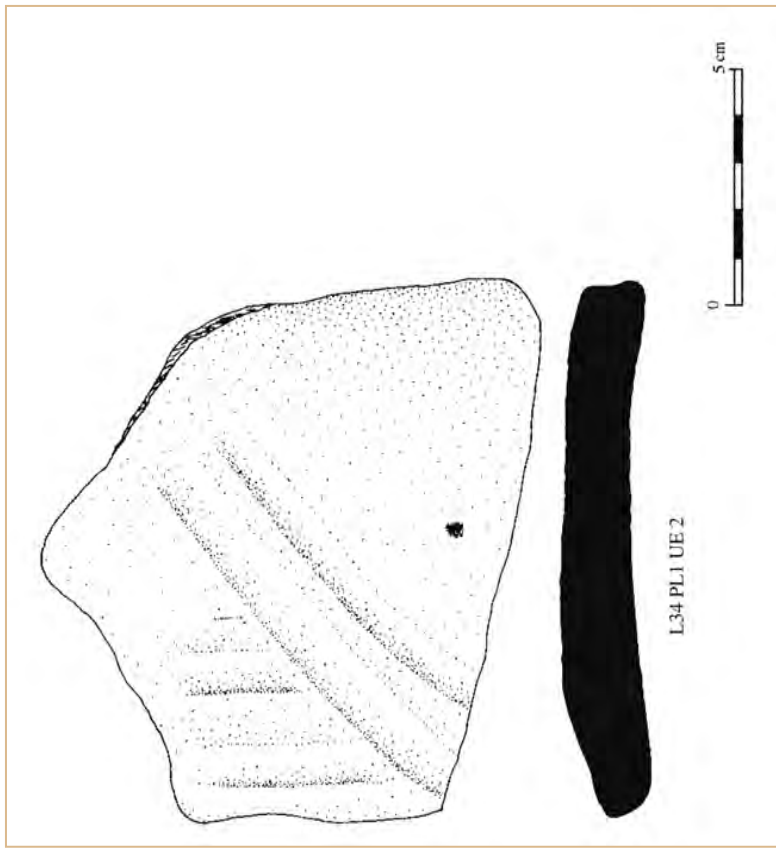


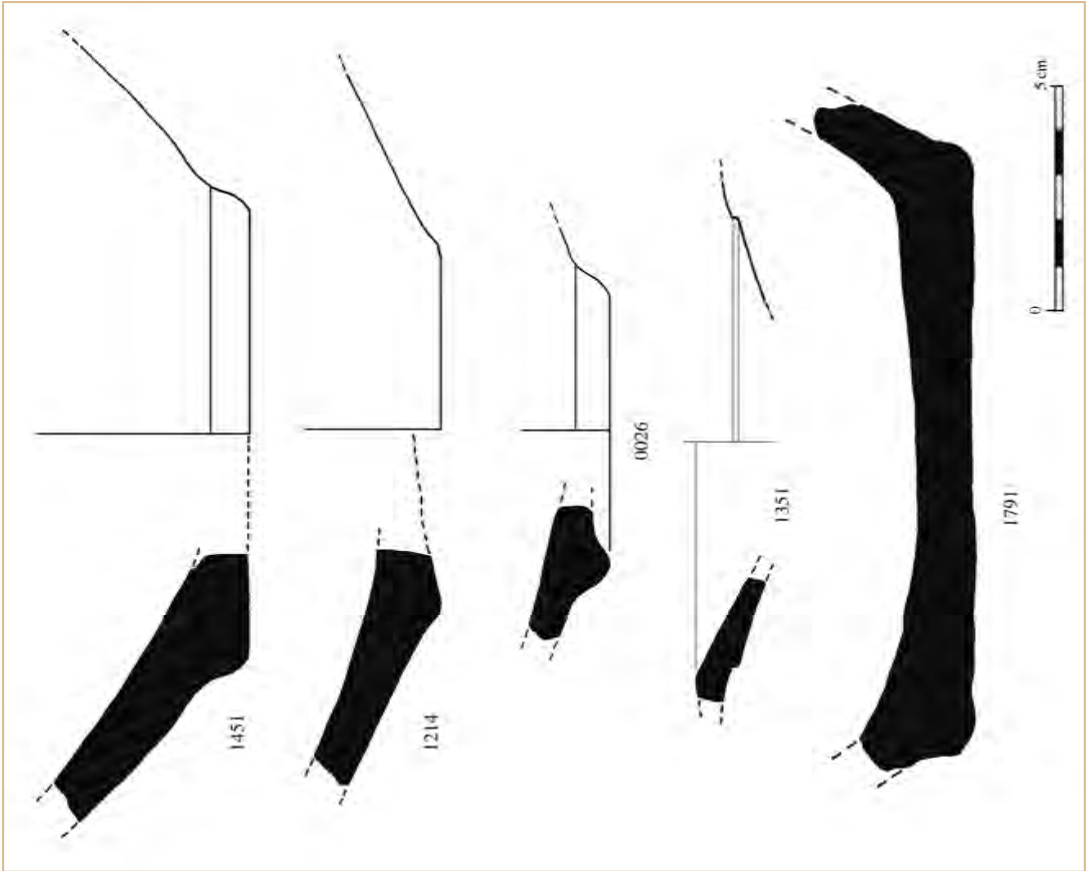
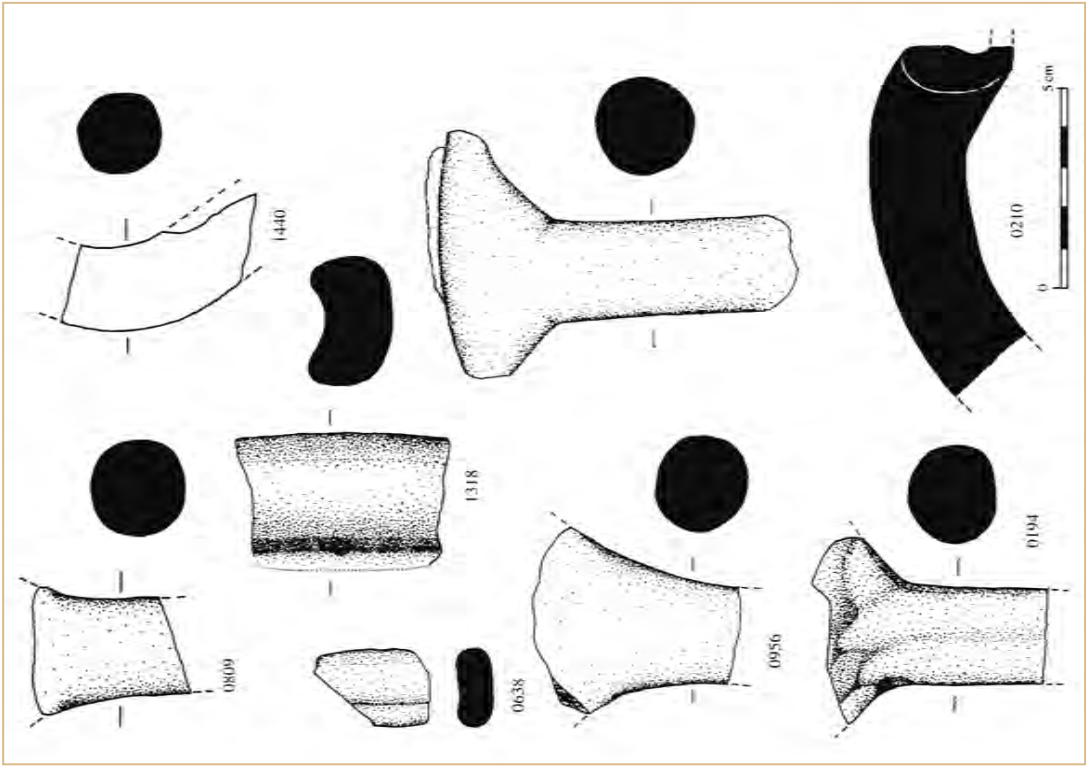




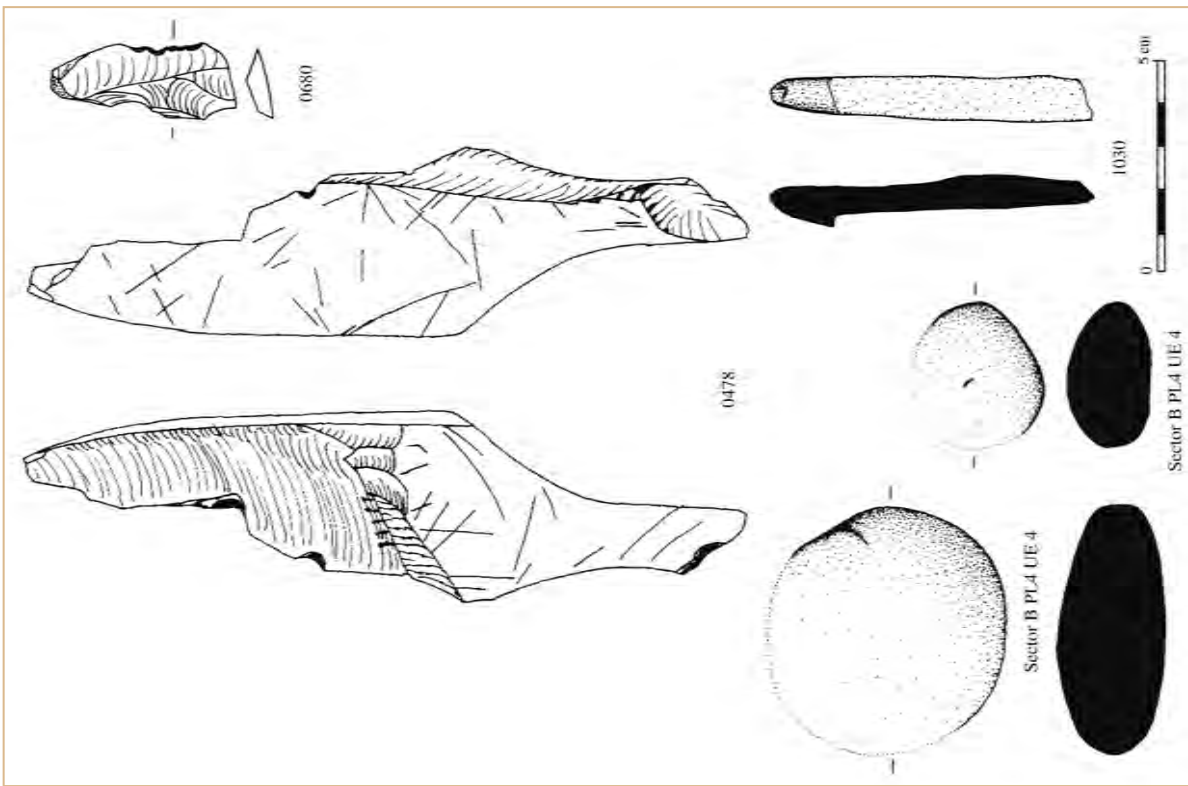
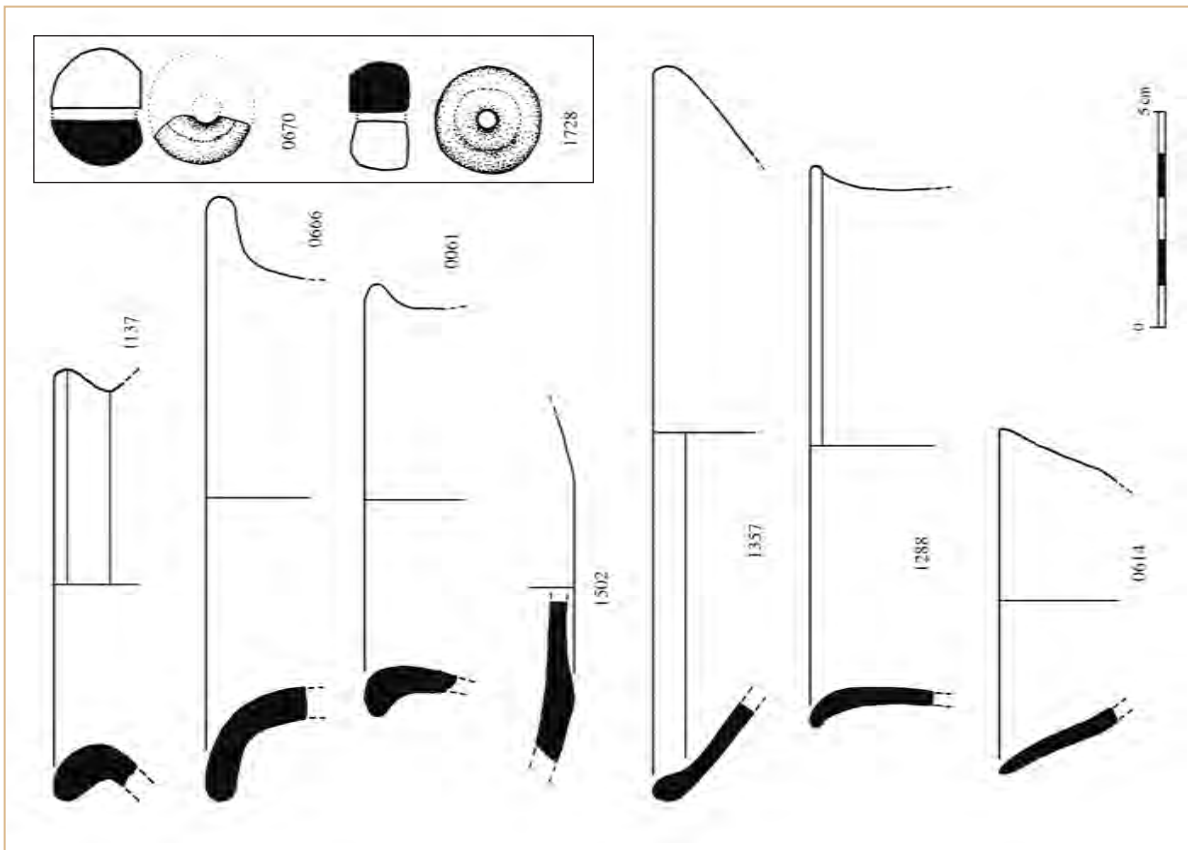


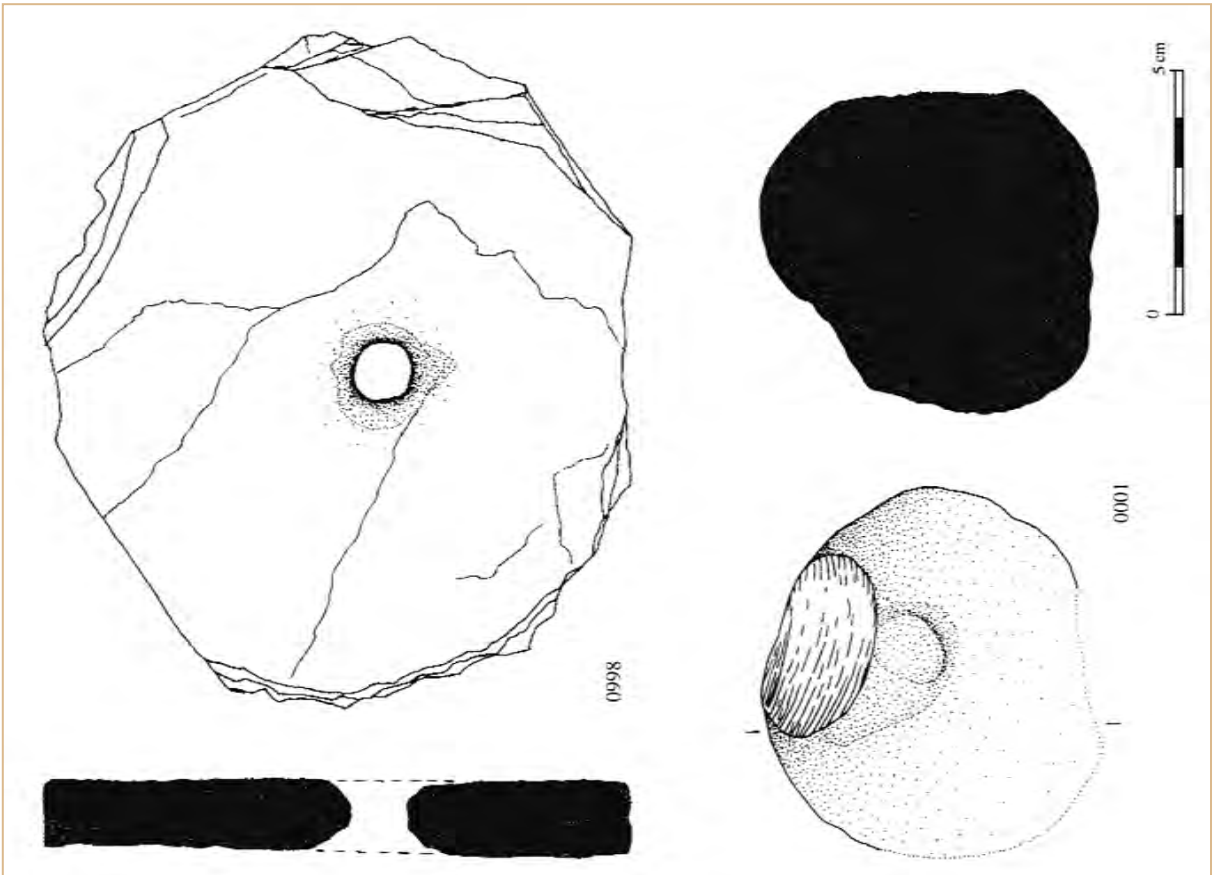
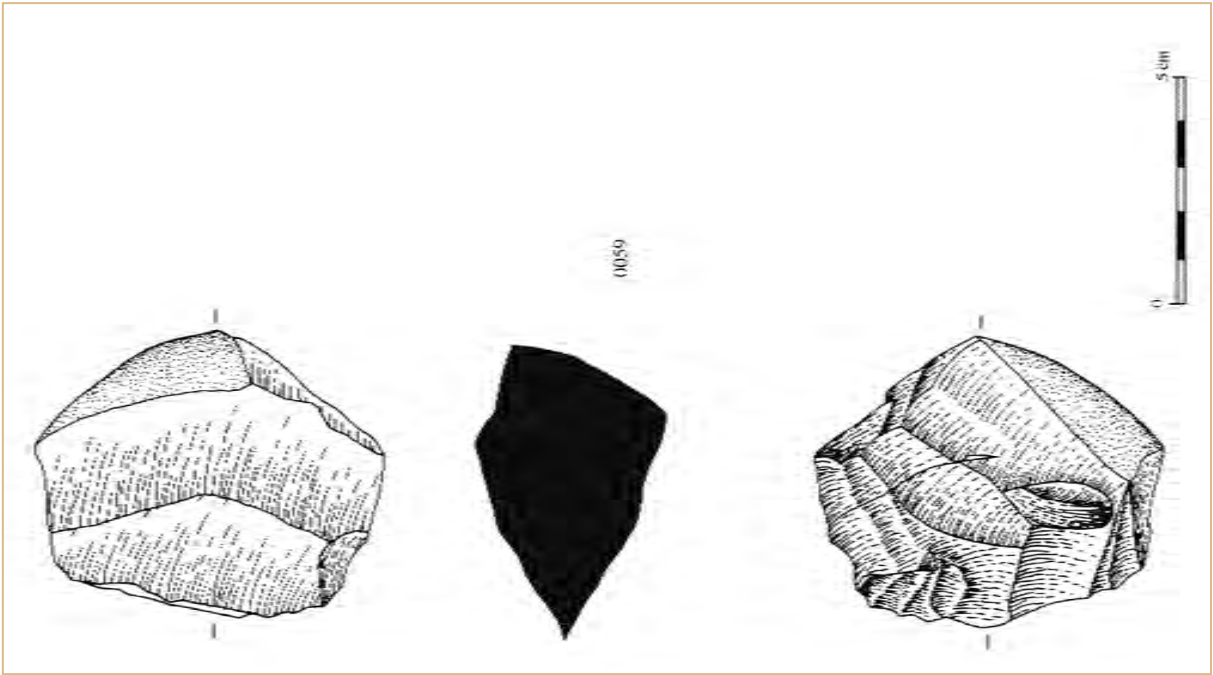


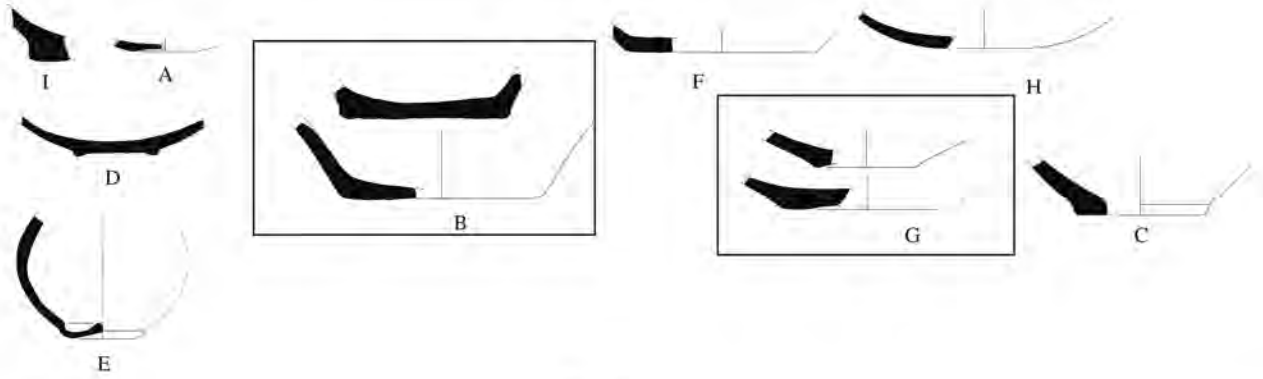
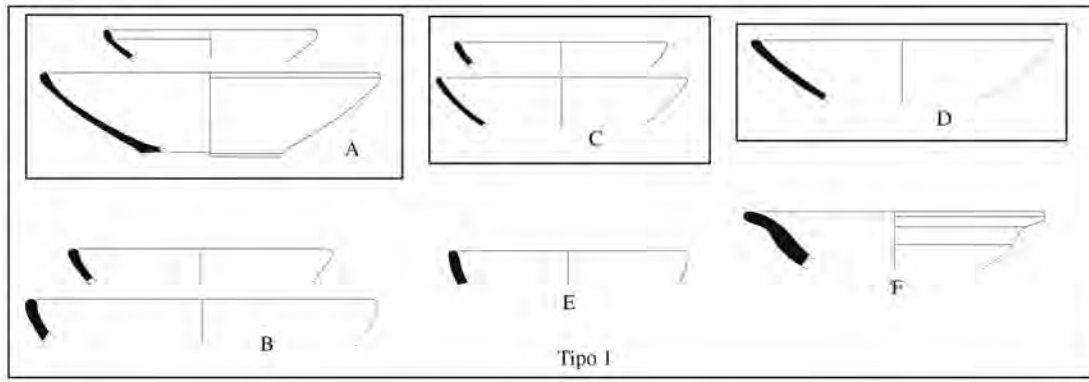




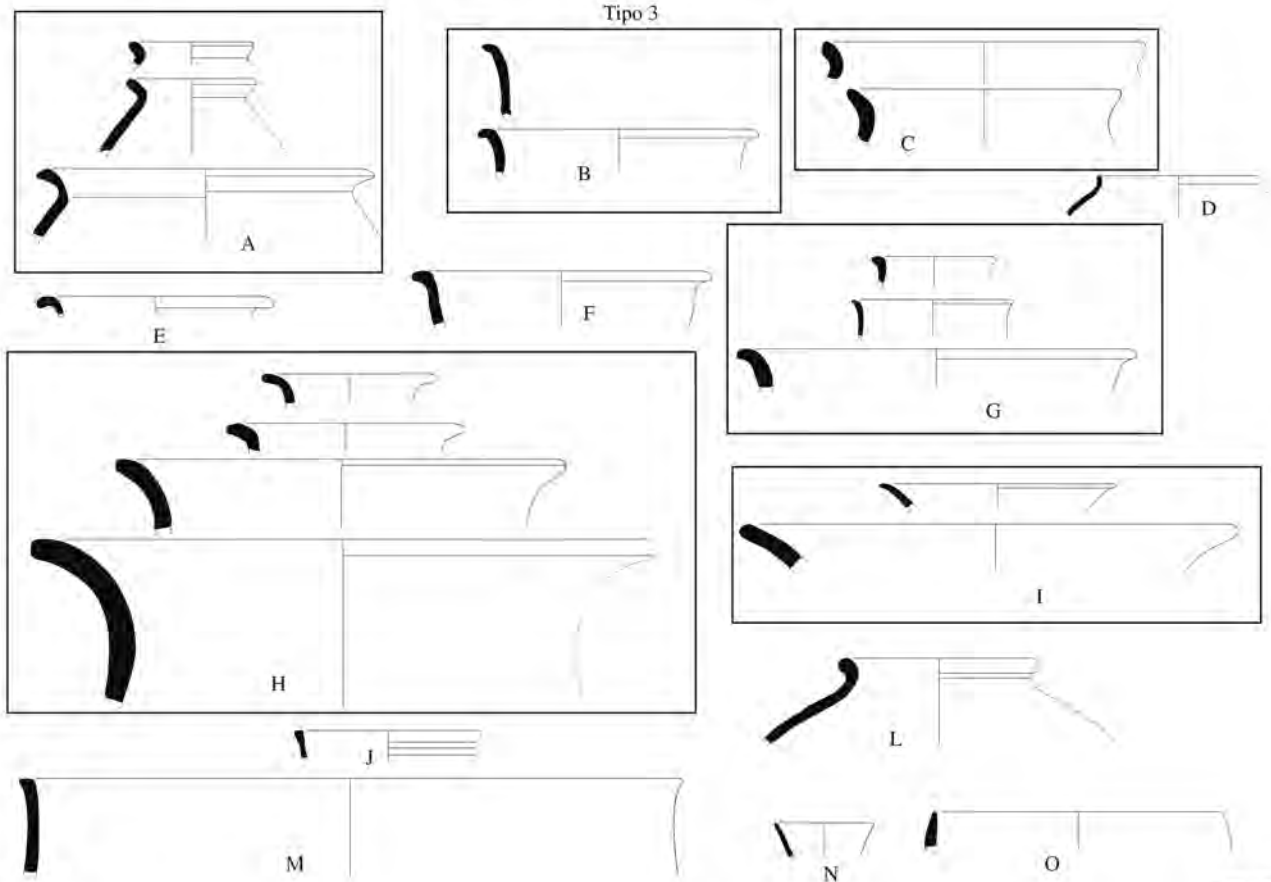
Materiais líticos



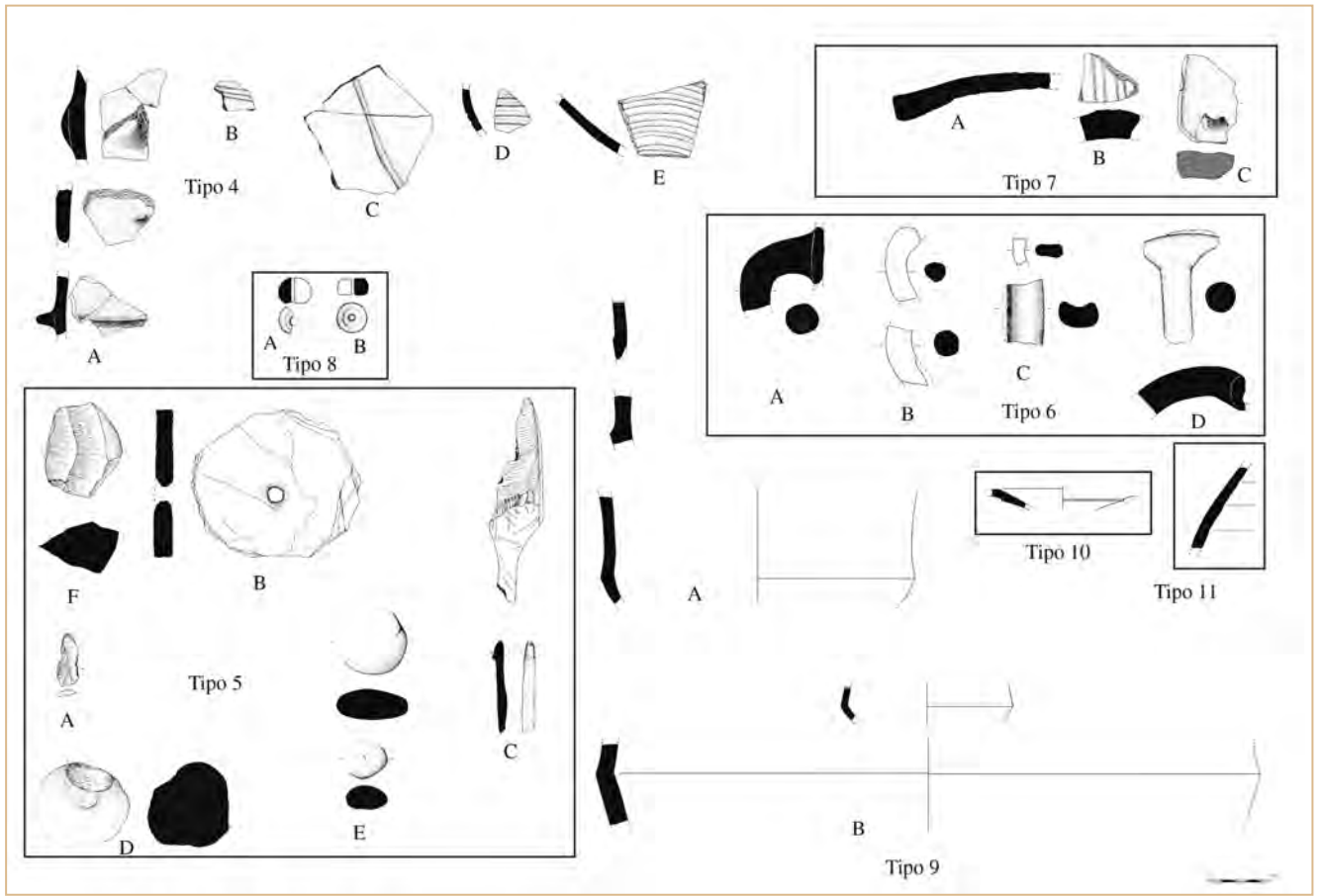




Tipo 2



Tipo 3



2.2.5.4. Monte Roncão II

2.2.5.4.1. Inventário

Peça (019)0046=0048 - Bordo extrovertido com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)0067=0121 - Fragmento de fundo de grande pote manual tosco, com paredes de 1,4 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0100 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne e castanho-escuro nas duas faces, bem depurada.

Peça (019)0105 - Fragmento de asa de rolo com 2/ 2,1 cm de diâmetro. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0107 - Fragmento de asa de rolo de topo de pote com 2,5/ 2,7 cm de diâmetro. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0112 - Fragmento de fundo e pança de taça grande, de fabrico a torno, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0122 - Fragmento de fundo de grande pote manual tosco, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no cerne e interior e castanho-avermelhado no exterior, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0131 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote manual, decorado com linhas em ziguezague, com paredes de 1,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0132=0184 - Fragmento de fundo com rebordo de grande taça manual, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no interior e castanho-escuro no exterior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0171 - Fragmento de bordo extrovertido com linhas em ziguezague, de grande pote manual tosco, com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0174=0302 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, polida nas duas faces, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne e negra nas duas faces, com raros ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0203 - Fragmento de bordo extrovertido

de do grande pote manual tosco, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0258=0297 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote manual, tosco, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne e exterior e castanho-escuro no interior, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0284 - Fragmento de bordo recto de grande taça manual tosca, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0342 - Fragmento de fundo manual de grande pote tosco, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0352 - Fragmento de bordo extrovertido e colo de pote manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta friável, castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0363=0368 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)0380 - Fragmento de bordo recto de pote manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0397 - Fragmento de bordo recto de pote manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0407=0408=0409 - Fragmento de fundo e pança de ânfora fenícia. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0427 - Pança de grande pote com decoração incisa paralela com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios e grandes.

Peça (019)0443 - Pança com arranque de asa e paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-avermelhado no interior e exterior com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0446=0466=0471=0468=0467 - Fragmento de bordo e pança de taça, de fabrico a torno, polida nas duas faces, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0448 - Fragmento de bordo extrovertido de taça polida nas duas faces, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0449 - Fragmento de bordo extrovertido de pote, de fabrico a torno, polido no interior, com

paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0452 - Bordo não espessado de eventual pote com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0454 - Fragmento de bordo recto de taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)0466=0467=0468=0471 - Bordo de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0476=0490 - Fragmento de bordo e pança de pote, de fabrico a torno, com pega mamilar no bordo e paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0512 - Fragmento de bordo extrovertido de pote, de fabrico a torno, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0518 - Fragmento de asa de rolo de topo de pote. Pasta castanho-avermelhada, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0534=0535 - Fragmento de bordo espessado de pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com raros ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0545 - Bordo de pequena taça torneada com paredes de 0,3 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno calibre, micácea.

Peça (019)0561 - Fragmento de bordo extrovertido e pança de grande pote aberto manual, com paredes de 0,9 a 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0569 - Fragmento de bordo em aba e colo canelado de vaso, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)0570 - Fragmento de bordo recto e pança com pega mamilar de vaso manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)0572 - Colo e pança de pote aberto com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)0575 - Fragmento de asa de rolo e bordo com 2,6/ 2,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0576 - Fragmento de bordo eventualmente de uma ânfora, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escura no cerne e castanho-clara nas duas faces, bem depurada, com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0581 - Fragmento de pança com decoração incisa com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0584 - Fragmento de asa de fita com arranque de bordo com 1,6 cm de espessura. Pasta castanho-escura no cerne e castanho-avermelhada nas duas faces, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)0585 - Fragmento de asa de rolo com 2 cm de diâmetro. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0591 - Fragmento de bordo e pança de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escura com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0603 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escura, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0627 - Cossoiro troncocónico. Pasta negra com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0630 - Pequeno pote manual completo, com asa de fita. Pasta castanho-escura, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0631 - Fragmento de bordo extrovertido e colo de grande pote manual, com paredes de 1,4 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0634 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, polida em ambas as faces, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0666 - Pança e fundo de grande pote com fundo em ônfalo e paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha (cerne) e negra no interior e exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0674 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzenta, bem depurada, com raros ENP, geralmente micas.

Peça (019)0689 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta cinzenta, bem depurada, micácea.

Peça (019)0690 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzenta, bem depurada, com raros ENP, geralmente micas.

Peça (019)0693 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre, micácea.

Peça (019)0732 - Fragmento de pança carenada de taça, com paredes de 0,7/ 0,8 cm de espessura. Pasta castanha no cerne e castanho-escuro nas duas faces, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0741=0742=0758=0729 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0762 - Fragmento de bordo extrovertido de pote manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0763=0764 - Fragmento de asa de fita com largura de 1,5 cm e espessura de 1,2 cm. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0840 - Fragmento de bordo em aba de pote médio, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta vermelha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0877=0888 - Fundo de taça com pé anelar e paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta negra no interior, exterior e cerne, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0878 - Fragmento de fundo de taça manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta negra no cerne e castanho-avermelhado nas duas faces, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)0883=0887=1379 - Fragmento de fundo de taça alta, com paredes de 0,7 cm de espessura, de fabrico a torno. Pasta castanho-escuro com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0889 - Fragmento de bordo, colo e pança com carena de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)0890 - Fragmento de bordo em aba de taça alta, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com raros ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0892=0928 -Pança com arranque de asa e paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com poucos ENP de pequeno e médio calibre, micácea.

Peça (019)0893 - Asa de secção redonda. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0894=0899 - Fragmento de asa de rolo com arranque da pança, com diâmetro de 1,9 cm de es-

pesura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)0958 - Fragmento de fundo de grande pote manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)0962 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote, de fabrico a torno, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)0973 - Fragmento de bordo extrovertido de pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-clara, com muitos ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)0980=0981=0982 - Fragmento de bordo e pança de taça com carena, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-clara, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1003 - Fragmento de bordo manual. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas. Peça (019)1007 - Fragmento de bordo extrovertido de pote manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1031 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com parede de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1032 - Fragmento de bordo recto de pequeno pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)1033 - Bordo recto de grande pote com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-escuro (cerne) e castanho no interior e exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)1034=1042=1044 -Fragmento de bordo e pança de pequeno pote manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente, micas.

Peça (019)1035 - Fragmento de bordo e pança de pequeno pote manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de várias dimensões, essencialmente micas.

Peça (019)1046 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, polida nas duas faces, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1047 - Fragmento de bordo extrovertido manual, de pote, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no interior e castanho no exterior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1048 - Fragmento de pança com pega mamilar de pote com paredes de 0,8 a 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro e alisada no interior e castanho no exterior, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)1067 - Bordo arredondado de pote com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro (cerne), castanho-avermelhada no interior e cinzenta no exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)1072 - Fragmento de asa de secção quadrangular com a espessura de 1,4 cm e largura de 2,2 cm. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1099 - Fundo de possível taça com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)1100 - Fragmento de bordo recto com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1101 - Fragmento de pança com decoração (sulcos paralelos) com paredes de 0,8 a 0,9 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro no interior e castanho-escuro no exterior, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1112 - Fragmento de bordo recto de taça com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1114 - Fragmento de fundo de grande pote. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1182 - Fragmento de bordo triangular e colo de pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,4 a 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com alguns ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)1130 - Fragmento de carena de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1188=1226 - Bordo de grande taça com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-avermelhado no interior e exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)1217 - Bordo e pança de taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-avermelhado no interior e exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)1225=1227=2330 - Bordo extrovertido e pança de grande pote manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)1251 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha micácea com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1253 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1297 - Pança com carena de possível pote torneado com paredes de 0,6 a 0,7 cm de espessura. Pasta castanha micácea com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1311 - Bordo de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1334 - Bordo de grande pote aberto com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1338 - Bordo extrovertido de grande pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)1344 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha, com muitos ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)1349 - Fragmento de bordo extrovertido de pote médio, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1469 - Bordo recto manual com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta cinzento-clara com muitos ENP de pequeno e médio calibre, calcítica.

Peça (019)1471 - Bordo de taça manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta cinzenta com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1511 - Bordo extrovertido de eventual pote torneado com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1526 - Fundo de eventual grande taça torneada com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1539=7422 - Bordo recto e colo de eventual pote aberto manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1593 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1604 - Fragmento de fundo manual de pote médio com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta

castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1605 - Fragmento de bordo extrovertido, de fabrico a torno, de pote médio, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1606 - Fragmento de bordo almendrado extrovertido, de fabrico a torno. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1607 - Fragmento de fundo de pote grande manual, com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta negra no interior e castanho-avermelhado no exterior, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)1608=1826 - Fragmento de fundo manual de grande taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1616=1617=1618=1619 - Fragmento de bordo extrovertido de taça com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de várias dimensões.

Peça (019)1622 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne e castanho-escuro nas duas faces, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1623=1731 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1624=1635=1631=1630 - Fragmento de bordo e pança com carena de pote de cerâmica fina, com paredes de 0,2 cm de espessura. Pasta cinzenta, bem depurada, micácea.

Peça (019)1625 - Fragmento de bordo em aba de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1628 - Bordo de taça com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1629 - Fragmento de bordo, pança e fundo de taça, de fabrico a torno. Pasta castanha com raros ENP, bem depurada.

Peça (019)1632 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta avermelhada com alguns ENP de várias dimensões.

Peça (019)1635 - Bordo de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1644 - Fragmento de fundo de taça, de

fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-clara no cerne e interior e castanho-escuro no exterior, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1674 - Fundo de pequena taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1714=1717=1722 - Fragmento de asa ovalizada com arranque da pança e bordo. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)1724=1727 - Fragmento de asa de rolo com 1,8 cm de diâmetro. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1725 - Asa quadrangular com 2 cm de espessura e 2,5 cm de largura e pança de eventual ânfora. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1726 - Fragmento de asa de rolo com arranque de pança, com 2,6 a 2,8 cm de diâmetro. Pasta acastanhada com alguns ENP de várias dimensões.

Peça (019)1730 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1731 - Bordo de taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1732=1733 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-clara com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1773=1636 - Fragmento de fundo de pequena taça. Pasta castanha com raros ENP, bem depurada.

Peça (019)1826 - Fundo e pança de grande taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1830 - Fragmento de bordo extrovertido de pote com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1831 - Fundo de possível ânfora. Pasta castanho-escuro (cerne) e castanho no exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)1838 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1876 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)1880 - Fragmento de fundo de taça,

de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1934 - Bordo extrovertido de pote com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)1935=1961 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha (cerne) e negra no interior e exterior, com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1936 - Bordo e carena de taça polida com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)1965 - Bordo extrovertido de eventual pote com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)1981 - Barro de lareira com negativos que assentavam sobre eventual grelha de pedra com caneluras triangulares.

Peça (019)2037 - Cossoiro troncocónico. Pasta castanho-escuro micácea.

Peça (019)2043=2049 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote, de fabrico a torno, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2050 - Fragmento de bordo extrovertido de pote médio, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2051 - Fragmento de pança com carena acentuada de pequeno pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,7/ 0,8 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2068 - Fundo côncavo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2069 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2078 - Bordo extrovertido de grande pote manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro (cerne) e castanho no interior e exterior com alguns ENP de pequeno calibre, alisado no interior.

Peça (019)2083 - Asa de secção quadrangular com 1,2 cm de lado. Pasta laranja com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2087 - Cossoiro com 3,3 cm de diâmetro e 1,8 cm de altura. Pasta castanho-alaranjado com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2089 - Bordo e pança de taça alta manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e grande calibre, espatulado no interior.

Peça (019)2093 - Fragmento de bordo extrovertido de taça, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2104=2105 - Fundo de taça? com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhado com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2109 - Asa de rolo com arranque do bordo com 2,1 cm de diâmetro. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2116 - Cossoiro bicónico. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2173 - Cossoiro abolachado. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2174 - Cossoiro arredondado. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2175 - Cossoiro bicónico. Pasta castanho-clara com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2176 - Fragmento de fundo manual. Pasta castanho-escuro no interior e castanho-avermelhado no exterior, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)2180=2181=2184=2190=2192 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com raros ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2182 - Fragmento de bordo extrovertido de pote médio, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha no cerne e castanho-escuro nas duas faces, com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2184 - Fragmento de fundo de pequena taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta negra com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2197=2205 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2202 - Pança com motivos penteados e paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2203 - Fragmento de bordo recto de taça manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-clara com muitos ENP de várias dimensões e polida no interior.

Peça (019)2221 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2231 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2233 - Fragmento de bordo extrovertido de pote manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2235=2234=2245 - Fragmento de bordo em aba e pança de pote aberto, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2236 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com alguns ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2237 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura e polida em ambas as faces. Pasta castanho-escuro, bem depurada, com raros ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2238 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha, com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2240 - Bordo extrovertido de pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2241 - Bordo e pança de taça com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2242=2258 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2243 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com alguns ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2253 - Fragmento de bordo triangular de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2257 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2309 - Fragmento de fundo de taça grande. Pasta castanho-clara, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2310 - Fragmento de fundo côncavo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,4 cm de

espessura. Pasta cinzenta com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2328=2329=2339 - Bordo de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-clara com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2331 - Fragmento de bordo extrovertido manual de grande pote, com decoração geométrica (zigzag) e paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)2332 - Fragmento de fundo côncavo de taça média, de fabrico a torno, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta cinzento-clara no cerne e cinzento-escuro em ambas as faces, com alguns ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2334 - Fundo de grande pote com paredes de 2,1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)2357 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no interior e castanha no cerne e exterior, bem depurada, com raros ENP.

Peça (019)2391 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2395 - Bordo extrovertido e colo de grande pote com paredes de 1,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2415 - Bordo extrovertido com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2422=2812=2408=2416=2811=2340=2392 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote, de fabrico a torno, alisada nas duas faces, com paredes de 1,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2435 - Fragmento de bordo recto de taça ou pote, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2450=2453=2460 - Fragmento de bordo extrovertido de pequeno pote, de fabrico a torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no cerne e castanho-escuro nas duas faces, com raros ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2451 - Fragmento de bordo extrovertido de taça, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2452 - Fragmento de bordo extrovertido de grande pote manual com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta friável, castanho-escuro no cerne e castanho-avermelhado nas duas faces, com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2453 - Bordo de pequeno pote com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhado (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com escassos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2455 - Suporte triangular de pé de taça. Pasta castanho-avermelhada, bem depurada.

Peça (019)2473 - Pança com pega mamilar. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2477 - Fragmento de fundo manual de pote grande com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta friável, castanho-avermelhada com muitos ENP de várias dimensões.

Peça (019)2498 - Fragmento de fundo de taça, de fabrico a torno, com pé anelar e paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzenta no cerne e castanho-claro nas duas faces, bem depurada, essencialmente micas.

Peça (019)2507 - Bordo de taça eventualmente de cerâmica ática ou campaniense. Pasta bege, muito friável com restos de engobe negro.

Peça (019)2508 - Asa de rolo com 1,7 a 1,8 cm de diâmetro. Pasta cinzenta (cerne) e castanho no exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2509 - Fundo de pote manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no exterior e negro no interior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2510 - Bordo de pote com mamilo interior e com parede de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro (cerne) e castanho-claro no interior e exterior, bem depurada, com raros ENP.

Peça (019)2511 - Asa de fita com arranque de pança e espessura de 1,9 cm e largura de 3,5 cm. Apresenta pasta castanho-escuro (cerne) e castanho no interior e exterior, com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)2515 - Bordo extrovertido manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2517 - Bordo triangular de grande pote aberto com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2518 - Fundo de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha (cerne) e castanho-avermelhado no interior e exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2519 - Fundo e pança de grande pote

com paredes de 1,7 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro no cerne e interior e castanho-alaranjado no exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2520 - Bordo em aba de pote com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2521 - Fragmento de fundo de grande taça, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2522 - Bordo de taça de torno, polida no interior e no exterior com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-claro no exterior e castanho-escuro no interior, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)2523 - Bordo recto de grande pote aberto de torno com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-claro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2524 - Fundo plano de possível taça com ressalto, polido no interior e no exterior, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-claro com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2525 - Fundo plano com ressalto de possível taça, polido no interior e exterior. Pasta castanho-claro com alguns ENP de pequeno e médio calibre. Fragmento igual a (019)2524.

Peça (019)2526 - Bordo recto de pote com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta cinzenta no interior e castanho-escuro no exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2527 - Bordo recto de grande pote manual, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2528 - Bordo extrovertido de pote pequeno de paredes finas com 0,3 cm de espessura. Pasta castanha, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)2530 - Bordo de pote com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta negra (cerne) e castanho no interior e exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2531 - Bordo almendrado de pote com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-claro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2532 - Bordo de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzenta com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2534 - Pança com linhas incisas paralelas e paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-claro no interior e exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2535 - Bordo extrovertido de pote

com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2536 - Bordo extrovertido manual com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2537 - Bordo e pança de grande pote manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2538 - Bordo extrovertido de torno de pote fino com paredes de 0,4 cm de espessura. Apresenta pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2539 - Fundo de grande pote com paredes de 1 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-escuro (cerne) e castanho-avermelhado no interior e no exterior com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2540 - Bordo extrovertido de pote de torno com paredes de 0,7 cm de espessura. Apresenta pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2541 - Bordo de taça de torno polida no interior e no exterior com paredes de 0,7 cm de espessura. Apresenta pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2542 - Bordo extrovertido de eventual vaso, possivelmente com torno, com paredes de 0,5 cm de espessura. Apresenta pasta alaranjada no exterior e cinzenta no interior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2543 - Bordo de taça de torno com paredes de 0,4 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-escuro micácea, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2544 - Fragmento de asa de rolo com 2,1 cm de diâmetro. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2545 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, com paredes de 0,7 cm de espessura, polida nas duas faces. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre, essencialmente micas.

Peça (019)2546 - Bordo de taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)2547 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2548 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)2549 - Fundo de alguidar com paredes

de 0,8/0,9 cm de espessura. Pasta cinzenta com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)2550 - Asa de rolo transversal com arranque de bordo. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)I10/I11PL6UE7 (silo) - Bordo e fundo de pequeno copo manual. Pasta castanha com manchas mais escuras, fina com muitos ENP de pequeno e médio calibre. De eventual cronologia neo-calcolítica.

Peça (019)3186 - Bordo e pança de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-claro (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)3187 - Bordo e carena de taça fina pequena com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e negra no interior e exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3190 - Bordo extrovertido de pote, de eventual modelagem manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3192 - Bordo de taça de bordos rectos e paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no interior e castanho-avermelhado no exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3193=3194=3195 - Fundo plano de taça muito friável com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta cinzento-claro com muitos ENP de médio calibre.

Peça (019)3196 - Fundo de possível taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)3197 - Bordo amendoado de grande vaso aberto com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro (cerne) e castanho-avermelhado no interior e exterior, com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios e grandes.

Peça (019)3198 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3199 - Bordo extrovertido de aba larga, torneado. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3200 - Bordo extrovertido, de eventual modelagem manual, de pote micáceo com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3201 - Bordo extrovertido de grande pote torneado com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3202 - Bordo extrovertido de grande

pote torneado com paredes de 1 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-avermelhado no interior e exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3203 - Bordo extrovertido de grande pote torneado com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3204 - Bordo esvasado de taça com paredes de 1 cm de espessura. Pasta bege com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)3205 - Pança de pote com carena e paredes de 0,6 a 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3206 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3207 - Fundo plano de possível taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)3208 - Fundo de vaso aberto de torno com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)3209 - Fundo de grande pote manual. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)3210 - Fundo com pé anelar torneado. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)I10/I11PLAUE7 - Fundo torneado de possível taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior, bem depurada e com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3211 - Pança com dois ressaltos e paredes de 0,6/0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3212 - Bordo extrovertido de grande pote manual com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta cinzenta no interior e castanha no exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3213 - Pança de ânfora com paredes de 0,9 cm de espessura e dois sulcos paralelos no lado exterior. Pasta cinzenta no interior e castanha no exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3214 - Fragmento de fundo plano, com rebordo de grande alguidar, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3214a - Bordo extrovertido de grande pote micáceo com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha (cerne) e castanho-escura no interior e exterior

com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)3215 - Bordo de taça de torno com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de médio calibre.

Peça (019)3216 - Bordo recto de pote com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-clara com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3217 - Bordo extrovertido de pote de cerâmica fina com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)3218 - Bordo de taça, de eventual fabrico em torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3220 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, polida nas duas faces, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3221 - Fragmento de bordo recto manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de médio calibre.

Peça (019)3222 - Fragmento de bordo extrovertido de pote, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, essencialmente micas.

Peça (019)3223 - Bordo extrovertido manual com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3224 - Bordo extrovertido de pote, de eventual modelagem manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no exterior e castanho-escura no interior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3225 - Fundo plano de eventual taça com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta micácea cinzenta (cerne) e negra no interior e exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3227 - Bordo recto de taça manual. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno e médio calibre. De eventual cronologia neo-calcolítica.

Peça (019)3229 - Fundo de grande pote com paredes de 1 cm de espessura. Apresenta pasta castanho-escura (cerne) e castanho-avermelhado no interior e exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3230 - Asa de rolo com arranque de bordo com 2,3 cm de diâmetro. Apresenta pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3231 - Fragmento de bordo e pança com carena de taça baixa, com paredes de 0,5 cm de es-

peçura. Pasta castanho-escuro, bem depurada, mas com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3232 - Fragmento de bordo extrovertido manual. Pasta castanho-escuro no exterior e negro no interior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3233 - Fragmento de fundo côncavo de grande vasilha de ânfora fenícia, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de várias dimensões.

Peça (019)3234 - Fragmento de asa de rolo com 2,3/2,5 cm de espessura. Pasta acinzentada no cerne e castanha no exterior, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3235 - Fragmento de bordo de taça, de fabrico a torno, polida nas duas faces, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta negra no interior e castanho-claro no exterior, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3236 - Fragmento de pança de pote grande, com paredes de 1 cm de espessura e decoração incisa em linhas paralelas. Pasta castanho-avermelhada, com muitos ENP de pequeno

Peça (019)3237=3238=3239 - Fragmento de bordo e pança de pote médio, com paredes finas de 0,4 a 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3240 - Fragmento de bordo extrovertido de pote, de fabrico a torno, espatulado no exterior, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no exterior e castanho-avermelhado no cerne, com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3241 - Fragmento de bordo de taça de fabrico a torno, polida em ambas as faces, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3242 - Pança carenada de taça, eventualmente torneada, micácea com paredes de 0,7 a 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3243 - Bordo extrovertido de possível pote, eventualmente torneado, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)3244 - Possível fundo com estrias, com 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3245 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)3246 - Asa de rolo com 2,2/2,4 cm de

diâmetro. Pasta castanho-claro com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)3249 - Bordo recto de pote médio torneado com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)3250 - Bordo recto de pote médio, eventualmente torneado, com paredes de cerca de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)3252 - Bordo e colo de pote com asa de rolo transversal sobre a boca e com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3254 - Bordo extrovertido de pote médio, possivelmente torneado, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3255 - Bordo recto de taça manual com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)3257 - Pança com ligeira carena e paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)3258 - Bordo extrovertido manual de pote com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3259 - Fundo manual de grande peça. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3260 - Fundo de possível grande taça, com paredes de 1,4 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3261 - Fundo muito friável de grande peça. Pasta negra no interior e castanho-avermelhada no exterior com muitos ENP de médio e grosso calibre.

Peça (019)3262 - Fundo de possível grande pote, de eventual modelagem manual, com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3264 - Bordo de pote em aba com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3266 - Fragmento de fundo plano de taça manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3267 - Fragmento de bordo extrovertido de pote com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-claro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)3268 - Fragmento de asa de rolo e bor-

do de peça estranha. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3269 - Bordo de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro, bem depurada, com raros ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3270 - Bordo extrovertido de torno de pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-claro no interior e exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3271 - Bordo de taça torneada, polida no interior e exterior com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3275 - Fragmento de pança de ânfora delgada e longa, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta vermelha com alguns ENP de várias dimensões.

Peça (019)3276 - Fundo manual de pote. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)3597 - Bordo recto de possível taça, de modelagem manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4347 - Asa de fita micácea com arranque de bordo com 1,6 cm de espessura e 3,3 cm de largura. Pasta cinzento-clara (cerne) e castanho no interior e exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4571 - Bordo recto de possível taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4572 - Fundo de eventual grande pote, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta micácea castanho-escuro no exterior e castanho no interior com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)4573 - Pança de possível pote, com decoração incisa (unhadas) e paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4574 - Pança com carena leve e paredes de 0,8 a 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)4575 - Fundo com pé côncavo de possível taça manual com paredes de 1 a 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4577 - Fundo de possível grande alguidar, de eventual modelagem manual, com uma espessura de 2 cm. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4578 - Bordo de taça torneada com

paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta micácea castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4579 - Bordo extrovertido com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4580 - Bordo extrovertido de possível taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4581=4583 - Fundo (dois fragmentos sem colagem) de possível taça, eventualmente torneada, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta cinzenta com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)4584 - Bordo extrovertido de pote com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)4585 - Fundo de possível taça torneada com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no exterior e castanho no interior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4586 - Asa de rolo. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4587 - Bordo extrovertido de possível taça, de modelagem manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4588 - Fundo de eventual taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta micácea cinzenta no interior e castanha no exterior com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4589 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)4590 - Bordo extrovertido de possível pote. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4592 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4593 - Bordo extrovertido de grande pote, eventualmente torneado, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)4594 - Fundo torneado de possível taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4596 - Possível gargalo estreito, com sulco interior e paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4598 - Pança com cavidade e paredes

de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4599 - Fundo de grande pote, de possível modelação manual, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4600 - Bordo extrovertido de pote médio torneado com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4601 - Fundo de possível grande taça, de modelação manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios e grandes.

Peça (019)4602 - Bordo extrovertido de possível pote, eventualmente torneado, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4603 - Bordo e pança de taça torneada fina com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)4604 - Bordo extrovertido de pote manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4605 - Pança com carena de possível taça torneada com paredes de 0,8 a 0,9 cm de espessura. Pasta cinzento-escura (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4606 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta negra com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4609=4610 - Bordo e colo de possível pote (dois fragmentos sem colagem), torneado, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e negro no interior e exterior com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4607=4608=4611 - Fundo de taça torneada (três fragmentos sem colagem) com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4612 - Pança com caneluras e paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)4613 - Pança com carena de eventual taça fina com paredes de 0,4 a 0,5 cm de espessura. Pasta cinzenta com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4614 - Bordo extrovertido de pote com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)4615 - Bordo de pote torneado com asa no topo e paredes de 0,3 cm de espessura.

Peça (019)4616=4628 - Fundo manual de possível grande recipiente aberto com paredes de 1,2 cm e fundo de 2,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)5212 - Bordo extrovertido de eventual taça manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)5213 - Bordo extrovertido de pote manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7239 - Bordo extrovertido manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7403 - Seixo em quartzito, polido numa das faces.

Peça (019)7404 - Bordo de grande pote manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7405 - Machado em pedra polida (anfíbolito) de gume simétrico.

Peça (019)7406 - Bordo extrovertido de pote torneado. Pasta castanha (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7407 - Bordo extrovertido de pote, possivelmente torneado, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta negra (cerne) e castanha no interior e exterior com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7408 - Asa de rolo com arranque de pança e com diâmetro de 2,3 cm. Pasta bege com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7409 - Vários fragmentos de pequena taça torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta vermelha com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7410 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm, de espessura. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7411 - Bordo e pança de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7412 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7413 - Bordo extrovertido de pote manual com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7415 - Pança de eventual ânfora com arranque de asa com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne), castanho no exterior e castanho-

-escuro no interior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7417 - Bordo extrovertido de pote médio manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7418 - Bordo extrovertido de secção quadrangular de pote manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro (cerne), castanho-avermelhada no interior e castanho-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7419 - Bordo extrovertido manual de pote médio com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7420 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7421 - Bordo recto de possível pote aberto, eventualmente torneado, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta cinzenta com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7423 - Bordo recto de eventual pote aberto, de modelação manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta vermelho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7424 - Bordo biselado de pote? aberto manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta vermelho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7425 - Bordo recto de possível pote aberto torneado com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7426 - Bordo biselado de possível pote aberto torneado com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta negra (cerne) e castanha no interior e exterior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7427 - Fundo de possível grande taça de eventual modelação manual. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7428 - Bordo recto de possível pote aberto torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7429 - Pança carenada de grande pote manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha no exterior e castanho-avermelhado no interior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7430 - Fundo e pança de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7431 - Fundo de grande pote manual com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7432 - Fundo com rebordo e pança de pequeno pote com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7434 - Colo e pança de pote torneado com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7435 - Fundo de grande taça torneada. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7436=7438=7439 - Bordo de taça torneada, polida no interior, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha, bem depurada (sem ENP), micácea.

Peça (019)7439a - Bordo extrovertido de pote médio torneado com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzento-clara (cerne) e castanho no interior e exterior com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7441 - Fundo côncavo de peça manual. Pasta castanho-escuro (cerne) e castanho no interior e exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7742 - Bordo extrovertido de pote manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7443 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzento-clara com raros ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7444 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta vermelha com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7445 - Bordo extrovertido de possível taça, torneada, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7446 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7447 - Bordo de taça torneada. Pasta castanho-escuro com raros ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7448 - Fundo de grande possível taça torneada. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre, micácea.

Peça (019)7449 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7450 - Fundo de taça torneada com pa-

redes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7451 - Bordo de taça torneada polida no interior e com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7452 - Fundo e pança de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7454 - Fundo e pança de pote manual tosco. Pasta micácea castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7455 - Bordo triangular de possível pote com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7456 - Bordo de taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7457 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7458 - Bordo extrovertido e pança de grande pote manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7462 - Pança de grande possível pote com depressão redonda. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7463 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7464 - Bordo extrovertido e pança de pote, eventualmente torneado, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no interior e castanho-avermelhado no exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7465 - Pança e fundo de pote torneado com carena junto ao colo. Pasta castanha (cerne) e negra no interior e exterior com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7466 - Bordo de taça pequena torneada com paredes de 0,3 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7467 - Bordo extrovertido de possível pote, eventualmente a torno, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta negra com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7469 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7470 - Bordo extrovertido de grande pote com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta casta-

nho-avermelhado com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7471 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7472 - Fundo de possível taça torneada, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhado no exterior e castanho-escuro no interior com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7473 - Pança com ressalto exterior. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7474 - Pança manual com aplicação plástica vertical e paredes de 1,3 cm de espessura.

Peça (019)7475 - Bordo recto manual. Pasta negra com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7476 - Bordo biselado de possível pote aberto manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7747 - Bordo arredondado de eventual pote aberto manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre, polida no interior.

Peça (019)7748 - Bordo esvasado de possível pote, de modelação manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta cinzenta com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7479 - Bordo biselado manual com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta cinzenta com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7480 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7481 - Fundo de possível taça, e eventual modelação manual, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhado com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7483 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7484 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7485 - Bordo boleado de pote torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7486 - Bordo de pequena taça manual tosca com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7487 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7488 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7489 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7491 - Bordo de taça torneada polida no exterior com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7492 - Bordo recto com arranque de asa de taça manual alisada. Pasta negra com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7493 - Fundo de grande possível taça, eventualmente torneada, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no exterior, castanho no interior e negra (cerne) com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7494 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios, possivelmente calcítica.

Peça (019)7495 - Bordo extrovertido de grande pote, eventualmente torneado, com paredes de 1,4 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7496 - Bordo recto de pote médio torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, micácea.

Peça (019)7497 - Fundo côncavo. Pasta acinzentada no interior e castanho-avermelhada no exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7498 - Fundo com pé anelar de taça com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)7499 - Bordo manual recto de pote com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7501 - Fragmento de asa de fita com espessura de 1,8 cm e largura de 3 cm. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7502 - Fundo de possível taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7503 - Pança com carena com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7504 - Bordo de taça pequena torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7505 - Fundo de pequena taça torneada com pé anelar e paredes de 0,3 cm de espessura. Pasta castanho-clara, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)7506 - Bordo e pança de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7507 - Bordo recto e colo de pote, possivelmente torneado, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre e alguns grossos.

Peça (019)7508 - Asa de fita com 2,4 cm de largura e 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7509 - Fundo de possível taça, de modelação manual, com pé anelar alto. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7512 - Asa de fita e bordo de eventual pote ou panela, torneado, com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre, micácea.

Peça (019)7513 - Bordo recto e fundo de taça manual. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre, calcítica.

Peça (019)7514 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzento-clara (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com raros ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7515 - Bordo e pança de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7516 - Pança de possível pequeno pote com paredes de 0,5 a 0,6 cm de espessura e ligeira carena. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7517 - Fundo de possível pote de modelação manual, com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada no interior e castanho-escuro no exterior com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7518 - Bordo de taça torneada e paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)7519 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha, bem depurada (sem ENP).

Peça (019)7520 - Bordo extrovertido de grande pote torneado? com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7521 - Fundo de possível pote de mo-

delação manual, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7524 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta negra com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7525 - Pança com canelura de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7526 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre, micácea.

Peça (019)7528 - Bordo e colo de taça torneada com carena leve e paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7530 - Bordo extrovertido de grande pote torneado com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7533=7534 - Carena de possível grande taça de modelação manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, tosca e friável.

Peça (019)7535 - Pança de pote médio torneado com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7536 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-clara no interior e castanho-avermelhado no exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7537 - Bordo extrovertido de possível pote, eventualmente torneado, com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta micácea castanha com poucos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7538 - Bordo em aba de possível pote torneado com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com raros ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7539 - Bordo extrovertido de pote médio torneado com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7540 - Asa de rolo sobre bordo de pote com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7541 - Fundo manual de possível pote com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7542 - Bordo recto de eventual pote de modelação manual com paredes de 0,7 cm de espessura.

Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7543 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no interior e exterior e acinzentada no cerne com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7544 - Bordo e pança carenada de pote aberto com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-escuro no interior e castanho no exterior, com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios, micácea.

Peça (019)7545=7546 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7547 - Bordo e pança de taça torneada com engobe ou pintura vermelha e paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro (cerne) e castanho-claro no interior e exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7548=7552 - Bordo, colo e pança de vaso com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7553 - Bordo recto de pote aberto manual com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta negra com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7555 - Fundo manual. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7556 - Fundo ou carena de possível taça com paredes de 0,6 a 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7557 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura.

Peça (019)7558 - Fundo de taça torneada, polida no interior e com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7559 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7561 - Seixo em quartzito.

Peça (019)7619 - Pança de grande pote manual com decoração ondulada no exterior feita com os dedos e com paredes de 1,1 a 1,2 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7627 - Pança com linha incisa vertical e quatro pequenas incisões horizontais com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7632 - Bordo extrovertido de pote.

Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7633 - Bordo espessado de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7634 - Bordo extrovertido de eventual taça alta com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com raros ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7636 - Asa de rolo com arranque do bordo de pote com asa no bocal com 2,4 a 2,6 cm de diâmetro. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7637 - Bordo extrovertido de pote. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7638 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7639 - Bordo recto manual de possível taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7641 - Fundo de possível pote, de modelação manual, micáceo, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro no interior e castanho-avermelhado no exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7643 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7644 - Bordo extrovertido em aba de pote, eventualmente torneado, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7645 - Colo de pote manual grande com decoração de linhas em zigzag com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7646 - Pança com carena leve de possível pote manual com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7648 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7649 - Fundo côncavo de taça pequena torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta negra com poucos ENP de médio calibre.

Peça (019)7650 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro com raros ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7651 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-claro no interior e exterior com raros ENP de médio calibre.

Peça (019)7652 - Cossóiro abolachado. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre e alguns grandes.

Peça (019)7653 - Bordo recto de possível taça manual, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7654 - Bordo extrovertido manual, de possível pote, com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7655 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7656 - Bordo extrovertido e pança de pote médio torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta micácea castanho-escuro com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7657 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta micácea cinzenta com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7658 - Bordo extrovertido de pote manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7659 - Bordo triangular de possível pote ou taça torneada, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7660 - Bordo extrovertido micáceo de pote grande manual com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-claro com muito ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7661 - Pança de eventual vaso torneado com decoração incisa em linhas paralelas com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e castanho-claro no interior e exterior com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7718 - Bordo biselado de possível pote aberto, com paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7666 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta micácea castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios e grandes.

Peça (019)7668 - Fundo plano de taça com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha (interior e

cerne) e castanho-escuro no exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7769 – Fundo de eventual pote modelado manualmente. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7769a - Bordo extrovertido de pote grande manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7671 - Asa de rolo tosca com 2,5 cm de diâmetro. Pasta cinzenta (cerne) e castanha no exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7672 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7673 - Pança com decoração incisa. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7675 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre, polido no interior e no exterior.

Peça (019)7675a - Bordo de taça torneada, polida no interior e exterior, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre, micácea.

Peça (019)7676 - Fundo de pote (cadinho) manual, tosco. Pasta castanha no exterior e castanho-escuro no interior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7677 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha, polida no interior e no exterior, com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7680 - Bordo e pança de pote com caneluras e paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanha com raros ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7683 - Bordo e colo com carena de pote torneado de cerâmica fina com paredes de 0,3 cm de espessura e decoração em duas linhas paralelas incisadas. Pasta cinzenta bem depurada (sem ENP), micácea.

Peça (019)7688 - Bordo de pequena taça torneada com paredes de 0,3 cm de espessura. Pasta bem depurada com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7690 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta laranja, muito friável, com muitos ENP de pequeno e médio calibre e alguns grandes.

Peça (019)7691 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7692 - Bordo e asa transversal ao bordo

com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre (dois fragmentos).

Peça (019)7694 - Bordo e asa transversal ao bordo. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios (dois fragmentos).

Peça (019)7697=7698 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7699 - Bordo com quatro incisões de pote manual tosco com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, calcítica.

Peça (019)7700 - Bordo com incisões de pote manual tosco com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre, calcítica.

Peça (019)7701 - Fundo manual de pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta micácea castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7702 - Pança com arranque de asa. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, calcítica.

Peça (019)7703 - Fundo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com raros ENP de pequeno calibre, micácea.

Peça (019)7704 - Fundo de eventual pote manual. Pasta negra (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7705 - Pança com caneluras e paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7707 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7708 - Fundo de eventual pote manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta micácea negra no interior e cerne e castanho-escuro no exterior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7709 - Bordo espessado de possível pote torneado. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7710 - Fundo côncavo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7711 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7712 - Pança de possível grande pote, de eventual modelação manual, com paredes de 1,4 cm de espessura e decoração incisa tipo ranhuras paralelas.

Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7714 - Bordo extrovertido de torno de taça com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7715=7718 - Bordo de pote em aba extrovertida manual com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne), castanho-avermelhado no exterior e castanho no interior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7716 - Bordo torneado de taça com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7719 - Pança manual com aplicação mamilar. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7720 - Bordo extrovertido de pote aberto torneado com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7721 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7722 - Bordo triangular. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7723 - Bordo e colo de pote torneado com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta micácea castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7724 - Fundo de pote torneado com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta micácea castanho-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7725 - Asa de fita com arranque de bordo. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7726 - Asa de fita. Pasta castanho-escuro com alguns ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7727 - Asa quadrangular com 1,8 cm de lado. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7728 - Bordo extrovertido de pote médio manual com paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7729 - Asa de fita com arranque de bordo com 1,9 a 2,1 cm de espessura e 2,3 cm de largura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7730=7731=7732=7733 - Fundo de taça torneada. Pasta micácea castanha com alguns ENP de médio e grande calibre.

Peça (019)7734 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios e grandes.

Peça (019)7735 - Bordo de pequena taça torneada com paredes de 0,4 cm de espessura. Pasta micácea castanho-escuro com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7736 - Bordo extrovertido de pote torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7737 - Asa de fita com arranque de bordo com 2,9 cm de largura e 1,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7738=7739 - Bordo recto espessado manual com paredes de 1 cm de espessura. Pasta cinzenta (cerne) e interior) e avermelhada no exterior, com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7740 - Pança de grande pote torneado com paredes de 1,3/1,7 cm de espessura. Pasta cinzento-escuro (cerne) e castanho-avermelhada no interior e exterior com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios e grandes.

Peça (019)7741 - Fundo manual de eventual alguidar. Pasta castanho-escuro no interior e castanho-avermelhado no exterior, com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7742 - Bordo recto de pote médio torneado com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7743 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7745 - Gargalo de possível garrafa, com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7746 - Bordo de taça torneada polida no exterior com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7747 - Asa de fita com 2,2 cm de largura e ,8 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7549=7550 - Bordo de eventual taça, com mamilo aplicado no rebordo interior, e paredes de 0,8 a 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escuro com muitos ENP de pequeno e médio calibre (dois fragmentos sem colagem).

Peça (019)7748=7749 - Bordo de taça torneada com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7750 - Bordo recto com paredes de 0,6

cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7751 - Pança com caneluras e paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7752 - Fundo de possível taça de moedagem manual, com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7753 - Fundo de taça com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada

Peça (019)7754 - Fundo de grande pote torneado com paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta negra (cerne) e interior e castanho-avermelhada no exterior com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7755 - Pança com aplicação plástica digitada com paredes de 1,5 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre.

Peça (019)7756 - Bordo extrovertido. Pasta castanho-escura com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7757 - Bordo, colo e pança com asa de fita de pote grande torneado com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7758 - Bordo extrovertido de pote pequeno com paredes de 0,5 cm de espessura. Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7759 - Fundo de possível pote, tosco, com paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7760=7761=7762=7763 - Pança com ondulados no exterior e paredes de 0,6 a 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7764 - Bordo triangular de eventual taça, com paredes de 0,6 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com poucos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7765 - Bordo e colo de taça tosca com linhas incisadas horizontais e paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7766 - Colo com duas linhas incisadas paralelas e paredes de 1 a 1,1 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios, friável.

Peça (019)7767 - Bordo e colo tosco de eventual pote com pequenas incisões verticais e paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre, friável.

Peça (019)7769 - Bordo extrovertido de pote tosco com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7769a - Amorfo tosco com linha incisada. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7770 - Amorfo tosco com digitações. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno, médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7772 - Colo tosco com linhas incisadas em ziguezague e paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre e alguns grandes, friável.

Peça (019)7773 - Bordo tosco extrovertido de pote grande com incisão vertical e paredes de 1,1 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7774 - Bordo extrovertido de pote tosco com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7775 - Bordo extrovertido de pote manual tosco com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de médio e grande calibre, friável.

Peça (019)7776 - Possível pança tosca com linha incisada e digitações. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios, friável.

Peça (019)7777 - Colo tosco com linha incisada e paredes de 1,2 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre e alguns grandes.

Peça (019)7778 - Bordo e pança de pote tosco com linhas incisadas verticais e paredes de 1 cm de espessura. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios e grandes, friável.

Peça (019)7779 - Bordo recto de eventual taça com linha incisada horizontal e paredes de 0,8 cm de espessura. Pasta negra (cerne) e castanho-escura no interior e no exterior com muitos ENP de pequeno calibre e alguns médios.

Peça (019)7780 - Amorfo com linha incisada. Pasta castanho-avermelhada com muitos ENP de pequeno calibre, friável.

Peça (019)7781 - Colo tosco com linhas incisadas e paredes de 1,4/1,5 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7781a - Fundo tosco de grande pote tosco com paredes de 1,3 cm de espessura. Pasta castanho-escura com muitos ENP de pequeno e médio calibre.

Peça (019)7782 - Asa esquinada com arranque de

bordo. Pasta cinzenta (cerne) e castanho no exterior com alguns ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7783 - Pança com linhas incisadas e paredes de 1 cm de espessura. Pasta negra (cerne) e castanho-escuro no interior e exterior com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável.

Peça (019)7784 - Pança com linha incisa (zigzag) e paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre, friável.

Peça (019)7787 - Fundo de grande pote com paredes de 0,9 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno calibre.

Peça (019)7788 - Bordo de pequena taça polida no interior e exterior com paredes de 0,3 cm de espessura.

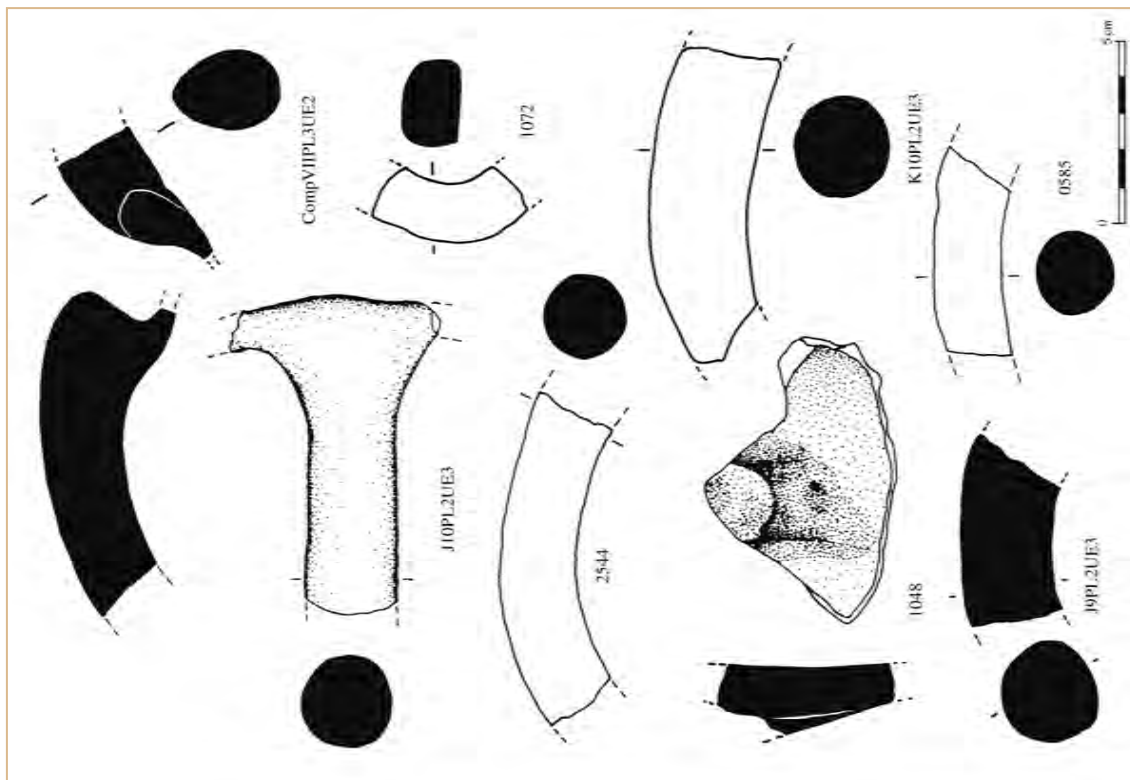
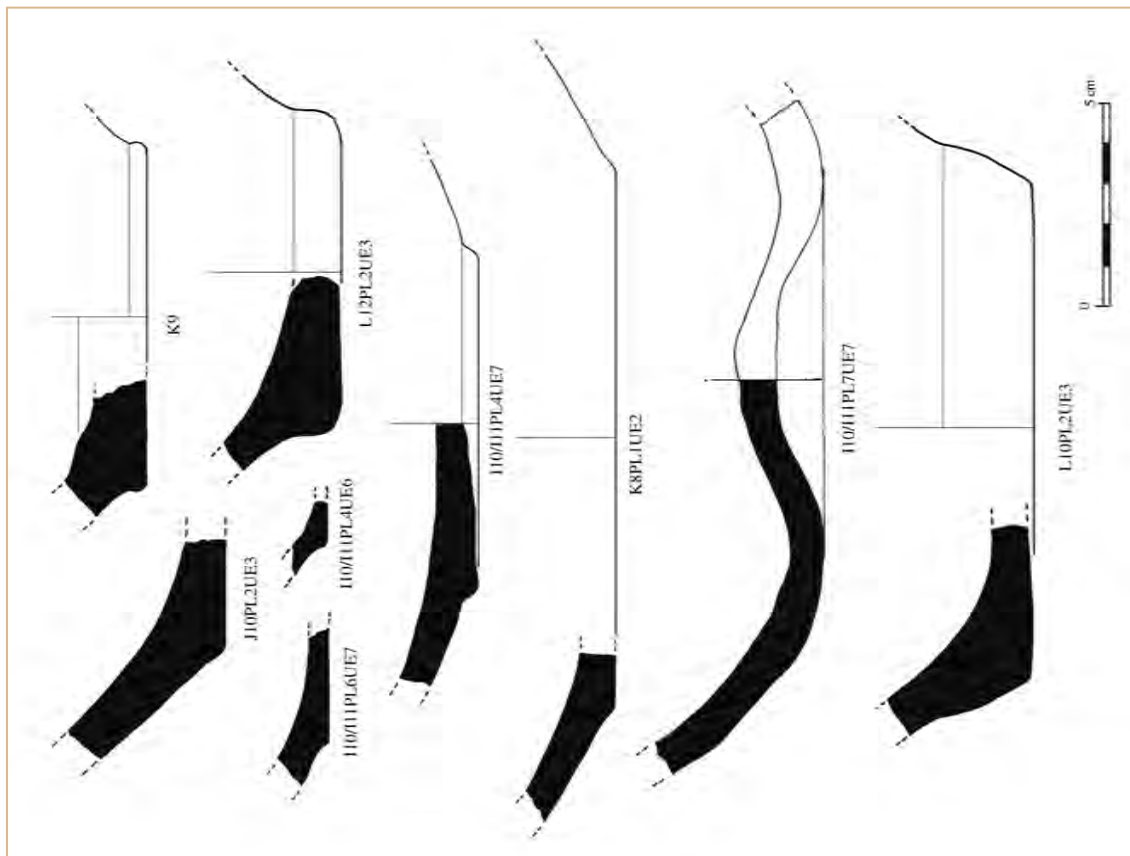
Pasta castanha com alguns ENP de pequeno calibre.

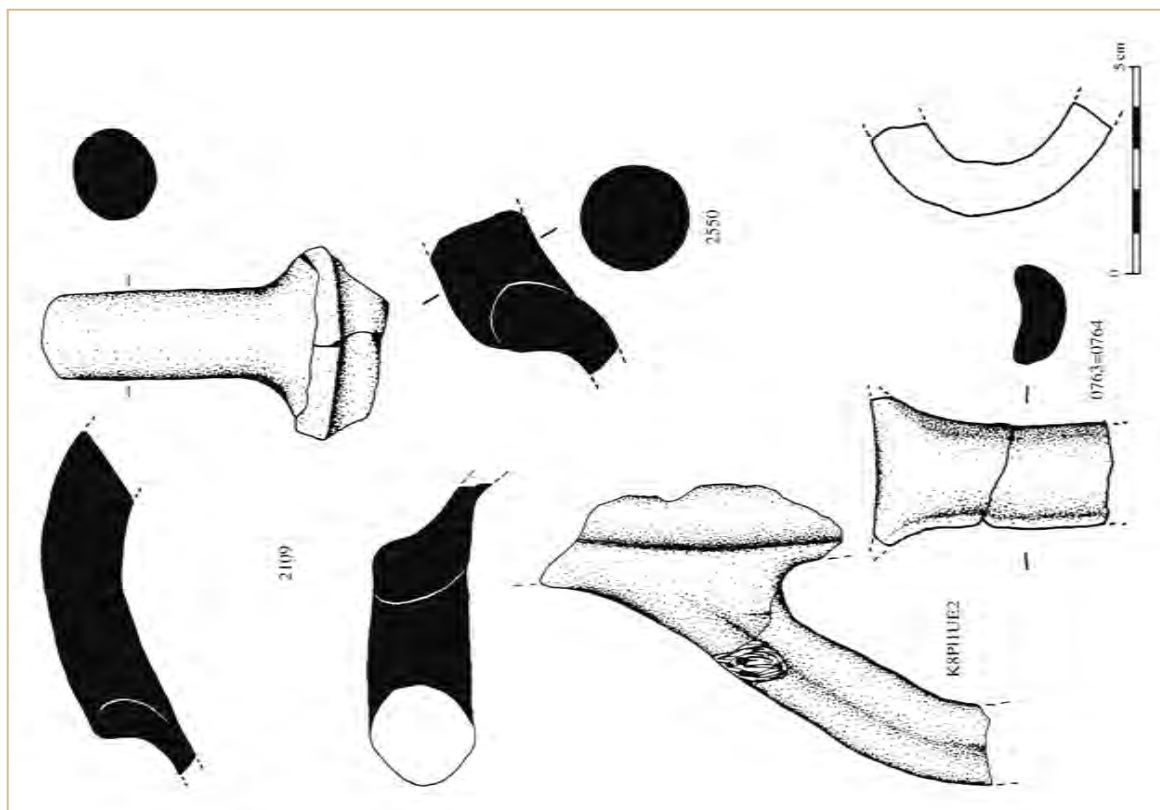
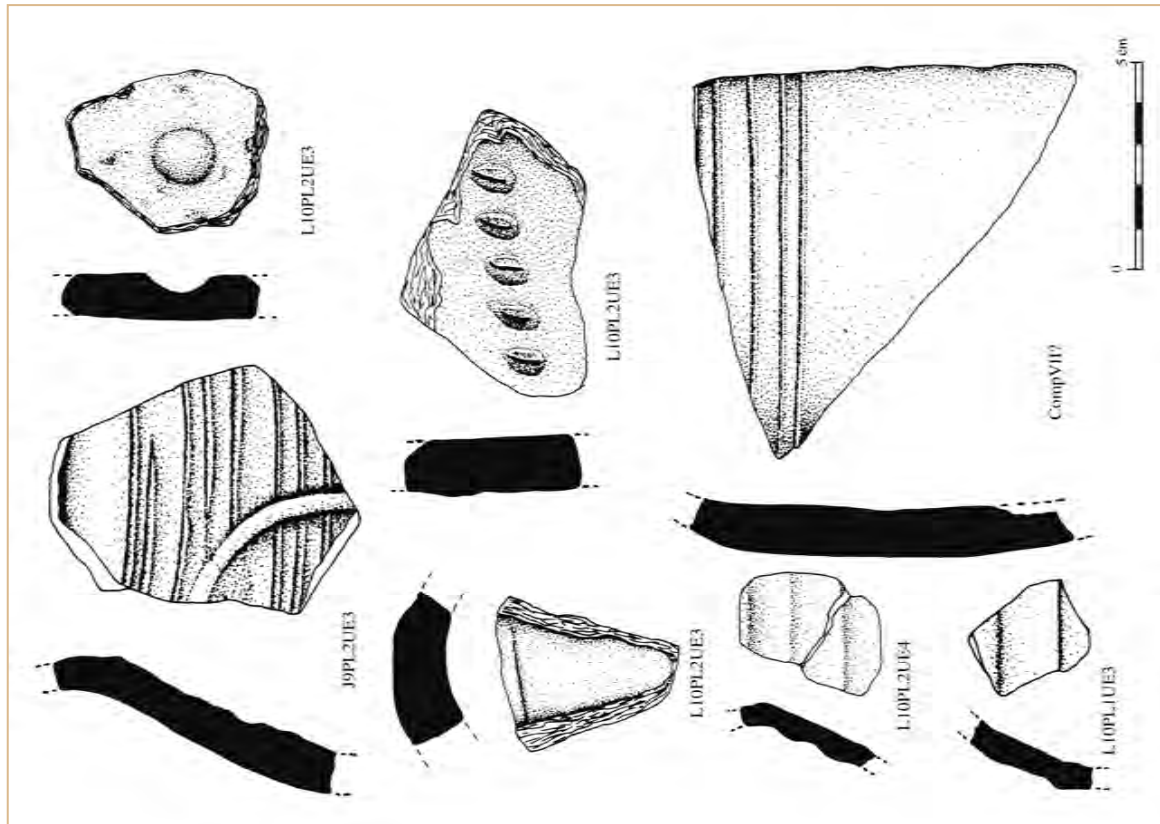
Peça (019)7789 - Bordo em aba de pote médio torneado com paredes de 0,7 cm de espessura. Pasta castanha com muitos ENP de pequeno e médio calibre, micácea.

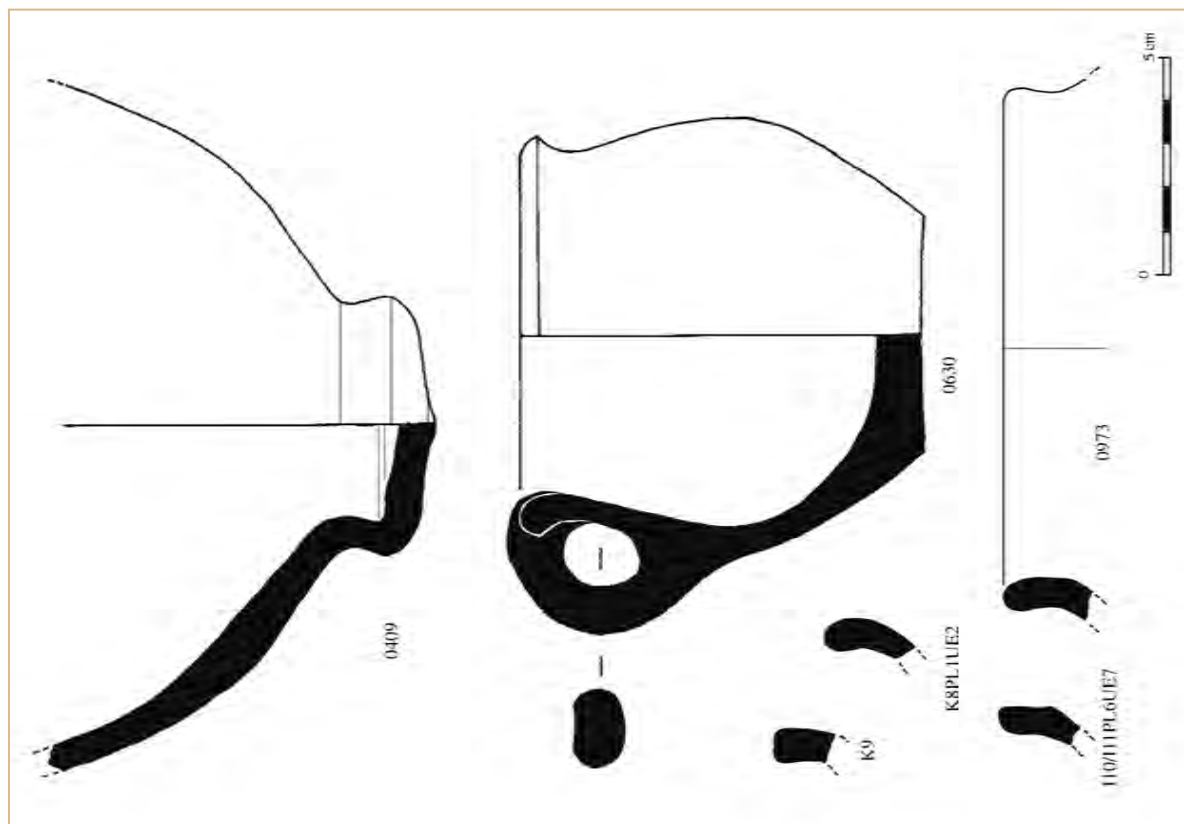
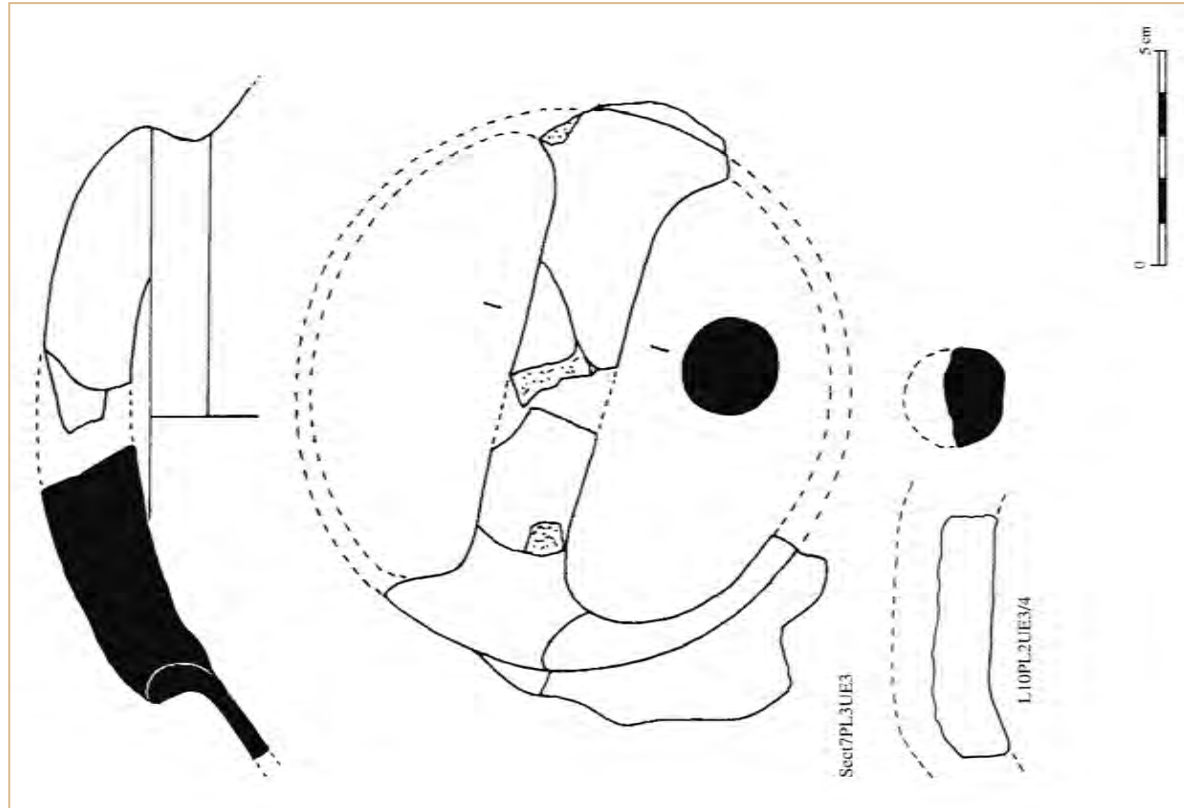
Peça (019)7800 - Peça quase completa de fabrico manual, alisada no interior e exterior, irregular com forma de meia lua denteada, de tipologia e funcionalidade desconhecidas. Apresenta pasta castanha-avermelhada com muitos ENP de pequeno e médio calibre, friável. Muito hipotético *larnax* (?). Exumada do Compartimento V (A5).

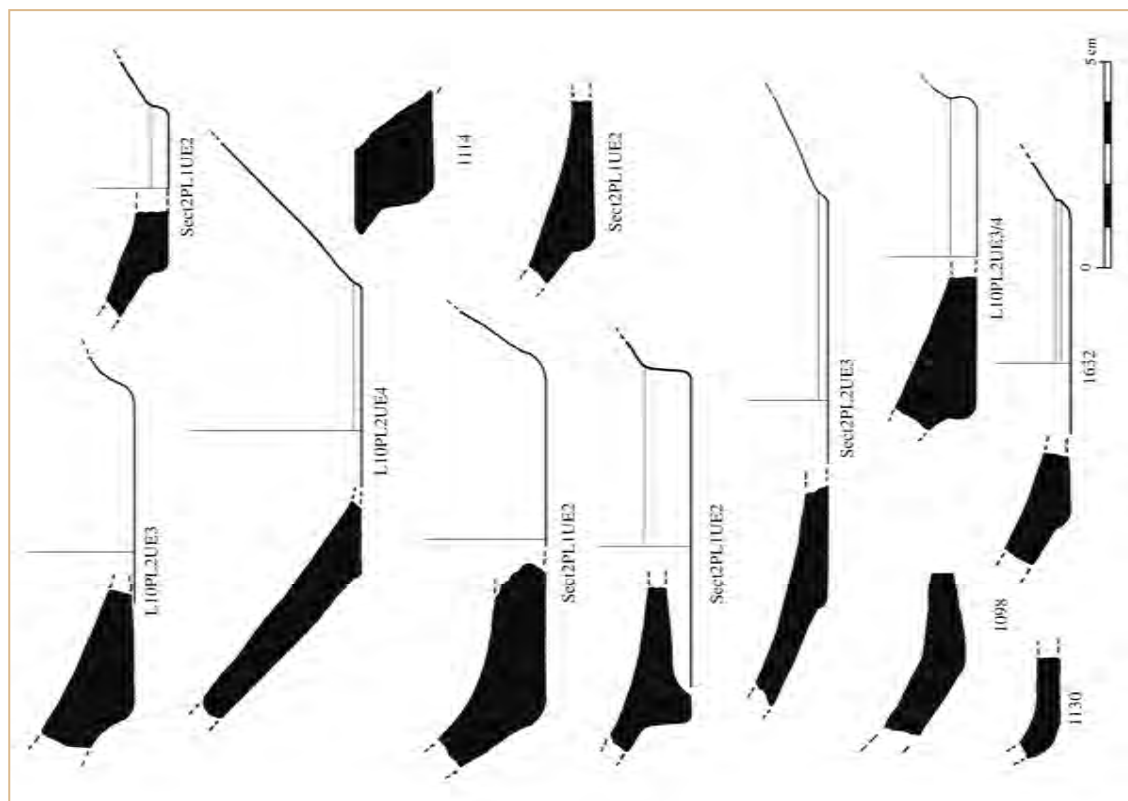
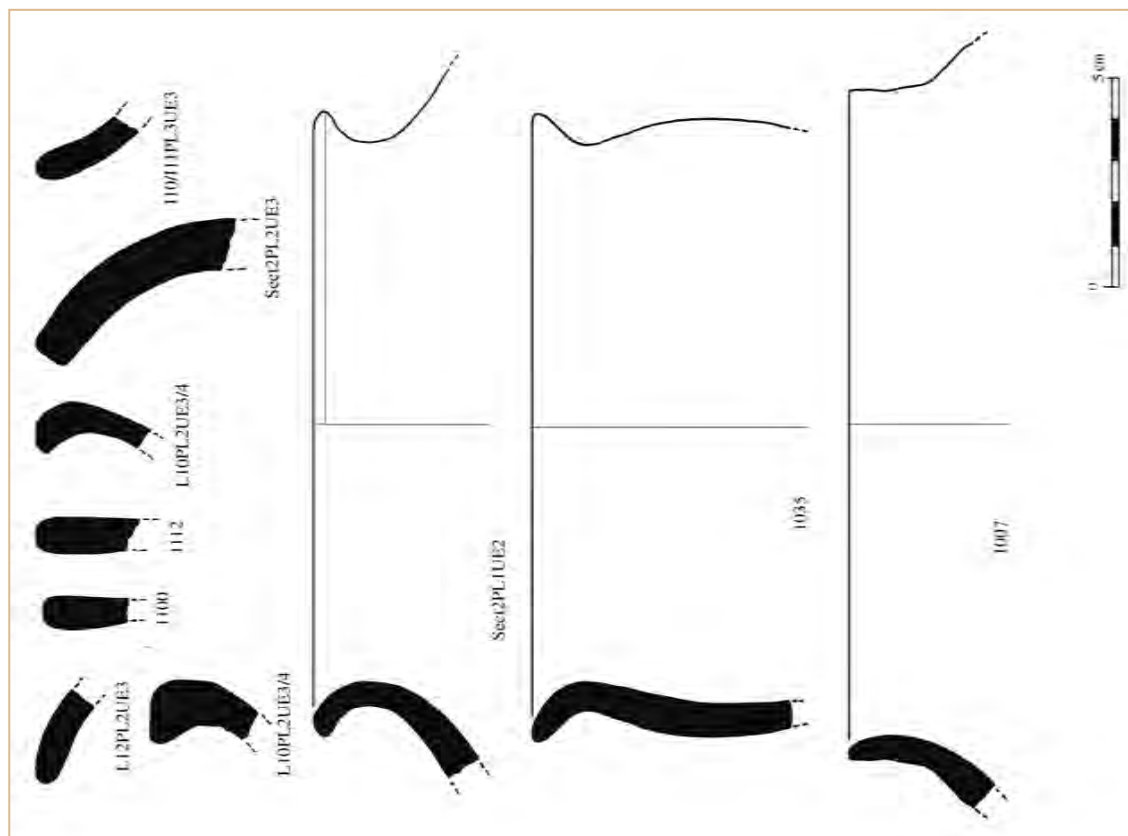
2.2.5.4.2. Desenhos

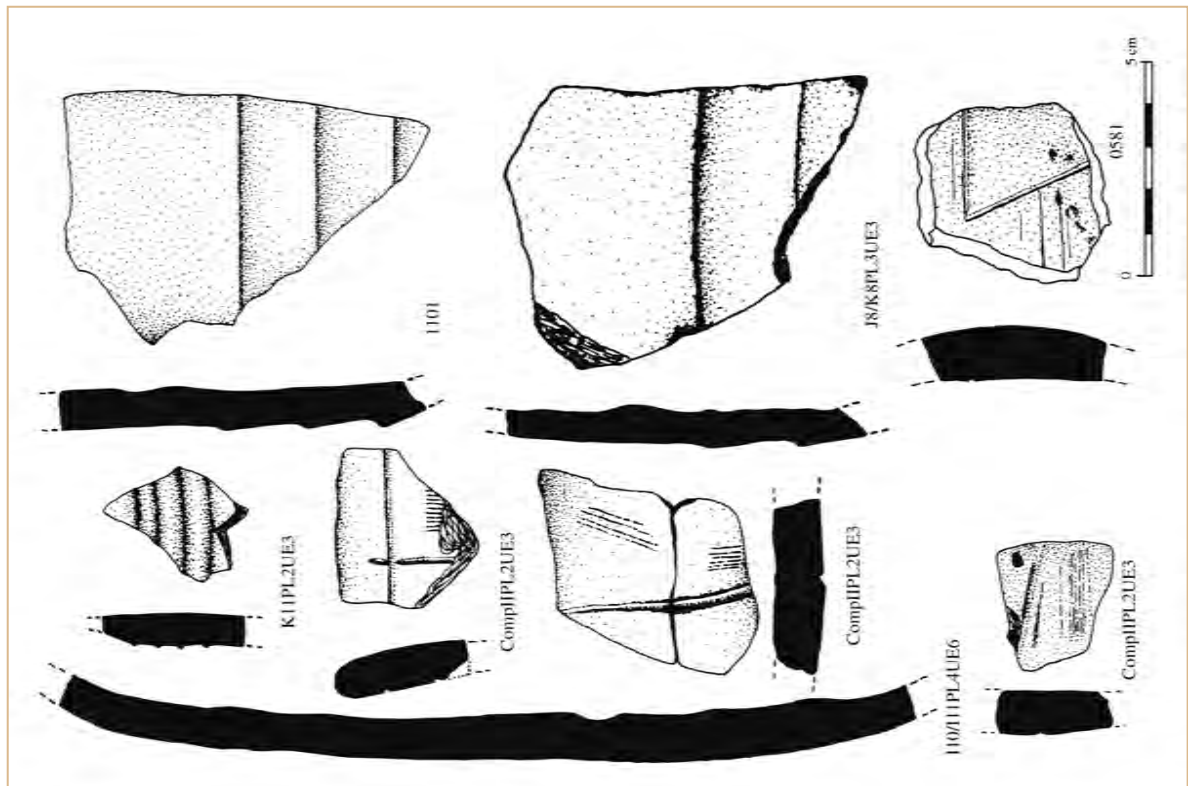
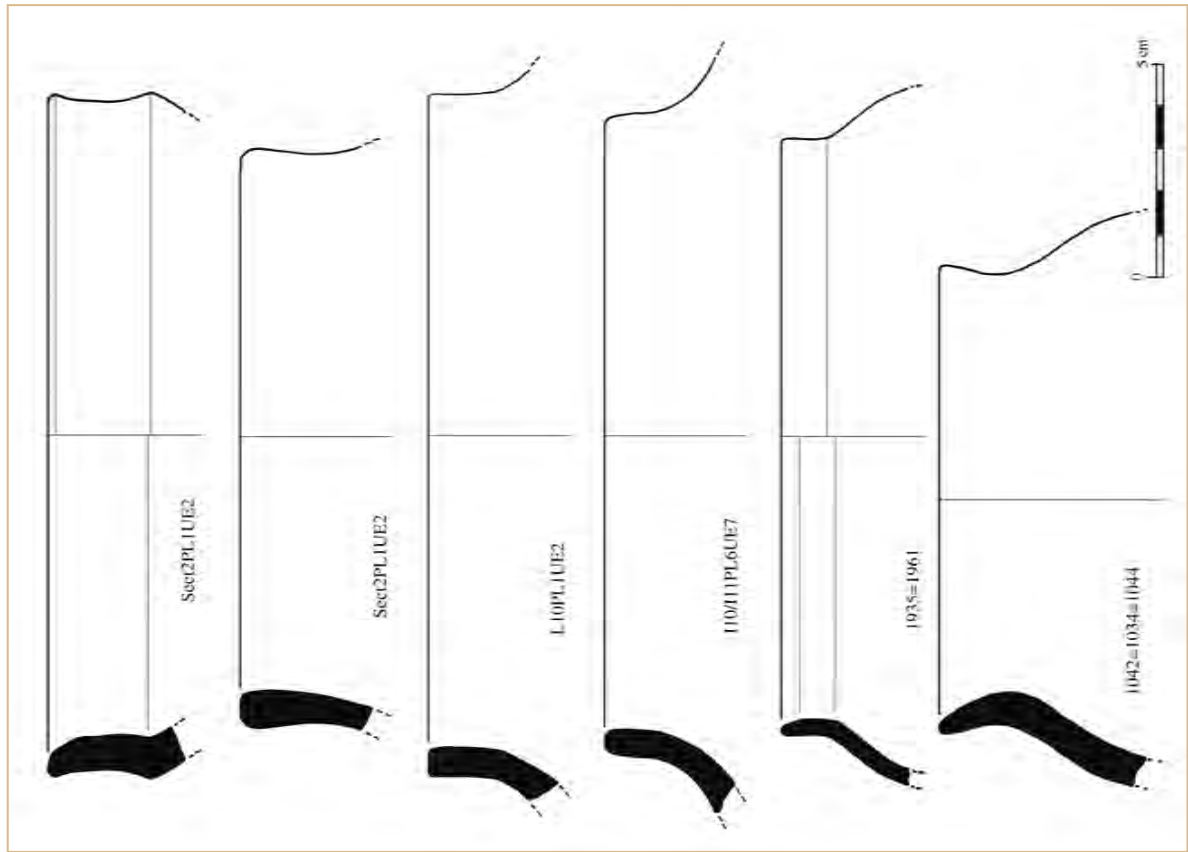
Materiais cerâmicos

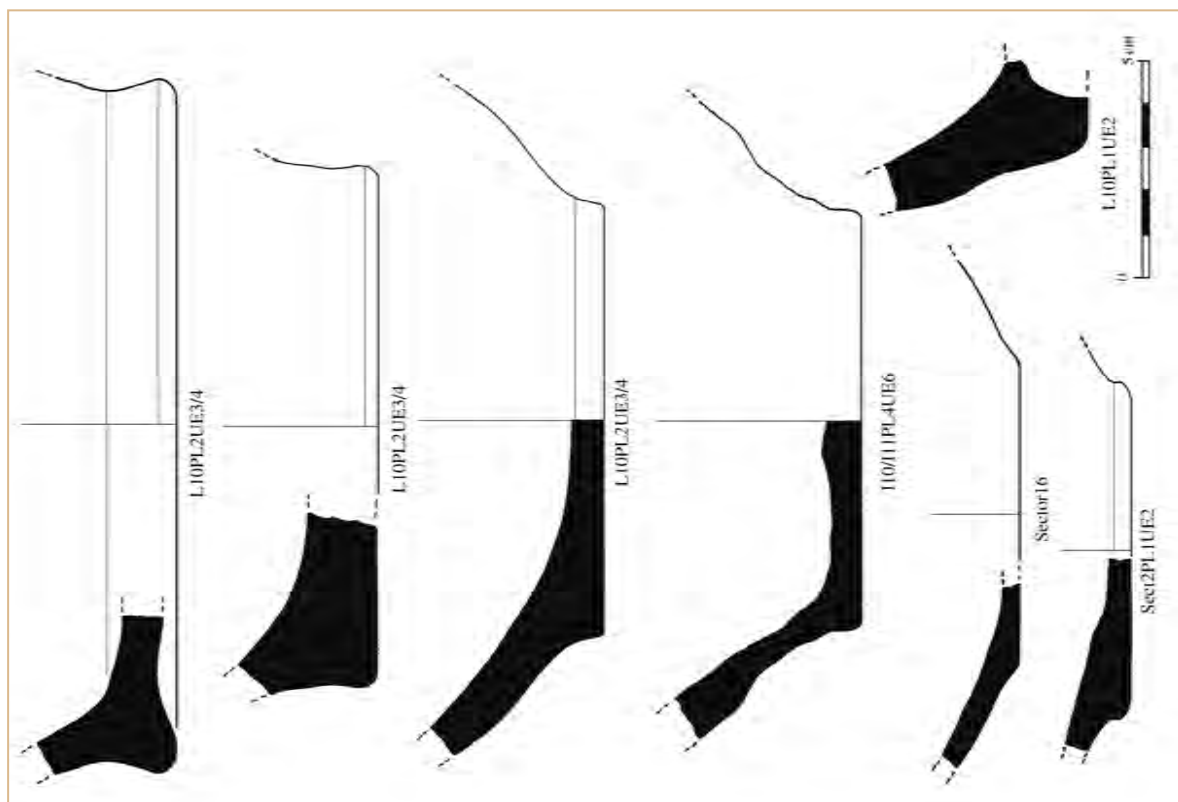
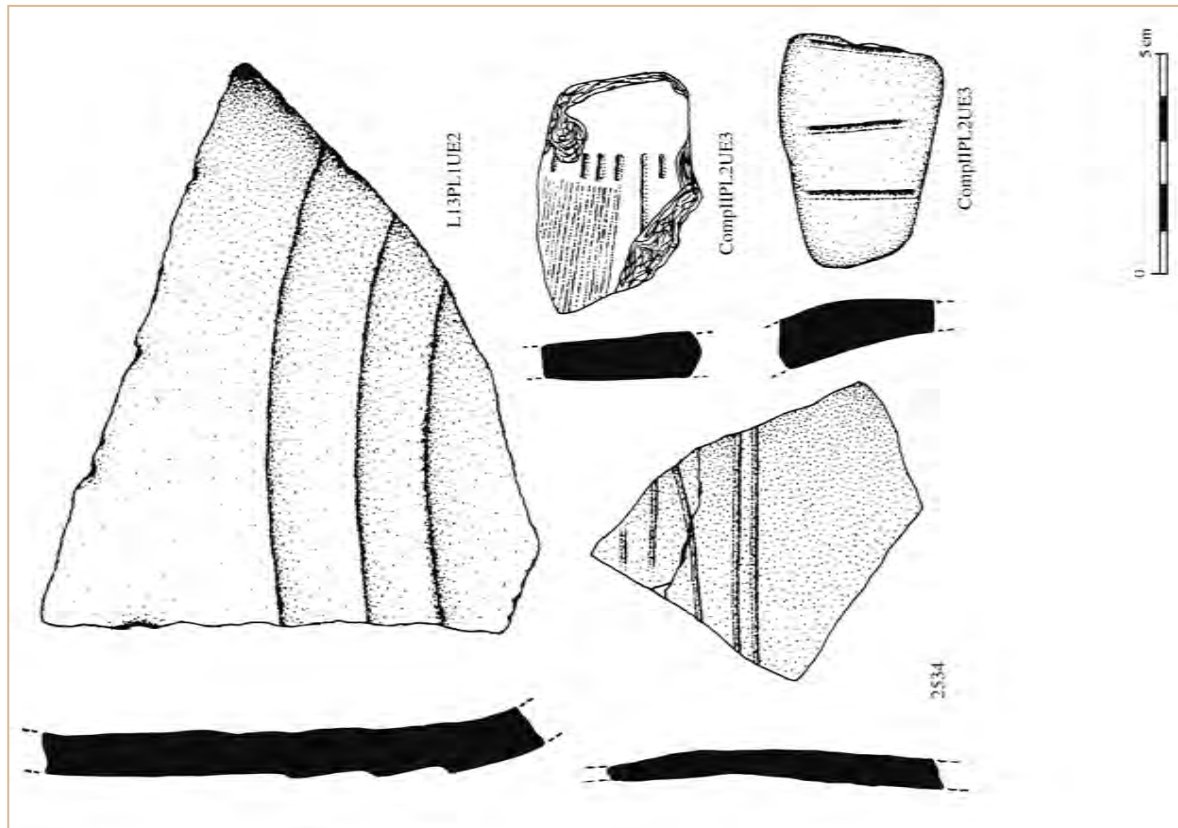


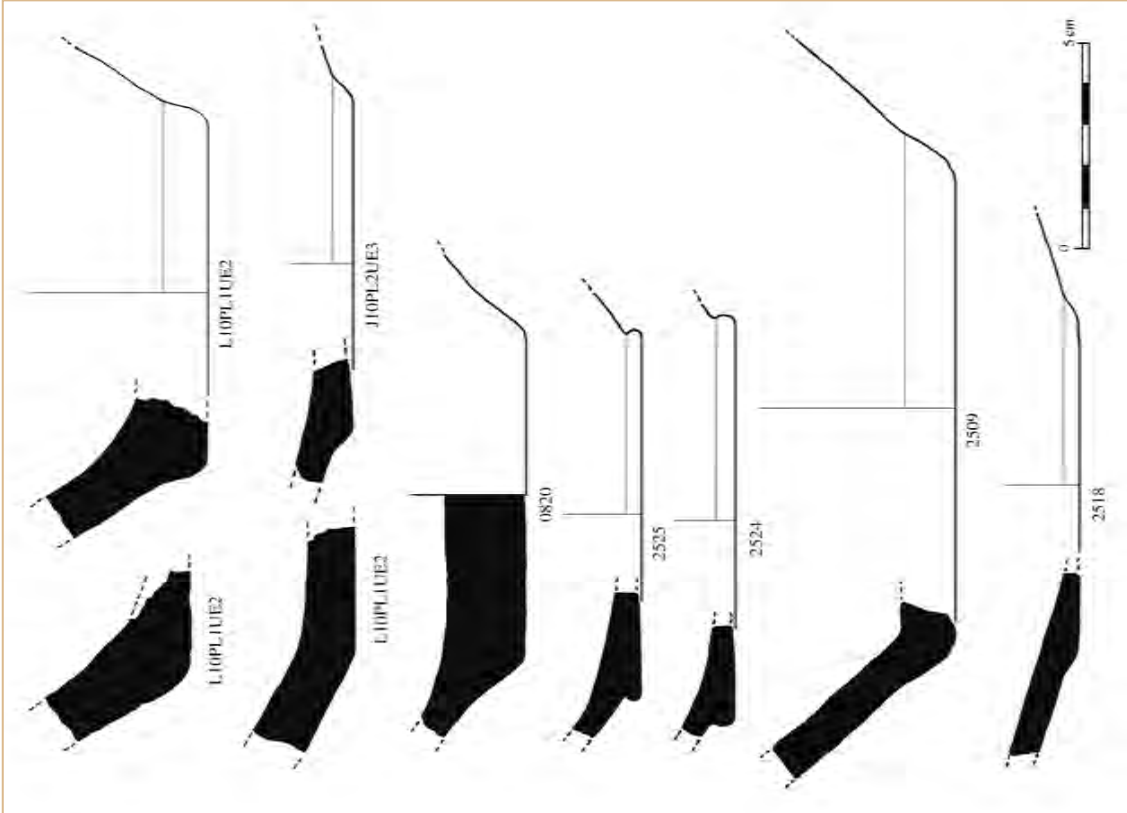
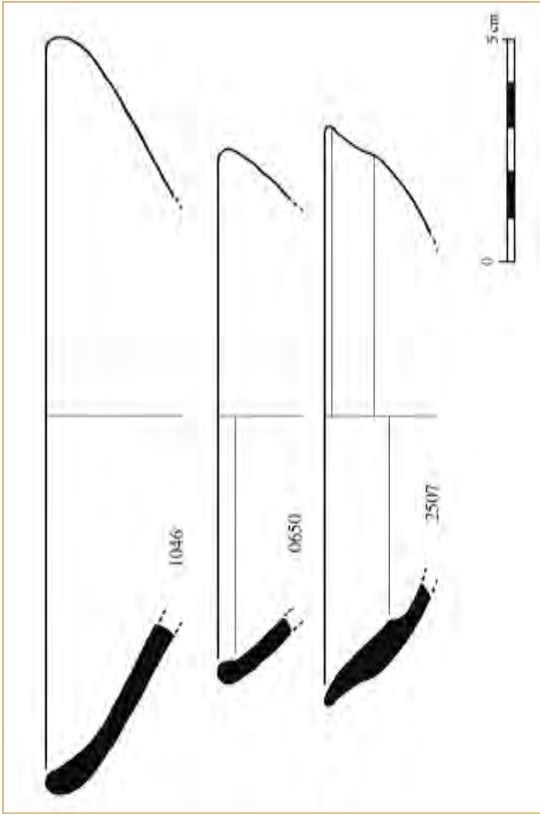


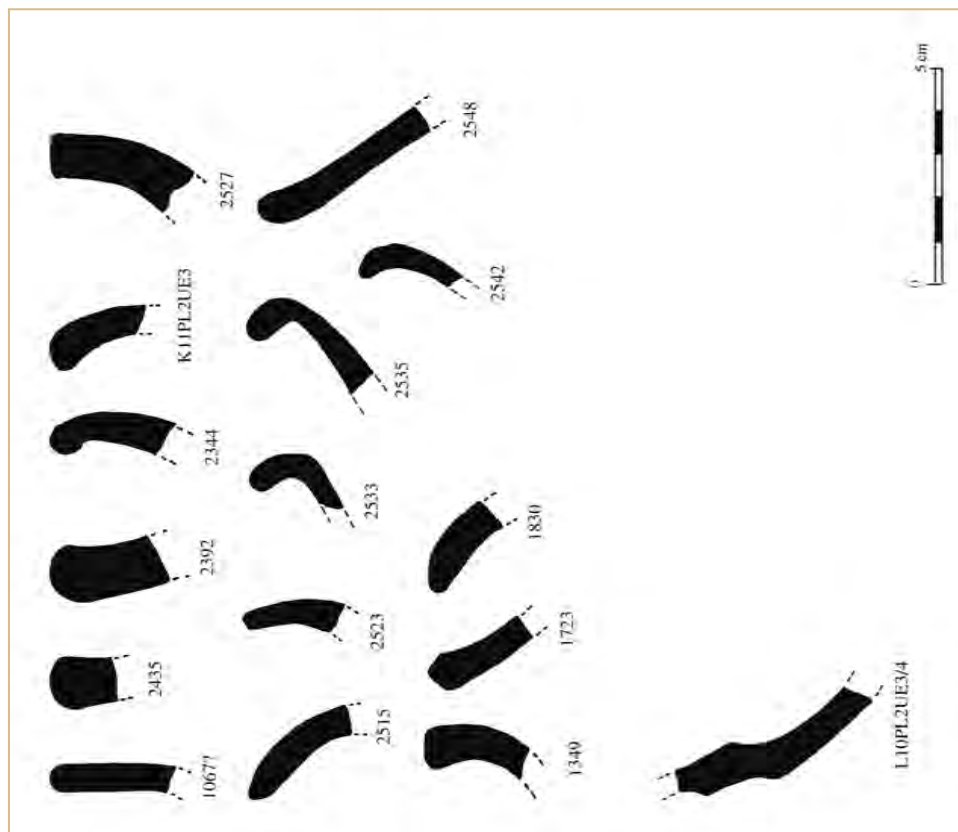
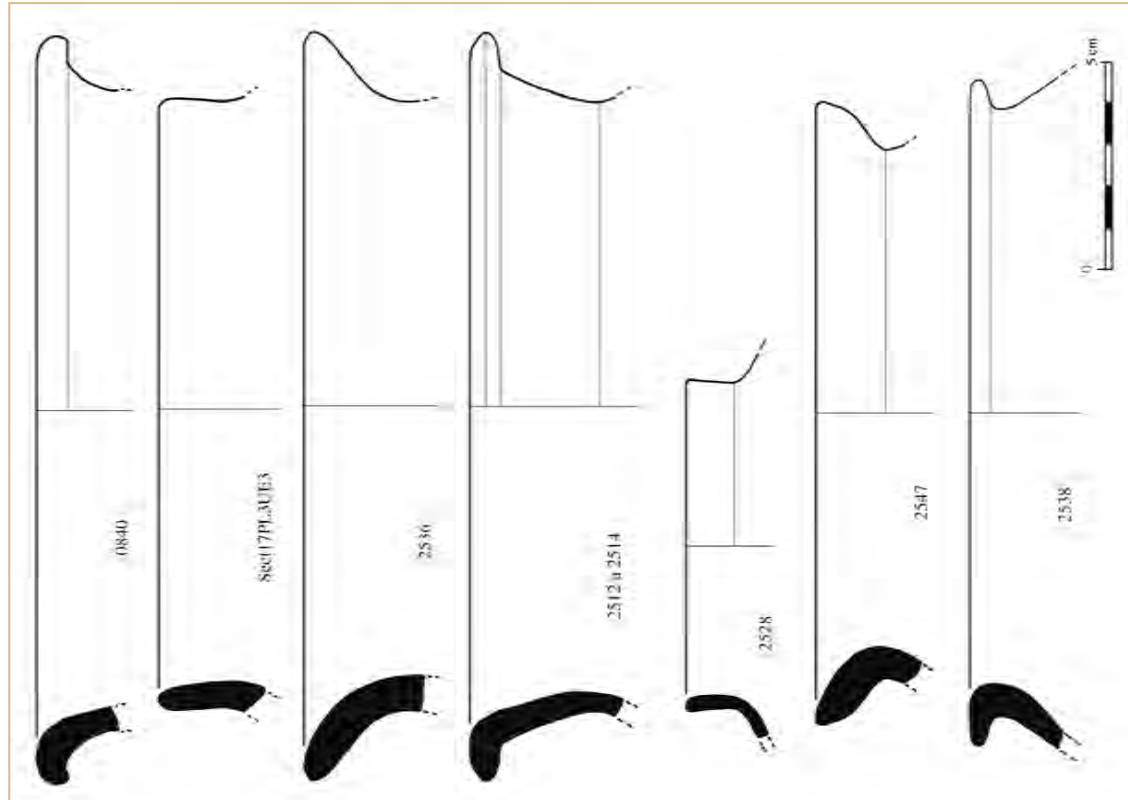


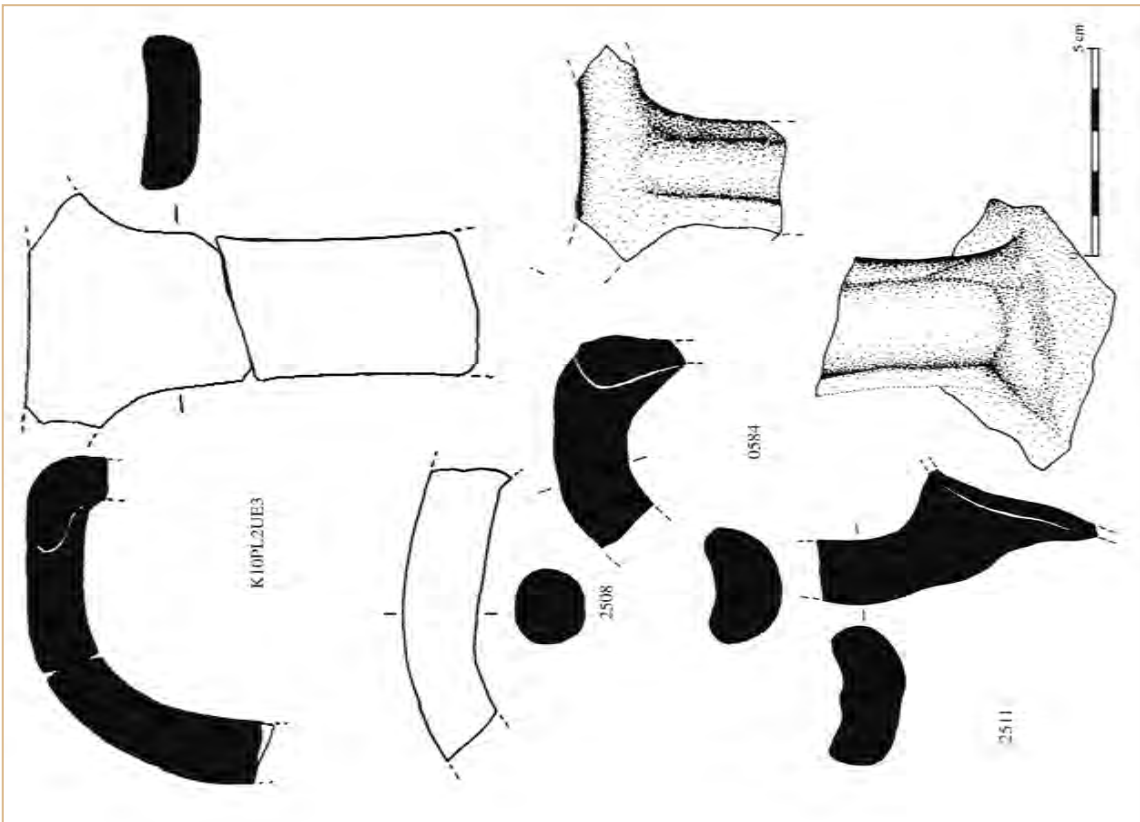
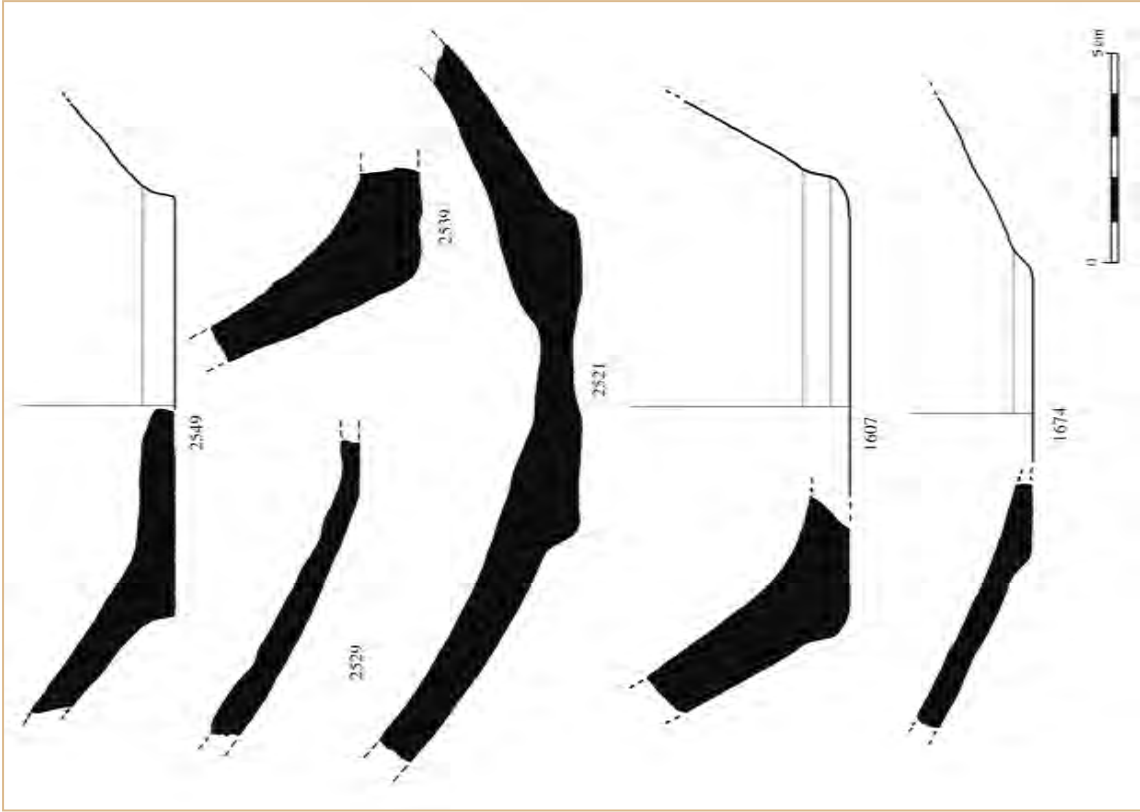


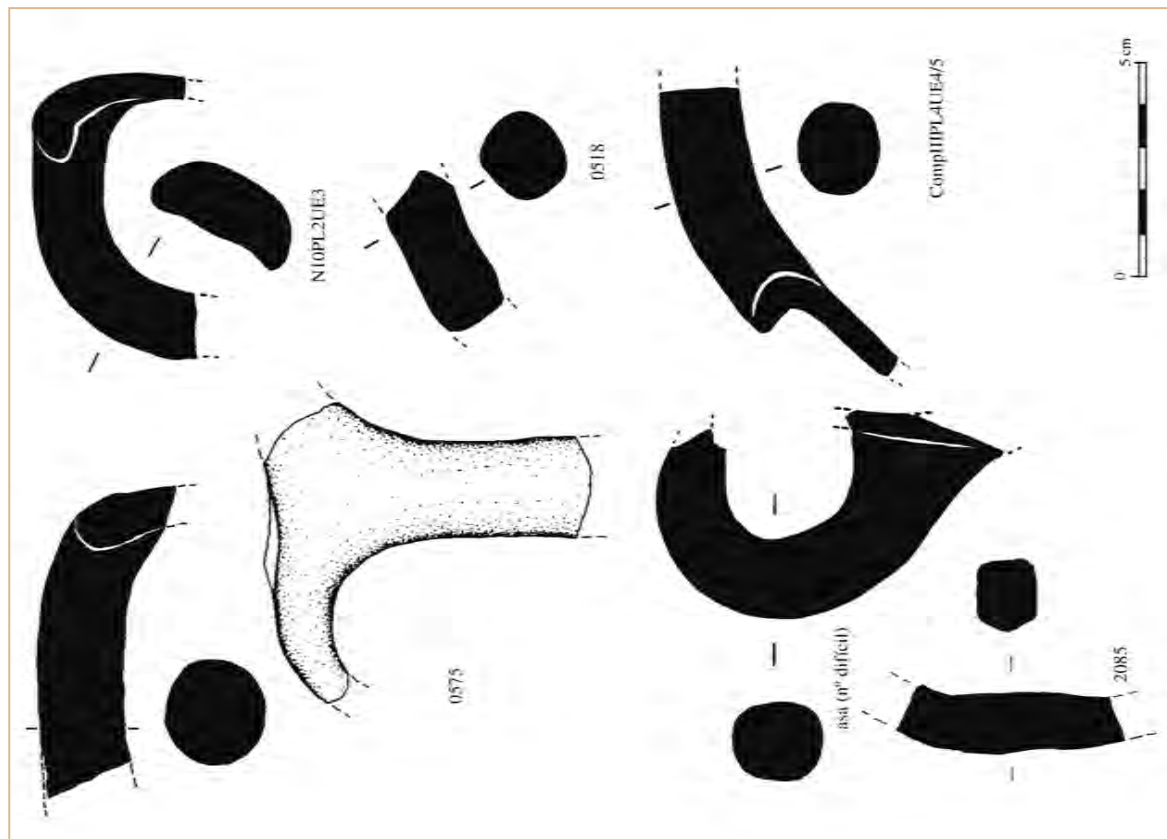
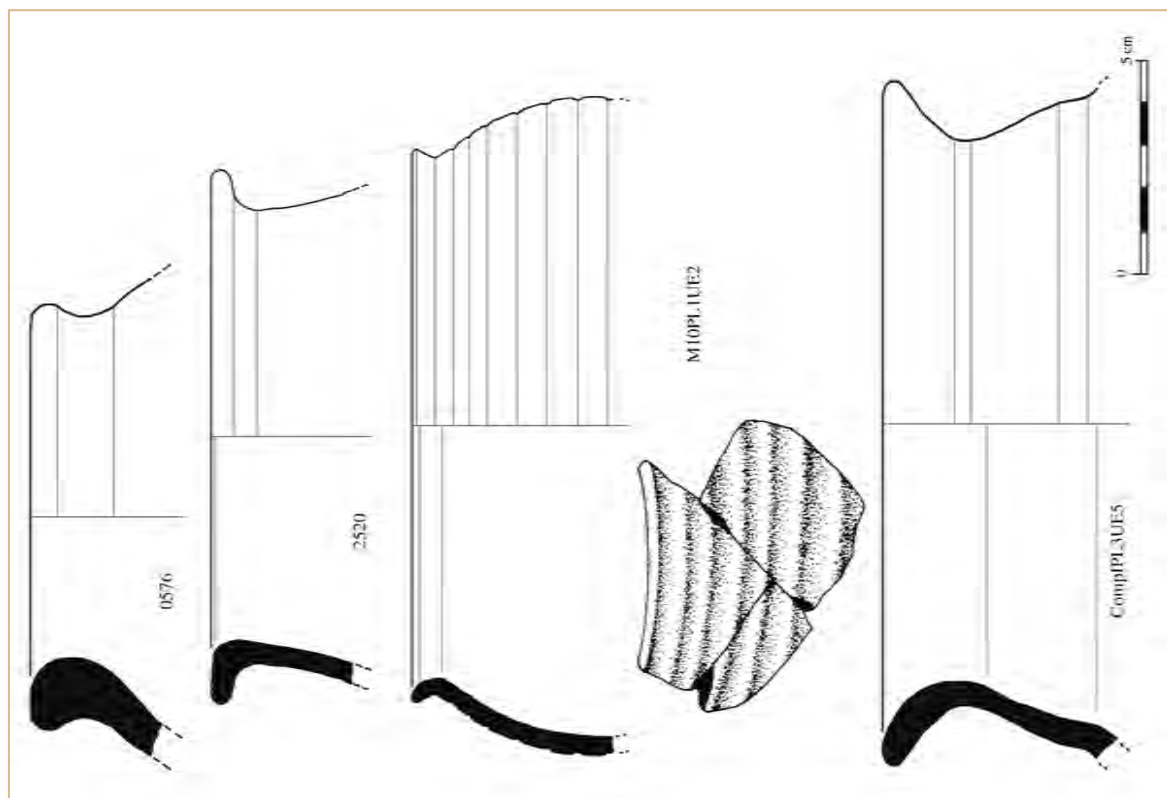


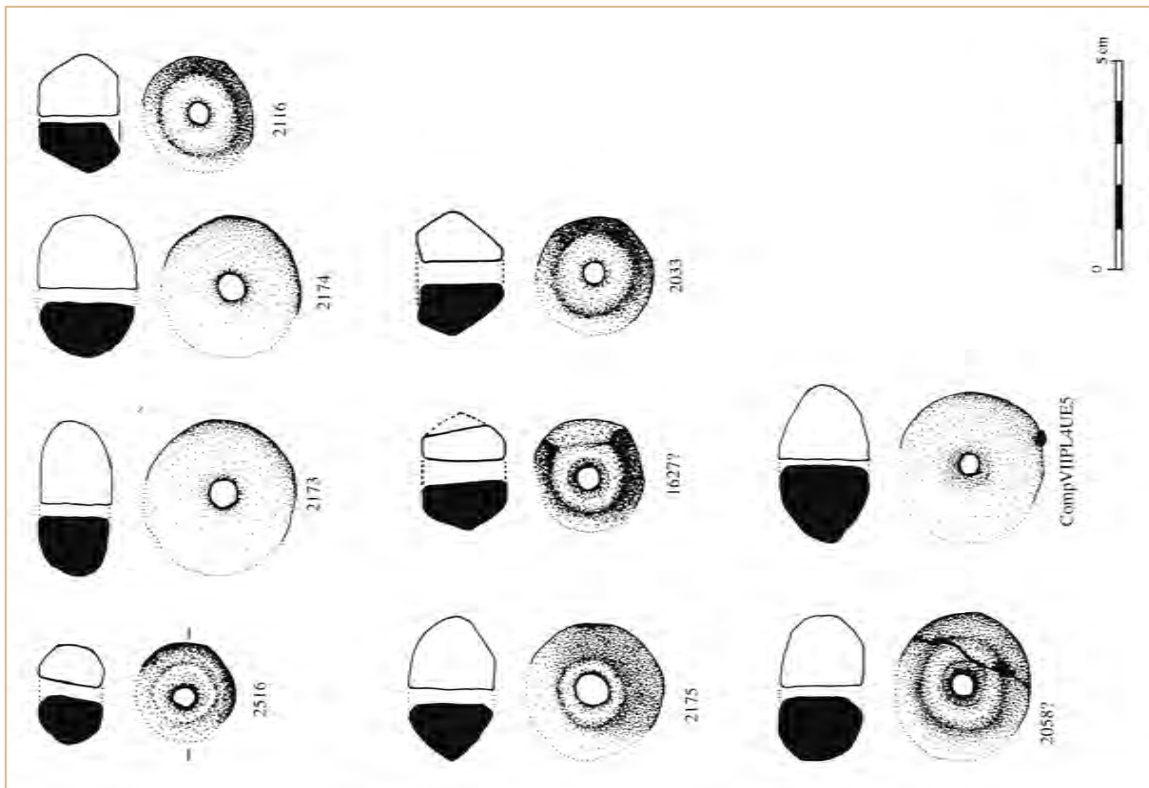
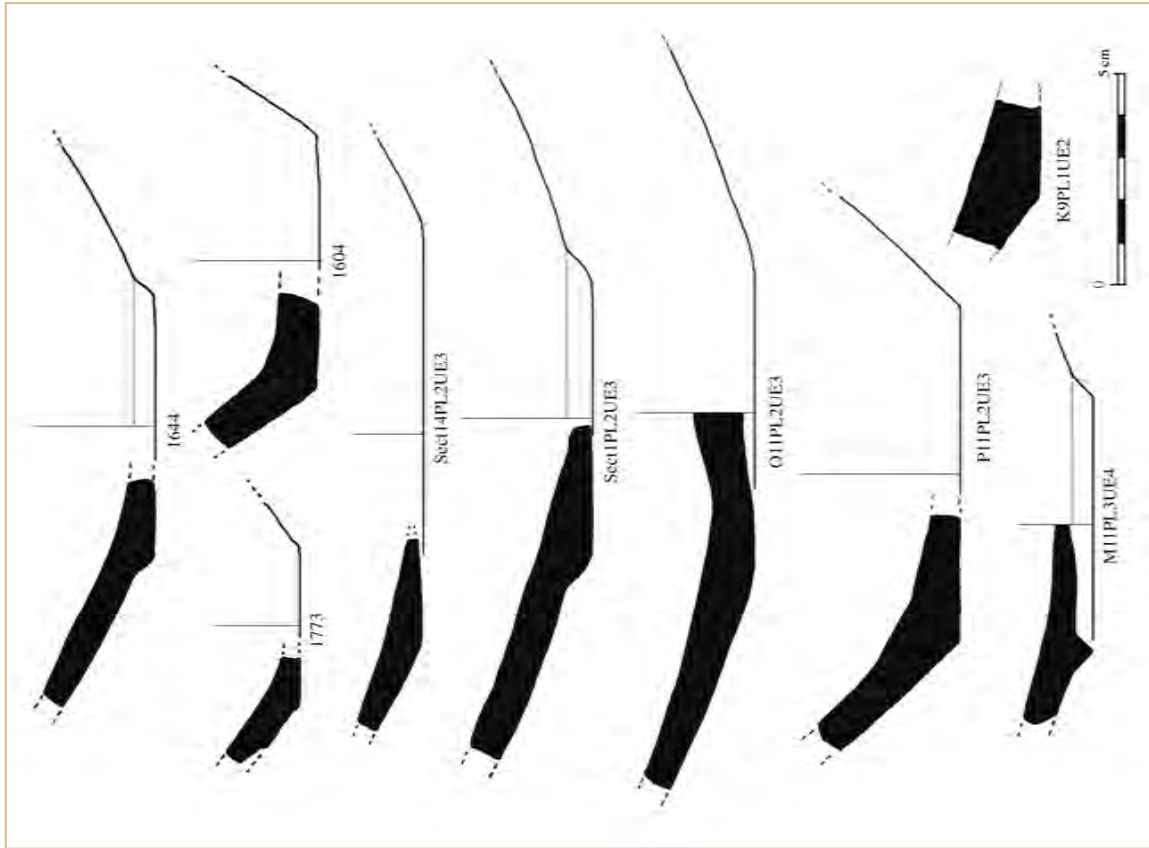


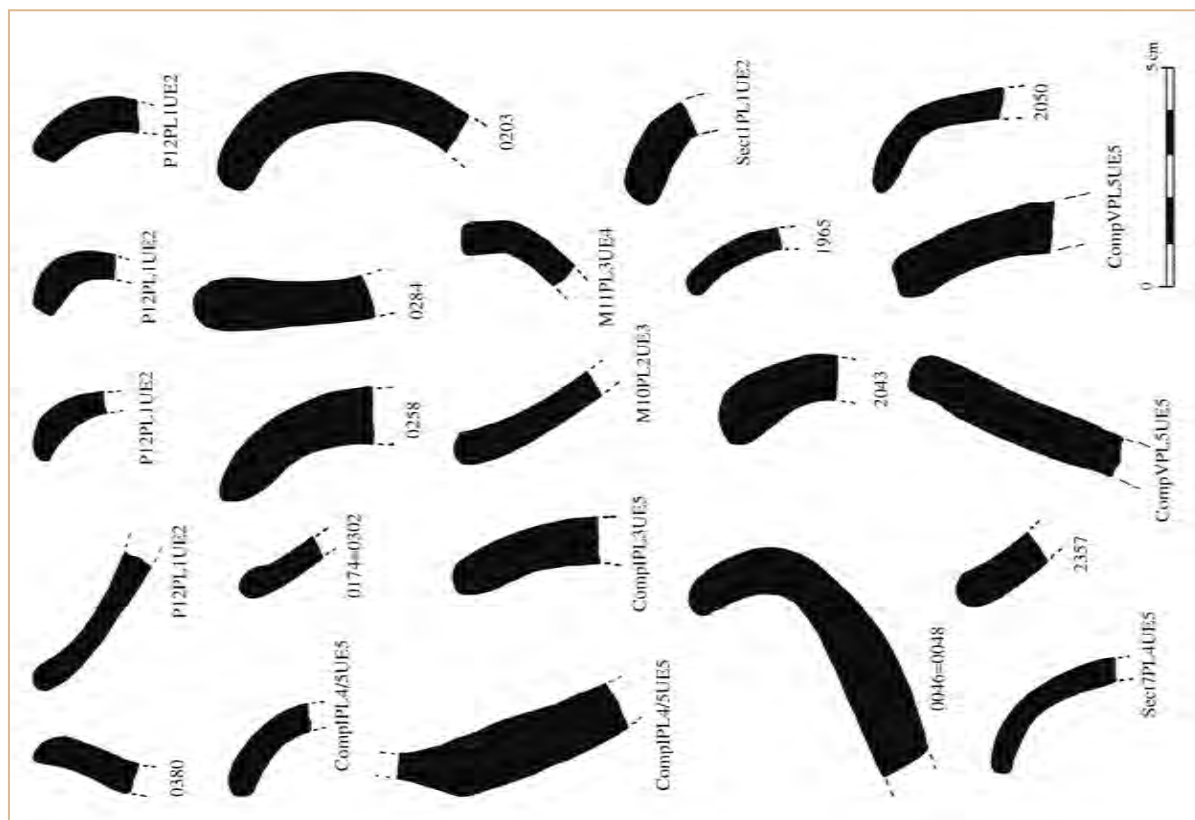
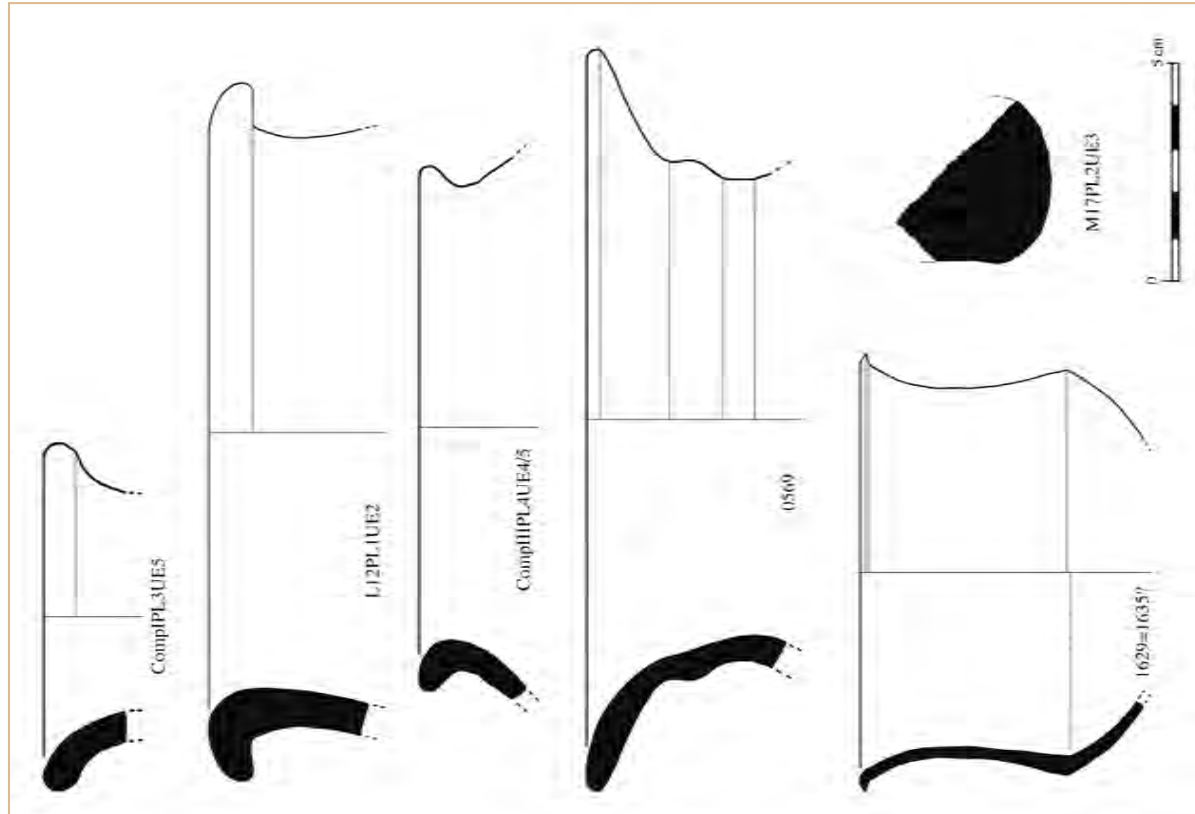


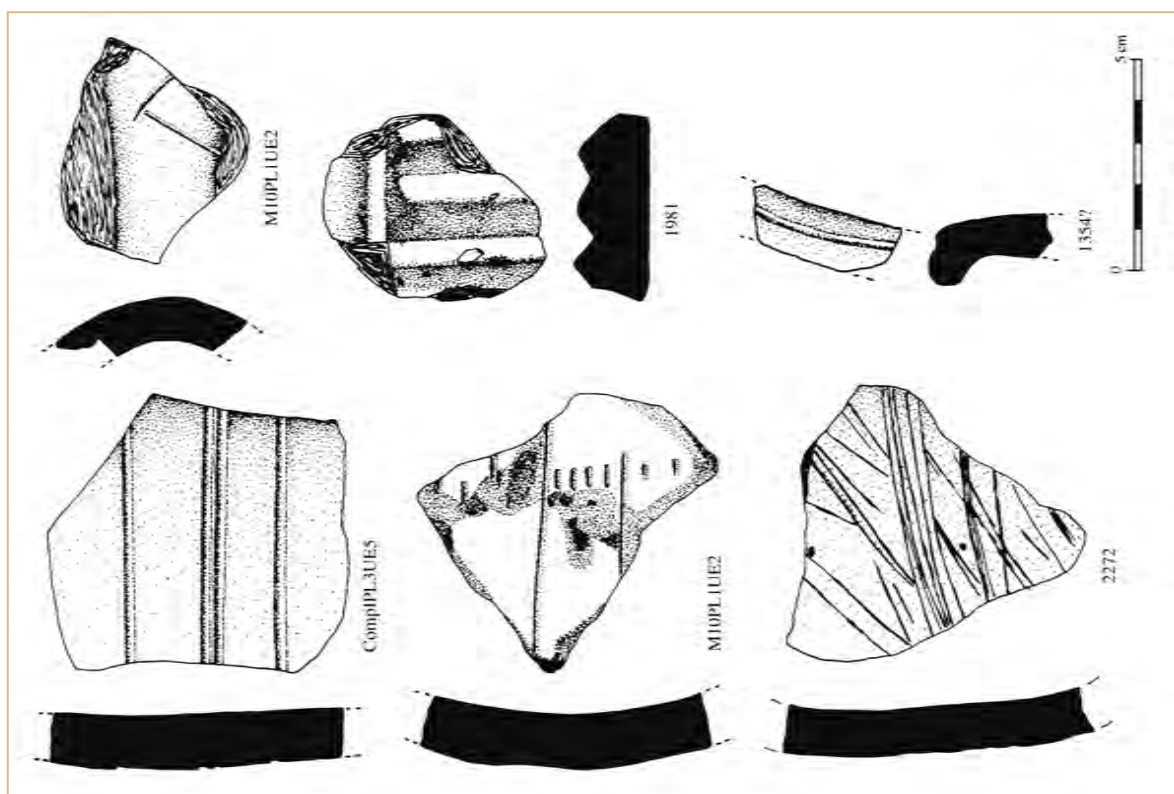
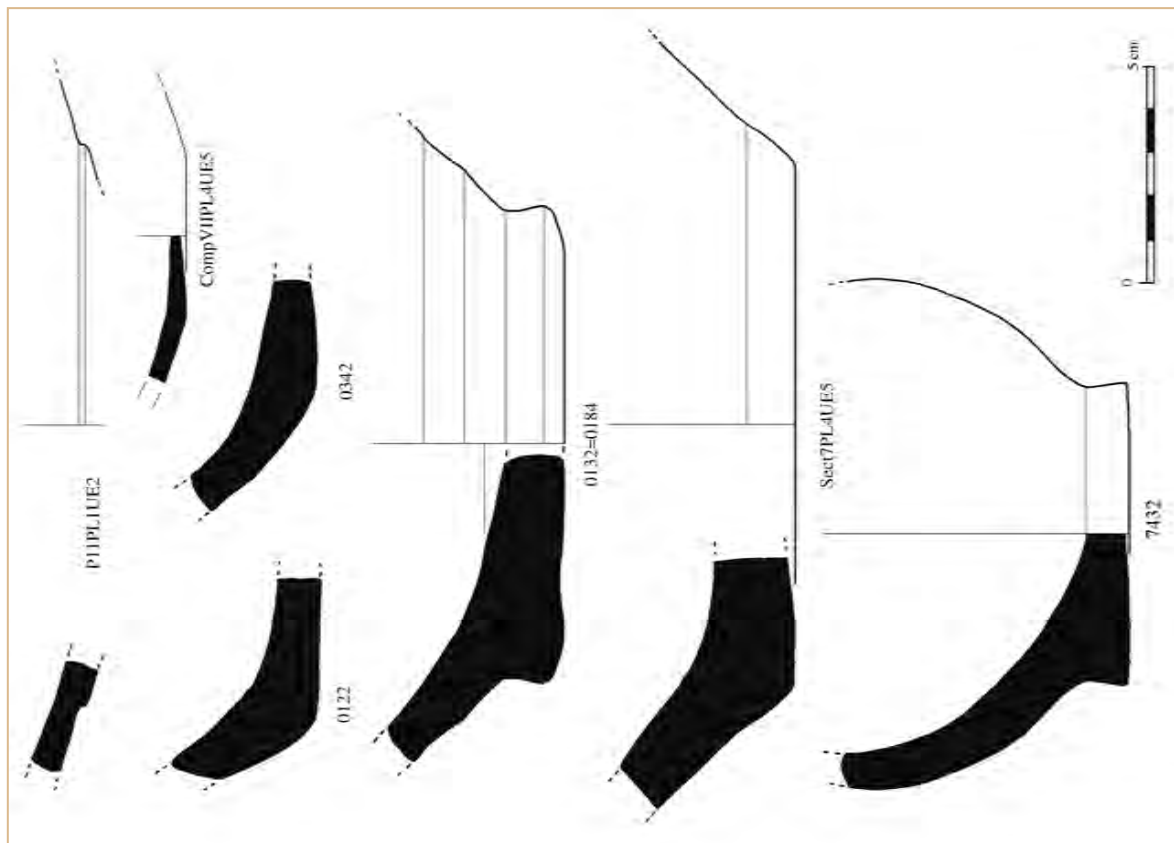


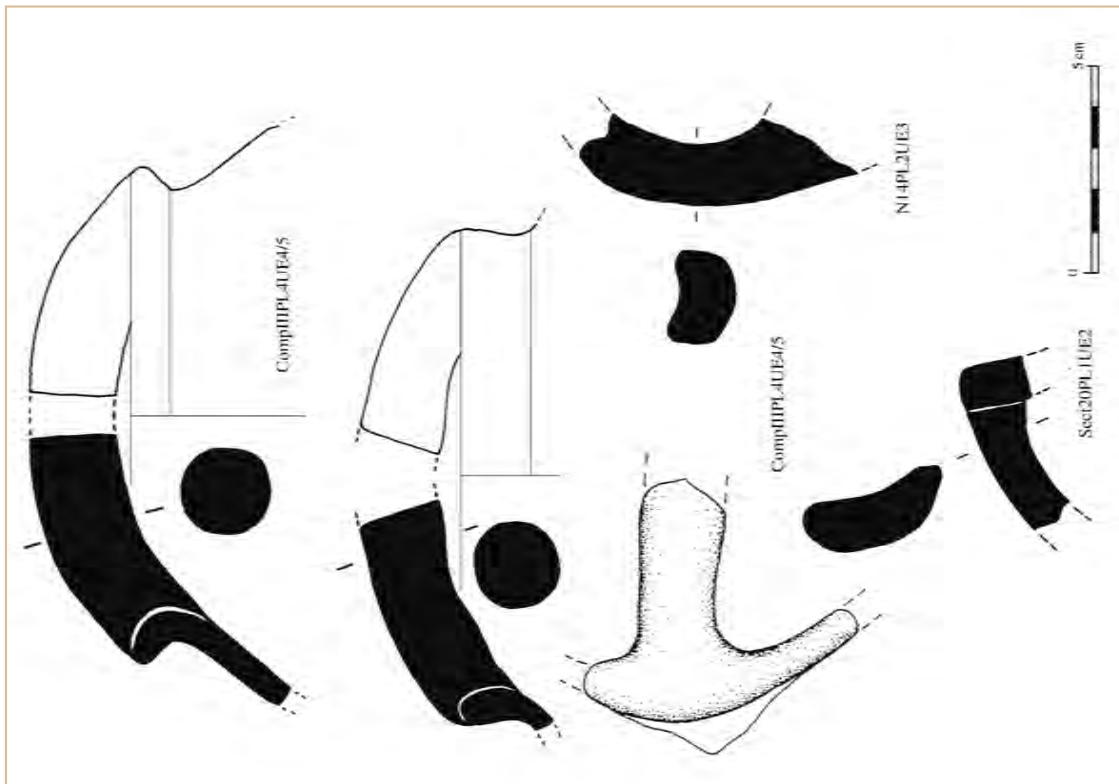
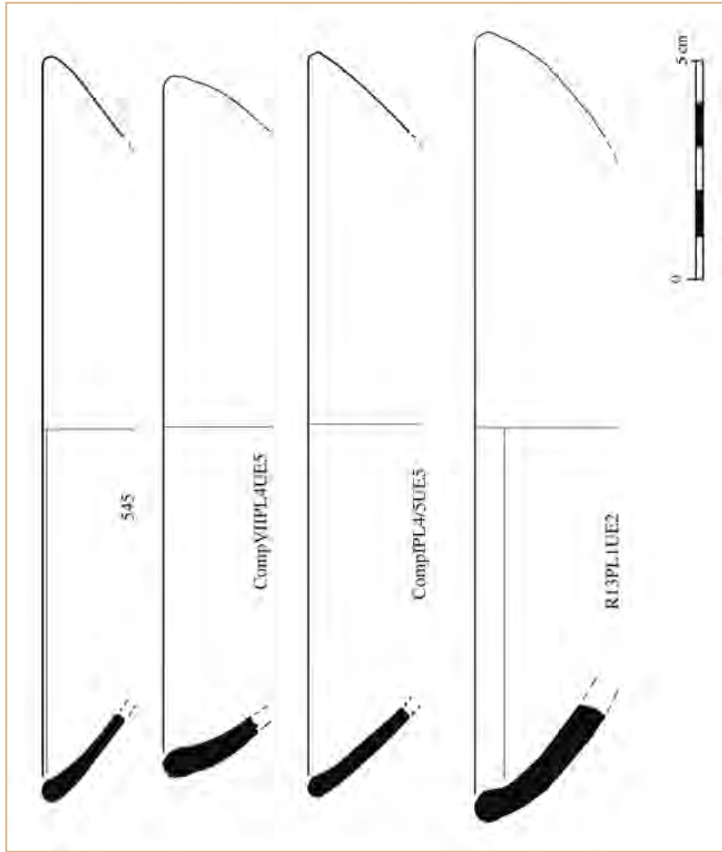


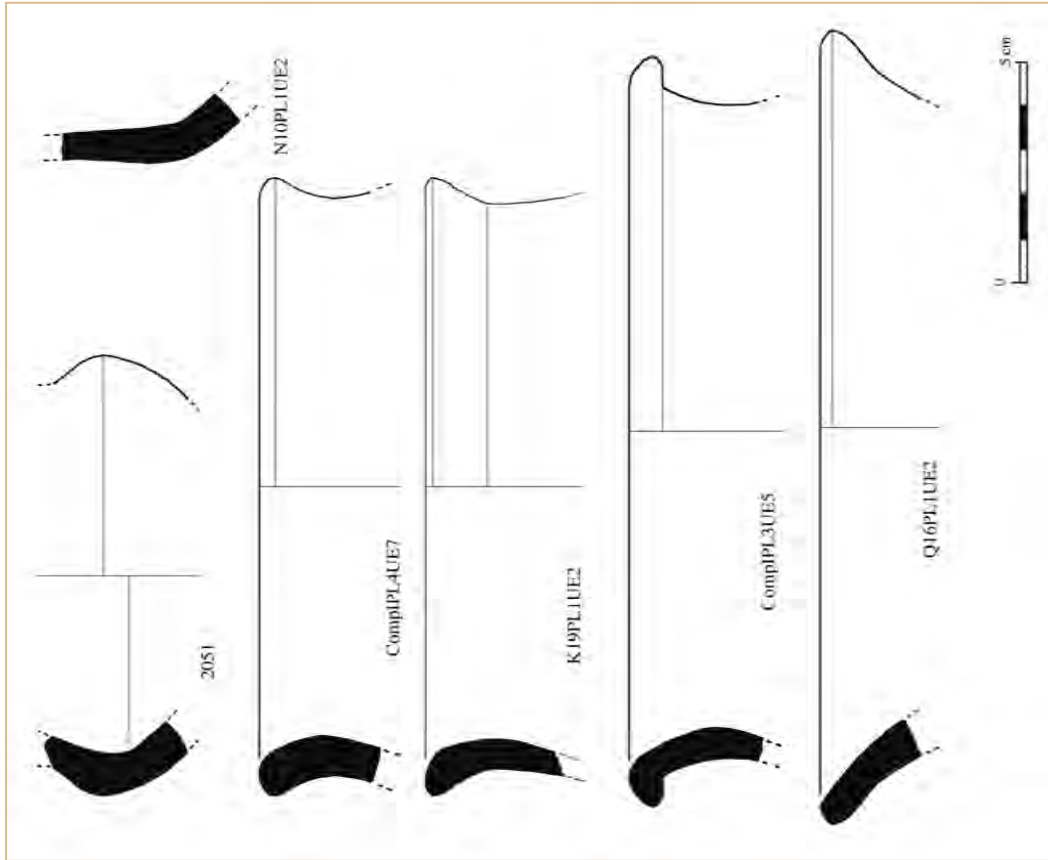
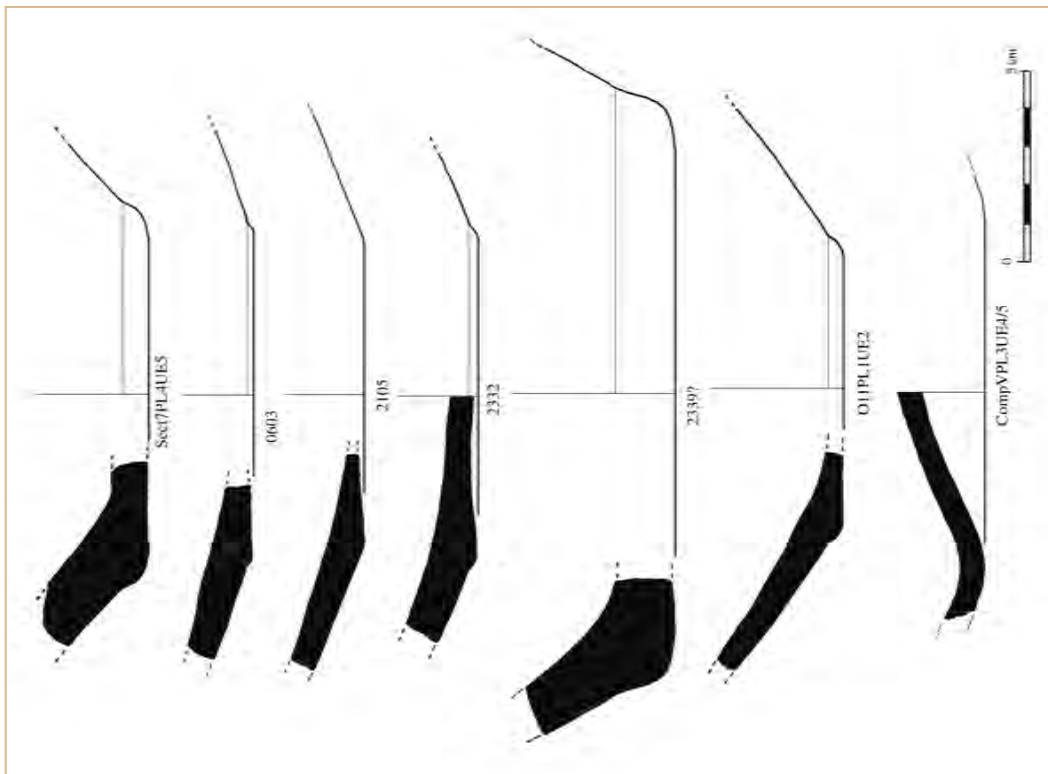


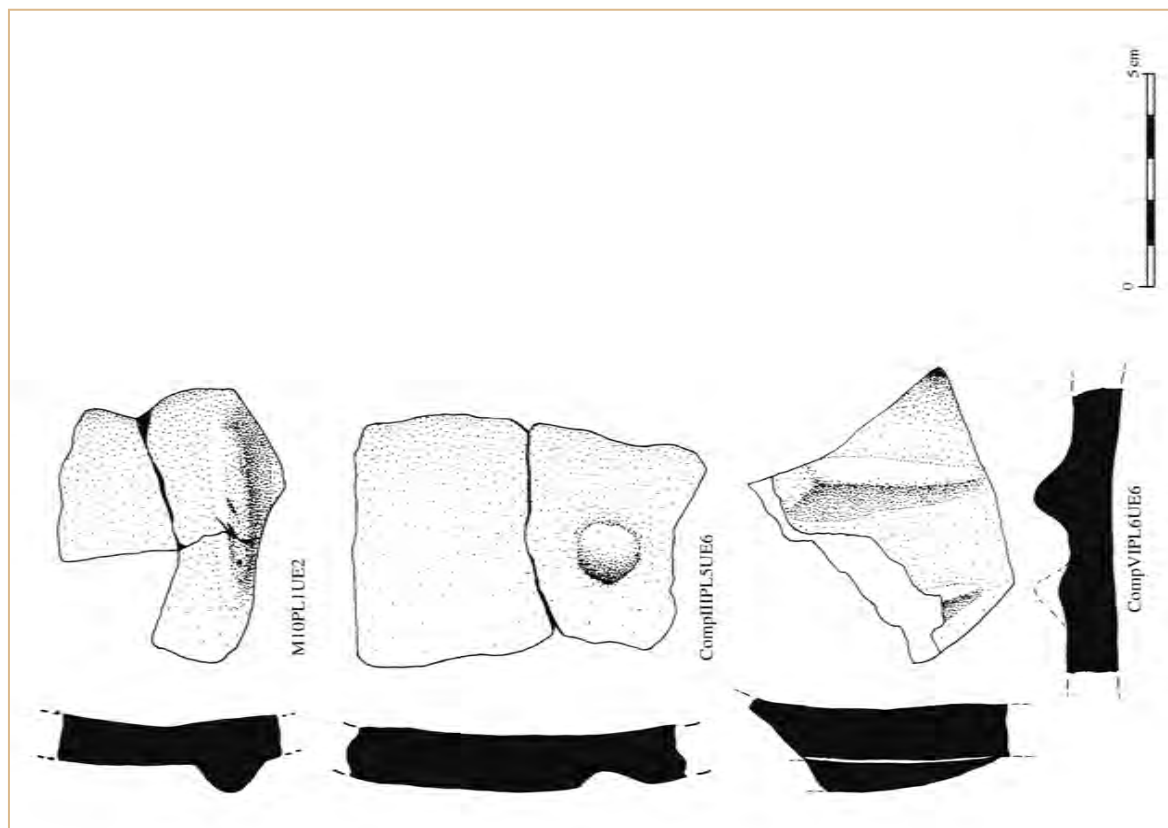
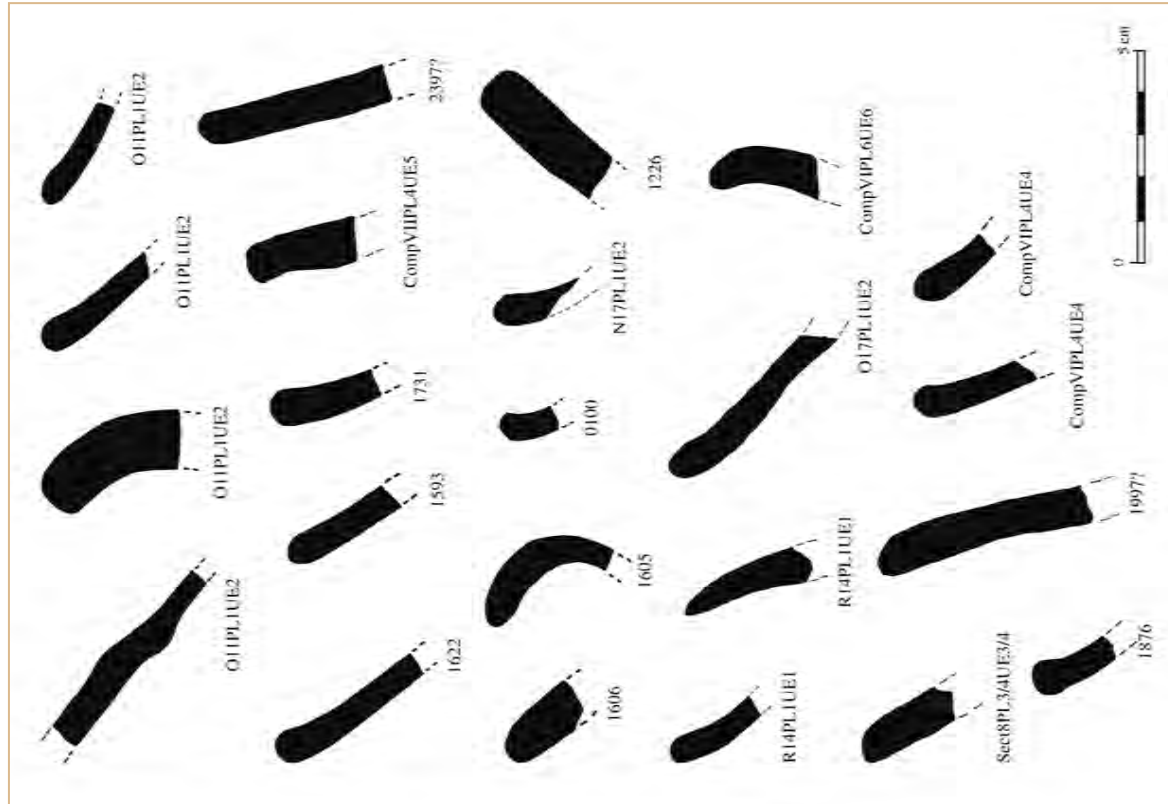


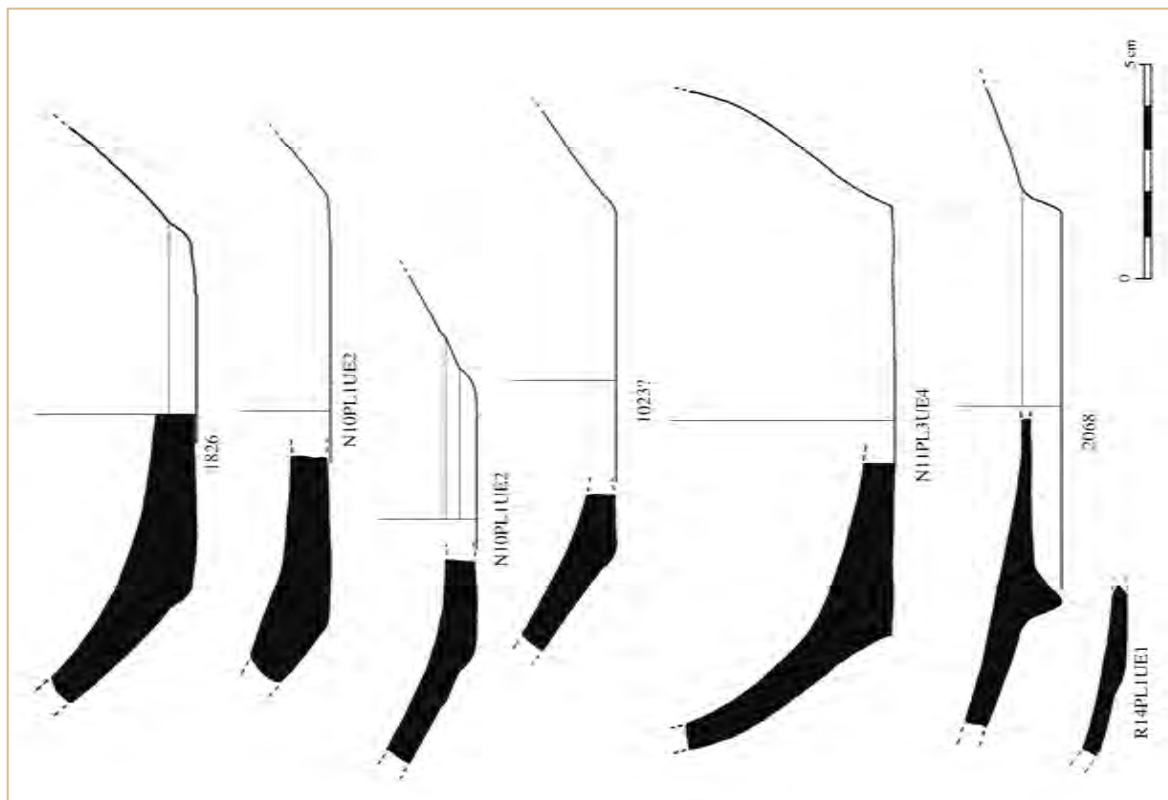
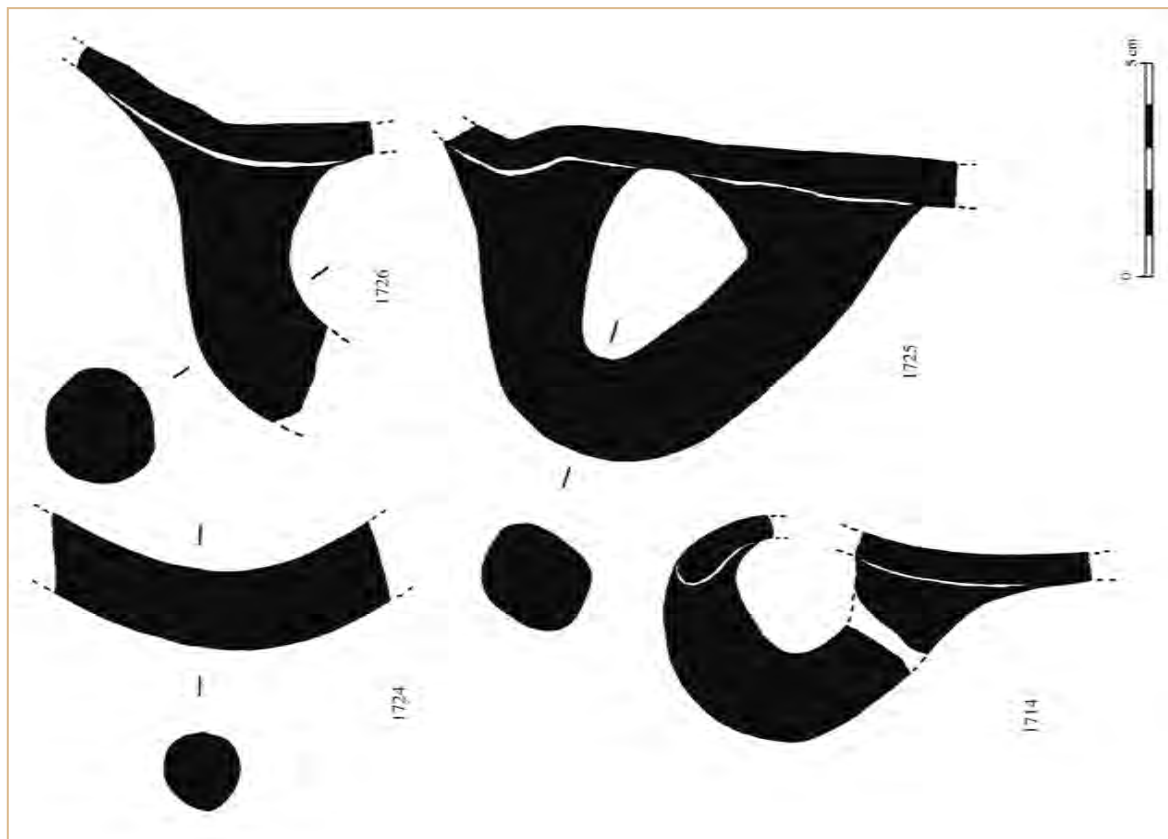


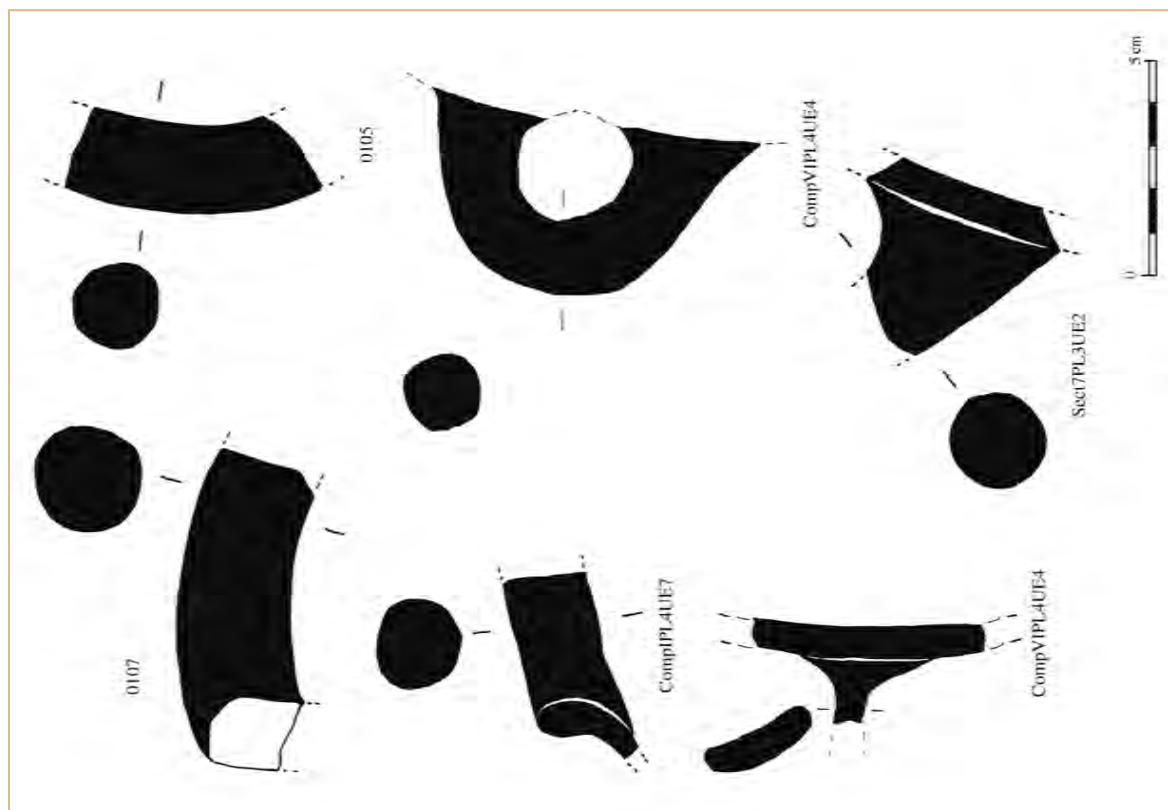
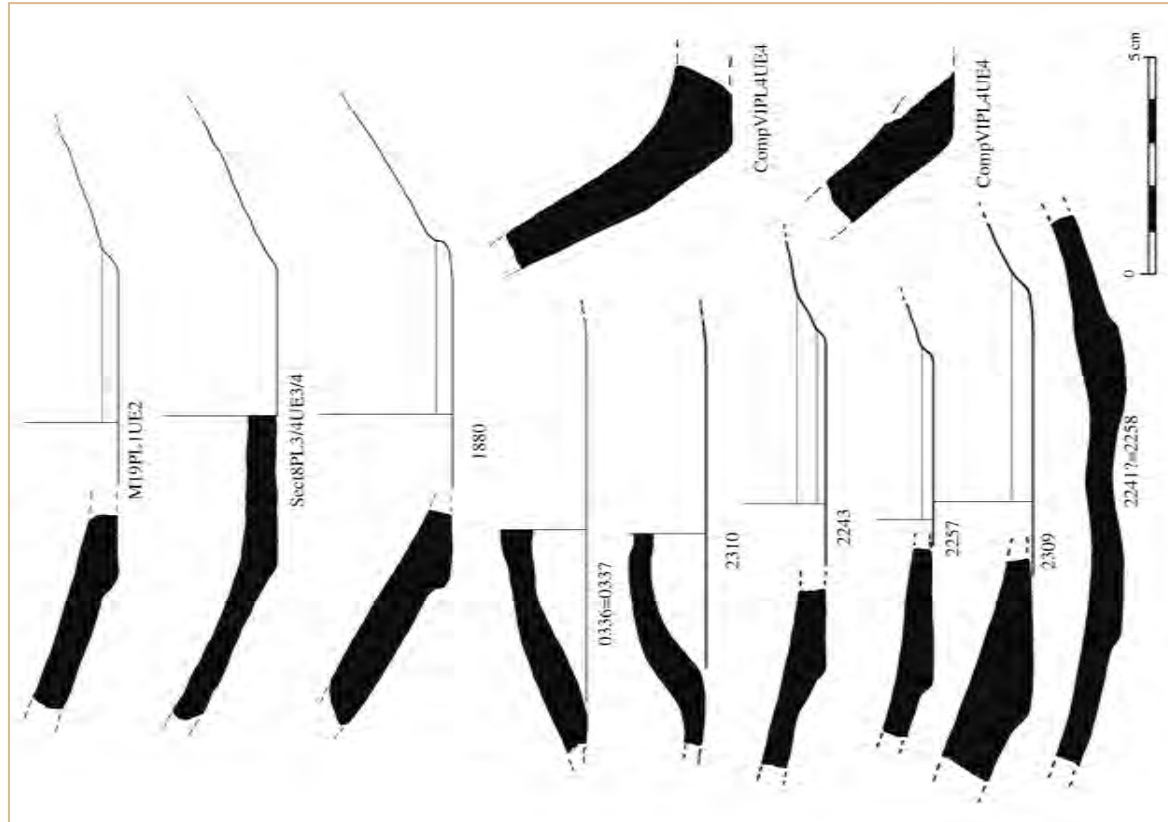


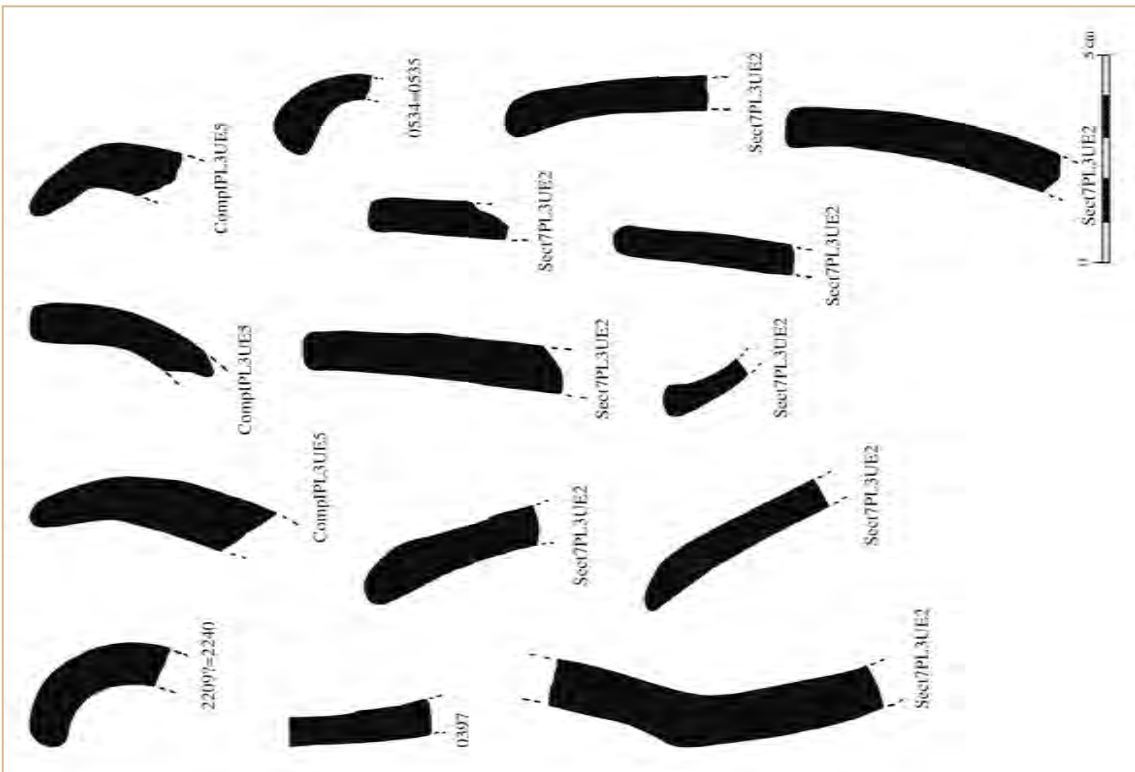
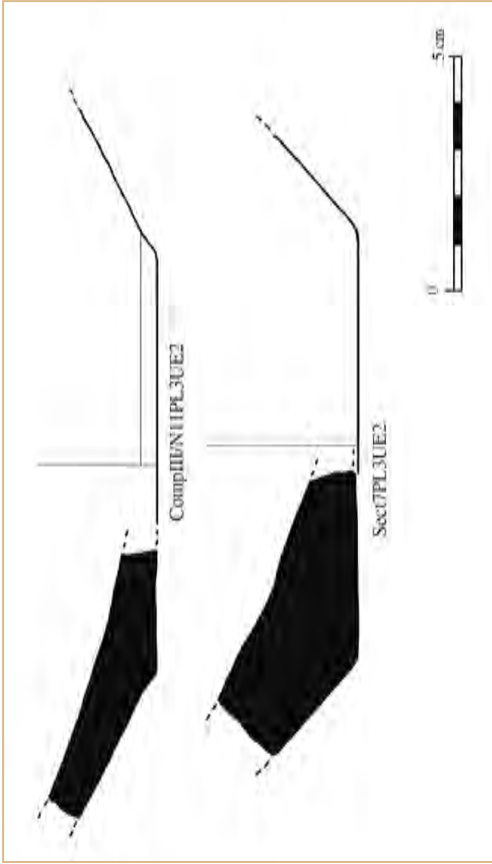


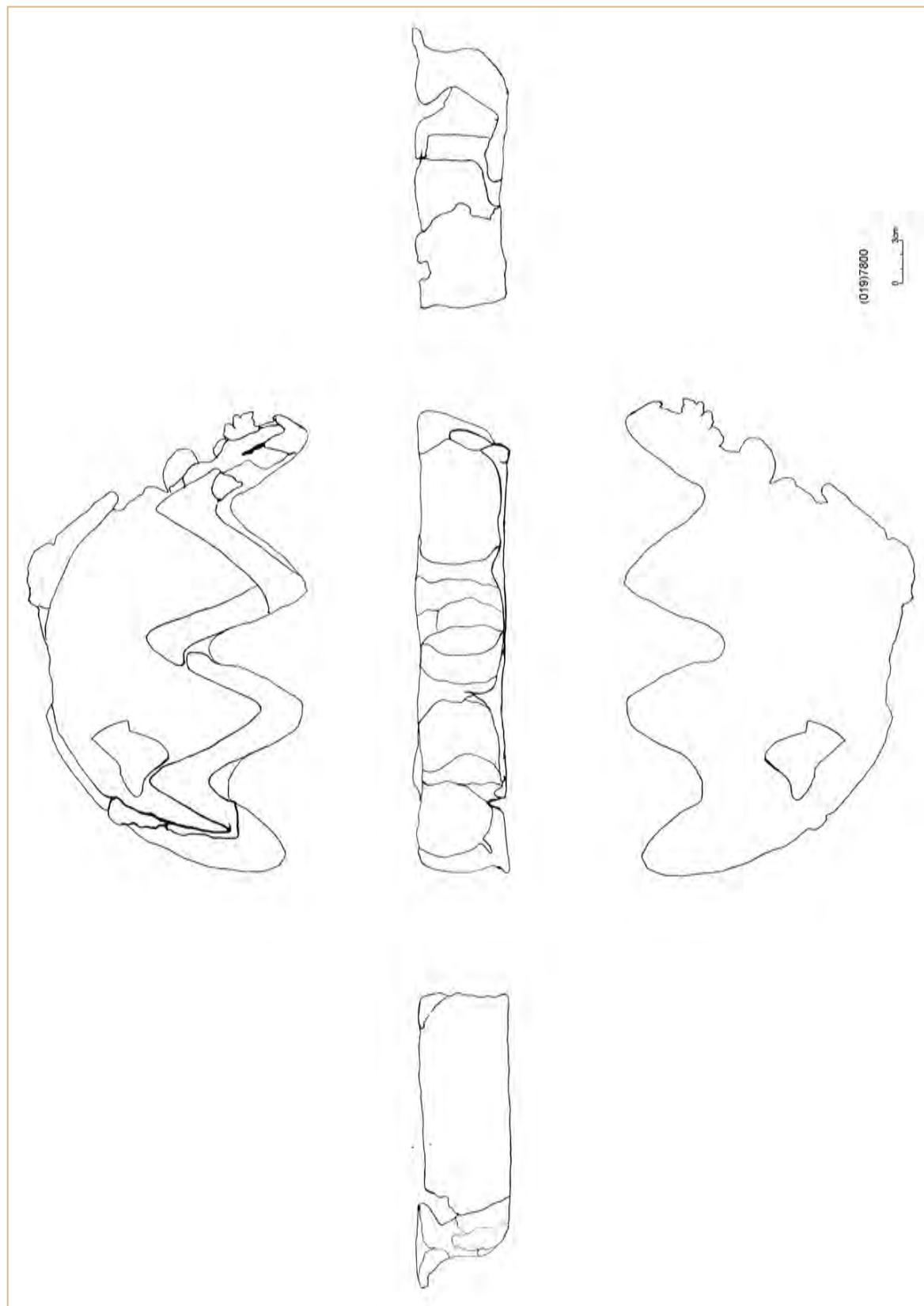




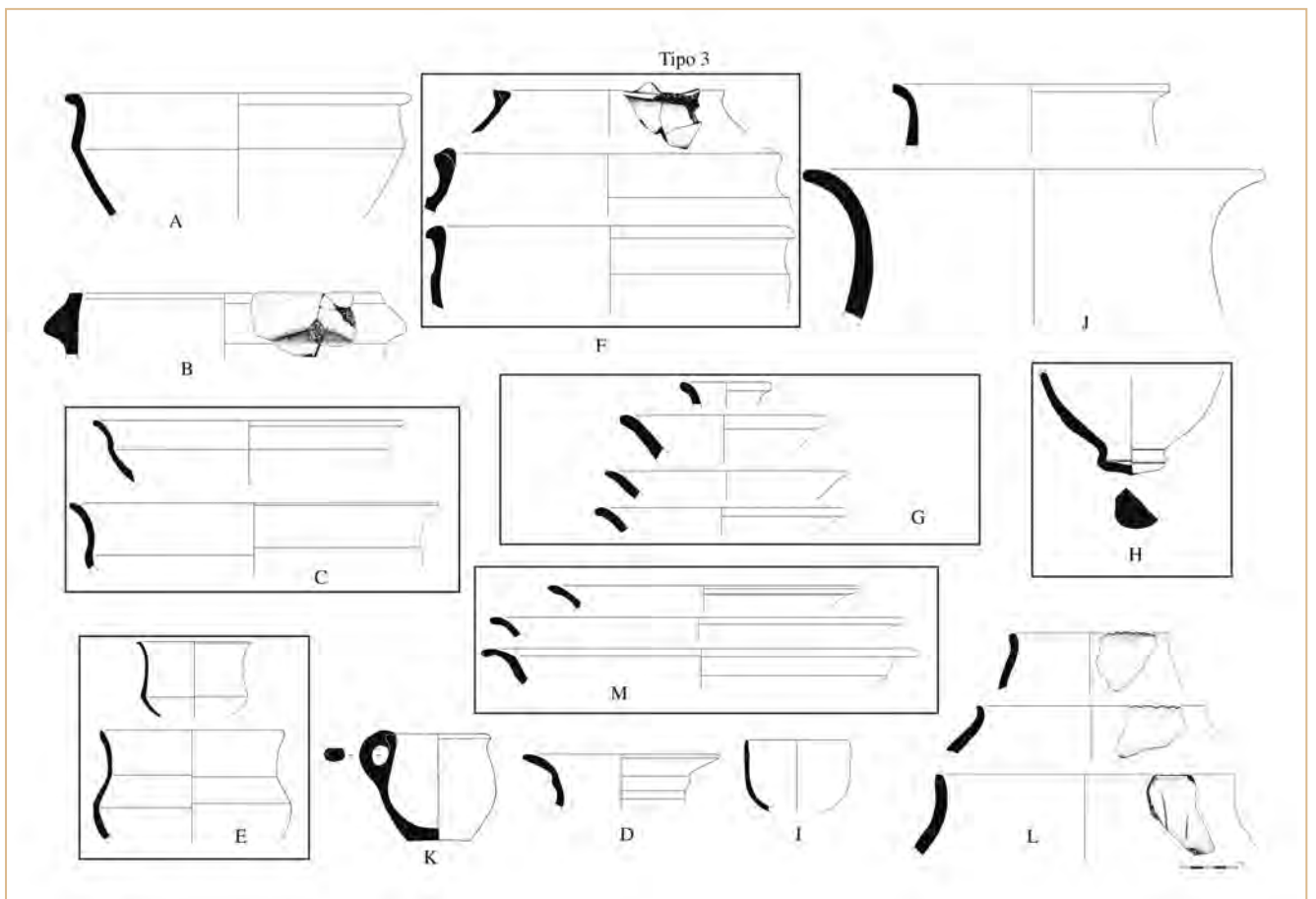
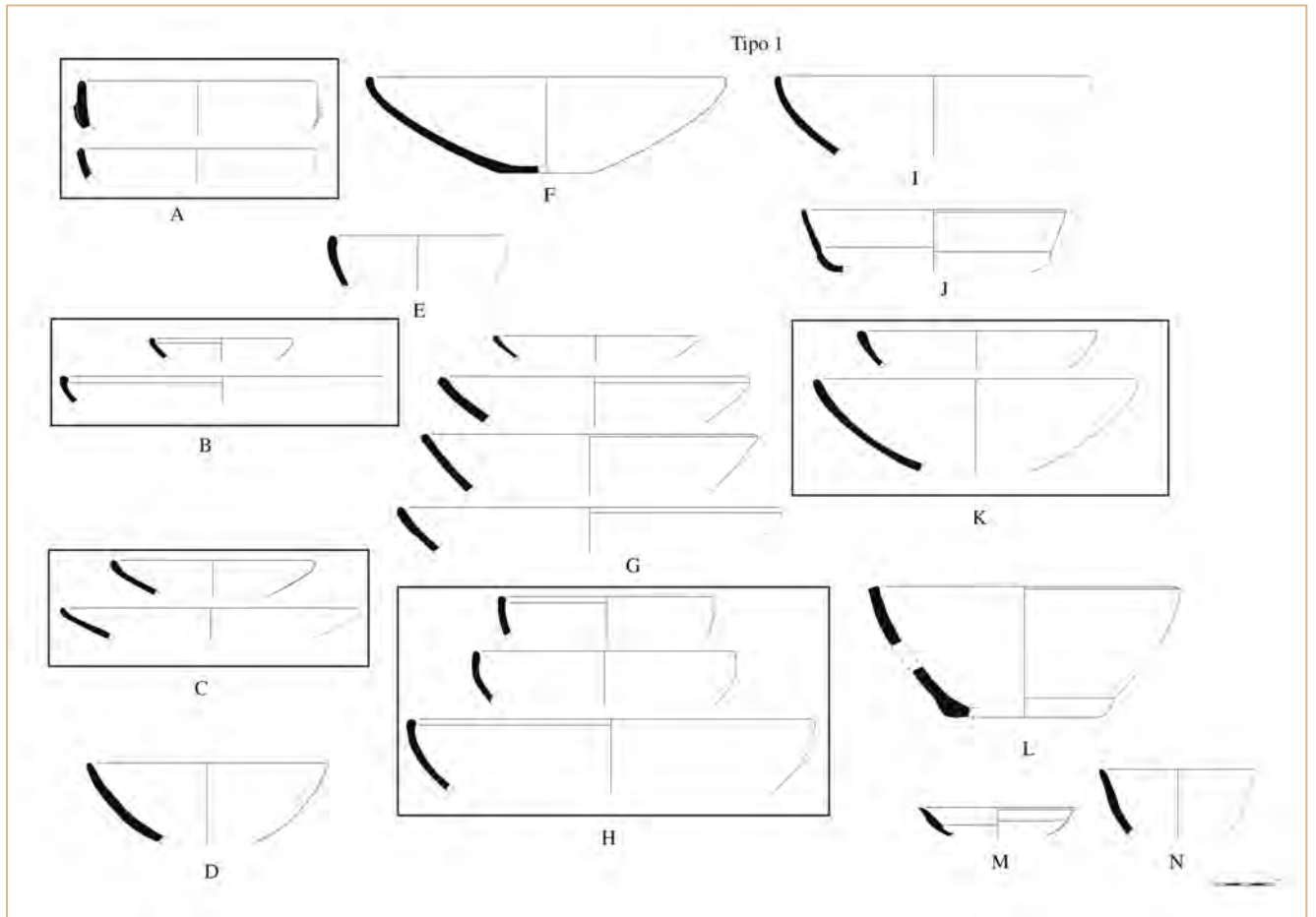




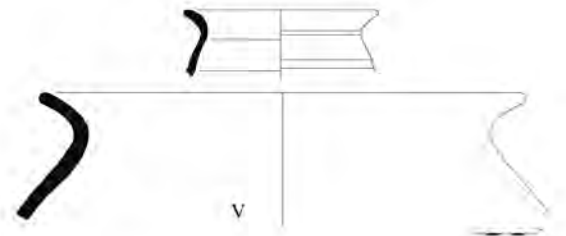
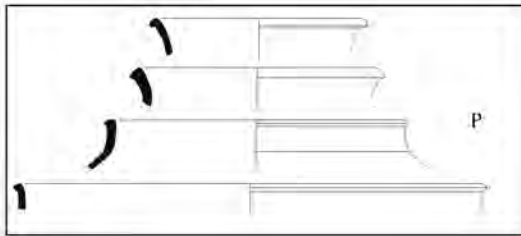
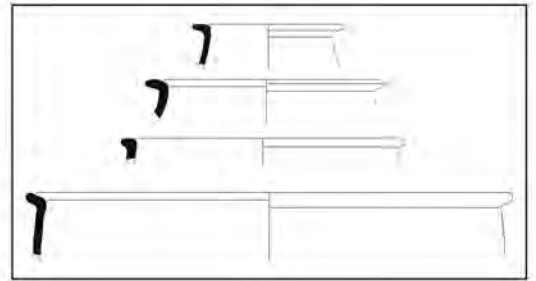
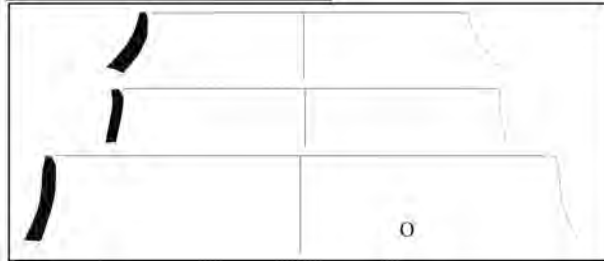
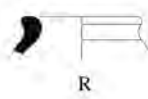
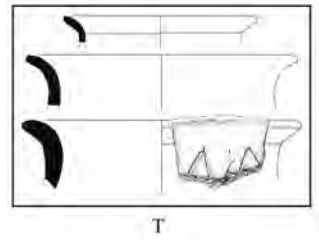
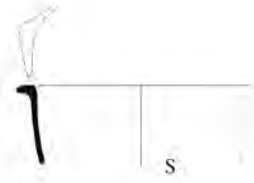
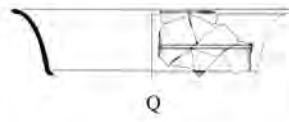
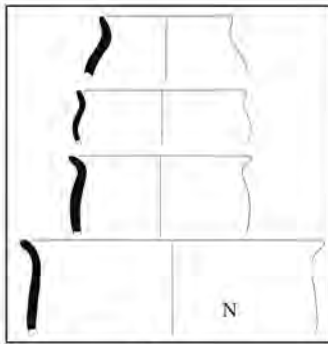




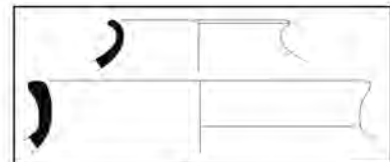
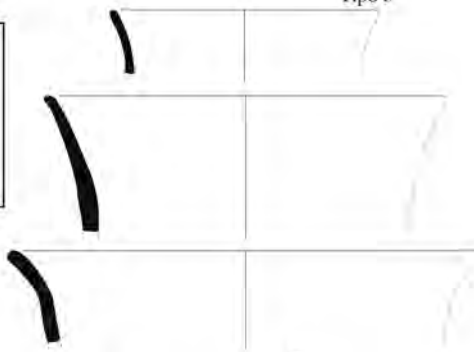
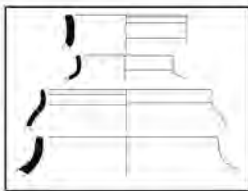
Quadros tipológicos



Tipo 3



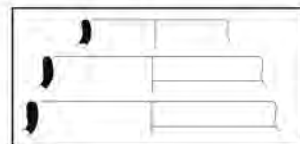
Tipo 3



W

ZA

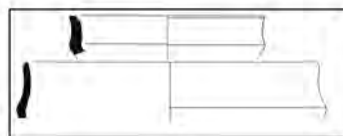
ZD



ZE



X



ZB



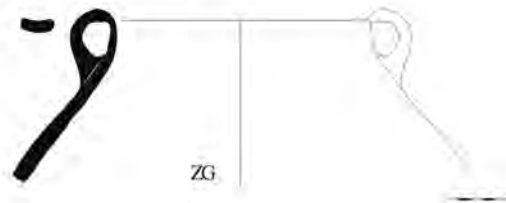
ZF



Y



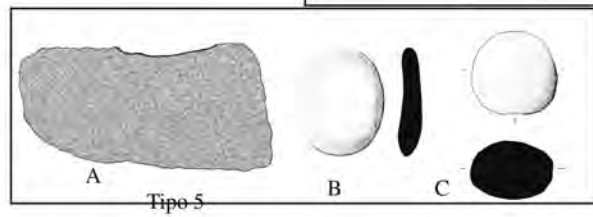
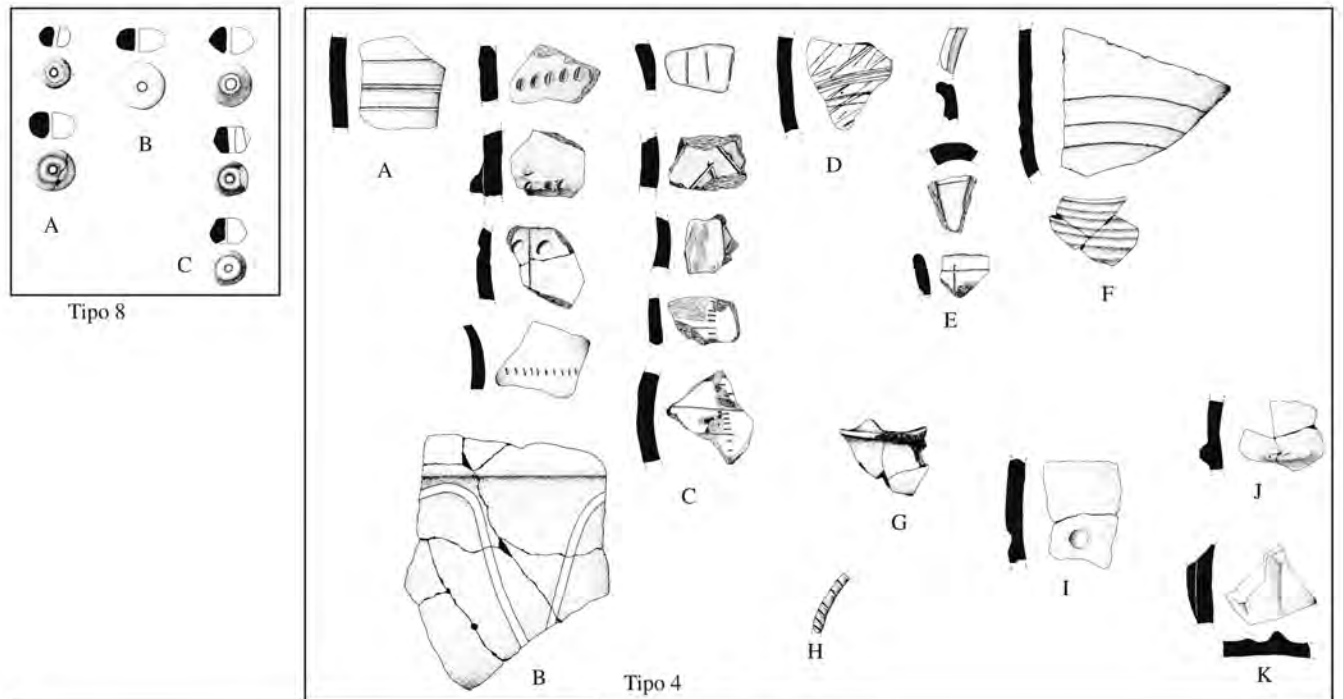
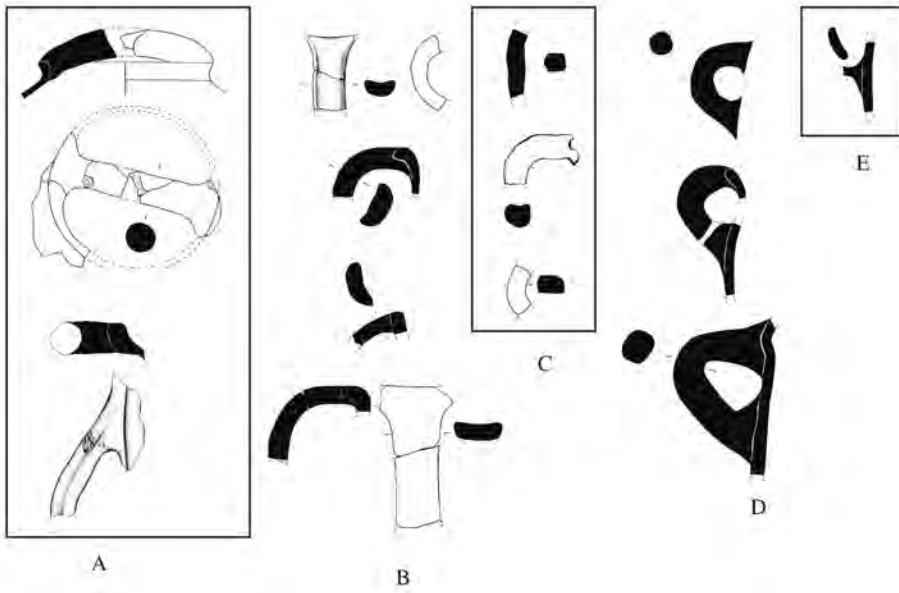
ZC



ZG

Z

Tipo 6



Tipo 10

3. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS PERÍODOS MEDIEVAL E MODERNO

3. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS PERÍODOS MEDIEVAL E MODERNO

O conjunto dos sítios arqueológicos do Bloco 14 deve o seu estudo à construção da Barragem de Alqueva e o respectivo programa de minimização de impacte arqueológico da albufeira. Em outras circunstâncias, este tipo de estação arqueológica não teria tido condições financeiras para ser estudado. Os sítios rurais do período medieval e do moderno, raramente são alvo de intervenções arqueológicas programadas apenas com objectivos científicos. A existência de documentos escritos fez com que os historiadores considerassem desnecessário recorrer à arqueologia para a investigação do mundo rural medieval e moderno. Por outro lado, as características das estruturas e do espólio tornam estes sítios pouco apelativos desde o ponto de vista de uma arqueologia tradicional da Idade Média mais ligada à História da Arte. Igualmente contribui para este cenário o desinteresse dos últimos decénios pela história económica e social.

É neste contexto de uma história económica e social do mundo rural medieval e moderno que pretendemos enquadrar a análise dos sítios escavados no âmbito do Bloco 14.

Segue-se uma análise global de cada um dos sítios que reúne a informação histórico-arqueológica pertinente, obviando pormenores de registo e processuais de carácter técnico. Este tipo de informação poderá ser consultado nos relatórios de escavação e de estudo apresentados à EDIA e ao IPA, instituição da tutela na altura em que os trabalhos foram realizados.

Em alguns casos, a estratégia de intervenção, enquadrada num programa de minimização de impactes e, portanto de salvamento, condicionou os resultados obtidos, quer por questões processuais, técnicas e temporais, quer pela própria natureza dos sítios, como pela

impossibilidade de conservar uma boa parte das estruturas, impedindo uma revisão dos vestígios *in situ* na fase de análise do espólio e de interpretação global dos dados.

Em seguida, apresentamos os sítios organizados por ordem cronológica.

3.1. Cabeçana 4

3.1.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos efectuados no sítio designado como Cabeçana 4 foram realizados em três fases. A primeira fase correspondeu à execução de um conjunto de sondagens em Outubro de 1998⁹. Posteriormente, em Agosto de 2000, procedeu-se à respectiva escavação em área¹⁰, que foi concluída na terceira campanha que decorreu entre Novembro de 2001 e Janeiro de 2002¹¹.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o sítio pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95343, como um habitat de cronologia medieval.

De acordo com a bibliografia disponível, o sítio Cabeçana 4 situava-se a meia encosta, em pequena plataforma, onde existiam à superfície restos de muros de xisto e quartzo, cerâmica de construção e comum (telhas e fragmentos de potes de grandes dimensões)

⁹ A intervenção no sítio arqueológico foi efectuada pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo e responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Carlos Silva, arqueólogo; António Bairinhas, Assistente de Arqueólogo; Vitória Valverde e Carlos Fona, (licenciados em História estagiários); José Luís Neto e Pedro Canto, voluntários.

¹⁰ Com a seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier e Susana Bailarim, arqueólogos responsáveis pelos trabalhos de campo; Carlos Alberto Fona, Licenciado em História; Nuno Palmeiro, Estudante de Arquitectura; António Cristino, José Rito, José Sardinha e Francisco, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Armando Guerreiro. Tintagem dos desenhos de campo: Alexandra Lima, Susana Bailarim e Cláudia Rosado.

¹¹ Os trabalhos foram dirigidos por João Marques, arqueólogo responsável científico, sendo coadjuvado nos trabalhos de campo por Susana Bailarim, na fase inicial, por Carlos Fona e por Consuelo Gomez, arqueóloga; Marco Liberato, estudante de História e Nuno Palmeiro, colaboraram como técnicos de campo. Participaram ainda os seguintes trabalhadores indiferenciados: José Inácio Santos, Domingos Pernicha, Inácio Santos e Inácio Garcia. Os desenhos de campo foram tintados por Alexandra Lima.



Fot. 1 – Enquadramento paisagístico do sítio, vista para o lado nordeste da elevação Cabeçana.



Fot. 2 – Vista para nordeste da área da intervenção após a desmatamento, cerca de 2002.

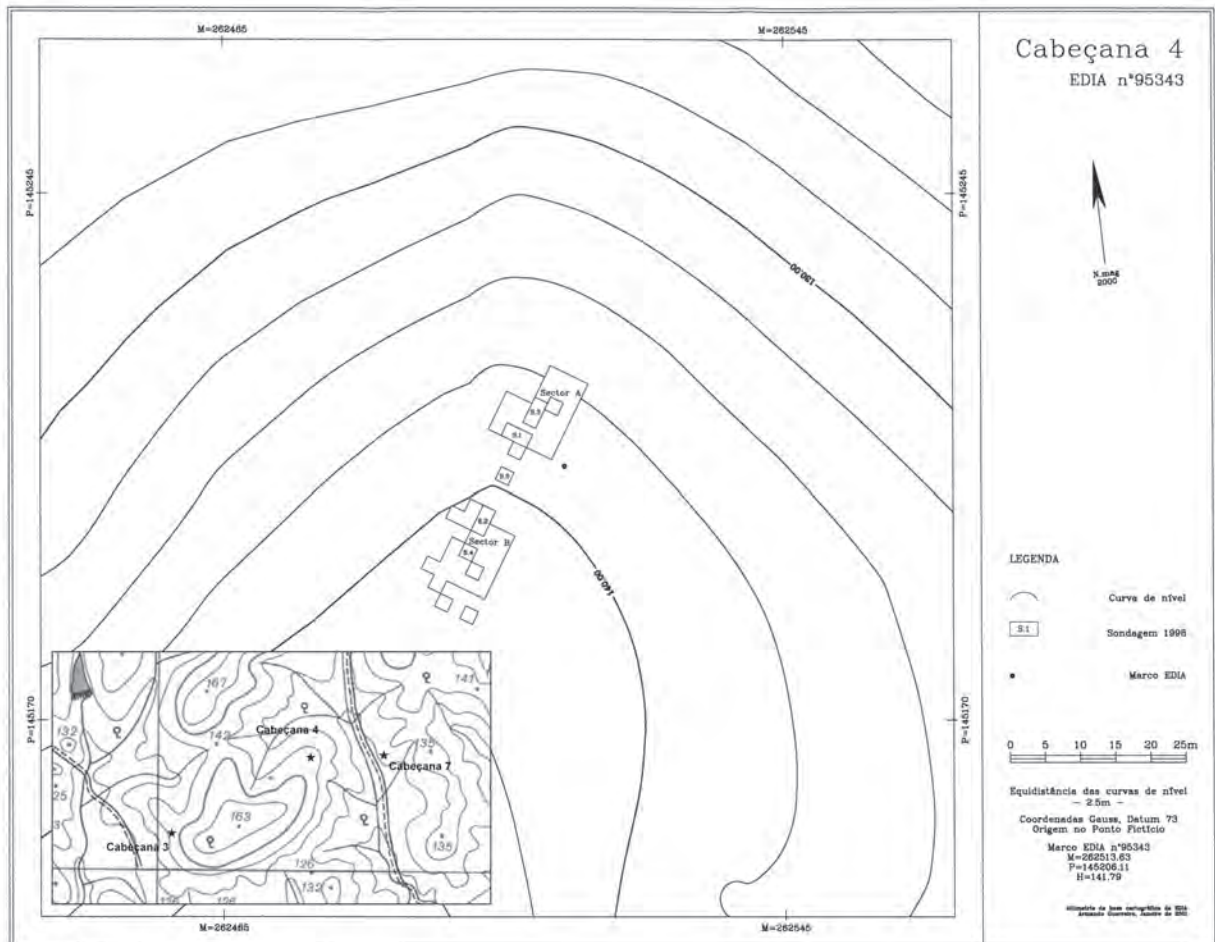


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.

numa área de 350 m² (SILVA, 1996). A sua identificação na fase de prospecção/reavaliação confirmou a existência de vestígios de muros em xisto e quartzo. À superfície era igualmente notória grande quantidade de fragmentos de cerâmica de construção (telha, tijolo), cerâmica comum (talha) dispersas numa área de cerca de 50 m², sendo igualmente identificados fragmentos de *tegulae* na fase de desmatação do local.

3.1.2. Trabalhos Arqueológicos

A estratégia da intervenção arqueológica incidiu, em primeiro lugar, na recolha dos materiais de superfície, através de levantamento topográfico tridimensional e na posterior definição e delimitação das estruturas detectadas à superfície, procurando a sua contextualização cronológico-cultural.

Observando-se que a maior concentração de vestígios se desenvolvia ao longo da plataforma de topo, quase plana, foi inicialmente estabelecido um programa de sondagens arqueológicas que foram posteriormente integradas numa intervenção em área do local, em função dos resultados obtidos a partir destas.

3.1.2.1. Sondagens arqueológicas

As cerca de cinco sondagens arqueológicas de 2x2 m efectuadas no local revelaram uma estratigrafia comum, com uma potência diminuta, possuindo genericamente três unidades no seu todo e foram distribuídas pelos diferentes quadrantes da plataforma do local, nas áreas de maior concentração de materiais cerâmicos e onde se observavam vestígios de alinhamentos de estruturas.

U.E.1 – Terra vegetal de coloração castanha, húmida e solta, com folhagem diversa, raízes e pedras de xisto e quartzo e xisto de pequeno calibre.

U.E.2 - Terras castanho claras amareladas e compactas, com reduzido número de pedras de xisto de pequeno calibre.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

Com a remoção da U.E.1 foi identificada uma grande quantidade de pedras de xisto de médio e grande calibre que sugeriam um derrube de uma eventual construção. Com efeito, a desmontagem deste derrube permitiu definir vestígios de uma estrutura (Estrutura I) composta por pedras de xisto de médio e grande calibre assentes directamente sobre as falhas do afloramento xistoso, que se encontrava muito destruída.

No seguimento da mesma, no limite Este da Sondagem 1, na sua continuação para a Sondagem 3,

destacavam-se algumas pedras de quartzo imbricadas e bem fincadas no afloramento, no que seria uma continuação natural da estrutura 1, aí destruída.

As Sondagens 2 e 3 foram implantadas em áreas onde eram visíveis alinhamentos pétreos. Na Sondagem 2 após a remoção da U.E.1 destacou-se um muro formado por grandes blocos de quartzo e xisto e um derrube associado, formado por uma concentração de pedras de xisto e quartzo de calibre diverso bem como por grande quantidade de cerâmica de construção (telha), já identificado na Sondagem 1.

Designada como estrutura II, era formada por pedras de quartzo e xisto de médio e grande calibre com duas fiadas de pedras colmatadas com terra argilosa e directamente assentes sobre o afloramento xistoso que se orientava a noroeste.

Já na Sondagem 3, foram identificados os muros III, IV e V, de construção em xisto e quartzo como os demais, encontrando-se o último mais destruído. A disposição das diversas estruturas sugeria a existência de um espaço interior de planta rectangular, cujo interior apresentava um derrube formado por uma grande concentração de pedras de xisto de pequeno e médio calibre e alguns fragmentos de telha. A estrutura assentava num estrato argiloso que colmatava as falhas do afloramento xistoso, diferindo ligeiramente da estrutura posta a descoberto na Sondagem 2 e revelando uma preparação prévia do terreno através de um nivelamento do afloramento.

Na Sondagem 4, registou-se um novo muro com uma orientação sudeste/noroeste, bem conservado, formado por grandes lajes de xisto, espetadas verticalmente no afloramento, tipo “caixa”, e cheio com terras argilosas e pedra miúda, directamente assente sobre o afloramento xistoso. Foi ainda definido um segundo troço de muro interrompido sensivelmente a meio da sondagem, com um vão, indicando uma possível entrada/porta.

Na Sondagem 5, destacou-se uma estrutura pétreo semicircular bastante destruída, formada por pedras de quartzo bem imbricadas entre si, igualmente assente sobre o afloramento regularizado.

3.1.2.1.1. Interpretação Geral dos Dados

A estratigrafia do sítio revelou-se reduzida, identificando-se, de uma maneira geral, três camadas, que no seu todo, atingiam cerca de 40 cm. Relativamente às estruturas identificadas, apesar do grau de destruição patenteado, há que destacar a existência de técnicas de construção diferenciadas: as estruturas I e

V revelaram uma regularização prévia do terreno, com os respectivos muros assentando sobre terras argilosas que preenchiam as irregularidades do afloramento; nas estruturas I, II e III, os respectivos muros assentavam directamente no afloramento.

A localização geográfica do sítio, para além de privilegiada e dominante em relação à paisagem envolvente, no topo de uma elevação bastante irregular e algo íngreme, também para tal deverá ter contribuído, obrigando os construtores do habitat a esforços suplementares no sentido de colmatarem as características irregulares do terreno.

Trata-se de um habitat de dimensões consideráveis, composto por pelo menos 3 diferentes estruturas, relacionadas certamente com a produção agrícola e a sua armazenagem, atestadas pela presença de grandes fragmentos de talha decorada e panças de cerâmica comum (recipientes de grandes dimensões para armazenamento de produtos agrícolas).

A presença de tégula levantou algumas dúvidas quanto à cronologia do sítio, mas a sua fraca expressão numérica, assim como a sua ausência no registo arqueológico que nos permita pensar como um material empregue sistematicamente no sítio, sugere tratar-se de meros reaproveitamentos ou mesmo vestígios de ocupações próximas ou anteriores a esta.

Na Sondagem 4 (de 2x2 m) a estrutura IV- muro VI (formado por lajes de xisto espetadas verticalmente no afloramento, tipo “caixa”) parece encontrar paralelo na tipologia de construção no sítio romano da Defesinha, escavado pela equipa do Bloco 11.

Propunha-se, na altura da primeira fase de escavações, uma cronologia medieval ou alto medieval para o sítio, esperando que uma nova abordagem, mais exaustiva, pudesse esclarecer esta questão.

3.1.2.2. Escavação em área

Em função dos resultados obtidos com as sondagens arqueológicas, foi definido um programa de escavação em área, efectuada em Agosto de 2000 e concluído entre Novembro de 2001 e Janeiro de 2002.

Procedeu-se nessa data à ampliação do sistema de referência de modo a cobrir a área onde presumivelmente se encontravam os vestígios de estruturas, definido uma quadriculagem alfanumérica de toda a área da plataforma em 2x2 m. As anteriores sondagens efectuadas foram integradas no sistema de referência.

Para efeitos de registo, a estação foi dividida em dois sectores: o Sector A (norte) e o Sector B (sul).

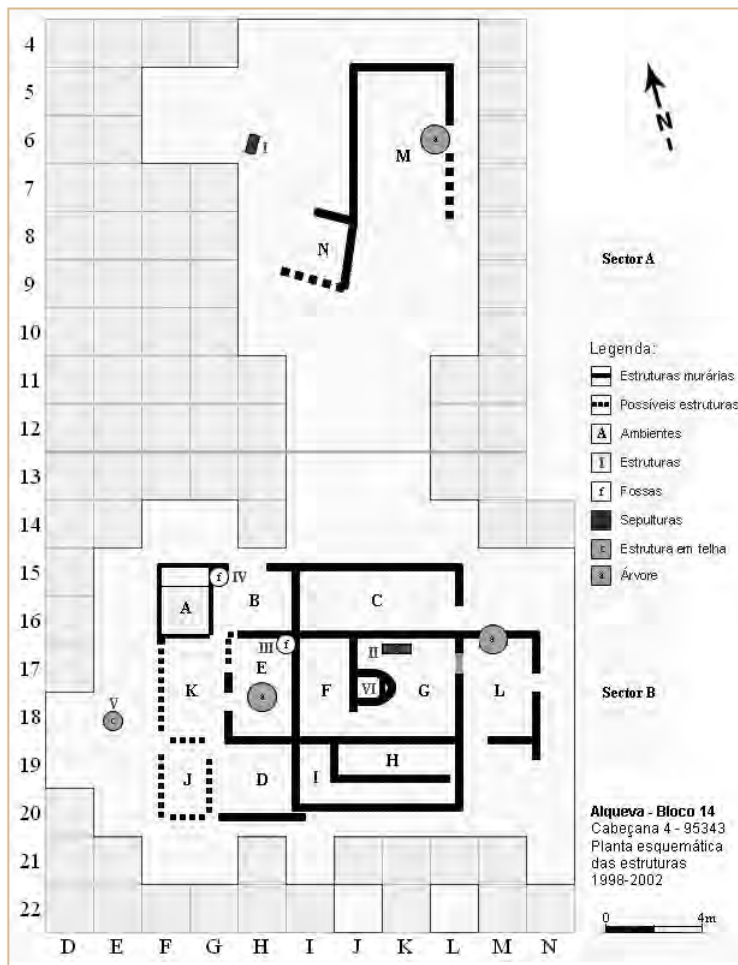


Fig. 2 – Planta geral esquemática das estruturas exumadas.



Fot. 3 – Vista geral para norte das estruturas.

3.1.2.2.1. Sector A

Este ocupava a área noroeste da plataforma local, assim como as Sondagens 1 e 3 efectuadas em 1998. A intervenção processou-se tendo em consideração os dados obtidos no processo de escavação des-



Fot. 4 – Sector A, vista para nordeste das estruturas.

tas, que haviam posto a descoberto um muro pétreo em quartzo.

O desenvolvimento das escavações permitiu observar a presença de dois espaços distintos designados de ambientes M e N, segundo a lógica de designação sequencial a toda a área escavada.

3.1.2.2.1.1. Ambiente M

Este espaço correspondeu a uma estrutura de planta aparentemente rectangular, composta por muros de quartzo de médio e grande calibre ligados com sedimento argiloso de cor castanho avermelhada, cujos limites a sul se encontravam muito destruídos. Definia uma área aproximada de 16,5 m², alinhada norte-sul.

As estruturas murais foram construídas com recurso ao material pétreo local, com blocos de quartzo de calibre diverso e algumas pedras de xisto semi-afeiçoadas, com espessuras entre os 0,70 m e os 0,60 m.

Não se reconheceu a presença de soleiras ou vãos de acesso a este espaço, dada a destruição causada pelos trabalhos agrícolas. Não obstante, uma interrupção detectada do muro em quartzo no limite este deste espaço, em L6 e a presença de um nível de destruição composto por pedras de xisto de calibre diverso, sugerem um acesso ao espaço.

Sobre este ambiente, foi identificada uma estratigrafia caracterizada por um nível de coberto vegetal, U.E.1, que cobria a U.E.2, um depósito correspondente a um nível de destruição constituído por terras castanhas, soltas e com grande concentração de pedras de xisto de calibre diverso. Estes níveis corresponderam ao abandono e colmatação do sítio arqueológico, cuja escavação permitiu observar o desenho da planta do local. Já no interior do compartimento, destacavam-se as unidades 3, 4, 5 e 6.

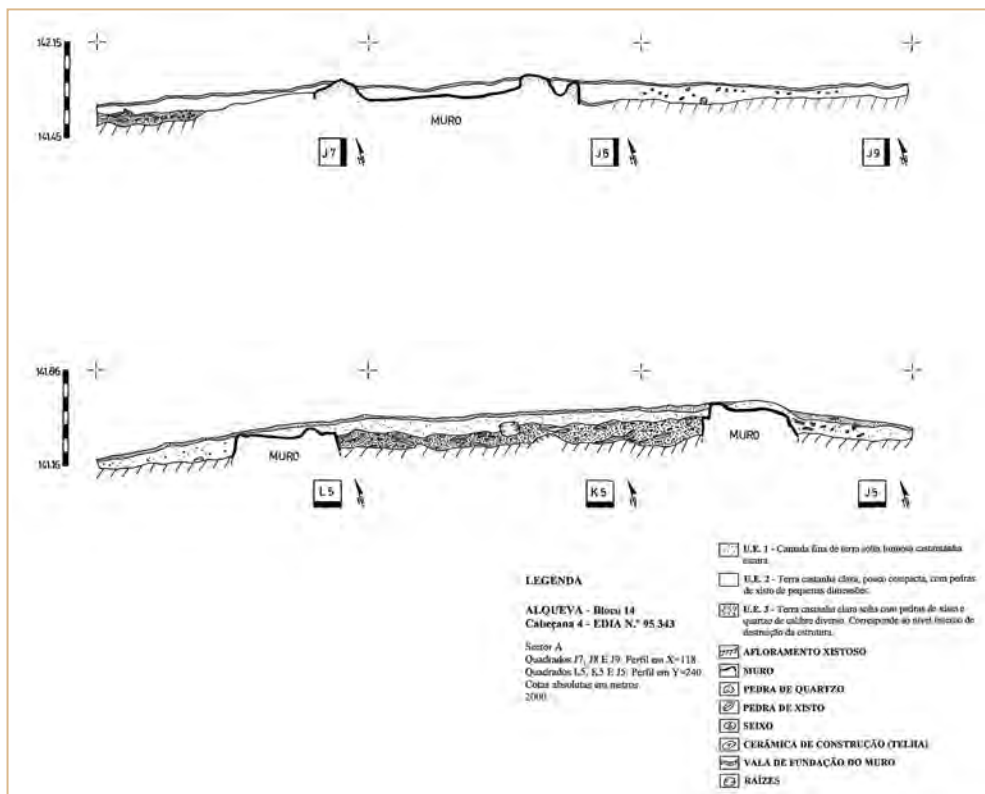
A U.E.3 correspondeu a um nível de terras castanho-amareladas com grande abundância de materiais de construção e de talha que cobria a U.E.4, com grande profusão de materiais de construção correspondente ao abatimento/derrube da cobertura e que assentava directamente sobre o afloramento rochoso (U.E.5), com excepção da área correspondente aos quadrados K5 e L5, onde cobria um depósito sedimentar designado como U.E.6. O facto de se tratar de um depósito bem definido e muito circunscrito, de contornos totalmente irregulares, não permitiu tecer grandes considerações, podendo, contudo, estar associado a um nível de abandono do local, uma vez que apresentava um espólio cerâmico com alguma expressão, caracterizado por fragmentos de talha em abundância e alguma cerâmica comum.

Não foram identificados quaisquer vestígios de pavimento ou solo de ocupação, sugerindo que o próprio afloramento xistoso, relativamente aplanado e talhado poderia ter funcionado como pavimento. A presença de diversos fragmentos de grandes recipientes, ao longo dos diferentes depósitos sedimentares sugere que este espaço poderá ter funcionado como área de armazenamento.

3.1.2.2.1.2. Ambiente N

A identificação dos muros 4 e 5 e das valas de fundação escavadas no permitiu observar a continuação dos vestígios para oeste e conseqüentemente a presença de um novo espaço, que dada a destruição das estruturas não foi possível delimitar, mas que se encontraria adossado ao ambiente 1, correspondendo uma outra área do complexo habitacional.

Fig. 3 – Sector A, perfis estratigráficos.



Uma parte deste espaço, na área virada a sul, encontrava-se muito destruída, adivinhando-se a continuação da estrutura e o seu limite sul pela presença das valas de fundação dos muros, escavadas no afloramento rochoso através de um interface negativo, que se prolongava num canto direccionado para oeste.

A escavação das valas de fundação, com cerca de 0,20 m de profundidade, não permitiu observar a presença de elementos datantes para os mesmos, com presença de terras avermelhadas com blocos de xisto e quartzo.

Este espaço revelava uma planta quadrangular, de dimensões menores que o espaço M, com uma área de cerca de 8,4 m², adossada ao espaço M, com um alinhamento nordeste-sudoeste.

As estruturas identificadas apresentavam uma técnica de construção semelhante ao ambiente M, com espessuras de cerca de 0,60 m, conservados apenas uma a duas fiadas de pedras, com alçados de cerca de 0,20 m.

3.1.2.2.1.3. Sector A: Interpretação Geral dos Dados

A escavação efectuada no Sector A, apesar de permitir constatar a profunda destruição do sítio arqueológico causada pela lavoura agrícola intensa e pela

escassa potência dos solos, deixou antever a presença de diversas estruturas murais que corresponderam a diferentes espaços/ambientes.

De modo geral, a estratigrafia detectada em praticamente todas as áreas do Sector A revelou apenas três unidades: um nível de coberto vegetal (U.E.1); um estrato sedimentar heterogéneo (U.E.2), relativamente solto e algo argiloso, com uma potência compreendida entre os 0,10 e 0,25 m, alguns elementos pétreos de quartzo, sobretudo, correspondentes à desagregação e destruição das estruturas murais, que assentava directamente sobre o afloramento rochoso (U.E.3).

Desconhece-se o modelo de circulação entre os dois espaços identificados neste sector, pela ausência de vãos e/ou cerramentos dos muros e de soleiras, indicando encontrarmo-nos ao nível dos alicerces das próprias estruturas, ao seu nível de fundação.

Em ambos os espaços, o afloramento parece ter funcionado como piso/nível de circulação, explicando igualmente a escassez estratigráfica e a ausência de solos e pavimentos térreos neste local. O pavimento em xisto funcionaria também como nível drenante das águas no solo.

A cerca de 4 m a oeste do ambiente M, foi identificada uma sepultura escavada no substrato rochoso de contornos rectangulares, composta por uma caixa de lajes de xisto dispostas verticalmente e imbricadas



Fot. 5 – Sector B, vista para nordeste das estruturas exumadas.

na rocha base. Conservava a cobertura correspondendo a uma laje de xisto, ligeiramente tombada para o interior da sepultura. A sua escavação não revelou presença de materiais osteológicos, tendo-se observado que o fundo estava estruturado com quatro lajes de xisto acamadas, perfazendo o fundo da sepultura. Possuía as dimensões de 0,80x0,40 m e desconhece-se a sua relação com o conjunto estrutural dos espaços M e N.

3.1.2.2.2. Sector B

A área sul da plataforma designada como Sector B encontrava-se melhor preservada do que o Sector A, e compreendia as Sondagens 2 e 4, que anteviam igualmente um conjunto de estruturas com espaços organizados internamente.

Tal como no Sector A, observou-se uma estratigrafia comum a grande parte das áreas escavadas, ao nível da colmatação e abandono do local, e na definição dos limites exteriores da estrutura habitacional.



Fot. 6 – Quadrados J19 e J16, U.E. 3 e 4, em que são visíveis fragmentos de cerâmica de construção.

Era, na generalidade, composta pela U.E.1, o estrato de coberto vegetal com terras húmidas, soltas de cor castanha escura e vegetação rasteira e a U.E.2, um nível de terras castanho claras, pouco compactas, com pedras de xisto de pequeno calibre e materiais ocasionais, que cobria um aparente nível de destruição, a U.E.3. Esta última era caracterizada por terras castanho-acinzentadas com fragmentos de xisto de médio e grande calibre e muitas raízes, onde se destacavam alguns fragmentos de cerâmica de construção, que colmatavam os diferentes ambientes, cobrindo directamente o afloramento rochoso no exterior das estruturas.

3.1.2.2.2.1. Estruturas Observadas

Em função da existência de estruturas detectadas nas sondagens arqueológicas, e procurando obter uma noção da área ocupada, foi escavada toda a zona sul da plataforma, que permitiu identificar um complexo estrutural organizado em diferentes espaços com diferentes soluções construtivas.

Este edifício apresentava uma planta rectangular, com uma área total de 225 m², composto por diferentes espaços/ambientes, denominados por ordem de escavação, e onde se destacava a existência de diferentes fases construtivas. No interior destes espaços, a estratigrafia revelou-se mais complexa e diferenciada.

3.1.2.2.2.1.1. Ambiente A

Este espaço correspondeu a um compartimento de planta quadrangular, com uma área de 7,5 m², definido por muros bem delimitados de grandes blocos de xisto afeiçoados e alguns blocos miúdos de quartzo leitoso, com cerca de 0,80 m de espessura. O acesso ao mesmo deveria ser efectuado a sul, onde o muro de limite este parece definir um vão/passagem, que acederia ao espaço imediatamente a sul deste, o ambiente K. Este espaço aparentava corresponder a uma área de circulação, com uma funcionalidade distinta dos demais, onde não se observou qualquer vestígio da presença de níveis de solo estruturados ou pavimentados com terra, pelo que eventualmente esta área poderia ter uma funcionalidade distinta.

Para além das unidades de colmatação do local, comuns à generalidade das áreas escavadas, no seu interior foi identificado um nível de terras com abundante material de construção (telha) com decoração diversa, indiciando um nível de derrube do telhado, que assentava directamente sobre o empedrado.

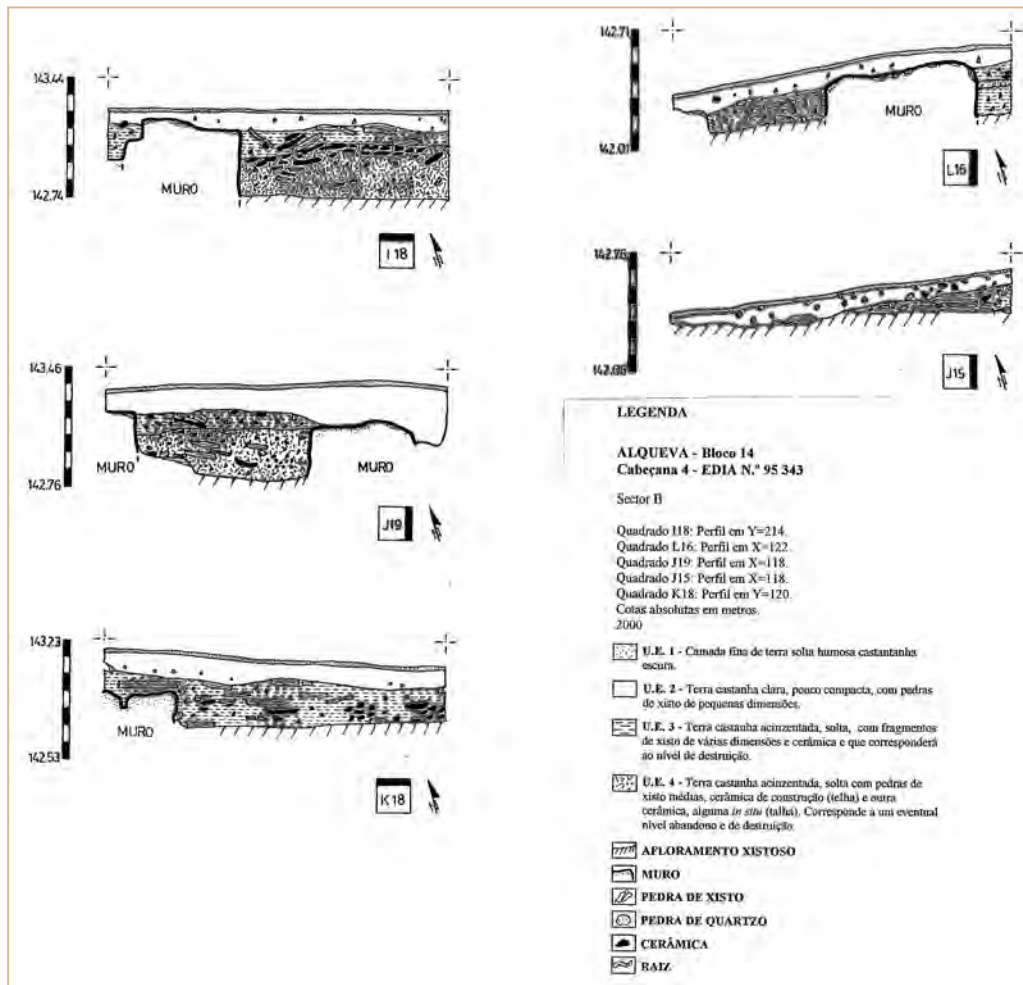
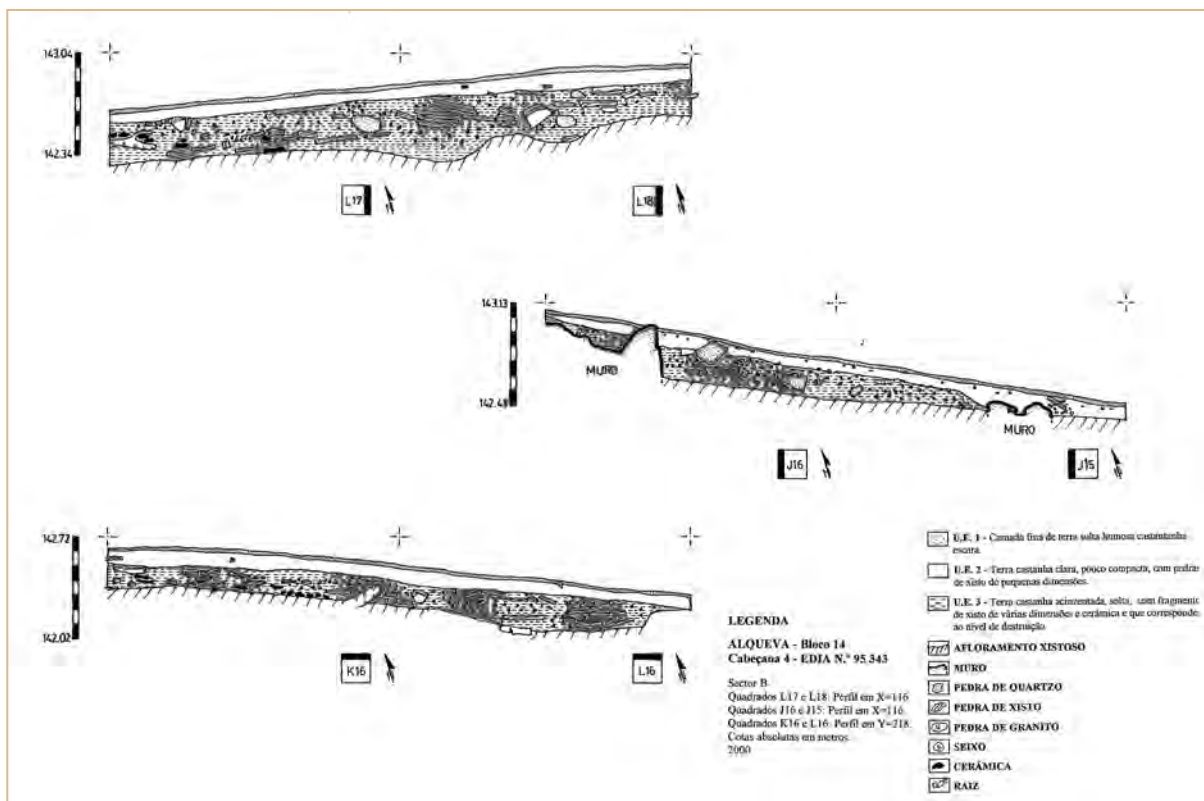


Fig. 4 e 5
Sector B, perfis estratigráficos.





Fot. 7 – Qadrado EI6: Vista para Este da área do Ambiente A.

3.1.2.2.1.2. Ambiente B

A Este deste espaço, identificou-se o ambiente B, no alinhamento do muro Sul. Apresentava planta rectangular com uma área aproximada de 12 m² e parece ter correspondido a uma das zonas de entrada no edifício observado no Sector A (na direcção dos edifícios identificados no Sector B), correspondendo a uma área vestibular entre esta e os ambientes K e E. Estes vãos foram identificados pelo facetamento dos muros, compostos por blocos de xisto e quartzo leitoso compactados com terra semi-argilosa, com dimensões de aproximadamente um 1 m de largura.

Ao nível da estratigrafia e do espólio deste espaço, ressalva-se a presença de um dormente de mó em granito, com marcas de desgaste de utilização, na U.E.2, e um pequeno copo de fabrico manual, fragmentos de cerâmica a torno, com vestígios de fogo e diversos fragmentos de cerâmica de construção (telha), associados ao já mencionado nível de derrube da cobertura do local na U.E.3, que cobria directamente a rocha base.

No canto Noroeste, junto aos muros de delimitação desta área, foi detectado um interface negativo escavado no substrato xistoso, identificado como silo 2 (estrutura negativa IV). Tratava-se de uma depressão circular de aproximadamente 1,30 m de diâmetro e 0,23 m de profundidade. A escavação desta estrutura permitiu a identificação dos depósitos sedimentares 5 e 6, semi-compactos e homogéneos, onde foi recolhido algum espólio cerâmico constituído por cerâmica de armazenamento, fragmentos de grandes recipientes, uma anforeta de pasta alaranjada e cerâmica de cozinha, jarros e panelas com vestígios de exposição a fogo.

3.1.2.2.1.3. Ambiente C

Este espaço, adossado ao ambiente B, apresentava planta rectangular com uma área de 21 m², com o acesso efectuado a partir de um vão, aberto no muro a este. Os muros que delimitavam o espaço possuíam cerca de 0,60 a 0,70 m de espessura, com excepção do muro sul, partilhado com os espaços F e G, que será objecto de maior atenção na descrição dessas áreas. Este muro sul foi levantado em quartzo e xisto, com recurso a diferentes técnicas de construção: o facetamento dos muros com os blocos semi-afeiçoados, a construção em perpianho, com a colocação transversal dos elementos pétreos, e a disposição de lajes de xisto verticais e posterior enchimento do seu interior com blocos pétreos menores e terra. Apesar da grande presença de raízes neste espaço, que não permitem observar com rigor partes das estruturas, a diversidade destas soluções construtivas poderá estar relacionada, tal como em outras áreas do edifício, com diferentes fases de remodelação e construção do local.

Para além dos níveis de colmatação, foi observada a U.E.3, o nível de destruição já descrito na estratigrafia geral, com abundante presença de materiais de construção da cobertura e vários fragmentos de uma talha com decoração em cordão impresso, recolhidos directamente sobre o afloramento de base, que indiciam a presença de contentores de armazenamento neste espaço.



Fot. 8 – Em primeiro plano, laje de soleira em xisto com orifício para gonzo, onde se faria acesso ao Ambiente C e ao Ambiente G, sendo visível o respectivo Muro Este onde se localiza o vão de acesso a este ambiente.

3.1.2.2.1.4. Ambiente D

O ambiente D corresponde a um dos espaços no limite Sul do edifício, construído numa fase de remodelação e ampliação do mesmo. Tal ideia é expressada pelas diferenças construtivas entre este espaço e os compartimentos a norte e na área central do edifício.

Os muros que compõem este espaço encontram-se justapostos sobre os restantes, sendo visível, a este, o muro que definia o edifício inicial, alinhado e orientado-sul, ao qual se vão sobrepor e adossar os limites norte e sul deste espaço. O primeiro que corresponde igualmente ao fecho do ambiente E, era efectuado em lajes de xisto imbricadas com enchimento interior de terra avermelhada semi-compacta e blocos pétreos menores. O segundo, que definia o limite sul deste espaço, construído com blocos de xisto e quartzo de média e grande dimensão, estava muito destruído a oeste pela presença de uma árvore e suas raízes, definido apenas pela vala de fundação da estrutura, preenchida com blocos de quartzo de pequenas dimensões e terra avermelhada com xisto, que sugeriam o fecho deste espaço e a presença do ambiente J, a oeste deste.

Este espaço, assim como o ambiente E, parecem ter correspondido inicialmente a uma mesma área de maiores dimensões, aberta a oeste dos espaços centrais do edifício, C, F, G e H, reconvertido num programa de reorganização interna da construção.

Dada a destruição das estruturas murais nesta zona, não foi possível observar a presença de vãos de acesso a este espaço.

Tal como nas restantes áreas, detectou-se uma estratigrafia preenchida com os níveis de colmatação, os depósitos das unidades 1 e 2, e, sob estas, a U.E.3 associada ao nível de destruição e abandono, com um abundante derrube de telhas e escasso material cerâmico associado. Este nível assentava directamente sobre a rocha de base, onde foram identificados alguns fragmentos de um alguidar e de cerâmica de cozinha, de formas do tipo painéis directamente sobre o afloramento rochoso, relativamente nivelado, o que, uma vez mais, sugere a hipótese deste ter servido como solo/nível de circulação no interior dos distintos compartimentos, dada a ausência de quaisquer vestígios de chão estruturado.

3.1.2.2.1.5. Ambiente E

Este espaço localizava-se entre os ambientes B e D, com planta rectangular e uma área de cerca de 10 m². Resulta da reconversão e/ou ampliação da área oeste do edifício, encontrando-se parcialmente des-

truído no canto noroeste. O acesso ao seu interior verificava-se por um vão localizado a oeste, virado para o ambiente K, com cerca de 1 m de largura.

No seu interior, sob o nível de derrube da cobertura (U.E.3) foram recolhidos diversos fragmentos de painéis e de cerâmica de cozinha sobre o afloramento rochoso. No canto nordeste foi, ainda, identificada uma estrutura escavada na rocha de base de contornos circulares (Estrutura Negativa III, também denominada na fase de escavação como Silo 1), cujas terras no seu interior continham diversos fragmentos cerâmicos, entre os quais um exemplar de uma tigela.

3.1.2.2.1.6. Ambientes F e G

Estes espaços parecem ter correspondido, inicialmente, a uma só área de maiores dimensões, de planta rectangular, posteriormente reestruturada com a construção de um muro que determinou a sua reorganização em duas áreas distintas.

Eram definidos por um muro a norte de construção mista, que corresponde a uma das paredes estruturais do complexo edificado, alongando-se por todo o seu eixo oeste-este, de grande robustez, construído com recurso a blocos de quartzo rolados de calibre diverso e pedras de xisto de médio e grande calibre faceados e ocasionalmente dispostos em perpianho. Este muro apresentava uma largura de 1 m, muito possivelmente relacionada com a sua natureza estrutural no programa construtivo do edifício. De facto, este espaço parece corresponder a uma área/espaço central do conjunto edificado, e com esta utilização se devem também relacionar os contextos identificados no seu interior. A maior destruição, no quadrante noroeste do compartimento, e a ausência de material pétreo na sua construção, poderão estar ainda relacionados com uma reorganização do acesso a esta área e/ou com um outro momento construtivo do edifício.

A sul, este e oeste, os seus limites encontravam-se estabelecidos pela presença de estruturas murais com espessuras menores, de cerca de 0,60/0,70 m, construídas em xisto, com menor recurso à utilização dos blocos de quartzo, colmatadas com terras argilosas avermelhadas, bastante destruídas, particularmente no limite sul. A este, localizava-se ainda o acesso a este espaço a partir de um vão com cerca de 1 m de largura, realçado pela presença de uma laje de soleira em xisto, com a marca de um orifício para gonzo, a cota imediatamente superior ao afloramento de base.

O seu interior foi dividido com a construção de um muro alinhado norte-sul, que organizava o espa-

ço inicial em dois. Construído com recurso a grandes blocos de xisto afeiçãoados e quartzo, com lajes de xisto dispostas em cutelo, faceando a estrutura, determinava um espaço de maior dimensão, o ambiente G, com uma área de 12 m², e um outro espaço menor, o ambiente F, com cerca de 8 m².

Este muro, com cerca de 0,50 m de espessura, encontrava-se destruído no limite sul, desconhecendo-se como se processava a circulação interna, se a uma quota mais alta ou pela presença de um vão de acesso no muro que delimitava estes dois espaços.

Aquando da sua construção, foi adossada, ao muro, uma estrutura em “caixa” com lajes de xisto dispostas verticalmente, imbricadas na rocha base. Com planta semi-retangular, com cerca de 1,60x1,20 m. Esta caixa encontrava-se preenchida por um nível de terras avermelhadas compactas com blocos pétreos de xisto e quartzo, escasso, e algum material cerâmico acamado e disposto regularmente no seu interior, revelando uma superfície aplanada, que poderia estar associada à utilização desta estrutura como uma estrutura de apoio doméstica. Não obstante, a escavação e remoção deste nível de pedras acamadas permitiu observar que esta estrutura em caixa estava estruturada e compartimentada em dois pequenos espaços, uma primeira área rectangular, adossada ao muro de delimitação dos dois compartimentos, e um segundo espaço semi-circular, que no seu todo configuravam um aspecto semi-oval à estrutura. O interior revelou, sob o nível pétreo, a presença de alguns materiais cerâmicos, fragmentos de talha e telha que definiam uma segunda camada relativamente regular no enchimento da estrutura.

A sua função de apoio doméstico parece também reforçada pela presença de inúmero espólio cerâmico, entre esta e o canto noroeste deste compartimento, em concreto sob a U.E.3, o nível de destruição e abando-

no do sítio arqueológico e sobre a rocha base, onde se destacaram diversos elementos de talha, alguns com decoração em cordão, e cerâmica de cozinha e de mesa, potes, panelas, fragmentos de tigela, denunciando uma ocupação intensa deste espaço como área de armazenamento e de uso doméstico. Foram também aí exumados diversos fragmentos *in situ* de uma grande talha, relacionada com o armazenamento de bens agrícolas.

Há que destacar a posição central desta estrutura em relação ao compartimento original, posteriormente dividido em dois espaços, que poderia estar relacionada com uma maior antiguidade da mesma em relação à divisão interna desta área e com uma função mais antiga, posteriormente reenquadrada na nova articulação do edifício. Sob esta estrutura, associada a uma fase anterior à sua construção, foi identificado, no afloramento rochoso, um buraco de poste, coincidindo com o centro do compartimento original sugerindo uma relação com o sistema de cobertura deste grande espaço.

Ainda neste espaço, orientada no sentido este-oeste, paralela ao muro norte, foi identificada uma sepultura escavada na rocha base e revestida com uma caixa de lajes de xisto verticais, de técnica construtiva semelhante à sepultura identificada no Sector A.

Possuía as dimensões de 0,80mx0,25 m de largura máxima, tendo sido identificada com a remoção da U.E.4, que cobria a rocha de base. A escavação antropológica desta sepultura revelou uma inumação de uma criança com alguns vestígios osteológicos em conexão anatómica e a existência de outros dois crânios de inumações anteriores a esta última (*vide 3.1.3.2. Espólio antropológico*).

No ambiente F, seguimento do espaço G, também foi recolhido abundante material cerâmico, composto por louça de cozinha e de armazenamento, em especial nos depósitos que cobriam a rocha base. Na



Fot. 9 e 10 – Ambiente G, Estrutura VI.



estratigrafia deste espaço, foram igualmente identificadas as unidades de colmatação do local, U.E.1 e U.E.2, seguidas da presença de um estrato com abundantes materiais de construção, telhas e fragmentos de grandes recipientes, como talhas. A potência sedimentar nesta zona revelou-se maior, com destaque para a existência de um depósito sedimentar concentrado nas imediações dos muros, que poderá ter correspondido ao paramento superior e/ao enchimento das próprias paredes levantadas em adobes/taipa, a U.E.4 e, sob este, um nível de terras cinzentas escuras, semi-compactas, com inúmeros restos de carvão, que poderão ter estado relacionadas com um nível de incêndio do local e com o derrube da cobertura/telhado (U.E.6). Este era constituído por telhas quase inteiras, com decoração diversa e alguns fragmentos de cerâmica comum, que assentavam directamente sobre o afloramento (U.E.7).

3.1.2.2.1.7. Ambiente L

No limite Oeste da área edificada, localizava-se o ambiente L, de planta rectangular, no alinhamento dos ambientes F e G, delimitado a norte pelo muro estruturante deste edifício. Este encontrava-se bastante danificado pela presença de uma árvore no canto nordeste, mas que permite intuir o recurso a uma técnica construtiva em perpianho. O limite este era definido pela vala de implantação do muro, revelando a sua continuidade para sul, encontrando-se igualmente compartimentado internamente. Também nesta área, sob os níveis de colmatação da estação, directamente sobre o afloramento, foram recolhidos fragmentos de uma talha fracturada *in situ*, sugerindo a utilização doméstica deste espaço no quadro do armazenamento de bens agrícolas.

3.1.2.2.1.8. Ambientes H e I

No alinhamento este do espaço D, destacava-se o ambiente H, por sua vez organizado internamente em duas áreas definidas como ambientes I e H. Originalmente, correspondeu a uma estrutura de planta rectangular, com área e comprimento similar ao espaço C e aos ambientes F e G, destacando a regularidade original do edifício, em torno destes 3 espaços interiores.

A construção de um muro de planta em L, que seguia um alinhamento este-oeste, reorganizou esta área em estes dois espaços. Em ambas as áreas, foram identificados materiais cerâmicos associados ao nível de destruição e abandono do local, caracterizado pelo abundante derrube de telhas, com inúmeros fragmen-

tos de talhas, alguns exemplares de painéis e de um cântaro recolhido no espaço H. No ambiente I, sob este nível, foi ainda identificado o derrube desta construção interior, caracterizado por abundantes elementos pétreos envoltos em terras compactas de cor castanha com fragmentos de louça de cozinha e talhas, que cobria o afloramento rochoso.

3.1.2.2.2. Sector B: Interpretação Geral dos Dados

Os vestígios identificados no processo de escavação do Sector B, que se encontravam em bom estado de conservação, permitiram constatar a presença de um conjunto diverso de muros em xisto e em quartzo, que atestam de forma vincada a ocupação daquele local por uma estrutura habitacional complexa, composta por vários compartimentos. Essa estrutura aparenta diferentes fases de construção e/ou remodelação do espaço interior, das quais foram identificados pelo menos, dois momentos, sendo detectável ainda um nível de abandono e de colmatação do sítio arqueológico.

Alguns dos muros identificados assumem-se como eixos estruturais na definição deste edifício, que parece ter apresentado em momento inicial, uma orgânica distinta, com um eixo de circulação em redor dos três compartimentos centrais, definidos pelos espaços C, F e G e H e I. Desta primeira etapa construtiva, deverá também datar o ambiente L, ainda que a destruição do quadrante Este da plataforma não permita, com rigor, a sua definição precisa.

Já o sector oeste do edifício, composto pelos espaços A, K, E e D, parece corresponder a um outro momento, de cronologia não muito posterior, com muros justapostos e adossados, e o recurso a uma construção menos cuidada e, com diferentes técnicas de consolidação.

Os paramentos murais observaram alguma diversidade construtiva, inclusive num mesmo espaço, realçando a capacidade de adaptação e o carácter moldável destes modelos arquitectónicos, assim como momentos de remodelação ou reconstrução da estruturas.

O modelo construtivo dominante correspondeu à organização de blocos pétreos de xisto e quartzo afeixoados dispostos de forma transversal e/ou perpendicular, preenchidos com blocos menores e ligados com terras argilosas, observando-se o recurso ao travamento dos cantos com a disposição de elementos pétreos em cunha a fim de reforçar as estruturas. Foram igualmente documentados paramentos compostos por lajes de xisto imbricadas e dispostas perpendicularmente, com



Fot. 11 e 12 – Estrutura I: Escavação da sepultura.

o interior preenchido por blocos de xisto e quartzo e por terras avermelhadas muito argilosas e compactas, registando-se ainda o recurso à construção pontual em perpianho, que tratando-se de uma técnica de construção de maior coesão e solidez construtiva, poderá estar neste caso associada a reparações, reestruturações da área edificada e a um eventual reforço das estruturas mais vulneráveis. Ainda que diversificadas, estas soluções construtivas encontram amplos paralelos em outros habitats escavados pelo Bloco 14, e mesmo em locais de cronologias mais antigas.

As espessuras dos muros oscilam entre os 0,60/0,70 m mais vulgarizados e 1 m, com paredes faceadas e justapostas, associadas a eventuais reformulações dos interiores dos edifícios. Com excepção do empedrado no ambiente A, as estruturas eram compostas por aparelhos mistos, com recurso a xisto e quartzo, não tendo sido detectada uma utilização preferencial de determinada matéria-prima em detrimento de outra.

As paredes seriam erguidas muito provavelmente em terra, constatada pela ausência de materiais pétreos nos níveis que colmatavam a estação e pela presença, sobretudo no ambiente F, de depósitos sedimentares compostos por nódulos de barro, que deverão ter correspondido a um eventual revestimento e à construção dos muros.

A evidência de vestígios de derrube em praticamente todos os espaços do Sector A sugere um edifício praticamente coberto em toda a sua extensão, não obstante a possibilidade de a zona a oeste poder apresentar áreas semi-fechadas, tipo alpendre ou “rua”.

O nível de chão corresponderia ao próprio afloramento rochoso, sobre o qual foi recolhida a grande parte do material exumado em Cabeçana 4, não tendo sido observados vestígios de pisos térreos e/ou lajeados estruturados, com excepção do empedrado do espaço

A. O facto do próprio afloramento se encontrar relativamente regularizado, a uma quota mais ou menos constante, salvo áreas onde se encontra escavado, também terá contribuído para a sua utilização como nível de solo/circulação. Neste ponto, o sítio arqueológico de Cabeçana 4 difere de outros habitats do Bloco 14, onde foram identificadas estruturas de pavimentos em solos de argila ruborescida.

É, igualmente no afloramento, que são abertas estruturas de apoio às coberturas, buracos de poste que serviriam para sustentar a cobertura de vãos relativamente amplos, como parece ser o caso do espaço dos ambientes F e G, o mais extenso de todos os compartimentos edificadas.

Outras estruturas negativas foram identificadas, correspondendo a depressões naturais da rocha de base e/ou interface escavados no mesmo, assim como duas sepulturas de pequenas dimensões (Estruturas I e II) que sugerem a prática de inumações infantis, uma das quais confirmada com a escavação do seu interior, como se verá mais adiante no estudo do espólio antropológico.

Entre espaços, a circulação seria efectuada por vãos definidos por interrupções naturais dos muros, identificados apenas com segurança nos espaços B, C e E. Nas restantes áreas, desconhecemos a orgânica interna dos mesmos, sugerindo em alguns casos, pela própria destruição dos muros, que as estruturas se encontram ao nível de alicerces. De igual modo, desconhecemos como se articulariam os edifícios identificados nos Sectores A e B, se correspondendo a dois núcleos habitacionais diferentes ou a estruturas com funcionalidades diferenciadas. A presença de sepulturas associadas a cada edifício parece arguir a favor de uma vocação habitacional dos mesmos.

Por oposição a outros habitats escavados nas proximidades, não foram identificados vestígios de

estruturas domésticas de apoio à habitação, como lazeiras ou estruturas de combustão, ainda que a estrutura identificada no exterior do edifício no Sector A, em E18, uma “cama” de fragmentos cerâmicos, possa ter cumprido função análoga. Do mesmo modo, não será linear a identificação da estrutura no ambiente G com uma função de apoio doméstico deste tipo, ainda que esta assuma lugar central no espaço edificado e em particular nesta área.

Quanto à estratigrafia geral da estação, revelou-se relativamente regular, observando-se os níveis de colmatação recentes do local, sob os quais, se destaca a presença de um nível de derrube das coberturas. Parecem ter recorrido, sistematicamente, a materiais cerâmicos, telha, que oferece uma relativa diversidade de motivos decorativos: ondulados e serpentiformes, digitações em linhas paralelas contínuas, digitações de três dedos; dois traços contínuos no centro; três traços contínuos ondulados; decoração incisa serpenteada.

É essencialmente sob este nível que se destaca o espólio cerâmico, directamente sobre a rocha base,

composto maioritariamente por formas associadas à produção e confecção de alimentos e ao armazenamento e que sugerem um habitat de vocação doméstica e economia agrícola. Na zona central da plataforma, as estruturas apresentam maior grau de conservação e uma potência sedimentar maior, que permite observar, em alguns espaços, uma estratigrafia mais complexa, associada a contextos de utilização e abandono do sítio, onde se encontram intactos os fragmentos de grandes recipientes (talhas), dando-nos a ideia que este pequeno núcleo habitacional teria a sua principal actividade na agricultura e na produção, eventualmente de azeite.

3.1.3. Estudo do espólio

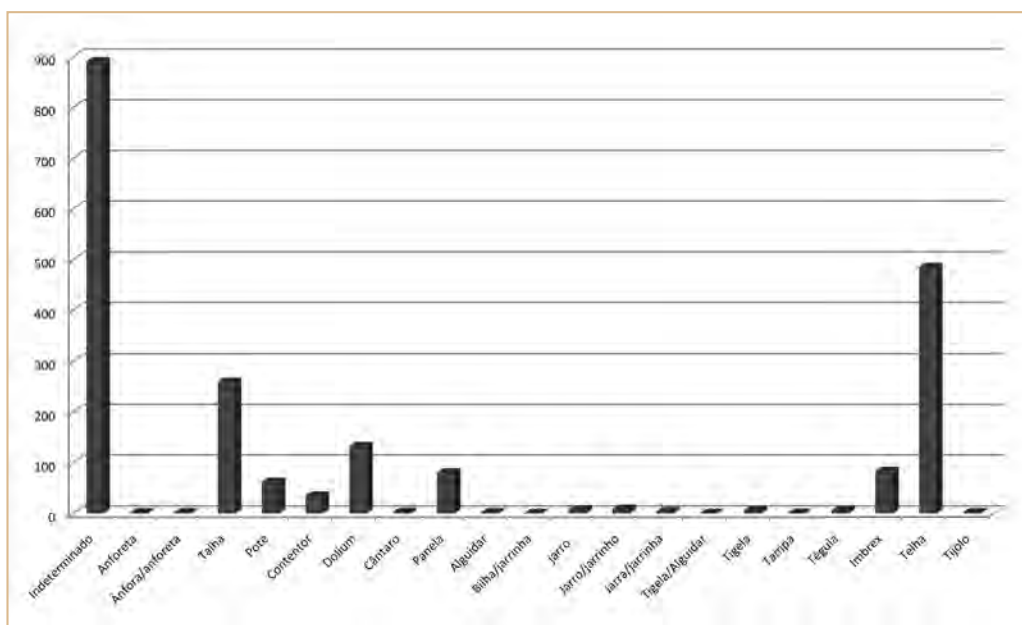
3.1.3.1. Espólio cerâmico

Nesta estação os artefactos recolhidos foram muito numerosos. Registaram-se 2.315 entradas na base de dados, a maior parte, 2.280, correspondem a fragmentos cerâmicos, agrupados em 2.078 indivíduos,

FORMAS	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA													
	1	2	3	4	5	6	7	8	10	11	2, 3, 4, 5, 6	sem UE	2, 3	Total
Indeterminado	9	176	392	37	86	106	39	3		9	4	30		891
Anforeta	1	1												2
Ânfora/anforeta						2								2
Talha	2	22	72	78	27	7	2	3			2	45		260
Pote		5	21	8	7	8	1	1				11		62
Contentor		18	7	1	1	2		5			1			35
Dolium	4	6	61	46	1	7	2	1	2			3		133
Cântaro			2				1							3
Panela		7	24	9	9	30						2		81
Alguidar	1			1										2
Bilha/jarrinha				1										1
Jarro						8								8
Jarro/jarrinho		2	5					1				1		9
Jarra/jarrinha			1									3		4
Tigela/ alguidar			1											1
Tigela	1	1	2		1							1		6
Tampa					1									1
Tégula	1		1		1	1						2		6
Imbrex	1	13	35	8	4	4		4			1	13	1	84
Telha	27	111	92	9	18	14	2	5	1		3	202	1	485
Tijolo	1	1												2
TOTAL	48	363	716	198	156	189	47	23	3	9	11	313	2	2078

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

Gráfico I
Formas funcionais.



dos quais 574 foram identificados como materiais de construção. Excluídos estes últimos, verificou-se que o vasilhame restante agrupava-se num número máximo de 1.501 indivíduos.

A estratigrafia no interior de alguns dos compartimentos revelou-se algo complexa e, conseqüentemente, também a distribuição dos materiais pela mesma (ver Quadro 1). Não obstante, a maior parte dos artefactos concentra-se na U.E.3 (39,10%). Também foi encontrado um volume razoável de recipientes nas U.E.2 (15,82%), 4 (12,03%) e 6 (11,30%).

A maior parte do material de construção concentrava-se nas três primeiras unidades estratigráficas (5% na U.E.1; 22% na U.E.2; 22% na U.E.3) ou fora de contexto estratigráfico (38%). Nas restantes unidades, a presença de material de construção foi pouco significativa.

O grau de fragmentação dos objectos é muito elevado. Encontramos apenas dois indivíduos com o perfil completo (0,13% do vasilhame recolhido). A esmagadora maioria dos fragmentos corresponde à pança do recipiente (85,07%). Aproximadamente 5,33% corresponde a fragmentos de bordo, 7% a bases, 1,27% a asas, 0,27% a carenas e 0,93% a gargalos. Visto o elevado grau de fragmentação e a abundância de elementos de pança incaracterísticos, é lógico que a forma funcional não tenha sido identificada em perto de metade dos objectos (42,88%, ver Quadro 1 e Gráfico 1).

Entre os utensílios identificados, uma grande quantidade (38,47%) correspondem a materiais de construção (*tegula*, *imbrex*, *telha* e *tijolo*).

Se excluimos os materiais de construção e os fragmentos incaracterísticos, o grupo melhor representado é o grupo dos objectos de armazenamento e transporte (81,48% dos identificados). Na sua maior parte, trata-se de talhas (42,64%) e *dolia* (21,80%), embora também estejam bem representados os potes (10,16%), outros grandes contentores de forma imprecisa (5,74%), as ânforas ou anforetas (0,66%) e o cântaro (0,49%). Destacam-se os bordos introvertidos engrossados de *dolia* (ver fig. 7.13, e fot. 13 e 14), bem conhecidos no Baixo-Império, e alguns bordos (ver fig. 7.2) que se assemelham a ânforas hispânicas levantinas do século VI (PASCUAL, RIBERA & ROSSELLÓ, 2003: fig. 4.116) e os potes de grandes dimensões (ver fig. 7.8) com paralelos em Córdoba (FUERTES, 2003).

Dos restantes objectos, a forma mais abundante é a panela (13,28%) que, junto a dois fragmentos de alguidar (0,33%), configura a loiça de cozinha. Dentro do grupo das panelas destacam-se as de perfil em “S” com o bordo mais ou menos engrossado ou extrovertido que, regra geral, foram fabricadas manualmente ou com torneados lentos. Esta forma domina em todo o território peninsular num marco cronológico alargado entre os séculos VI e IX. A forma de lábio mais extrovertido (ver fig. 10 e fotos 16 e 17) encontra-se com cronologias dos séculos VI-VII, por exemplo, em Gorquez, Madrid (VIGIL-ESCALERA, 2003: fig. 5) e Mérida (ALBA & FEIJOO, 2003: fig. 8). As formas de perfil menos sinuoso (ver fig. 9.1, 9.3 e 9.4)

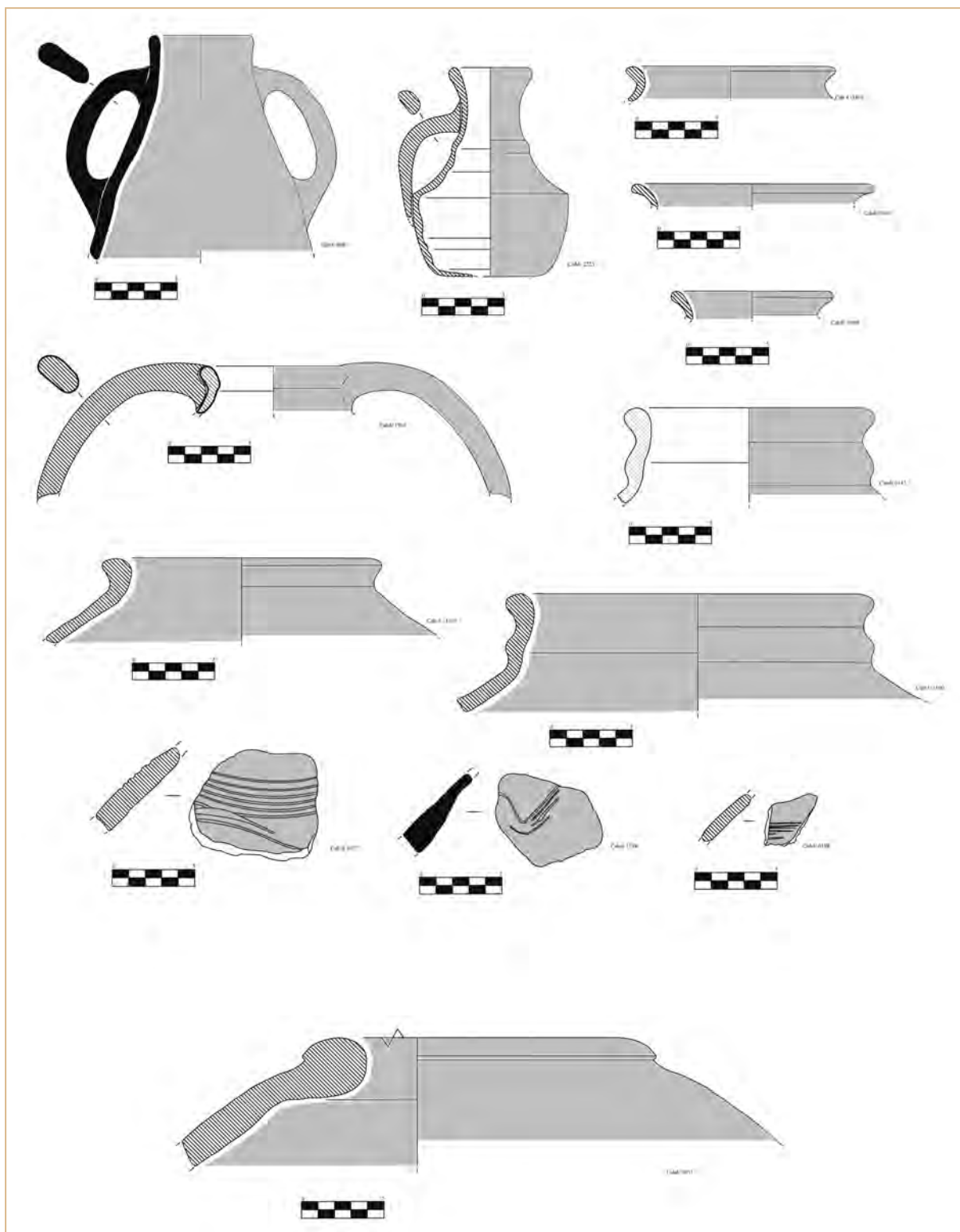


Fig.7 – Cerâmica de armazenamento.



Fot. 13 e 14 – Peças (08)2284 e (08)0357, bordos de dolium.



Fot. 15 – Peça (08)0083, jarro/jarrinho.

encontram-se com cronologias dos séculos VII-VIII em Córdoba (FUERTES & HIDALGO, 2003: fig. 8 e 9) e em Perales del Río, Madrid (QUERO & MARTÍN, 1987: fig. 2.1), mas em Pozo Cañada, Mérida (HERAS & GILOTTE, 2008: fig. 9) e em Alcuéscar em Cáceres (CABALLERO & SÁENZ, 1999: 234-236) aparecem nos séculos VIII-IX. Um fragmento de alguidar (ver fig. 9.6), de fabrico muito tosco, poderá imitar formas torneadas que encontramos no século VIII em Melque (CABALLERO, RETUERCE & SÁENZ, 2003: fig. 10) e Gorquez (VIGIL-ESCALERA, 2003: fig. 1).

O número de artefactos enquadráveis na loiça de mesa é reduzido: alguns fragmentos de jarro ou jarrinho (2,79% do vasilhame recolhido), de tigela (1,15%), de bilha (0,16% dos recipientes), de jarra ou jarrinha (0,66%) e, por último, um fragmento de tampa (0,16% do vasilhame recolhido). A única forma completa encontrada nestas escavações é uma pequena bilha (ver fig. 7.2 e fot. 19) de pasta clara e torneado rápido para a qual é difícil encontrar paralelo. Tem alguma semelhança com peças do Baixo-império de Conímbriga (ALARCÃO, 1975: 102, n.º 814) e de Valência do século VII (ROSSELLÓ, RIBERA & PASCUAL, 2003: fig. 12). Também encontramos uma jarrinha (ver fig. 7.1) de torneado manual e pasta grosseira com paralelos no século VII em Mérida (ALBA & FEIJOO, 2003: fig. 8), Montinho das Laranjeiras em Alcoutim (COUTINHO, 2007) e na zona de Alicante (REYNOLDS, 2003: fig. 8.7).

No que diz respeito às pastas (ver quadro 2), a maior parte dos objectos apresenta pastas castanhas (51,50%), sendo também abundantes as cerâmicas de pastas alaranjadas (17,61%), cinzentas (12,96%) e vermelhas (11,96%). São pouco abundantes as pastas de cor preta (4,72%), bege (1%), rosada e branca (0,13% as duas últimas).

No que diz respeito à combinação da cor e da textura das pastas (ver quadro 3), dos 24 tipos de pastas identificadas no Bloco 14, as mais abundantes são a pasta G1 (cinzentas granuladas) que representam 34,64% do vasilhame recolhido, a F1 (castanha arenosa ou granulada com 16,69%), G2 (cinzentas compactas ou depuradas com 8,51%) e a H1 (preta granulada ou arenosa) que representa o 7,98%. São também significativos os tipos E1 (vermelha granulada ou arenosa, numa percentagem de 5,52%), F4 (castanha friável num 4,12%) e C1 (alaranjada arenosa ou granulada num 3,46% dos casos).

Pelo que respeita aos elementos não plásticos (ver quadro 4), a combinação mais frequente é de fel-

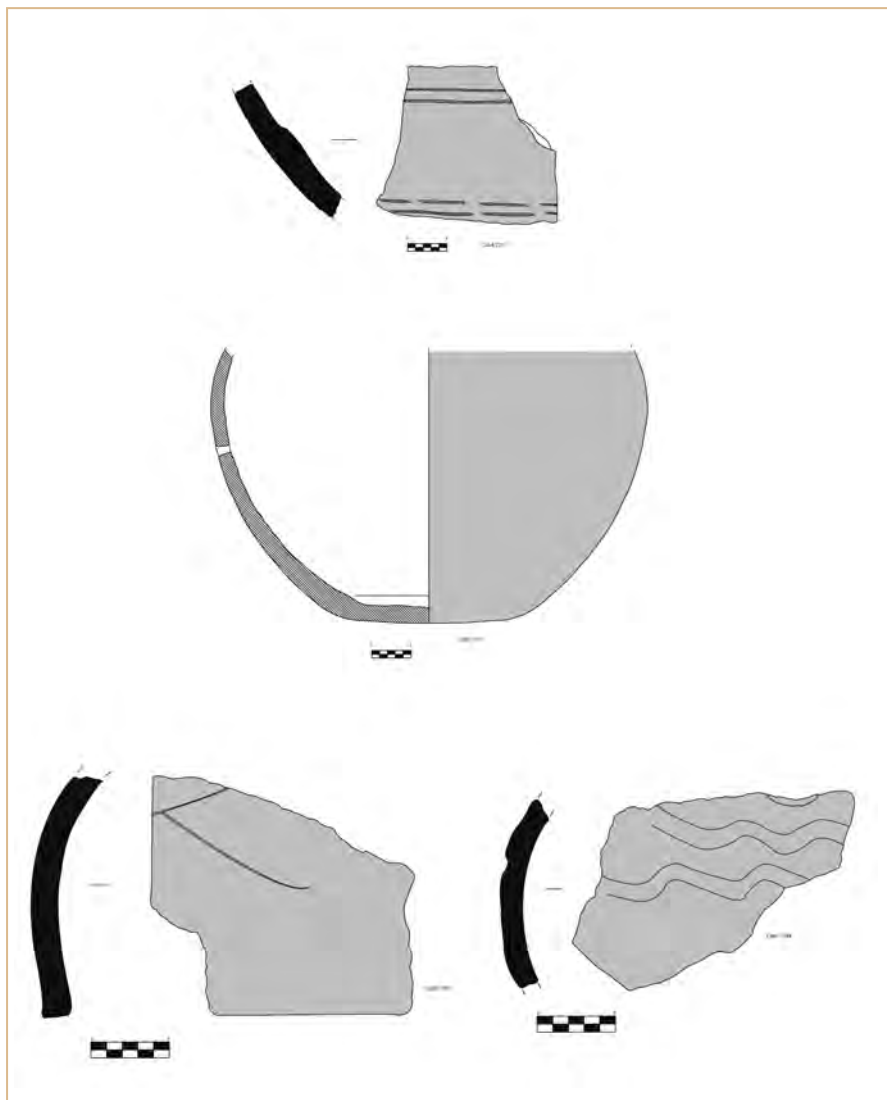


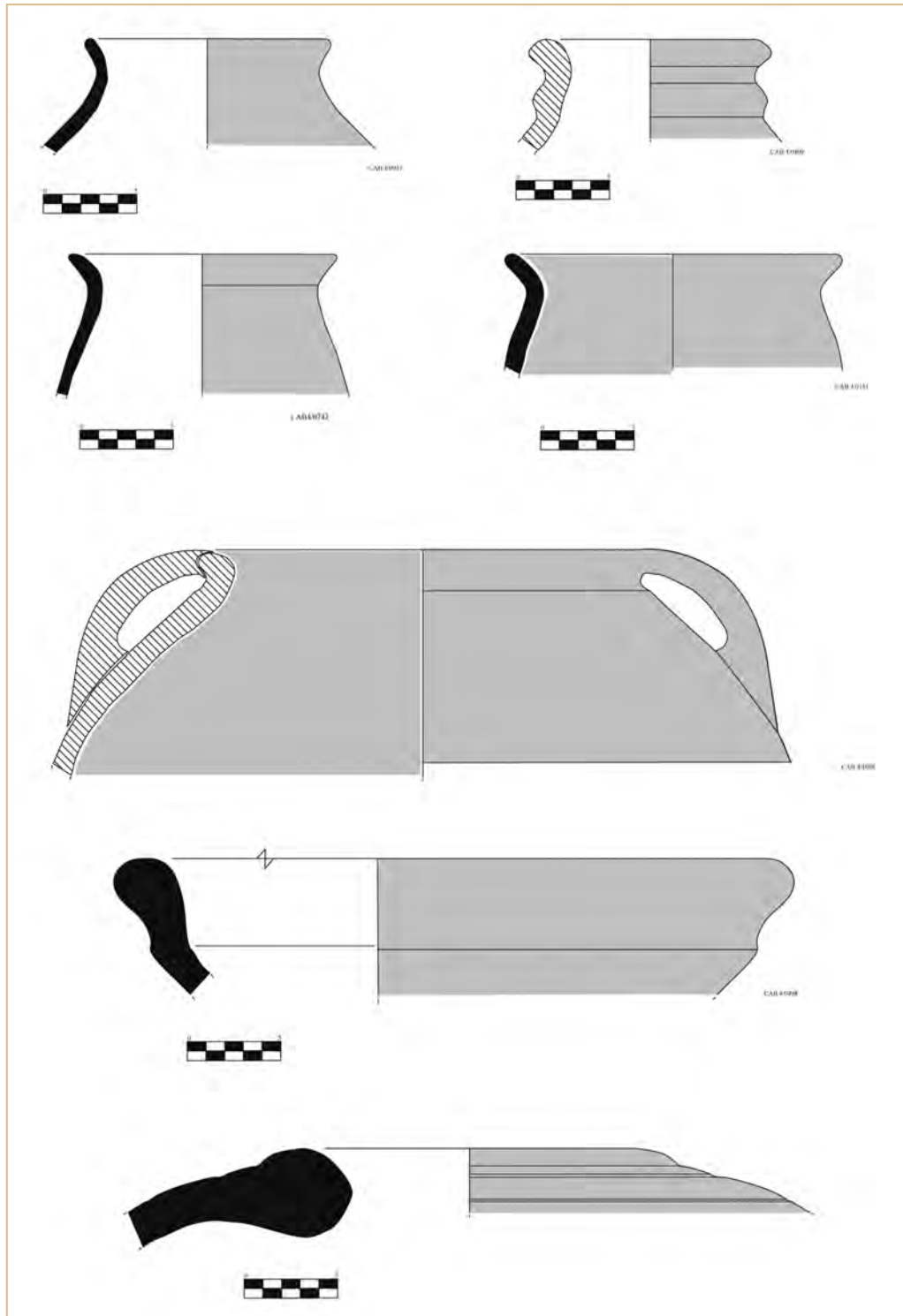
Fig. 8 – Peças decoradas.

dspato, mica e quartzo (39,53%) seguida, a bastante distância, da combinação de mica e feldspato (16,13%) e da combinação de feldspato, xisto e mica (14,73%). Pouco representadas encontram-se as combinações de feldspato, mica, quartzo e minerais ferrosos (8,13%), quartzo e mica (4,87%) e quartzo, mica e xisto (4,27%). Encontram-se, na maior parte das pastas, com uma grande (54,52%) ou média (40,56%) densidade, e tamanho pequeno/médio (49,14%) ou com todos os calibres (pequenos, médios e grandes em 34,84% dos casos). Se combinamos as duas últimas variáveis (tamanho e densidade das intrusões) verificamos que o grupo mais volumoso é o que apresenta abundantes

elementos plásticos de diversos calibres (28,19%), sendo também significativas as pastas com elementos não plásticos de tamanho pequeno e médio com uma densidade média (24,47%) ou abundantes (23,67%).

Se atendermos a uma definição das pastas partindo da combinação do seu cromatismo e dos elementos não plásticos, encontramos em destaque as pastas castanhas com feldspato, mica e quartzo (21,33%). A bastante distância aparecem percentagens significativas de pastas castanhas com feldspato, mica, e xisto (7,47%), ou com feldspato e mica (7,07%), cinzentas com feldspato, micas e quartzo (5,73%) e vermelhas com mica, quartzo e feldspato (5%).

Fig. 9
Painéis e alguidar.





Fot. 16 e 17 – Peças (08)1164 e (08)0562, bordos de panelas.



Fot. 18 – Peça (08)1698, pote.

Se excluimos o material de construção, o vasilhame cerâmico foi na sua maior parte modelado com torno rápido (44,60%, ver quadro 5 e gráfico 2), embora a percentagem seja muito baixa quando comparada com outras estações do mesmo período e de carácter urbano. Os objectos fabricados com um torneado lento ou roda manual representam 27,20%. Foram fabrica-

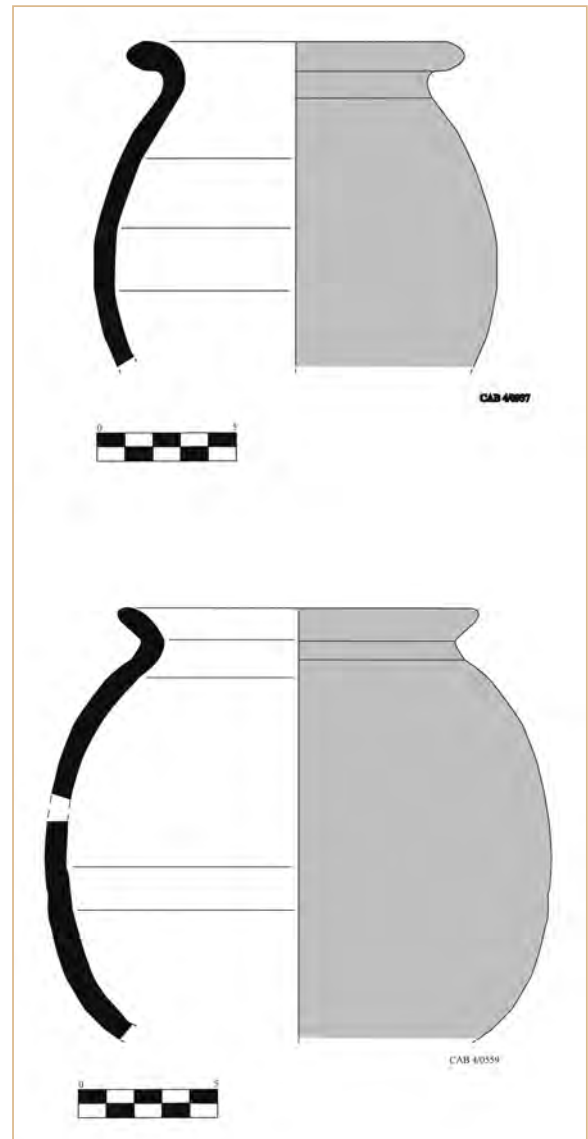


Fig.10 – Panelas.



Fot. 19 – Peça (08)2225, jarrinha.

COR	COR CENTRO								
	EXTERIOR	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Bege		14			1				15
Alaranjada		2	84	16		22	126	14	264
Vermelha			1	87		9	83		180
Rosada					1			1	2
Castanha		1	12	14	2	307	337	98	771
Cinzenta			1	2			155	37	195
Branco			1			1			2
Preto						12	5	54	71
TOTAL		17	99	119	4	351	706	204	1.500

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	Tipos de pasta (cor / textura)																										
	A	BI	B2	CI	C2	C3	C4	DI	D2	D4	E1	E2	E4	F1	F2	F3	F4	G1	G2	G3	G4	H1	H2	H3	H4	I1	I2
Indeterminado	5	4	2	32	6	1		17	6	2	40	26	2	158	18	4	60	262	69	22	4	93	28	24	6	1	2
Ânfora/anforeta					2													1	1								
Pote	1			6			1	2			2	1		14		1		16	10			6	2				
Panela				2		1					1			10	3	1		19	8			18	12	4	2		
Cântaro														1						1						1	
Talha				8				1			28			48	7	7		137	16	2		2					
Bilha/jarrinha		1																									
Alguidar																		1		1							
Jarro			8																								
Jarro/jarrinho		1		3										3	1				1								
Contentor				1	1				1		11	1		2				16	1	1							
Jarra/jarrinha		1													1					2							
Dolium					4	1					1	1		12	4		2	67	20	15	5	1			1		
Tigela														3	1								1				
Tigela/alguidar																		1									
Tampa																		1									
TOTAL	6	7	10	52	13	3	1	20	7	2	83	29	2	251	35	13	62	521	128	42	9	120	43	28	9	2	2

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

dos manualmente 24,13% dos recipientes, sendo que mais de um terço recorreu à técnica do rolo. Não foi possível identificar a técnica de fabrico em 4,07% dos artefactos.

A análise das cozeduras dos objectos (ver quadro 5 e gráfico 2) revela que a maior parte (52,00% dos recipientes) foi cozida em atmosfera oxidante enquanto um 27,47% do vasilhame recebeu uma cozedura redutora de oxigénio e em 20,53% dos objectos alternou a oxidação e a redução.

Se analisamos a combinação de cozedura e fabrico (ver quadro 5 e gráfico 2) o grupo mais representado é o caracterizado por uma cozedura oxidante e fabrico com torno rápido (22,60% do vasilhame) seguido do

conjunto de vasilhas oxidantes fabricadas com torno lento (18,67%) e redutoras (13,40%) ou com cozedura alternante (8,60%) fabricadas a torno rápido. Nas cerâmicas fabricadas manualmente existe um certo equilíbrio entre cozeduras redutoras e oxidantes.

No que diz respeito às técnicas de acabamento (ver quadro 6), a esmagadora maioria dos indivíduos recebeu um tratamento de simples alisamento tanto no interior como no exterior (89,40% dos recipientes). Numa pequena percentagem, encontramos situações em que o alisamento foi substituído em uma das faces por um tratamento mais grosseiro (6,33% no exterior e 2,73% no interior). São igualmente diminutas as percentagens de peças com outros tratamentos. É de

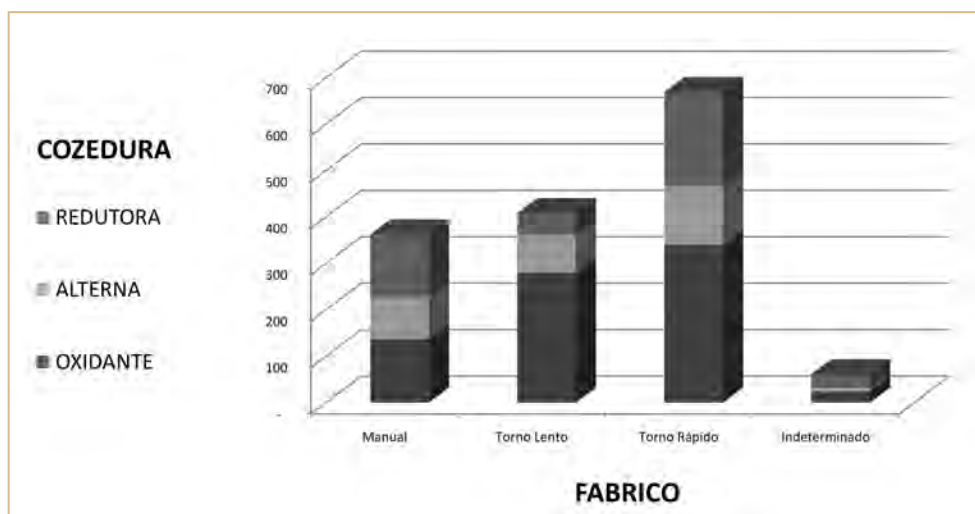
Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)							TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	
Feldspato biotite moscovite					1		1	2
Calcário					1			1
Calcário mica xisto		1				1		2
Feldspato		2	1		9	1		13
Feldspato mica xisto	1	38	31	1	112	28	10	221
Feldspato mica	3	60	21		106	37	15	242
Feldspato quartzo		5	3		21	7	2	38
Feldspato xisto	1	7			10	7		25
Feldspato quartzo mica	40		75	25	320	86	47	593
Feldspato biotite			1		2			3
Feldspato mica calcite		1						1
Feldspato mica min ferrosos	1	1			4	1		7
Feldspato mica quartzo min ferrosos	2	27	15		61	11	6	122
Feldspato quartzo mica calcário		2			4	1	1	8
Imperceptíveis					3			3
Feldspato xisto quartzo		1	2		6	2	1	12
Feldspato xisto chamote			1					1
Mica	1	4	4		20	1	1	31
Mica quartzo	1	10	12		41	8	1	73
Mica quartzo calcário			2					2
Mica quartzo xisto		7	7		35	12	3	64
Quartzo argila xisto						1		1
Quartzo mica min ferrosos		5	4		9	3	3	24
Xisto calcário quartzo mica		1						1
Xisto quartzo		2	2		2	1		7
Xisto min ferrosos quartzo mica		2						2
Calcário xisto					1			1
TOTAL	50	176	181	26	768	208	91	1.500

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	84	79	63	226
Torno Lento	280	81	47	408
Torno Rápido	339	129	201	669
Indeterminado	24	8	29	61
Rolo	53	11	72	136
Molde (mat. Construção)	468	18	92	578
TOTAL	2.48	326	504	2.078

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozedura.



INTERIOR	EXTERIOR							TOTAL
	Grossoiro	Alisado	Polido	Espatulado	Em branco	Sem tratamento	Aguada	
Grossoiro	3	7						10
Alisado	3	684	2		30	1		720
Polido		2						2
Espatulado		6		1				7
Engobado		2						2
Sem tratamento	2	654	5		6	2		669
Em branco		50				38		88
Aguada							1	1
Vidrado		1						1
TOTAL	8	1.406	7	1	36	41	1	1.500

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

sublinhar, a presença de um único fragmento indeterminado (0,07% do vasilhame) com revestimento vítreo no interior.

É reduzido o número de objectos decorados (7,33% do vasilhame, ver quadro 7). Quase todos eles apresentam a decoração apenas no exterior do recipiente. No interior encontramos um único fragmento vidrado e outro com caneluras. Alguns casos são duvidosos como é o caso das duas talhas com corda impressa que poderiam não ser mais do que a marca de uma estratégia de fabrico na qual a corda destinava-se a evitar que o recipiente abrisse quando o barro ainda estava verde, antes da sua cozedura. Sete objectos (0,47%),

todos jarros, apresentavam simples caneluras, 5,57% decoração impressa, Encontramos decoração incisa em 0,80% do vasilhame e roletada em 0,20%. Por último, em dois exemplares (0,13%) encontramos digitações: um *dolium* e um jarro. Também encontramos incisões, impressões e digitações em algumas telhas (ver fig. 8 e fot. 20 e 21).

O estudo do espólio permite concluir que se trata de um conjunto característico de um meio rural com reduzidas relações com mercados urbanos, do período de transição entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, com uma cronologia alargada entre os séculos V e VIII. O espólio corresponde, em grande medida,

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO EXTERIOR							
	Caneluras	Impressão	Incisão	Roletado/pente	Digitações	Epigráfica	Não dec.	TOTAL
Indeterminado			6	3			882	891
Ânfora/anforeta							2	2
Anforeta							2	2
Talha		31	1				227	259
Pote			1				61	62
Cântaro							3	3
Panela							81	81
Contentor			1				34	35
<i>Dolium</i>		52	2		1		78	133
Alguidar			1				1	2
Bilha/jarrinha							1	1
Jarro/jarrinho					1		8	9
Jarro	7						1	8
Jarra/jarrinha							4	4
Tigela							6	6
Tigela/alguidar							1	1
Tampa							1	1
Tégula							6	6
<i>Imbrex</i>							84	84
Telha		2	6		22	1	455	486
Tijolo							2	2
TOTAL	7	85	18	3	24	1	1.940	2.078

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.



Fot. 20 e 21 – Peças (08)1184 e (08)1187, telhas decoradas.



Fot. 22, 23 e 24 – Estrutura II: Algumas fases da escavação da sepultura com exumação dos restos osteológicos.

a produções obtidas localmente com recurso a técnicas simples: modelado manual ou torneado lento e cozeduras redutoras, certamente realizadas em estruturas de combustão muito rudimentares e utilizando barros da zona onde facilmente podemos encontrar os minerais presentes nas pastas (feldspatos, quartzos e micas). A caracterização funcional das cerâmicas reforça esta apreciação: trata-se de objectos relacionados maioritariamente com funções de armazenamento e de cozinha, sendo reduzidos os objectos de serviço de mesa, mais consentâneos com modos de vida urbanos. Os utensílios satisfazem a necessidades mais básicas de um grupo camponês que precisa de vasilhame de grandes dimensões destinado a conservar os produtos agrícolas obtidos localmente em grandes potes, talhas e *dolia*.

3.1.3.2. Espólio antropológico

Na sequência da intervenção foi posta a descoberto uma sepultura de inumação contendo restos ósseos de três crianças. Estes achados levaram a que fosse contactado o Laboratório de Antropologia Física e Arqueologia Funerária do Museu Regional de Beja, para que procedesse ao levantamento, registo e posterior estudo do material osteológico a ser exumado.¹²

O material osteológico recolhido deu entrada no Laboratório de Antropologia do referido museu, onde se encontra em depósito.



A sepultura em causa (Estrutura II) foi escavada no interior de uma outra estrutura (Ambiente G) que fazia parte do complexo arqueológico, e era constituída por quatro lajes de xisto as quais formavam uma caixa sepulcral com cerca de 80 cm de comprimento por cerca de 25 cm de largura máxima.

¹²A equipa do Museu Regional de Beja que se deslocou ao local era constituída pelos seguintes elementos: José Carlos Oliveira, responsável pelos trabalhos de Antropologia; Francisco José Paixão, Paulo Ricardo Monteiro; Carlos Graça Rocha. Os trabalhos de campo efectuaram-se nos dias 21, 23 e 28 de Fevereiro de 2002.

No interior da sepultura foi possível verificar a inumação de uma criança, da qual existiam ainda alguns vestígios osteológicos em correlação anatômica, o que permitiu verificar que foi depositada em decúbito dorsal com o braço e mão direita cruzados sob a zona ventral. Existindo ainda parte de dois crânios correspondentes a inumações anteriores dessa mesma sepultura.

3.1.3.2.1. Análise do material osteológico

Em primeiro lugar deve-se referir o elevado estado de degradação do material ósseo, pois a caixa sepulcral esteve durante vários dias exposta à chuva e ao sol, embora tivesse havido uma tentativa para a proteger, o que não foi suficiente. Assim, os restos ósseos apresentavam-se extremamente friáveis e muito fragmentados, sendo quase impossível levá-los sem os danificar, o que levou a proceder a medições no terreno, apesar de se ter em conta a sua menor fiabilidade.

Os vestígios encontrados foram designados como: esqueleto 1, inumação mais recente; e crânios 2 e 3, correspondentes às inumações anteriores.

3.1.3.2.2. Esqueleto I

Deste indivíduo foi possível analisar macroscopicamente *in situ* e, posteriormente em laboratório os seguintes ossos:

- Parte do crânio, o qual sofreu esmagamento devido à compressão do terreno;
- Um fragmento de clavícula;
- Úmero direito fragmentado;
- Rádio e cúbito direitos fragmentados;
- Um pequeno fragmento de osso coxal;
- Fémur direito fragmentado;
- Fragmentos de costelas.

3.1.3.2.2.1. Diagnose da idade

Em relação a este indivíduo foi possível determinar a idade aproximada, através do calendário de erupção dentária, verificável em parte da arcada dentária superior ainda existente e também pela observação do estado geral de ossificação do esqueleto.

A observação destes indicadores permite-nos indicar uma idade de cerca 5/6 anos na altura da morte.

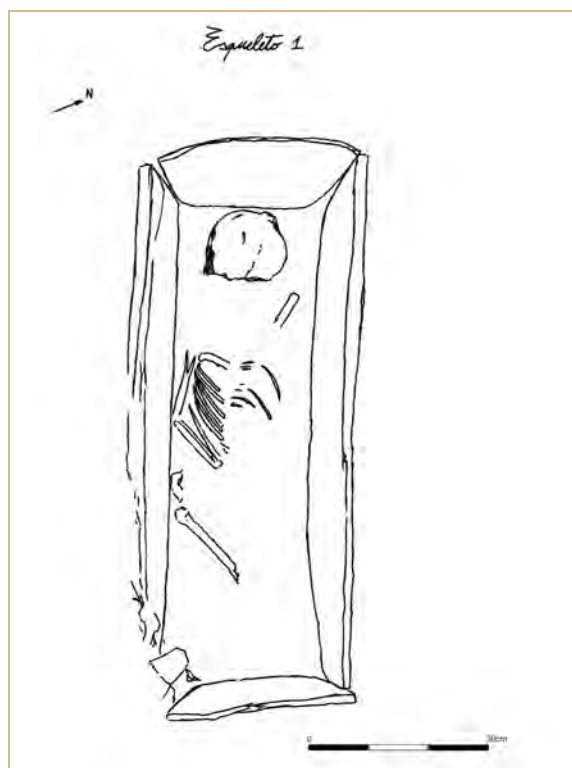


Fig. 11 – Desenho de campo do esqueleto 1.

3.1.3.2.2.2. Patologia

Não foi possível determinar qualquer tipo de patologia com repercussão esquelética ou dentária.

3.1.3.2.2.3. Estatura

Utilizando o úmero direito calculou-se uma estatura de cerca de 95 cm +/- 5 cm, aproximando-se das medições e cálculo efectuado no terreno: +/- 89 cm. Este indivíduo era claramente maior que o comprimento da caixa sepulcral (80 cm). O que terá obrigado a que os membros inferiores sofressem uma ligeira flexão, o que se observa no fémur direito.

3.1.3.2.3. Crânios 2 e 3

Crânios de criança incompletos dos quais, dado o mau estado de conservação do material ósseo, não foi possível fazer qualquer tipo de determinação no âmbito da antropologia. Estes crânios correspondiam a enterramentos anteriores que foram afastados aquando da deposição do corpo do esqueleto 1.

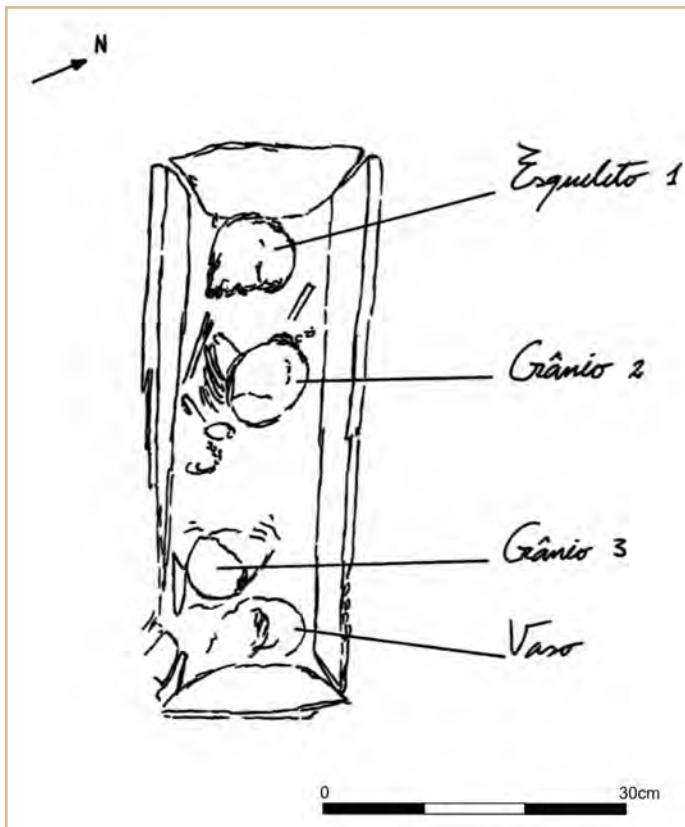


Fig. 12 – Desenho de campo do esqueleto 1 e dos crânios 2 e 3.



Fot. 25 – Chave em ferro.

3.1.4. Considerações finais

O conjunto de vestígios identificados nos Sectores A e B do sítio Cabeçana 4, confirmaram a existência de um espaço de habitação rural permanente, com uma longa duração entre os séculos V e VIII. A uma cronologia mais antiga pertencem as duas sepulturas em cista, escavadas no terreno, em que apenas uma das quais conservava vestígios osteológicos.

Pese embora a forte destruição causada no sítio pelos trabalhos agrícolas e a fraca potência stratigráfica, foi possível identificar dois núcleos de construção, certamente relacionados entre si. O sector situado mais a norte, estava pior conservado, mas permitia diferenciar dois ambientes cuja função é impossível precisar, no entanto, a presença de grande quantidade de fragmentos de talha detectada no compartimento M, poderá apontar para um uso de armazenamento. Cabe especular com a possibilidade de tratar-se de es-

truturas de apoio ao núcleo principal do assentamento, que estaria centrado no sector sul, numa posição mais elevada

O núcleo principal, em melhor estado de conservação, apresentava várias fases de construção. Na primeira etapa construtiva, traçaram-se os eixos estruturantes do edifício que configuraram o núcleo central (ambientes C, F, G, H, I), com um eixo de circulação no seu redor. A esta mesma fase pertenceria o ambiente L. Num momento posterior, são construídos os ambientes A, K, E e D, mediante o levantamento de muros justapostos e adossados, e o recurso a técnicas construtivas menos cuidadas. Embora não tenham sido detectadas estruturas fixas de combustão, que permitam diferenciar claramente uma função dominante em cada um dos espaços, exceptuando o compartimento de maiores dimensões que parece ter sido destinado ao armazenamento.

As técnicas de construção observaram alguma diversidade, inclusive num mesmo espaço, realçando a capacidade de adaptação e o carácter moldável destes modelos arquitectónicos, assim como momentos de remodelação e/ou reconstrução das estruturas. A técnica dominante utilizava blocos pétreos de xisto e quartzo afeiçoados, dispostos de forma transversal e/ou perpendicular, preenchidos com blocos menores e ligados com terras argilosas, com a disposição de elementos pétreos em cunha travando os cantos para reforçar as estruturas. Também foi utilizada a técnica de colocar lajes de xisto imbricadas e dispostas perpendicularmente, com o interior preenchido com blocos de xisto e quartzo e terras argilosas e compactas. Outra técnica registada é a construção em perpiano,

que possivelmente foi utilizada numa fase avançada da ocupação do sítio, associada a reformulações interiores do edifício. Sobres estes alicerces, seriam levantadas as paredes em terra.

Os derrubes de telhas, encontrados em praticamente todos os espaços, sugerem edifícios totalmente cobertos por telhados, sendo possível que alguns espaços não estivessem completamente fechados constituindo alpendres. Em alguns casos buracos de poste ajudavam a sustentar estas coberturas. Não foram construídos pavimentos luxuosos, apenas o afloramento rochoso foi afeiçoado para servir de nível de solo.

O espólio encontrado no sítio, demonstra uma marcada ruralidade, com objectos maioritariamente destinados à funções de armazenamento e de cozinha, em boa parte fabricados localmente. São, portanto, fracas as relações com meios urbanos próximos ou com circuitos comerciais de maior abrangência.

Deste modo, o sítio de Cabeçana 4 corresponde a um assentamento rural de uma pequena comunidade camponesa, sem poder precisar o número de habitantes, mas que, dadas as dimensões das construções escavadas, poderá corresponder a uma família alarga-

da. Esta comunidade, teria alguma capacidade de armazenar excedentes agrícolas, dada a abundância de grandes contentores, traduzindo o assentamento numa exploração agrícola de razoáveis dimensões, com alguma capacidade de entrar numa dinâmica de trocas de âmbito local.

Pese as dificuldades para precisar a cronologia do sítio, tanto da sua construção como do seu abandono, a informação disponível (longa evolução das construções e paralelos encontrados para o seu espólio) autoriza a considerar uma continuada ocupação desde o século V, sem se apreciar sinais de destruição violenta em qualquer período. O abandono, em torno aos finais do século VIII, poderá ter acontecido de forma rápida, não se verificando uma progressiva diminuição do espaço ocupado pela comunidade.

3.2. Espinhaço 7

3.2.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio designado como Espinhaço 7 foram efectuados em Maio de

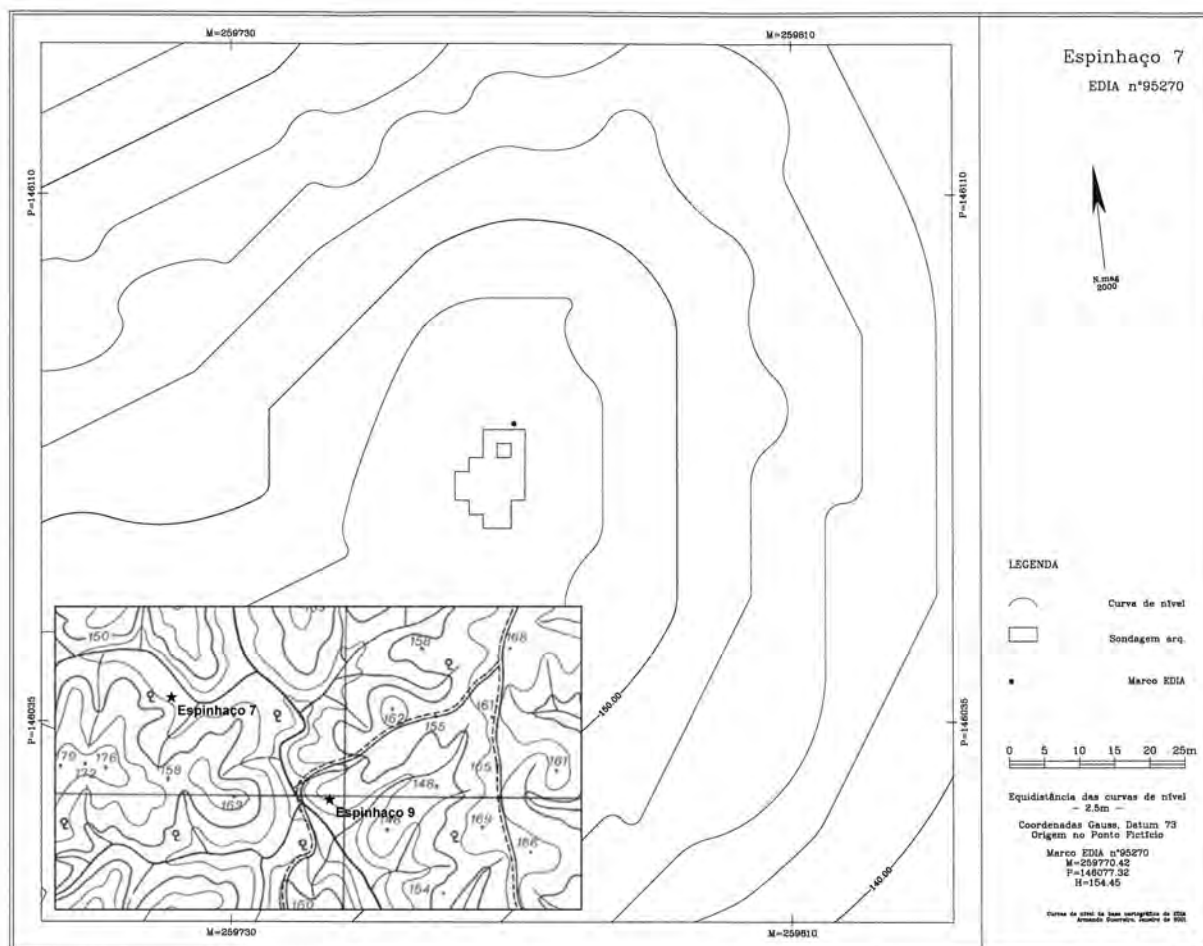


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.

2000¹³, integrados no conjunto das intervenções realizadas nas ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campinho, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95270, como um habitat de cronologia medieval/moderno.

Situado na vertente oeste do Rio Guadiana o sítio denominado Espinhaço 7; localiza-se a poucos metros do Monte do Espinhaço, que lhe dá o nome, no topo de uma pequena plataforma sobranceira a uma estrada de terra batida que dá acesso ao referido monte.

A sua localização relativamente à área envolvente, permite um relativo domínio da paisagem e um fácil acesso a uma grande linha de água secundária sobranceira à Herdade do Espinhaço.

De acordo com a bibliografia disponível, a descrição do sítio Espinhaço 7 indicava que numa área de cerca 200 m², encontravam-se à superfície vestígios de cerâmica de construção e comum; poucos materiais. (SILVA, 1996). Estas informações foram confirmadas na fase de prospecção/reavaliação do local, onde foram ainda identificadas pedras de quartzo e xisto de calibre diverso.

3.2.2. Trabalhos arqueológicos

Foi efectuado um programa de sondagens arqueológicas implantadas na zona de maior concentração de vestígios pétreos. Numa primeira fase foram marcadas e intervencionadas doze sondagens de 2x2 m (Sondagens 1 a 12), posteriormente alargadas, em função dos resultados obtidos, com mais treze sondagens de 2x2 m (Sondagens 13 a 25).



Fot. 1 – Vista geral para norte da área intervencionada.

3.2.2.1. Estratigrafia

A estratigrafia identificada foi comum a todas as áreas abertas, apresentando a seguinte sequência:

U.E.1 – Estrato composto por terras castanhas escuras compactas, com grande concentração de pequenos fragmentos de xisto e quartzo.

U.E.2 – Estrato composto por terras castanhas avermelhadas compactas e argilosas.

U.E.3 – Corresponde ao afloramento xistoso com nódulos de quartzo.

Constante nos locais intervencionados, a estratigrafia revelou-se reduzida e profundamente afectada pelos trabalhos agrícolas, demonstrando uma sequência comum às distintas áreas intervencionadas. As estruturas encontravam-se imediatamente expostas com a remoção da U.E.1, encontrando-se praticamente à superfície do terreno.

Na Sondagem 1, após a remoção da U.E.1, identificou-se um conjunto de pedras de quartzo e algumas lajes de xisto que foram posteriormente delimitadas, correspondendo a um muro de blocos de quartzo bastante destruído. Estes blocos de pequeno e médio calibre estavam ligados por um sedimento argiloso avermelhado e compunham a estrutura de orientação

¹³ Os trabalhos arqueológicos no sítio Espinhaço 7 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Maria João Miranda, arqueóloga estagiária; Vera Assunção, arqueóloga estagiária; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Armando Guerreiro. Tintagem dos desenhos de campo: Alexandra Lima, Susana Bailarim e Cláudia Rosado.

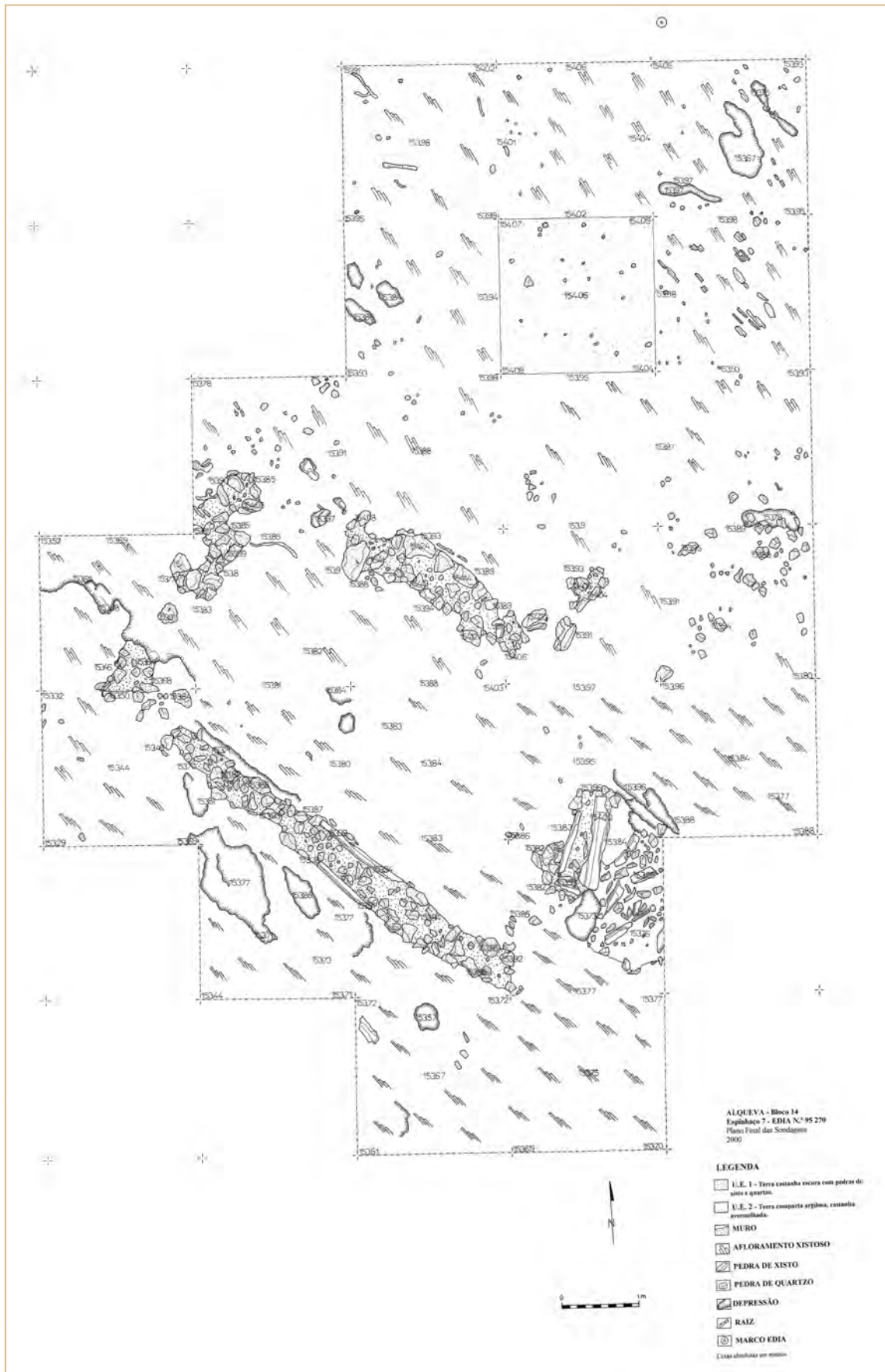
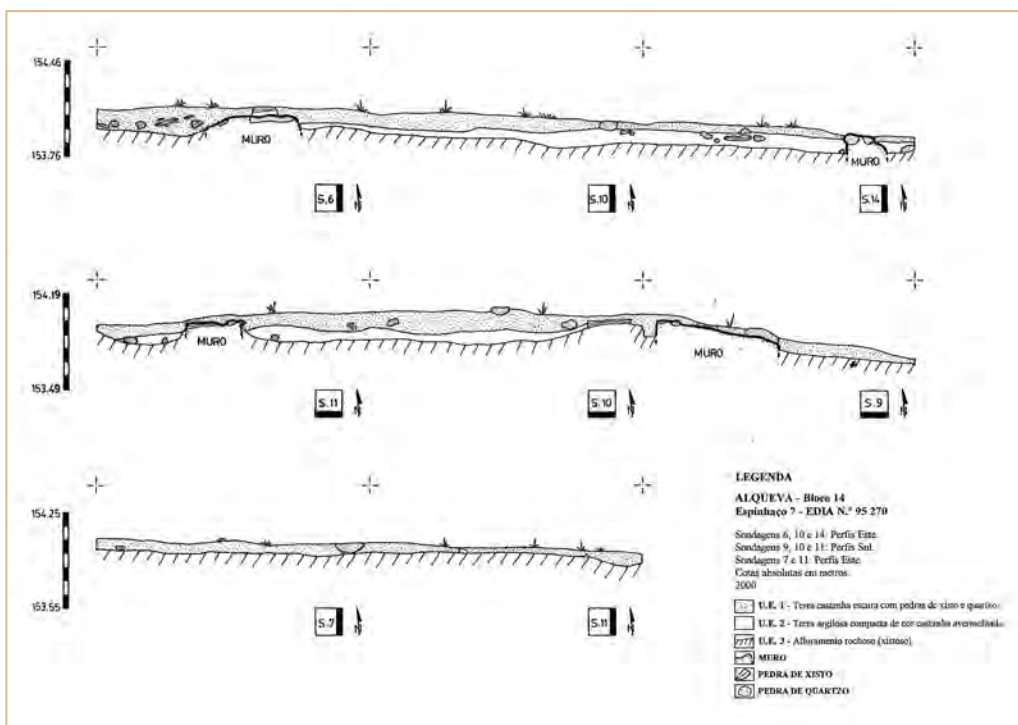


Fig. 2 – Planta final da escavação.

Fig. 3
Perfis
estratigráficos.



sudoeste-nordeste, definida ao longo de 1 m e terminando abruptamente, com cerca de 0,60 m de espessura e um alçado conservado de 0,18 m.

Este muro, designado como Muro I, foi identificado nas Sondagens 1, 2, 5, 6, 22 e, embora muito danificado, apresentava cerca de 3,5 m de comprimento, com uma espessura média de 0,70 m. Era também evidente o seu encaixe no afloramento xistoso que se encontrava praticamente à superfície, com presença de vala de fundação, indicador de que as estruturas construídas revelaram sistemas de construção diversos, directamente sobre o afloramento e/ou com preparação do mesmo mediante um encaixe, ou rebaixamento/escavação.

Foi igualmente possível detectar a continuação desta estrutura na Sondagem 7, onde efectuava um arranque para nordeste, muito destruído, terminando de forma abrupta, relacionado com uma esquina/inflexão da estrutura, de técnica construtiva similar. Esta estrutura correspondeu ao Muro III, o fecho do Muro I a Noroeste, também delimitado nas Sondagens 1, 5 e 22. Apresentava-se muito destruído, por vezes praticamente inexistente, atingindo cerca de 3,6 m de comprimento e aproximadamente 0,90 m de espessura.

A abertura da Sondagem 9 descobriu uma nova

estrutura de pedras de quartzo, designada como Muro II. A sua orientação processava-se no sentido noroeste/sudeste o que permitiu constatar que se encontrava disposto de forma paralela ao Muro I e com este definia um ambiente/compartimento, seguindo pelas Sondagens 13 e 14, onde se encontrava melhor preservado. Possuía cerca de 6,20 m de comprimento e uma espessura de 0,70 m e um alçado interior de 0,57 m. O seu estado de conservação permitiu observar que o mesmo era constituído por pedras de xisto imbricadas e dispostas em cutelo reforçando os cantos, preenchidas no seu interior por pedras de quartzo e terras argilosas.

Na Sondagem 9, onde fora originalmente identificado, o troço de muro apresentava, contrariamente às restantes estruturas, uma vala de fundação escavada no afloramento rochoso com cerca de 0,20 m de profundidade.

Por último, foi identificado o Muro IV nas Sondagens 11 e 15, que correspondeu ao fecho sudeste da estrutura de contornos rectangulares. Era, sem dúvida, o muro mais destruído e encontrava-se algo deslocado da sua disposição original. As suas dimensões eram igualmente reduzidas, não excedendo 1,5 m de comprimentos e os 0,60 cm de espessura.

Já as Sondagens 3, 4, 8, 10, 12, 16, 17, 18, 20, 21,



Fot. 2 – Vista geral para sudeste do ambiente/compartimento identificado na intervenção.



Fot. 3 – Muro I.

24 e 25 não revelaram a presença de estruturas conservadas, apresentando escasso espólio cerâmico.

3.2.2.2. Interpretação global dos dados

A erosão natural, acentuada pelos trabalhos agrícolas, terá contribuído para a forte destruição do sítio arqueológico, onde foram identificados diversos vestígios pétreos de uma estrutura habitacional de grandes dimensões. Era composta por quatro muros em pedra de quartzo e xisto, colmatados com um ligante argiloso (Muros I, II, III e IV) e corresponderia a um compartimento/ambiente com cerca de 19 m² de área total, alinhado numa orientação nordeste/nudeste. A extrema destruição do local não permitiu a identificação do vão de acesso a este espaço, uma vez que os alçados se encontravam conservados abaixo da cota das paredes, ao nível das fundações, factor reforçado pela espessura dos mesmos.

Estes apresentavam uma técnica construtiva com recurso à colocação de blocos pétreos afeiçoados,

maioritariamente em quartzo e à técnica do perpianho, blocos imbricados, dispostos em cutelo com um enchimento interior de blocos menores e terra argilosa. Registou-se, igualmente, a presença de valas de fundação ou preparações do afloramento para a sua construção, em dois casos que utilizam esta última técnica de construção.

Igualmente notória foi a ausência de qualquer evidência de um nível de pavimento no interior da estrutura, indiciando uma possível utilização do afloramento rochoso como tal, ou a extrema destruição do local, marcada nas próprias estruturas, na ausência de outras construções domésticas e na própria escassez de materiais cerâmicos recolhidos no seu interior.

3.2.3. Estudo do espólio

A escavação do sítio designado como Espinhaço 7, permitiu reunir um número escasso de peças, 37 fragmentos, recolhido em 8 das sondagens executadas, dos quais quase metade corresponde a materiais de construção. Trata-se, portanto, de um conjunto pouco fiável em termos estatísticos pelo diminuto da amostra em estudo.

No entanto, podemos precisar que a cerâmica foi recolhida na sua maior parte na Sondagem 21 (20 fragmentos, 54% do total), distribuída de forma equilibrada pelas unidades estratigráficas (U.E.) 1 e 2. Foi identificada a forma funcional na maior parte dos objectos (83,78%, ver quadro 1 e gráfico 1) sendo que quase metade das cerâmicas correspondia a materiais de construção (48,65%). Entre os objectos identificados a maior parte corresponde a formas de cozinha, seguida dos objectos de armazenamento, tratando-se especificamente de panelas (18,92% do total dos fragmentos e 36,84% se excluimos o material de constru-

FORMAS	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA			
	0	1	2	Total
Indeterminado		3	3	6
Talha		3		3
Pote			2	2
Panela		4	3	7
Alguidar		1		1
Tégula			1	1
Telha	1	7	8	16
Tijolo			1	1
TOTAL	1	18	18	37

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

Gráfico I – Formas funcionais.

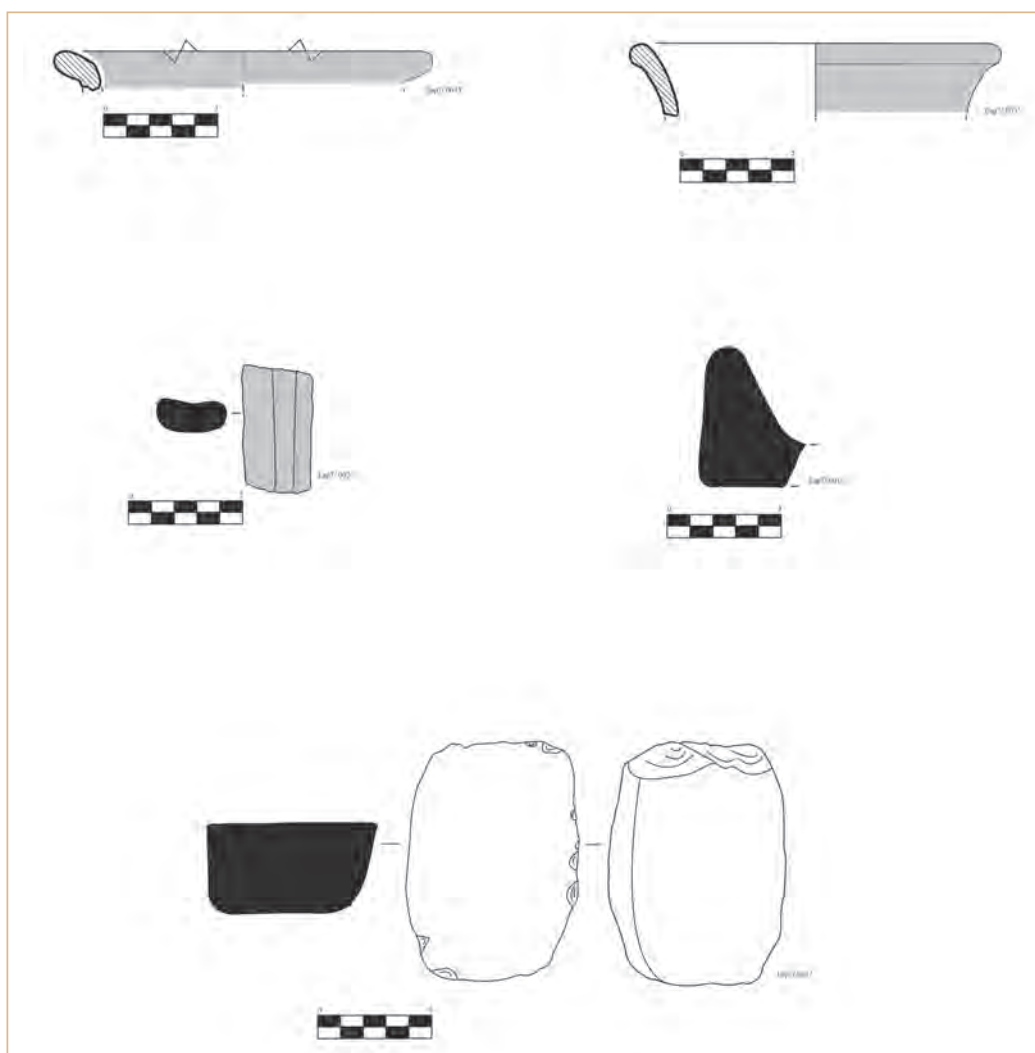
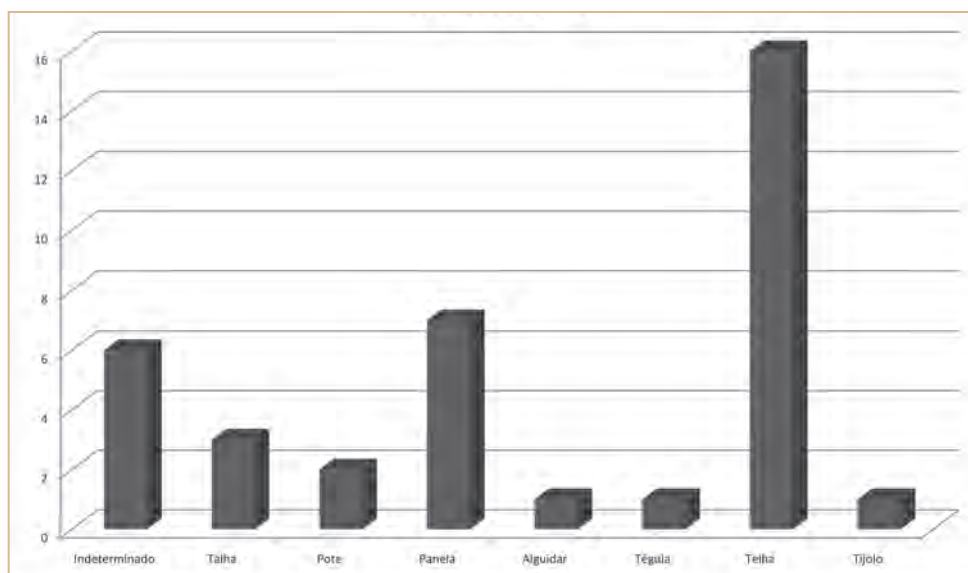


Fig. 4 – Principais peças.



Fot. 4 – Peça (030)0016.

ção), talhas (8,11% e 15,79% respectivamente), pote (5,41% e 10,53%) e alguidar (2,70% e 5,26%). Na cerâmica de construção foi possível identificar vários fragmentos de telhas (43,24% do total das cerâmicas), uma tégula (2,70%) e um tijolo (2,7%). A extrema fragmentação dos objectos impede definir aspectos crono-tipológicos precisos, no entanto os fragmentos de loiça de cozinha conservados parecem corresponder

a formas simples de panela em forma de “S” da Alta Idade Média (ver fig. 4).

Se excluimos o material de construção que é preponderantemente alaranjado, as pastas destas cerâmicas eram, na sua maior parte, de tonalidades dominantes escuras (ver quadro 2), com o predomínio de pastas pretas e castanhas (36,84% do vasilhame em ambos casos) de texturas friáveis (ver pastas do tipo H4 e F4 no quadro 3). As pastas parecem ter uma proveniência local, hipótese que concorda o facto de conter sempre, entre os elementos não plásticos, minerais próprios da região como o feldspato e/ou a mica.

Se excluimos os materiais de construção que foram sempre executados a molde e com cozedura oxidante, encontramos um certo equilíbrio entre as distintas técnicas de fabrico (21,05% foram executadas manualmente, 31,58% com torneado lento e 36,84% com torno rápido) mas um predomínio claro das cozeduras reductoras e irregulares ou que alternam a oxidação e a redução (42,11% em ambos casos) mais reduzido o grupo das peças cozidas em atmosfera oxidante (15,78%).

Quase todos os objectos cerâmicos receberam, apenas, um acabamento de simples alisado das suas paredes (tanto exterior com interior), à excepção das telhas que apresentam um acabamento grosseiro na face inferior (ver quadro 6). Esta ausência de opções técnicas de acabamento revela a simplicidade das características tecnológicas do conjunto, reforçada pelo facto de não existir qualquer tipo de decoração no espólio cerâmico.

Pese ao seu escasso significado quantitativo, podemos concluir que o espólio cerâmico corresponde a um contexto rural da alta Idade Média, onde predominariam as produções locais de utensílios básicos para o armazenamento e elaboração dos alimentos de um pequeno grupo camponês.

COR EXTERIOR	COR CENTRO							TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preta	
Bege								-
Alaranjada		1				1	1	4
Vermelha								-
Rosada								-
Castanha					4		3	7
Cinzenta						1		1
Preta						1	6	7
TOTAL	-	1	-	-	7	1	10	19

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	Tipos de pasta (cor / textura)															
	AI	BI	CI	C2	C4	DI	EI	FI	F2	F4	GI	HI	H2	H4	II	TOTAL
Indeterminado										2		1	1	2		6
Pote									1	1						2
Talha								1	1				1			3
Panela								1			1	1		4		7
Alguidar															1	1
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	2	2	3	1	2	2	6	1	19

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)							TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preta	
Quartzo mica		2			3	1	1	7
Mica					1		1	2
Feldspato mica							1	1
Feldspato quartzo					1			1
Feldspato quartzo mica		2			2		3	7
Imperceptíveis							1	1
Quartzo feldspato mica xisto								-
Quartzo xisto calcário								-
Quartzo xisto min ferrosos								-
TOTAL	-	4	-	-	7	1	7	19

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA					TOTAL
	OXIDANTE	ALTERNA	IRREGULAR	REDUTORA		
Manual	1	1	1	1		4
Torno Lento	1		1	4		6
Torno Rápido	1		4	2		7
Rolo						
Indeterminado			1		1	2
Molde (material de construção)	18					18
TOTAL	21	2	6	8		37

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozedura.

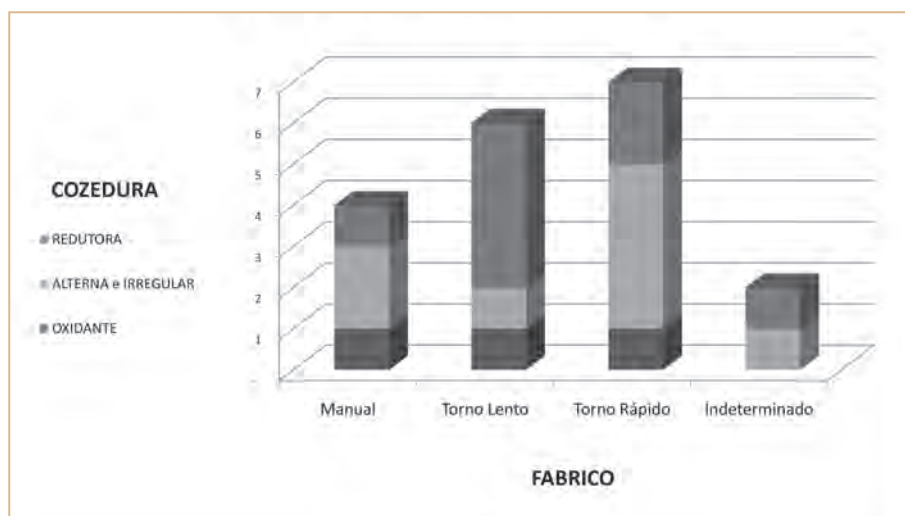


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozedura.

INTERIOR	EXTERIOR							
	Grossoiro	Alisado	Espatulado	Brunido	Sem tratamento	Engobado	Pintado	TOTAL
Grossoiro		18						18
Alisado		10			1			11
Polido								-
Espatulado								-
Brunido								-
Engobado								-
Pintado								-
Sem tratamento		7						7
Em branco					1			1
TOTAL	-	35	-	-	2	-	-	37

Quadro 6 – Técnicas de acabamento.

3.2.4. Conclusão

O sítio em questão, apesar da destruição verificada, revela algum interesse, sobretudo pela estrutura de habitat detectada, bem como pelo espólio cerâmico exumado caracterizado por uma diminuta quantidade, extrema fragmentação e grande simplicidade técnica factos que, no seu conjunto impedem de extrair conclusões fiáveis. No entanto, a forte presença de fabricos manuais e de torneado lento, e de cozeduras redutoras e irregulares, assim como a presença de um fragmento de tégula, levam-nos a atribuir uma cronologia imprecisa na Alta Idade Média para o conjunto que poderíamos enquadrar entre os séculos VI e VIII.

Por outro lado, a proximidade deste sítio arqueológico com os sítios Espinhaço 4, Espinhaço 5 e Espinhaço 11, habitats que se implantaram junto da mesma linha de água secundária, revela-se extremamente importante para uma tentativa/proposta de explicação do modelo de povoamento rural na região em questão no período que nos propomos a estudar.

3.3. Espinhaço II

3.3.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Espinhaço 11 foram efectuados em Junho de 1999¹⁴, no conjunto

das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campinho, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95274, habitat, de cronologia medieval.

As informações disponíveis indicavam que o local correspondia ao topo de uma pequena elevação, sobranceira a pequena linha de água, onde eram visíveis, à superfície e em pequena área, restos de cerâmica de construção (telha grossa) e pouco material, dispersos por cerca de 150 m² (SILVA, 1996).

Na fase de prospecção/reavaliação do sítio, observaram-se à superfície elementos pétreos de xisto e quartzo de dimensões variadas, além de alguma mas muito fragmentada cerâmica de construção, apontando para uma eventual existência de estruturas. Sublinhe-se que o terreno apresentava marcas constituídas por sulcos efectuados pelas lavras, um pouco por toda a elevação aplanada do local, localizado sobre um pequeno vale de uma linha de água sazonal. A vegetação era composta por montado disperso de azinho e algum pasto muito esparso.

¹⁴ Os trabalhos arqueológicos no sítio Espinhaço 4 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pilar Reis e Pedro Xavier, arqueólogos que asseguraram os trabalhos de campo; Vitória Valverde e Carlos Fona, licenciados em História; Danilo Pavone, desenhador de campo; António Garcia Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Carlos Picaró.

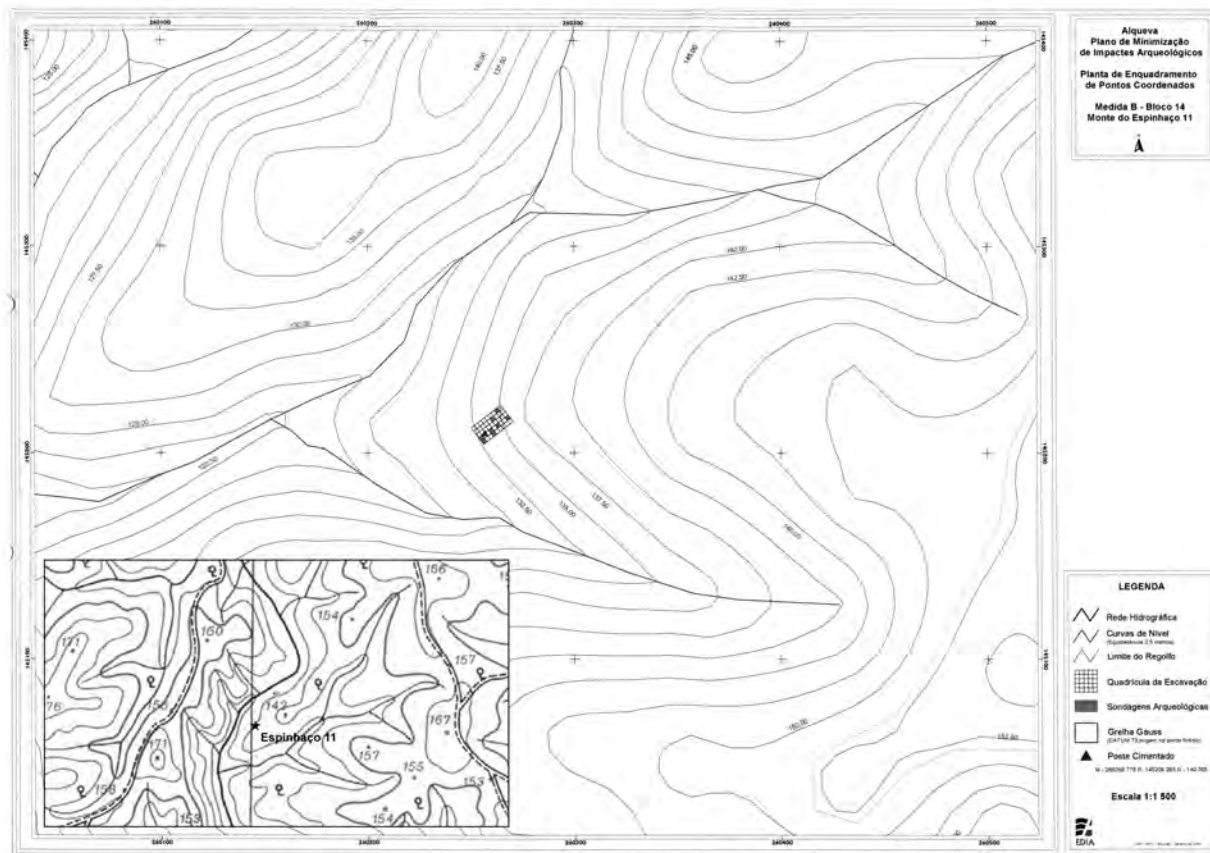


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

3.3.2. Trabalhos arqueológicos

O programa de trabalhos destacou a elaboração de sondagens arqueológicas nas áreas de maior concentração de materiais e de elementos pétreos, na tentativa de delimitação de estruturas eventualmente existentes. Para o efeito, foram implantadas cerca de quatro sondagens de 2x2 m e duas outras de 4x2 m, georreferenciadas à rede geodésica nacional.

3.3.2.1. Estratigrafia

Como acima referimos, a estratégia de intervenção tomou em consideração a pendente da plataforma e a zona de maior concentração dos materiais de superfície, onde foram escavadas seis sondagens que revelaram uma potência estratigráfica diminuta, com três unidades estratigráficas homogêneas de cerca de 10 a 20 cm de espessura no seu todo. Não foi detectado qualquer tipo de estrutura ou seu vestígio preservados,

e o espólio cerâmico encontrava-se muito fragmentado. Os trabalhos de lavoura parecem ter aqui afectado o sítio de forma total.

A seqüência estratigráfica apresentada nas seis sondagens estabelecidas foi a seguinte:

U.E. 1 – Terras castanhas escuras, com pedras de xisto e quartzo de pequena e média dimensão. Na Sondagem 3, apresentava um tom mais claro, com características menos homogêneas e na Sondagem 6 revelava grande concentração de blocos de quartzo.

U.E. 2 – Terras de cor castanha média, compactas e com alguns fragmentos de xisto e quartzo. Nas Sondagens 4 e 5 esta camada encontrava-se muito remexida, logo pouco compacta e homogênea. Na Sondagem 6 este estrato possuía um tom castanho-escuro, revolvido e com alguns fragmentos de xisto.

U.E. 3 – Afloramento xistoso, bastante fragmentado, sendo visíveis na Sondagem 6 as marcas dos sulcos da lavra.

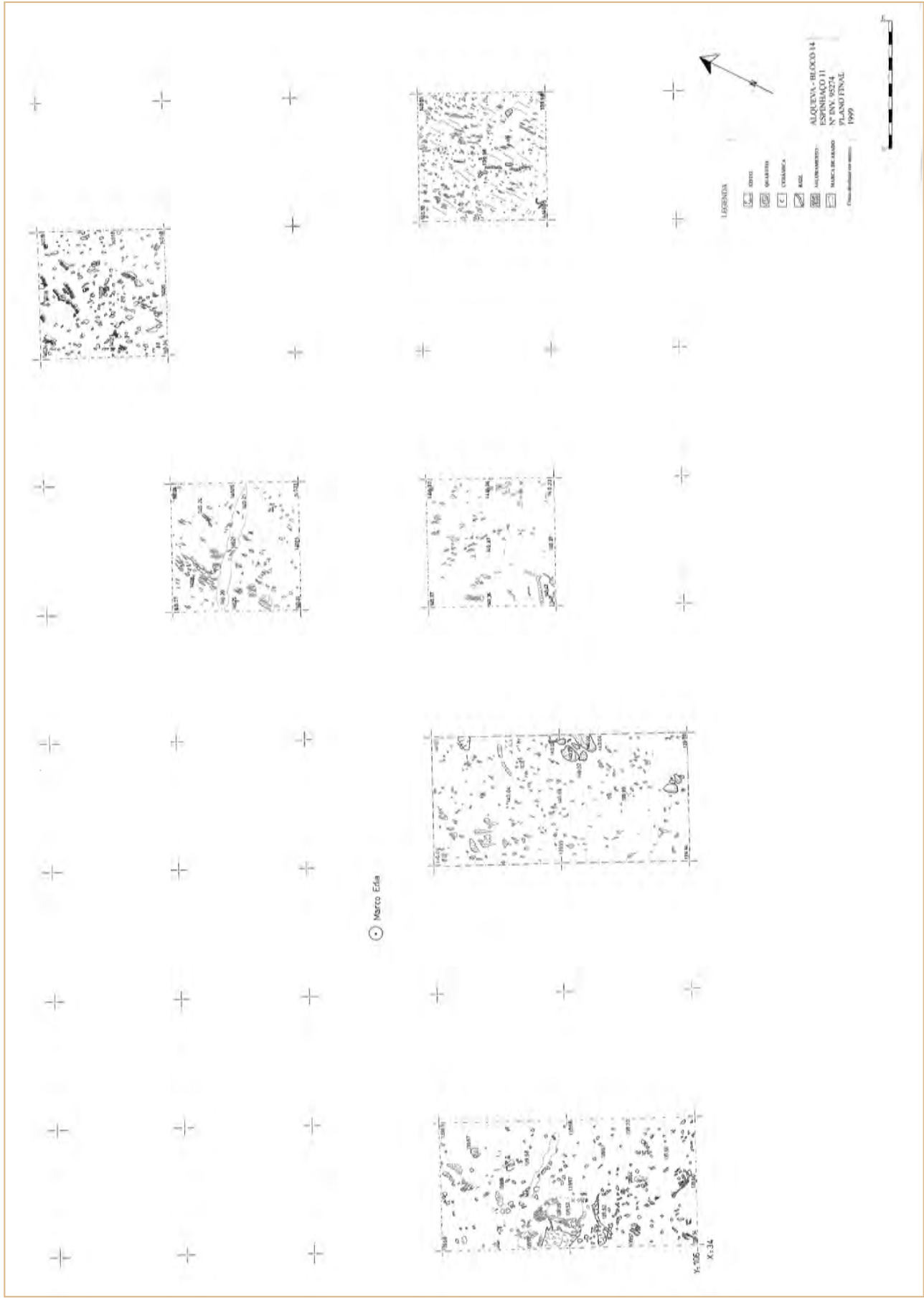


Fig. 2 – Planta geral final das sondagens intervencionadas.

3.3.3. Estudo do espólio

O material recolhido na estação Espinhaço 11 é quantitativamente diminuto, com um conjunto de entradas na base de dados na ordem dos 34 fragmentos cerâmicos (cerca de 16 reportando a materiais de construção, telhas, tijolos, etc.), correspondendo a um número mínimo de 18 indivíduos cerâmicos (ver quadro 1 e gráfico 1).

Na sua maioria foram recolhidos no nível [002] da Sondagem 4, (cerca de 66,66% indivíduos), existindo contudo materiais oriundos da U E [001] 33,33 (ver quadro 1).

O grau de fragmentação dos objectos é nitidamente elevado, o que condicionou sobremaneira a identificação formal das peças exumadas, salientando-se uma paupérrima percentagem de 11,11% de peças identificadas, correspondendo essencialmente a fragmentos de bojos/panças (88,88%) e bordos (11,11%).

Entre os grupos cerâmicos formalmente identificados destacam-se a cerâmica de armazenamento e transporte (11,11%), representado pelo pote, aqui de características similares aos grandes contentores de armazenamento com bordo ligeiramente extrovertido,



Fot. 1 – Vista para nordeste do enquadramento paisagístico do sítio durante a escavação. Sondagem 4 em primeiro plano.



Fot. 2 – Plano final da Sondagem 2.

que, dada a escassez de outras formas identificadas, assumimos como sendo a forma funcional individual mais abundante.

No que respeita às pastas (ver quadros 2 e 3), a maioria dos fragmentos cerâmicos encontra-se agrupada nos grupos de pastas denominados de G1 de textura granulosa, algo friável, de coloração oscilante entre o cinzento e o cinzento azulado (44,44%), F1 de textura igualmente granulosa, grosseira e arenosa, de coloração castanha ou castanho chocolate (33,33%) e C1 de texturas também granulosas, de coloração alaranjada (11,11%). Não obstante, está ainda representado, de forma residual (5,55%) um tipo de pasta H1 de textura granulosa e cor preta.

No que diz respeito aos elementos não plásticos, a esmagadora maioria dos objectos apresenta uma reduzida presença dos mesmos (94,45%), contraposto a uma taxa de 5,55% de média densidade. Tratava-se, na sua maior parte, de quartzo que aparecia isoladamente em metade das cerâmicas, seguido por uma combinação de quartzo e mica (38,88%). Com menor incidência, destacamos os elementos não plásticos de feldspato e mica em 5,55% e imperceptíveis em 5,55% (ver quadro 4).

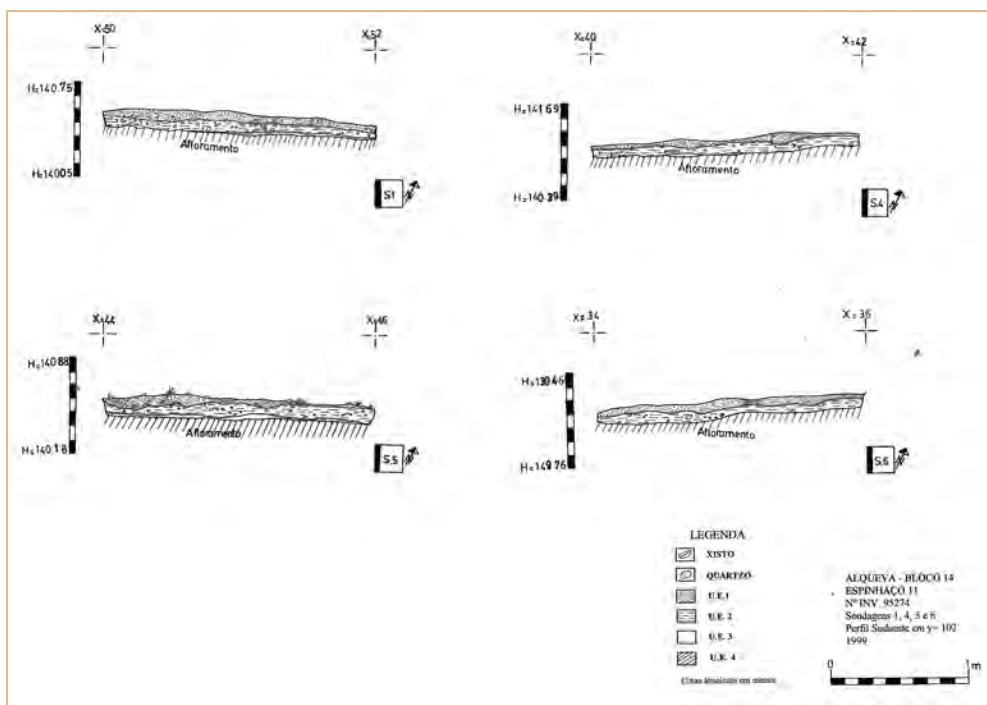
Excluindo o material de construção, o material cerâmico exumado foi, na sua maioria efectuado manualmente (66,66%), apesar de estarem patentes outras técnicas de fabrico como o torno rápido em cerca de 11,11% do material (ver quadro 5 e gráfico 2).

Cerca de 22,22% do vasilhame é ainda correspondente a produções de fabrico indeterminado. Neste quadro, os escassos conjuntos formais identificados (potes) enquadram-se no conjunto das produções manuais.

Cerca de 38,81% dos materiais recolhidos apresentam cozeduras em atmosfera redutora, verificando-se todavia, um claro equilíbrio em relação às cozeduras oxidantes com igual percentagem, não muito afastados da cozedura alternante em cerca de 22,22% dos objectos.

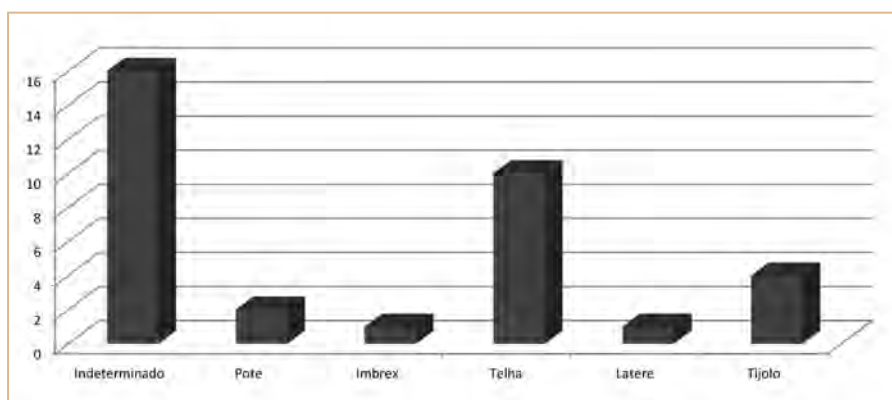
Observando o processo de fabrico e cozedura, verificamos existir, no quadro das produções manuais um ligeiro predomínio das cozeduras oxidantes (cerca de 33,33%, para 27,77% das cozeduras redutoras e 5,55% de cozeduras alternantes).

Em relação às técnicas de acabamento e tratamentos de superfície (ver quadro 6), a maior parte dos indivíduos apresentam um acabamento alisado combinado no interior e no exterior (88,88%), ocorrendo igualmente a presença de exemplares com alisamento interior e polimento exterior (11,11%) e com polimento interior e alisamento exterior (5,55%) nas formas de armazenamento.



FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA		
	1	2	Total
Indeterminado	4	12	16
Pote	2		2
Imbrex	1		1
Telha	5	5	10
Latere	1		1
Tijolo		4	4
TOTAL	13	21	34

Quadro I – Formas funcionais conservados em cada UE.



COR EXTERIOR	COR CENTRO							
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preta	TOTAL
Bege								-
Alaranjada		2				1		3
Vermelha								-
Rosada								-
Castanha					7	6	1	14
Cinzenta						1		1
Preta								-
TOTAL	-	2	-	-	7	8	1	18

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (Cor/Textura)											
	AI	BI	CI	C2	DI	EI	FI	F2	GI	HI	II	TOTAL
Indeterminado			2				5	1	7	1		16
Contentor									1			1
Contentor/pote							1					1
Imbrex				1								1
Telha			1		1		8					10
Latere							2					2
Tijolo							4					4
TOTAL	-	-	3	1	1	-	20	1	0	0	-	35

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura.

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)							
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preta	TOTAL
Quartzo mica					2			2
Quartzo xisto					1			1
Mica					3			3
Feldspato mica		1			4			5
Feldspato quartzo mica		2			1	1		4
Xisto min ferrosos					1			1
Feldspato biotite quartzo leitoso					1			1
Quartzo min ferrosos mica					1			1
TOTAL		3			14	1		18

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	6	1	5	12
Torno Lento				-
Torno Rápido	1		1	2
Indeterminado	1	2	1	4
TOTAL	8	3	7	18

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozedura (excluindo material de construção).

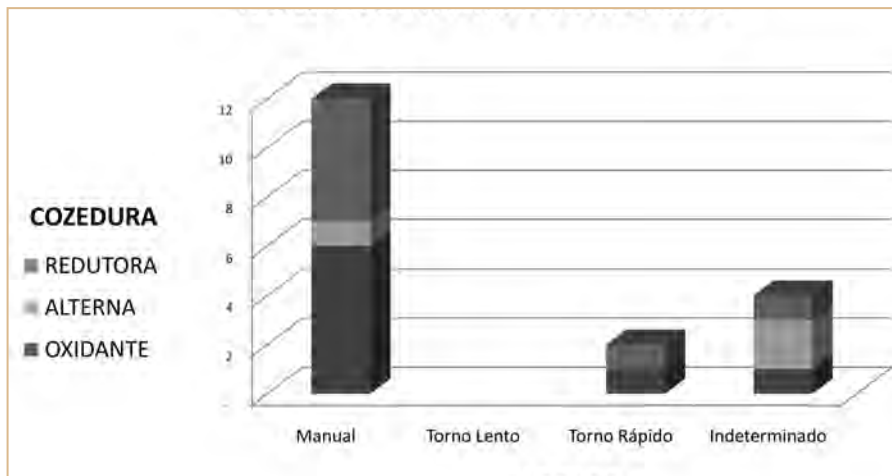


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR							TOTAL
	Grosseiro	Alisado	Polido	Espatulado	Brunido	Sem tratamento	Em branco	
Grosseiro								-
Alisado		13	2					15
Polido		1						1
Espatulado								-
Brunido								-
Engobado								-
Sem tratamento		1						1
Em branco							1	1
TOTAL	-	15	2	-	-	-	0	18

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO EXTERIOR						TOTAL
	Caneluras	Excisão	Incisão	Aplicações plásticas	Ornatos brunidos	Não dec.	
Indeterminado						16	16
Pote					1	1	2
TOTAL	-	-	-	-	1	17	18

Quadro 7 – Técnicas ornamentais (excluindo material de construção).

Em particular este último grupo, com utilização do polimento combinado com alisamento, apresenta uma decoração brunida em linhas diagonais 5,55% (exterior), reportando contudo à escassez da presença das temáticas decorativas no vasilhame de Espinhaço 11. Trata-se de um índice de decoração muito baixo, com cerca de 5,55% do total de peças (ver quadro 7).

Como no caso do Espinhaço 7, a escassez do espólio cerâmico impede tirar conclusões fiáveis. No entanto, as características técnicas do conjunto permitem descrevê-lo como o espólio de um grupo camponês da Alta Idade Média com reduzidas relações com meios urbanos.

Fig. 4
Peça
(016)0004.



Fot. 3 – Peça (016)0004.

3.3.4. Conclusão

As práticas agrícolas com lavras dos solos até à rocha base levaram-nos a constatar que da existência de um habitat, somente restava o material que eventualmente constituiu os muros da estrutura, como pedras em quartzo e xisto, e a cerâmica de construção constituída por fragmentos de telha.

Por estas razões não foi possível obter os dados mínimos para a sua caracterização embora possamos especular com uma cronologia imprecisa, situada na Alta Idade Média, apoiando-nos na elevada percentagem de fabricos manuais e de torneado lento.

3.4. Monte Roncanito 13

3.4.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Monte Roncanito 13 foram efectuados em Maio de 1999¹⁵, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95299, Habitat, de cronologia Medieval/Moderno.

Situado na margem esquerda do Rio Guadiana, o sítio Monte Roncanito 13 localizava-se na Herdade do Roncão, a escassos metros do Monte Roncanito, numa encosta suave de uma elevação virada a um pequeno vale de uma linha de água sazonal. A sua localização, relativamente à área envolvente, permitia um relativo domínio da paisagem.

Na fase de prospecção/avaliação o local encontrava-se coberto de estevas e vegetação arbustiva, observando-se apenas escassos fragmentos de cerâmica de construção e comum, numa área de cerca de 150 m² e algumas pedras de xisto e quartzo de calibre diverso.

¹⁵ Os trabalhos arqueológicos no sítio foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Danilo Pavone, desenhador; Vitória Valverde, estagiária; António Cristino, trabalhador indiferenciado. Topografia de Armando Guerreiro.

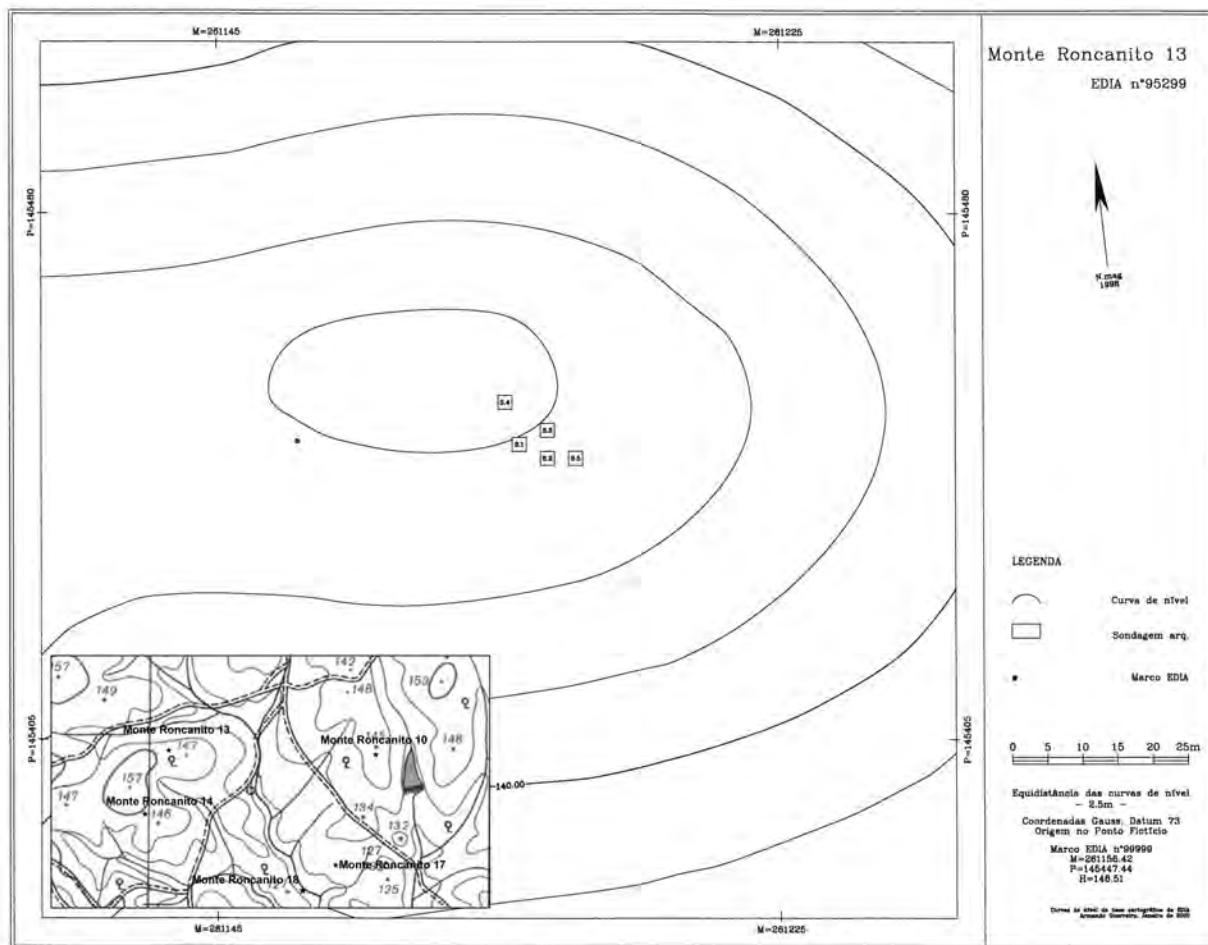


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

3.4.2. Trabalhos arqueológicos

Foi estabelecido um programa de trabalhos a fim de avaliar o potencial arqueológico do local e aferir da presença de níveis e estruturas arqueológicas preservados mediante a elaboração de sondagens arqueológicas. Foram efectuadas cinco sondagens de 2x2 m, georreferenciadas à Rede Geodésica Nacional.

3.4.2.1. Estratigrafia

Em seguida é apresentada a estratigrafia das sondagens efectuadas, segundo a ordem de intervenção.

3.4.2.1.1. Sondagem 2

U.E. 1 – Terras castanhas, não muito escuras, soltas, com cerca de 2 cm de espessura.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, algo compactadas, com relativa concentração de pequenas pedras de xisto, com cerca de 10/15 cm de espessura.

U.E. 3 – Bolsa de terras castanhas avermelhadas com cerca de 30 cm de diâmetro, argilosas e muito compactadas, com grande concentração de cerâmica na sua composição.

U.E. 4 – Corresponde ao afloramento xistoso de base.

3.4.2.1.2. Sondagem 3

U.E. 1 – Terras castanhas não muito escuras, soltas, cobertas por vegetação rasteira, com cerca de 2 cm de espessura. Igual às U.E. 1 das restantes sondagens.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, algo compactadas, com relativa concentração de pequenas pedras de xisto, bem como numerosos fragmentos de cerâmica

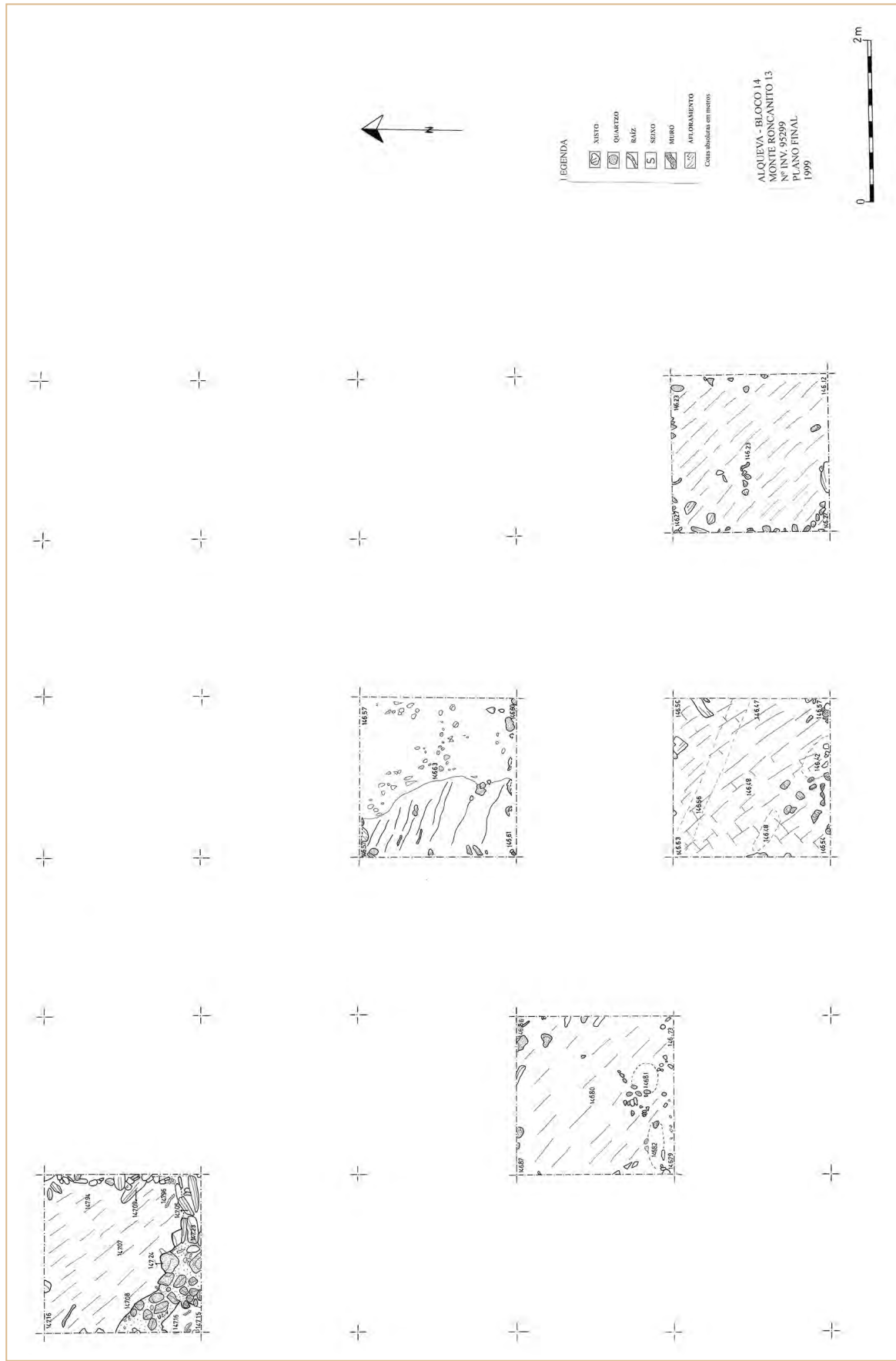


Fig. 2 – Planta geral final das sondagens interencionadas.

de construção, com cerca de 10/15 cm de espessura. Idêntica à U.E. 2 das Sondagens 2, 5, 1 e 4.

U.E. 3 – Terras castanhas amareladas, muito compactadas, com grande concentração de cerâmica de construção na sua composição, algo semelhantes à U.E. 3 da Sondagem 2.

U.E. 4 – Corresponde ao afloramento xistoso de base, que apresentava bastantes veios de quartzo. Refira-se a presença de marcas, provavelmente provocadas pela intensa actividade agrícola.

3.4.2.1.3. Sondagem 5

U.E. 1 – Terras castanhas não muito escuras, soltas e com bastantes pedras de xisto e quartzo de médio e grande calibre.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, algo compactadas, com relativa concentração de pequenas pedras de xisto, com cerca de 10/15 cm de espessura.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso que apresentou, tal como nas anteriores sondagens marcas da actividade agrícola.

3.4.2.1.4. Sondagem 1

U.E. 1 – Terras castanhas não muito escuras, soltas, cobertas por vegetação rasteira.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, algo compactadas, com relativa concentração de pequenas pedras de xisto.

U.E. 3 – Terras alaranjadas, bastante compactadas, quase sem fragmentos de xisto e com relativa concentração de cerâmica de construção na sua composição.

U.E. 4 – Corresponde ao afloramento xistoso.



Fot. 1 – Sondagem 4, U.E. 3.

3.4.2.1.5. Sondagem 4

U.E. 1 – Terras castanhas não muito escuras, soltas, cobertas por vegetação rasteira.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, algo compactadas, com relativa concentração de pedras de xisto de calibre diverso.

U.E. 3 – Terras semelhantes às da U.E. 2, embora mais soltas, com grande concentração de pedras de xisto de calibre diverso.

U.E. 4 – Terras castanhas amareladas, muito compactadas, sem fragmentos de xisto na sua composição.

U.E. 5 – Corresponde ao afloramento xistoso.

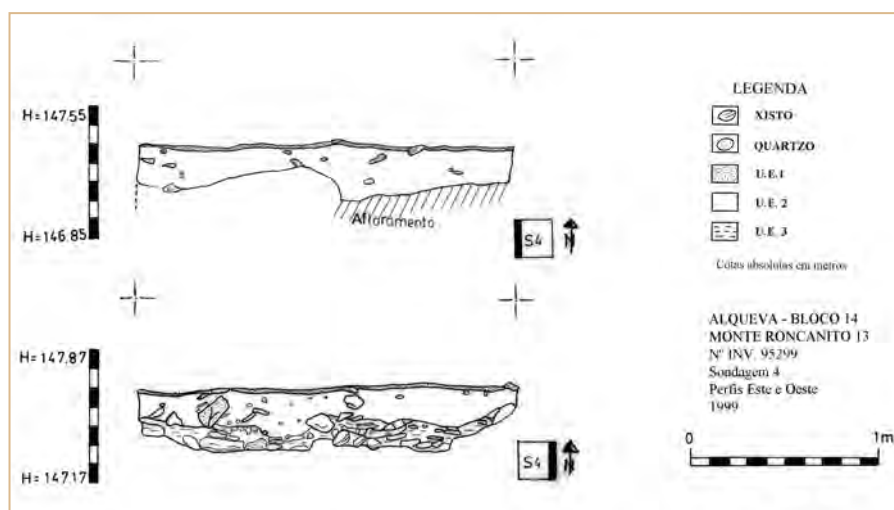
3.4.2.2. Interpretação

A estratigrafia observada nas sondagens executadas leva-nos a atestar, antes de mais, o elevado grau de destruição do sítio arqueológico, com as marcas da lavra mecânica definidas no afloramento rochoso um pouco por todas as sondagens efectuadas, e a condicionar uma leitura precisa das realidades estratigráficas observadas.

Não obstante, a continuidade estratigráfica da U.E. 2, detectada em praticamente todas as sondagens, com a presença constante de materiais cerâmicos, elementos pétreos e a homogeneidade do próprio estrato, parecem apontar para um eventual nível de destruição de um pequeno habitat, atestado pelos vestígios residuais de uma estrutura identificada na Sondagem 4. Nesta sondagem, foram identificados diversos blocos de xisto e quartzo bem como alguns fragmentos de cerâmica de construção que constituíam o nível de destruição detectado e cuja desmontagem permitiu observar um pequeno troço de um muro (estrutura I) de orientação este/oeste, efectuado em blocos de quartzo de médio e pequeno calibre, imbricados e colmatados com terra argilosa, muito danificado. Conservava-se no limite sul da sondagem onde se encontrava uma árvore, cujas raízes impediram a sua destruição e assentava directamente sobre o afloramento rochoso, apresentando uma espessura de cerca de 0,70 m.

Sublinhe-se ainda, na Sondagem 2, o estrato designado como U.E. 2, interpretado então como os restos de um possível pavimento ou revestimento que assentava directamente sobre o afloramento rochoso. Apesar da exiguidade dos vestígios, o tipo de estrato argiloso e a diversidade do espólio cerâmico a ele associado, reforçam esta ideia.

Fig. 3 – Sondagem 4, perfis estratigráficos.



3.4.3. Estudo do espólio

No sítio Monte Roncanito 13 os artefactos recolhidos foram pouco numerosos. Registam-se 128 entradas na base de dados, a maior parte das quais, 121 fragmentos, correspondem a materiais cerâmicos que se agrupam num número mínimo de 103 indivíduos, dos quais 20 são materiais de construção.

A distribuição dos materiais na sucinta estratigrafia (ver quadro 1) concentra a maior parte dos artefactos (69%) na U.E. 2. No nível mais superficial (U.E. 1) encontramos apenas fragmentos de telhas (14%), sendo que na U.E. 3 a incidência de materiais é igualmente baixa (17%), tratando-se de recipientes indeterminados.

FORMAS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS			
	1	2	3	Total
Indeterminado		50	14	64
Talha		3	1	4
Pote		2		2
Cincho		1		1
Panela		6		6
Pote/panela		1	1	2
Vaso carenado		1		1
Jarro		1		1
Taça		1	1	2
Telha	14	5	1	20
TOTAL	14	71	18	103

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

O grau de fragmentação dos objectos é muito elevado. Não se conserva nenhum perfil completo, sendo a esmagadora maioria fragmentos de pança de recipiente (78,31%). Aproximadamente 10,84% corresponde a fragmentos de bordo, 7,23% a bases, 2,41% a asas e 1,20% a gargalo. Visto o elevado grau de fragmentação e a abundância de elementos de pança incaracterísticos, é lógico que a forma funcional não tenha sido identificada em mais de metade dos objectos (62,14%).

Entre os objectos identificados (37,86% dos indivíduos), 20 fragmentos, mais de metade (51,28%), correspondem a materiais de construção (telha) tratando-se de um 19,42% de todos materiais cerâmicos recolhidos. Os objectos cerâmicos não construtivos totalizam 19 fragmentos, que apenas representam um 18,45% dos indivíduos inventariados (ver quadro 1 e gráfico 1).

Se excluirmos os materiais de construção, o grupo melhor representado é a cerâmica de cozinha seguida do grupo dos objectos de armazenamento e transporte. No que diz respeito a este último conjunto, encontramos 4 fragmentos de talhas (21,05%) e dois de potes (10,53%). A forma funcional individual mais abundante é a panela (42,12%) que, junto a um fragmento de cincho, configura a loiça de cozinha. A loiça de mesa é reduzida: alguns fragmentos de taça (10,53%), de jarro e de vaso carenado (5,26% dos objectos identificados).

A fragmentação dos objectos dificulta a sua seriação tipológica, no entanto é possível reconhecer algumas formas de panela de perfil em S pouco pronunciada (fig. 4), que encontramos também na estação de Cabeçana 4, com paralelos datados do século

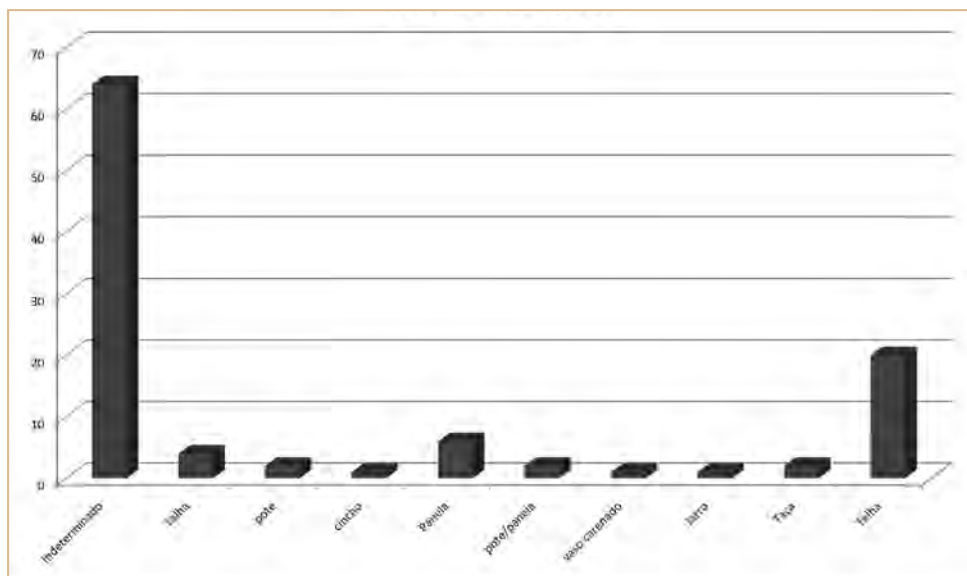


Gráfico I
Formas funcionais.



Fot. 2 – Peça (013)0044.



Fot. 3 – Peça (013)0005.

VI em Córdoba (FUERTES & HIDALGO, 2003: fig. 8 e 9) e em Perales del Río, Madrid (QUERO & MARTÍN, 1987: fig. 2.1), mas que, em Pozo Cañada, Mérida (HERAS & GILOTTE, 2008: fig. 9) e em El Gatillo e em Alcuéscar em Cáceres (CABALLERO & SÁEZ, 1999: 229 fig. 2 e 234-236), aparecem nos séculos VIII-IX.

O fragmento de cincho (fig. 4 e foto 4) assemelha-se a um outro fragmento encontrado na estação de Monte Roncanito 10, que datamos nos séculos IX-XI.

No que diz respeito às pastas (ver quadro 2), excluindo os materiais de construção, a maior parte dos objectos apresenta pastas castanhas 55,42%, sendo também abundantes as cerâmicas de pastas alaranjadas (18,07%) e cinzentas (12,05% do total do

vasilhame), São pouco abundantes as pastas de cores vermelha (8,43%), preta (3,61%) e bege (2,41%). Em consequência, predominam as pastas de tipo G1 e G2 (27,71% do vasilhame cada uma delas) que correspondem a barros cinzentos de textura compacta ou lamínosa respectivamente, e as de tipo F1 (20,48%) e F2 (6,02%) de cor castanha e textura granulosa ou compacta respectivamente (ver quadro 3).

Pelo que respeita aos elementos não plásticos (ver quadro 4), a combinação mais frequente é de mica e quartzo (30,12%), predominantemente castanhas, seguida da combinação de quartzo e concreções ferrosas (19,28%) e do feldspato (16,87%) e o quartzo (13,25%) isolados. Pouco representadas encontram-se as combinações de feldspato, mica e xisto (9,64%) e feldspato e

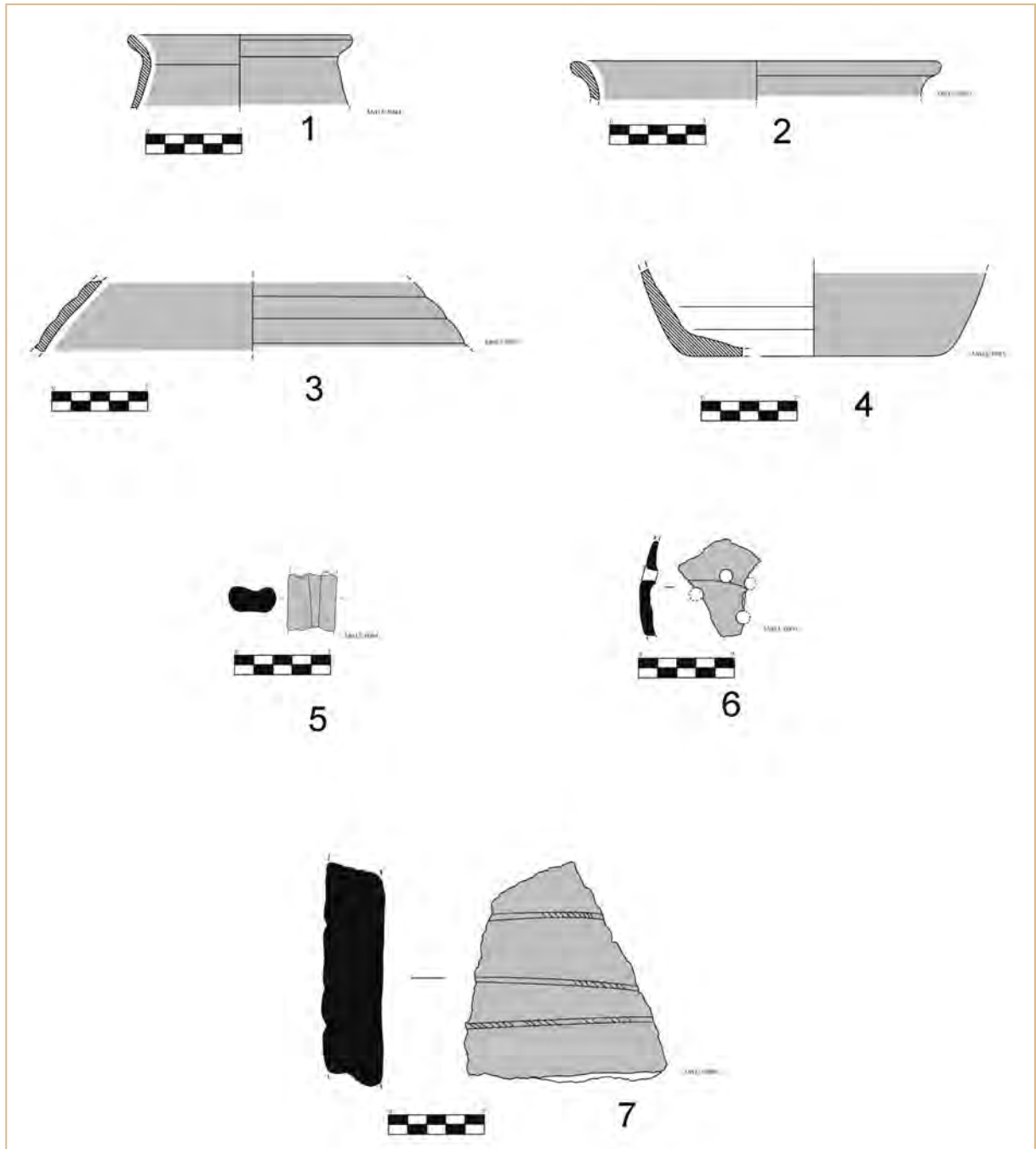


Fig. 4 – Principais peças.



Fot. 4 – Peça (013)0004.

COR EXTERIOR	COR CENTRO							TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preta	
Bege	2							2
Alaranjada		1			2	12		15
Vermelha			5			2		7
Rosada								-
Castanha					17	25	4	46
Cinzenta					1	8	1	10
Preta					2		1	3
TOTAL	2	1	5	-	22	47	6	83

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)															TOTAL
	AI	BI	CI	DI	EI	E2	E3	FI	F2	GI	G2	G3	HI	H2	II	
Indeterminado		1	1			2	1	14	3	21	16	1	3	1		64
Pote														2		2
Panela								2			4					6
Talha							2			2						4
Pote/panela									1		1					2
Cincho								1								1
Jarro									1							1
Vaso carenado											1					1
Taça	1										1					2
TOTAL	1	1	1	-	-	2	3	17	5	23	23	1	3	3		83

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

mica. No que diz respeito à densidade dos elementos não plásticos, há um certo equilíbrio entre as pastas com poucos elementos não plásticos (38,55%), com uma presença média de ENP (37,35%) e com abundantes (24,10%). Com respeito ao seu tamanho, as pastas com ENP pequenos e médios (56,23%) são as mais abundantes, seguidas das que possuem ENP pequenos, médios e grandes (2,516%) e pequenos (16,87%). Se combinamos as duas variáveis encontramos que o grupo mais volumoso é o que apresenta elementos plásticos de tamanho pequeno e médio, e densidade média (24,48%) ou pequena (18,07%). São também significativas as pastas com poucos elementos plásticos de pequena dimensão (12,05%), e as que possuem abundantes ENP de média e pequena dimensão (13,25%).

Se excluirmos o material de construção, o vasilhame cerâmico foi na sua maior parte modelado com torneado rápido (66,27%, ver quadro 5 e gráfico 2), embora a percentagem seja muito baixa quando comparada com outras estações do mesmo período de carácter urbano. Cerca de 26,51% das cerâmicas foram fabricadas com torneado lento ou torneta, e manualmente 7,23% dos recipientes, sendo que as talhas fo-

ram executadas recorrendo à técnica do rolinho (4,82% do conjunto do vasilhame). A maior parte dos objectos (61,45% dos recipientes) foi cozida em atmosfera redutora enquanto 27,71% do vasilhame recebeu uma cozedura oxidante e em apenas 10,84% dos objectos alternou a oxidação e a redução.

Se analisamos a combinação de cozedura e técnica de fabrico, o grupo mais representado é o caracterizado por uma cozedura redutora e fabrico com torno rápido (42,17% do vasilhame) seguido do conjunto de vasilhas oxidantes fabricadas com torno rápido e redutoras fabricadas a torno lento (16,87% ambas).

No que diz respeito às técnicas de acabamento (ver quadro 6), a maioria dos indivíduos recebeu um tratamento de simples alisamento tanto no interior como no exterior (95,18% dos recipientes). Numa percentagem diminuta encontramos situações em que o alisamento foi substituído no exterior por um tratamento mais grosseiro ou polido, e no interior por brunido. São igualmente diminutas as percentagens de peças com tratamento grosseiro em ambas faces (um único caso representando cada uma destas variantes, isto é 1,20% do vasilhame).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (INTERIOR)							TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preta	
Feldspato			1		12	1		14
Quartzo mica		4	5		13	3		25
Quartzo		2	2		6	1		11
Feldspato e mica		1	1		2			4
Feldspato xisto		1						1
Mica					2			2
Quartzo concreções ferrosas		2	2		6	1		11
Imperceptíveis	2	3	1		2			7
Feldspato mica xisto		1	1		5	1		8
TOTAL	2	14	12	-	48	7	-	83

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	1		1	2
Torno Lento	5	3	14	22
Torno Rápido	14	6	35	55
Rolo	3		1	4
Molde (mat. construção)	15	1	4	20
TOTAL	38	10	55	103

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozedura.

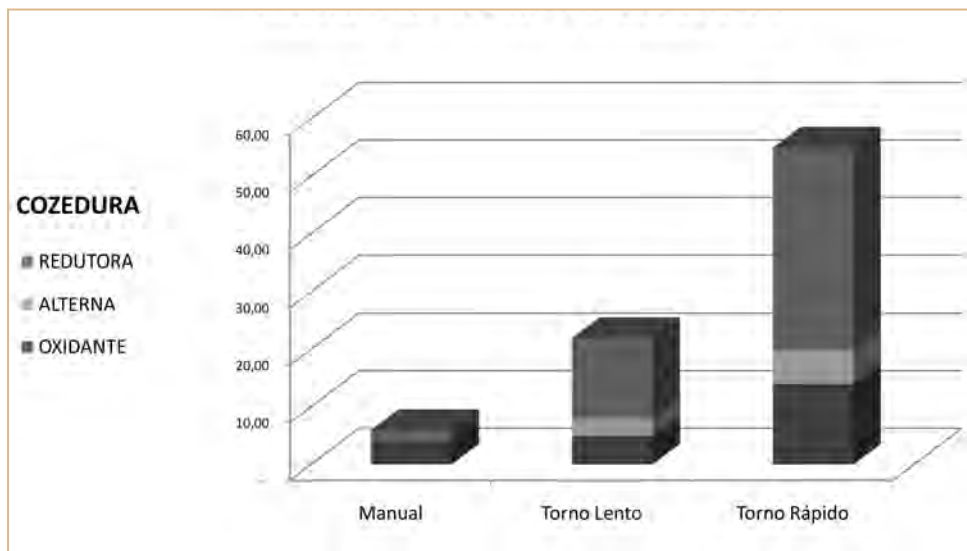


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozedura.

INTERIOR	EXTERIOR						TOTAL
	Grosseiro	Alisado	Polido	Espatulado	Brunido	Engobado	
Grosseiro							-
Alisado	1	66	1				68
Polido							-
Espatulado							-
Brunido		1					1
Engobado							-
Sem superfície	1						1
Sem tratamento		13					13
Vidrado							-
TOTAL	2	80	1	-	-	-	83

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

FORMA FUNCIONAL	DECORAÇÃO EXTERIOR								TOTAL
	Caneluras	Excisão	Incisão	Impressão	Roletado	Digitações	Aplicações plásticas	Não dec.	
Indeterminado								64	64
Cincho								1	1
Talha				2				2	4
Vaso carenado			1						1
Pote								2	2
Panela	1							5	6
Pote/panela								2	2
Jarro								1	1
Taça								2	2
Telha								20	20
TOTAL	1	-	1	2	-	-	-	99	103

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.



Fot. 5 – Peça (013)0080.

É muito reduzido o número de objectos decorados (ver quadro 7), apenas quatro recipientes (4,82% do vasilhame) dos quais alguns são duvidosos como é o caso das duas talhas com três fiadas paralelas de impressão a corda que poderia não ser mais do que a marca de uma estratégia de fabrico na qual a corda destinava-se a evitar que o recipiente abrisse quando o barro ainda estava verde, antes da sua cozedura. Uma panela apresentava simples caneluras, e um vaso carenado incisões diagonais em banda.

Em resumo, trata-se do espólio habitual numa comunidade rural da Alta Idade Média, executado na sua maior parte com técnicas toscas, próprias de fabricos locais e com um reportório funcional adaptado às necessidades de armazenamento e transformação dos alimentos do grupo camponês.

3.4.4. Conclusão

O sítio em questão, apesar da destruição verificada, revela algum interesse arqueológico, não só pelo espólio cerâmico exumado, mas igualmente pela estrutura pétrea detectada.

Podemos apontar uma cronologia da transição entre a Antiguidade Tardia e o período islâmico, possivelmente centrada à volta dos séculos VIII-IX, de uma comunidade rural com reduzidas relações de intercâmbio com os meios urbanos mais próximos.

Por outro lado, a proximidade deste sítio com o sítio do Monte Roncanito 14, leva-nos a suspeitar de um efectivo núcleo de pequenos casais rurais, que apesar do grau de destruição, não deixam de ser importantes para uma tentativa/proposta de explicação do modelo de povoamento rural na região em questão na Alta Idade Média.

3.5. Monte Roncão 13

3.5.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio designado como Monte Roncão 13 foram efectuados em Julho de 1999¹⁶, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95386, como um habitat de cronologia medieval.

Situado na margem esquerda do Rio Guadiana, o sítio do Monte Roncão 13 localiza-se na Herdade de Ceuta, no topo de um cabeço sobranceiro a um caminho vicinal que atravessa a referida Herdade.

A sua localização, relativamente à área envolvente, permite um excelente domínio da paisagem e um fácil acesso ao Guadiana, do qual dista poucos metros, encontrando-se relativamente perto do actual Monte Roncão, a cerca de 200 m e dos sítios arqueológicos do Monte Roncão 10 e 12.

No reconhecimento do local observava-se, no topo da plataforma, um grande moroiço composto por muitas pedras de xisto e quartzo de calibre diverso, a par com inúmeros materiais cerâmicos de construção à superfície do terreno, confirmando as informações já compiladas sobre o sítio que referiam “No topo de pequena elevação, encontra-se à superfície muitas pedras juntas, cerâmica de construção (telha grossa) e comum, numa área de 200 m², talvez mais do que uma pequena casa” (SILVA, 1996).

¹⁶ Os trabalhos foram conduzidos pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Fernanda Sousa, arqueóloga; Danilo Pavone, desenhador; Vitória Valverde, estagiária; Carlos Fona, estagiário; Bruno Cintra, voluntário; António Cristino, José Rito, e José Sardinha, trabalhadores indiferenciados; Topografia de Carlos Picaró.

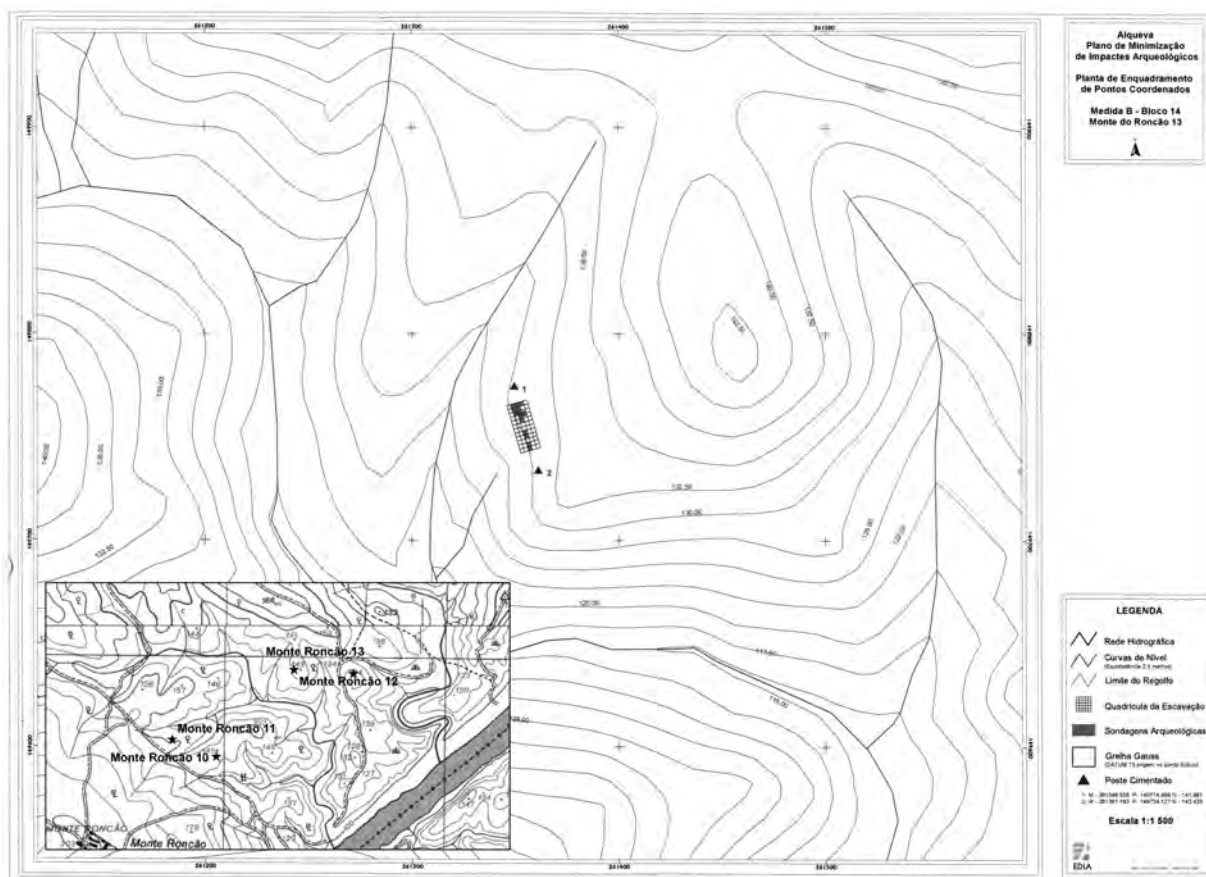


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.

3.5.2. Trabalhos arqueológicos

Após a limpeza do terreno, foi instalado o sistema de referência, a partir de um eixo orientado a noroeste, a partir do qual se marcaram as sondagens arqueológicas nas áreas de maior concentração de materiais à superfície. Foram inicialmente escavadas quatro sondagens de 2x4 m (Sondagens 1, 2, 3 e 4). Após a desmontagem de parte do moroiço, foram acrescentadas e intervencionadas cinco novas sondagens: uma Sondagem de 2x4 m (Sondagem 5) e quatro sondagens de 2x2 m (Sondagens 6, 7, 8 e 9).

3.5.2.1. Estratigrafia

3.5.2.1.1. Sondagem 1

U.E. 1 - Terras húmidas castanhas claras, soltas, com relativa concentração de pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, compactadas, com grande concentração de fragmentos de xisto e quartzo.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

A escavação da U.E.2 destacou um conjunto de pedras de xisto e quartzo que sugeriam um eventual nível de destruição de uma estrutura, com cerâmica de construção associada, que após a remoção deixou antever vestígios de um muro pétreo bastante destruído, formado por um pequeno alinhamento de pedras de xisto e quartzo no sentido este/oeste, com cerca de 2 m de comprimento, cerca de 0,40 m de espessura e um alçado conservado entre os 0,15 a 0,20 m, definido como Muro A.

A sua construção era efectuada com pedras de xisto e quartzo de médio calibre colmatadas com terra argilosa e apresentava as duas faces bem definidas, evidenciando dois espaços/ambientes distintos.

3.5.2.1.2. Sondagem 2

U.E. 1 – Terras húmidas castanhas claras, soltas,

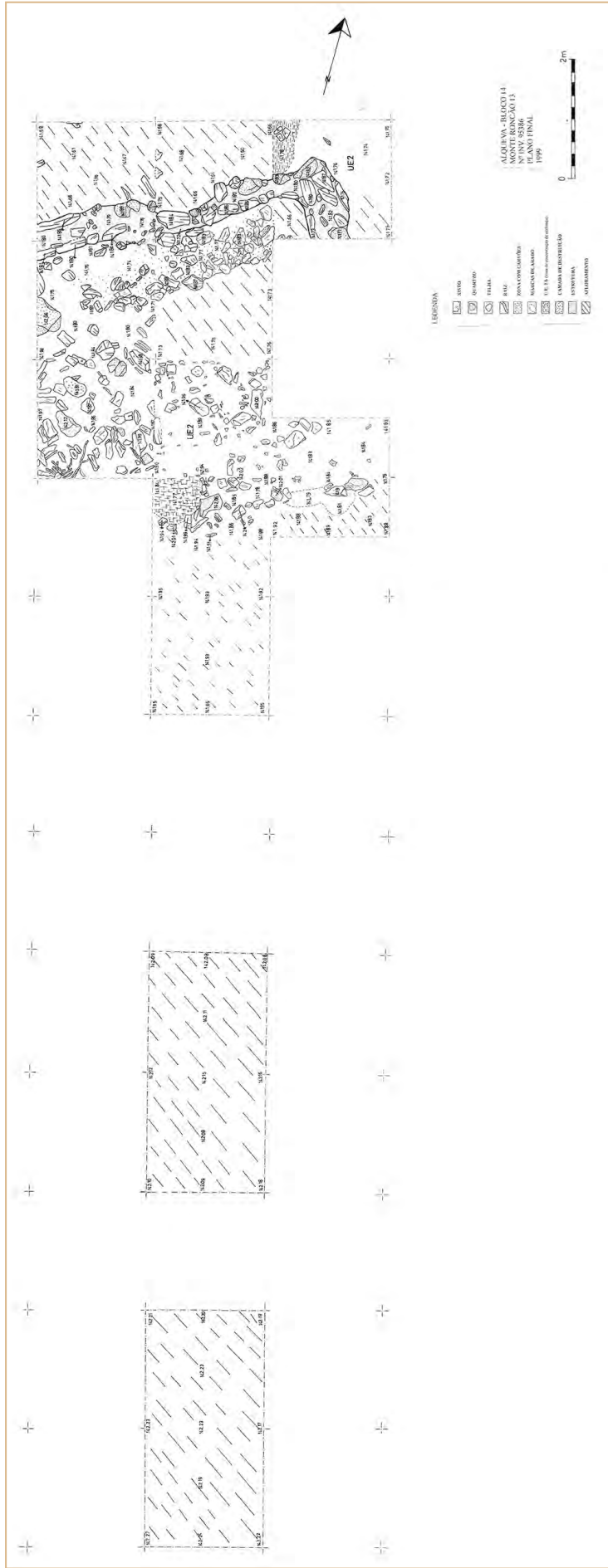


Fig.2 – Planta geral final das sondagens interencionadas.



Fot. 1 – Vista geral da área intervencionada para sudeste. Em primeiro plano o Muro A e os Ambientes 1 e 2.

com relativa concentração de pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, compactadas, com grande concentração de fragmentos de xisto e quartzo.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

U.E. 4 – Terras de cor castanha mais escura, compactadas e bem depuradas.

A escavação desta sondagem permitiu definir no seu limite nordeste vestígios de um outro muro também em quartzo e xisto. Com a escavação da U.E.2 foi detectado um conjunto de pedras de xisto imbricadas, preenchido com terras muito depuradas, a U.E.4, que sugeriam tratar-se, numa primeira fase de uma estrutura de combustão/lareira; a abertura da Sondagem 8 confirmou tratar-se de um outro muro paralelo ao Muro A da Sondagem 1, o Muro B, com a mesma orientação este/oeste. As terras da U.E.4 correspondiam, desta forma, a parte do enchimento do mesmo. A sua presença alinhada com o Muro A reforça a ideia dos dois espaços previamente já destacados na Sondagem 1, designados agora de ambientes: Ambiente 1, correspondente ao espaço limitado pelos Muros A e B, e Ambiente 2, definido pelo limite do Muro A, eventualmente uma área de exterior da estrutura arquitectónica.

Do espólio exumado, apenas se destacaram alguns elementos de cerâmica de construção.

3.5.2.1.3. Sondagens 3 e 4

U.E. 1 – Terras húmidas castanhas claras, soltas, com relativa concentração de pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, compactadas, com grande concentração de fragmentos de xisto e quartzo.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

A potência estratigráfica das Sondagens 3 e 4 foi

muito reduzida, não se observando quaisquer vestígios de estruturas ou espólio.

3.5.2.1.4. Sondagem 5

U.E. 1 – Terras húmidas castanhas claras, extremamente soltas e revolvidas pela desmontagem parcial do moroiço pétreo.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, soltas, com grande concentração de fragmentos de xisto e quartzo.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

A Sondagem 5 foi marcada após desmontagem parcial do enorme moroiço que se encontrava área oeste da estação, com o intuito de definir a continuação, a sudoeste, do Muro A da Sondagem 1. Com efeito, logo no limite sudoeste da sondagem destacou-se o nível de destruição das Sondagens 1 e 2, formado igualmente por grande concentração de blocos de xisto e quartzo de grandes dimensões, associados a quantidade bastante significativa de cerâmica de construção. Sob este, no quadrante sudoeste da sondagem, foi definido um alinhamento pétreo constituído por duas lajes de xisto alinhadas na direcção nordeste, constituíam parte do Muro B identificado na Sondagem 2.

3.5.2.1.5. Sondagem 6

U.E. 1 – Terras húmidas castanhas claras, extremamente soltas e revolvidas pela desmontagem parcial das pedras do moroiço.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, soltas, com grande concentração de fragmentos de xisto e quartzo e alguns carvões.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

Adossada à Sondagem 5, nesta sondagem definiu-se a continuação do Muro A para sudoeste, associado a uma grande concentração de cerâmica de construção, localizada no espaço que considerámos como sendo o exterior do Muro A, o Ambiente 2.



Fot. 2 – Sondagem 6, U.E. 2 e 3.

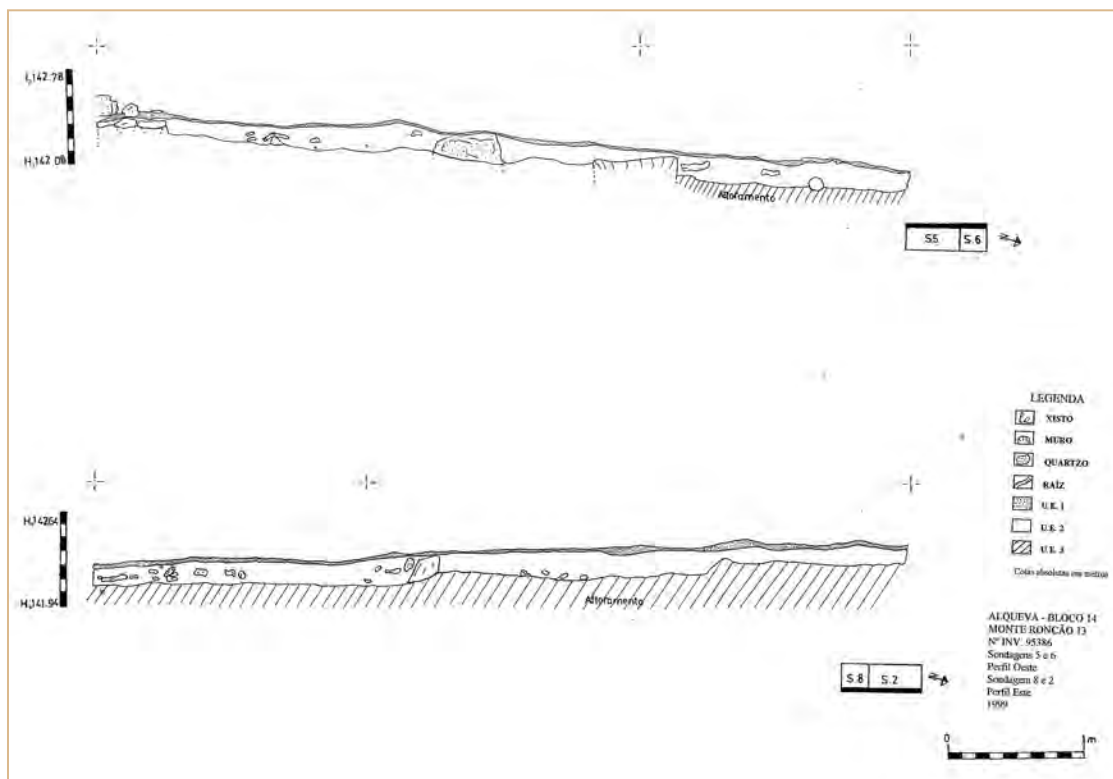


Fig. 3 – Perfis estratigráficos.

3.5.2.1.6. Sondagem 7

U.E. 1 – Terras húmidas castanhas claras, soltas, com relativa concentração de pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, compactadas, com grande concentração de fragmentos de xisto e quartzo.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

Com a escavação da U.E. 2 foi identificada a continuação do Muro A e o seu respectivo canto inflectido para Sudeste. Apesar de muito destruído, o seu alinhamento era claramente perceptível, encontrando-se, uma vez mais, associado a uma grande concentração de cerâmica de construção, localizada no espaço que considerámos como sendo o Ambiente 2, área exterior da estrutura.

3.5.2.1.7. Sondagem 8

A Sondagem 8 foi efectuada em área contígua à Sondagem 2, apresentando a mesma sequência estratigráfica e a continuação dos vestígios detectados na Sondagem 2, isto é, a continuação do Muro B para Norte, e o seu alinhamento paralelo com o Muro A, cujo enchimento era caracterizado pela U.E. 4.

3.5.2.1.8. Sondagem 9

U.E. 1 – Terras húmidas castanhas claras, soltas, com relativa concentração de pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, compactas, com grande concentração de fragmentos de xisto e quartzo.

U.E. 3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

A escavação desta sondagem, a norte das Sondagens 2 e 8, pretendia identificar o eventual prolongamento para norte do Muro B. A estratigrafia observada revelou-se muito alterada e foram poucos os vestígios da continuação deste muro. O facto de o afloramento rochoso estar muito superficial nesta zona, leva a crer que o muro terá sido completamente destruído pelos trabalhos agrícolas.

3.5.2.2. Interpretação

A escassa estratigrafia do local, aliada ao revolvimento e destruição causados pelos trabalhos agrícolas, inibiram uma leitura clara das estruturas observadas no sítio do Monte Roncão 13. Os vestígios observados corresponderam a restos de muros de construção em pedra de xisto e quartzo com terra argilosa, constituintes de

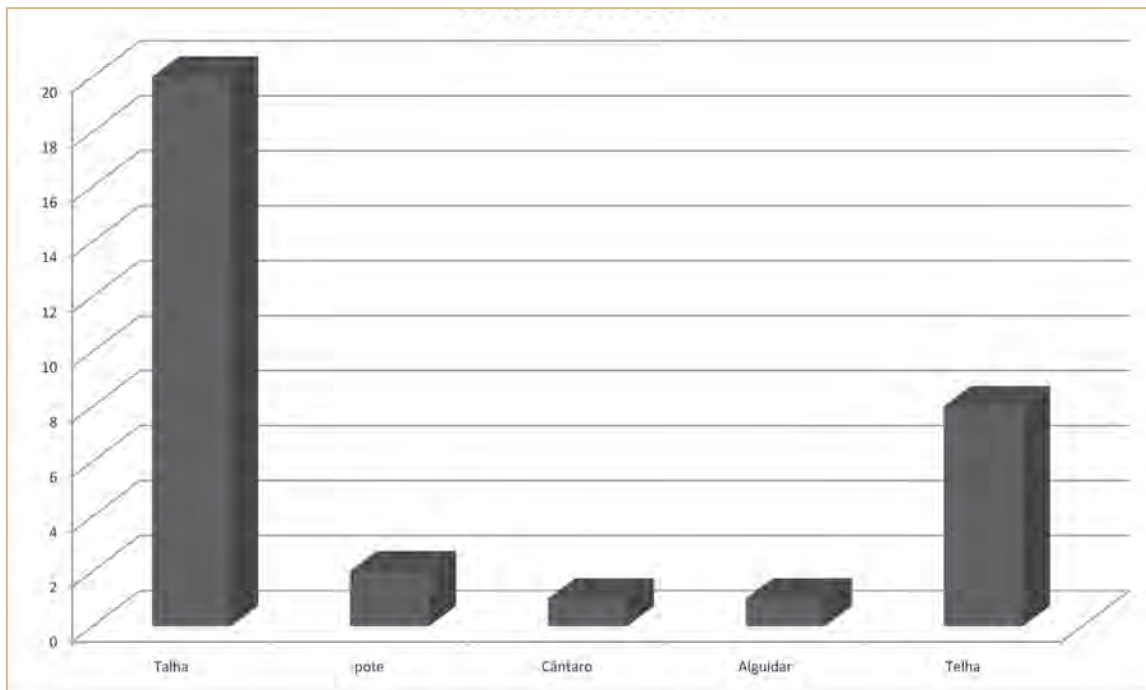


Gráfico I
Formas funcionais
conservadas.

um pequeno complexo rural. Este complexo, de planta ortogonal, ainda que pouco caracterizada, possuía um espaço marcadamente interior, Ambiente 1 e uma eventual área secundária, identificada como Ambiente 2.

O Ambiente 1, achava-se reforçado pela presença de um segundo muro, paralelo ao muro que delimitava a estrutura arquitectónica, que poderá ter funcionado como um reforço efectivo da estrutura inicial ou um embasamento mais forte, ou ainda apresentar um tipo de utilização coadunado ao apoio às actividades domésticas, como estrutura secundária do tipo banco ou poial, com amplos paralelos documentados na região.

Já o Ambiente 2, interpretado na fase de escavação como exterior da estrutura habitacional, apresentava abundância de material de construção, em zona contígua ao muro de limite da estrutura, que poderá corresponder ao derrube da cobertura/telhado do interior ou a uma possível área de logradouro da dita estrutura.

Em virtude da exiguidade dos vestígios, será o pouco espólio cerâmico recolhido o único *fóssil director* para podermos avançar para uma cronologia medieval do sítio.

FORMAS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS				
	0	1	2	2/3	Total
Talha	1		18	2	20
Pote			1	1	2
Cântaro				1	1
Alguidar				1	1
Telha				8	8
TOTAL	1	0	19	13	32

Quadro I – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

3.5.3. Estudo do espólio

Nesta estação os artefactos recolhidos foram muito pouco numerosos. Registaram-se 86 entradas na base de dados, a maior parte das quais, 84 fragmentos, correspondem a materiais cerâmicos e apenas duas a outro tipo de materiais. As cerâmicas, por sua vez, agrupam-se num número mínimo de 33 indivíduos, que, considerando os dados estatísticos infra indicados, devem ser tomados com muita precaução.

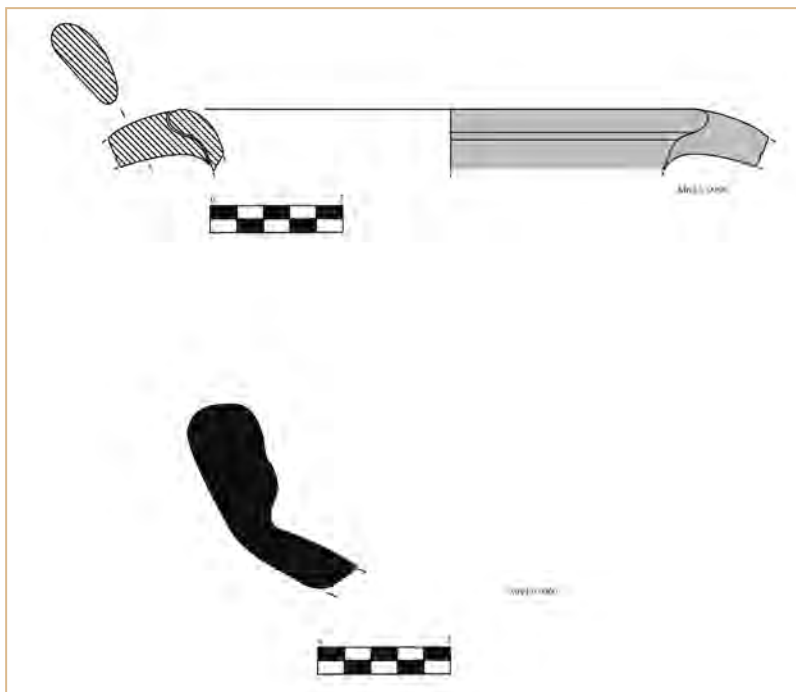
Os materiais encontravam-se distribuídos pelas distintas sondagens sem se registar uma concentração significativa em nenhuma delas. Estratigraficamente estavam concentrados na U.E. 2 (57,58%) onde apenas encontramos fragmentos de talha e na U.E. 2/3 (39,39%). Apenas um fragmento foi localizado à superfície (3,03%).

O seu grau de fragmentação é muito elevado. Não se conserva nenhum perfil completo, sendo a esmagadora maioria, fragmentos de pança de recipiente (mais de um 94%). Apenas encontramos dois fragmentos de bordo (8%). No entanto, pese ao elevado grau de fragmentação e a abundância de elementos de pança incaracterísticos, foi identificada a forma funcional de todos os objectos (ver quadro 1 e gráfico 1).

Dentro do conjunto, 8 indivíduos (24,2%) correspondem a materiais de construção (telha). Os objectos cerâmicos não construtivos totalizam 25 fragmentos, que representam 75,08% dos indivíduos inventariados. Estes valores são bem diferentes da situação descrita nas outras estações em estudo.

Se excluirmos os materiais de construção, o gru-

Fig. 4 – Principais peças.



po dos objectos de armazenamento e transporte é o melhor representado (96%), existindo apenas um alguidar do grupo da cerâmica de cozinha (4%, ver fig. 4, peça (021)0060).

A forma funcional individual mais abundante é a talha (84% dos recipientes) seguida do pote (6%) e do cântaro (4%, ver fig. 4 peça (021)0058). No entanto, não foi possível identificar a tipologia concreta de cada tipo.

No que diz respeito às pastas (ver quadro 2), praticamente todos os objectos apresentam pastas castanhas no exterior, e castanhas (16%) ou cinzentas no interior (84% do vasilhame). Portanto, tratam-se de pastas, na sua maior parte (76%), do tipo G2

(cinzentas compactas, ver quadro 3). A quase totalidade das peças (96% do vasilhame) apresenta quartzo feldspato e mica como elementos não plásticos (ver quadro 4), encontrando-se apenas um fragmento com a combinação de quartzo e mica (4%). Os elementos não plásticos na maior parte dos casos são abundantes (50%) ou de presença média (50%) e de tamanho pequeno e médio (44%) ou de todos os calibres (40%). Se combinamos as duas variáveis, verificamos que o grupo mais volumoso é o que apresenta elementos plásticos de todos os calibres, e densidade média (32%), tamanho pequeno e médio e densidade média (24%) ou grande (20%).

COR EXTERIOR	COR CENTRO								TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	Branco	
Bege									
Alaranjada									
Vermelha									
Rosada									
Castanha					4	21			25
Cinzenta									
Branco									
Melado									
Preto									
TOTAL					4	21			25

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS													
	AI	BI	CI	DI	EI	FI	F2	F3	F4	GI	G2	HI	II	TOTAL
Pote							1				1			2
Cântaro											1			1
Talha							1		1		19			21
Alguidar									1					1
TOTAL							2		2		21			25

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)							
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Branco	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Quartzo feldspato mica					24			24
Quartzo mica					1			1
TOTAL					25			25

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual			8	8
Torno Lento			14	14
Torno Rápido			2	2
Indeterminado			1	1
Molde (telhas)			8	8
TOTAL			33	33

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.



Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR		
	Alisado	Espatulado	TOTAL
Grosseiro	8		8
Alisado	19	1	20
Espatulado	2		2
Sem tratamento	3		3
TOTAL	32	1	33

Quadro 6 – Técnicas de acabamento.

Excluindo o material de construção, fabricado mediante molde, o vasilhame cerâmico foi modelado na maior parte dos casos com torneado lento (56%) embora a percentagem de fabrico manual é também muito alta (32%). Apenas dois fragmentos (8% do conjunto do vasilhame) foram fabricados com torno rápido (ver quadro 5 e gráfico 2). No que diz respeito à cozedura, esta é sempre redutora.

No que diz respeito as técnicas de acabamento (ver quadro 6), a maioria dos indivíduos recebeu um tratamento de simples alisamento tanto no interior como no exterior (88% dos recipientes). Numa percentagem diminuta encontramos situações em que o alisamento foi substituído por espatulado no interior (8%) ou no exterior (um único caso, isto é 4% do vasilhame). No que diz respeito à decoração, não encontramos nenhum fragmento decorado.

É difícil extrair conclusões fiáveis de um número tão reduzido de cerâmicas, no entanto, atendendo aos dados disponíveis, o conjunto caracteriza-se pela sua extrema pobreza. Tratam-se de produções de carácter local que utilizam barros da zona e técnicas simples. O reportório formal servia as necessidades de um grupo rural que utilizava essencialmente vasilhas que lhes permitissem armazenar os produtos agrícolas e água. A ausência de objectos destinados a ir ao fogo, especialmente panelas, pode dever-se ao acaso, mas podemos especular com a possibilidade de tratar-se de um espaço de ocupação sazonal, motivo pelo qual não se utilizariam em abundância objectos para a transformação de alimentos.

3.5.4. Conclusão

Pese embora o elevado grau de destruição do sítio, foi possível detectar estruturas de povoamento

bem organizadas, com construções que conformavam dois ambientes, um deles claramente interior complementado com um elemento de reforço estrutural ou de apoio tipo banco ou poial. O segundo ambiente, poderia tratar-se de uma estrutura semiaberta, tipo alpendre.

No que diz respeito à cronologia, não contamos com nenhum marcador significativo que permita datar o conjunto. A ausência destes marcadores obriga a recorrer apenas às características técnicas do espólio, que se assemelham a outros conjuntos da transição entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média tanto nas caracterização das pastas como das formas de modelado e cozedura, numa forquilha cronológica entre o século VII e X.

3.6. Monte Roncanito 10

3.6.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Monte Roncanito 10 foram efectuados em Outubro de 1998¹⁷, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95295, de cronologia medieval.

O sítio identificado na fase de prospecção/reavaliação, localizava-se no topo de uma pequena elevação

¹⁷ Os trabalhos arqueológicos no Monte Roncanito 10 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo. Carlos Silva, arqueólogo; Conceição Roque e Pedro Canto, assistentes de arqueólogo; Vitória Valverde e Carlos Fona, estagiários; António Garcia Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados; José Luis Neto, Alice Alves, voluntários.

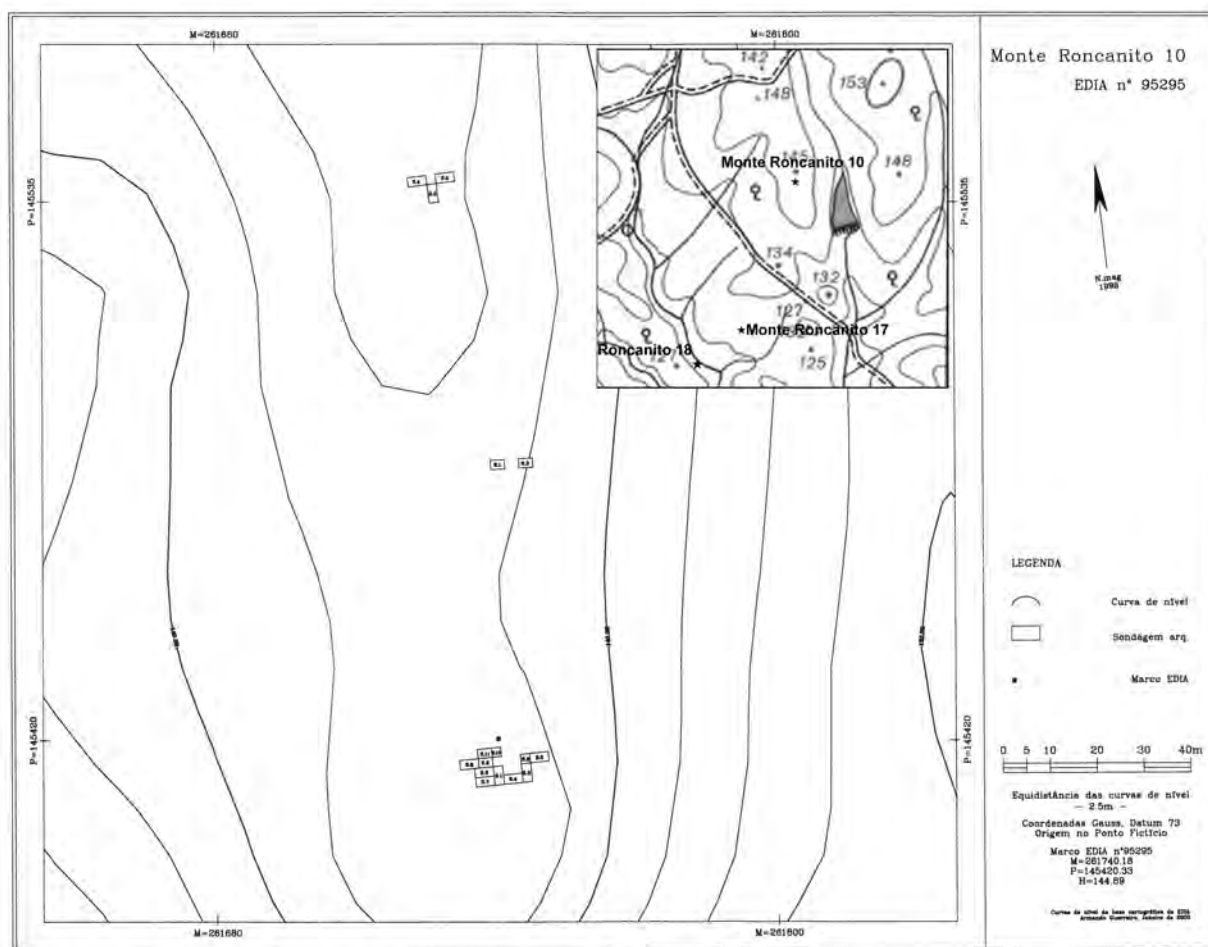


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

alongada a N, situada junto a um pequeno vale, detectando-se numa extensão de cerca de 150 m, uma grande quantidade de pedras de grandes dimensões, sobretudo xistos e quartzitos. Apesar de não se encontrarem vestígios de muros, a avaliação das plataformas onde a concentração de pedras era superior, tornava propícia a sua investigação. Foram assim delimitados três núcleos, onde se efectuou um conjunto de sondagens com o objectivo de avaliar e recolher dados que permitissem reconhecer o potencial arqueológico do local.

3.6.2. Trabalhos arqueológicos

No reconhecimento e reavaliação do sítio foi identificada a face de um muro escondido sob a vegetação, no topo do qual se encontrava o tronco cortado de uma árvore, estabelecendo-se um programa de sondagens condicionado pela delimitação e escavação de

parte das estruturas. Resultaram, assim, sondagens de dimensões diferenciadas de 2x2 m, 2x4 m e 2x3 m, estabelecidas em função dos alinhamentos das estruturas e georreferenciadas à rede geodésica nacional.

Apesar deste sítio ser referido a partida como um único, na área envolvente, foram identificados e interencionados simultaneamente três núcleos distintos, que, para efeitos de registo foram designados como Monte Roncanito 10, Monte Roncanito 10A e Monte Roncanito 10B.

O Monte Roncanito 10 correspondeu assim à zona de concentração de vestígios na zona central da elevação; o Monte Roncanito 10A ao núcleo a norte deste, distando cerca de 60 m e, por último, o Monte Roncanito 10B, ao conjunto de vestígios observado a cerca de 130 m do primeiro, igualmente a norte deste.

Passamos a descrever os trabalhos arqueológicos efectuados em cada núcleo.

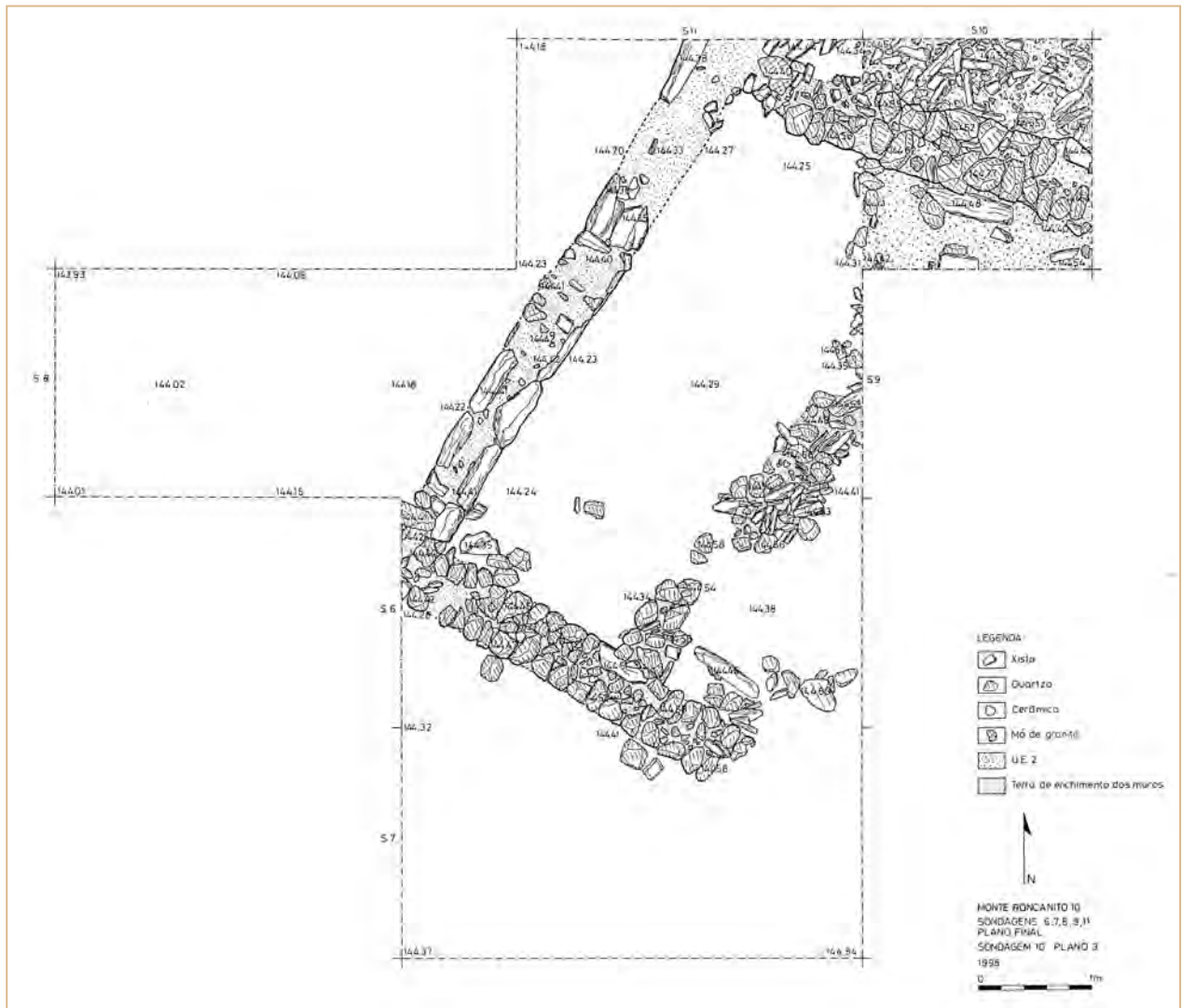


Fig. 2 – Plano final das estruturas exumadas no núcleo central.

3.6.2.1. Monte Roncanito 10

O Monte Roncanito 10 correspondeu ao núcleo central deste conjunto, na área de topo da plataforma aplanada, virada a norte. Foram aí estabelecidas cerca de 11 sondagens arqueológicas.

A potência estratigráfica revelou-se extremamente reduzida, atingindo no seu todo, cerca de 0,20 m. Compreendia basicamente três estratos: U.E.1, U.E.2 e U.E.3, reconhecidos na maioria das sondagens efectuadas.

3.6.2.1.1. Sondagens 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10 e 11

Inicialmente implantada numa área de grande concentração pétreo, a Sondagem 1 cedo revelou a presença de uma estrutura que obrigou, naturalmente,

ao alargamento da área de escavação para a sua caracterização. Foram, desta forma, implantadas sondagens contíguas à Sondagem 1, (Sondagens 4, 6, 7) que, em determinados quadrantes, obrigaram a novos alargamentos, determinando as Sondagens 8, 9, 10 e 11. Não obstante, a estratigrafia detectada nestas áreas manteve as mesmas características sedimentares, revelando algumas distinções ao nível da presença de elementos estruturais ou orgânicos:

U.E.1 – Camada vegetal de superfície composta por terra castanha escura humosa, solta com raízes e folhagem diversa. Registou-se igualmente a presença de pedras de xisto e quartzo de pequeno, médio e grande calibre.

U.E.2 – Nível de terras castanhas não muito escuras, compactas, com grande concentração de pedras de xisto de pequeno calibre. Com a sua decapagem, na

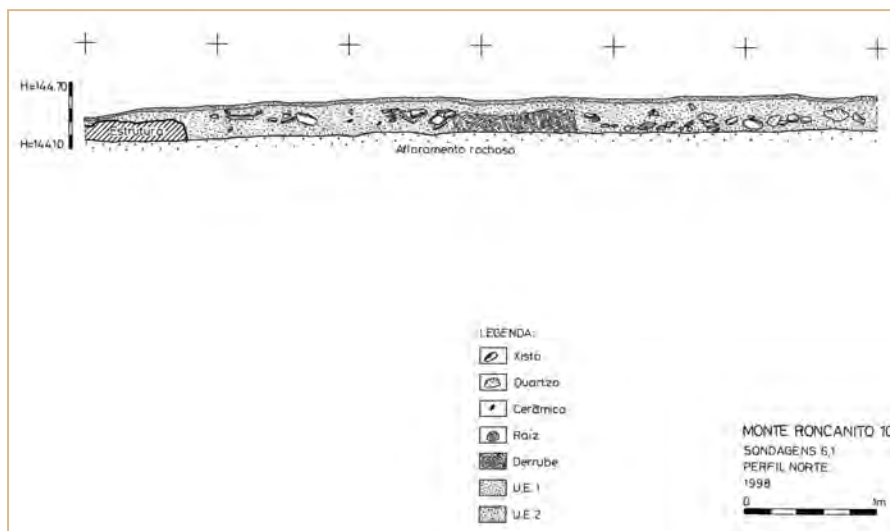


Fig. 3 – Perfil Norte das Sondagens 6 e I.

Sondagem 1, foram postas a descoberto várias pedras de quartzo e xisto no limite norte da sondagem, cuja disposição apontava para a presença de uma eventual estrutura (Estrutura I) orientada a noroeste.

A continuação dos trabalhos permitiu a completa definição das referidas pedras, visivelmente bem imbricadas e assentes nas falhas do afloramento.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

3.6.2.1.1.1. Interpretação

Como supra indicado, para uma caracterização da Estrutura I foi marcada a Sondagem 4, a sudeste da Sondagem 1. Aí constatou-se uma maior potência da U.E.2, cuja deposição acompanhava a inclinação natural do terreno, e que permitiu observar, no limite noroeste, algumas pedras de xisto e quartzo devidamente aparelhadas, que sugeriam a sua continuação.

No decorrer dos trabalhos de escavação até ao substrato rochoso, foi possível definir os vestígios da estrutura identificada que assentavam directamente nas falhas do afloramento xistoso. Sublinhe-se o grau de destruição desta mesma e a quase total ausência de espólio, por oposição às Sondagens 2 e 3.

A oeste da Sondagem 1 foi estabelecida a Sondagem 6, cuja U.E.2 possuía grande concentração de pedras de xisto e quartzo de pequeno e médio calibre que sugeriam um derrube, que após remoção, permitiu identificar, no limite nordeste da sondagem, o seguimento da estrutura identificada nas Sondagens 1 e 4 (Estruturas I e II).

A continuação dos trabalhos até ao afloramento, permitiu definir na íntegra um troço de muro formado



Fot. 1 – Monte Roncanito 10, vista geral para sul, com as Sondagens 10 e 11 em primeiro plano.



Fot. 2 – Monte Roncanito 10, vista geral para este, com a Sondagem 8 em primeiro plano.

por duas fiadas de pedras de quartzo de médio e grande calibre, com um enchimento de pequenas pedras de xisto e terra argilosa, que assentavam directamente sobre o afloramento. Apesar de se encontrar semi-des-

truído e com vestígios do seu derrube, observava-se a sua continuação para sudeste, onde unia a um outro troço identificado a noroeste (Muro II) e sudeste, respectivamente.

Tendo em vista a definição da estrutura I a sudeste, foi marcada a Sondagem 7, a sul da Sondagem 6 e a oeste da Sondagem 1. Aqui também se destacou a continuação do derrube pétreo já identificado na Sondagem 6 e a definição da estrutura/muro (Muro III), que mantinha as mesmas características mas que se interrompia, subitamente, no limite noroeste da sondagem. Os trabalhos agrícolas parecem ser a causa aparente desta destruição/interrupção.

Com as Sondagens 8, 9, 10 e 11 obteve-se uma melhor definição da continuação da Estrutura I para noroeste. A U.E.2 apresentava, aqui, menos materiais pétreos, cobria a continuação da Estrutura I (Muro III) e do seu fecho (Muro IV), bem como do Muro II, já anteriormente identificado na Sondagem 6, que se encontrava muito destruído. Esta leitura permitiu a definição total da Estrutura I e do seu espaço interior designado como Ambiente 1.

3.6.2.1.1.1. Ambiente I

O Ambiente 1 correspondeu assim a um espaço de planta rectangular, com uma área de cerca de 13 m² e uma orientação nordeste/sudoeste. A sua delimitação era efectuada pelas já referidas estruturas que se encontravam muito destruídas, observando recurso à colocação de blocos pétreos colmatados com terra argilosa e avermelhada nos muros divisórios sul e norte, e a presença da técnica do paramento faceado com lajes de xisto dispostas verticalmente, ocasionalmente em cunha, com o interior preenchido maioritariamente em terra, observado no muro oeste.

Não foi observado qualquer vão de acesso ao Ambiente 1, ainda que seja de supor que este fosse efectuado a partir do sector este, delimitado por um muro muito destruído que corresponderia ao seu fecho, encontrando-se parcialmente coberto pelas terras de enchimento/colmatação do sítio arqueológico (U.E.2). Constatou-se que este espaço integraria um complexo de maiores dimensões, como se depreende da continuação das estruturas murais, indiciando a presença de outros espaços/ambientes a este, oeste e norte. Estas últimas assentavam directamente sobre o afloramento rochoso, que aqui poderá ter funcionado como estrato nivelador ou “chão” do Ambiente 1. Inserida nos muros deste espaço encontrou-se uma mó em granito, indiciando a sua reutilização.

3.6.2.1.2. Sondagens 2, 3 e 5

Na Sondagem 2 a abundante presença de materiais cerâmicos depositados directamente sobre o afloramento, apesar da ausência de estruturas, condicionou a abertura de duas novas sondagens, marcando-se em área contígua, a sul da mesma, a Sondagem 3, que revelou idêntica sequência estratigráfica, com igual presença de materiais cerâmicos na U.E. 2.

A este da Sondagem 2 foi implantada a Sondagem 5, que não registou qualquer alteração no que concerne à estratigrafia, destacando-se apenas a definição de algumas pedras de quartzo de médio calibre desconexas e, ao contrário das restantes, uma escassa presença de espólio cerâmico.

3.6.2.1.3. Interpretação

As sondagens efectuadas no local puseram a descoberto uma estrutura de planta rectangular orientada a nordeste, que integraria um pequeno núcleo de habitat de cariz rural, com uma área de cerca de 10 m² (2 m de comprimento a nordeste e cerca de 2,75 m a sudoeste e uma largura de 4,9 m).

A arquitectura era relativamente simples, com recurso aos materiais locais, xisto e quartzo, aqui combinados em técnicas de edificação distintas: muros compostos por duas fiadas de pedras de xisto dispostas em perpianho com um enchimento de terra argilosa (Muro II e III); muros compostos por pedras de quartzo de médio e grande calibre (Muros I e IV), sem enchimento aparente.

A cerca de 150 m para norte desta área, foi igualmente identificada outra estrutura pétreo, muito danificada, no núcleo designado de Monte Roncanito 10B, que poderá apontar para a existência, de um pequeno complexo agro-pecuário, cujas dimensões ou anexos se poderiam estender a toda a plataforma por onde se dispersam os vestígios.

3.6.2.2. Monte Roncanito 10A

O segundo núcleo, designado como Monte Roncanito 10A localizava-se a cerca de 60 m a norte do primeiro, num pequeno patamar com uma concentração de pedras de quartzo de grande calibre, que sugeria a presença de uma possível estrutura. Foi então marcado um conjunto de quatro sondagens de 2x3 m no sentido de averiguar tal possibilidade e determinar, eventualmente, a existência de possíveis estruturas anexas à observada no Monte Roncanito 10.

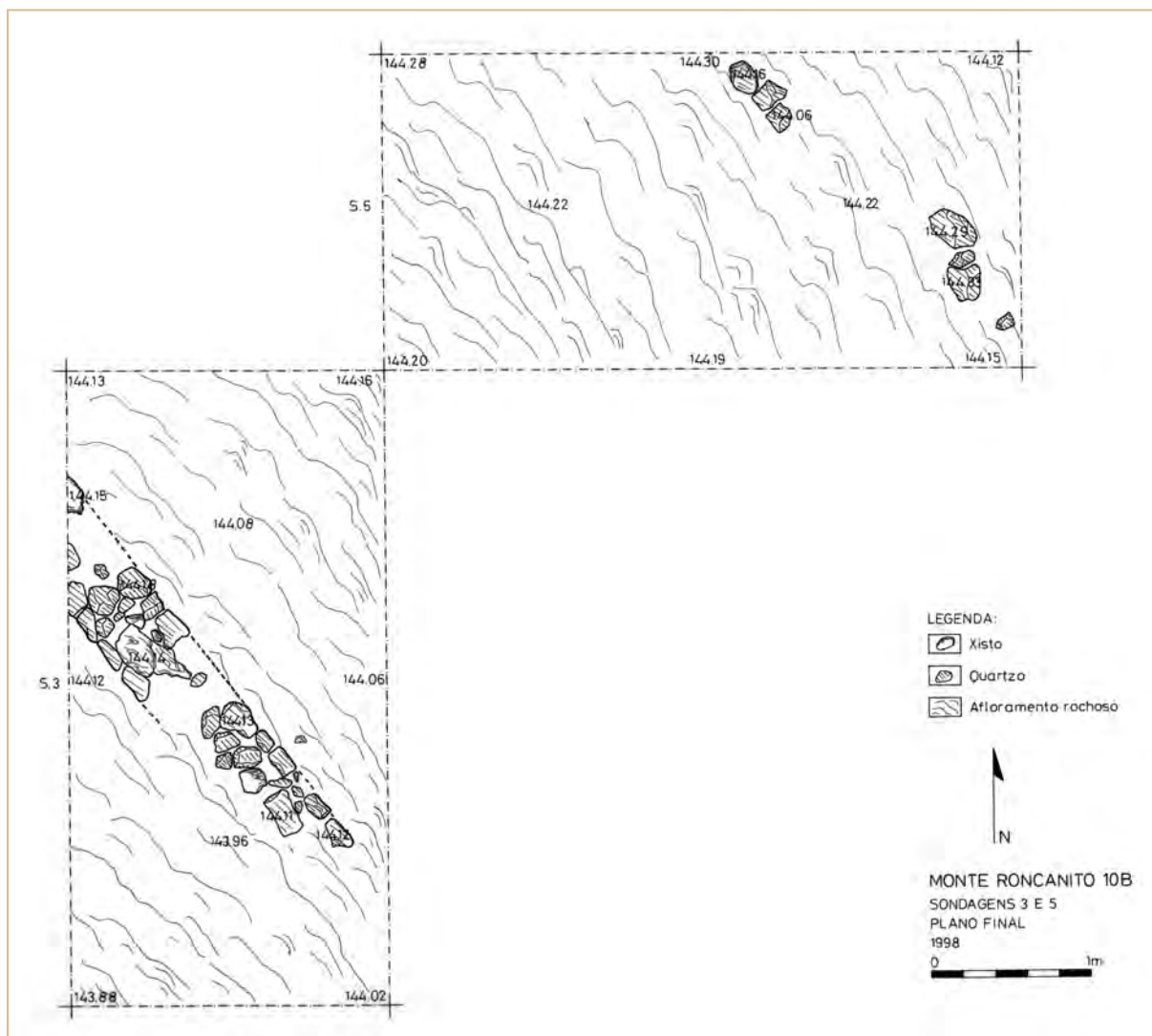


Fig. 4 – Monte Roncanito 10B, plano final das Sondagens 3 e 5.

3.6.2.2.1. Estratigrafia

3.6.2.2.1.1. Sondagens 1 e 3

Os trabalhos revelaram uma potência estratigráfica bastante reduzida, e uma grande homogeneidade relativamente ao observado no Monte Roncanito 10, com uma clara continuidade estratigráfica sem presença de quaisquer estruturas e/ou espólio arqueológicos.

U.E. 1 – Terra vegetal de superfície, de coloração castanho escura, húmida e solta.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, compactas com pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre. A sua decapagem até ao afloramento xistoso (plano final, camada 3) não permitiu detectar a presença de qualquer estrutura e/ou espólio.

U.E. 3 – Afloramento xistoso

Esta intervenção pretendia, antes de mais, desfazer algumas dúvidas relativamente à grande dispersão dos vestígios observados à superfície, que, no caso do Monte Roncanito 10A, foram esclarecidas pela total ausência de vestígios de estruturas e/ou espólio. A estratigrafia observada revelou-se ainda mais reduzida que a observada no Monte Roncanito 10 (cerca de 0,1 a 0,15 m de profundidade), tendo apenas sido escavado um plano. Em virtude das informações recolhidas nas Sondagens 1 e 3, não foram abertas duas das sondagens implantadas, as números 2 e 4, considerando-se concluídos os trabalhos nesse núcleo.

3.6.2.3. Monte Roncanito 10B

A cerca de 135 m para norte do Monte Roncanito 10, observava-se uma pequena plataforma com



Fot. 3 – Monte Roncanito 10B, vista geral para norte, com a estrutura detectada na Sondagem 3 em primeiro plano.

grande concentração de pedras de quartzo e xisto de calibre diverso, bem como alguns fragmentos de cerâmica de construção que, mais uma vez, poderiam apontar para a eventual presença de estruturas. Foram aí definidas e implantadas seis sondagens, três de 2x2 m e três de 2x4 m (ver fig. 1). Na busca de estruturas anexas ao Monte Roncanito 10, foram escavadas as Sondagens 3, 4 e 5 (de 2x4 m).

3.6.2.3.1. Estratigrafia

Uma vez mais, observou-se uma continuidade estratigráfica comum a todas as sondagens efectuadas, com solos de pouca espessura, constituídos pela seguinte sequência:

U.E. 1 – Terra vegetal, composta por terras castanhas escuras, húmidas e soltas com pedras de xisto e quartzo de pequeno e médio calibre.

U.E. 2 – Terras castanhas claras, compactas, com grande concentração de pedras de xisto de pequeno calibre.

U.E. 3 – Afloramento xistoso

Na Sondagem 3, com a remoção da U.E. 2 foi identificada uma estrutura composta por uma fiada de pedras de quartzo e xisto imbricadas, muito danificada e de orientação sudeste/nordeste, cuja continuação foi detectada na Sondagem 5, agora sob a forma de uma irregular e pequena fiada de pedras de quartzo que assentavam, directamente, sobre o afloramento xistoso.

3.6.2.3.2. Interpretação dos dados

A intervenção levada a cabo no local permitiu constatar, por amostragem, que numa área de 200 m² a estratigrafia era, de facto, extremamente reduzida. Por

outro lado, mesmo apesar da exiguidade e da destruição dos vestígios encontrados, a natureza dos mesmos, repartidos entre distintas áreas ao longo da plataforma, associados a um conjunto de materiais cerâmicos com alguma expressão, permite equacionar o Monte Roncanito 10 não apenas como um habitat isolado, mas como o centro, provavelmente, habitacional de uma quinta/eventual complexo agro-pecuário de maior complexidade arquitectónica.

3.6.3. Estudo do espólio

3.6.3.1. Monte Roncanito 10

Os artefactos recolhidos no Monte Roncanito 10 foram pouco numerosos. Registaram-se 371 entradas na base de dados, a maior parte das quais (352 fragmentos) correspondem a materiais cerâmicos que se agrupam num número de 325 indivíduos.

A repartição dos materiais na sucinta estratigrafia permite verificar a concentração da maior parte dos artefactos na U.E. 2 (ver quadro 1). No nível mais superficial encontramos sobretudo fragmentos de peças de maiores dimensões e telhas, enquanto na U.E. 5 a incidência de materiais é quase nula.

O grau de fragmentação dos objectos é muito elevado sendo a esmagadora maioria fragmentos de pança de recipiente (mais de 75%). Visto o elevado grau de fragmentação e a abundância de elementos de

FORMAS	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA			
	1	2	5	Total
Indeterminado	2	186	1	189
Talha	1	10		11
Pote		6		6
Cântaro	1	4		5
Panela		16		16
Alguidar		1		1
Contentor		4		4
Candil		1		1
Bilha		3		3
Dolium		1		1
Púcaro		1		1
Jarra/jarrinha		1		1
Tigela		2		2
Imbrex		2		2
Telha	2	77		79
Tijolo		3		3
TOTAL	6	318	1	325

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

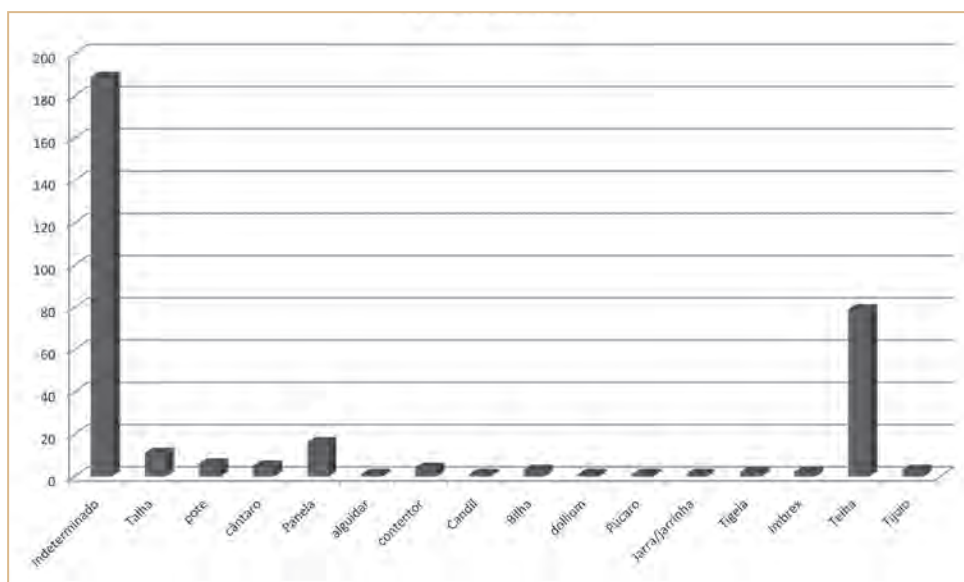


Gráfico I
Formas funcionais.

pança incaracterísticos, é lógico que a forma funcional não tenha sido identificada em mais de metade dos objectos (58%).

Entre os objectos identificados (42% dos indivíduos), mais de metade (62%) correspondem a materiais de construção (telha e tijolo) tratando-se de um 26% de todos materiais cerâmicos recolhidos. Os objectos cerâmicos não construtivos apenas representam um 16% dos indivíduos inventariados.

Se excluirmos os materiais de construção, o grupo melhor representado é o dos objectos de armazenamento e transporte que corresponde a mais de metade dos identificados (ver gráfico 1). Na sua maior parte, trata-se de talhas (21,2%), embora também estejam bem representados os potes (11,5%) e o cântaro (9,6%). Dentro deste grupo cabe incluir, também, um conjunto de contentores de forma imprecisa (7,7%) e um exemplar de *dolium* (1,9%).

Como forma funcional individual, a mais abundante é a panela (30,8%) que, junto a um fragmento possivelmente de fogareiro e outro de alguidar, configura a loiça de cozinha. Trata-se de pequenos fragmentos de difícil atribuição tipológica mas correspondem a bordos frequentes em época califal (ver fig. 5). O alguidar (ver fig. 6, peça (07)0240), de bordo engrossado ao interior com cordão digitado tem paralelos no século IX em Mérida (ALBA & FEIJOO, 2003: fig. 13) e Cartagena (MURCIA & GUILLERMO, 2003: Fig. 15.100).

A loiça de mesa é reduzida: alguns fragmentos de bilha (5,8% dos objectos identificados), a tigela (3,8%), e o púcaro e a jarrinha (1,9% cada uma de elas). Esta última (ver fig. 5) corresponde a uma forma muito frequente a partir do século IX, que encontramos, por exemplo, neste século em Mérida (ALBA & FEIJOO, 2003: fig. 11) ou nos séculos X-XI em Mértola (GÓMEZ, 2006: 378 e seg.).

Por último encontramos um único fragmento de candil vidrado em melado (ver fig. 6) objecto de iluminação de forma fechada muito característico do período islâmico. Esta forma encontra-se, igualmente com vidrado melado, na segunda metade do século IX em Oretó y Zuqueca, Ciudad Real (GARCÉS & ROMERO, 2009: 1021) e no Tolmo de Minateda, Albacete (GUTIÉRREZ, GAMO & AMORÓS, 2003:150, FIG. 21.5), e sem vidrado em Valência (ROSSELLÓ, RIBERA & PASCUAL, 2003: 112) Fuente de la Mora em Madrid (VIGIL-ESCALERA, 2003: 382) e Mérida (ALBA & FEIJOO, 2003: fig. 13).

Excluindo o material de construção, a maior parte dos objectos (ver quadro 2) apresenta pastas predominantemente alaranjadas (68,05%), sendo também abundantes as cerâmicas de pastas castanhas (20,75%). São pouco abundantes as pastas de cor cinzenta (4,98%), preta e vermelha (2,07% ambas). Combinando a cor e da textura das pastas (ver quadro 3), dos 21 tipos de pastas identificados no conjunto do Bloco 14, as mais abundantes são as do tipo G2 (castanhas

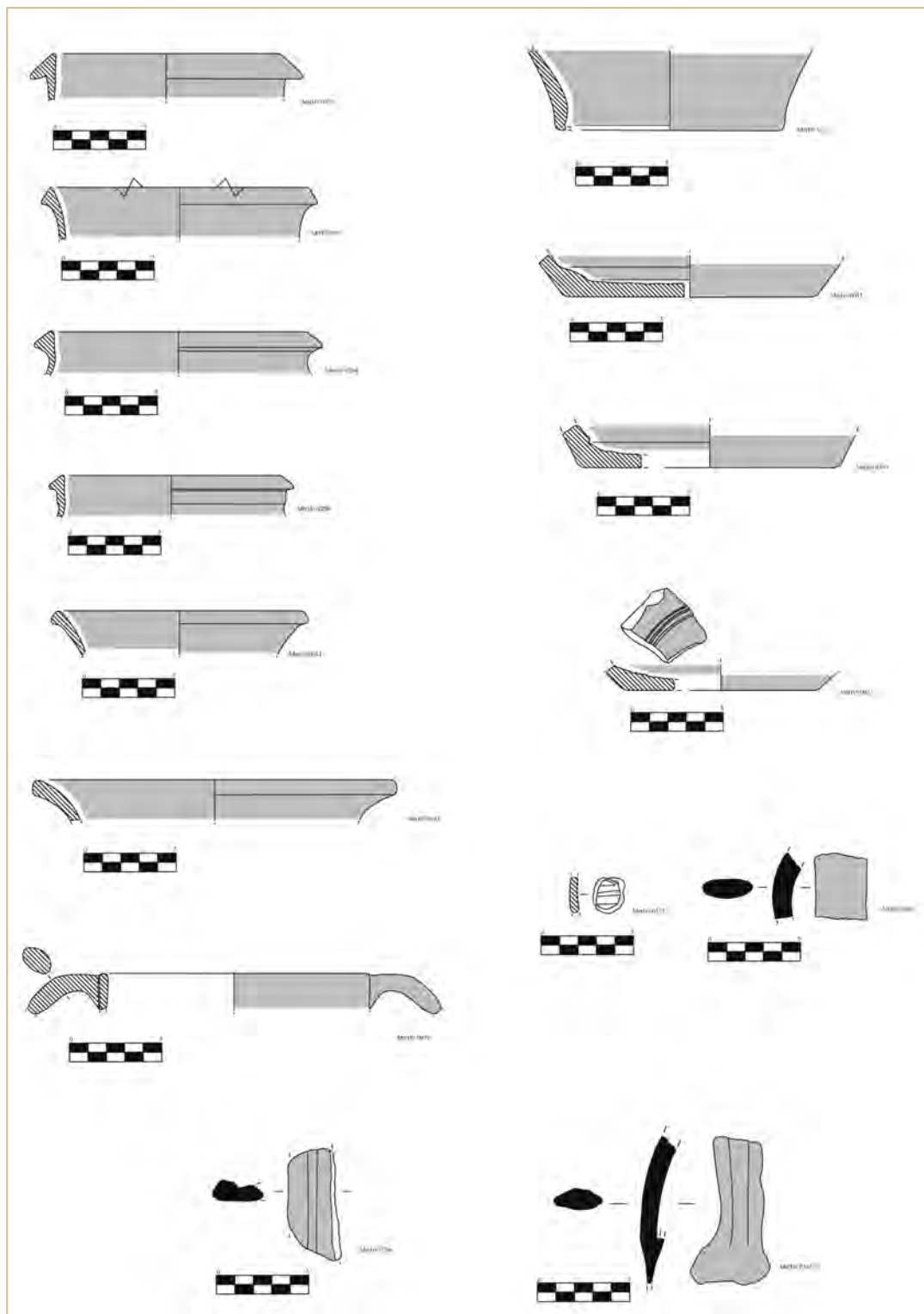


Fig. 5 – Principais formas.

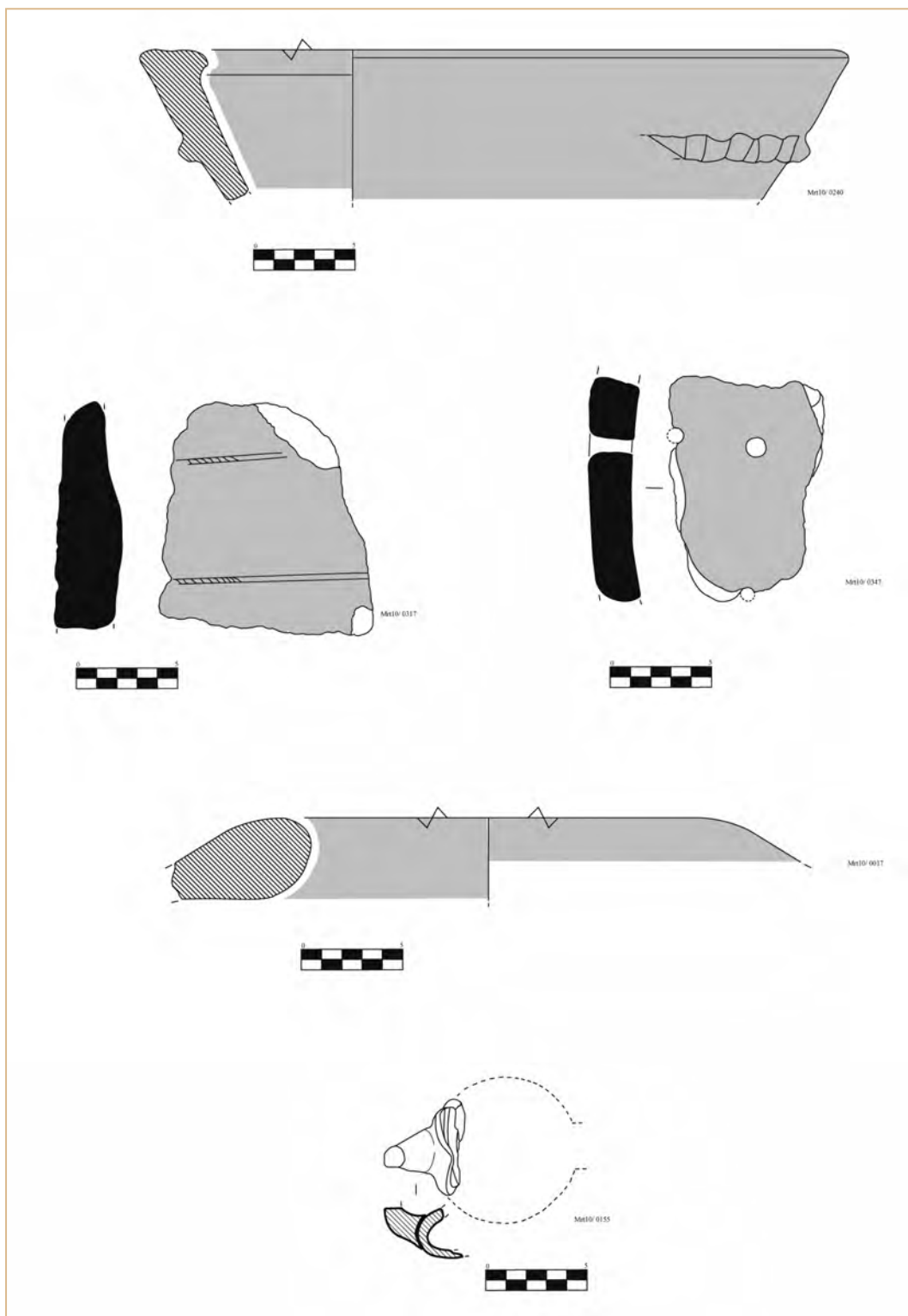


Fig. 6 – Peças ornamentadas e outras.



Fot. 4 – Peça (07)0240.



Fot. 7 – Peça (07)0155.



Fot. 5 – Peça (07)0033, fundo com caneluras.



Fot. 6 – Peça (07)0347, fragmento de cincho que se assemelha a um outro, já anteriormente referido, encontrado na estação de Monte Roncanito 13.

ou cinzentas compactas ou depuradas) que representa 26,56% do vasilhame recolhido e a G1 (castanhas ou cinzentas granulosas) que representa 26,14%. São também significativos os tipos C1 (alaranjada granulosa ou arenosa, numa percentagem de 9,96%), C2 (alaranjada compacta em 7,88% dos casos), F1 (castanha arenosa ou granulosa em 6,64%), G3 (castanhas ou cinzenta laminada ou foliácea 4,98%) e F2 (castanha compacta em 4,56%).

Os elementos não plásticos predominantes são os frequentes na região (ver quadro 4), sendo a combinação mais comum o feldspato, mica e quartzo (41,91%) seguida a bastante distância da combinação de mica, quartzo e xisto (15,77%) e da combinação de quartzo e feldspato (13,69%). Na maior parte das pastas, estes elementos não plásticos apresentavam-se em grande (56,02%) ou média (35,27%) densidade, e com diversos calibres (pequenos e médios em 37,76% dos exemplares e médios em 32,78%). Se combinamos as duas variáveis, densidade e tamanho, encontramos que o grupo mais volumoso é o que apresenta abundantes elementos plásticos de tamanho pequeno e médio (24,48%).

Se excluirmos o material de construção fabricado mediante molde (ver quadro 5 e gráfico 2), o vasilhame cerâmico foi na sua maior parte modelado com torno rápido (57,26%), embora a percentagem é muito baixa se é comparada com outras estações do mesmo período e de carácter urbano. Cerca de 20,23% foi identificado como objectos fabricados com torneado lento. Foram fabricadas manualmente 13,69% dos recipientes, sendo uma parte deles realizado com a

COR EXTERIOR	COR CENTRO								
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	Branco	TOTAL
Bege	5								5
Alaranjada		50	6		1	107			164
Vermelha			3			1	1		5
Rosada									-
Castanha			3		8	37	2		50
Cinzenta						12			12
Branco								2	2
Melado						1			1
Preto						2			2
TOTAL	5	50	12	-	9	160	3	2	241

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)																							
	A1	A2	B1	B2	C1	C2	C3	D1	D2	E1	E2	E3	E4	F1	F2	F3	F4	G1	G2	G3	G4	H1	H2	TOTAL
Indeterminado	1	1	2	3	21	18	2	3	2	3	2	1	1	11	7	1		27	46	10	25	2		189
Pote															2			3					1	6
Panela											1					1	1	2	10		1			16
Cântaro																	1		1	2	2			6
Talha					2					1		1		3					1		2			10
Bilha					1					1							1							3
Alguidar															1									1
Púcaro																		1						1
Dolium											1													1
Contentor						1									1				2					4
Jarra/Jarrinha																		1						1
Candil																			1					1
Tigela																			2					2
TOTAL	1	1	2	3	24	19	2	3	2	6	3	2	1	14	11	2	3	34	63	12	30	2	1	241

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)							
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Melado	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Biotite moscovite feldspato		4						4
Feldspato		1						1
Feldspato mica	1	12	1		8		1	23
Feldspato mica quartzo	4	61	1	1	32	10	1	110
Feldspato mica xisto		7			3			10
Feldspato quartzo min ferrosos		9	1		5			15
Imperceptíveis		1						1
Mica		4			3			7
Mica quartzo xisto	2	23	2		10	1		38
Quartzo					1			1
Quartzo feldspato		16			6	2		24
Quartzo xisto		3						3
Quartzo xisto min ferrosos		3			1			4
TOTAL								241

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozedura.

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Indeterminado	10	4	1	15
Manual	8	10	13	31
Torno Lento	11	22	16	49
Torno Rápido	33	83	22	138
Molde	7		1	8
Molde (mat. construção)	67	1	16	84
TOTAL	136	120	69	325

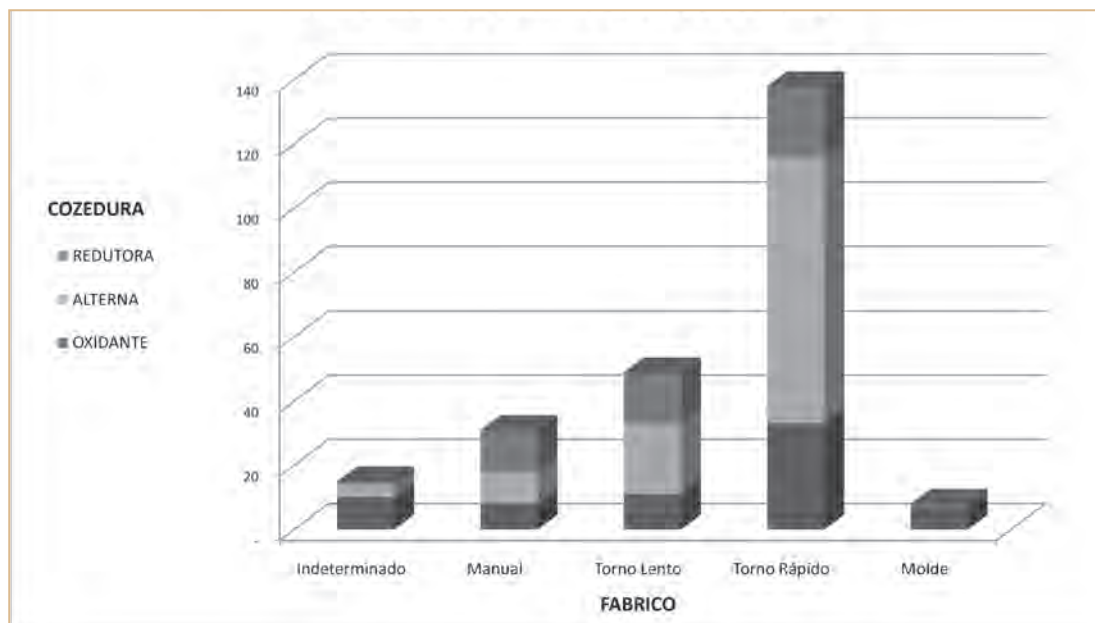


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozedura.

técnica do rolinho (5,39% do conjunto do vasilhame), tratando-se de talhas na sua maior parte. Os restantes objectos identificados fabricados manualmente correspondem a cântaros, panelas e bilhas. Foram utilizados moldes no fabrico de 3,32% dos recipientes (excluídas, lembramos, as telhas) ficando por identificar a técnica de fabrico em 3,73% do vasilhame. A cozedura em atmosfera oxidante regular apresenta valores baixos em relação a estações urbanas contemporâneas (28,63%) sendo as cozeduras irregulares ou que alternam oxidação e redução o conjunto mais numeroso (49,38%). Se analisamos a combinação de cozedura e fabrico o grupo mais representado é o caracterizado por uma cozedura que alterna a oxidação e a redução e o fabrico com torno rápido (25,54% do vasilhame) seguido do conjunto de vasilhas oxidantes fabricadas com torno rápido (10,15%). Nas cerâmi-

cas fabricadas com torno lento são maioritárias as cozeduras alternantes ou irregulares (6,77% de todo o conjunto) ou redutoras (4,92%), enquanto nas manuais predominam as cozeduras redutoras (4%).

A esmagadora maioria dos indivíduos recebeu um tratamento de simples alisamento (ver quadro 6) tanto no interior como no exterior (94,61% dos recipientes). Numa percentagem diminuta encontramos situações em que o alisamento foi substituído em uma das faces por um tratamento mais grosseiro (0,41% no exterior e 2,90% no interior). São igualmente diminutas as percentagens de peças com tratamento grosseiro (0,83%) ou polido (0,41%) em ambas faces. Em dois indivíduos (0,83% do vasilhame) encontramos revestimento vítreo tanto no interior como no exterior do objecto. Trata-se de um fragmento de função não identificada e do fragmento de candil.

INTERIOR	EXTERIOR							TOTAL
	Grosseiro	Alisado	Espatulado	Brunido	Engobado	Pintado	Vidrado	
Grosseiro	2	7						9
Alisado	1	205						206
Polido				1				1
Espatulado								-
Brunido								-
Engobado								-
Sem tratamento		23						23
Vidrado							2	2
TOTAL	3	235	-	1	-	-	2	241

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

FORMA	DECORAÇÃO EXTERIOR								TOTAL
	Caneluras	Incisão	Impressão	Digitações	Aplicações plásticas	V.monocromo	V.Policromo	Não dec.	
Indeterminado	3						1	185	189
Talha			2					9	11
<i>Dolium</i>								1	1
Pote								6	6
Cântaro								5	5
Panela	3			1				12	16
Contentor								4	4
Alguidar					1				1
Candil							1		1
Bilha								3	3
Púcaro								1	1
Jarra/jarrinha								1	1
Tigela								2	2
<i>Imbrex</i>								2	2
Telha				2				77	79
Tijolo								3	3
TOTAL	6	-	2	3	1	1	1	311	325

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

É muito reduzido o número de objectos decorados, apenas 13 recipientes (5,39% do vasilhame ver quadro 7) dos quais alguns são duvidosos, como é o caso das duas talhas com corda impressa que poderão resultar de uma estratégia de fabrico na qual a corda se destinava a evitar que o recipiente abrisse quando o barro ainda estava verde, antes da sua cozedura. Trata-se de caneluras em sete objectos (três deles panelas), vidrado monocromático no candil e bicromático num objecto indefinido e cordão digitado no alguidar. Ainda aparecem digitações numa panela e em duas telhas.

Em conclusão, a descrição do espólio revela um conjunto de características ligeiramente diferentes às dos sítios anteriores. Encontramos bastante melhor

representadas as produções de olarias de carácter regional mais desenvolvidos, com o predomínio dos fabricos de torneado rápido e cozedura oxidante ou com alternância desta com a redução, características que encontramos também em conjuntos cerâmicos urbanos como Mértola em cronologias dos séculos IX-XI. A presença de formas funcionais e tipologias dominantes nestes séculos permite confirmar esta cronologia, especialmente a presença do candil, cujo acabamento vidrado lhe confere um estatuto de peça de um certo “luxo” no contexto de um ambiente rural. Porém, trata-se de artefactos consentâneos com uma comunidade camponesa, em que o vasilhame serve as necessidades básicas de armazenamento e a transformação dos alimentos.

3.6.3.2. Monte Roncanito 10B

Neste núcleo, o número de artefactos recolhidos era reduzidíssimo. Apenas foram recolhidos três fragmentos de cerâmica que não fornecem informação pois tratam-se de dois fragmentos do corpo de recipiente não identificado e um fragmento de tijolo. O número de fragmentos é tão reduzido que invalida qualquer aproximação estatística.

Os fragmentos foram encontrados na U.E. 2 da Sondagem 5.

No que diz respeito às pastas, o tijolo foi fabricado em barro vermelho e os recipientes não identificados com pasta avermelhada porosa com elementos não plásticos de quartzo, xisto e feldspato de tamanho pequeno e médio ou só médio, em densidade também média.

Se excluirmos o material de construção, fabricado manualmente, os dois fragmentos de vasilhame cerâmico foram modelados com torno rápido em cozedura oxidante.

No que diz respeito às técnicas de acabamento, não se pode especificar que tipo de acabamento receberam os dois fragmentos de vasilha, enquanto que o fragmento de tijolo se encontrava alisado numa face e com acabamento grosseiro na outra. No que se refere a decoração, não encontramos nenhum fragmento decorado.

3.6.4. Conclusões

O sítio do Monte Roncanito 10 estendia-se por uma plataforma alongada onde se identificaram três núcleos de ocupação simultânea, dois deles, distando entre si cerca de 130 m, apresentavam estruturas que determinam a existência de duas construções independentes, mas que devem ter sido utilizadas contemporaneamente. Numa tentativa de determinar a funcionalidade de cada um destes núcleos, o Monte Roncanito 10, situado num dos extremos da plataforma, parece corresponder ao núcleo de habitação principal.

Acresce, neste sentido, a sua implantação próxima do eixo de comunicação actual, que dada a topografia do terreno, seria o mais indicado em qualquer época para servir de acesso ao local. A estrutura do Monte Roncanito 10B é de difícil caracterização, quer pela escassez de vestígios murários, quer pelo reduzido espólio, mas a homogeneidade de técnicas e materiais permite argumentar uma contemporaneidade e uma relação de dependência em relação ao

Monte Roncanito 10, sendo o Monte Roncanito 10B uma dependência de apoio do núcleo de habitação principal. Esta dependência de razoáveis dimensões, mais de 10 m², poderia servir como espaço de protecção de gado.

O núcleo de habitação principal, deveria ser composto por vários espaços dos quais só um foi escavado, sugerindo os vestígios encontrados tratar-se de um edifício com vários compartimentos. O edifício posto a descoberto possui razoáveis dimensões assim como concentra quase todo o espólio encontrado no sítio, advogando em favor da sua interpretação como núcleo de habitação principal.

As técnicas construtivas revelam uma variedade significativa de soluções, que passam pela utilização da matéria-prima local mas em distintos calibres e morfologia e em distinta disposição. Documenta-se tanto a utilização de blocos aproximadamente quadrangulares como de lajes verticais faceando os muros, como a técnica do perpianho, todos eles utilizando a terra como ligante. Isto permite afirmar a utilização em simultâneo de diferentes opções e o seu domínio. Em qualquer dos casos os muros são embasados em valas de fundação abertas na rocha. A reduzida largura dos compartimentos, adequa-se ao modelo de cobertura com telha de meia-cana documentada nos derrubes. Os pavimentos receberam um reduzido tratamento, que se limitou a regularizar o afloramento xistoso.

O espólio, dada a sua diversidade funcional, contribui para afirmar o carácter habitacional do Monte Roncanito 10. Para além das habituais formas de armazenamento encontramos claros objectos de cozinha e de mesa. O mais destacado, em este aspecto, é o candil, utensílio que imprime um certo requinte ao conjunto e evidencia ligações com núcleos urbanos onde as trocas com outras áreas geográficas seriam frequentes.

Também as técnicas de fabrico da cerâmica remetem para essas relações. Trata-se de produções de carácter regional, com o predomínio do torneado rápido e da cozedura oxidante ou alternada, características que encontramos também em conjuntos cerâmicos urbanos como Mértola em cronologias dos séculos IX-XI.

Em conclusão, todo indica que o Monte Roncanito 10 corresponderia a um conjunto habitacional de uma pequena comunidade camponesa, sendo algumas das estruturas dedicadas à residência e outras, possivelmente, as actividades agro-pastoris que sustentariam o grupo familiar.

3.7. Monte Roncanito 18

3.7.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no Monte Roncanito 18 foram efectuados entre Agosto e Setembro de 1998¹⁸, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95304, de cronologia medieval/moderna.

O local encontrava-se no topo de uma pequena plataforma entre dois vales, detectando-se à superfície um conjunto de elementos pétreos de xisto e quartzo de calibre e dimensões variadas, além de alguma cerâmica de construção, evidenciando uma eventual ocupação com estruturas, que se procurou avaliar com a elaboração de sondagens no local.

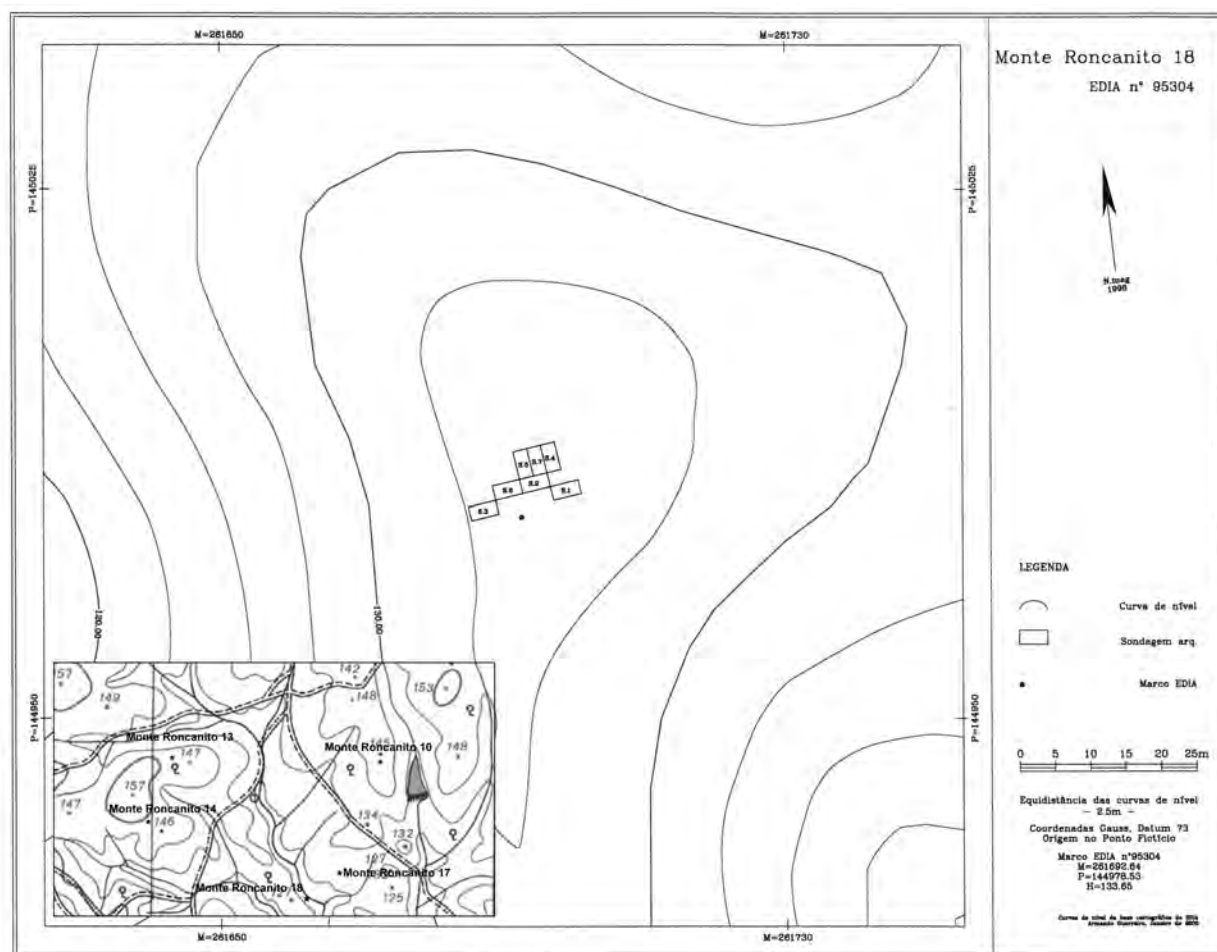


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

¹⁸ Os trabalhos arqueológicos no Monte Roncanito 18 foram realizados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo e responsável científico; Renata Almeida, Pedro Xavier, arqueólogos; Conceição Roque, Ricardo Costa, Frederico Tátá Regala e Esmeralda Gomes, assistentes de arqueólogo; António Garcia Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados; Alice Alves, Carla Lima, Carla Santos, Carlos Fona e Vitória Valverde, voluntárias.



Fot. 1 – Vista geral para sudeste das estruturas exumadas, Sondagens 4, 7 e 5 em primeiro plano.

3.7.2. Trabalhos arqueológicos

A implantação das sondagens foi distribuída pelos núcleos de maior concentração de vestígios, de forma a cruzar a maior área possível e obter os perfis estratigráficos este/oeste e norte/sul da elevação do local, optando-se assim por implantar sete sondagens de dimensões de 2x4 m, georreferenciadas à rede geodésica nacional.

A potência estratigráfica foi diminuta, compreendendo genericamente duas unidades sedimentares com cerca de 0,12 a 0,20 m de espessura no seu todo, que passamos a descrever, sendo esta estratigrafia válida para a totalidade das sete sondagens abertas.

3.7.2.1. Estratigrafia

U.E.1 – Corresponde à camada vegetal de superfície; estrato de cor castanho, arenoso e de grão fino, muito solto, com blocos de xisto de pequeno calibre e cerca de 5 cm de potência.

U.E.2 – Estrato de coloração castanho claro, solto, com pedras de xisto e quartzo, de pequeno, médio e grande calibre, com cerca de 0,15 a 0,20 m de potência.

U.E.3 – Nível de grande concentração de materiais de construção, telha, circunscritos em três núcleos distintos, com alguns elementos pétreos de pequenas dimensões. Identificado nas Sondagens 4, 6 e 7.

U.E.4 – Estrato sedimentar fino e solto, muito homogêneo, de coloração cinzenta devido à forte presença de cinzas e pequenos caules carbonizados. Identificado nas Sondagens 4 e 7.

U.E.5 – Afloramento rochoso.

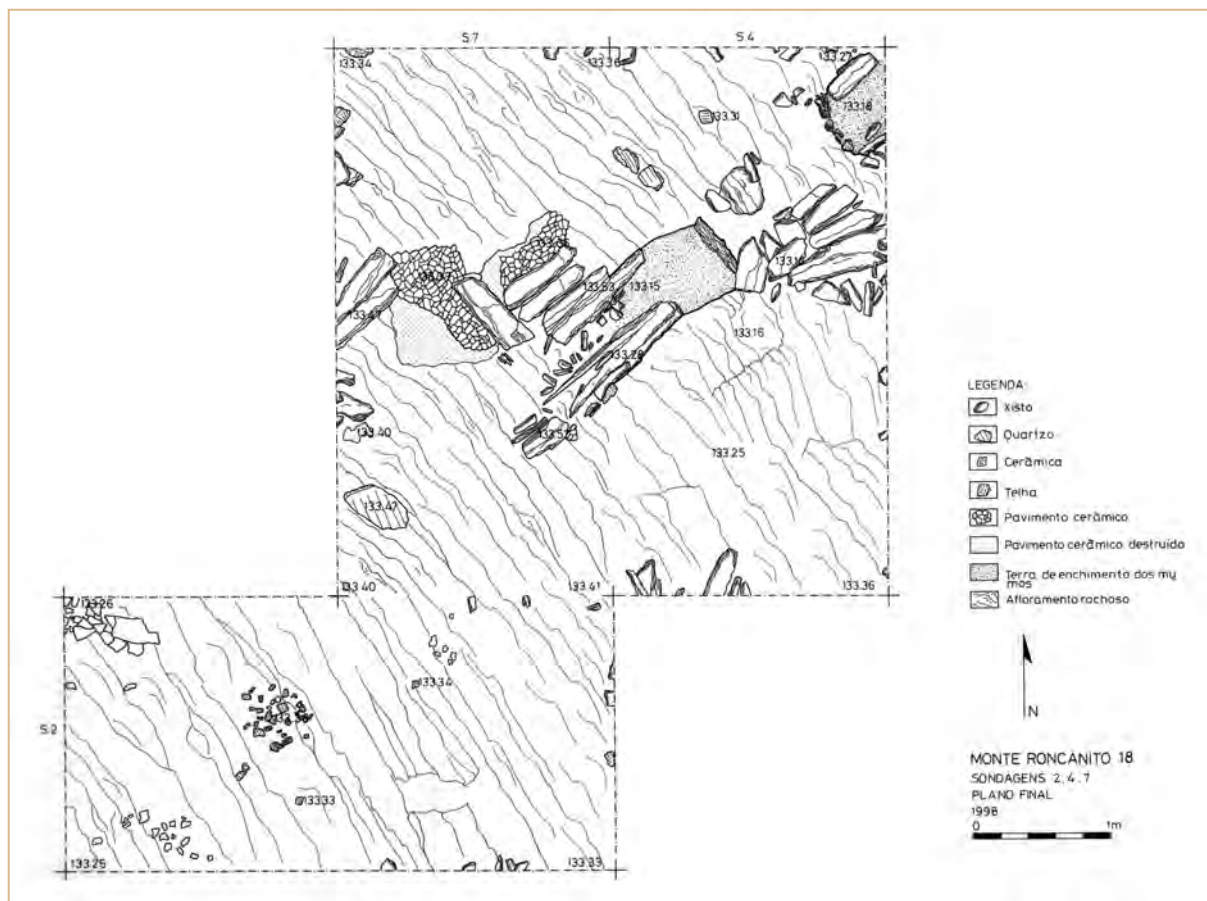


Fig. 2 – Plano final das Sondagens 2, 4 e 7.

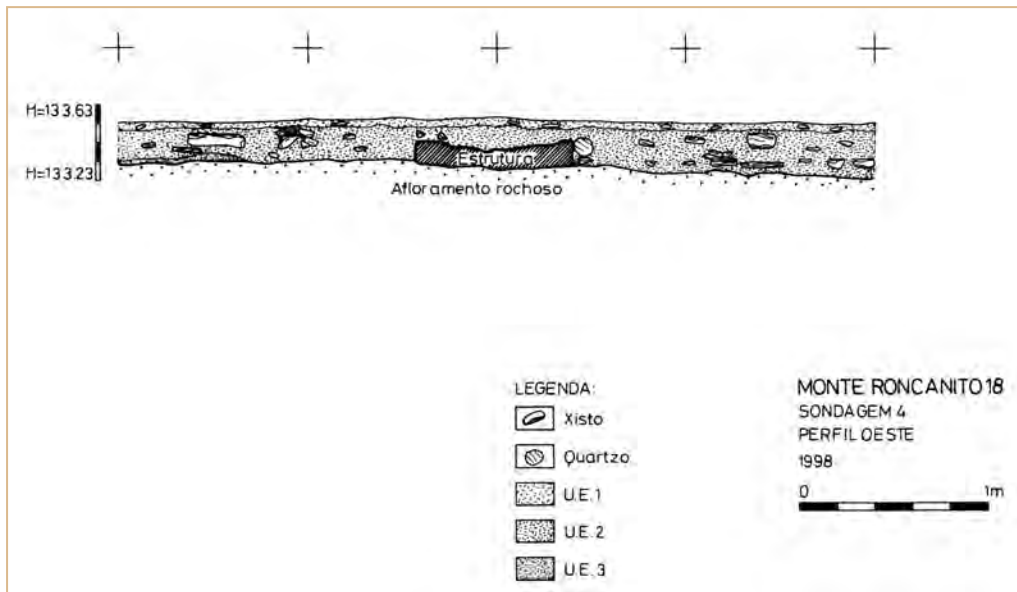


Fig. 3
Perfil oeste
da Sondagem 4.

3.7.2.2. Interpretação

Apesar da diminuta potência estratigráfica do local foi possível identificar na zona central da plataforma, onde foram implantadas as Sondagens 4 e 7, os restos de um muro construído com lajes de xisto imbricadas em perpianho no afloramento rochoso e a presença de um vão de acesso, cujo cerramento seria efectuado por uma porta, da qual subsistia a laje de soleira em xisto, com um orifício desgastado por abrasão. A oeste deste, eram visíveis restos de um pequeno lajeado de xisto. Este espaço foi designado como Ambiente 1.

No aparente espaço interior do Ambiente 1, em área adjacente ao vão de cerramento do espaço, foi identificado um nível de “chão”, de barro cozido ligeiramente ruborescido e compacto, elaborado directamente sobre o afloramento rochoso, em área circunscrita, não sendo clara a sua continuidade por todo o interior do mesmo. Cabe a possibilidade de tratar-se de uma lareira parcialmente destruída.

Sobre a rocha de base destacava-se o estrato definido pela U.E.4, com abundante presença de cinzas.

Este último foi observado em paralelo nas Sondagens 4 e 7, em ambos os espaços definidos pelo acesso mural, revelando uma continuidade estratigráfica também testemunhada pela U.E.3 e caracterizada pela abundância de materiais de construção de tipo telha em ambos os espaços da estância.

Os restantes estratos sedimentares, U.E.2 e U.E.1 corresponderam a momentos de abandono e



Fot. 2 – Pormenor das estruturas e do vão detectado na Sondagem 7.

deterioração desta estrutura, marcada pela destruição evidenciada com a forte presença de elementos pétreos de maior ou menor potência e/ou concentração, identificada sobretudo na Sondagem 6.

3.7.3. Estudo do espólio

O material recolhido na estação do Monte Roncanito 18 é muito reduzido; apenas apresenta um conjunto de entradas na base de dados na ordem dos 116 fragmentos cerâmicos (cerca de 57 correspondendo a materiais de construção), equivalendo a um número máximo de 59 indivíduos cerâmicos.

Na sua maior parte, o espólio exumado reporta a recolhas efectuadas nas sondagens 2 e 3, atribuídas à

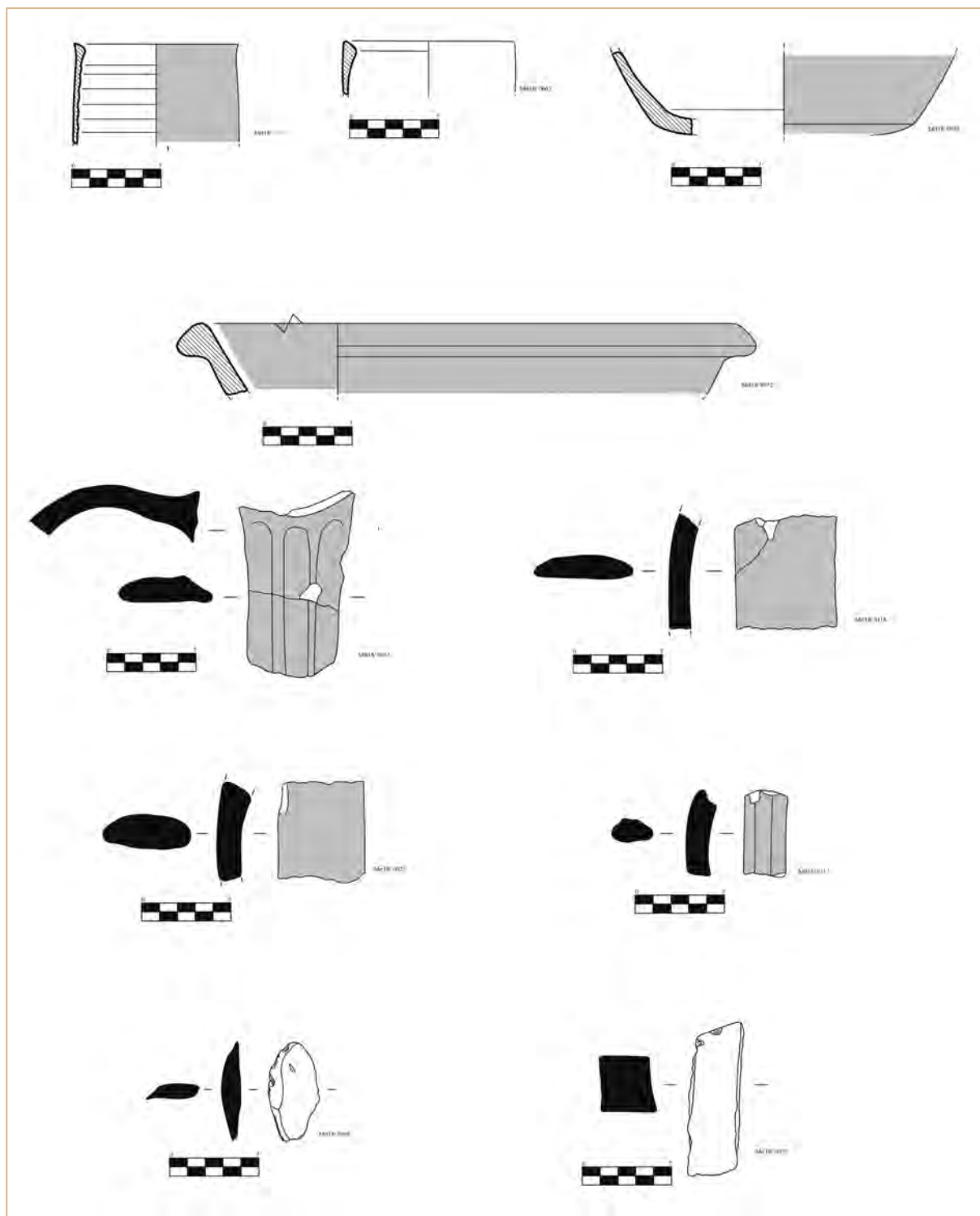


Fig. 4 – Principais peças.

U.E.2 (cerca de 71,18% indivíduos), existindo, contudo, materiais oriundos das restantes unidades estratigráficas atribuídas: U.E.0, 8,43%; U.E.1, 6,77%, U.E.3, 10,16% e U.E.4, 3,38%.

Apesar do elevado grau de fragmentação dos objectos foi possível efectuar uma sólida identificação formal das peças, salientando-se uma percentagem de 79,66% de peças identificadas, situação que contrasta claramente com a maioria das estações do Bloco 14 e que permite uma leitura e análise de amostragem bem consubstanciada.

Entre os materiais identificados (ver quadro 1 e

gráfico 1), excluído o material de construção, os grupos cerâmicos com maior representatividade incluem a loiça de mesa (10,16%), representado por jarras/jarrinhas (6,67%) e bilhas (1,69%), a cerâmica de armazenamento e transporte (32,20%), com uma relativa diversidade formal composta de talhas (3,38%), potes (1,69%), cântaros (16,94%), *dolia* (1,69%) e alguidares (8,47%), e a loiça de cozinha (37,28%), o conjunto maior, mas de grande pobreza formal, representado em larga maioria por panelas (21 exemplares, isto é, 35,59% do conjunto) e por um exemplar de caçoila (1,69%).

FORMA FUNCIONAL	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA					
	0	1	2	3	4	Total
Indeterminado	1	2	8		1	12
Talha	1		1			2
pote		1				1
Cântaro		1	9			10
Panela	1		14	6		21
Caçoila			1			1
Alguidar			5			5
<i>Dollium</i>	1					1
Bilha			1			1
Jarra/jarrinha	2		3			5
Telha	4	12	37	3	1	57
TOTAL	10	16	79	9	2	116

Quadro 1 – Formas funcionais conservados em cada U.E.

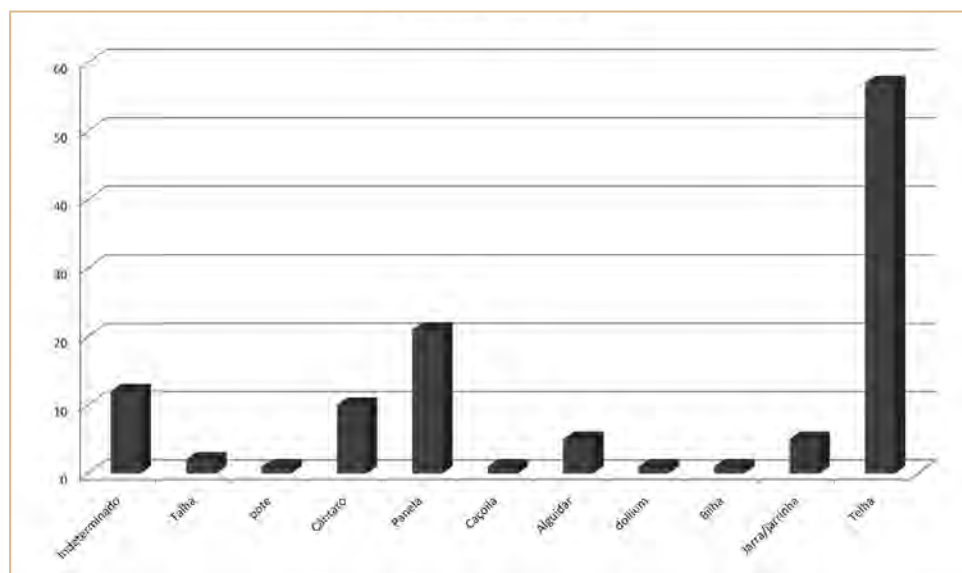


Gráfico 1
Formas funcionais.

COR EXTERIOR	COR CENTRO							TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	
Bege	1							1
Alaranjada		4						4
Vermelha								-
Rosada								-
Castanha					20	24	6	50
Cinzenta								-
Preto					2		2	4
TOTAL	1	4	-	-	22	24	8	59

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)																	
	AI	BI	CI	C2	DI	EI	FI	F2	F4	G1	G2	G3	G4	H1	H2	H4	II	TOTAL
Indeterminado				1				2	4		3		2					12
Pote									1									1
Panela								4	4	1	3	1		1	3	4		21
Cântaro								1			9							10
Talha								2										2
Bilha			1															1
Alguidar								3			2							5
Caçoila										1								1
Dolium											1							1
Jarra/jarrinha		1		2				1			1							5
TOTAL		1	1	3				13	9	2	19	1	2	1	3	4		59

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

O elevado grau de fragmentação das peças impede atribuir tipologias cerâmicas, no entanto encontramos fragmentos de jarrinha com colo cilíndrico e bordo espessado ou biselado ao interior (ver fig. 5), que remetem para a época califal-taifa, mas que perduram no século XII, no Alentejo e Marca Média (Gómez, 2006: 387). Um fragmento de asa de cântara, porém, denota uma cronologia algo mais tardia, em pleno século XII.

As pastas são na sua maior parte de cor dominante castanha (84,75%, ver quadro 2) embora com variabilidades importantes que denotam uma distribuição maior entre os grupos de pastas definidos no conjunto (ver quadro 3) com predomínio do grupo G2, de pastas castanhas escuras ou cinzentas e textura compacta (35,59%), seguido do grupo F2 de pastas castanhas avermelhadas de textura compacta, algo granulosa ou rugosa (27,11%) e do grupo H2 de pastas pretas de texturas compactas e foliáceas ou laminosas (11,86%).

A maioria das pastas caracteriza-se pela combinação de elementos não plásticos (ENP, ver quadro 4) de mica e quartzo (47,45% dos indivíduos), seguida pelas pastas com feldspatos, mica e quartzos (15,25%) e do quartzo isolado (16,94%). Estes ENP oscilaram sobretudo entre densidades variáveis, média (54,23%) pequena (22,03%) e grande (25,42%). Relacionando vários critérios de caracterização (elementos não plásticos, cromatismo e cozedura) podemos considerar dominantes as pastas castanhas com mica e quartzo (38,98%) dos quais mais de metade com cozedura alternante.

Excluindo o material de construção, o fabrico das cerâmicas do Monte Roncanito 18 (ver quadro 5 e gráfico 2) foi, na sua maioria, efectuado com recurso ao torneado rápido (50,84%), contrariamente a outras estações do Bloco 14, de cronologia mais antiga, onde a predominância do torno rápido não é tão evidente ou mais equilibrada em relação às outras técnicas. Foi utilizado o torneado lento em cerca de 23,72% dos in-

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)						TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	
Feldspato mica				5			5
Quartzo feldspato mica				8		1	9
Imperceptíveis				1			1
Mica	1						1
Quartzo		1		9			10
Quartzo feldspato				5			5
Quartzo mica		2		22		3	27
Quartzo mica chamote		1					1
TOTAL	1	4	-	50	-	4	59

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	7	6	2	15
Torno Lento	6	7	1	14
Torno Rápido	16	11	3	30
Molde mat. Construção	52	4	1	57
TOTAL	81	28	7	116

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

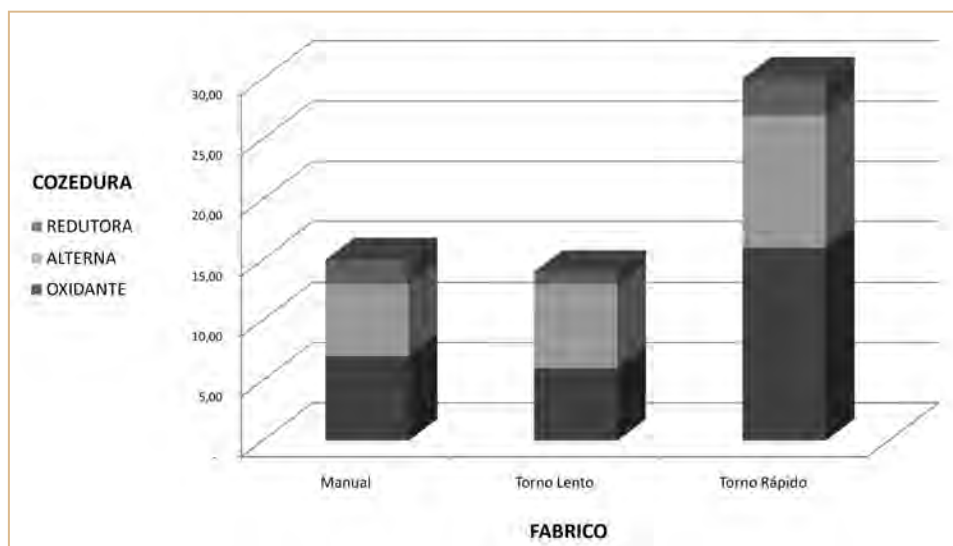


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

divíduos e a moldagem manual em cerca de 25,42% do material exumado. Também é maioritária a cozedura em atmosfera oxidante (49,15%) mas com uma representação bastante próxima das cozeduras alternantes (40,67%) contra uma reduzida presença das cozeduras redutoras (10,16%). Observando o processo de fabrico e cozedura, verificamos o domínio do torneado rápido com cozeduras oxidantes (27,12% do total de objectos) ou de cozedura alternante (18,64%). As produções a torneado lento também apresentam um forte equilíbrio entre cozeduras alternantes e oxidantes.

Em relação às técnicas de acabamento, é notória uma escassa variabilidade de tratamentos superficiais (ver quadro 6), onde a grande maioria dos indivíduos apresenta um acabamento dominante alisado (93,22%), com uma representação diminuta de acabamento grosseiro, brunido, engobado ou aguada (um exemplar em cada um dos casos).

Igualmente, a incidência de decorações é mínima (ver quadro 7), representada por cerca de 6,78% contra cerca de 93,22% de indivíduos não decorados. Trata-se

de painéis, com caneluras (3,38%), um fragmento de *dolia* com um elemento impresso (1,70%) e com decoração por incisão em um cântaro.

Ainda foi recolhida uma pedra de afiar, possivelmente em anfibolito semelhante as encontradas em Vascos com cronologias do século XI (Toledo, Espanha, IZQUIERDO, 1983).

Em resumo, as características técnicas e formais do espólio cerâmico revelam um conjunto que podemos enquadrar nos séculos X-XII, habitual num ambiente rural, onde se encontram presentes cerâmicas próprias de produções locais de técnica pouco elaborada mas também exemplares de fabricos mais elaborados frequentes em meios urbanos mas sem entrar na categoria de manufacturas de algum luxo. É pois evidente a existência de uma certa integração em redes de distribuição mais alargadas, sem um elevado poder aquisitivo, evidente também nas características do repertório formal que remete, sobre tudo, a objectos utilitários de armazenamento e transporte e de cozinha.

INTERIOR	EXTERIOR							TOTAL
	Grosseiro	Alisado	Polido	Espatulado	Brunido	Engobado	Aguada	
Grosseiro		2						2
Alisado	1	12			1			14
Sem superficies		5				1		6
Sem tratamento		36					1	37
TOTAL	1	55	-	-	1	1	1	59

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

FORMA	DECORAÇÃO EXTERIOR							TOTAL
	Caneluras	Excisão	Incisão	Impressão	Aplicações plásticas	V.monocromo	Não dec.	
Indeterminado							12	12
Talha							2	2
Pote							1	1
Cântaro			1				9	10
Panela	2						19	21
Caçoila							1	1
<i>Dolium</i>				1				1
Alguidar							5	5
Bilha							1	1
Jarra/jarrinha							5	5
Telha							57	57
TOTAL	2	-	1	1		-	112	116

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.



Fot. 3 – Peça (02)0010.



Fot. 4 – Peça (02)0076.

3.7.4. Conclusão

O sítio designado como Monte Roncanito 18 ocupava o topo de um pequeno patamar xistoso dominando uma linha de água subsidiária do rio Degebe. Este encontrava-se muito destruído, não permitin-

do tecer grandes conclusões. No entanto, foi possível identificar muros de uma estrutura habitacional virada a este com, pelo menos, uma divisão e vestígios de um nível de pavimento de terra batida no seu interior e de um lajeado, junto do vão de acesso à mesma. Podemos especular sobre a possibilidade de existir um segundo ambiente ou um espaço de logradouro semicoberto junto desta entrada, devido à grande quantidade de telhas localizadas nesta zona.

A estrutura identificada apresentava uma planta muito simples, ortogonal, com muros de xisto em perpianho e um enchimento de terra argilosa e blocos pétreos de quartzo e xisto menores. Dada a natureza da intervenção, não foi possível aferir as suas dimensões na totalidade. A tipologia construtiva, com base na matéria-prima local, terra, xisto e quartzo era similar a grande parte dos restantes locais de cronologias coevas escavados pelo Bloco 14 (Monte Roncanito 10) e denota mesmo uma continuidade face a sítios de cronologias anteriores.

Esta simplicidade construtiva contrastava com o espólio exumado que possuía alguma diversidade e um índice de conservação razoável, composto por loiça de cozinha, armazenamento e mesa. É de sublinhar, ainda, a presença de alguma escória de ferro, que evidencia uma possível área de trabalho relacionada com práticas metalúrgicas.

Cronologicamente, a análise do espólio do Monte Roncanito 18 indica uma ocupação centrada no período islâmico. Embora o material esteja muito fragmentado dificultando afinar a cronologia, podemos situar o sítio num contexto dos séculos X-XII.

3.8. Cabeçana 3

3.8.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Cabeçana 3 foram efectuados em Setembro de 1998¹⁹, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz,

¹⁹ Os trabalhos arqueológicos no sítio Cabeçana 3 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo e responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo co-responsável pelos trabalhos de campo. Conceição Roque, Ricardo Costa, Frederico Tátá Regala, Esmeralda Gomes, Carlos Reis e Paula Reis assistentes de arqueólogo; António Garcia Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados; Vitória Valverde e Carlos Fona, estagiários; Carla Lima e Alice Alves, voluntárias.

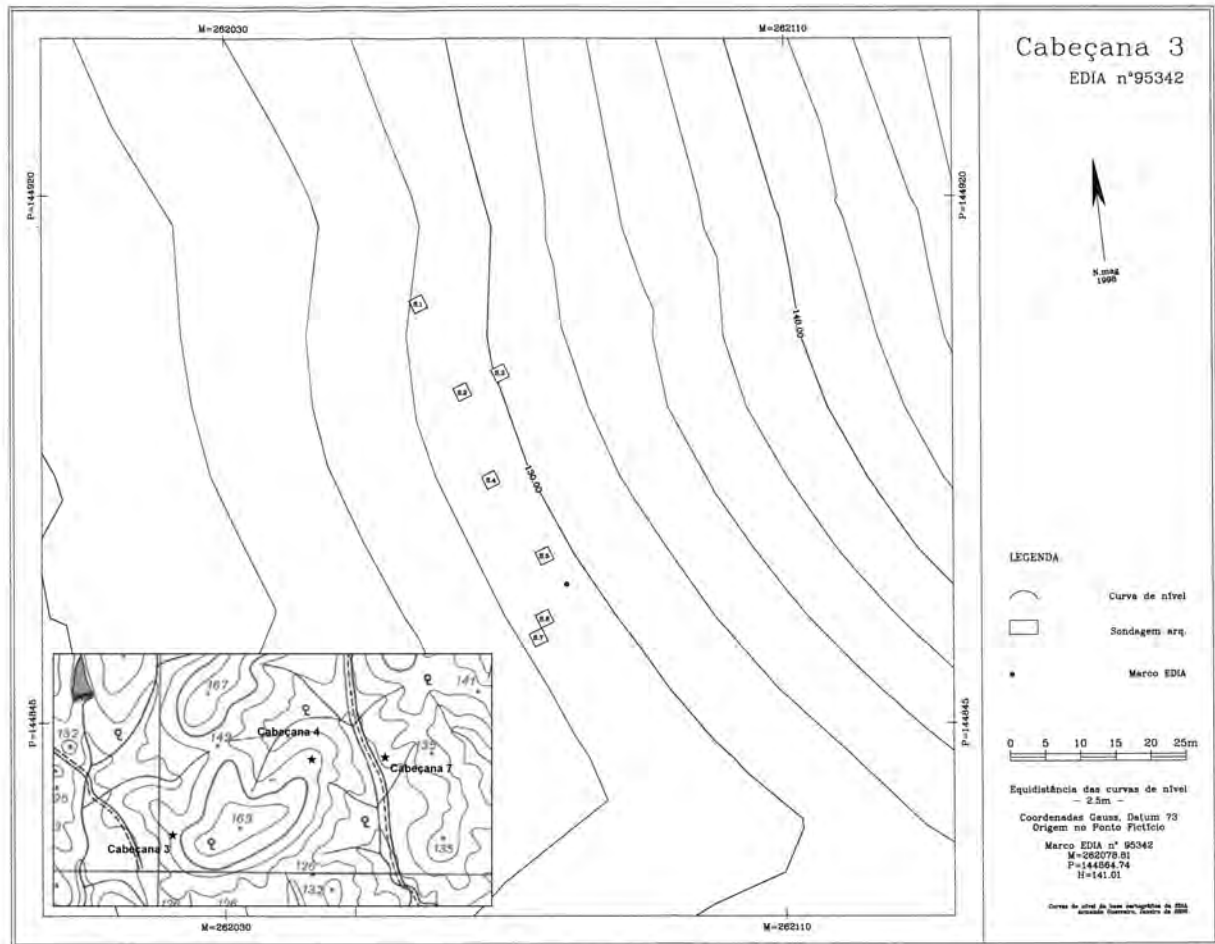


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95242, de cronologia Medieval.

O sítio identificado localizava-se na meia encosta de uma pequena elevação, num pequeno patamar sobranceiro a uma linha de água, onde se vislumbravam escassos vestígios de materiais de construção, sobretudo telha.

3.8.2. Trabalhos arqueológicos

Dada a identificação de alguns elementos cerâmicos residuais, sem concentração aparente, e centrados no patamar a meia encosta da elevação, estabeleceu-se um programa de sondagens procurando abranger a área entre o topo e a encosta descendente. Foram estabelecidas sete sondagens de 2x2 m, georreferenciadas à rede geodésica nacional, cinco das quais

a meia encosta, no patamar das ocorrências cerâmicas.

3.8.2.1. Estratigrafia

O local apresentava uma sequência estratigráfica análoga para a quase totalidade das áreas abertas, que passamos a descrever em seguida:

3.8.2.1.1. Sondagens 1, 2, 3, 4 e 5

U.E.1 – Terra vegetal com muitas raízes e folhas, de cor castanha clara arenosa, solta de grão fino. À superfície do terreno encontravam-se dispersas, com concentrações pontuais, pedras de xisto de calibre diverso.

U.E.2 – Terra arenosa de cor castanha clara, compacta, com pedras de xisto de pequeno e médio calibre.

U.E.3 – Afloramento xistoso.



Fot. 1 – Plano final da Sondagem 2.



Fig. 2 – Plano final das Sondagens 6 e 7.

3.8.2.1.2. Sondagens 6 e 7

U.E.1 – Terra vegetal com muitas raízes e folhas, de cor castanha clara arenosa, solta de grão fino. À superfície do terreno encontravam-se dispersas, com concentrações pontuais, pedras de xisto de calibre diverso.

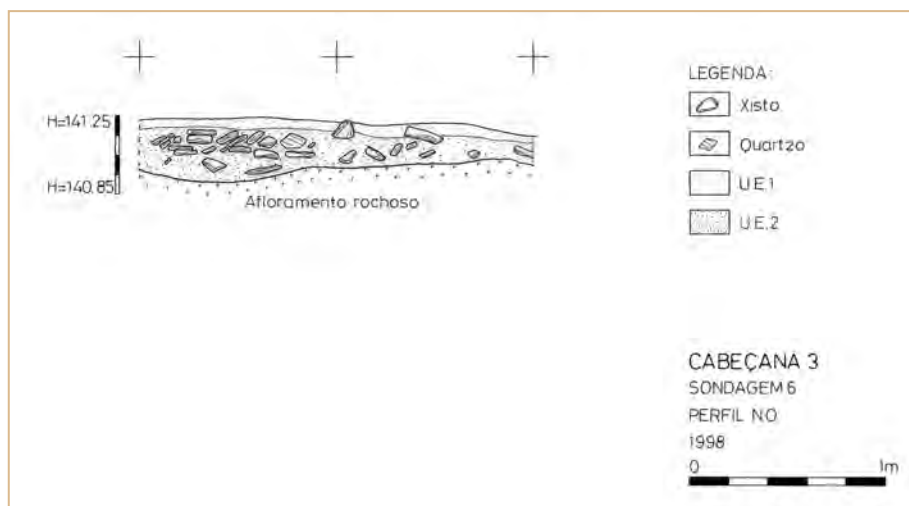
U.E.2 – Terra arenosa de cor castanha avermelhada bastante heterogénea, com abundante presença de blocos pétreos de xisto de médio e grande calibre.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

Após a remoção da U.E.1, foi registada uma grande concentração de elementos pétreos de calibre diverso de xisto e quartzo, e abundância de telha. Com a remoção deste grande derrube de pedra de larga potência, foi identificada uma estrutura mural, designada de Muro I, formado de xisto e quartzo, muito destruído e de orientação norte/sul.

Esta estrutura assentava directamente sobre o afloramento rochoso, não tendo sido detectado qual-

Fig. 3 – Perfil noroeste da Sondagem 6.



Fot. 2 – Plano final da Sondagem 6.

quer tipo de pavimento associado à mesma, nem entendidas as realidades que este delimitaria, mais concretamente, a presença de eventuais áreas/estâncias interiores por este delimitadas.

Já na Sondagem 7, que seguia uma estratigrafia semelhante, após a remoção do derrube pétreo, foi identificado um segundo troço de muro, de construção similar, designado de Muro II e igualmente muito arrasado. Sublinhe-se a evidente desconexão entre ambos, que integrariam uma estrutura de planta mais complexa, não identificada. Este último apresentava cerca de 0,60 m de espessura.

3.8.2.2. Interpretação

Apesar da inexistência de níveis de ocupação na maior parte das sondagens efectuadas, os resultados das Sondagens 6 e 7 confirmam a presença de dois

troços de muros de uma estrutura de planta desconhecida, construídos em xisto e quartzo de pequeno e médio calibre com um ligante de terra argilosa, técnica comum na região, onde ainda actualmente são visíveis construções cuja base dos muros é feita em fiadas de pedra e posteriormente cheia com terra.

Esta encontra-se profundamente destruída pelos trabalhos agrícolas, não subsistindo evidências de outras estruturas associadas, pisos ou solos ou estruturas de apoio. Não obstante, a quase totalidade do espólio observado no local provém das sondagens associadas às estruturas, 6 e 7, reforçando a ideia de ter existido no local um núcleo de pequenas dimensões e de cariz eminentemente rural.

3.8.3. Estudo do espólio

O material exumado era constituído por um inexpressivo e reduzido número de 19 fragmentos. Proveio das Sondagens 5, 6 e 7, na maioria da U.E. 2 tendo os fragmentos de telha sido somente recolhidos à superfície. Porém, este é o elemento mais abundante no conjunto (78,95% do total), representando a cerâmica comum somente 21,05% dos objectos.

No que diz respeito às formas funcionais, excluindo as telhas, apenas podemos contar com três fragmentos indeterminados, e um único fragmento de contentor, todos eles fragmentos de pança sem informação apreciável embora em três dos casos a presença de marcas de fogo nos permita associá-los a cerâmica de cozinha.

As pastas, incluindo as telhas, correspondem na sua maior parte (57,89%) ao tipo C1 (pastas alaranjadas grosseiras, arenosas ou granuladas), sendo também

FORMAS	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA			
	0	1	2	Total
Indeterminado			3	3
Contentor			1	1
Telha	4		11	15
TOTAL	4	0	15	19

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

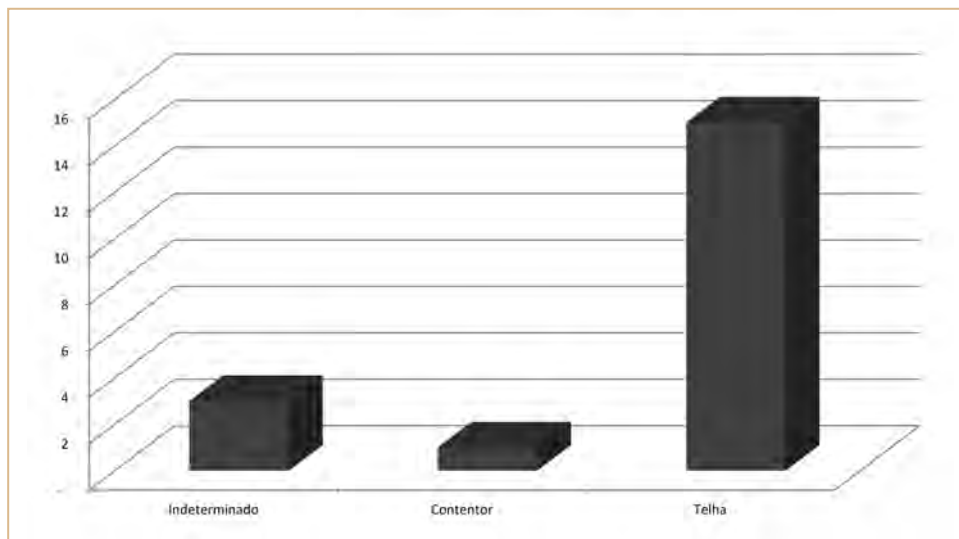


Gráfico 1
Formas funcionais.

COR EXTERIOR	COR CENTRO		
	Alaranjada	Castanha	TOTAL
Castanha		2	2
Cinzenta	1		1
Preta	1		1
TOTAL	2	2	4

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)				
	CI	DI	FI	GI	TOTAL
Indeterminado	1	1	1		3
Contentor			1		1
Telha	10		4	1	15
TOTAL	11	1	6	0	19

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

significativas (31,58%) as pastas do tipo F1 (castanhas grosseiras, arenosas ou granuladas), e encontrando apenas um exemplar dos tipos D1 (laranja acastanhada grosseira) e G1 (cinzenta grosseira).

A análise dos elementos não plásticos (ENP) permitiu constatar que nos quatro exemplos de cerâmica comum se encontram presentes o feldspato e a mica e, ocasionalmente, o quartzo e o xisto de tamanhos diversos mas em abundância. No que se refere as telhas, domina a combinação de feldspato, quartzo e mica, em grande densidade e tamanhos diversos.

Nas técnicas de fabrico, se excluímos as telhas, todas elas moldadas, dos quatro fragmentos de cerâmica comum três foram realizados com fabrico manual e apenas um com torneado rápido. A única forma identificada, o fragmento de contentor, foi realizado manualmente com cozedura oxidante. Ainda no que diz respeito à cozedura, exceptuando num fragmento de telha de cozedura redutora, maioritariamente foi realizada em atmosfera oxidante.

Se excluímos novamente as telhas que apresentaram um acabamento interior grosseiro e exterior ali-

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)			
	Castanha	Cinzenta	Preta	TOTAL
Feldspato, quartzo e mica	1		1	2
Feldspato mica xisto	1			1
Feldspato mica min. ferrosos		1		1
TOTAL				4

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	3			3
Torno Lento	1			1
Rolo				1
Molde (mat. construção)	14		1	15
TOTAL	18	0	1	19

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozedura.

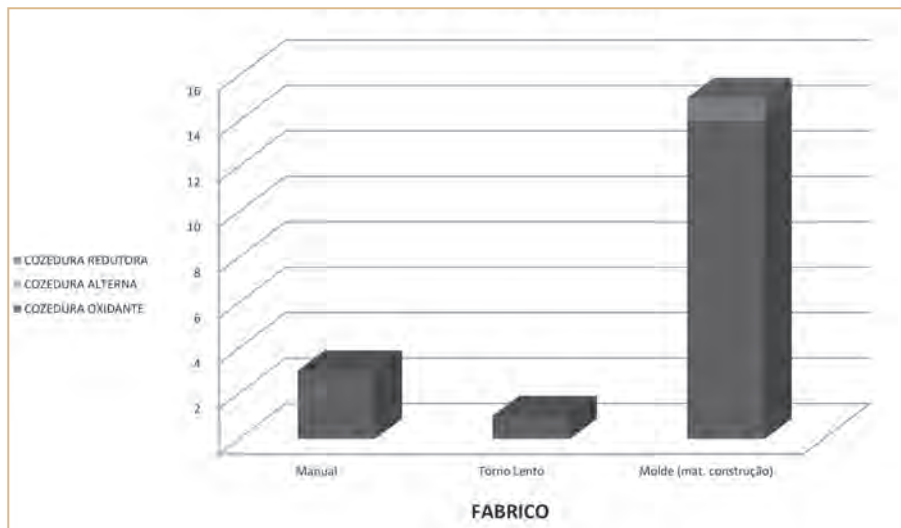


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozedura.

INTERIOR	EXTERIOR	
	Alisado	TOTAL
Alisado	3	3
Sem tratamento	1	1
TOTAL	4	4

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

sado, os quatro fragmentos de cerâmica comum apresentaram superfícies simplesmente alisadas. Nenhum dos fragmentos apresenta qualquer tipo de decoração.

Não conseguimos extrair qualquer conclusão fiável a partir deste espólio dado a sua extremada pobreza. Apenas a presença de telha permite enquadrar o conjunto numa cronologia muito vaga de época medieval/moderna. No entanto, a ausência de vasilhas fabricadas com um torneado rápido pode interpretar-se com um contexto rural da Alta Idade Média.

3.8.4. Conclusão

Apesar da inexistência de níveis de ocupação na maior parte das sondagens efectuadas, os resultados das Sondagens 6 e 7 confirmam a existência de uma estrutura na meia encosta. A exiguidade e elevado grau de destruição da área escavada não permitiram caracterizar ou obter uma planta da estrutura, testemunhada pela presença de dois troços de muros de uma estrutura de planta desconhecida, construídos em xisto e quartzo de pequeno e médio calibre com um ligante de terra argilosa.

A ausência de materiais arqueológicos expressivos impede determinar uma cronologia concreta, embora os traços gerais indiquem uma atribuição alargada do período Medieval/Moderno.

3.9. Espinhaço 4

3.9.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Espinhaço 4 foram efectuados entre Maio e Junho de 1999²⁰, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a

sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95265, habitat, de cronologia medieval/moderno.

As informações disponíveis, indicavam o sítio Espinhaço 4 correspondia a uma pequena plataforma artificial de forma quadrada com 10 m de lado, onde se destacavam vestígios de um pequeno habitat, com fragmentos de telha grossa e muita pedra solta de xisto e quartzo, à superfície, talvez de uma casa (SILVA, 1996). Na fase de prospecção/reavaliação do local, foi possível constatar a existência das mesmas e caracterizar melhor o seu quadro envolvente.

Na margem direita do Rio Guadiana, o sítio de Espinhaço 4, localizava-se na Herdade do Espinhaço, a escassos metros do Monte que lhe dava o nome, no topo de uma pequena plataforma virada a uma linha de água sazonal, com boa visibilidade e domínio paisagísticos.

No terreno eram visíveis pequenos socalcos que sugeriam a presença de uma estrutura pétreia de forma rectangular, com cerca de 10 m, encontrando-se a área coberta de estevas e pedras de xisto e quartzo de calibre diverso. A cerâmica de superfície apresentava uma dispersão de cerca de 200 m², por toda a plataforma e encosta.

3.9.2. Trabalhos arqueológicos

Para proceder a uma avaliação e caracterização das realidades observadas, foi estabelecido um programa de trabalhos com a execução de sondagens arqueológicas, implantadas nas áreas das estruturas visíveis. Numa primeira fase, foram implantadas cerca de quatro sondagens de 2x2 m, posteriormente alargadas com mais duas, em função dos resultados obtidos. Todas as áreas escavadas foram georreferenciadas à rede geodésica nacional.

3.9.2.1. Estratigrafia

A sequência estratigráfica abaixo descrita foi válida para todas as sondagens efectuadas:

²⁰ Os trabalhos arqueológicos no sítio Espinhaço 4 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Danilo Pavone, desenhador; Vitória Valverde, estagiária; António Cristino, trabalhador indiferenciado.

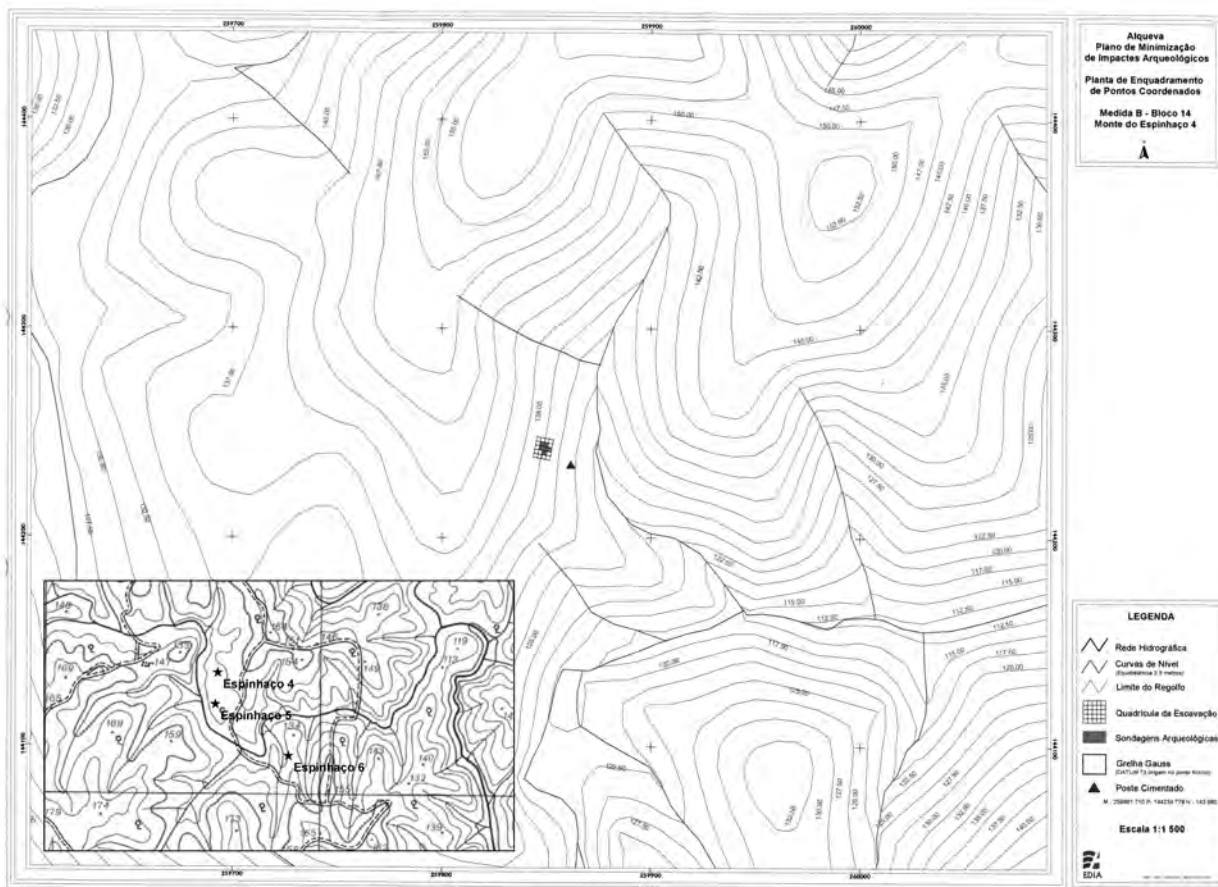


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.



Fot. 1 – Vista geral para noroeste, com a Sondagem 3 em primeiro plano.

U.E.1 – Terras castanhas não muito escuras, soltas, com vegetação rasteira (estevas, folhas e erva) com cerca de 2/3 cm de espessura.

U.E.2 – Terras castanhas claras muito compactadas, com relativa concentração de pequenas pedras de xisto e cerca de 10/15 cm de espessura.

U.E.3 – Terras castanhas amareladas muito compactadas, com grande concentração de fragmentos de cerâmica de construção na sua composição.

U.E.4 - Corresponde ao afloramento xistoso.

3.9.2.2. Interpretação

Após a remoção da U.E.1 e U.E.2, observaram-se diversos troços de muro da estrutura visível desde a superfície, compostos por pedras de xisto e quartzo de médio e grande calibre, dispostas e em perpianho e colmatadas com terras argilosas, denominada de Ambiente 1.

3.9.2.2.1. Ambiente I

O Ambiente 1 possuía planta quadrangular, com cerca de 16 m², com os muros relativamente bem conservados, assentes directamente no substrato rochoso, apresentando um alçado entre os 0,20 e 0,40 m de altura e uma espessura média de 0,45 m, definindo um espaço interior onde foi observada a U.E.3.

Este estrato foi interpretado como um nível de destruição/derrube da estrutura revelando uma grande percentagem de cerâmica de construção e com uma relativa concentração de pedras de xisto de média dimensão.

Não foi identificado qualquer tipo de acesso ou vão ao interior da estrutura, uma vez que o alçado conservado encontrava-se ao nível da fundação, ou qualquer nível de pavimento/solo, o que permite equacionar o uso do afloramento como nível de chão no interior da estrutura.

A Sondagem 5, implantada no interior da estrutura, procurou confirmar a estratigrafia observada nas



Fot. 2 – Plano final, vista para sudoeste das Sondagens 3, 4, 5 e 1.

quatro sondagens anteriores, e caracterizar a presença de algumas pedras de xisto de grandes dimensões que sugeriam uma eventual estrutura tipo *caixa* bem no centro da estrutura pética. Na realidade, tratavam-se de elementos pétreos sem qualquer tipo de conexão, definidos aquando da escavação da U.E.3, associados a

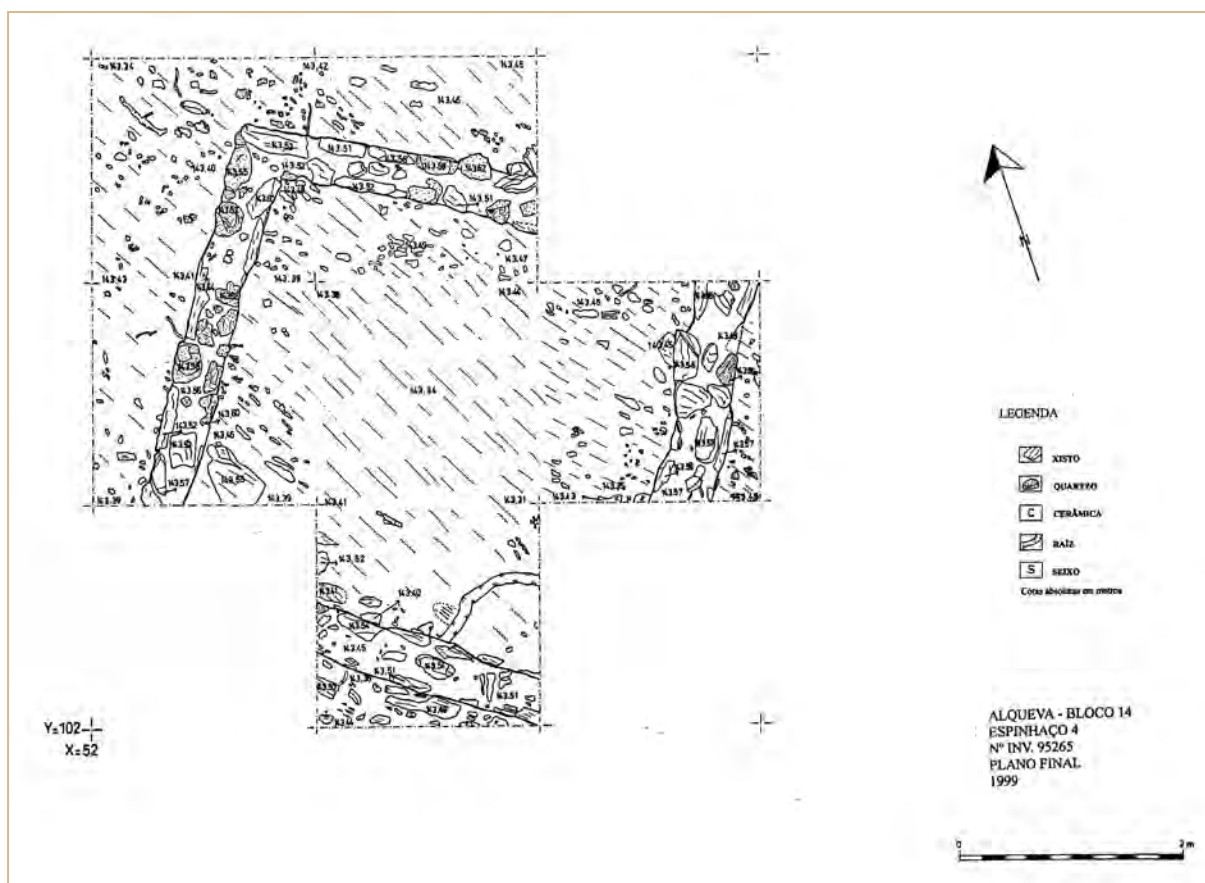
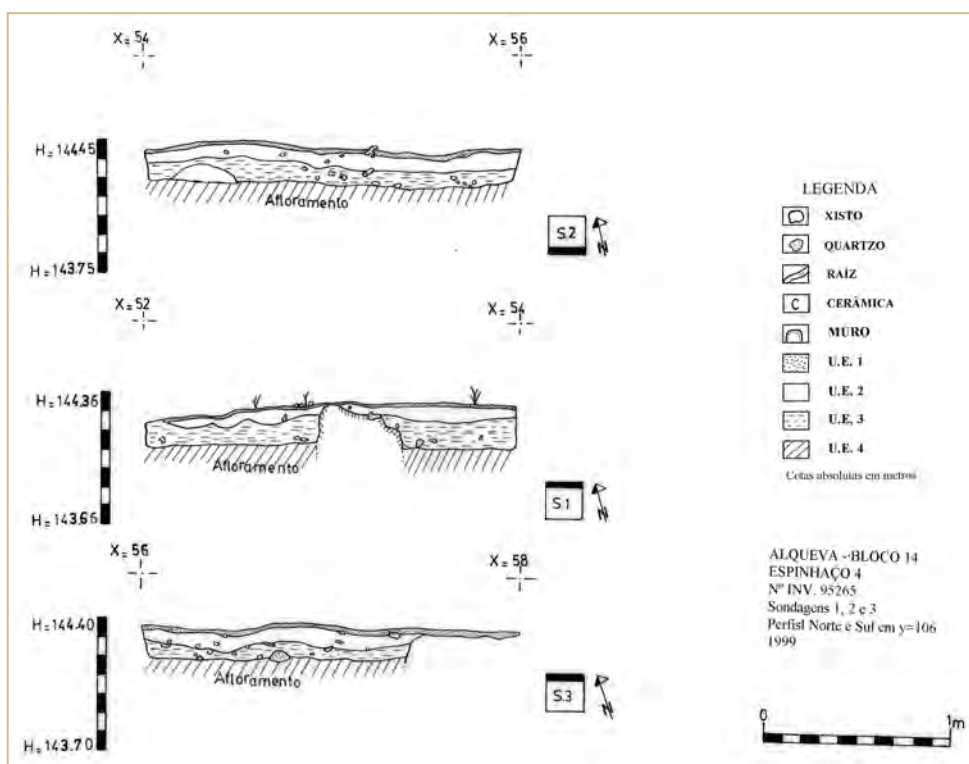


Fig. 2 – Plano final da intervenção.

Fig. 3 – Perfis das Sondagens 1, 2 e 3.



Fot. 3 – Sondagem 1, U.E.2.

3.9.3. Estudo do espólio

Esta estação revelou um espólio diminuto. Foram recolhidos 84 fragmentos de cerâmica, dos quais 32 (69% do total do espólio) eram fragmentos de telha, repartidos de forma desigual pela estratigrafia (ver quadro 1) pertencendo a maior parte a U.E.3 (59%).

A fragmentação da amostra dificultou a identificação da sua forma funcional, havendo uma elevada percentagem de objectos indeterminados (71,15%). No entanto, exceptuando o material de construção, foram identificados nove fragmentos de talha (17,31% do vasilhame), e dois fragmentos de contentor, de panela e de taça (3,85% nos três casos). Em nenhum caso foi possível identificar uma tipologia concreta em cada uma destas formas.

Excluindo o material de construção, a maior parte das cerâmicas foram fabricadas com pastas castanhas (51,92%), seguidas, em igual percentagem por alaranjadas e cinzentas (19,23%, ver quadro 2). Os tipos predominantes de pastas, em função de cor e textura (ver quadro 3) são as castanhas granuladas que denominamos tipo F1 (46,43%), vermelhas acastanhadas granuladas ou E1 (17,86%), laranjas acastanhadas ou C1 (9,52%), cinzentas granuladas G1 (8,33) e cinzen-

fragmentos de cerâmica de construção e comum, que pertenciam ao nível de destruição detectado em praticamente todo o interior da estrutura pétreo intervenida.

Em suma, a estratigrafia observada no sítio Espinhaço 4 revelou que a U.E.2 terá correspondido a uma acumulação natural de sedimentos associada aos momentos de abandono do local e a U.E.3 a um aparente nível de destruição, detectado exclusivamente no interior da estrutura observada.

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA					
	1	2	3	4	3, 4	Total
Indeterminado		4	22	4	7	37
Talha			9			9
Contentor				2		2
Panela			1	1		2
Taça				2		2
Telha			25	5	2	32
TOTAL	0	4	57	14	9	84

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

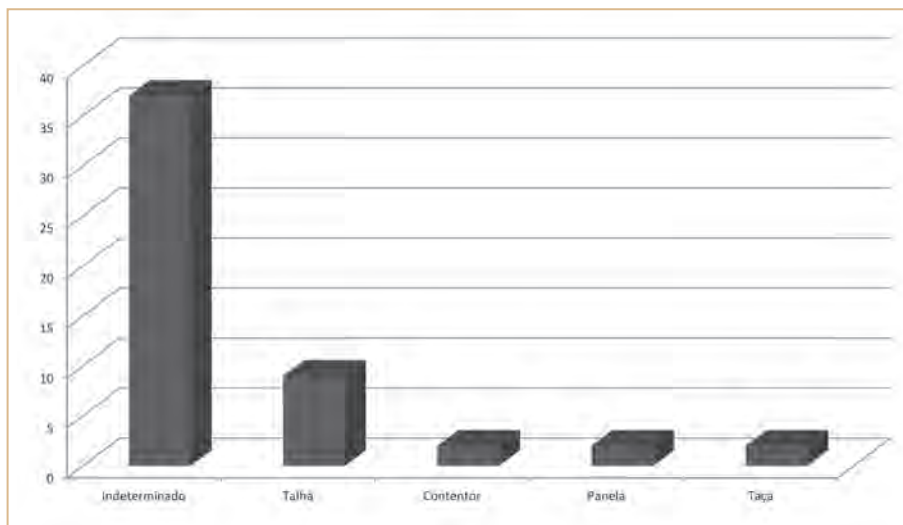


Gráfico 1 – Formas funcionais.

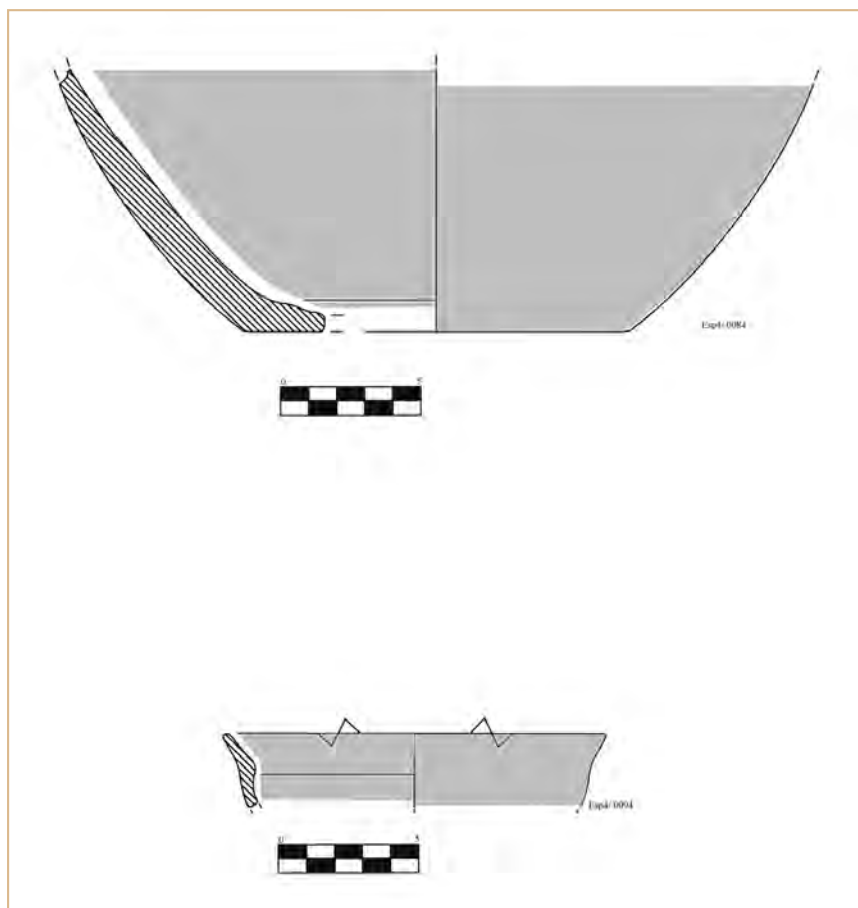
COR EXTERIOR	COR CENTRO					TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preta	
Alaranjada	5		3	7		15
Vermelha		3				3
Castanha	5		23	2		30
Cinzenta			1	1		2
Preta					2	2
TOTAL	10	3	27	10	2	52

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS DEFINIDAS NO BLOCO I 4													TOTAL
	C1	C2	C3	D1	D2	E1	E2	F1	F2	G1	G2	G3	H1	
Indeterminado	2	1	1	2			3	17	2	4	4		1	37
Contentor	1				1									2
Talha								7				1	1	9
Panela										1	1			2
Taça								2						2
TOTAL	3	1	1	2	1	0	3	26	2	5	5	1	2	52

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Fig. 4 – Peças (014)0084 e (014)0094.



tas compactas G2 (8,33). Surgem ainda residualmente outros tipos.

Os elementos não plásticos (ENP) detectados através de observação macroscópica são também muito variados e reflectem a matéria-prima local (ver quadro 4), destacando-se as combinações de feldspato, mica e quartzo (28,57%). Surgem também outras combinações, que apresentam valores residuais, como de mica e feldspato, com calibre pequeno/médio e uma grande densidade.

Relativamente às técnicas de fabrico (ver quadro 5) temos que 38,10% do total exumado corresponde a peças fabricadas com molde (telhas), 27,38% foram manufacturadas com técnica indeterminada, 23,81% a torno rápido, 9,52% a rolo e 1,19% usando a técnica manual. Deste modo, se excluirmos o material de construção, o vasilhame foi, na sua maior parte fabricado com torneado rápido. Quanto a cozedura, na maioria dos casos foi empregue a oxidante (67,86%, dos quais

35,71% são telhas). Apenas o material de construção traduz uma homogeneidade nas técnicas de fabrico; no restante vasilhame existe uma grande heterogeneidade na combinação de técnicas de fabrico e cozedura.

As técnicas de acabamento empregues (ver quadro 6) são sobretudo o alisado interior e exterior (52,38%) e o grosseiro interior e o alisado exterior, reflexo do peso da telha no universo em estudo (38,09%). Deste modo, se excluirmos o material de construção, o alisado é esmagadoramente dominante (94,23%). Residualmente, encontramos outros tratamentos da superfície (sem tratamento, o grosseiro e o polido).

A esmagadora maioria das peças não apresenta qualquer tipo de decoração, surgindo só no exterior em 2,38% do total, correspondendo à técnica de impressão em duas talhas.

Em resumo, o espólio do sítio é muito pobre, dificultando qualquer interpretação crono-cultural mas, atendendo às suas características técnicas e ao reportó-

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)					
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preta	TOTAL
Quartzo mica	1		2			3
Calcário, mica, feldspato	1			1		2
Mica			2			2
Quartzo feldspato	3	2	4		1	10
Quartzo feldspato min.ferrosos				1		1
Feldspato e mica	3	1				4
Mica min ferrosos	1					1
Feldspato mica quartzo	4	1	18		1	24
Feldspato mica xisto		1	1			2
Feldspato, mica, min. ferrosos, quartzo			2			2
Quartzo, biotite, min.ferrosos	1					1
TOTAL	14	5	29	2	2	52

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	1			1
Torno Rápido	8	6	6	20
Rolo	5	3		8
Indeterminado	13	3	7	23
Molde (Mat. Construção)	30	1	1	32
TOTAL	57	13	14	84

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

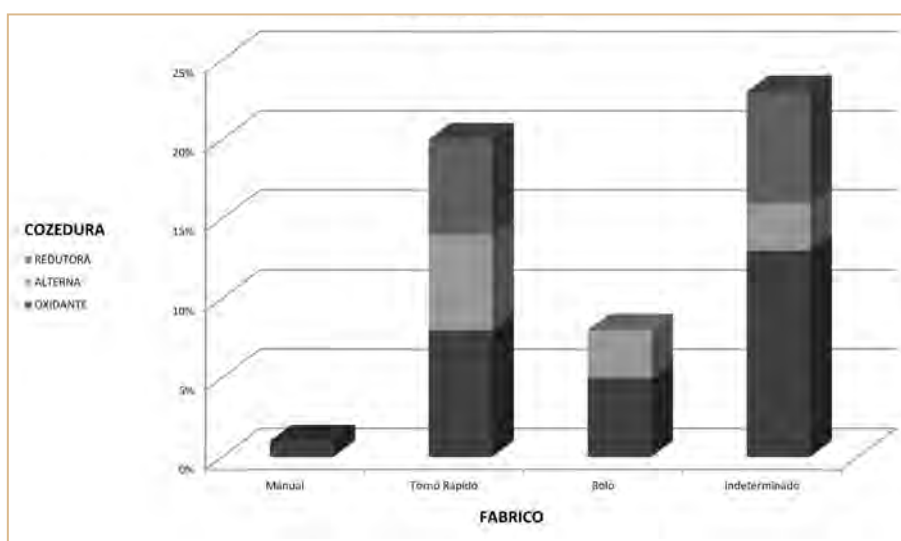


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR			
	Grossoiro	Alisado	Polido	TOTAL
Grossoiro	1			1
Alisado	1	44	1	46
Sem tratamento		5		5
TOTAL	2	49	1	52

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO EXTERIOR		
	Impressão	Não dec.	TOTAL
Indeterminado		37	37
Talha	2	6	8
Cântaro		2	2
Tacho		3	3
Taça		2	2
Telha		32	32
TOTAL	2	82	84

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

rio funcional, podemos especular uma vaga cronologia medieval de uma comunidade rural onde dominam os utensílios de armazenamento, complementados com alguns objectos de cozinha e mesa, e de técnicas de fabrico mais cuidadas que podem indicar um certo relacionamento com os mercados urbanos regionais.

3.9.4. Conclusão

A exiguidade dos vestígios e as dimensões reduzidas da estrutura quadrangular identificada não permitem confirmar com segurança a natureza do tipo de estrutura patente, devendo corresponder a um pequeno habitat ou a uma instalação de apoio aos trabalhos agrícolas no meio rural.

O espólio encontrado, consentâneo com a inter-

pretação do sítio como um habitat rural, pouco contribui para esclarecer a cronologia do sítio, que enquadra-se de forma vaga no período medieval.

A proximidade deste sítio com o de Espinhaço 5, aliada à descoberta de um novo local, a escassos 100 m a este da estação, permite equacionar um padrão de implantação de pequenos casais agrícolas, disseminados em pequenas elevações junto de pequenas várzeas, que, apesar do seu grau de destruição, não deixam de ser relevantes para uma tentativa/proposta de explicação do modelo de povoamento rural na região no período medieval.

3.10. Monte Roncão 10

3.10.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Roncão 10 foram iniciados em Maio de 1999²¹, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, e posteriormente continuados ao longo do mesmo ano, em função da relevância patrimonial do local.

Após um programa inicial de sondagens arqueológicas, comum à maioria dos locais intervenções pelo Bloco 14, foi estabelecido um plano de intervenção e escavação em área, efectuado em duas fases, entre Setembro e Outubro de 1999 e continuado posteriormente em Novembro do mesmo ano²², a fim de caracterizar, com maior rigor, o potencial

²¹ As sondagens efectuadas no sítio Monte Roncão 10 foram asseguradas pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pilar Reis arqueóloga que assegurou os trabalhos de campo; Carlos Fona, licenciado em História; Danilo Pavone, desenhador de campo; José Rito e José Sardinha, trabalhadores indiferenciados.

²² Na fase de alargamento e intervenção em área, a equipa original sofreu algumas alterações, apresentando os seguintes elementos: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Vitória Valverde e Carlos Fona, licenciados em História, estagiários; Maria João Miranda, Hugo Silva e Vera Assunção, finalistas da licenciatura em História na variante de Arqueologia, estagiários; Pedro Seruca, desenhador; Nuno Palmeiro, estudante de Arquitectura; António Cristino, José Rito, José Sardinha e João Capucho, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Carlos Picaró.

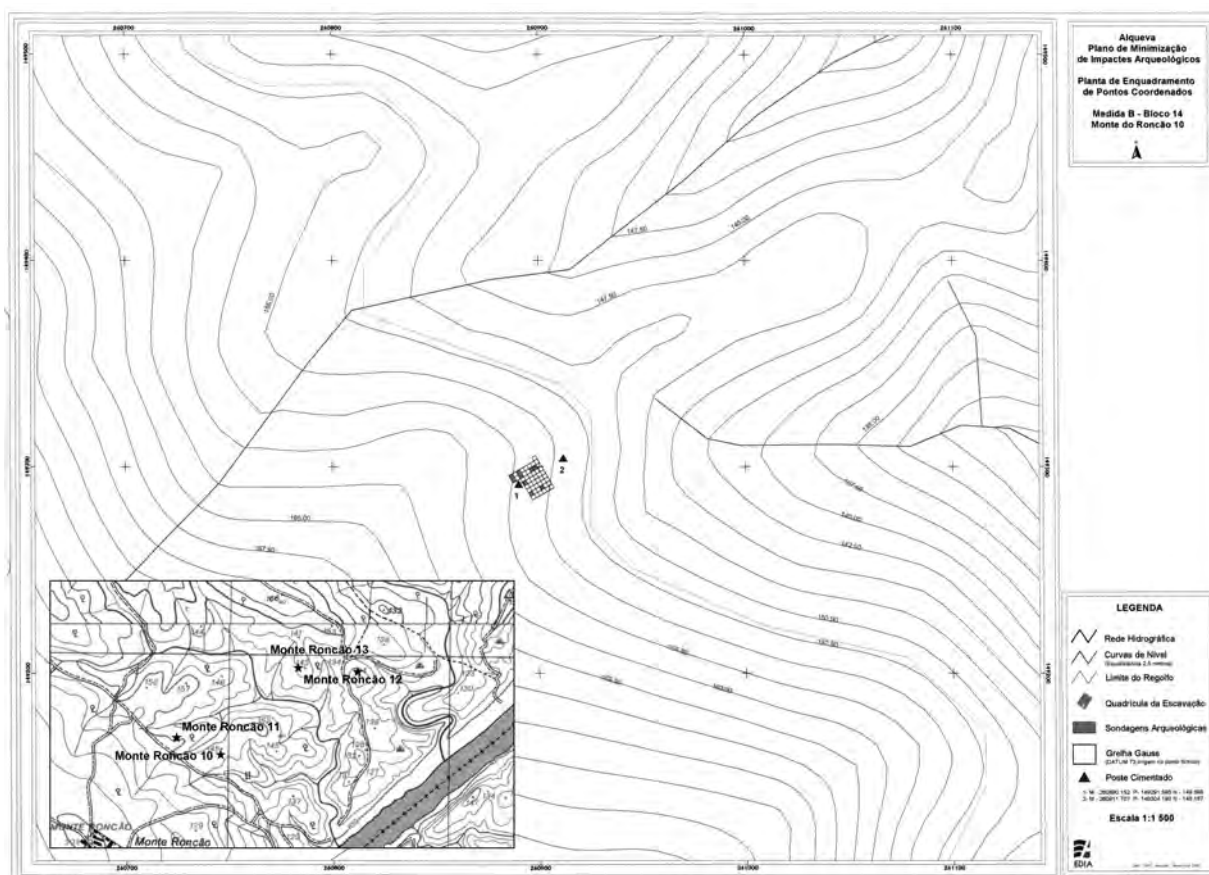


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens na quadrícula.

arqueológico do local e aferir a sua cronologia de utilização.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95382, habitat, de cronologia medieval/moderno.

No quadro da informação disponível, o sítio denominado Monte Roncão 10 correspondia a uma pequena encosta entre duas linhas de água, onde se observavam fragmentos de cerâmica de construção - telha grossa - e comum, numa área de cerca de 200 m² (SILVA,1996).

Os trabalhos de prospecção/reavaliação permitiram observar no local, uma elevação aplanada, presença de materiais cerâmicos dispersos entre as duas pequenas linhas de água da plataforma, e diversos elementos pétreos soltos, alguns de possíveis alinhamentos de muro.

3.10.2. Trabalhos arqueológicos

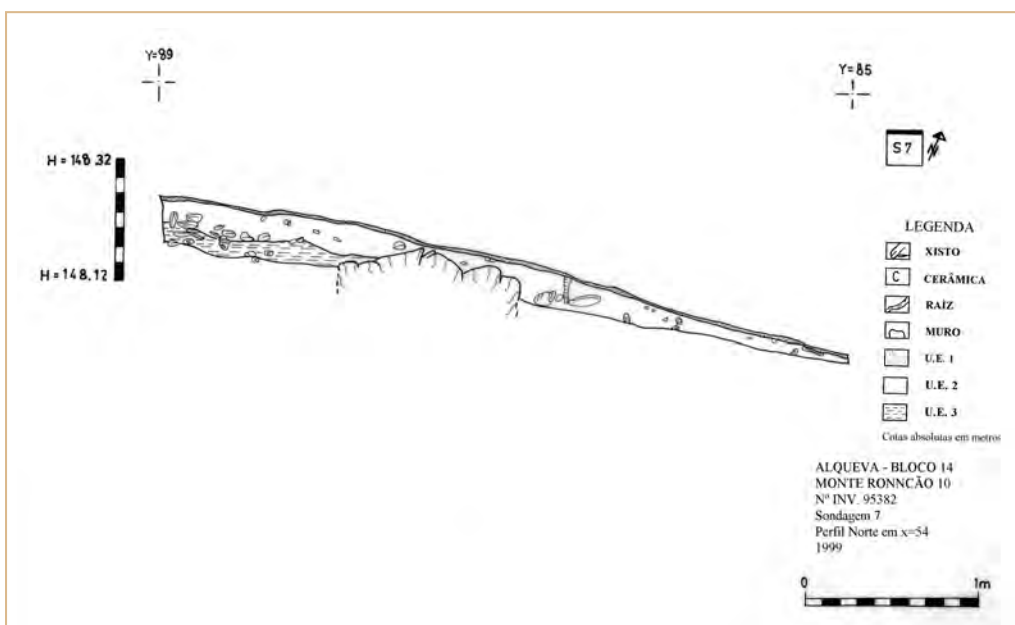
3.10.2.1. Sondagens Arqueológicas

Como supra referido, a estratégia de intervenção procurou, numa primeira fase, caracterizar e delimitar os vestígios existentes através da execução de sondagens arqueológicas, efectuadas nas áreas de maior concentração de vestígios e nos aparentes alinhamentos das estruturas.

Foram implantadas quatro sondagens de 2x4 m e três de 2x2 m, georreferenciadas ao Sistema Nacional de Referência. As sete sondagens escavadas revelaram uma potência diminuta, possuindo genericamente seis unidades estratigráficas, com cerca de 0,15 a 0,20 m de espessura no seu todo e denunciaram um conjunto de estruturas que apontava para uma ocupação de grandes dimensões.

A distribuição das mesmas obedeceu à implan-

Fig. 2 – Perfil estratigráfico noroeste da Sondagem 7.



tação de um eixo orientado norte-sul com uma extensão de 25 m, ao longo do qual foram distribuídas três sondagens: duas de 2x2 m (Sondagens 1 e 2) e uma de 2x4 m (Sondagem 3). Por seu turno, a Sondagem 2 foi implantada na zona de maior ocorrência de materiais e as restantes na relação dos alinhamentos visíveis: a Sondagem 4, com as dimensões 2x4 m, de modo a confirmar a continuidade de um dos muros identificados nas Sondagens 1 e 3, e a Sondagem 5, a este da Sondagem 1, com o objectivo de melhor delimitar o muro existente. Por fim, a abertura da Sondagem 6 (2x2 m) procurou responder à hipótese da continuidade de uma estrutura, a 11m do eixo central, e a Sondagem 7, com as dimensões 2x4 m, com o objectivo de confirmar a existência/continuidade das estruturas.

3.10.2.1.1. Estratigrafia

A partir das sete sondagens foram identificadas seis unidades estratigráficas, cujas características, salvo algumas excepções, foram comuns às áreas abertas e identificadas com a seguinte sequência:

U.E.1 – Terras de cor castanho-escuro alaranjado com vestígios de pedras de xisto, quartzo e fragmentos cerâmicos.

U.E.2 – Terras de cor castanho alaranjada, homogéneas e espessas e relativamente compactas. Nas Sondagens 4 e 6, estes estratos apresentam uma coloração ligeiramente mais escura, com diversos fragmen-

tos de xisto. Em todas as sondagens, esta camada apresenta ainda fortes indícios de revolvimento e alteração devido às raízes. No caso da Sondagem 5, a escavação terminou com a remoção deste nível.

U.E.3 – Terras castanho escuras, compactas, com grande concentração de xistos. Apesar de algumas semelhanças com a U.E.2, diferenciam-se da mesma por uma maior concentração de xisto, proveniente do muro observado nas Sondagens 2, 4 e 5.

Na Sondagem 2, esta U.E., caracteriza-se por uma grande concentração de telhas e terras de cor castanho avermelhado e muito compactas, podendo corresponder a um nível de piso.

U.E.4 – Afloramento xistoso nas Sondagens 1, 2, 3, 6 e 7.

Na Sondagem 4, correspondeu a uma camada de terras de cor castanho avermelhado, relativamente compacta e argilosa, com fragmentos cerâmicos.

U.E.5 – Nível do afloramento xistoso na Sondagem 4, onde surge ainda uma vala de fundação de muro. Na Sondagem 6, este depósito correspondeu a um género de “bolsa” caracterizada por uma finíssima camada de terra bastante argilosa e aparentemente queimada, aliada a vestígios de carvões.

3.10.2.1.2. Interpretação

A escavação das sondagens permitiu observar um conjunto de estruturas, que se prolongavam por

grande parte do patamar da elevação, testemunhando uma ocupação de grandes dimensões.

Nas Sondagens 1, 3 e 4 detectou-se um muro de orientação este-oeste. Encontrava-se bastante danificado nas Sondagens 4 e 5, restando nesta última, apenas alguns blocos que evidenciavam o seu alinhamento.

Outra estrutura mural de largas dimensões foi observada na Sondagem 6, com uma orientação norte-sul, interceptada por outra, na direcção este-oeste, que se prolongava pela Sondagem 7. Sublinhe-se contudo, o seu elevado nível de destruição/derrube. A Sondagem 2 não revelou qualquer tipo de estruturas.

3.10.2.2. Escavação em Área

Dada a relevância dos resultados obtidos na primeira fase de intervenção, os trabalhos foram continuados com a escavação em área do local, de modo a proceder a uma melhor caracterização da funcionalidade e cronologia do sítio arqueológico e aferir da sua (eventual) relação com o sítio Monte Roncão 11, que se situava a escassos metros.

Após breve limpeza do terreno, foi instalado o sistema de referência a partir do eixo anteriormente utilizado na marcação das sondagens arqueológicas. O terreno foi quadriculado em sectores de 4x4 m, que por sua vez englobavam quatro quadrados de 2x2 m, seguindo o eixo organizado alfanumericamente, de modo a permitir uma maior rapidez na delimitação dos vestígios identificados anteriormente. Desta forma, foram intervencionados 31 sectores numa área total de escavação de 500 m².

3.10.2.2.1. Estratigrafia

Na generalidade, a potência estratigráfica da estação foi diminuta, apresentando uma estratigrafia válida para grande parte das áreas abertas, caracterizada por três unidades/estratos sedimentares:

U.E.1 – Terras húmusas de cor castanha escura, soltas, com alguma vegetação rasteira (raízes de estivas, ervas e folhas).

U.E.2 – Terras castanhas claras, compactadas, com grande percentagem de pequenos fragmentos de xisto e quartzo na sua composição.

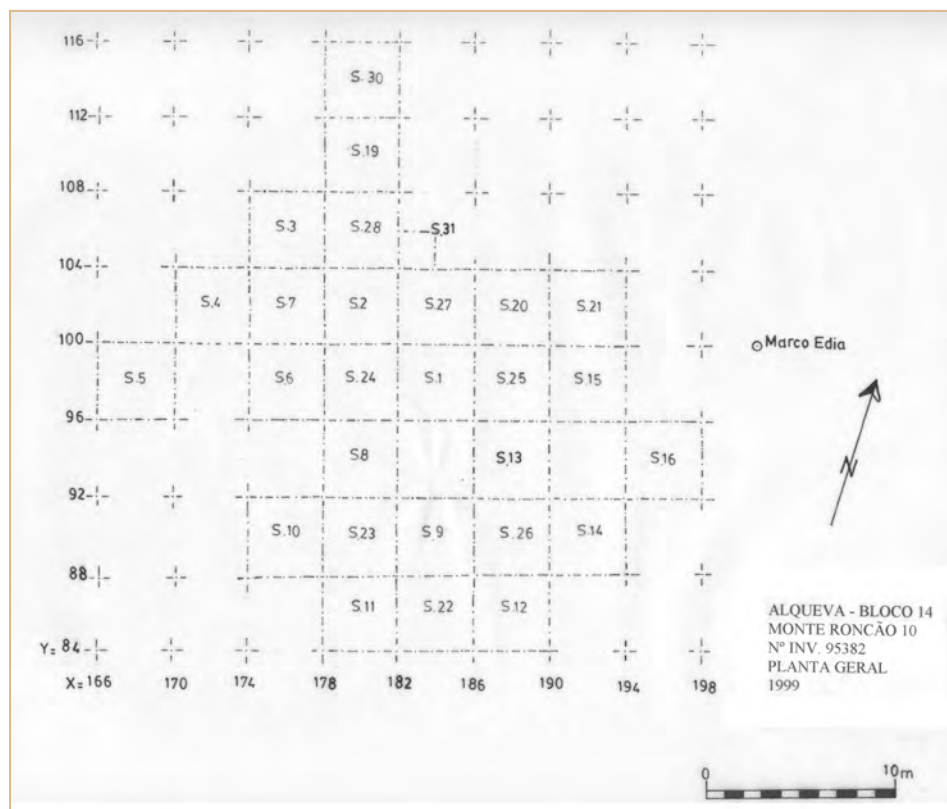


Fig. 3 – Planta geral dos sectores intervencionados.

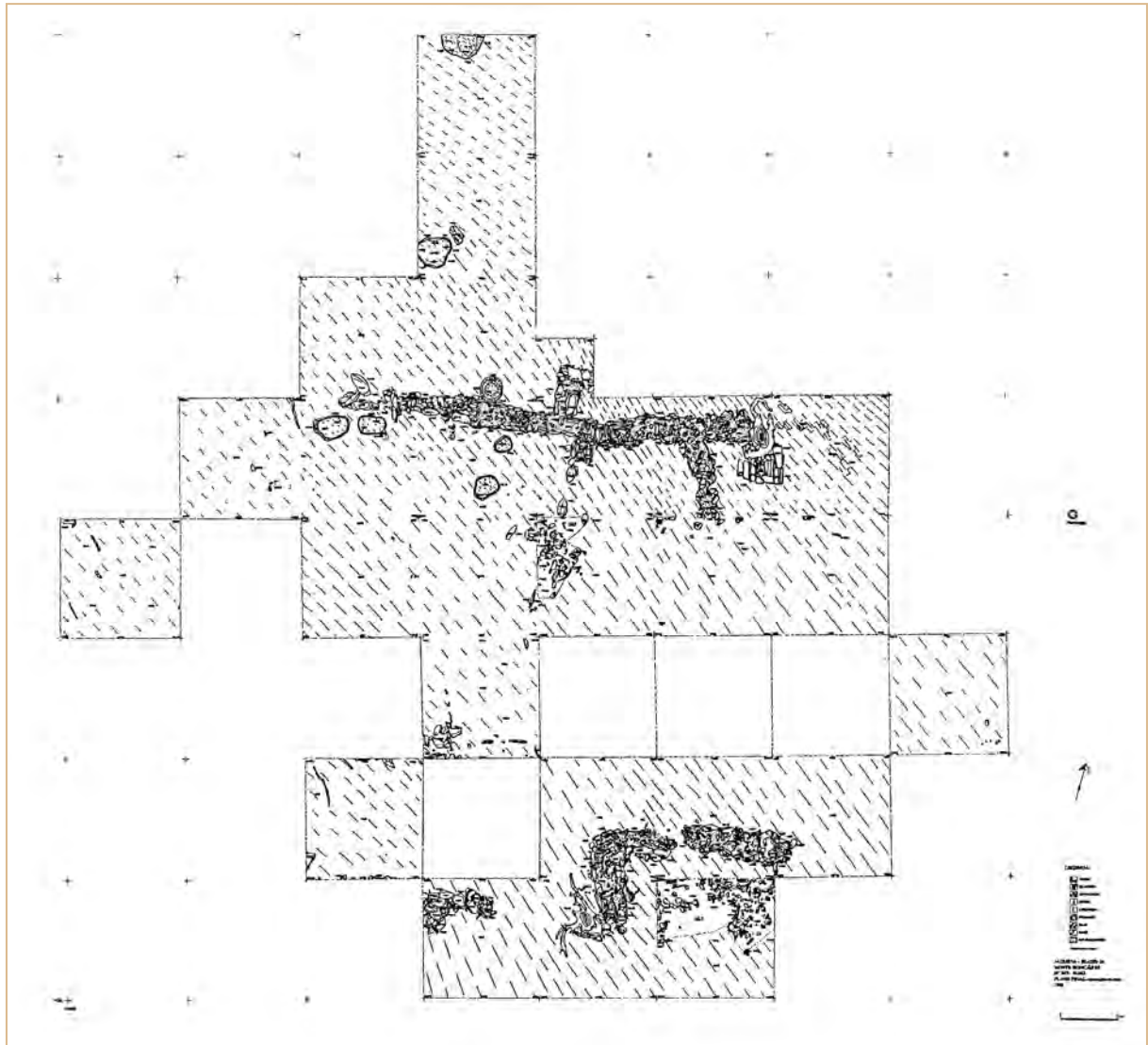


Fig. 4 – Plano final da escavação.

U.E.3 – Terras castanhas claras, compactadas, bastante semelhantes às terras da U.E.2, mas com uma maior concentração de pedras de xisto e quartzo de calibre diverso.

U.E.4 – Afloramento xistoso.

Numa análise genérica dos dados estratigráficos, a U.E.1 correspondeu ao nível de coberto vegetal, superficial, extremamente reduzido e por vezes mesmo inexistente. A U.E.2 atingiu cerca de 10 a

15 cm de espessura nos diversos sectores escavados e correspondeu ao estrato que cobria a maioria das estruturas identificadas e de onde foi recuperada a quase totalidade do espólio exumado. A U.E.3 apenas surgiu, a espaços, associada aos níveis de destruição detectados e, por fim, a U.E.4, o afloramento rochoso, que revelava, em grande parte dos sectores intervenções, as marcas dos intensos trabalhos agrícolas do local²³.

²³ O sítio arqueológico do Monte Roncão 10, encontra-se localizado numa das maiores propriedades da região, o Monte Roncão, sujeita durante anos a uma intensa actividade agrícola mecanizada.

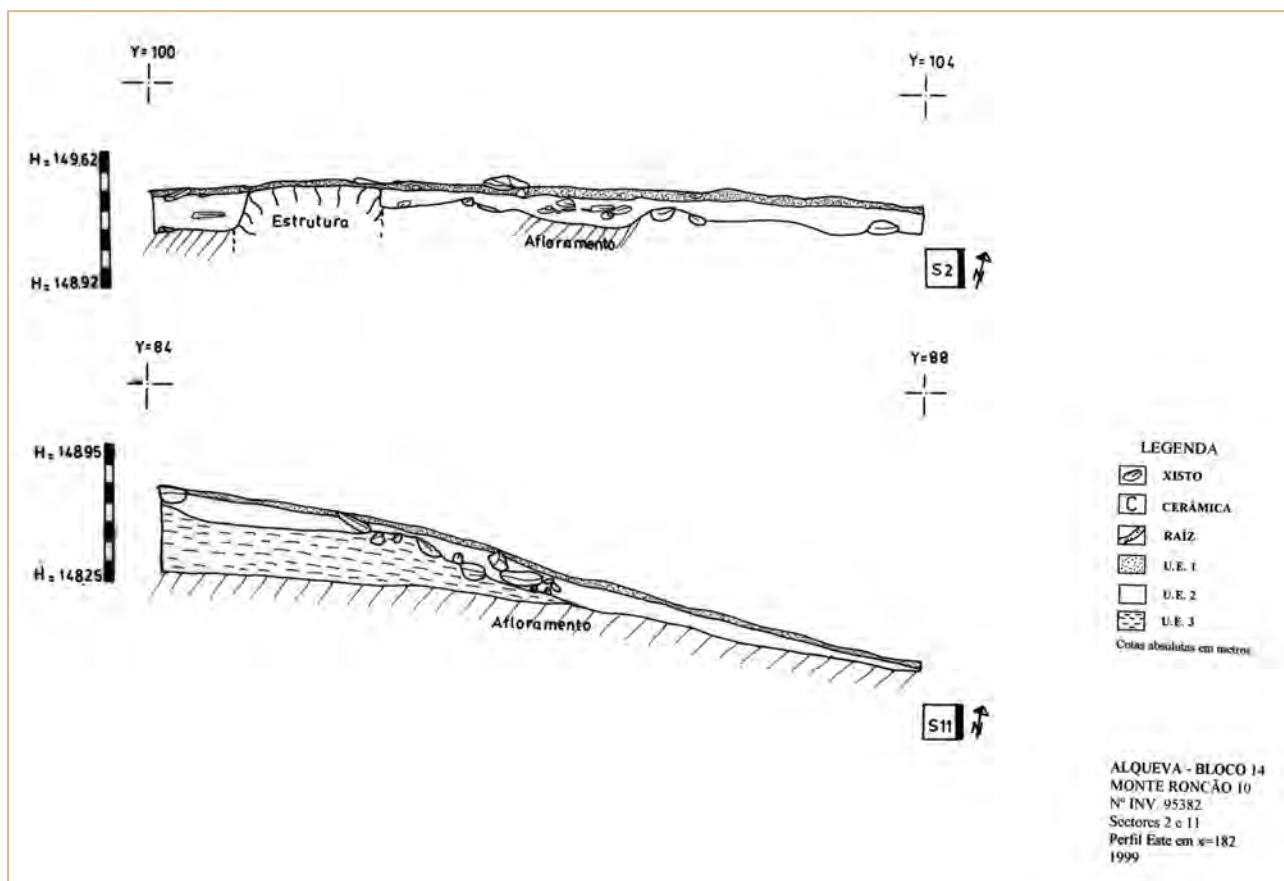


Fig. 5 – Perfis estratigráficos noroeste dos Sectores 2 e 11.

No substrato rochoso foram, ainda, identificados diversos interfaces negativos do tipo fossa/silo, em cujo interior foram detectados estratos sedimentares resultantes do seu entulhamento deliberado.

3.10.2.2.2. Interpretação

Com a intervenção foram identificados diversos vestígios de estruturas, concentradas em cerca de três núcleos, designados como tal e numerados de forma sequencial à sua escavação. Os muros que compunham estes conjuntos foram, por seu turno, designados alfabeticamente, coexistindo distintas estruturas em cada núcleo, que evidenciam a presença de distintos espaços ou ambientes.

Sublinhamos que a agregação descritiva destas estruturas em três núcleos, I, II e III, correspondeu a uma organização metodológica e descritiva das estruturas, não sendo o espelho da realidade funcional do local. De facto, o seu elevado grau de destruição não

permitiu confirmar se se tratavam de vestígios de uma ou mais estruturas apartadas ou partes de um complexo habitacional de maiores dimensões, salientando-se que a ausência de relação directa das estruturas entre si pode estar relacionada com a profunda acção agrícola que afectou o local, ou com a presença de espaços abertos interiores e exteriores do tipo pátios e/ou logradouros.

Parte das estruturas postas a descoberto com a intervenção em área haviam sido identificadas nas sondagens arqueológicas, permitindo agora uma leitura mais clara da complexidade do local.

3.10.2.2.2.1. Estrutura/Núcleo I

A Estrutura/Núcleo I, identificada nos Sectores 3, 7, 28, 2, 25, 31, 27, 20 e 21, era definida por quatro muros pétreos construídos com pedras de xisto de dimensões variadas e terra argilosa, que assentavam directamente sobre o afloramento, com uma espessura



Fot. 1 – Vista geral para sudoeste da Estrutura/Núcleo I, Muro A, desde o Sector 20.



Fot. 2 – Estrutura/Núcleo I, pavimento constituído por lajes de xisto.



Fot. 3 – Estrutura/Núcleo I, fivela em bronze.

cerca de 3 m de largura, que terminava abruptamente, destruído pela lava, definindo um primeiro ambiente (Ambiente I). Do Muro A, partiam ainda outras estruturas, para sul e norte respectivamente (Muros D e C, Sector 20 e 27 e Sector 27, respectivamente), deixando intuir outros espaços, que, devido à destruição abrupta dos muros não foi possível caracterizar.

Nos sectores intervencionados na continuação deste último, foram também identificados três interfaces negativos (V, VI e VII) e diverso espólio cerâmico, permitindo intuir uma continuidade de área ocupada neste quadrante, eventualmente caracterizada por mais espaços/ambientes, relacionados especificamente com áreas de armazenagem.

Em área contígua ao Muro A, Sectores 20 e 21, foi ainda identificado, sob as raízes de uma oliveira, um conjunto de lajes de xisto niveladas, assentes sobre o afloramento xistoso que deveriam corresponder a um eventual pavimento em xisto desta área. Esta estrutura encontrava-se coberta pelas terras da U.E.2, onde foram exumados um exemplar de uma fivela em bronze e abundantes materiais cerâmicos de construção e comuns, atestando a utilização deste espaço como área funcional.

Podemos assim considerar que os vestígios detectados confirmam a presença de uma estrutura de planta complexa. Os Muros B, C, D e os seus prolongamentos indiciam que o complexo habitacional teria, de facto, mais do que um compartimento/ambiente.

Por outro lado, não foi possível aferir a relação efectiva deste conjunto de vestígios com os muros da Estrutura/Núcleo II, identificados a cerca de 10 a 12 m para sul, dada a inexistência de uma relação directa entre estes espaços. Ainda assim, a sua proximidade atesta uma relação e um programa construtivo comum.

A exiguidade dos vestígios detectados, bem como a fraca potência estratigráfica observada, para além de não nos permitirem uma interpretação plena da Estrutura/Núcleo I atestam bem a destruição do sítio em questão.

3.10.2.2.1.1. Ambientes 1, 2 e 3

O Ambiente 1 correspondeu à área delimitada pelo Muro A e os dois muros interiores, alinhados norte-sul, que definiam um aparente espaço interior com cerca de 3 m de largura, e comprimento indefinido, dada a destruição que as estruturas sofreram por acção da lava. Do seu muro interior mais a oeste, definia-se um segundo espaço interior, de maiores dimen-

sões e planta igualmente desconhecida, correspondente à zona onde foram identificados os silos observados neste sector, podendo estar relacionado com funções no quadro do armazenamento.

Por outro lado, a presença de abundante espólio cerâmico de grandes recipientes do tipo talha na Sondagem 2, a sul destes espaços e na continuação do seu alinhamento, reforça, esta ideia.

Por último, o espaço correspondente a uma possível área exterior, definida pelo limite do Muro A e do Muro B, recebeu a designação de Ambiente 3. A hipótese de se tratar de uma possível área aberta ou um espaço de circulação foi também reforçada pelos vestígios de um piso executado com lajes de xisto, mais coadunado a espaços descobertos ou áreas des-cerradas.

3.10.2.2.2. Estrutura/Núcleo II

Aproximadamente a 12 m a sul da Estrutura/Núcleo I foi identificada a Estrutura/Núcleo II, composta por dois muros de pedras de xisto de calibre diverso e terra argilosa, identificados nos Sectores 9, 14 e 26. O troço de muro de maior comprimento, cerca de 7 m, possuía uma orientação nor-noroeste/su-sudeste, com uma espessura máxima de 0,50 m e um alçado médio de 0,15 a 0,20 m, construído directamente sobre o afloramento rochoso e muito danificado pelos trabalhos agrícolas. Na quadrícula J13 apresentava um vão sugerindo uma entrada ou acesso a um outro am-



Fot. 4 – Vista geral da área da Estrutura/Núcleo II.

biente, igualmente definido com outro muro de igual construção, com um alçado conservado de 0,30m. O muro em questão encontrava-se bastante danificado e a sua detecção apenas foi possível face à presença de uma árvore cujas raízes terão conservado os vestígios pétreos nessa área.

A relação destes muros, o canto/esquina observado, sugere que estes fariam parte de um segundo compartimento/ambiente (Ambiente II) de forma rectangular, mas a destruição provocada no restante espaço escavado não permitiu confirmar com segurança esta questão.

Ao longo da Estrutura/Núcleo II foi igualmente observado um vasto derrube composto por pedras de xisto e cerâmica de construção²⁴ que cobria toda a estrutura, prolongando-se pelos Sectores 9, 22, 26, 12 e 14.

Nos Sectores 12 e 22, foi exumada quantidade bastante significativa de espólio cerâmico de formas e pastas diversas, assim como duas moedas medievais (ver fotos 22 e 23), uma conta metálica e um fragmento de vidro esverdeado. No limite sudeste do Sector 12 foi igualmente detectado um gonzo em granito (ver foto 5).

A presença destes materiais atesta claramente uma ocupação de cariz habitacional desta área, já confirmada pelos dados do conjunto estrutural I. Como referimos, o grau de destruição do local invalidou uma leitura completa do complexo, que poderia integrar numa mesma realidade arquitectónica os distintos núcleos de estruturas descritas.



Fot. 5 – Estrutura/Núcleo II, Sector 12, pedra em granito com desgaste dum eventual gonzo.

²⁴Telha grossa e com caneluras digitadas.



Fot. 6 – Vista geral para noroeste da Estrutura/Núcleo III, Sector 11.

3.10.2.2.3. Estrutura/Núcleo III

A Estrutura/Núcleo III localizava-se a cerca de 10 a 12 m a sul da Estrutura/Núcleo I, e a aproximadamente 4 m a oeste da Estrutura/Núcleo II, no Sector 11. Tratava-se de um pequeno troço de um muro em pedra de xisto, parcialmente identificado na Sondagem 7, orientado no sentido su-sudoeste/nor-nordeste, com cerca de 2,6 m de comprimento. Encontrava-se bastante destruído e a sua espessura máxima rondava os 0,60 m, com duas fiadas de pedra ligadas com terra argilosa, com cerca de 0,20 m de altura conservada. Era ainda visível a sua continuação para noroeste, apesar da ausência de qualquer relação directa com a Estrutura/Núcleo II.

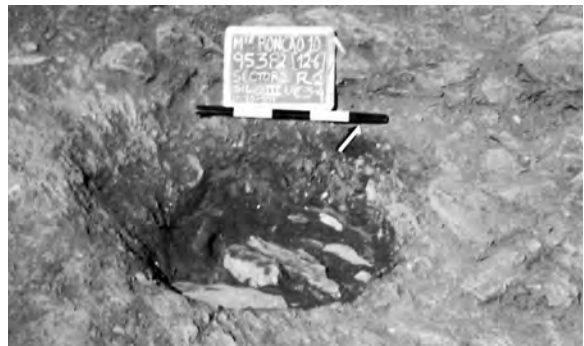
Tal como as demais, esta estrutura encontrava-se coberta pela U.E.2, um nível com abundante presença de elementos pétreos, relacionado com o abandono e destruição do local, e assentava directamente sobre o afloramento rochoso.

3.10.2.2.4. Interfaces negativos

Nos diversos sectores intervencionados foram identificados cerca de sete interfaces negativos escavados no afloramento xistoso. Um destes interfaces (interface I) correspondia a uma estrutura do tipo silo, apresentando dimensões superiores às demais estruturas, que, pela ausência de uma forma definida ou pelas pequenas dimensões e profundidade, mais se enquadravam como pequenas depressões no afloramento, preenchidas com resquícios da U.E.2 e U.E.3. O Silo I, como foi designado, foi identificado na área correspondente à antiga Sondagem 4 (Sector 7), após a desmontagem de parte do nível de destruição do Muro A

(Estrutura/Núcleo I). Apresentava uma forma ovalada, de secção em saco, com uma profundidade média aproximada de 0,65 m e uma estratigrafia naturalmente distinta das demais depressões, com presença de terras das U.E.2 e U.E.3 que cobriam o topo do seu enchimento e duas novas unidades estratigráficas: U.E.5, composta por terras castanhas escuras, extremamente húmidas e compactadas, com abundante material de construção e a U.E.6, terras castanhas escuras enegrecidas, compactadas, com grande percentagem de carvões na sua composição, diverso material cerâmico e um pequeno aro em ferro.

Os restantes interfaces corresponderam a depressões naturais do afloramento rochoso, colmatados com os resquícios da U.E.2 e U.E.3, com a seguinte localização:



Fot. 7 – Sector 2, Interface III na fase de escavação.



Fot. 8 – Sector 7, Interface IV na fase de escavação.



Fot. 9 – Sector 29, Interface V, plano final.

FORMAS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS								
	0	1	2	3	4	7	214	2 e 3	Total
Indeterminado	4	25	1175	262	49	18	3		1548
Ânfora		1	1	1					3
Talha		2	21	9	4		1		38
Contentor		1	10	6	3	1			21
Pote			17	13					30
Anforeta			1						1
Ânfora/anforeta			1						1
Copa			5						5
Jarra			2						2
Jarra/bilha			2	1					3
Jarra/jarrinha			17						17
Jarrinha			1					2	3
Jarra/púcaro			1						1
Panela/púcaro			1						1
Peso de rede			1						1
Panela/pote			3	1					4
Pucarinho			1	1					2
Tigela			21	1		1			23
Tigela carenada			1					1	2
Cântaro			12	2	1	3		1	19
Panela			53	6	3				62
Caçoila			4	1					5
Alguidar			14	2					16
Candeia			1						1
Bilha			1	1					2
Garrafa			2						2
Jarro/jarrinho			9	4	2				15
Púcaro			7						7
Jarra/cantarinha			1	1					2
Copo			1						1
Taça/tigela			1						1
Taça			2						2
Taça/prato			1						1
Tampa			5		1				6
Tégula		1	5	3					9
Imbrex			6	3					9
Telha	6	27	187	150	74	9	4	2	453
Latere			1						1
Tijolo			3	5					8
TOTAL	10	57	1598	473	137	32	8	18	2333

Quadro I – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

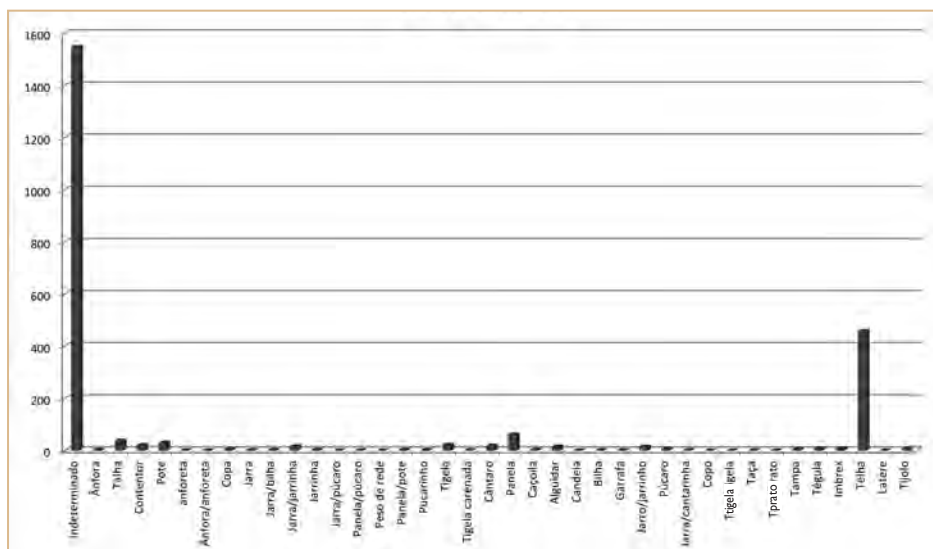


Gráfico I – Formas funcionais.



Fot. 10 – Peça (018)1274.

– Interface II: Sector 2, a sul do Muro A do Estrutura/Núcleo I. De forma ovalada, com cerca de 0,20 m de profundidade. A sua sequência estratigráfica era composta pela U.E.2 e U.E.3, onde foram exumados fragmentos de cerâmica de construção e uma argola em ferro.

– Interface III: Sector 2, igualmente a sul do Muro A do Estrutura/Núcleo I. De forma oval e boca não muito larga com cerca de 0,25 m de profundidade. A sua sequência estratigráfica era composta pela U.E.2 e U.E.3, onde foram exumados fragmentos de cerâmica de construção.

– Interface IV: Sector 7, a sul do Muro I do Estrutura/Núcleo I, a cerca de 0,40 m do Silo I. Tal como este último, o interface IV foi identificado após a desmontagem parcial do derrube associado ao referido muro. A sua potência estratigráfica era de 0,30 m, onde se detectaram as terras da U.E.2 e da U.E.3, onde foram exumados fragmentos de cerâmica de construção.

– Interface V: Sector 28, encostado ao Muro A do Estrutura/Núcleo I. De secção semicircular, o diâmetro da sua boca não ultrapassava os 0,60 m e a sua profundidade não excedia os 0,50 m. Na estratigrafia observada, apenas se detectaram a U.E.2 e U.E.3, onde foram observados fragmentos de cerâmica de construção.

– Interface VI: Sector 29, a norte do Muro A do Estrutura/Núcleo I. De forma ovalada, a sua profundidade não excedia os 0,20 m. Na estratigrafia observada, apenas se detectaram a U.E.2 e U.E.3, onde foram exumados fragmentos de cerâmica de construção.

– Interface VII: Sector 30, igualmente a norte do Muro A do Estrutura/Núcleo I. Não foi possível compreender a sua forma integral, já que o mesmo estava encostado ao perfil norte do Sector 30. A sua



Fot. 11 e 12 – Peças (018)0404 e (018)0586/0592.

profundidade não excedia os 0,40 m. Na estratigrafia observada, foram detectadas a U.E.2 e U.E.3, não tendo sido recolhido qualquer tipo de espólio.

3.10.3. Estudo do espólio

Este sítio é um dos mais ricos quanto ao volume do material encontrado. O universo de fragmentos estudados está composto por um total de 2440 exemplares, que correspondem a 2333 indivíduos, dos quais 486 pertencem ao grupo do material de construção, resultando um número máximo total de 1847 vasilhas, a maior parte das quais surgiu no nível superficial (63,61% do total). Porém, a acusada fragmentação dos objectos dificulta a identificação da forma funcional, sendo que apenas em 16,19% dos fragmentos esta foi reconhecida (ver quadro 1). De facto, apenas um exemplar reúne todo o perfil da sua forma, sendo a imensa maioria fragmentos de pança (69,73%), seguida de bordos com 9,53%, fundos com 8,6%, as asas com 6,11% e colos com 1,35%.

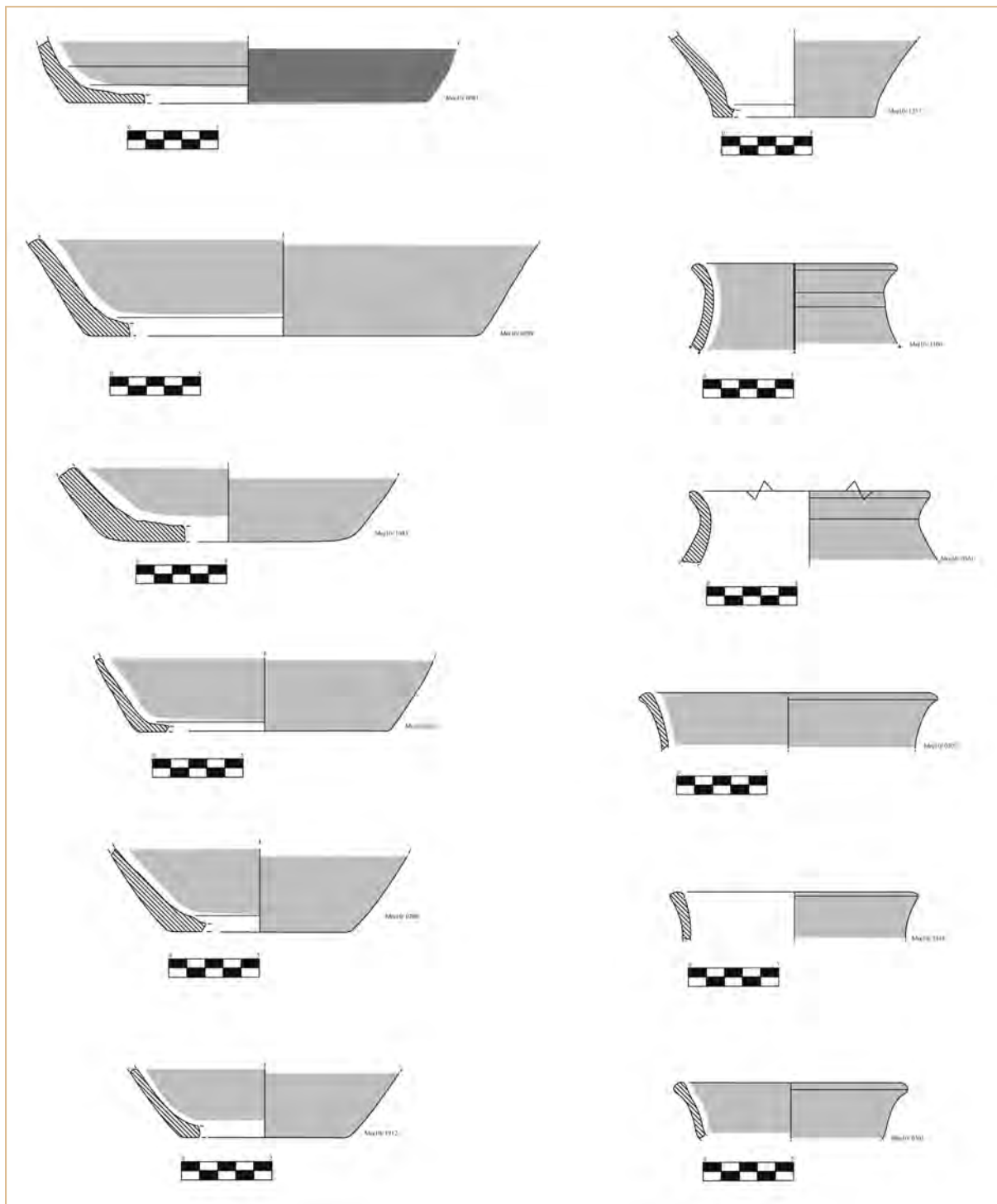
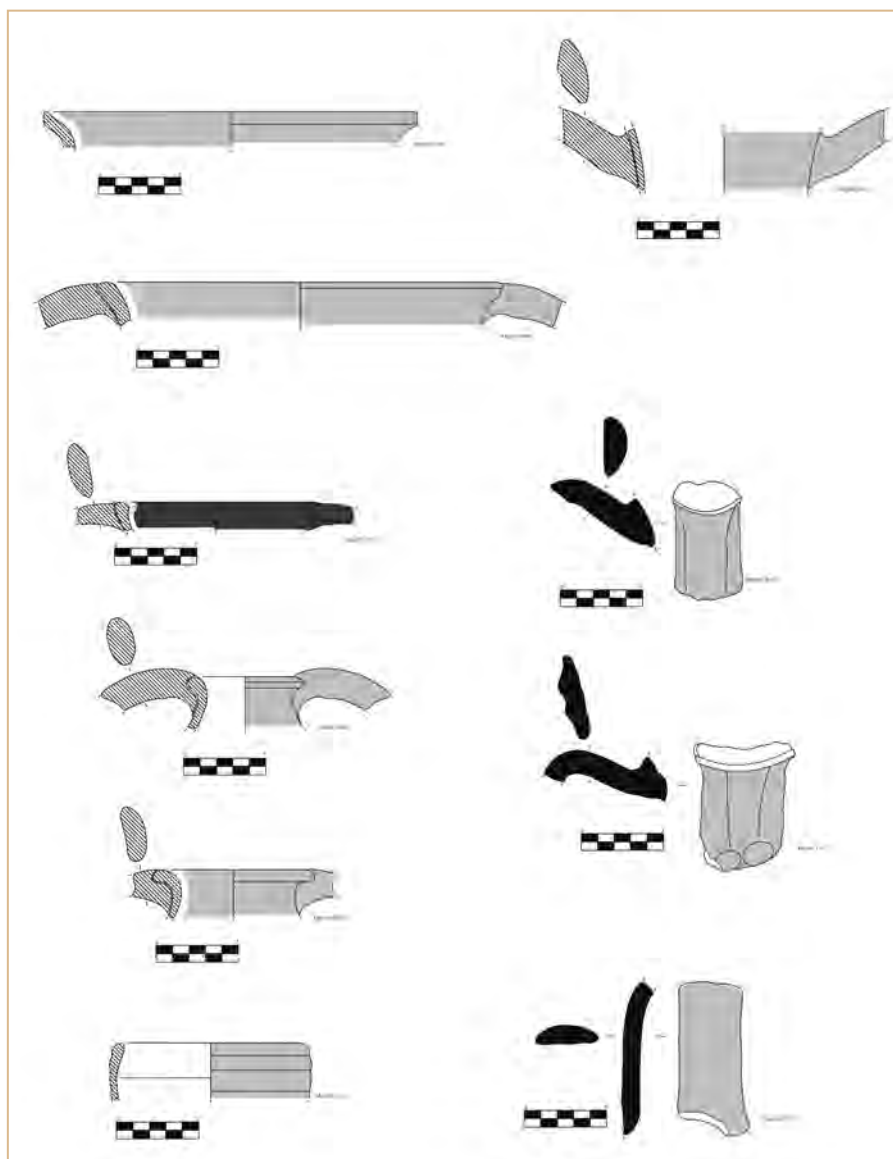


Fig. 6 – Louça de cozinha e de armazenamento.

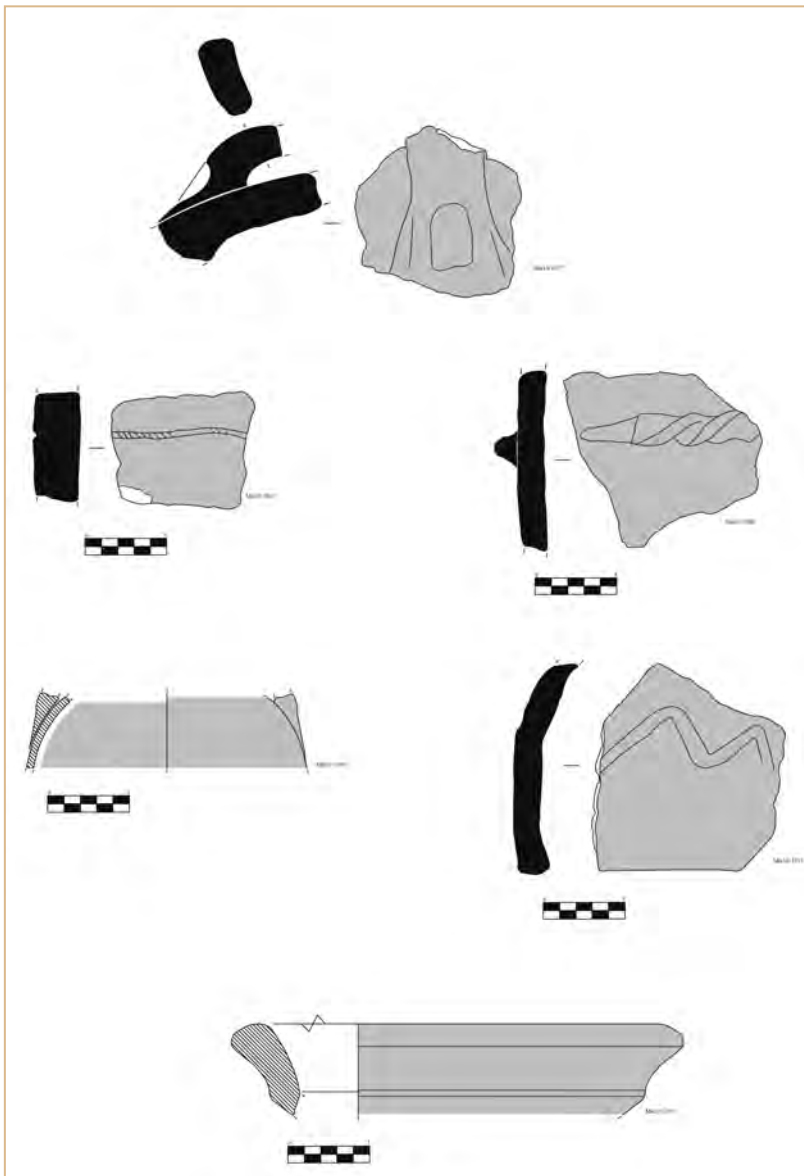
Fig. 7 – Loiça de cozinha e de armazenamento.



Fot. 13 e 14
Peças (018)1145
e (018)1195.



Fig. 8 – Peças ornamentadas.



Fot. 15 e 16 – Peças (018)1795 e (018)2282.

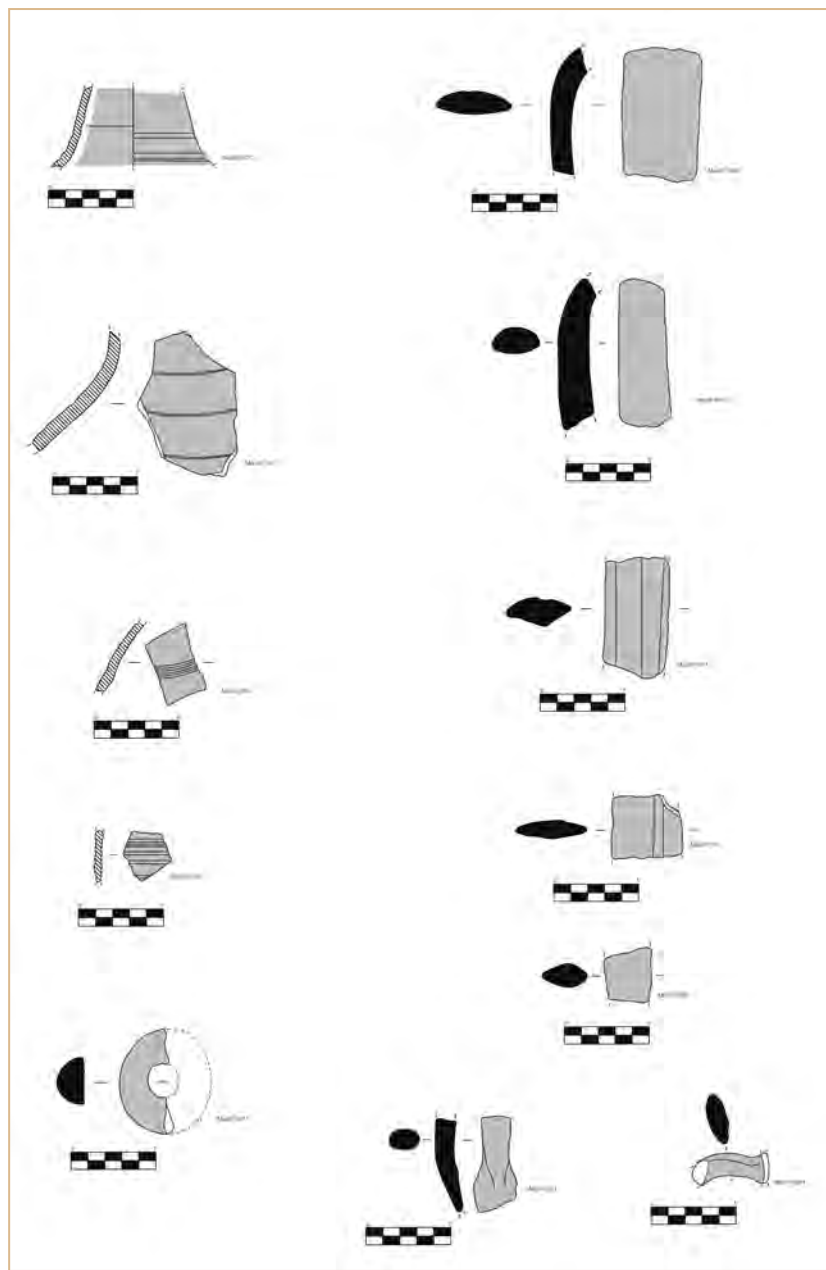


Fig. 9 – Peças ornamentadas.

Fot. 17 e 18 – Peças (018)0365 e (018)2203.



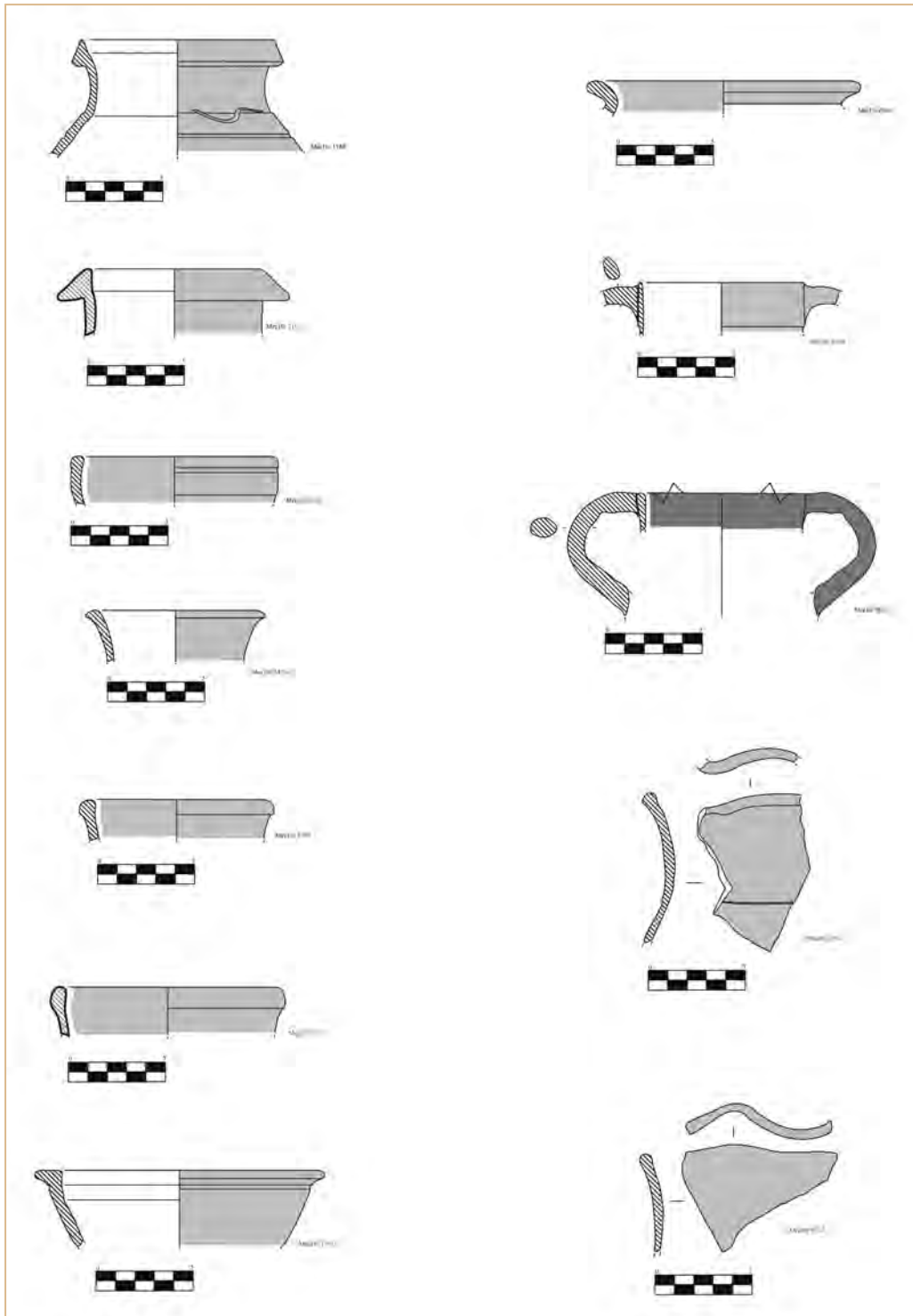


Fig. 10 – Loiça de cozinha e de armazenamento.

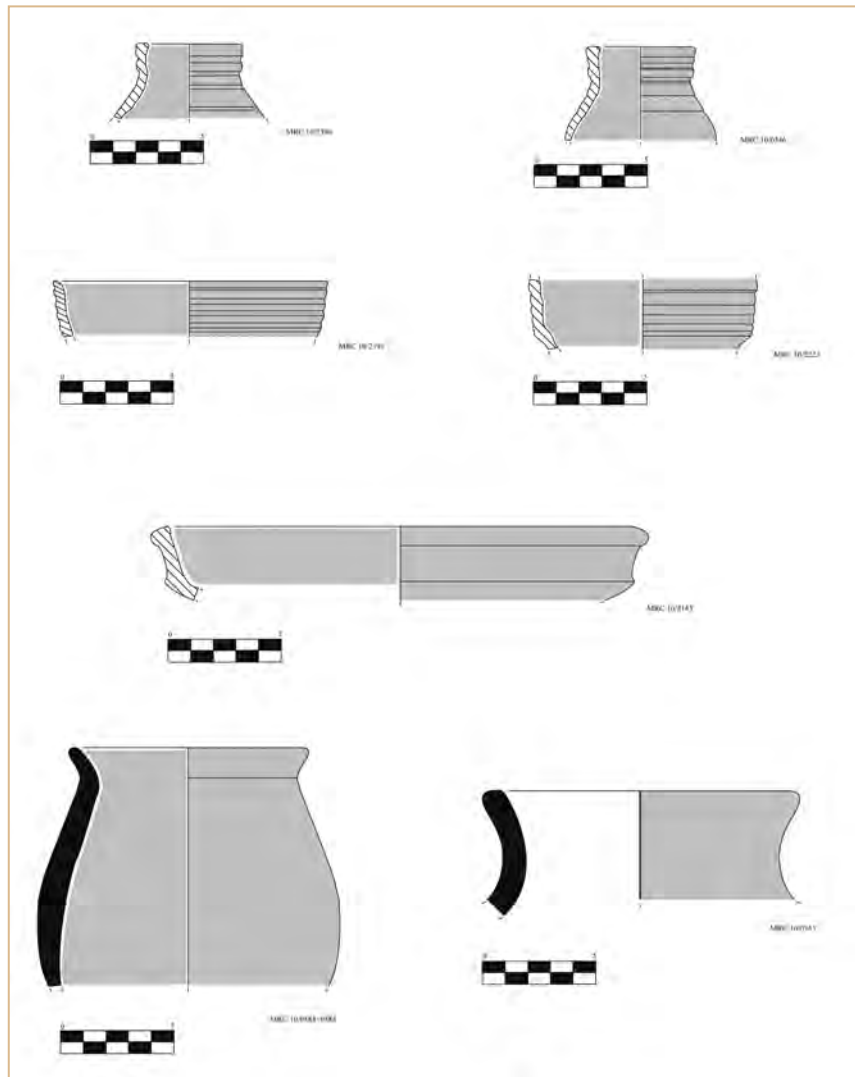
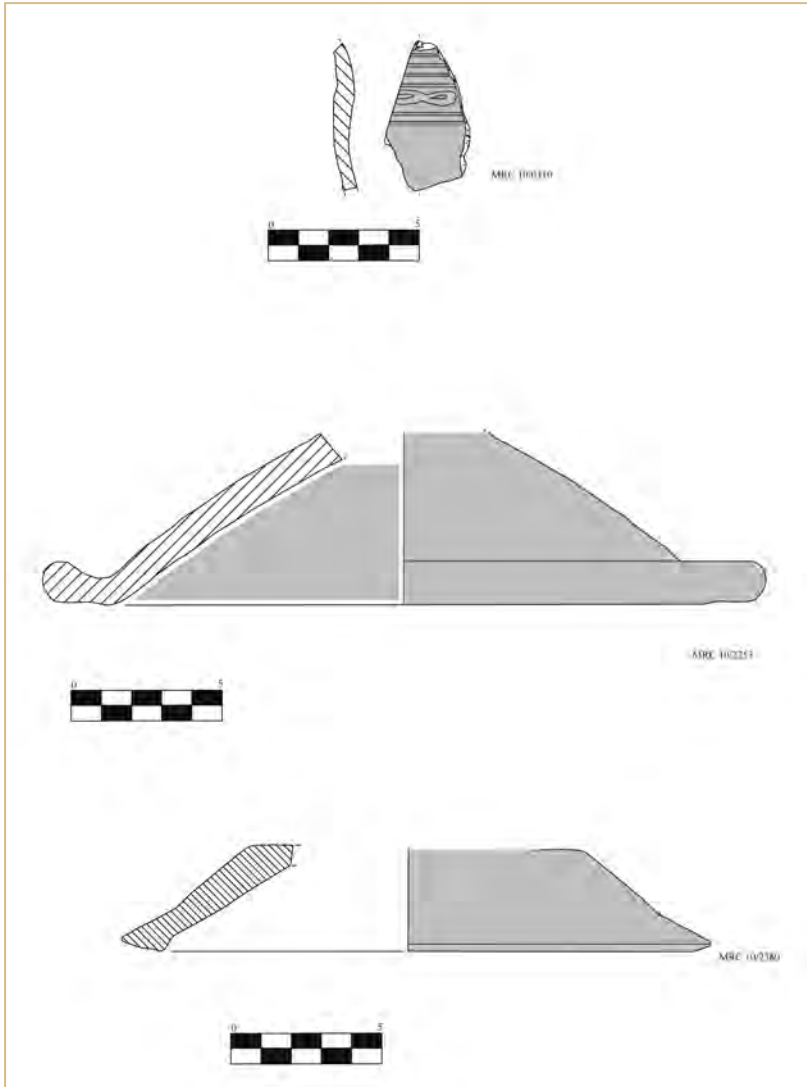


Fig. 11 – Loiça de cozinha e de armazenamento.

Fot. 19 e 20 – Peças (018)1100 e (018)1199/1237.



Fig. 12 – Loiça de cozinha



Fot. 21 – Peça (018)0310.



Fot. 22 – Peça (018)0832.

Dentro das peças identificadas (ver quadro 1), as formas mais representadas correspondem a loiça de cozinha, com destaque para as panelas (20,74%), e os potes (10,03%), sendo os alguidares 4,68% dos objectos identificados, as tampas 2,01% e as caçoilas-saladeiras 0,33%. Uma forma característica é a panela de colo canelado (ver fig. 11) com cronologias dos séculos XIII-XIV em Évora (TEICHNER & SCHIERL, 2009: fig. 4.4, 5 e 9) e dos séculos XIV-XVI no Crato (CATARINO, 1995: FIG. III.3).

Destacam-se, também, as panelas de colo cilíndrico e bordo triangular (fig. 10) com paralelos nos séculos XIV-XVI no Crato (CATARINO, 1995: fig. II). Surpreende a presença de panelas de fabrico manual e perfil arcaizante (fig. 11). São muito características do período as tampas/prato cónicas (fig. 12) com paralelos em Palmela no século XV (FERNANDES & CARVALHO, 1995: n.º 23).

Neste sítio, é muito mais reduzida a presença de loiça de armazenamento do que nas estações de cronologias mais recuadas. É composta por talhas (12,7% das peças identificadas), contentores (7,02%) e, em muito menor proporção, ânforas (0,66%). Encontramos alguns bordos de cântaras (fig. 10) com cronologias nos séculos XIV-XVI (por exemplo, em Paderne - CATARINO & INÁCIO, 2008, Fig. 18), e colos de bilha canelados (fig. 11) de igual cronologia de Peniche (VENÂNCIO, 2006: fig. 6). No que diz respeito à loiça de mesa, apenas se documentam tigelas (12,06%), bilhas/cantarinhas; jarras/pucarinho; 0,66%. Algumas formas de jarrinha (fig. 10) de tradição islâmica documentam-se de forma ampla nos séculos XIII-XIV, por exemplo em Évora (TEICHNER & SCHIERL, 2009: 981, fig. 4.1). Também são de tradição islâmica as tigelas carenadas (fig. 11) com cronologias dos séculos XIII e XIV-XV, por exemplo no Crato (CATARINO, 1995: fig. IV). Uma percentagem residual corresponde aos pesos de rede ou às candeias (0,33%).

Atendendo as técnicas de fabrico (ver quadro 5 e gráfico 2), constatamos que, comparativamente com as outras estações, encontra-se uma elevada percentagem de cerâmicas fabricadas a torno rápido e pode-se considerar residual a cerâmica fabricada a torneado lento (3,90%) ou manualmente (9,64%). Encontram-se também valores mais altos, mas proporcionalmente ainda baixos, de cerâmicas cozidas em atmosfera oxidante regular (36,87%) frente às que apresentavam cozedura redutora (55,98%). Relativamente a relação existente entre as formas e as técnicas de fabrico, constatamos que no conjunto de fragmentos indeterminados aparecem tanto as elaboradas de maneira manual (5,84%), a torno lento (3,41%) e a torno rápido (59,44%) sendo que as produ-

ções a torno lento dizem respeito a objectos de armazenamento (talha e contentor) e cozinha (panela e alguidar). Mais significativa é a distribuição de formas entre as cerâmicas manuais, constatando a utilização da técnica do rolinho quase exclusivamente em talhas, documentando a técnica manual especialmente em cântaros (16 exemplares) mas também em panelas (3 exemplares), contentores, potes e jarrinhas (2 exemplares cada).

A técnica de fabrico manual encontra-se associada as pastas cinzentas e suas variantes (1,94% e 3,62%). Com torneado lento a representação limita-se as pastas de cor cinzenta (1,57%). As pastas daqueles objectos que foram fabricados a torno rápido são mais variadas: pastas alaranjadas (3,62%), cinzentas (43,19%), e castanhas (2,11%). A opção técnica mais frequente combina a modelagem por torneado rápido e cozedura redutora (39,52%) seguida dos fabricos a torno rápido e cozedura oxidante (26,20%). As redutoras apresentam maioritariamente fabrico manual (5,46%).

Neste sítio, as pastas das cerâmicas (ver quadro 4) continuam a ser maioritariamente grosseiras com abundantes elementos não plásticos (ENP). O grupo das pastas cinzentas é o mais frequente (ver quadro 2), constituindo o 46,71% do cômputo global seguem-lhe as pastas alaranjadas (8,2%), vermelhas (6,38%) e castanhas (2,97%). Na relação entre pastas e formas verificamos que as pastas cinzentas se associam às panelas, os cântaros, contentores, jarras/jarrinhas e tigelas.

Em relação aos ENP (ver quadro 4), os mais abundantes são os feldspatos-quartzos-micas (34,71%), seguidos dos feldspatos-mica (14,5%) e dos feldspatos-mica-xisto (13,15%). Muito pouco representados encontram-se o resto do grupo de ENP.

Dentro da relação entre os ENP e as cores da pasta (ver quadros 3 e 4) temos o grupo dos feldspatos-quartzo-mica, com pastas alaranjadas (22,03%), castanhas (8,22%), vermelhas (4,98%) e cinzentas (4,60%). O resto dos ENP, encontram-se numa proporção bem mais inferior.

A maioria dos fragmentos analisados apresenta acabamento alisado (no exterior em 94,42% dos casos, ver quadro 6). Com uma percentagem importante encontramos aquelas que apresentam um acabamento interior brunido, engobado ou envernizado (0,21%) ou as que apresentam um acabamento de aguada no seu exterior (1,29%).

A maior parte do vasilhame (96,21%) não apresenta decoração (ver quadro 7). Dentro dos casos raros de peças decoradas destacam-se as caneluras em panelas (4,47%) e tigelas (4,47%), as talhas com impressões ou aplicações plásticas (5,97%), e alguns fragmentos de vidro monocromo (0,16%).

COR EXTERIOR	COR CENTRO							
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Bege	53			10		11		74
Alaranjada	6	255	37	5	12	459	6	780
Vermelha		9	139	1	5	133	4	291
Amarelo				1		1		2
Rosada				5		8		13
Castanha		20	27		92	318	5	462
Cinzenta		7	5		4	198	2	216
Branco	1							1
Preto						3	5	8
TOTAL	60	291	208	22	113	1.131	22	1.847

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)																											
	A1	B1	B2	C1	C2	C3	D1	D3	E1	E2	E3	E4	F1	F2	F3	F4	G1	G2	G3	G4	H1	H2	H3	H4	I1	I2	I3	TOTAL
Indeterminado	13	18	36	97	72	11	68	4	109	38	4	9	63	23	3	8	423	375	83	61	8	3	1	2	7	7	1	1.547
Ânfora		1	2																									3
Anforeta			1																									1
Pote				1	2		3		2	1			2	1			4	9	1	1		1		1		1		30
Panela	1			2	3		2		3	2				1			11	29	6			1						62
Ânfora/cântaro				1																								1
Cântaro											1						1	13		4								19
Talha				3	1		1		17			2	1	2				3		8								38
Jarra/bilha																			2									2
Bilha			1														1	1										3
Púcaro/panela																	1											1
Alguidar				1			1		3				2				7	2										16
Caçoila					1													3	1									5
Pote/panela																	1	3										4
Copo										1							1											2
Jarra		1																2										3
Jarro/jarrinho							1			4							1	5										11
Contentor				1	1				4				5	1			5			4								21
Jarra/jarrinha				1											1		4	9	2									17
Candeia																		1										1
Cantarinha/jarra																		1										1
Pucarinho																		2										2
Púcaro				1	1												5	2	1	1		1						12
Jarrinha					2													1										3
Tigela carenada																			1									1
Tigela				1	1		1	1		2	1	1					2	9	3		1			1				24
Copa																	3	1										4
Garrafa																		2										2
Tigela/prato																		1										1
Taça					1						1																	2
Taça/tigela																		1										1
Tampa									2									2			1	1						6
Peso de rede																		1										1
TOTAL	14	21	40	109	85	11	77	5	138	50	7	12	73	28	4	8	472	476	100	79	10	7	1	4	7	8	1	1.847

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	CÓR DOMINANTE (EXTERIOR)											TOTAL
	Branca	Amarelo	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preta	TOTAL		
Feldspato biotite moscovite				2	1			3	1			7
Calcário							1					1
Calcário mica xisto			1	3	1	1	2	2				10
Feldspato				8	2		2	1				13
Feldspato mica			7	110	53	2	67	34	2			275
Feldspato mica xisto			11	67	48	1	76	28				231
Feldspato min ferrosos			2	15	15	1	14	4				51
Feldspato min ferrosos xisto mica			18	366	94	2	153	86	4			723
Feldspato quartzo mica			1	7	11		5	2				26
Feldspato mica min ferrosos			2	8	3		10	1				24
Feldspato mica quartzo min ferrosos			3	41	13	1	22	15				95
Feldspato mica xisto quartzo			4	1	1		1					3
Feldspato min ferroso quartzo			4	14	7		11	3				39
Feldspato quartzo				1	1		4					6
Imperceptíveis			2	19	4	2	7	4	1			39
Mica			5	38	9	1	28	15				96
Mica quartzo				2	1		1	1				5
Mica min ferrosos			2				1					3
Mica quartzo calcário			6	15	4		9	4				32
Mica quartzo min ferrosos xisto			4	19	6	1	18	3				53
Mica quartzo xisto			4	8	6		6	4				28
Mica xisto				1								1
Min ferrosos							1	1				2
Min ferrosos quartzo							1	1				2
Quartzo				1								1
Quartzo biotite				7		1	3					11
Quartzo xisto				1								1
Quartzo argila xisto				1								1
Quartzo calcário mica xisto			1	4	1		3					9
Quartzo min ferrosos xisto				1								1
Xisto biotite feldspato				2								2
Xisto calcário quartzo mica				8	5		4	5	1			23
Feldspato xisto				1								1
Feldspato xisto chamote			2	9	4		9					24
Feldspato xisto quartzo			2		1			1				4
Xisto min ferrosos mica			1									1
Não se apreciam	1	2										3
TOTAL	1	2	74	780	291	13	462	216	8			1847

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	32	8	101	141
Torno Lento	26	6	40	72
Torno Rápido	484	98	730	1.312
Indeterminado	112	15	155	282
Rolo	25	5	7	37
Molde	392	18	79	489
TOTAL	1.071	150	1.112	2.333

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

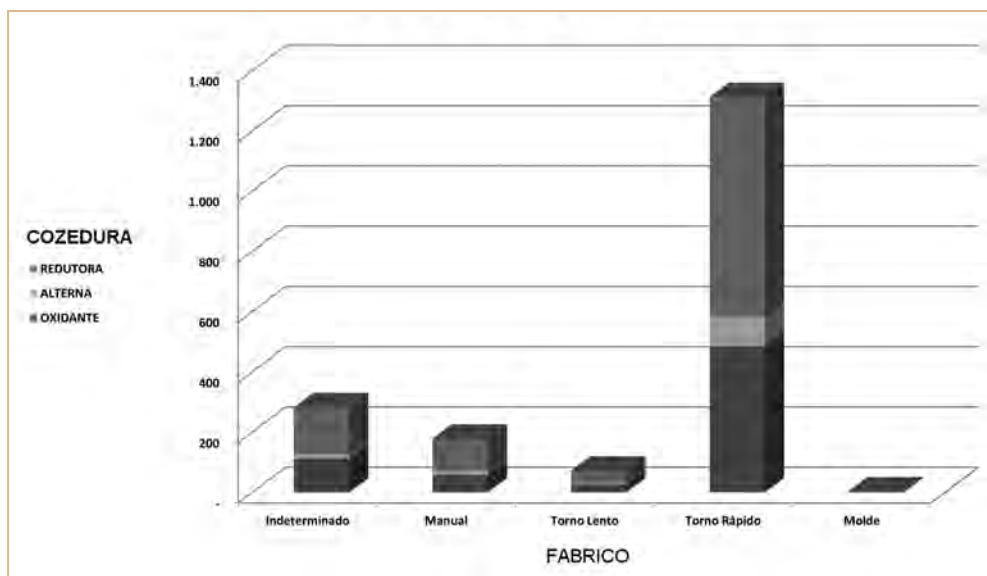


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR									
	Grossoiro	Alisado	Polido	Brunido	Sem tratamento	Engobado	Sem superfície	Aguada	Envernizado	TOTAL
Grossoiro	3	12		1						16
Alisado	7	755	1	1		5	1			770
Polido	1		1							2
Brunido		4								4
Engobado		4				2				6
Envernizado									4	4
Aguada		1						6		7
Sem tratamento	17	966			35			15		1033
Sem superfície		2								2
Vidrado		3								3
TOTAL	28	1747	2	2	35	7	1	21	4	1847

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO EXTERIOR						TOTAL
	Caneluras	Incisão	Impressão	Digitações	Aplicações plásticas	Não dec.	
Indeterminado	38	1			2	1507	1548
Anforeta						1	1
Anforeta/cântaro						1	1
Ânfora						2	2
Talha			4			34	38
Contentor	1				1	19	21
Pote	3					27	30
Cântaro	1			1		17	19
Panela	3					58	62
Caçoila						4	4
Caçoila/saladeira						1	1
Alguidar			1			15	16
Jarra/bilha						3	3
Copa						5	5
Jarro/pucaro						1	1
Candeia						1	1
Pucarinho						2	2
Bilha						2	2
Garrafa	1					1	2
Jarro/jarrinho	1					10	11
Púcaro						11	11
Jarra/jarrinha	2					15	17
Copo						1	1
Tigela	3			1		20	24
Taça						2	2
Panela/púcaro						1	1
Taça/tigela						1	1
Tigela carenada						1	1
Taça/prato						1	1
Jarra						3	3
Cantarinha/jarra	1					1	1
Tampa						6	6
Jarrinha						3	3
Pote/panela						4	4
Peso de rede						1	1
Tégula						9	9
Imbrex				1		8	9
Telha				5		454	459
Latere						1	1
Tijolo						8	8
TOTAL	54	1	5	8	3	2262	2333

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.



Fot.23 – Mealha ou Meio Dinheiro do reinado de D. Dinis.



Fot. 24 – Dinheiro de D. Afonso III ou uma Mealha ou Meio Dinheiro de D. Dinis, valorizado em X Dinheiros.

Muito relevante para a datação do espólio é o achado de duas moedas. Uma das moedas, detectada durante a crivagem (nas terras da U.E. 2, Plano 1 do Sector 12), foi classificada como sendo uma Mealha ou um Meio Dinheiro, em liga de prata e cobre com cunhagem em Lisboa, no reinado de D. Dinis.

O estado de conservação da segunda moeda, não nos permite saber com segurança, se trata de um Dinheiro de D. Afonso III ou de uma Mealha ou Meio Dinheiro de D. Dinis, valorizado em X Dinheiros.

Foram também detectados metais, dos quais destacamos uma fivela decorada em bronze, vários pregos e argolas de ferro e uma chapa furada em bronze. À superfície foram ainda, detectados vestígios de escória de ferro.

Em resumo, podemos concluir que este é um dos maiores e mais variados conjuntos do Bloco 14, pese a sua grande fragmentação e o carácter indeterminado de muitos objectos no que à forma diz respeito.

O conjunto enquadra-se entre os séculos XIV e

XVI, com predominância das formas dos séculos XIV e XV. O reportório formal e muito variado em relação aos espólios descritos anteriormente, embora continuem a dominar as formas de cozinha e de armazenamento e transporte, mas aumenta significativamente a percentagem de loiça de mesa. Estes dois elementos, diversidade e maior presença de loiça de mesa, podem ser conotados com uma maior influência dos meios urbanos. Porém, sobrevivem formas muito rudimentares, que não parecem corresponder a elementos residuais de eventuais fases de ocupação mais antigas, mas que corresponderão a características endémicas do mundo rural onde o sítio se insere.

Este local demonstra ainda discrepâncias técnicas fortes em relação ao espólio dos sítios anteriores, com um domínio absoluto dos fabricos de torneado rápido e uma escassa representação de fabricos manuais e de torneado lento. O domínio das cerâmicas fabricadas com torneado rápido e cozeduras reductoras parece indicar novas preferências, certamente devidas ao novo domínio sobre o território do Norte cristão, onde esta combinação técnica é a predominante face à tradição oleira precedente, onde as cozeduras oxidantes dominavam.

3.10.4. Conclusão

A diversidade e amplitude dos vestígios arqueológicos identificados no Monte Roncão 10 atestam a existência no local de um complexo habitacional de grandes dimensões. Do mesmo foram identificados cerca de três núcleos de estruturas, de maior ou menor complexidade, e apartados entre si. Estes conjuntos definiam espaços interiores ou ambientes, demonstrando uma orgânica interna, com evidência de possíveis vestígios de estruturas de pavimentação associadas, como lajeados de xisto. Estes conjuntos, compunham uma realidade habitacional de dimensões mais alargadas, evidenciada pela presença de silos/estruturas de armazenamento e interfaces negativos em áreas contíguas, que poderiam pertencer a um único complexo, muito afectado pelos trabalhos agrícolas, com presença de espaços abertos interiores como pátios ou logradouros, ou a um eventual habitat com distintos espaços de utilização.

A diversidade formal e numérica do espólio recolhido atesta também este cariz habitacional do local, destacando o Monte Roncão 10 como um habitat rural do período cristão posterior à conquista feudal, revelando uma cultura material que destaca a singularidade do sítio neste contexto rural.

3.11. Monte Barbosa 5

3.11.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Monte Barbosa 5 foram efectuados em Setembro de 1998²⁵, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Alqueva, concelho de Portel, Distrito de Évora,

encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95178, de cronologia medieval e referenciado como Habitat.

O sítio Monte Barbosa 5 localizava-se na Herdade do Barbosa, no topo de uma pequena elevação ou patamar, num pequeno vale virado ao Guadiana. À superfície eram observáveis escassos vestígios de cerâmica de características manuais, razão pela qual o local foi inicialmente escavado pelo Bloco 4 (Pré-História Recente), aferindo-se posteriormente a sua cronologia mais recente, enquadrada no período medieval/moderno e consequentemente intervencionado pelo Bloco 14.

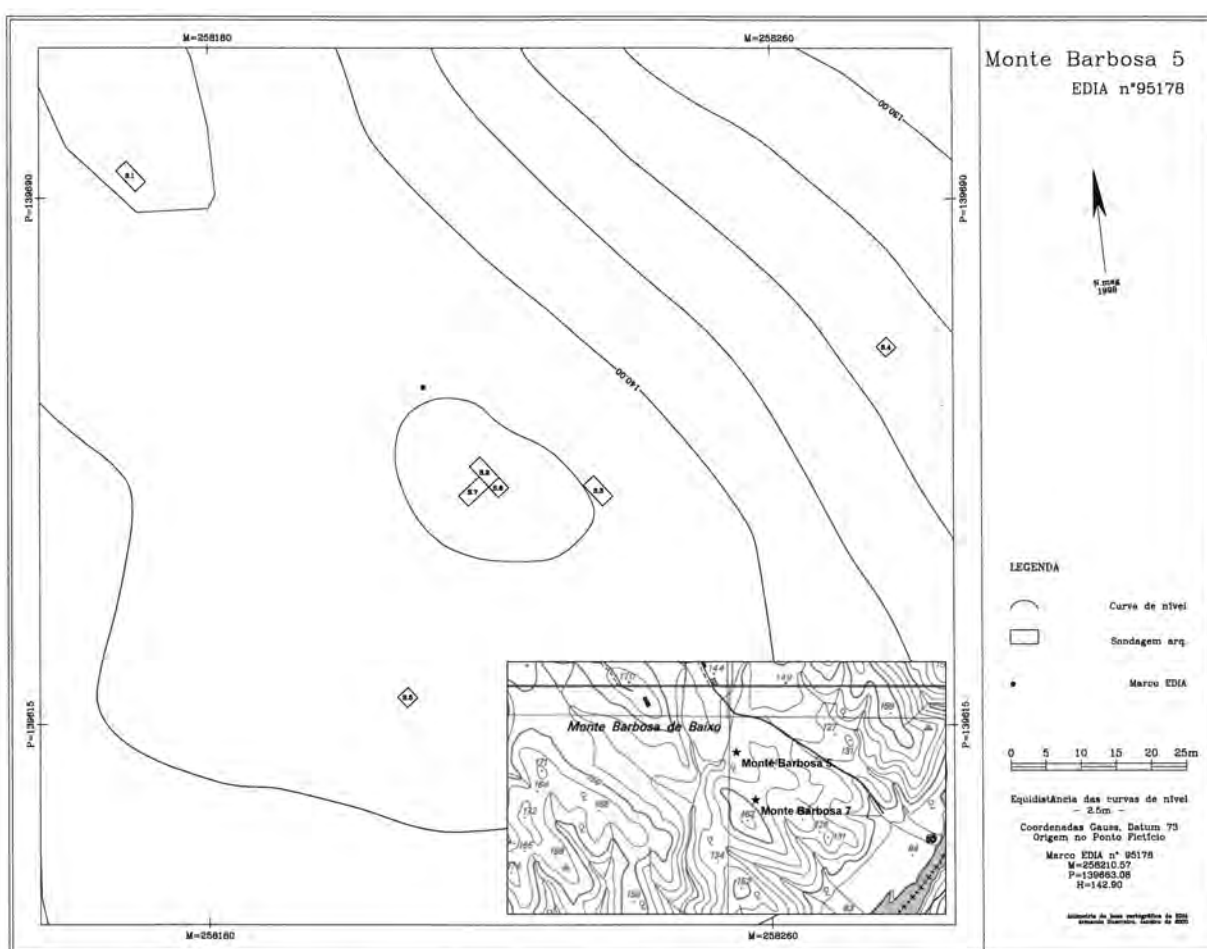


Fig. 1 – Localização na CMP 501 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

²⁵ Os trabalhos arqueológicos no sítio Monte Barbosa 5 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Conceição Roque, assistente de arqueólogo; Vitória Valverde e Carla Santos, estagiárias; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados; Alice Alves e José Luís Neto, voluntários.



Fot. 1 – Vista para sudeste da Sondagem 2, afloramento xistoso, sendo visível a boca do silo no quadrante sul, ainda por escavar.



Fot. 2 – Sondagem 2, boca do silo.

3.1.1.2. Trabalhos arqueológicos

Como na maioria dos locais intervencionados pelo Bloco 14, a potência estratigráfica era bastante reduzida e homogênea, compreendendo genericamente dois níveis sedimentares com cerca de 0,15 a 0,20 m de espessura.

Foram inicialmente estabelecidas cinco sondagens ao longo da elevação do local, procurando abranger diferentes áreas, com dimensões de 2x2 m, georreferenciadas à Rede Geodésica Nacional. Aqui, devido ao elevado grau de destruição, não foram encontradas estruturas positivas, sendo no entanto detectado numa das sondagens (Sondagem 2), um pequeno silo de forma globular e as suas sucessivas camadas de enchimento.

No decorrer dos trabalhos foram ainda abertas as Sondagens 6 e 7, na área adjacente à Sondagem 2, procurando uma eventual identificação de vestígios de estruturas relacionadas com o interface encontrado.

3.1.1.2.1. Estratigrafia

Apresentam-se em seguida as sequências estratigráficas das sondagens efectuadas no local.

3.1.1.2.1.1. Sondagens 1, 3, 4 e 6

U.E.1 – terra vegetal, solta e humosa, de cor castanha escura, solta, com pedras de xisto de pequeno calibre.

U.E.2 – terra castanha clara, amarelada, bastante compacta, com pedras de xisto de médio e pequeno calibre. Sublinhe-se que nas Sondagens 6 e 7, adjacente à estrutura negativa/silo identificada na Sondagem 2, destacava-se entre as terras deste nível uma grande abundância de materiais de construção.

U.E.3 – Afloramento xistoso, onde eram visíveis as marcas do arado, provenientes do sistemático processo da lavoura do vale em questão.

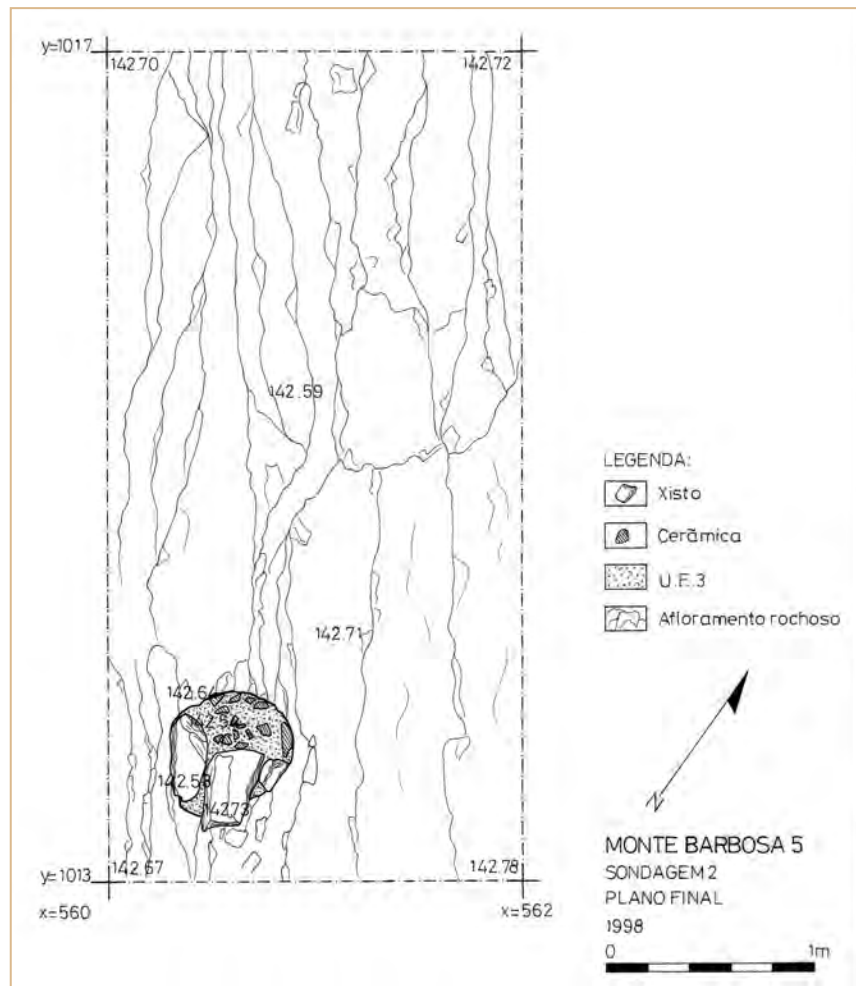
3.1.1.2.1.2. Sondagem 2

U.E.1 – terra vegetal idêntica à U.E.1 das Sondagens 1 e 3.

U.E.2 – Estrato de coloração castanho avermelhada, muito compacto, com blocos pétreos de xisto e quartzo de pequeno e médio calibre e forte abundância de cerâmica diversa. Foi exumada uma moeda sem leitura.

Neste estrato destacou-se um pequeno conjunto de pedras de xisto fincadas verticalmente no sedimen-

Fig. 2 – Sondagem 2, plano final, sendo visível a boca do silo no quadrante sul.



to e dispostas de forma semicircular, correspondendo ao enchimento/selagem da “boca” de uma estrutura negativa tipo silo.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

U.E.4 – Primeiro nível de terras de enchimento do silo, composto por um estrato castanho-escuro com inúmeras pedras de xisto de pequeno calibre, resultantes da desagregação do afloramento de xisto (U.E.3) e ainda por alguns blocos de quartzo e grande quantidade de fragmentos de telha de construção.

U.E.5 – Nível de enchimento do silo. Estrato de cor castanho-escuro, com pequenos nódulos de carvão e pequenos fragmentos do afloramento xistoso. Foram exumadas duas moedas, sendo uma das quais um eventual ceitel de D. Afonso V (1432-1481).

U.E.6 – Interface negativo/silo escavado no afloramento de xisto, de forma globular, mais estreita no topo, larga/abaulada nas paredes e de novo estreita e achatada na base.

3.1.2.1.3. Sondagem 5

U.E.1 – Similar à terra vegetal das restantes sondagens.

U.E.2 – Igualmente semelhante à U.E.2 das Sondagens 1, 3 e 4 na compactação e homogeneidade, diferenciando-se pela cor castanho avermelhada, com igual presença de blocos pétreos de pequeno e médio calibre.

U.E.3 – Afloramento de xisto.

3.1.2.2. Interpretação

Devido à escassa potência sedimentar do local e à profunda acção dos trabalhos agrícolas, foram escassos os vestígios identificados, cingindo-se ao reconhecimento e escavação de uma estrutura negativa do tipo silo, de secção acampanada, escavada no afloramento rochoso de xisto. Esta estrutura estaria integrada num



Fot. 3 – Sondagem 2, boca do silo durante a sua escavação.

complexo habitacional de construções positivas que, face à profunda destruição do local, não deixaram evidências senão a presença de abundante material de construção da cobertura. A própria ausência quase total de pedras de xisto de médio e grande calibre atesta, por si só, o grau de destruição do local. Considerando a grande concentração de materiais de construção na imediação da referida estrutura negativa, estas estruturas se localizariam nas imediações ou integrariam a mesma no complexo construído.



Fot. 4 – (05)0235, moeda, ceitel, eventualmente do reinado de D. Afonso V (1432-1481).

A presença e preservação do silo entende-se na medida em que esta é uma estrutura subterrânea, abaixo do nível do afloramento xistoso (camada 3), logo mais protegida das actividades agrícolas, sobretudo mecanizadas.

Esta estrutura, por seu turno, apresentava diferentes níveis de enchimento, com abundante espólio cerâmico cuja análise testemunha a favor de uma ocupação permanente do local.

3.1.1.3. Estudo do espólio

Nesta estação os artefactos recolhidos foram pouco numerosos. Registaram-se um total de 325 fragmentos cerâmicos, dos quais 84 são matérias de construção, correspondendo a vasilhas 241 indivíduos.

A maior parte dos materiais foram encontrados na U.E.2, embora o grupo mais avultado (aproximada-

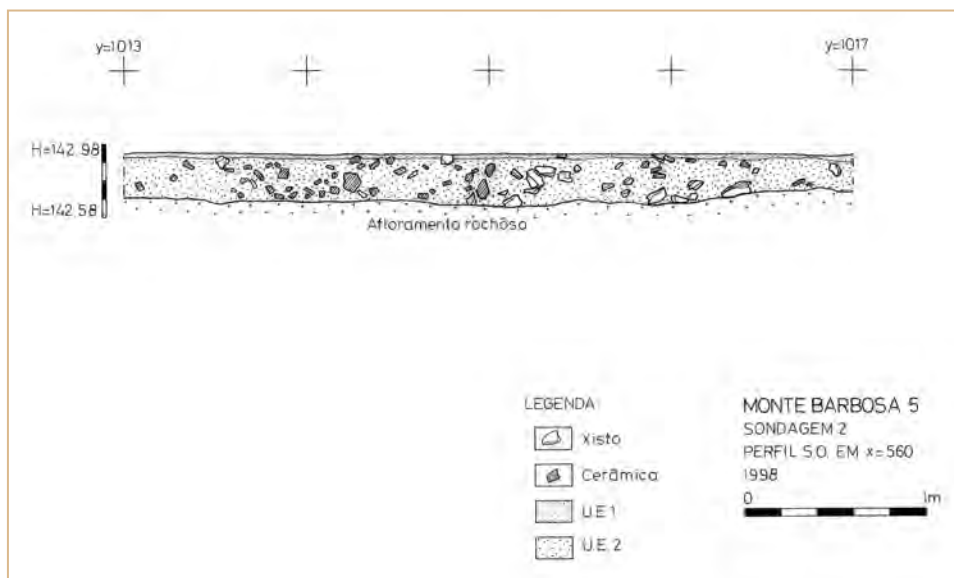


Fig. 3 – Sondagem 2, perfil sudoeste-nordeste.

Fig. 4 – Sondagem 2, corte longitudinal do silo, no sentido sudoeste-nordeste.



FORMAS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS			
	1	2	5	Total
Indeterminado	2	186	1	189
Talha	1	10		11
Pote		6		6
Cântaro	1	4		5
Panela		16		16
Alguidar		1		1
Contentor		4		4
Candil		1		1
Bilha		3		3
<i>Dolium</i>		1		1
Púcaro		1		1
Jarra/jarrinha		1		1
Tigela		2		2
<i>Imbrex</i>		2		2
Telha	2	77		79
Tijolo		3		3
TOTAL	6	318	1	325

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

mente 53% dos indivíduos) corresponda à U.E.5, isto é, ao enchimento do silo (ver quadro 1).

O grau de fragmentação dos objectos é muito elevado: apenas contamos com uma única forma completa e, em consequência a forma funcional (ver quadro 1 e gráfico 1) não foi identificada em aproximadamente metade dos objectos. Entre os objectos identificados (50,34% dos indivíduos), um grupo significativo (30,14%) correspondem a materiais de construção (telha e tijolo) tratando-se de 15,17% de todos materiais cerâmicos recolhidos. No entanto, a quantidade é redu-

zida em relação ao que encontramos em outras estações, indicando uma recolha não sistemática de este tipo de materiais. Os objectos cerâmicos não construtivos representam 35% dos indivíduos inventariados.

Se excluirmos os materiais de construção, o grupo melhor representado, contrariamente ao que se documenta nos sítios anteriormente descritos, é a loiça de mesa que representa 62,75% dos recipientes identificados. Na sua maior parte, trata-se de tigelas (47,06% do vasilhame), seguidas de longe pelas jarras ou jarrinhas (5,88%), os jarros ou jarrinhos e os pratos (3,92% todos eles). É bastante anormal a reduzida quantidade de loiça de cozinha (21,57%) e de objectos para armazenamento e transporte (11,76%). Contrariamente ao que é habitual em outras estações do Bloco 14, a panela representa apenas 15,69% e não se constata grandes recipientes de armazenamento como as talhas. Encontraram-se dois pequenos fragmentos de alguidar fabricados com torneado rápido, cozedura irregular e acabamento interior brunido.

No que diz respeito às panelas foram identificados 9 exemplares, na sua maior parte de torneado rápido e cozedura oxidante. Apenas uma é de fabrico manual com cozedura irregular que alterna a oxidação e a redução. Os acabamentos são simples alisamentos da superfície e apenas em 2 casos foram revestidos de aguada. Provavelmente, a maior parte dos 70 fragmentos não identificados de louça de cozinha deve corresponder a panelas, que apresentam características técnicas semelhantes aos exemplares identificados, mas reconhecendo-se 12 fragmentos executados com cozedura redutora, dois dos quais fabricados com torneado lento ou manual. No que diz respeito aos acabamentos apenas nove apresentam uma das suas superfícies brunidas.

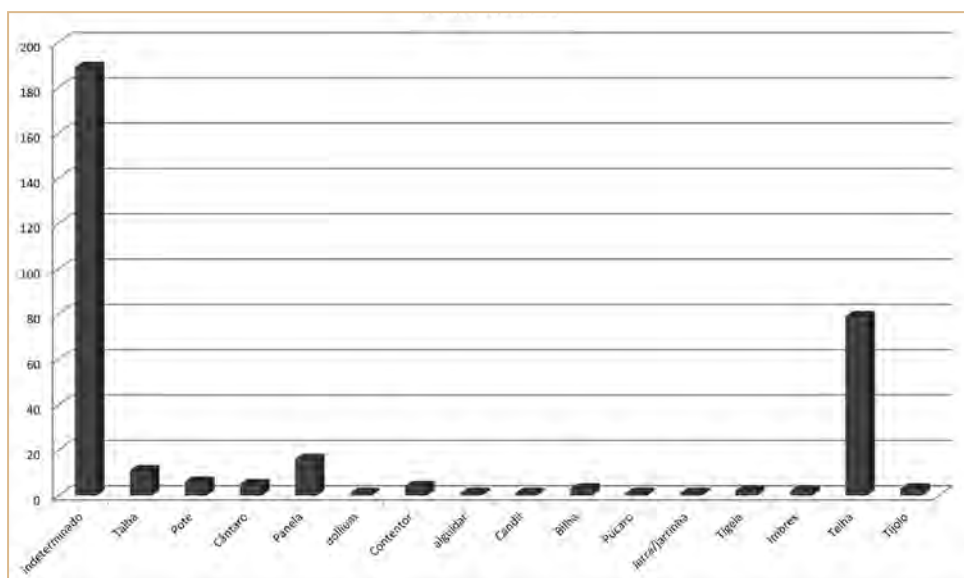


Gráfico I
Formas funcionais.

Só uma panela (MB 05/0044, ver fig. 6) permite identificar aproximadamente a sua forma. Corresponde a um tipo bastante comum de panela ou púcaro de uma única asa, corpo globular e colo cilíndrico, não muito alto, e bordo arredondado do século XV e primeira metade do XVI. Tem paralelos entre a carga de um barco afundado a meados do século XV na Ria de Aveiro (ALVES & *alii*, 1998: 191 – tipo 10b), em achados datados por moedas dos séculos XV ou primeira metade do século XVI de Lisboa (GASPAR, 2009: 656 fig. 7.2) e entre as produções de dois fornos encontrados em Silves datados do século XVI (GOMES & *alii*, 2008: 287, fig. 7).

Também poderia ser considerada como panela um bordo de pote (MB 05/0074, ver fig. 6) típico dos séculos XV-XVI com paralelos em vários sítios como Palmela (FERNANDES & CARVALHO, 1995: 95; 1998: 235) e Lisboa (DIOGO & TRINDADE, 2003: 212; DIOGO & TRINDADE, 1998: 264; GASPAR & *alii*, 2009: 661 fig. 16.23). Apenas contamos com um testo de torneado rápido cozedura oxidante e acabamento alisado.

Os cântaros apresentam, por regra geral, pastas avermelhadas, torneado rápido e cozeduras oxidantes, em alguns casos com alternância de oxidação e redução. Na maior parte dos casos brunidos ao exterior, e num caso aguada. Um dos fragmentos (MB 05/0082, ver fig. 6) tem um bordo característico do século XV com paralelos em Paderne (CATARINO, 2008: fig. 18) e no Crato (CATARINO & INÁCIO, 1995: 135).

Quatro exemplares correspondem à forma jarra/jarrinha/bilha. A maior parte corresponde a fabricos a torno rápido, com cozeduras redutoras e acabamento

brunido ao exterior. O fragmento que conserva uma maior extensão é demasiado pequeno para permitir encontrar paralelos satisfatórios.

As tigelas (ver fig. 5) estão amplamente representadas com 24 exemplares. A maior parte correspondente a peças de corpo hemisférico e bordo arredondado, ocasionalmente com uma canelura ou incisão junto do bordo. Estas peças têm paralelos em diversos sítios dos séculos XIV-XV e correspondem ao tipo 2 das formas de Paterna e Manises (LERMA, 1992: 29). Também encontramos exemplares fortemente carenados, com bordo ora levemente extrovertido, ora introvertido (ver fot. 5 e 6). O primeiro dos casos encontra paralelos no Alto Alentejo, em Évora no século XVI, (TEICHERNER, 1998: 28) no Crato (CATARINO, 1995: 136), e no Algarve em Alcoutim (CATARINO, 2003: 168). O segundo tipo guarda semelhança com formas do século XVI de Loulé (OLIVEIRA, 2008: 324), Alcoutim (CATARINO, 2003: 168) e Lisboa (DIOGO & TRINDADE, 1998: 265; *Idem*, 2008: 183). Todas foram fabricadas com torneado rápido, dominando as cozeduras em atmosfera oxidante, apesar de encontrarmos três de cozedura redutora e oito com cozeduras irregulares. Os acabamentos são muito diversificados, sendo que 15 peças apresentam alguma das suas superfícies brunidas e quatro ostentam vidrados monocromáticos. É frequente a presença, nestas peças, de marcas de fogo, pelo que consideramos factível a sua utilização como çaoilas ou frigideiras. Tratam-se de formas muito comuns que aparecem abundantemente nos sítios com cronologias dos séculos XV-XVI, as apontadas para os exemplares anteriormente visados.

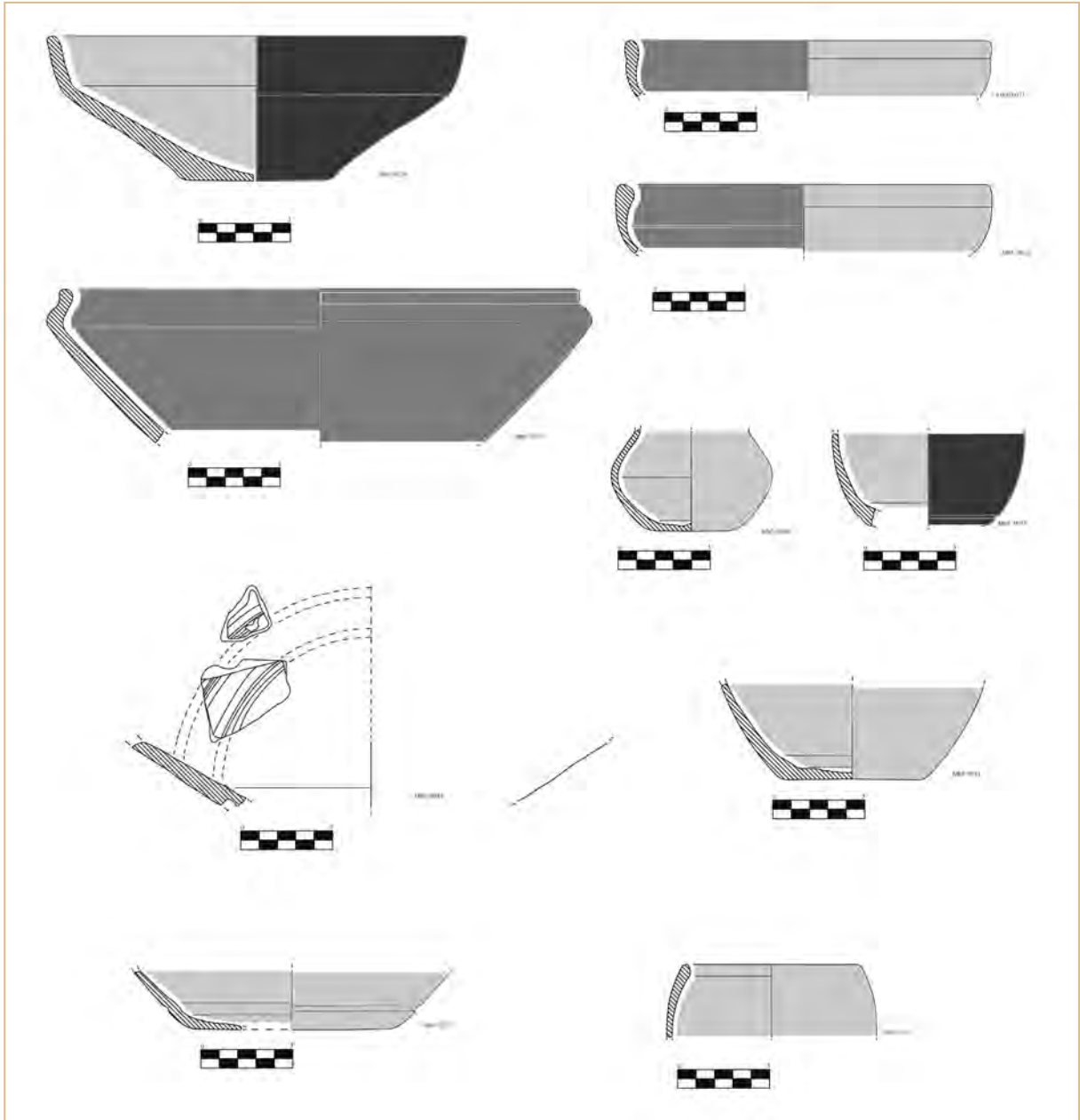


Fig. 5 – Tigelas, jarrinhas e pratos.

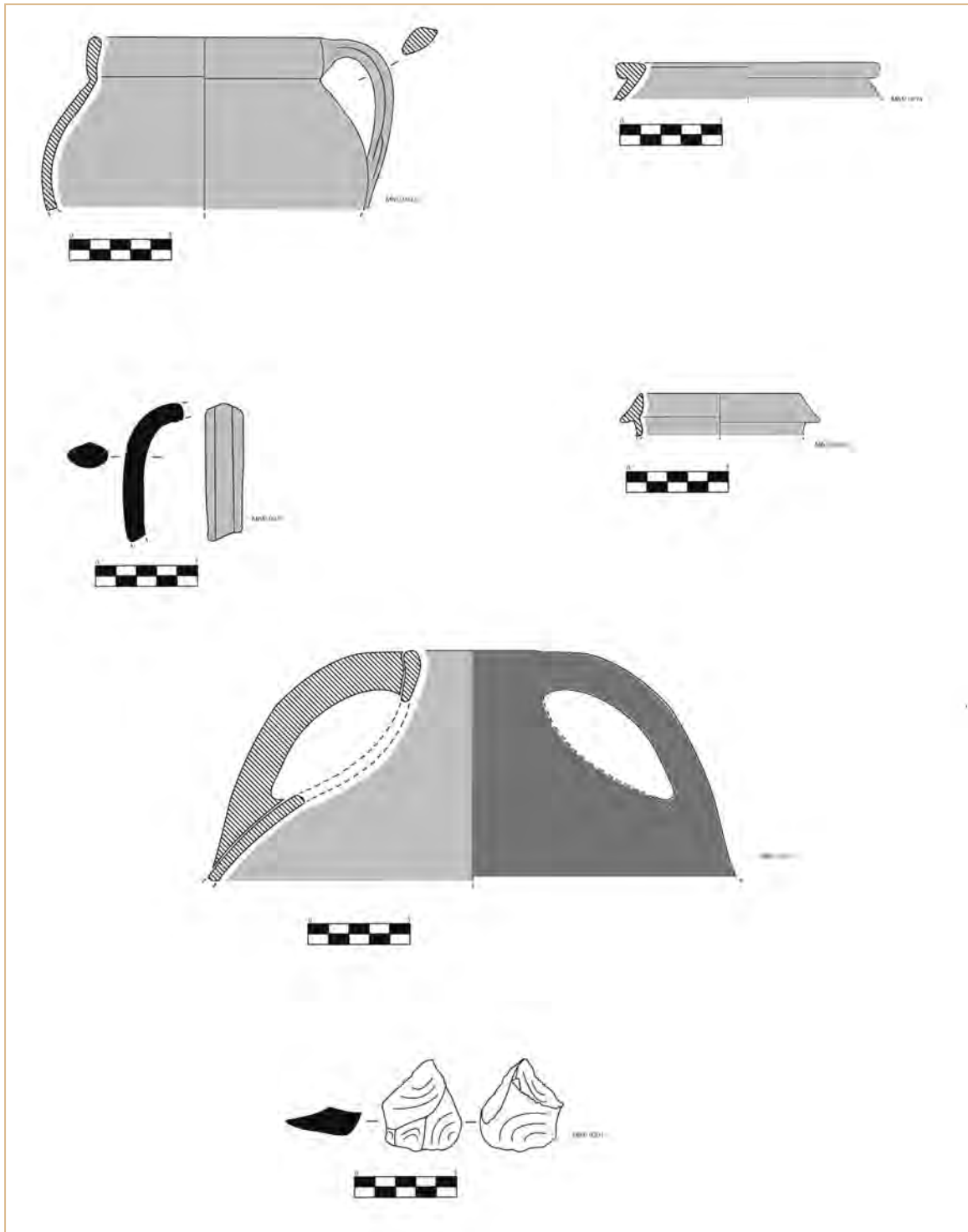


Fig. 6 – Panelas e cântaros.

Destacam-se dois pequenos fragmentos de um prato de paredes rectas revestido de vidroado policromático que combina traços em azul de cobalto e roxo de manganés, (MB 05/0084, ver fig. 5). Combinação cromática que se enquadra nas cronologias apontadas para as outras peças. Finalmente, é de referir a pre-



Fot. 5 – Jarro/jarrinho de bojo globular (MB 05/0098).



Fot. 6 – Taça carenada (MB 05/0129).



Fot. 7 – Dois fragmentos de taça carenada (MB 05/0127 e 05/0128).

sença de um pequeno fragmento de jarrinho vidroado monocromático.

No que diz respeito às pastas (ver quadro 2), a maior parte dos objectos apresenta pastas alaranjadas 43,20%, sendo também abundantes as cerâmicas de pastas castanhas (30,89%). São pouco abundantes as de cor vermelha (11,38%), cinzenta (7,32%), branca (4,07%), preta (1,63%) e esverdeada (0,81%).

Pelo que respeita aos elementos não plásticos (ENP, ver quadro 4), a combinação mais frequente é de feldspato e quartzo (42,74%) seguida a bastante distância da combinação de mica e quartzo (13,71%), feldspato, mica e quartzo, e quartzo isolado (12,90% ambas). Pouco representadas encontram-se as pastas com outras combinações de ENP. Se combinamos as duas variáveis tamanho/densidade, encontramos que o grupo mais volumoso é o que apresenta elementos plásticos de tamanho e densidade médios (29,84%), sendo também significativas as pastas com ENP de tamanho e densidade pequenos (19,35%), abundantes de tamanho médio (14,52%), e de tamanho pequeno e densidade média (12,90%).

Excluindo o material de construção, o vasilhame cerâmico foi, na sua esmagadora maioria, modelado com torneado rápido (88,62%), atingindo uma percentagem maior que em outras estações do bloco (ver quadro 5 gráfico 2). A análise das cozeduras dos objectos revela que a sua maior parte (73,17% dos recipientes) foi cozida em atmosfera oxidante enquanto 21,95% do vasilhame recebeu uma cozedura redutora e em apenas 4,88% dos objectos alternou a oxidação e a redução. Em consequência, a combinação de cozedura e fabrico mais representada possui cozedura oxidante e fabrico com torno rápido (66,67% do vasilhame) seguido do conjunto de vasilhas redutoras fabricadas com torno rápido (17,89%).



Fot. 8 – Dois fragmentos de prato revestido de vidro policromático (MB 05/0084 e 05/0085).

COR EXTERIOR	COR CENTRO								
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	Branco	TOTAL
Bege	5								5
Alaranjada		50	6		1	107			164
Vermelha			3			1	1		5
Rosada									-
Castanha			3		8	37	2		50
Cinzenta						12			12
Branco								2	2
Melado						1			1
Preto						2			2
TOTAL	5	50	12	-	9	160	3	2	241

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)																							
	A1	A2	B1	B2	C1	C2	C3	D1	D2	E1	E2	E3	E4	F1	F2	F3	F4	G1	G2	G3	G4	H1	H2	TOTAL
Indeterminado	1	1	2	3	21	18	2	3	2	3	2	1	1	11	7	1		27	46	10	25	2		189
Pote															2			3					1	6
Panela										1						1	1	2	10		1			16
Cântaro																	1		1	2	2			6
Talha					2					1		1		3					1		2			10
Bilha					1					1							1							3
Alguidar															1									1
Púcaro																		1						1
Dolium										1														1
Contentor						1									1				2					4
Jarra/jarrinha																		1						1
Candil																			1					1
Tigela																			2					2
TOTAL	1	1	2	3	24	19	2	3	2	6	3	2	1	14	11	2	3	34	63	12	30	2	1	241

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)							TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Melado	Castanha	Cinzenta	Preto	
Biotite moscovite feldspato		4						4
Feldspato		1						1
Feldspato mica	1	12	1		8		1	23
Feldspato mica quartzo	4	61	1	1	32	10	1	110
Feldspato mica xisto		7			3			10
Feldspato quartzo min ferrosos		9	1		5			16
Imperceptíveis		1						1
Mica		4			3			7
Mica quartzo xisto	2	23	2		10	1		38
Quartzo					1			1
Quartzo feldspato		16			6	2		24
Quartzo xisto		3						3
Quartzo xisto min ferrosos		3			1			4
TOTAL								241

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA				TOTAL
	OXIDANTE	ALTERNA	IRREGULAR	REDUTORA	
Manual	2	1	7	8	18
Rolo	6	-	2	5	13
Torno Lento	11	2	20	16	49
Torno Rápido	33	7	76	22	138
Molde	7		-	1	8
Indeterminado	10	1	3	1	15
Molde (Mat. Construção)	67	1	-	16	84
TOTAL	136	12	108	69	325

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

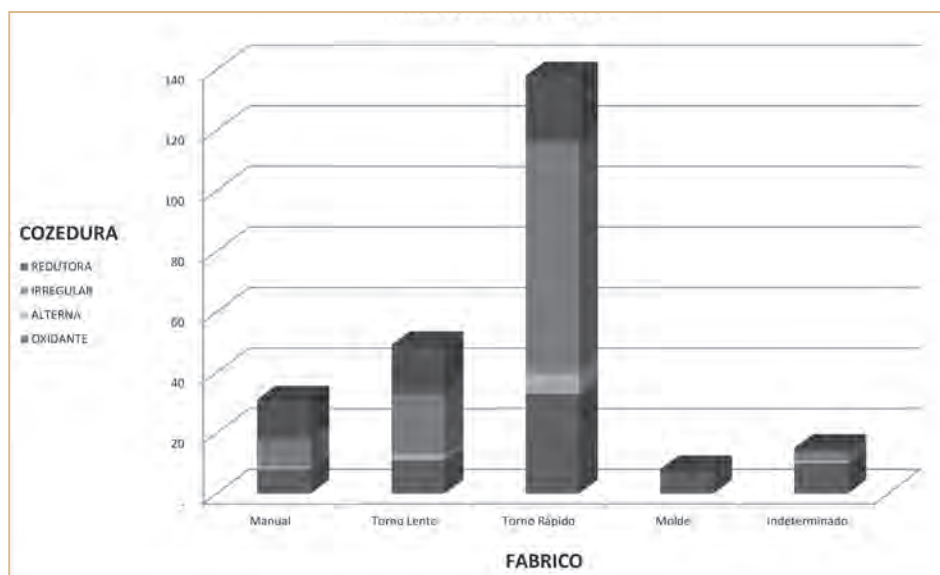


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR				
	Grosseiro	Alisado	Polido	Vidrado	TOTAL
Grosseiro	2	7			9
Alisado	1	205			206
Polido			1		1
Sem tratamento		23			23
Vidrado				2	2
TOTAL	3	235	1	2	241

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO EXTERIOR							
	Caneluras	Impressão	Digitações	Aplicações plásticas	P. monocroma	V. monocromo	Não dec.	TOTAL
Indeterminado	3				1		185	189
Talha		2					9	11
<i>Dolium</i>							1	1
Pote							6	6
Cântaro							5	5
Panela	3		1				12	16
Contentor							4	4
Alguidar				1				1
Candil						1		1
Bilha							3	3
Púcaro							1	1
Jarra/jarrinha							1	1
Tigela							2	2
<i>Imbrex</i>							2	2
Telha			2				77	79
Tijolo							3	3
TOTAL	6	2	3	1	1	1	311	325

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

No que diz respeito as técnicas de acabamento (ver quadro 6), a maior parte dos indivíduos recebeu um tratamento de simples alisamento tanto no interior como no exterior (51,03% dos recipientes).

É muito reduzido o número de objectos decorados (ver quadro 7), com apenas 13 recipientes (10,57% do vasilhame). Cinco objectos (panelas e bilhas) apresentavam simples caneluras e oito são vidrados (quatro tigelas, dois pratos, uma jarrinha e um objecto indefinido).

Em resumo, apesar de tratar-se de um conjunto de reduzidas dimensões, o espólio do Monte Barbosa 5 apresenta características diferentes às de outros sítios do Bloco 4. O reportório formal é notavelmente representado por formas de mesa, facto pouco habitual em estações de carácter rural. Trata-se de um conjunto homogéneo de formas representativas do trânsito entre a Idade Média e a Época Moderna (séculos XV-XVI), onde praticamente desapareceram as produ-

ções locais de fabricos manuais e cozeduras redutoras, substituídas por cerâmicas fabricadas com torneados rápidos, de olarias urbanas, certamente de Évora, que funcionaria como centro distribuidor regional. Sem ser um conjunto excepcional, apresenta rasgos de algum requinte, representados pelas vasilhas vidradas.

3.11.4. Conclusão

As informações recolhidas neste sítio, nomeadamente a grande concentração de cerâmica de construção e a presença do silo com um variado espólio exumado, evidenciam a existência de uma ocupação permanente datada de finais da Idade Média, inícios do período Moderno. O reportório formal e a presença de cerâmicas revestidas de vidrado, atestam relações com meios urbanos só frequentes em época moderna, e um maior poder aquisitivo dos habitantes do sítio.

3.12. Cabeçana 7

3.12.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Cabeçana 7 foram efectuados em Outubro de 1998²⁶, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz,

Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95348, habitat, de cronologia medieval.

O sítio identificado na fase de prospecção/reavaliação localizava-se no topo de uma plataforma virada a uma pequena linha de água, onde eram visíveis restos de muros em xisto e quartzito e uma dispersão de materiais cerâmicos ao longo de cerca de 200 m².

3.12.2. Trabalhos arqueológicos

Foi estabelecido um programa de trabalhos a fim de avaliar o potencial arqueológico do local e

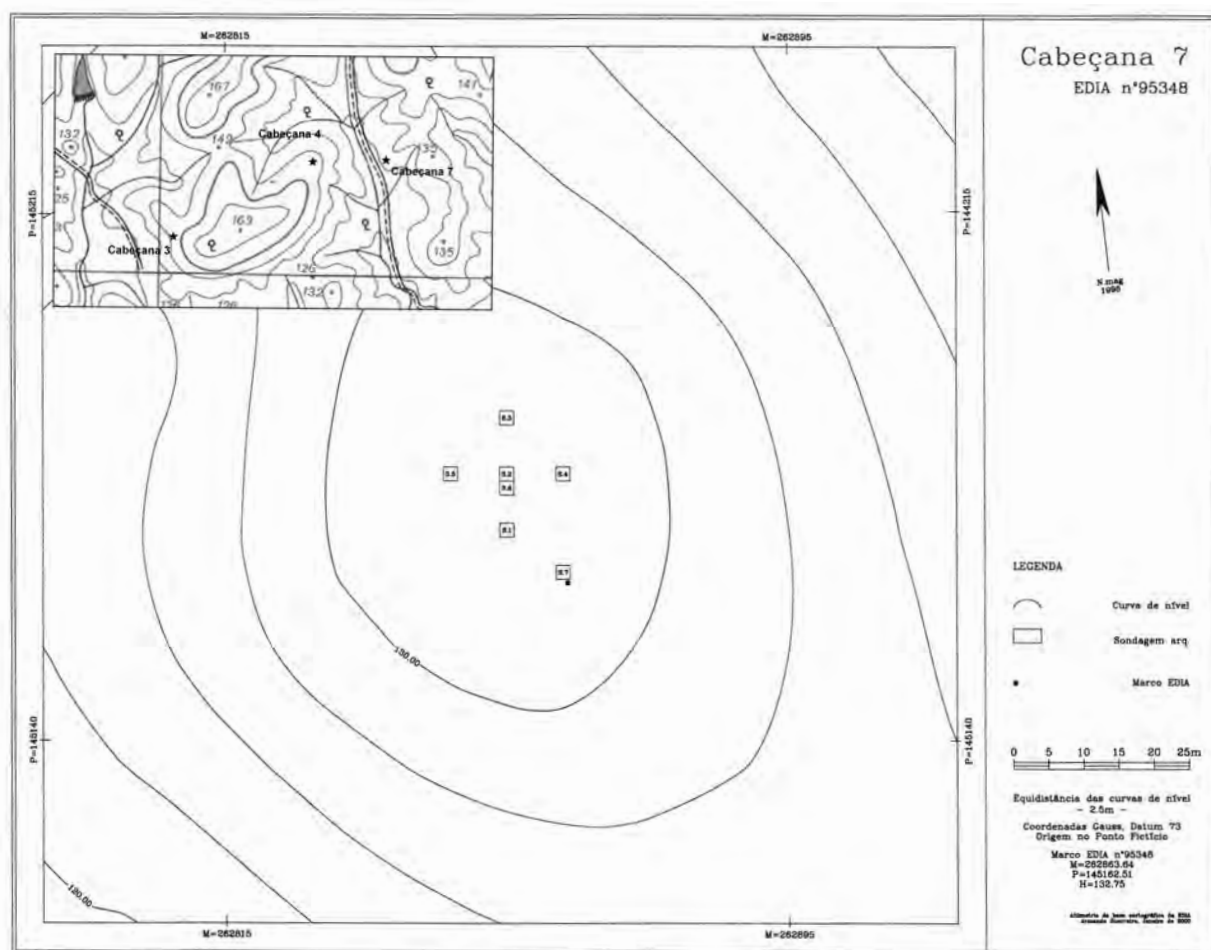


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

²⁶ Os trabalhos arqueológicos no sítio Cabeçana 3 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Carlos Silva, arqueólogo; António Bairinhas, assistente de arqueólogo; Vitória Valverde e Carlos Fona, estagiários; José Luís Neto e Pedro Canto, voluntários.

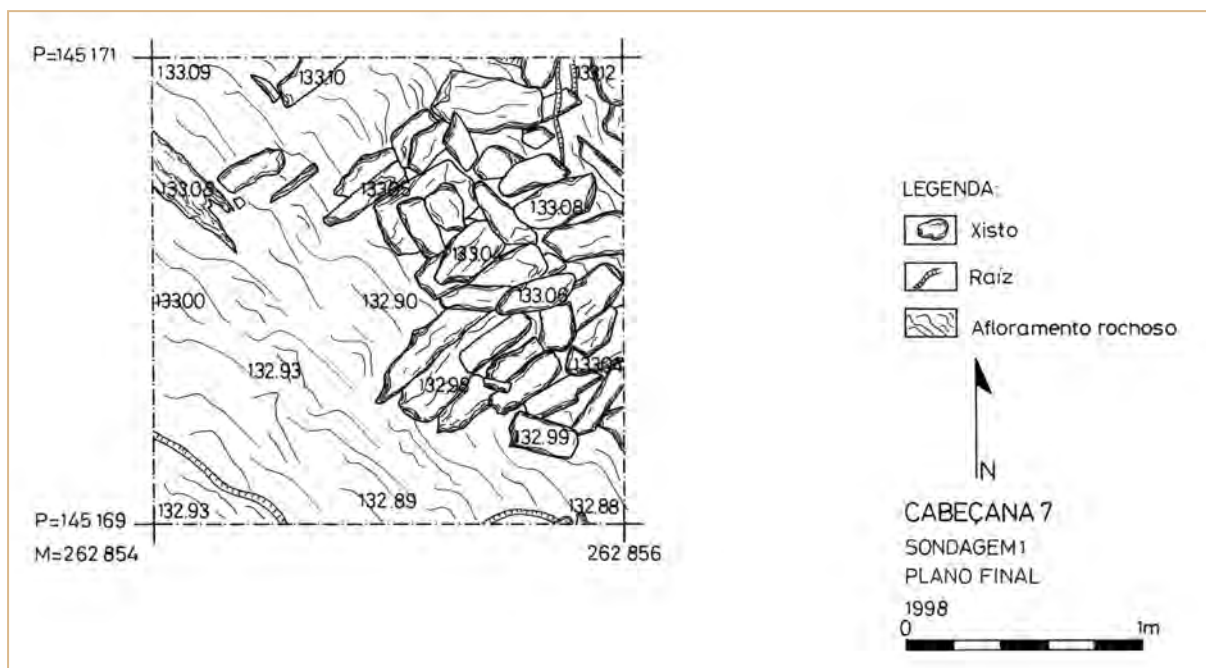


Fig. 2 – Sondagem 1, plano final.

aferir da presença de níveis e estruturas preservados mediante a elaboração de sondagens, implantadas nas áreas onde se observavam troços de muros à superfície e nas zonas de maior concentração de recolhas de prospecção. Neste contexto, escavaram-se sete sondagens, georreferenciadas à rede geodésica nacional.

3.12.2.1. Estratigrafia

3.12.2.1.1. Sondagens 1, 2 e 6

U.E.1 – Terra vegetal de superfície, de cor castanha escura humosa, solta com raízes e folhagem diversa.

U.E.2 – Terra castanha escura, muito compacta, com pedras de xisto de pequeno e médio calibre.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

3.12.2.1.2. Sondagens 4, 5 e 7

U.E.1 – Terra vegetal de superfície, com terras castanhas escuras, humosas, soltas com pedras de xisto de reduzida dimensão.

U.E.2 – Terras castanhas escuras, compactas, com poucas pedras de xisto de pequeno calibre.

U.E.3 – Afloramento de xisto.

3.12.2.1.3. Sondagem 3

U.E.1 – Terra vegetal de superfície, com terras castanhas escuras, humosas, soltas com pedras de xisto de reduzida dimensão.

3.12.2.2. Interpretação geral dos dados

Na Sondagem 1, com a remoção da U.E.2, identificou-se uma área de grande concentração de pedras de xisto de pequeno e médio calibre, que uma vez definida, sugeria a existência de um pavimento pétreo, disposto sobre um nível de terras imediatamente assente sobre o afloramento rochoso.

Já na Sondagem 2, implantada sobre um dos alinhamentos pétreos visíveis à superfície do terreno, destacou-se de imediato um conjunto imbrincado de pedras de xisto e quartzo. Aqui, a U.E.2 apresentava características distintas da sondagem anterior, pautada por uma coloração mais clara e amarelada, igualmente compacta. No processo da decapagem deste estrato, foi identificado um troço de muro (Muro I), muito destruído, composto por duas fiadas de pedras de xisto de grande calibre assentes no afloramento, dispostas em cutelo, com um enchimento de pequenos blocos de xisto e quartzo, com terra argilosa. A sua orientação era nordeste/sudoeste e, embora se encontrasse par-

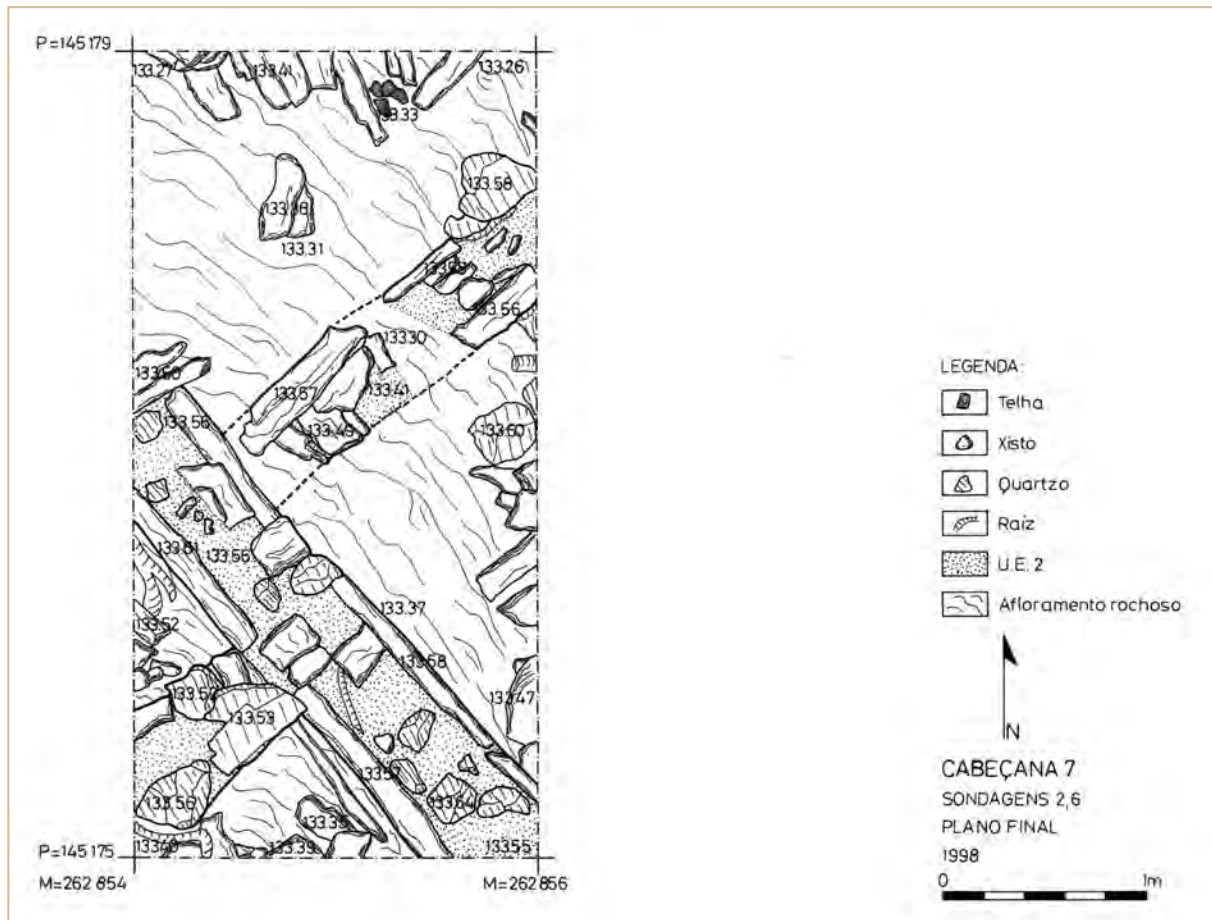


Fig. 3 – Sondagens 2 e 6, plano final.

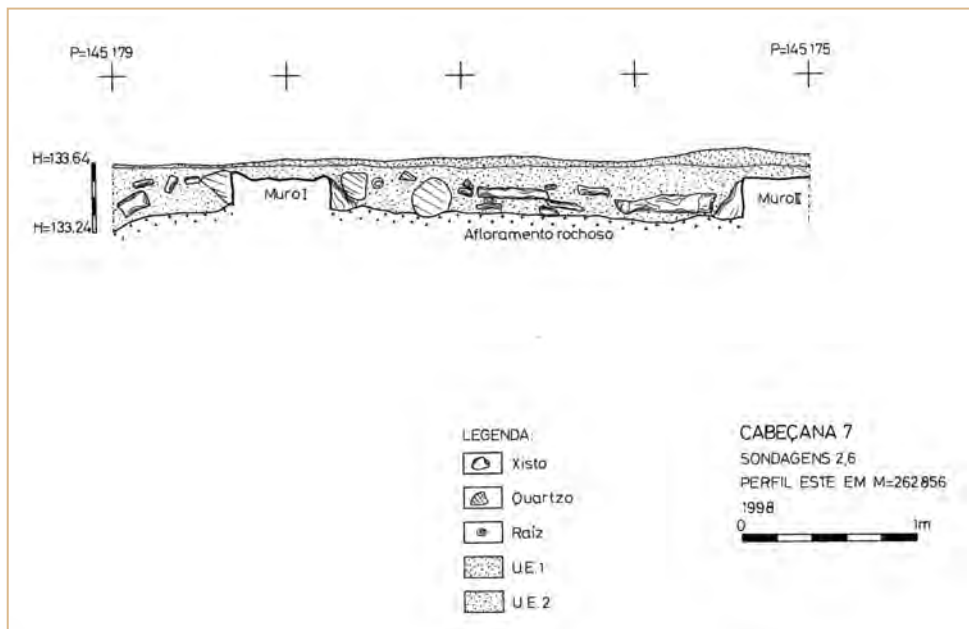


Fig. 4 – Sondagens 2 e 6, perfil estratigráfico este.



Fot. 1 – Sondagens 2 e 6, plano final. Vista para sul, com o Muro I em primeiro plano e o Muro II em segundo plano.

cialmente interrompido, media cerca de 1,8 m, a norte, e aproximadamente 1,3 m a sul, com um alçado máximo conservado de 0,27 m.

No quadrante sul da sondagem destacou-se outro troço de muro (Muro II), com a mesma técnica construtiva, orientado a sudeste, sem ligação ao Muro

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA		
	0	2	Total
Indeterminado	2	2	4
Talha	1	2	3
Tigela	1		1
TOTAL	4	4	8

Quadro I – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

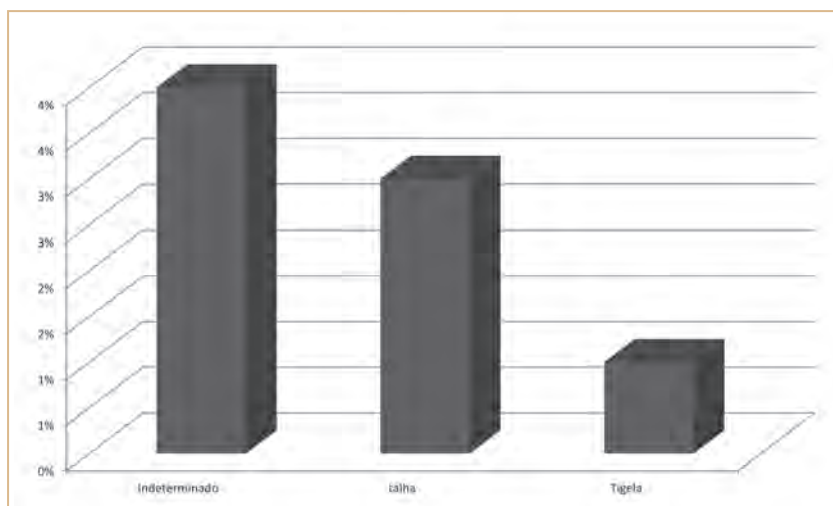


Gráfico I – Formas funcionais.

I, que, após o alargamento da área com a Sondagem 6, permitiu observar uma extensão de cerca de 2,2 m e um alçado conservado de 0,21 m, construído directamente sobre o afloramento de xisto. No decorrer dos trabalhos na Sondagem 6, foi igualmente definida uma terceira estrutura mural, (Muro III) também muito danificada e composta por pedras de quartzo de grande calibre e de xisto de média dimensão, compactadas com terra argilosa, castanho escura. Assente directamente sobre o afloramento xistoso (U.E.3, plano final) o Muro III arrancava sensivelmente a meio do Muro II, com uma orientação a sudoeste.

A definição destas estruturas permitiu observar a existência de, pelo menos, dois espaços delimitados pelos muros detectados: Ambiente 1 e Ambiente 2.

Nas Sondagens 3,4, 5 e 7, não foram observadas quaisquer estruturas arqueológicas, sublinhando-se ainda a quase inexistência de espólio recolhido.

3.12.4. Estudo do espólio

O universo de fragmentos cerâmicos deste sítio é diminuto, constituído por 8 fragmentos, motivo pelo qual, todas as apreciações sobre o conjunto carecem de fiabilidade. Não foi possível identificar, em metade das vasilhas, a que tipo de forma funcional correspondiam, apenas foi possível reconhecer três fragmentos de talha e um de tigela.

No que se refere às pastas, as talhas e mais dois fragmentos indeterminados enquadram-se no tipo que denominamos G2, cinzentas compactas, sendo que o

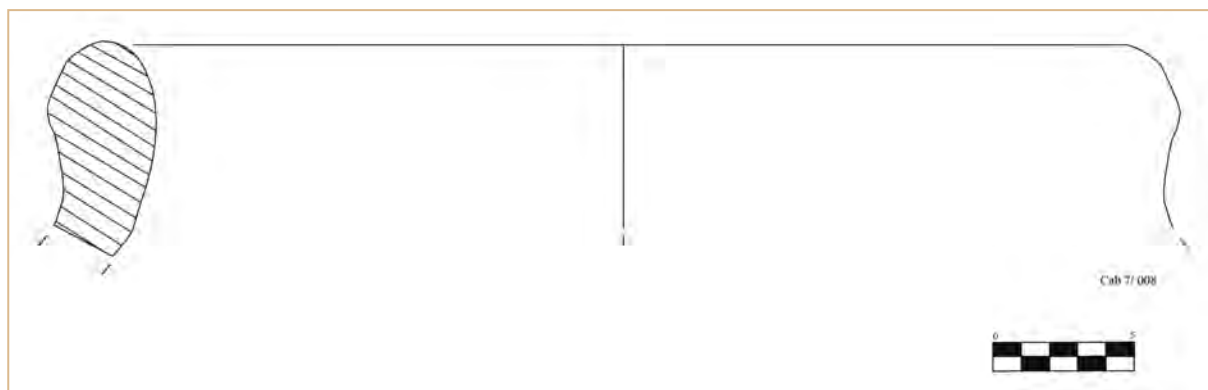


Fig. 5 – Peça (09)008, fragmento de bordo de talha.

COR EXTERIOR	COR CENTRO				TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Branco	
Bege				1	1
Alaranjada	1				1
Vermelha		1			1
Cinzenta	2	2	1		5
TOTAL	3	3	1	1	8

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)				
	BI	CI	E2	G2	TOTAL
Indeterminado		1	1	1	4
Talha				3	3
Tigela	1				1
TOTAL	1	1	1	4	8

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)				TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Branco	Castanha	
Feldspato mica		1			1
Feldspato xisto mica	3	2	1	1	7
TOTAL	3	3	1	1	8

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

fragmento de tigela corresponde ao tipo B1, bege arenoso, enquanto os dois fragmentos restantes se dividem entre o tipo C1 (pasta alaranjada arenosa) e E2 (pasta vermelha compacta).

Quanto aos elementos não plásticos (ENP), os feldspatos com mica e quartzo em tamanhos diversos apresentam-se como os mais abundantes (62,5%), seguido dos feldspatos-mica-quartzo de tamanho pequeno e médio (12,5%), bem como os feldspatos-mica de tamanho pequeno-médio (12,5%).

Entre as técnicas de fabrico, a mais utilizada é o fabrico manual, presente em quatro fragmentos, (três de eles a rolo, técnica habitual na modelagem de talhas), frente a três realizados a torno rápido, e um indeterminado. Em consequência, os fabricos manuais encontram-se associados as pastas cinzentas e os fragmentos fabricados a torno rápido encontram-se

associados a pastas de cor bege (caso da tigela) e alaranjadas (em objectos indeterminados). Relacionando técnicas de fabrico e cozedura, constatamos que as talhas apresentam uma grande homogeneidade técnica com pastas cinzentas compactas, fabricos manuais e cozeduras redutoras, sendo o restante vasilhame, regra geral, de fabrico a torno rápido e cozedura oxidante.

A técnica de acabamento mais frequente é o alisado, presente em seis fragmentos além de dois fragmentos vidrados tanto no interior como no exterior. Quanto à relação do acabamento com as técnicas de fabrico empregues, o vidrado está sempre ligado a manufacturas a torno rápido e a pastas claras (bege ou alaranjada).

No que respeita à decoração, encontra-se percentualmente bem representada, contando com os dois fragmentos de vidrado monocromo e um fragmento de talha com impressão.

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			TOTAL
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	
Manual			1	1
Torno Lento				
Torno Rápido	3			3
Rolo			3	3
Indeterminado			1	1
Molde				
TOTAL	3		5	8

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozedura.

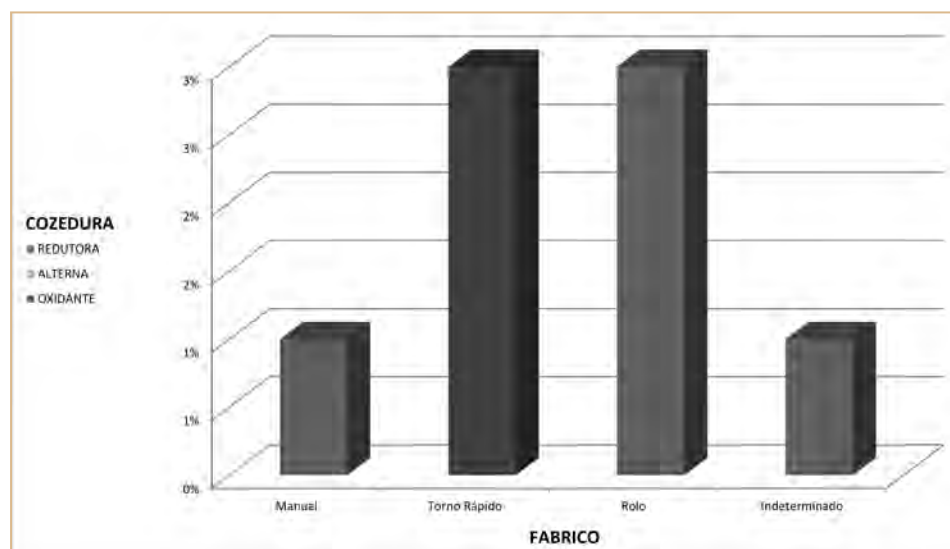


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozedura.

INTERIOR	EXTERIOR		
	Alisado	Vidrado	TOTAL
Alisado	5		5
Sem tratamento	1		1
Vidrado		2	2
TOTAL	6	2	8

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

FORMA FUNCIONAL	DECORAÇÃO EXTERIOR			
	Impressão	V.monocromo	Não dec.	TOTAL
Indeterminado		1	2	3
Talha	1		3	4
Tigela		1		1
TOTAL	1	2	5	8

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

Mesmo tratando-se de um conjunto diminuto, o parco espólio deste sítio contribui fortemente para a atribuição de uma cronologia, dada a presença de cerâmicas vidradas com características consentâneas com uma cronologia dos séculos XIV a XVI. Salvaguardando o facto da falta de fiabilidade da amostra pela sua escassa representatividade, podemos interpretar o conjunto como o espólio de uma comunidade rural, onde a talha é um objecto imprescindível, mas com relações frequentes com meios urbanos, pela significativa presença de objectos de mesa vidrados.

3.12.5. Conclusão

O sítio arqueológico Cabeçana 7 enquadra-se no panorama geral das ocupações medievais/modernas da área, habitats localizados sobre pequenas elevações, próximas de linhas de água de cariz sazonal, com vestígios de construções muito afectadas pelos trabalhos agrícolas.

No local foram identificados três troços de muros que integravam um complexo habitacional com diferentes espaços interiores, construídos sobre o afloramento rochoso. A exiguidade dos vestígios, contudo, apenas permite supor um pequeno habitat, provavelmente de cariz rural com uma ocupação bastante limitada no tempo que pela qualidade dos vidrados poderá corresponder ao final de Idade Média e inícios da Época Moderna.

3.13. Monte Musgos 3

3.13.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio identificado como Monte Musgos 3 foram efectuados entre Abril e Maio de 1999²⁷, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Alqueva, concelho de Portel, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95246, de cronologia medieval/moderna.

O sítio de Monte Musgos 3 encontra-se a cerca de 400 m, do Monte Musgos, na margem direita do Degebe, num pequeno patamar a meia encosta virado ao rio, onde o vale estreita e o Degebe corre muito encaixado. A sua localização, relativamente à área envolvente, permite um bom domínio da paisagem, bem como um fácil acesso ao rio, do qual dista cerca poucos metros.

A informação disponível revelava (SILVA, 1996): “Na margem esquerda do Degebe, restos de muros de construções muito destruídas, que foram construídas em pedras de xisto e terra, das quais não é possível ob-

²⁷ Os trabalhos arqueológicos efectuados no local Monte Barbosa 7 foram realizados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pilar Reis e Pedro Xavier, arqueólogos responsáveis pelos trabalhos de campo; Danilo Pavone, desenhador; Vitória Valverde, estagiária; Carlos Fona, estagiário; António Cristino, trabalhador indiferenciado.



Fot. 1 – Enquadramento paisagístico do sítio, vista para norte, desde a margem direita do Degebe.

servar mais do que um amontoado de pedras; aparece também alguma cerâmica comum incaracterística”. No reconhecimento efectuado na fase de prospecção/relocalização, foram observados, no referido patamar, vestígios de uma construção em xisto, de forma aparentemente rectangular.

As estruturas encontravam-se parcialmente cobertas por uma camada de terra arenosa e alguma vegetação rasteira, a primeira explicada pela oscilação das cotas fluviais do Degebe, com terras de deposição recente, já que não faltam os elementos que comprovem que Monte Musgos 3 encontrou-se afectado directamente com as cheias de 1997, o que poderia explicar esta camada arenosa, pouco compacta. De facto este local era especialmente propício a sofrer alterações morfológicas com a subida do nível das águas, o que se explica pela sua implantação próxima às margens do rio.

Esta descrição e a característica da zona onde se debruça Monte Musgos 3 poderá, em parte, explicar os resultados arqueológicos obtidos, que levaram, como se irá adiante ver, que ainda na fase dos trabalhos de campo se procedesse a uma articulação com a responsável científica pelo Bloco 4 (Pré-História Recente), Susana Correia, o que levou à interpretação os dados e à descoberta de um novo sítio, o Monte Musgos 11, no âmbito dessa cronologia.

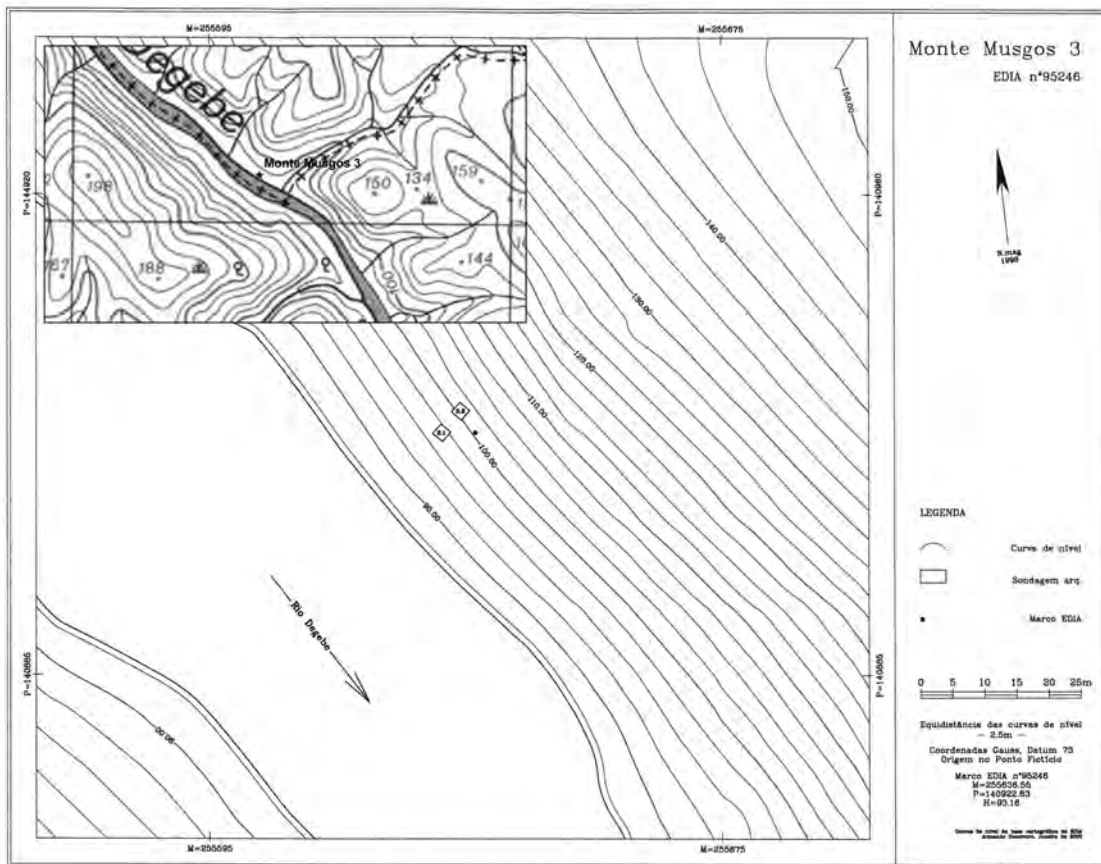


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.



Fot. 2 – Estrutura onde foi posteriormente implantada a Sondagem I.

3.13.2. Trabalhos arqueológicos

Após a desmatção e limpeza cuidada da área a escavar, e a fim de obter uma cronologia baseada em dados arqueológicos e entender a clara funcionalidade do local, foram estabelecidas duas sondagens de 2x2 m, georreferenciadas ao Sistema Geodésico Nacional.

A marcação das mesmas obedeceu às estruturas preexistentes: a primeira implantada na plataforma superior definida pelo topo da estrutura e, a segunda sondagem, situada na cunha formada pela estrutura, de forma a obter uma leitura correcta da sua tipologia e reconhecer através da decapagem das camadas, o tipo de fundação e possíveis materiais associados, tendo como claro objectivo de intervenção a definição da cronologia de construção e os momentos de ocupação desta singular construção assomada ao Degebe.

Ao fazer o reconhecimento da área envolvente ao local de intervenção, foram identificadas outras estruturas, que poderiam estar associadas à funcionalidade da primeira, objecto da intervenção, e que serão igualmente alvo de descrição pormenorizada.

3.13.2.1. Estratigrafia

Concedeu-se importância vital à limpeza e desmatção da área envolvente para fornecer uma visão geral do local e da estrutura já visível à superfície (Muros I e III) e o reconhecimento de outros vestígios desta mesma estrutura (Muro II).

3.13.2.1.1. Sondagem I

A Sondagem 1 foi implantada na esquina da estrutura detectada à superfície, que compreendia os Muros I e III e revelou a seguinte estratigrafia:

U.E.1 – Estrato arenoso de grão fino, compactado e coberto por alguma vegetação rasteira (estevas, folhas), provavelmente depositado pelas constantes subidas e descidas de nível do Degebe.

U.E.2 – Depósito sedimentar de cor castanho clara, misturado com pequeníssimas lascas de xisto.

U.E.3 – Depósito castanho acinzentado, muito arenoso e compacto.

U.E.4 – Pequena bolsa formada por pequenas pedras de xisto (lascas), sem terra como ligante, provavelmente resultante de infiltrações.

U.E.5 – Depósito castanho claro, com grande concentração de pequenos fragmentos de xisto na sua composição.

U.E.6 – Estrato de terras castanhas avermelhadas, argilosas e compactas com relativa concentração de xisto na sua composição.

U.E.7 – Pequena bolsa de terra castanha escura, humosa, sem elementos pétreos.

3.13.2.1.2. Sondagem 2

A Sondagem 2 foi marcada a cerca de 2,20 m a nordeste da Sondagem 1²⁸, com a seguinte sequência estratigráfica:

U.E.1 – Depósito sedimentar arenoso de grão fino, com pouco material pétreo, compactado e coberto por alguma vegetação rasteira (estevas, folhas), provavelmente depositado pelas constantes subidas e descidas do nível do Degebe.

U.E.2 – Estrato castanho avermelhado, argiloso e compactado com alguns elementos de xisto de pequena e média dimensão.

U.E.3 – Estrato castanho avermelhado, argiloso e compactado com grande concentração de elementos de xisto de pequena e média dimensão.

U.E.4 – Depósito sedimentar de coloração castanho clara compactado com grande concentração de fragmentos de xisto de pequena e média dimensão.

U.E.5 – Estrato de cor castanha rosácea clara, muito depurado e ligeiramente argiloso.

²⁸ Encontrando-se a estação arqueológica a meia encosta, a Sondagem 2 encontrava-se num patamar a NE da Sondagem 1, praticamente encostada à escarpa rochosa acima da estação.

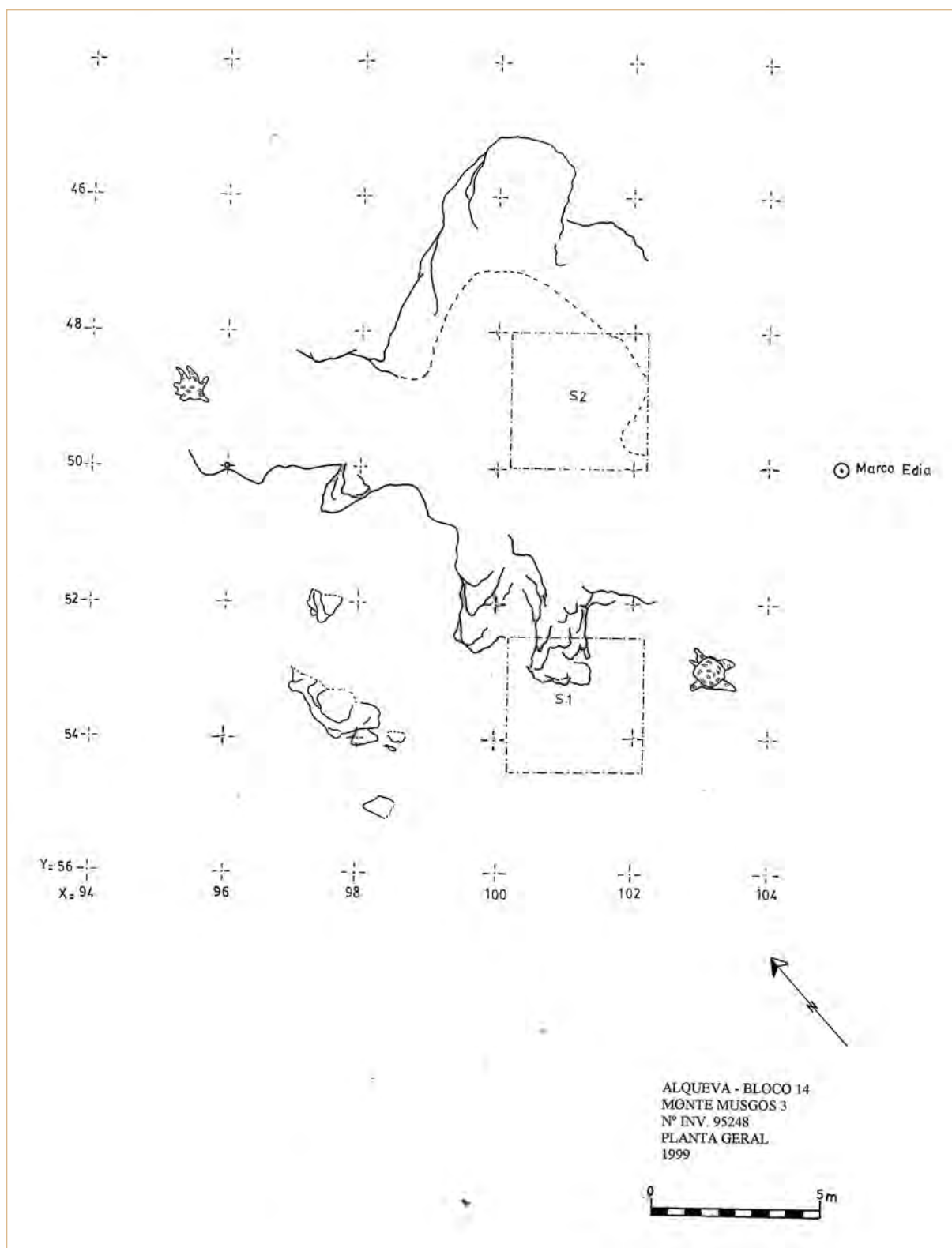


Fig. 2 – Planta geral da área de implantação das sondagens.

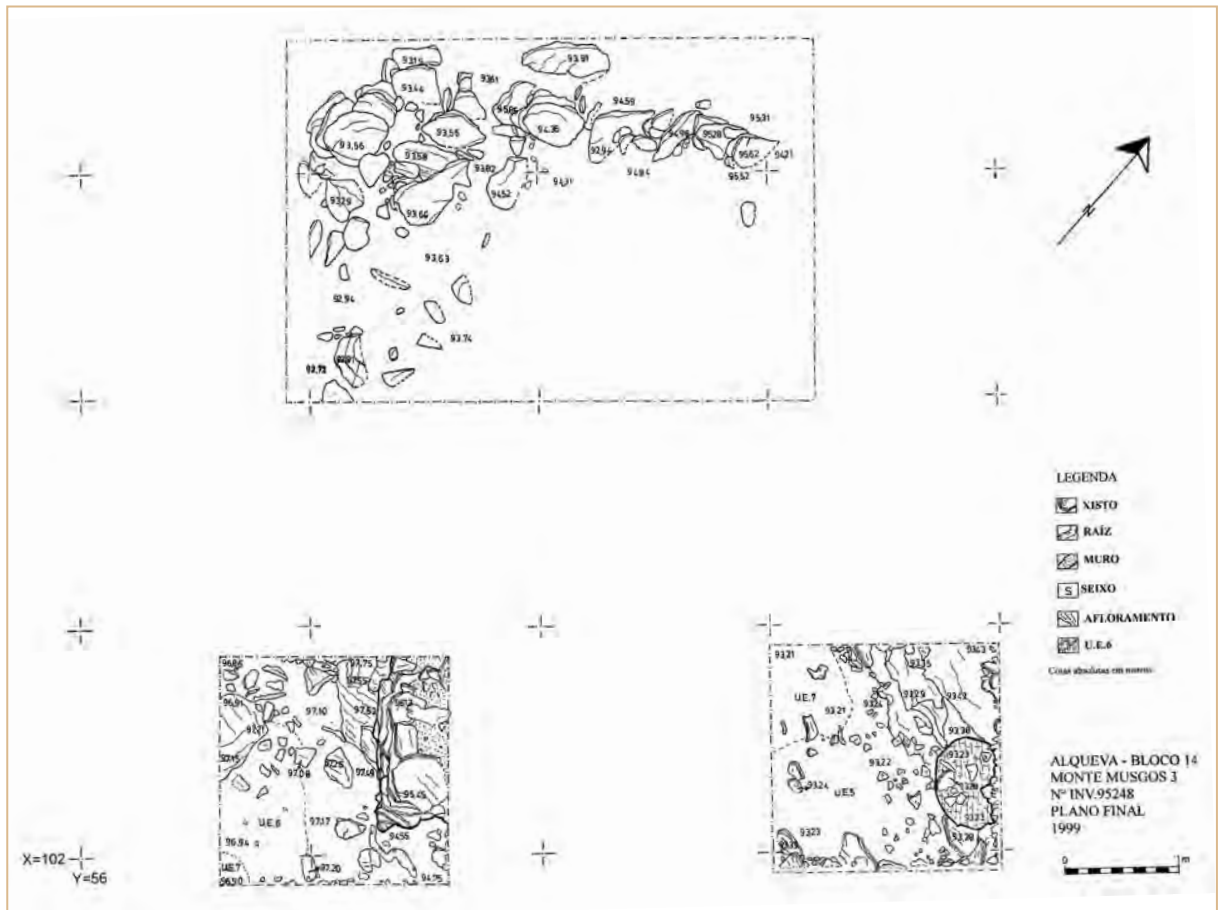
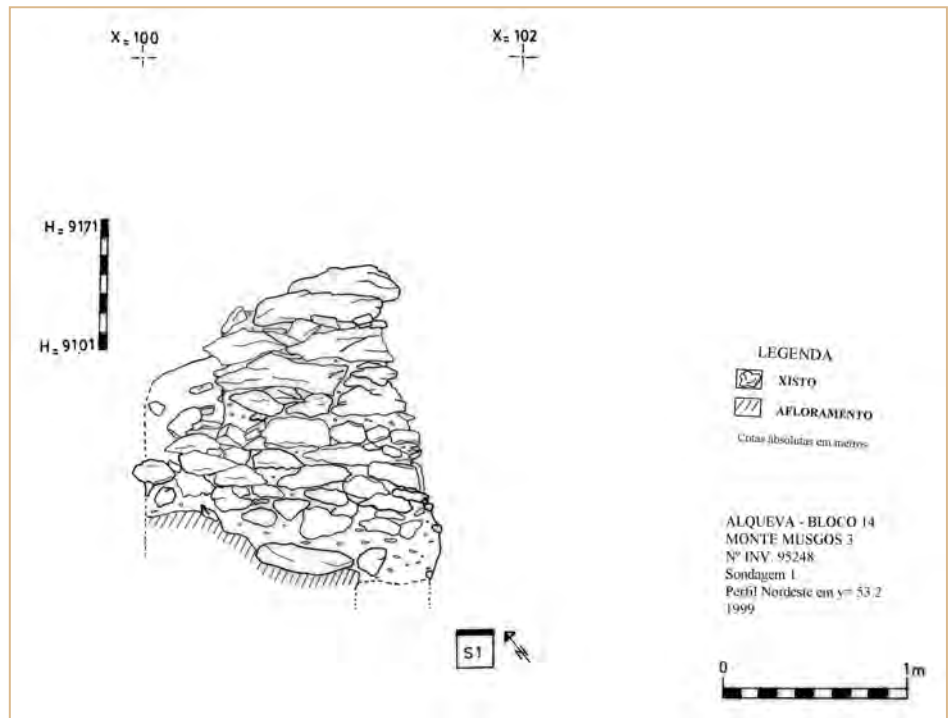


Fig. 3 – Plano final das sondagens.

Fig. 4 – Perfil estratigráfico da Sondagem I, sendo visível um dos alçados do Muro I.





Fot. 3 e 4 – Sondagem I, Muros I e III.

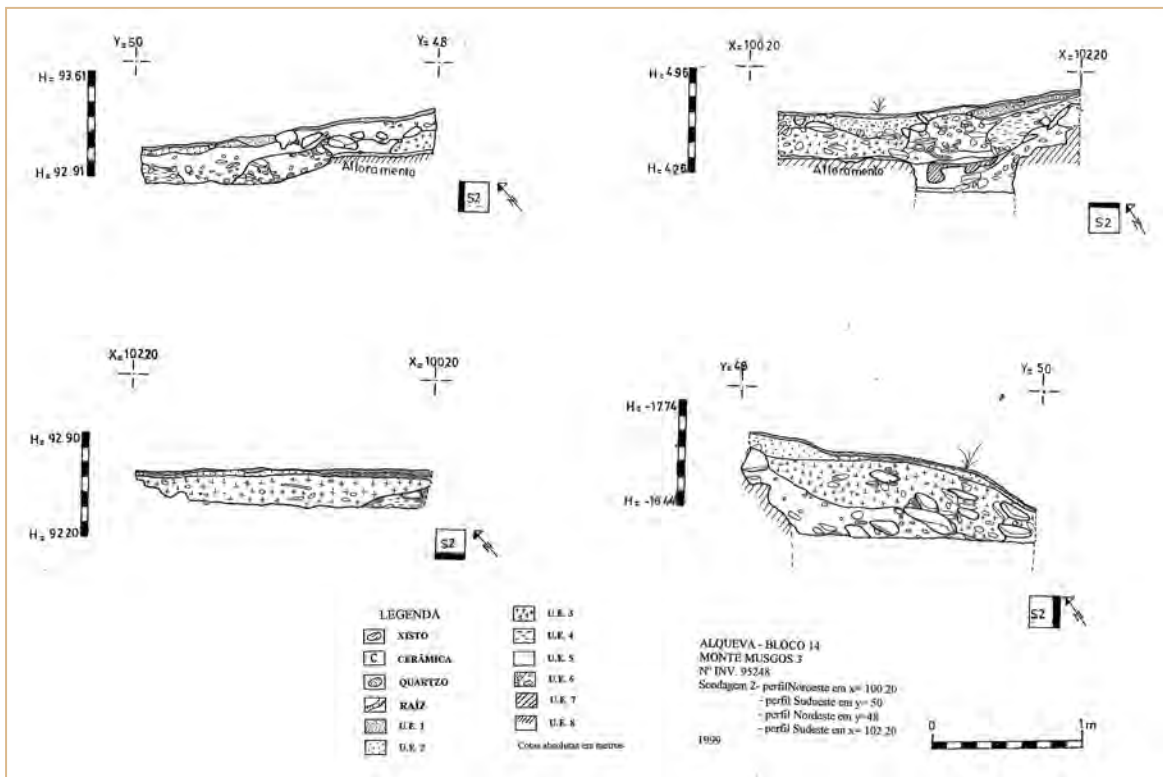


Fig. 5 – Perfis estratigráficos da Sondagem 2.



Fot. 5 – Sondagem 2, vista do plano do quadrante este, pormenor da boca do silo.

U.E.6 – Sedimento de coloração castanho avermelhado e argiloso que corresponde ao enchimento do silo (ou fossa) detectado

U.E.7 – Pequena bolsa de terra argilosa de cor castanha alaranjada.

3.13.2.2. Interpretação

As Sondagens 1 e 2, implantadas em redor da estrutura observada permitiram determinar alguns aspectos das técnicas construtivas e da sua estratigrafia. De facto, os muros da Sondagem 1 (I e III) eram constituídos por pedras de xisto de dimensão média, devidamente empilhadas e ligadas entre si por um ligante/argamassa de cor castanha clara. A Estrutura I, com um alçado conservado de cerca de 1,5 m e de orientação sudoeste/nordeste, assentava sobre a U.E. 5, um estrato sedimentar que terá funcionado como colmatação do desnível existente no terreno, que era extremamente acentuado.

Já o Muro III assentava directamente sobre o afloramento xistoso, com igual altura.

Quanto à estratigrafia, apesar da identificação de sete depósitos, devemos sublinhar o acentuado desnível do terreno sobre o qual assentava a estrutura, e consequentemente a quantidade de sedimentos depositados ao longo dos séculos que teriam contribuído para o regular estado de conservação das fundações dos muros identificados (I e III). A ausência de qualquer espólio associado às U.E.1, U.E.2, U.E.3 e U.E.4 corrobora esta ideia. Também na Sondagem 2 a U.E.1 parece ter sido resultante da última subida do rio.

Já no nível subjacente, a U.E.2, foram identifi-

cados diversos fragmentos de cerâmica manual pré-histórica, que determinaram a possibilidade da presença de contextos mais arcaicos no local e da eventual existência de níveis de ocupação de cronologias distintas, um da Pré-História Recente e outro medieval/moderno.

A presença nos restantes estratos de cerâmicas manuais e a identificação de uma bolsa de forma arredondada de terras castanhas avermelhadas e argilosas, que sugeria a presença de um silo escavado no afloramento rochoso, conduziram à suspensão imediata dos trabalhos de escavação²⁹, observando-se *a posteriori*, que a presença destes materiais de cronologia antiga estava relacionada com um habitat pré-histórico localizado na zona de topo da rechã aberta ao vale do rio, sobranceira ao sítio de Monte Musgos 3 e que foi posteriormente objecto de sondagens por parte da equipa do Bloco 4 (Pré-História Recente). Os materiais aqui existentes resultaram, assim, de fenómenos de deposição natural e de escorrências do topo da encosta para a zona em questão.

3.13.3. Estudo do espólio

O material recolhido na estação Monte Musgos 3 é diminuto, apenas 63 fragmentos cerâmicos dos quais um corresponde a uma telha.

Na sua maioria reportam a recolhas efectuadas sem indicação de procedência e às provenientes da Sondagem 2, atribuídas sobretudo à U.E.0, cerca de 55,56%, e à U.E.3, cerca de 33,33%, existindo contudo materiais das restantes unidades estratigráficas: U.E.2, 4,76% e U.E.4, 6,35% (ver quadro 1).

FORMA FUNCIONAL	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA					
	1	2	3	4	Zero	Total
Indeterminado		2	20	3	25	50
Talha					1	1
Esférico		1		1	3	5
Taça carenada			1		1	2
Pote					1	1
Taça					3	3
Telha					1	1
TOTAL	0	3	21	4	35	63

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

²⁹ O facto de este sítio possuir uma eventual pré-ocupação pré-histórica levou então a optar pela suspensão dos trabalhos.

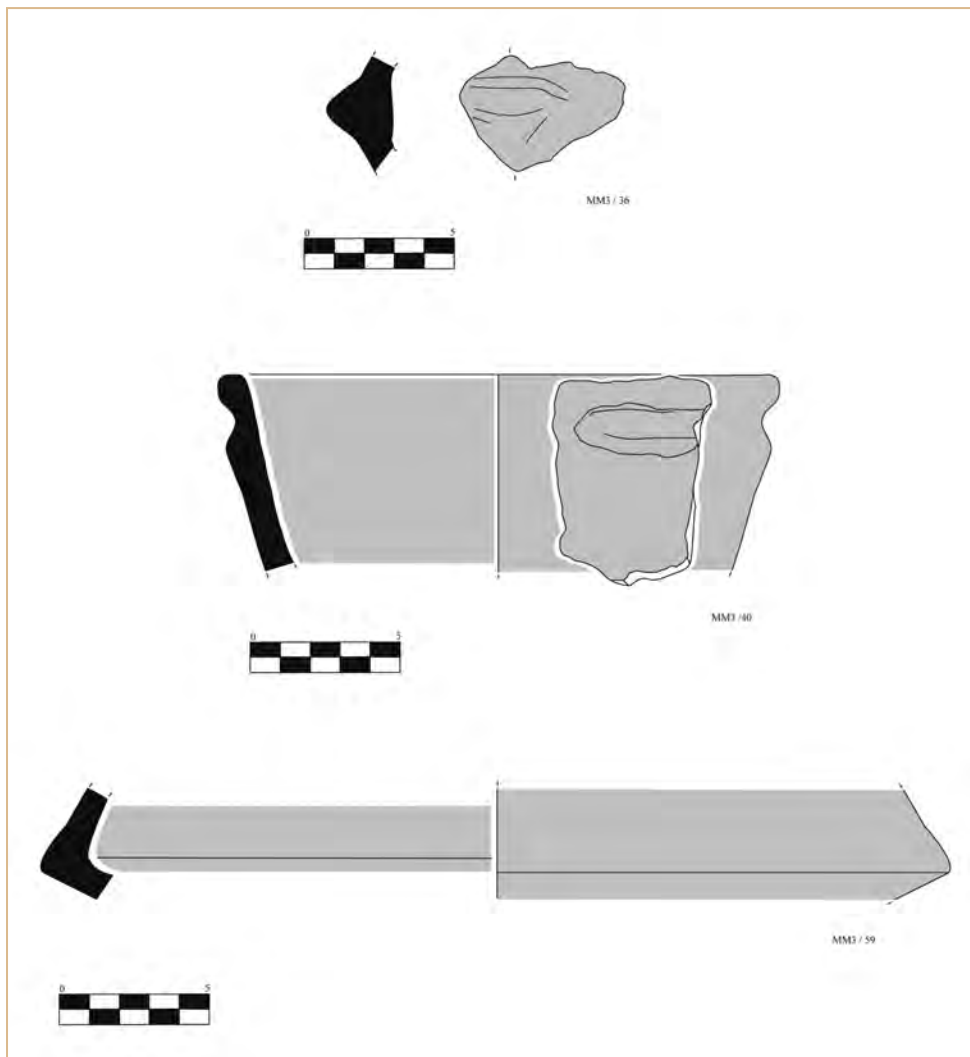


Fig. 6 – Peças (11)36, (11)40 e (11)59, cerâmica pré-histórica.

Fot. 6 – Peça (11)55, fragmento de taça carenada.



O grau de fragmentação dos objectos é elevado, o que condicionou a identificação formal das peças exumadas, com 19,05% de peças identificadas e 79,37% de formas não identificadas, onde sobressai a ausência total de formas completas (ver gráfico 2).

Sublinhe-se desde logo uma distinção no conjunto cerâmico de Monte Musgos 3. A análise dos materiais exumados destaca a existência de dois horizontes cronológicos; o primeiro integrado na Pré-História Recente (Neolítico Final/Calcolítico Inicial) a que corresponde a maior parte do espólio exumado do local e oriundo sobretudo da Sondagem 2, resultante das escorrências de materiais do topo da encosta, e um segundo horizonte, mais recente, integrado no período Medieval/Moderno.

3.13.3.1. Espólio pré-histórico

Não obstante a associação do sítio arqueológico ao conjunto cronológico do Bloco 4, os materiais de escorrência identificados no Monte Musgos 3 foram integrados no estudo colectivo do local, pelo que se apresentam nesta análise.

Assim, no que respeita ao conjunto de materiais pré-históricos, percentualmente maioritário, (representado por 83,87% dos indivíduos em detrimento do conjunto de material de cronologia recente, que totaliza cerca de 16,13% do material exumado) destaca-se um total de identificação de formas na ordem dos 19,23%, apresentando contudo um equilíbrio percentual entre formas abertas e formas fechadas, de alguma variabilidade (taças, 16,67%; taças carenadas 16,67%, uma possível taça em calote, 8,33%) e (recipientes esféricos 41,67%; ver fig. 6).

As pastas apresentam uma coloração cinzenta, de cozeduras em ambientes redutores, integradas maioritariamente nos grupos definidos como G1 (46,15%), E1 (23,07%), F1 (7,69%) e G2 (7,69%).

Nestes grupos dominam as pastas de textura granulosa e friável, oscilando as colorações obtidas a partir dos ambientes de cozedura. Os elementos não plásticos (ENP) dominantes correspondem à combinação quartzo, feldspato e mica, ocorrente em cerca de 73,07% dos indivíduos, seguida da utilização específica do quartzo e da mica e da combinação destes dois elementos em cerca de 7,69%. As pastas oscilam entre a grande densidade, em cerca de 48,07% dos indivíduos, e a densidade média em cerca de 40,80% do material conjunto, com pequenas variações em relação ao tamanho dos ENP, pequenos e médios (46,15%), pequenos, médios e grandes (32,69%) e pequenos (21,15%).

A técnica de produção é naturalmente manual, com domínio das cozeduras redutoras (42,30%), situação bastante comum neste tipo de cerâmicas. Não obstante, a representação de cozeduras oxidantes (36,53%) e alternantes (21,15%) é igualmente assinalável. A nível dos acabamentos/tratamentos das superfícies verifica-se, neste grupo, um esmagador domínio do alisamento interior e exterior, em cerca de 98,07% dos indivíduos cerâmicos e uma escassa ocorrência de tratamento interior à base do polimento com alisamento exterior 1,93%, efectuado sobre uma forma aberta, tratando-se de uma taça carenada (ver figura 6).

São muito escassos os motivos decorativos ou aplicações no conjunto de materiais pré-históricos

de Monte Musgos 3, (1,92%, em relação a cerca de 96,16% não decorados). Destaca-se um fragmento com aplicação plástica do tipo mamilo horizontal alongada (ver figura 6) e um possível exemplar cerâmico, com um eventual defeito de moldagem manual ou uma decoração, tendo por base uma digitação numa forma aberta do tipo taça (1,92%).

Estes contextos encontram paralelos em diversas estações arqueológicas da região de cronologias da Pré-história recente como os locais escavados pelo Bloco 4.

3.13.3.2. Espólio de cronologia medieval/moderna

No restante conjunto do vasilhame de Monte Musgos 3, 12 fragmentos, ao inverso do sucedido com o material pré-histórico onde se destaca uma relativa diversidade, verifica-se uma homogeneidade que se traduz numa escassa representação no universo total do espólio de 16,13%. Com uma percentagem de identificação formal de cerca de 20,20%, correspondendo na totalidade a formas relacionadas com a cerâmica de armazenamento e transporte (ver gráfico 1). Esta categoria funcional comporta exclusivamente as formas do tipo talha e pote em igual percentagem (cerca de 1,10% cada).

Nas pastas domina uma coloração laranja avermelhada, combinada com as cozeduras em ambientes oxidantes da ordem dos 50,00%, em equilíbrio com as pastas de coloração cinzenta integradas maioritariamente nos grupos definidos como G2 (pastas de texturas compactas e foliáceas, de coloração cinzenta ou cinzento azulada 40,00%), G1 (pasta de textura granulosa, algo friável, de coloração laranja 20,00%), D1 (texturas granuladas, algo grosseiras ou arenosas, de coloração oscilante entre o laranja e o avermelhado 20,00%).

Para além destes grupos, foram identificadas, ainda que de forma residual, pastas cuja textura e coloração permitiram a sua integração em outros grupos definidos como I2 (10,00%) e C1 (10,00%).

Os elementos não plásticos (ENP) analisados revelam uma preponderância quase total da combinação quartzo, feldspato e mica, ocorrente em cerca de 90,00% dos indivíduos, com ocorrência isolada do quartzo (10,00%). Estes ENP surgem em grande quantidade (densidade) em cerca de 70,00% dos indivíduos, diminuindo drasticamente para uma densidade mediana em cerca de 20,00% do material cerâmico e para 10,00% com baixa densidade/ocorrência.

Efectuando uma análise das pastas em função da conjugação dos elementos não plásticos e o seu cromat-

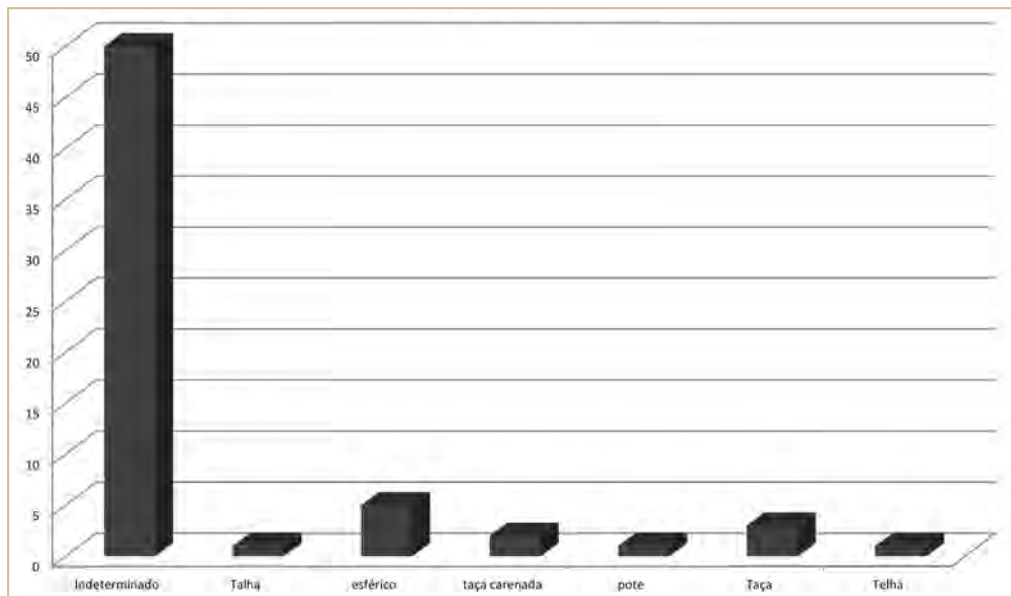


Gráfico 1 – Formas funcionais.

COR EXTERIOR	COR CENTRO						TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Indeterminada	
Alaranjada	10	4		1	11		26
Vermelha		6			7		13
Castanha				4	8		12
Cinzenta			1		2		3
Indeterminada		1			5	2	8
TOTAL	10	11	1	5	33	2	62

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR / TEXTURA)													TOTAL
	C1	C2	E1	E2	E3	F4	G1	G2	G3	G4	I2	Branco		
Indeterminado	3	1		2	10	2	1	5	1	22		2	49	
Pote											1		1	
Esférico				1		2		1		1			5	
Taça carenada					1					1			2	
Talha										1			1	
Taça				1	2	1							4	
Telha			1										1	
TOTAL	3	1	1	4	13	5	1	6	1	25	1	2	63	

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)					TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Indeterminada	
Feldspato			1			1
Mica	2	1	1			4
Quartzo	2	1	1	1		5
Quartzo feldspato mica	18	11	8	2	8	47
Quartzo feldspato mica hematite	1					1
Quartzo mica	2		2			4
TOTAL	25	13	13	3	8	62

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA				TOTAL
	OXIDANTE	ALTERNA	IRREGULAR	REDUTORA	
Manual	13	3	27	8	51
Torno Lento					0
Torno Rápido	3	1	3		7
Rolo			1		1
Indeterminado	3				3
Molde (mat. Construção)	1				1
TOTAL	20	4	31	8	63

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

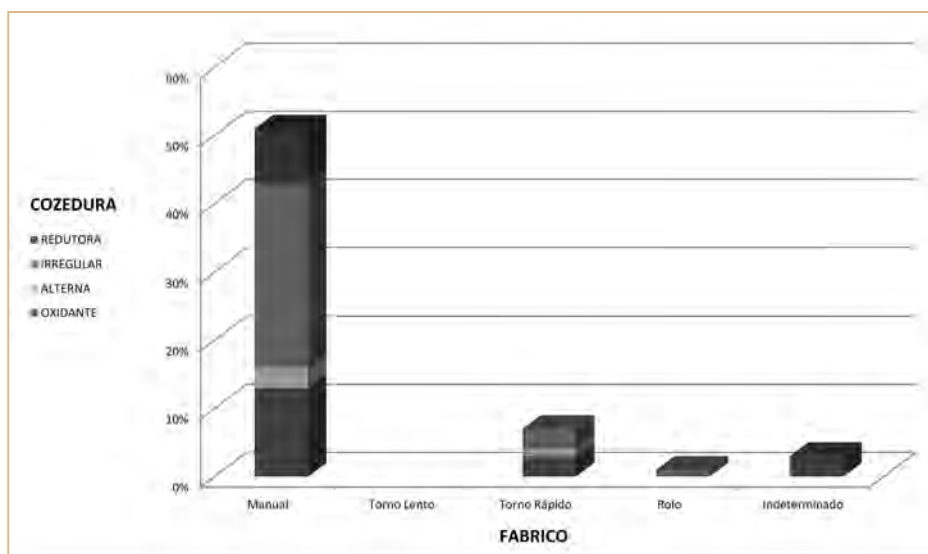


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

tismo, verificamos um domínio percentual das pastas de coloração laranja avermelhada (70,00%) com feldspato, quartzo e mica.

No que concerne à técnica de fabrico, o vasilhame de cronologia medieval/moderna apresenta alguma

variedade de modos de fabrico, destacando-se a produção a torno rápido (58,33%), a moldagem manual (um exemplar) com recurso à técnica do rolo e uma produção de características de fabrico indeterminadas entre a moldagem manual e a torneta (25,00%).

INTERIOR	EXTERIOR	
	Alisado	TOTAL
Grossoiro	1	1
Alisado	53	53
Polido	1	1
Sem tratamento	7	7
TOTAL	62	62

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

FORMA FUNCIONAL	DECORAÇÃO EXTERIOR		
	Aplicações plásticas	Não dec.	TOTAL
Indeterminado	1	49	50
Talha	1		1
Pote		1	1
Esférico		5	5
Taça carenada		2	2
Taça		3	3
Telha		1	1
TOTAL	2	61	63

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

As cozeduras oscilam entre os ambientes oxidantes, com cerca de 58,33%, e as cozeduras irregulares (33,33%) ou alternando oxidação e redução (8,33%). A moldagem manual destaca exclusivamente uma cozedura em ambiente redutor.

No que respeita às técnicas de acabamento, a totalidade do vasilhame em análise apresenta um alisamento combinado no interior e exterior, correspondente a cerca de 90,00%, com uma variante de acabamento grosseiro interno e alisamento externo em um exemplar de talha, a única que revela motivos decorativos, centrados exclusivamente em aplicações plásticas na superfície exterior.

A diminuta quantidade de objectos e a sua fraca expressividade em termos formais dificulta a tarefa de tirar conclusões sobre o espólio. Em consequência, apenas podemos assinalar uma cronologia difusa de época medieval/moderna. Sem qualquer fiabilidade, podemos argumentar que a percentagem elevada de cerâmicas fabricadas mediante torneado rápido indicaria uma cronologia dos finais do período medieval e inícios da Época Moderna.

3.13.4. Conclusões

Os trabalhos de limpeza e a escavação das Sondagens 1 e 2 permitiram-nos a identificação de uma estrutura pétreo em xisto e argamassa composta por três muros e alguns elementos de caracterização das

suas técnicas construtivas. A sua funcionalidade afigurou-se, contudo, incógnita, dada a exiguidade da área escavada e em virtude da suspensão dos trabalhos face à presença de cerâmicas manuais pré-históricas; situação que suscitou dúvidas iniciais face ao tipo de estrutura identificada.

Após uma prospeção mais completa da área envolvente do sítio arqueológico e, em particular, no topo da encosta acima do mesmo, foram identificadas quantidades significativas de cerâmica manual idêntica à cerâmica exumada na Sondagem 2, que terão resultado de um processo natural de escorrência através da erosão natural da própria encosta e que explicaram a presença destes materiais nas sondagens efectuadas pelo Bloco 14. Este local acabou por ser sondado em 2000 pelo Bloco 4, tendo sido identificado um habitat (eventual povoado calcolítico), o designado Monte Musgos 11 (CORREIA, 2002, p.112).

Já a prospeção nas imediações do sítio nas margens do Degebe permitiu a identificação de outras estruturas murárias, que foram sumariamente limpas e que apontam para uma ocupação do local medieval ou moderna, que poderia estar também relacionada com a travessia do rio, ou com uma estrutura de apoio à mesma. A presença do interface negativo tipo silo no interior da estrutura construída sobre uma plataforma sugere o possível carácter habitacional da mesma, ou, pelo menos, de utilização sazonal, uma vez que as cheias do Degebe invalidariam um uso continuado da mesma.

3.14. Espinhaço 5

3.14.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Espinhaço 5 foram efectuados entre Maio e Junho de 1999³⁰, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o

número de inventário da EDIA n.º 95267, habitat, de cronologia medieval/moderno.

As informações disponíveis definiam o local como uma pequena plataforma, onde se observam vestígios de cerâmica de construção (telha grossa) e comum, ao longo de cerca de 150 m² (SILVA, 1996).

Na fase de prospeção/reavaliação do sítio, o mesmo foi localizado na vertente suave de uma elevação próxima que se dirige para um vale onde corre uma linha de água ou um pequeno ribeiro sazonal. A plataforma do local encontrava-se lavrada e pouco arborizada, esparsamente coberta por restolho, sem quaisquer vestígios de concentrações de pedras de xisto ou de quartzo e com escassos materiais cerâmicos à superfície do terreno.

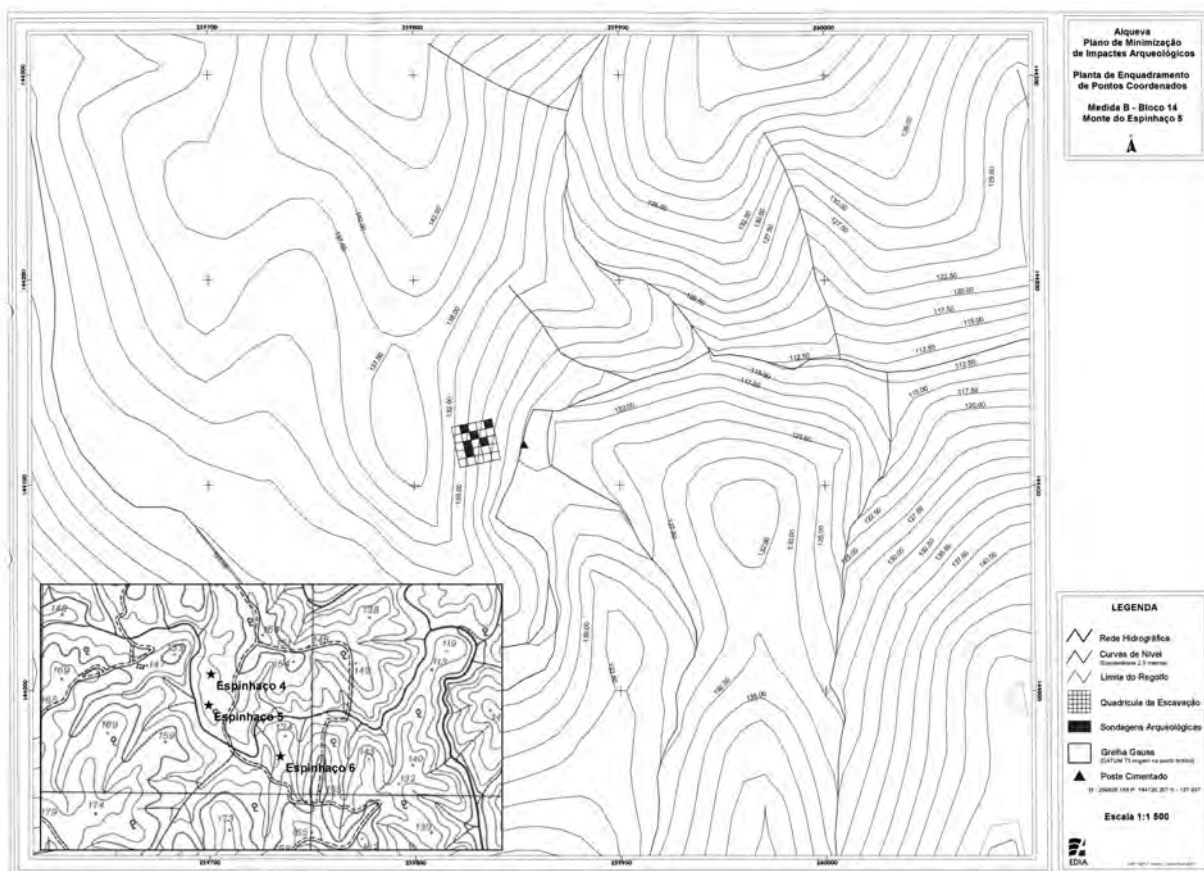


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadricula.

³⁰ Os trabalhos arqueológicos no sítio Espinhaço 4 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pilar Reis arqueóloga que assegurou os trabalhos de campo; Carlos Fona, licenciado em História; Danilo Pavone, desenhador de campo; António Garcia Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Carlos Picaró.

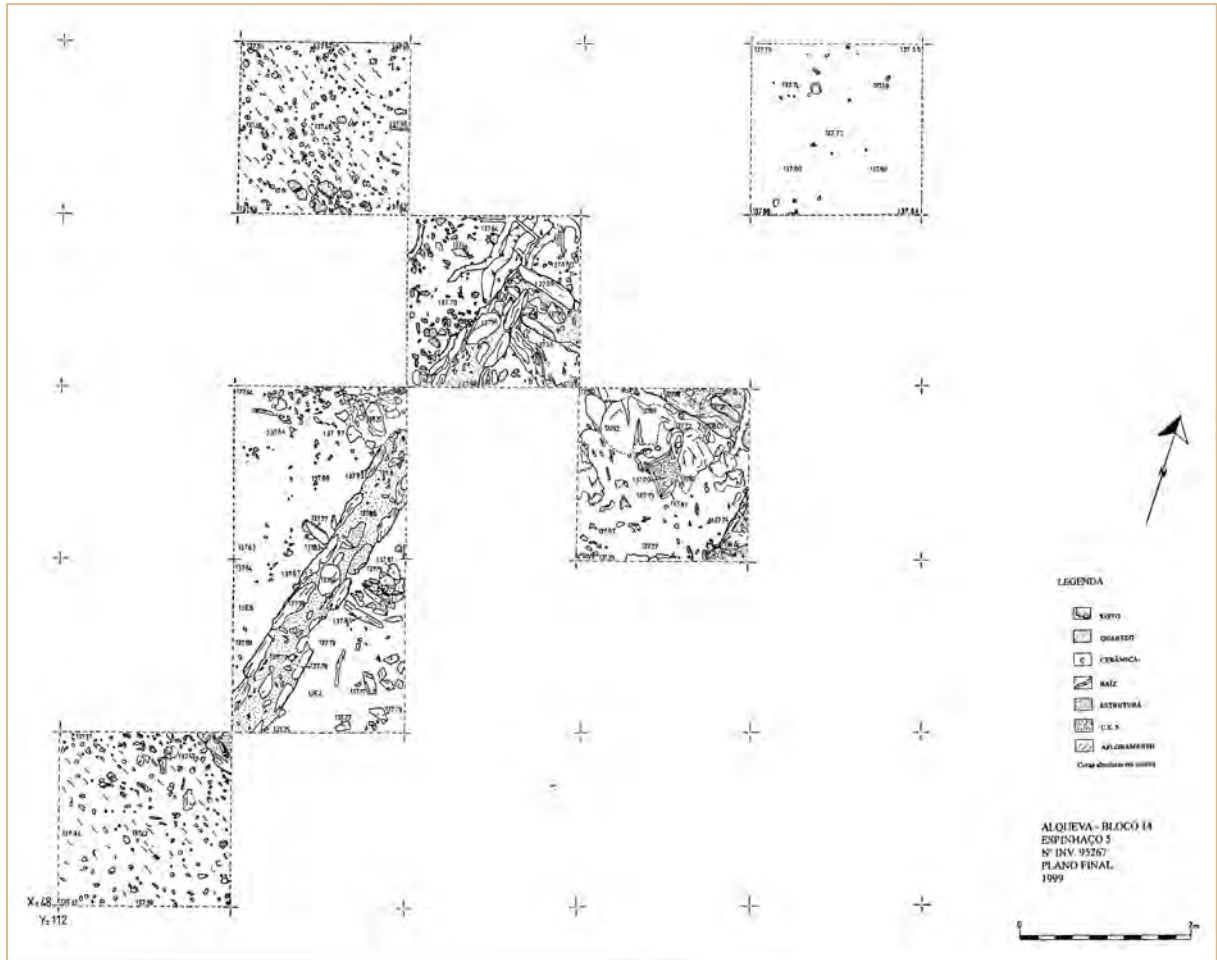


Fig. 2 – Plano final das sondagens.

3.14.2. Trabalhos arqueológicos

No reconhecimento e reavaliação do sítio, verificou-se existir uma área com maior concentração de fragmentos de cerâmica, que apresentava uma topografia favorável, pois o local era bastante plano. De modo a proceder a uma avaliação e caracterização do sítio arqueológico, foi estabelecido um programa de trabalhos para a execução de sete sondagens de 2x2 m, implantadas em função da concentração dos materiais de superfície e da topografia local. Destas, foram escavadas cerca de seis, restando por abrir a Sondagem 4.

3.14.2.1. Estratigrafia

Foram escavadas seis sondagens que revelaram uma potência estratigráfica pequena, possuindo entre

três a seis unidades estratigráficas, com cerca de 0,15 a 0,25 m de espessura no seu todo. A intervenção permitiu observar um conjunto de muros que foram delimitados evidenciando então a existência de uma estrutura, eventualmente habitacional, com recolha de bastante espólio cerâmico. Os trabalhos de lavoura revelaram aqui um menor grau de afectação do que em outros sítios arqueológicos escavados pelo Bloco 14 nas proximidades, como o Espinhaço 11, o Monte Roncanito 10, o Monte Roncanito 18, o Cabeçana 3 e o Cabeçana 7.

3.14.2.1.1. Sondagem I

U.E.1 – Terra vegetal de cor castanho rosado, com vegetação rasteira e pedras de quartzo de pequena dimensão.



Fot. 1 – Sondagem 1, vista para sul.

U.E.2 – Terras de cor castanha, compactas e homogêneas com fragmentos de xisto, quartzo e material de construção, no exterior da estrutura.

U.E.3 – Terras identificadas no interior da estrutura, de cor castanho clara, compactas e homogêneas com fragmentos de material de construção (telha).

U.E.4 – Terras castanho claras e compactas, identificadas no interior da estrutura.

U.E.5 – Terras de cor castanho claras, bastante granuladas e relativamente compactas, identificadas no interior da estrutura. Trata-se da mesma UE 5 identificada na Sondagem 3 (limítrofe à Sondagem 1).

U.E.6 – Terras castanho claras, compostas por fragmentos de xisto e quartzo, antecedendo o afloramento.

U.E.7 – Afloramento xistoso.

3.14.2.1.2. Sondagem 2

U.E.1 – Terras de cor castanho rosado, com vegetação rasteira e pedras de quartzo de pequena dimensão.

U.E.2 – Terras de cor castanha, compactas e homogêneas com fragmentos de xisto, quartzo e de material de construção, considerada no exterior da estrutura.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

3.14.2.1.3. Sondagem 3

U.E.1 – Camada superficial caracterizada por terras de cor castanho rosado, com vegetação rasteira e pedras de quartzo de pequena dimensão.

U.E.2 – Terras de cor castanho rosado com fragmentos de xisto.

U.E.3 – Terras castanho claro, compactas e homogêneas, apresentando fragmentos de material de construção, (telha) localizadas no interior da estrutura.

U.E.4 – Terras de cor castanho amarelado, compactas e de média granulosidade.

U.E.5 – Terras de cor castanho claras, bastante granuladas e relativamente compactas.

U.E.6 – Afloramento xistoso.

3.14.2.1.4. Sondagem 4

U.E.1 – Camada superficial caracterizada por terras de cor castanho rosado, com vegetação rasteira e pedras de quartzo de pequena dimensão.

U.E.2 – Terras de cor castanho rosado com fragmentos de xisto. A sondagem foi escavada até esta unidade estratigráfica.

3.14.2.1.5. Sondagem 5

U.E.1 – Terra vegetal de cor castanho rosada, com vegetação rasteira e pedras de quartzo de pequena dimensão.

U.E.2 – Terras de cor castanha, compactas e homogêneas com fragmentos de xisto, quartzo e material de construção, do exterior da estrutura.

U.E.3 – Terras de cor castanho claro, compactas e homogêneas, apresentando fragmentos de material de construção, (telha) do interior da estrutura.

U.E.4 – Esta U.E corresponde ao interior da estrutura, caracterizando-se por ser um nível de derrube de telhado.

U.E.5 – Corresponde ao exterior da estrutura caracterizando-se por terras castanho claras, onde se antevê o afloramento.

U.E.6 – Afloramento xistoso.



Fot. 2 – Fase de escavação das Sondagens 5 e 6, vista para sul com esta última em primeiro plano.

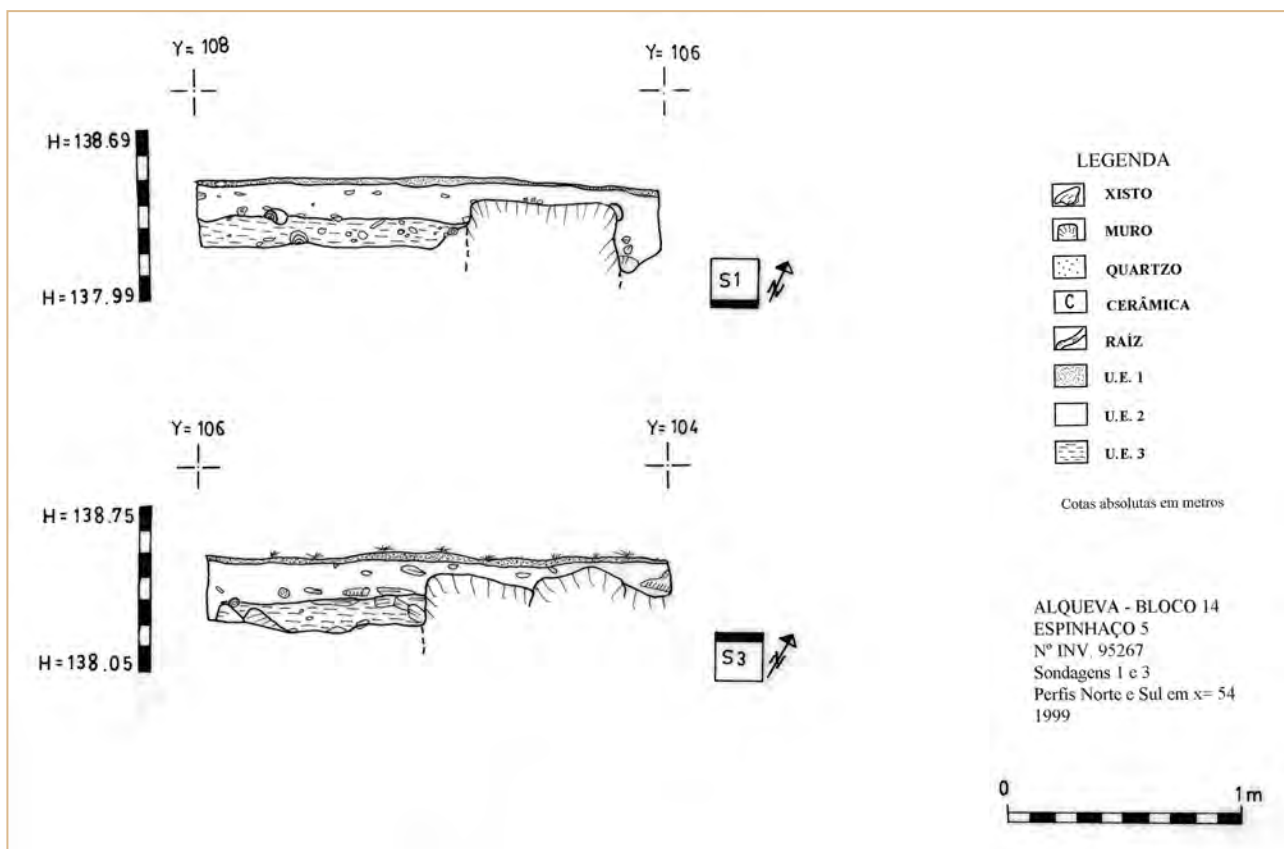


Fig. 3 – Perfis estratigráficos das Sondagens 1 e 3.

3.14.2.1.6. Sondagem 6

U.E.1 – Terras de cor castanho rosado, com vegetação rasteira e pedras de quartzo de pequena dimensão, onde são visíveis fragmentos de xisto e alguma cerâmica de construção.

U.E.2 – Terras de cor castanho rosadas com fragmentos de xisto no exterior da estrutura.

U.E.3 – Terra situada no interior da estrutura, caracterizada por terras de cor castanho claras, compactas e homogéneas, apresentando fragmentos de material de construção (telha).

U.E.4 – Esta U.E corresponde a um nível de telhas, localizadas no interior da estrutura.

U.E.5 – Terras castanhas escuras, granulosas e relativamente compactas, que correspondem ao exterior da estrutura.

3.14.2.1.7. Sondagem 7

U.E.1 – Terras de cor castanho rosadas, com vegetação rasteira e pedras de quartzo de pequena dimensão.

U.E.2 – Terras de cor castanha, compactas e homogéneas, com fragmentos de xisto, quartzo e de material de construção.

U.E.3 – Terras de cor castanho clara, compactas e homogéneas, apresentando fragmentos de material de construção (telha).

U.E.4 – Afloramento xistoso.

3.14.2.2. Interpretação

Durante a campanha de sondagens detectou-se um conjunto de muros que pertenciam a uma estrutu-



Fot. 3 – Sondagens 6, vista para sul com detalhe do muro da estrutura identificada.

ra, constituindo um único compartimento ou ambiente, que foi possível delimitar na totalidade.

Analisando as estruturas sondagem a sondagem, destacou-se a presença de um muro com orientação nordeste-sudeste, nas Sondagens 5 e 6, que se prolongava até à Sondagem 1, onde evidenciava uma esquina com outra estrutura mural, de orientação nordeste-sudeste, que seguia na Sondagem 3. A Sondagem 7 apresentava um alinhamento de pedras, no seguimento do muro da Sondagem 6, dando a entender os seus possíveis limites.

3.14.2.2.1. Ambiente I

Este espaço apresentava planta rectangular, com cerca de 6 m por 3,3 m, com uma área aproximada de 20 m².

A técnica de construção da estrutura era similar aos demais habitats escavados de cronologias coevas, com placas/lajes de xisto cravadas verticalmente no solo, em perpianho, com um enchimento de terras argilosas, conservados numa a duas fiadas de pedra, com uma espessura de cerca de 0,60 m, desconhecendo-se como se processava a construção em altura, se em pedra ou com recurso a adobes ou taipas.

A compreensão dos processos pós-depositivos da área da intervenção, onde o subsolo apresentava uma escassa potência, entre 10 a 20 cm de espessura, explicou a escassa conservação das estruturas e dos níveis no seu interior, onde foi observada uma estrutura de combustão e uma pequena caixa constituída por pequenos blocos de xisto.

Na Sondagem 5, ainda no interior do Ambiente 1, a U.E.4 parece indicar a presença de vestígios do derrube do telhado da dita estrutura, composto por telhas de meia cana, que remetem para uma cronologia medieval ou mesmo alto medieval.

3.14.3. Estudo do espólio

Em primeiro lugar devemos considerar o baixo volume de recolhas, apenas 83, a maior parte das quais encontradas na unidade estratigráfica 3 (ver quadro 1), que condiciona a fiabilidade das conclusões, especialmente a nível estatístico. No entanto, em comparação com outras estações, temos um alto número de formas identificadas, com cerca de 51,8% do vasilhame. Dentro das formas identificadas, a maior parte corresponde a talhas (37,35%), seguidas do grupo dos contentores (9,64%) e das painéis (4,82%), concluindo uma alta representação de armazenamento (ver quadro 1 e gráfico 1).

Quanto às pastas, as mais representadas apresentam cor castanha acinzentada, tanto no exterior como no cerne do fragmento (38,55%), seguidas pelas pastas vermelhas (12,04%) e as pastas laranjas (9,63%) (ver quadro 2). Na relação da sua cor e da sua textura (ver quadro 3), as mais representadas são as castanhas acinzentadas com texturas granuladas ou arenosas (Tipo G1 com percentagem de 28,92%) ou compactas (Tipo G2 com percentagem de 14,46%), seguidas das pastas castanhas avermelhadas (F1, 10,84%). Os elementos não plásticos (ver quadro 4) são, por regra geral, de tamanho pequeno (93,98%), sendo o mais representado o quartzo, isolado (22,89%) ou combinando com a mica (68,67%).

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS							
	0	1	2	3	4	5	2, 3	Total
Indeterminado	1		9	22	2	1	5	40
Talha	7	3	3	12	2	1	3	31
Contentor			1	7				8
Painel				2	2			4
TOTAL	8	3	13	43	6	2	8	83

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

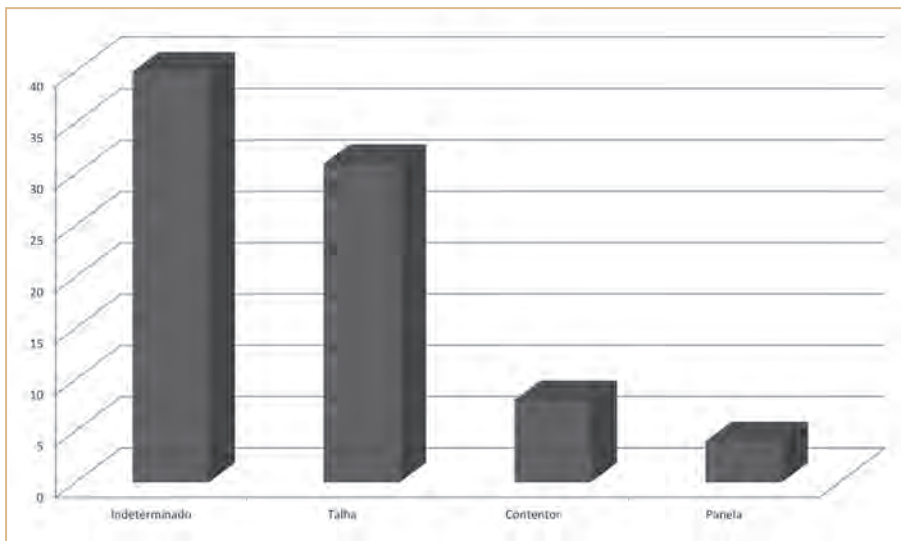


Gráfico I – Formas funcionais.

COR EXTERIOR	COR CENTRO					TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	
Alaranjada	8			5		13
Vermelha		10	1	2		13
Castanha		2	32	4	4	42
Cinzenta				4		4
Preto					1	1
TOTAL	8	12	33	15	5	83

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)												TOTAL
	C1	C2	D1	D2	E1	E2	F1	F2	G1	G2	H1	H2	
Indeterminado	1	1	3	1	1		9		17	4	2	1	40
Panela									1	2		1	4
Talha					5	6	5	6	4	4	1		31
Contentor			1				3		2	2			8
TOTAL	1	1	4	1	6	6	17	6	24	12	3	2	83

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)					TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	
Feldspato mica			4	1		5
Imperceptíveis		1				1
Quartzo	4	1	14			19
Feldspato quartzo mica			1			1
Mica quartzo	9	11	33	3	1	57
TOTAL						83

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

A técnica de fabrico (ver quadro 5) mais frequente é o torneado rápido (40,96%) seguido pelo fabrico manual mediante a técnica do rolo (38,55%). Predominam as cozeduras de atmosfera oxidante (48,19%), seguida muito de perto das redutoras (42,17%). Na combinação de ambos factores, os mais avultados são os grupos das cerâmicas manuais de cozedura oxidante (25,30%), na sua maior parte talhas, e as de torneado rápido com cozedura redutora (26,31%).

A técnica de acabamento mais frequente é o alisado que surge nas superfícies interior e exterior na esmagadora maioria dos casos (74,70%, ver quadro 6). Esta simplicidade de acabamento coincide com uma ausência total de decoração tanto nas superfícies interiores como exteriores das cerâmicas.

Podemos concluir, pese a diminuta informação que o conjunto oferece, que se trata do espólio de um meio rural onde predominam os objectos utilitários (contentores e panelas) fabricados com técnicas relativamente toscas, embora denotem características mais próximas das produções de carácter regional do que dos fabricos estritamente locais. Em relação à cronologia, atribuída genericamente ao período medieval/moderno, as formas das cerâmicas em nada contribuem para afiná-la, mas a presença de talhas com fabrico manual mas cozedura oxidante e o número elevado de fabricos de torneado rápido com cozedura redutora pode indicar uma cronologia do final da Idade Média ou inícios da Época Moderna.

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual - Rolo	21	2	9	32
Torno Lento		1	1	2
Torno Rápido	8	4	22	34
Indeterminado	10	1	3	14
Molde	1			1
TOTAL	40	8	35	83

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozedura.

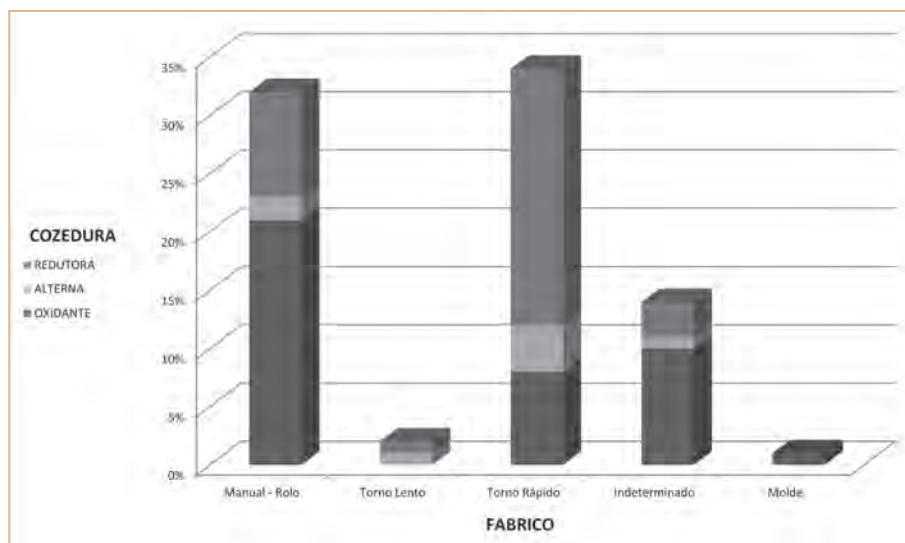


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozedura.

INTERIOR	EXTERIOR				TOTAL
	Grosseiro	Alisado	Sem superfície	Sem tratamento	
Grosseiro	1	3		1	5
Alisado	3	62	3	3	71
Sem tratamento		7			7
TOTAL	4	72	3	4	83

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

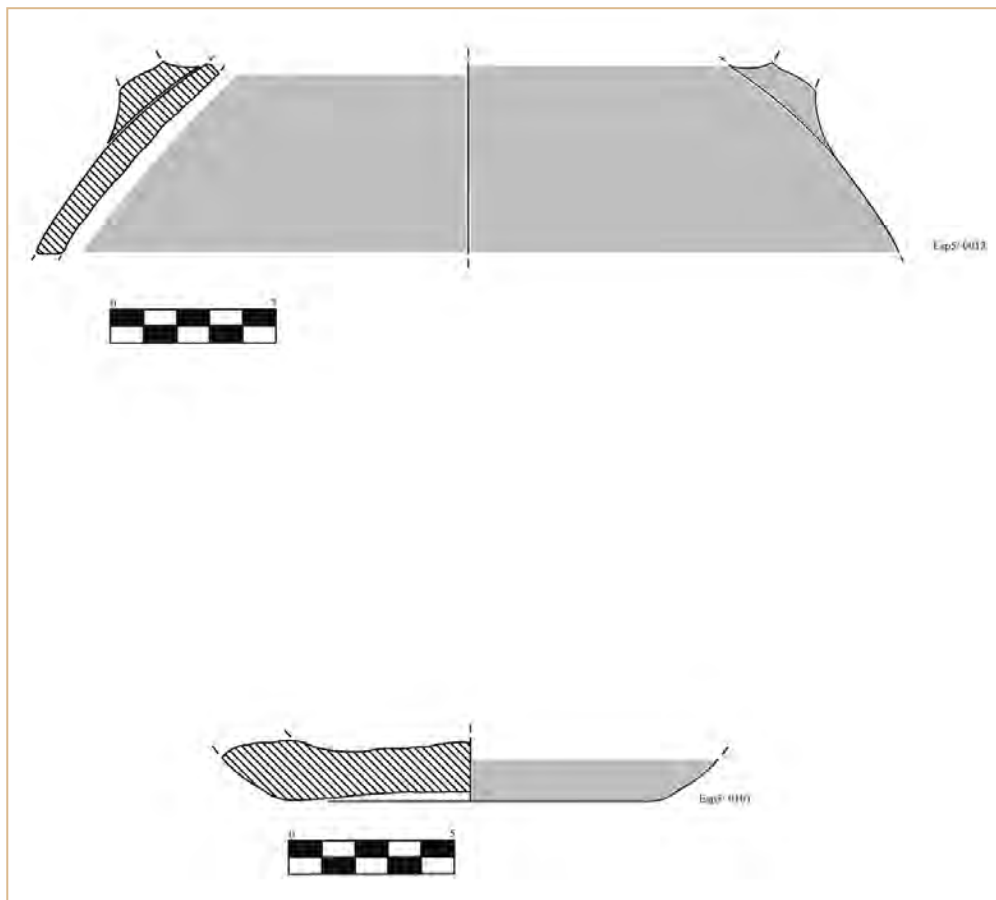


Fig. 4 – Peças (15)0013 e (15)0101, cerâmica de cozinha.



Fot. 4 – Peça (15)0023, cerâmica de cozinha, eventual panela.

3.14.4. Conclusão

Em conclusão, foi identificada uma única construção, aparentemente isolada, de planta rectangular, construída com as técnicas habituais nos sítios do Bloco 14.

O espólio recolhido, é muito pobre e pouco contribui para esclarecer as características funcionais e a cronologia do local. Contudo, apontamos uma cronologia do final da Idade Média ou inícios do período moderno, devido às características técnicas do vasilhame. Ainda a presença de alguma loiça de cozinha, indicia tratar-se de um espaço de habitação de cariz acentuadamente rural, com escassas ligações com ambientes urbanos.

3.15. Monte Roncanito 14

3.15.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio designado como Monte Roncanito 14 foram efectuados em Maio de 1999³¹, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o

número de inventário da EDIA n.º 95300, como um habitat de cronologia medieval/moderna.

De acordo com a bibliografia disponível, o Monte Roncanito 14 correspondia a uma pequena elevação com fragmentos de cerâmica de construção e cerâmica comum à superfície, ao longo de uma área de cerca de 150 m² (SILVA, 1996).

A sua identificação na fase de prospecção/reavaliação confirmou a existência de diversos vestígios na encosta de um pequeno monte, numa plataforma relativamente plana, dominando um pequeno vale onde se situava uma linha de água e onde se observavam conjuntos pétreos de dimensões variadas, de xisto e quartzito. Ocorria igualmente alguma cerâmica de construção, evidenciando uma eventual ocupação com estruturas.

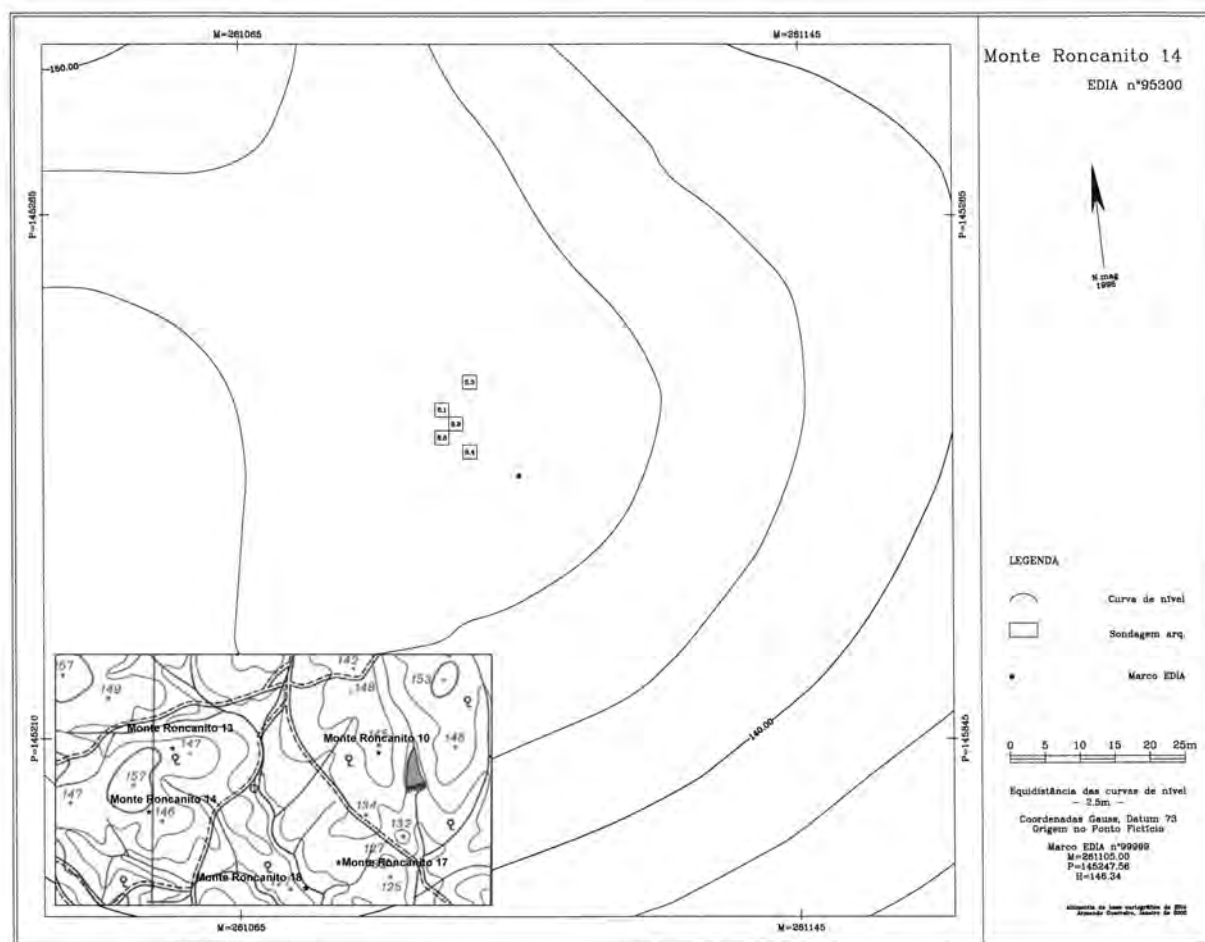


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

³¹ Os trabalhos arqueológicos foram conduzidos pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pilar Reis arqueóloga que assegurou os trabalhos de campo; Vitória Valverde e Carlos Fona, licenciados em História; Danilo Pavone, desenhador de campo; José Rito, trabalhador indiferenciado. Topografia de Armando Guerreiro.

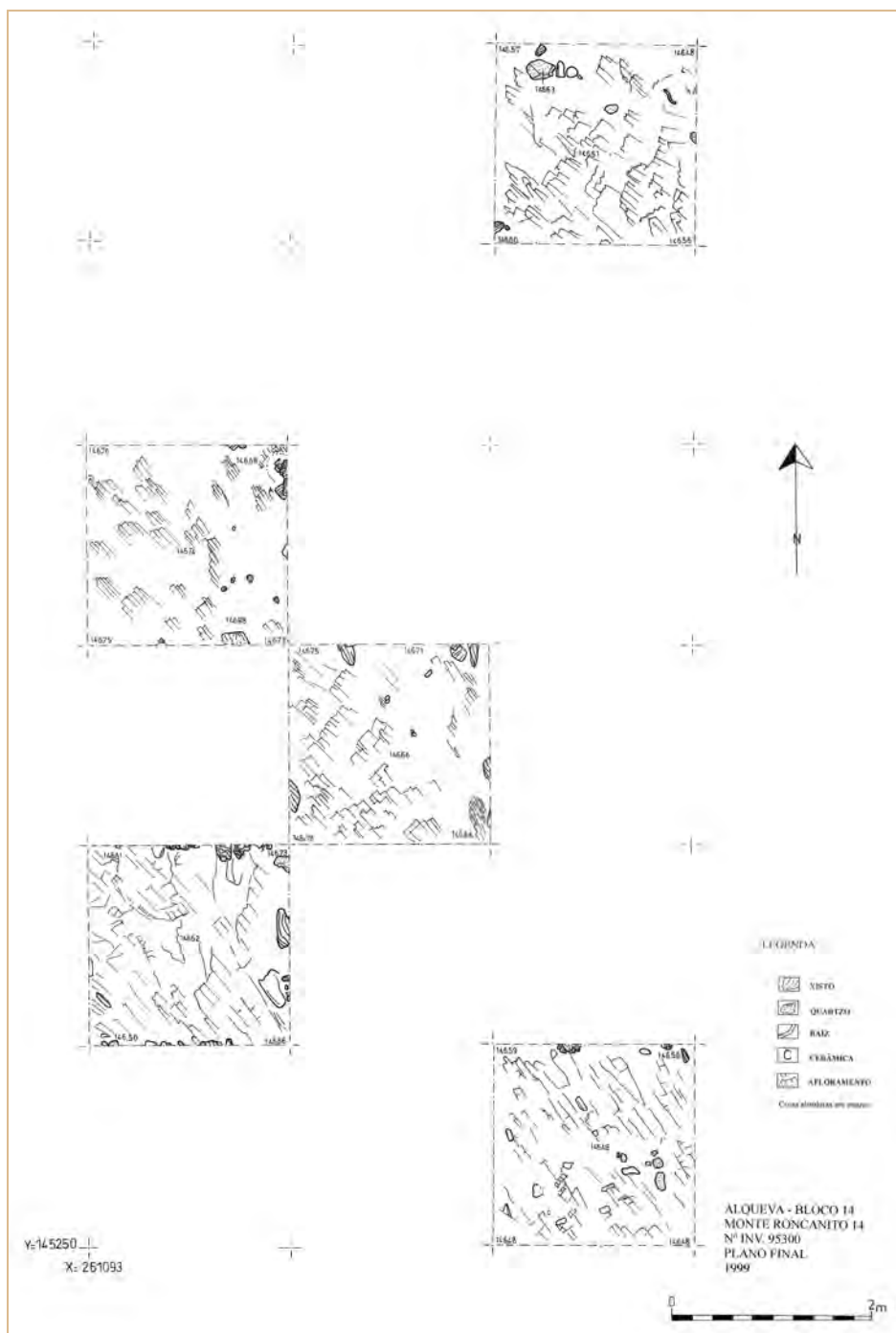


Fig. 2 – Plano final das sondagens intervencionadas.

3.15.2. Trabalhos arqueológicos

Observando-se que a maior concentração de vestígios se desenvolvia ao longo da plataforma de topo, quase plana, foram aí estabelecidas e marcadas cinco sondagens arqueológicas de 2x2 m, a fim de caracterizar a ocupação do local.

As cinco sondagens revelaram uma potência estratigráfica diminuta, possuindo genericamente três a cinco unidades estratigráficas, com cerca de 0,15 a 0,20 m de espessura no seu todo. Não foi detectada qualquer estrutura ou seu vestígio, detectando-se na Sondagem 1 uma eventual pequena fossa.

Relativamente ao espólio exumado, foi consti-



Fot. 1 – Plano final da Sondagem I, quadrante Nordeste.

tuído maioritariamente por fragmentos de cerâmica de construção (telha), tendo-se detectado carvões nas Sondagens 1 e 2 de que se recolheram amostras.

3.15.2.1. Estratigrafia

3.15.2.1.1. Sondagem 1

U.E.1 – Camada superficial de terras castanhas claras, com grande concentração xistosa. Presença de vegetação rasteira E fragmentos de cerâmica de construção e quartzo. Terras compactas e pouco porosas.

U.E.2 – Terras castanhas-claras, compostas por muitos fragmentos xistosos, pouco porosa e compacta.

U.E.3 – Corresponde a uma bolsa com terras de cor cinzenta-acastanhada onde se encontraram diversos carvões.

U.E.4 – Caracteriza-se por terras castanho-claras, pouco compactas, com concentração de fragmentos de xisto provenientes da desagregação do afloramento.

U.E.5 – Corresponde ao afloramento xistoso. No canto Nordeste da sondagem foi detectada uma depressão, que sugere ser uma pequena fossa, onde se encontrava concentrada cerâmica de construção (telha) muito fragmentada.

3.15.2.1.2. Sondagem 2

U.E.1 – Camada superficial que se caracteriza por terras castanhas claras, com grande concentração xistosa. Presença de vegetação rasteira, fragmentos de cerâmica de construção e quartzo. Terras compactas e pouco porosas.

U.E.2 – Terras de cor castanha-amarelada, compactas e pouco porosas, com fragmentos de xisto, quartzo e ainda alguns carvões de reduzidas dimensões.

U.E.3 – Caracteriza-se por terras castanhas-claras, com fragmentos de xisto, compactas e pouco porosas, com uma concentração de materiais de construção.

U.E.4 – Corresponde ao afloramento xistoso.

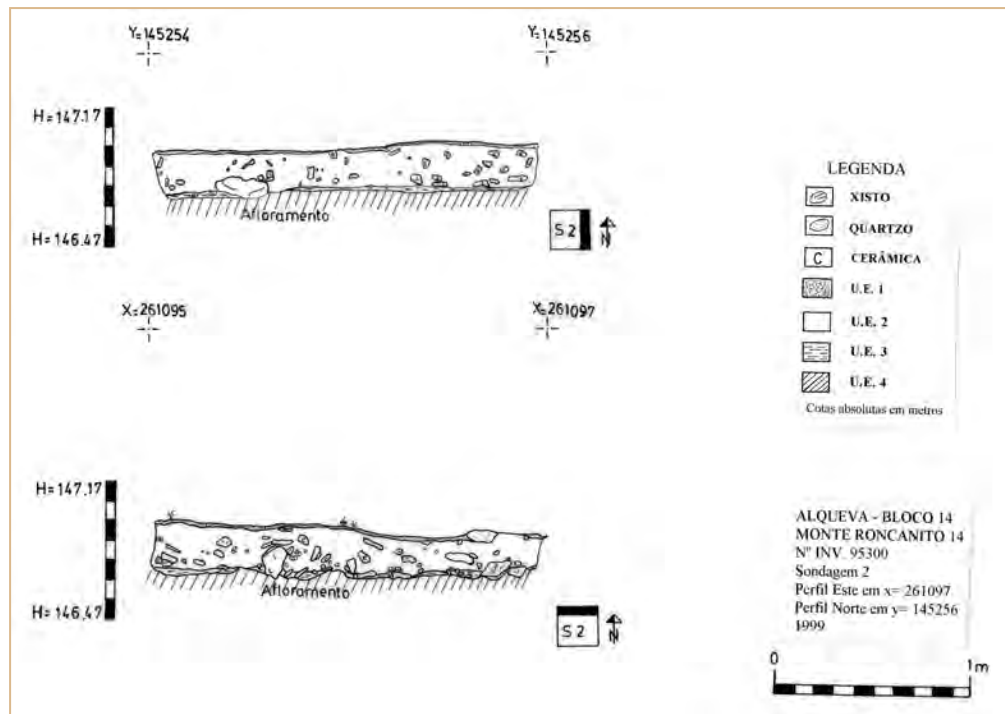


Fig. 3 – Sondagem 2, perfis estratigráficos.

3.15.2.1.3. Sondagem 3

U.E.1 – Terras castanhas escuras, sem elementos ou vestígios cerâmicos.

U.E.2 – Terras castanhas claras bastante compactas, com grande concentração xistosa, que fazem já parte da desagregação do afloramento.

U.E.3 – Correspondeu ao afloramento xistoso.

3.15.2.1.4. Sondagem 4

U.E.1 – Camada superficial que se caracteriza por terras castanhas claras, com grande concentração xistosa. Presença de vegetação rasteira, fragmentos de cerâmica de construção e quartzo. Terras compactas e pouco porosas.

U.E.2 – Apresenta-se, como na Sondagem 2, com terras de cor castanha-amarelada, compactas e pouco porosas, com fragmentos de xisto, quartzo e ainda alguns carvões de reduzidas dimensões.

U.E.3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

3.15.2.1.5. Sondagem 5

U.E.1 – Camada superficial que se caracteriza por terras castanhas claras, com grande concentração xistosa. Presença de vegetação rasteira, fragmentos de cerâmica de construção e quartzo. Terras compactas e pouco porosas.

U.E.2 – Terras castanhas-claras compactas e pouco porosas, com muitos fragmentos de xisto, sendo já possível visualizar o afloramento.

U.E.3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

3.15.2.2. Interpretação

As práticas agrícolas com lavras dos solos até à rocha base levaram-nos a constatar que da existência



Fot. 2 – Sondagem 5, plano final.

de um habitat, somente resta o material que eventualmente constituiu os muros, como pedras em quartzo e xisto, e a cerâmica de construção constituída por fragmentos de telha. Por estas razões, não foi possível obter os dados mínimos para a sua caracterização, uma vez que a própria análise do pouco espólio exumado também não permite uma caracterização cronológica rigorosa da ocupação do sítio.

3.15.3. Estudo do espólio

Desde logo devemos destacar que a parca recolha de artefactos registados na estação Monte Roncanito 14 condicionou sobremaneira qualquer avaliação, tendo por base o espólio exumado, para o estudo do sítio arqueológico e qualquer análise estatística. Registaram-se na base de dados cerca de 15 entradas, 10 das quais correspondendo a materiais cerâmicos. Na sua maioria reportam a recolhas efectuadas na Sondagem 1, atribuídas ao nível U.E.2 (cerca de 66,66% indivíduos), existindo contudo materiais oriundos das restantes unidades estratigráficas atribuídas (ver quadro 1).

O grau de fragmentação dos objectos é elevado, o que condicionou a identificação formal das peças exumadas. Na sua maior parte, tratam-se de telhas, sendo apenas três os fragmentos de vasilhas, dos quais um corresponde a uma talha e o outro a um cossoiro.

As pastas destes três fragmentos (ver quadros 2 e 3) foram classificadas nos grupos de pastas denominados de D1 (alaranjada granulosa), G1 (castanha acinzentada granulosa) e G2 (cinzenta compacta). Possuíam elementos não plásticos em bastante abundância mas de tamanho pequeno e médio, constituídos, na sua maior parte por uma combinação de feldspato, quartzo e mica, patente em dois indivíduos e de feldspato e quartzo no terceiro caso.

Excluindo o material de construção, realizado por molde, os três fragmentos de vasilha apresentam diferentes técnicas de fabrico: manual (objecto não identificado), torneado rápido (a talha) e fabrico com molde (cossoiro).

Em todos os casos tratava-se de cozeduras que alternavam oxidação e redução e eram igualmente uniformes as técnicas de acabamento e tratamento de superfície, que em todos os casos corresponderam ao alisamento tanto no interior como no exterior. Em nenhum caso foi possível reconhecer qualquer elemento ornamental.

O tamanho diminuto da amostra impede realizar qualquer conclusão fiável, pelo que apenas poderemos classificar o conjunto como o espólio de um meio rural de época medieval/moderna.

FORMA FUNCIONAL	Unidades Estratigráficas				
	0	2	3	4	Total
Indeterminado				1	1
Talha		1			1
Cossoiro		1			1
Telha	2	2	2	1	7
TOTAL	2	4	2	2	10

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

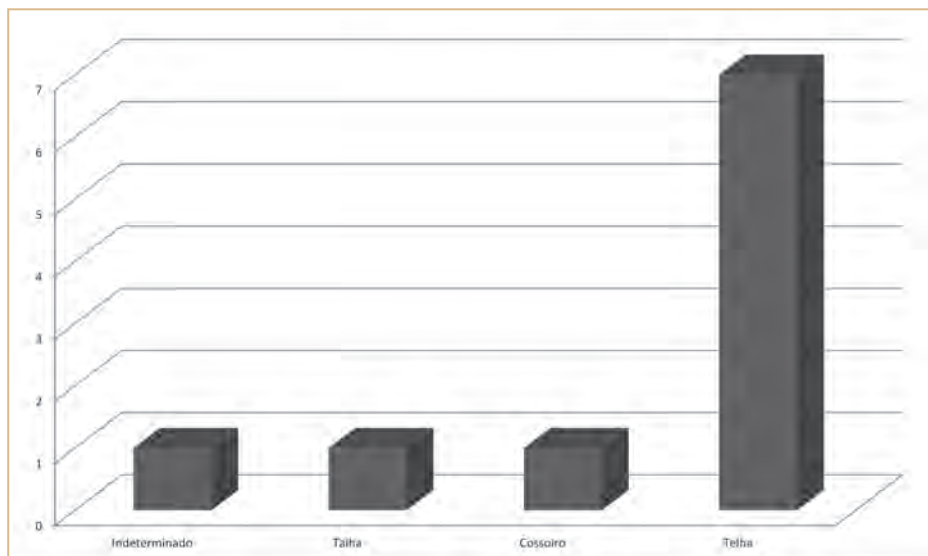


Gráfico 1 – Formas funcionais.

COR EXTERIOR	COR CENTRO		
	Alaranjada	Cinzenta	TOTAL
Bege			
Alaranjada		2	2
Castanha	1		1
TOTAL	1	2	3

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR TEXTURA)			
	D1	G2	G4	TOTAL
Indeterminado			1	1
Cossoiro		1		1
Talha	1			1
TOTAL	1	1	1	3

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)		
	Alaranjada	Castanha	TOTAL
Feldspato quartzo mica	2		2
Feldspato quartzo		1	1
TOTAL			3

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	IRREGULAR	ALTERNA	OXIDANTE	TOTAL
Manual	1			1
Torno Rápido			1	1
Molde	1			1
Molde (mat. construção)		7		7
TOTAL	2	7	1	10

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

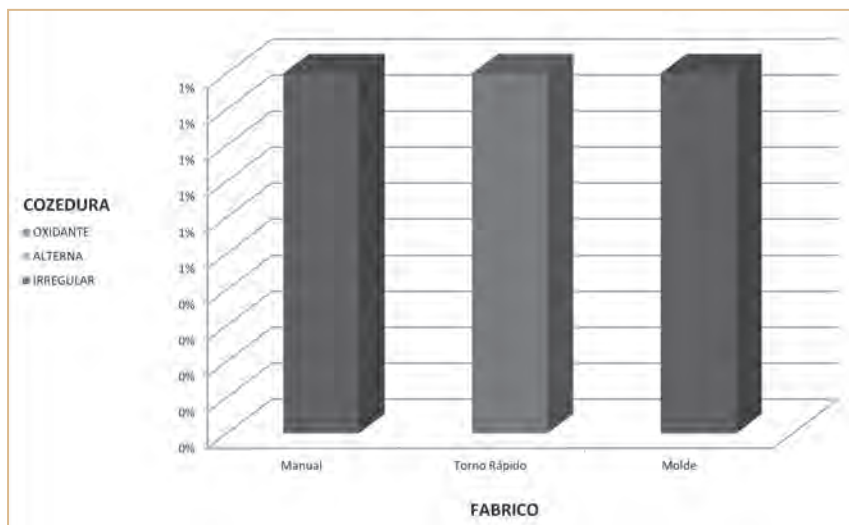


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR	
	Alisado	TOTAL
Grossoiro	7	7
Alisado	3	3
TOTAL	10	10

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

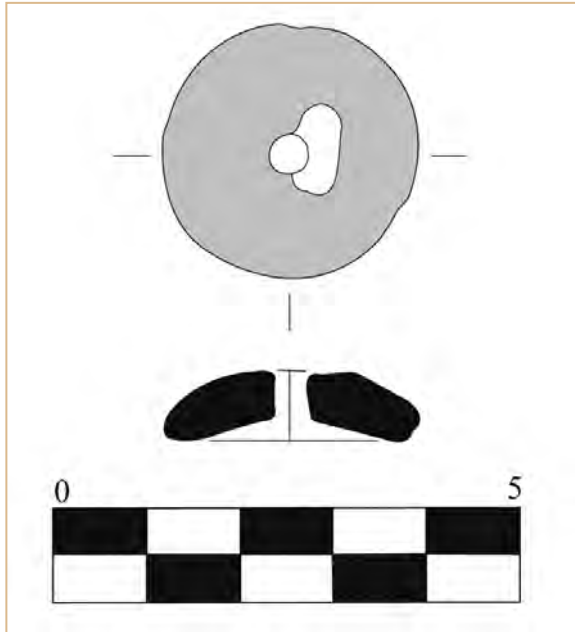


Fig. 4 – Peça (24)0008, cossoiro.



Fot. 3 – Peça (24)0008, cossoiro.

3.15.4. Conclusão

A destruição do local impede qualquer tipo de conclusão para além de enquadrar o sítio, de forma vaga num contexto rural de época medieval/moderna. Só a presença de telha, do pequeno silo e dos três fragmentos cerâmicos evidencia a existência de uma ocupação humana.

3.16. Monte Roncanito 2

3.16.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio designado como Monte Roncanito 2 foram efectuados em Março de 2000³², no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95284, como um habitat de cronologia medieval.

Situado na vertente Oeste do Rio Guadiana o sítio Monte Roncanito 2 localiza-se na Herdade do Roncão, junto a um monte agrícola (Monte Roncanito) que ainda tem alguma utilização, do lado norte do cabeço, junto ao caminho que lhe dá acesso.

A sua localização, relativamente à área envolvente, permite um relativo domínio da paisagem e um fácil acesso quer ao Guadiana, quer a uma linha de água

³²A intervenção arqueológica foi efectuada pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico e pelos trabalhos de campo; Susana Bailarim, Assistente de Arqueólogo e finalista do curso de História na variante de Arqueologia, Maria João Miranda, arqueóloga estagiária; Vera Assunção, arqueóloga estagiária; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Armando Guerreiro. José Carlos Oliveira, do Laboratório de Antropologia Física e Arqueologia Funerária do Museu Regional de Beja, realizou o estudo antropológico dos restos osteológicos. Tintagem dos desenhos de campo: Alexandra Lima, Susana Bailarim e Cláudia Rosado.

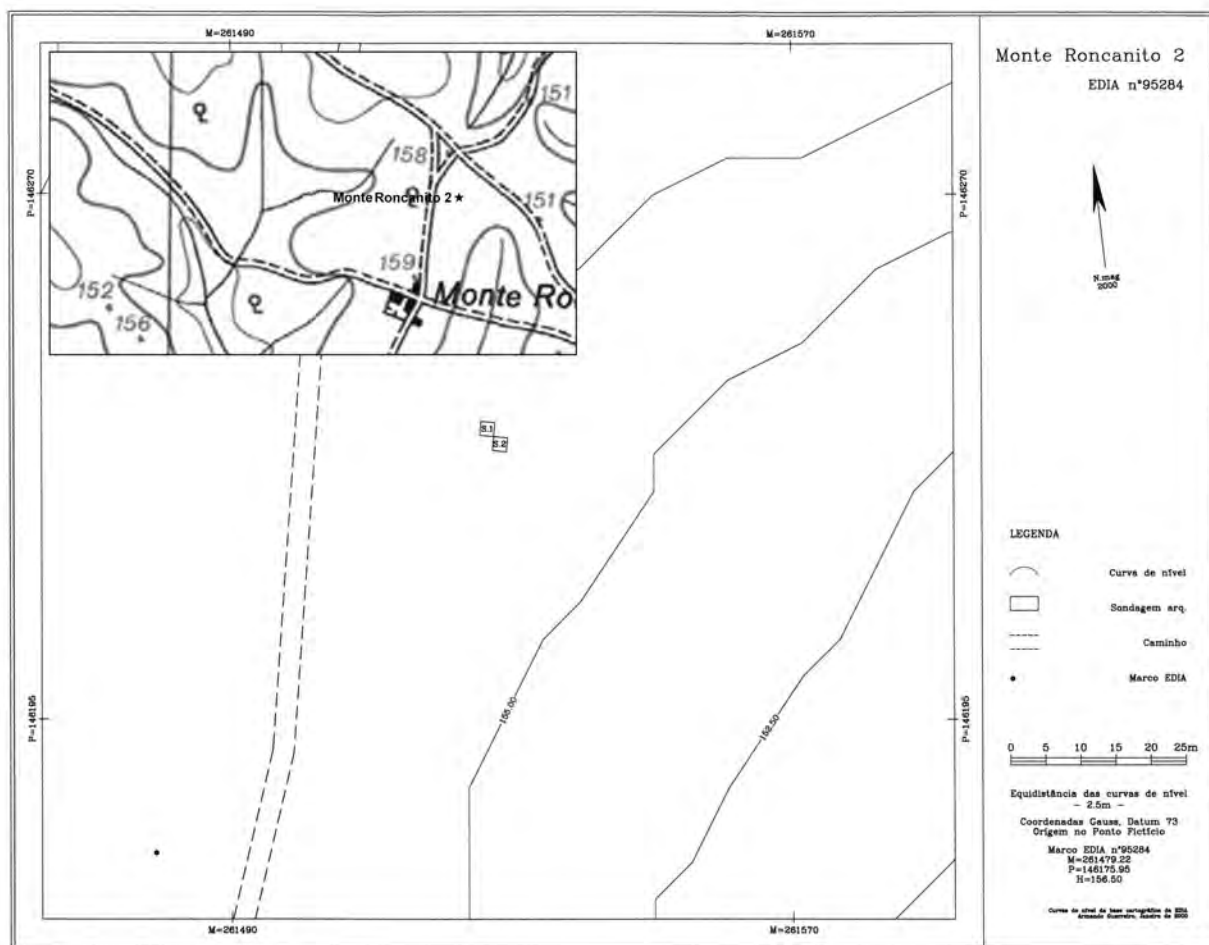


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

secundária que se lhe encontra próxima. Nas proximidades localizaram-se os sítios do Monte Roncanito 1, 3, 4 e 5.

De acordo com a bibliografia disponível, a descrição do Monte Roncanito 2 indica que em terreno plano e aberto destacam-se à superfície cerâmicas de construção (tijolo, telha grossa e fragmentos de pote) e pedras de quartzo e xisto, numa área de cerca de 200 m², com abundante material (SILVA, 1996). Estas informações foram confirmadas na fase de prospecção/reavaliação do local, com a identificação de vários núcleos de achados de superfície, que se encontravam dispersos por mais de uma centena de metros, constituídos por concentrações de pedras de quartzo e xisto e por alguma cerâmica de construção (telha) e cerâmica vidrada.

Apesar do local se encontrar fora da cota de enchimento máximo da barragem, a intervenção arqueológica foi efectuada de forma a permitir obter uma leitura cronológica do local e determinar um conjunto



Fot. 1 – Área do Monte Roncanito 2, vista para sudoeste, onde é visível o actual Monte Roncanito.

de medidas de minimização para acautelar o uso do solo e os impactes negativos da erosão provocados pelo regolfo e pela utilização do mesmo.



Fot. 2 – Sondagens 2 e 1, vista para norte da área de implantação.

3.16.2. Trabalhos arqueológicos

No reconhecimento e reavaliação do sítio, como já foi referido, foram identificados vários núcleos que apontavam para uma ocupação eventualmente diferenciada no espaço e possivelmente no tempo. As cerâmicas recolhidas à superfície indicavam tratar-se de um habitat de cronologia recente, pois eram constituídas maioritariamente por fragmentos de telha e por alguma cerâmica vidrada.

Considerando que a área de dispersão de materiais se estendia por cerca de uma centena de metros, dividiu-se a intervenção em dois núcleos identificados de forma distinta: Monte Roncanito 2 e Monte Roncanito 2A. Com a intervenção arqueológica, este último local ganhou identidade própria, tendo-se aí identificado um extenso habitat da I Idade do Ferro (ver capítulo 2).

No primeiro núcleo, que correspondia à localização do Quadro Geral de Referência (SILVA, 1996) e apresentava grande concentração de fragmentos de material de construção, foram implantadas duas sondagens arqueológicas georreferenciadas ao Sistema Nacional de Referência.

3.16.2.1. Estratigrafia

3.16.2.1.1. Sondagem I

U.E.1 – Estrato composto por terra humosa castanha não muito escura e que apresentava pequenos fragmentos de pedras de quartzo e xisto bem como muitos fragmentos de cerâmica de construção (telha).

U.E.2 – Estrato composto por terra castanha clara com pedras de quartzo e xisto e fragmentos de telha.

U.E.3 – Corresponde ao afloramento xistoso.
U.E.4 – Estrato composto por terra castanha clara onde surgiram fragmentos de osso (incluindo um dente) e de telha. Correspondem às terras de enchimento de uma sepultura.

A potência estratigráfica era extremamente reduzida, definindo-se, imediatamente abaixo do nível superficial, o afloramento xistoso onde foram detetadas duas depressões ou fossas, uma das quais correspondeu a uma sepultura, com os restos osteológicos



Fot. 3 – Sondagens 1, plano final.



Fot. 4 – Sondagens 1, detalhe da arquitectura da sepultura.

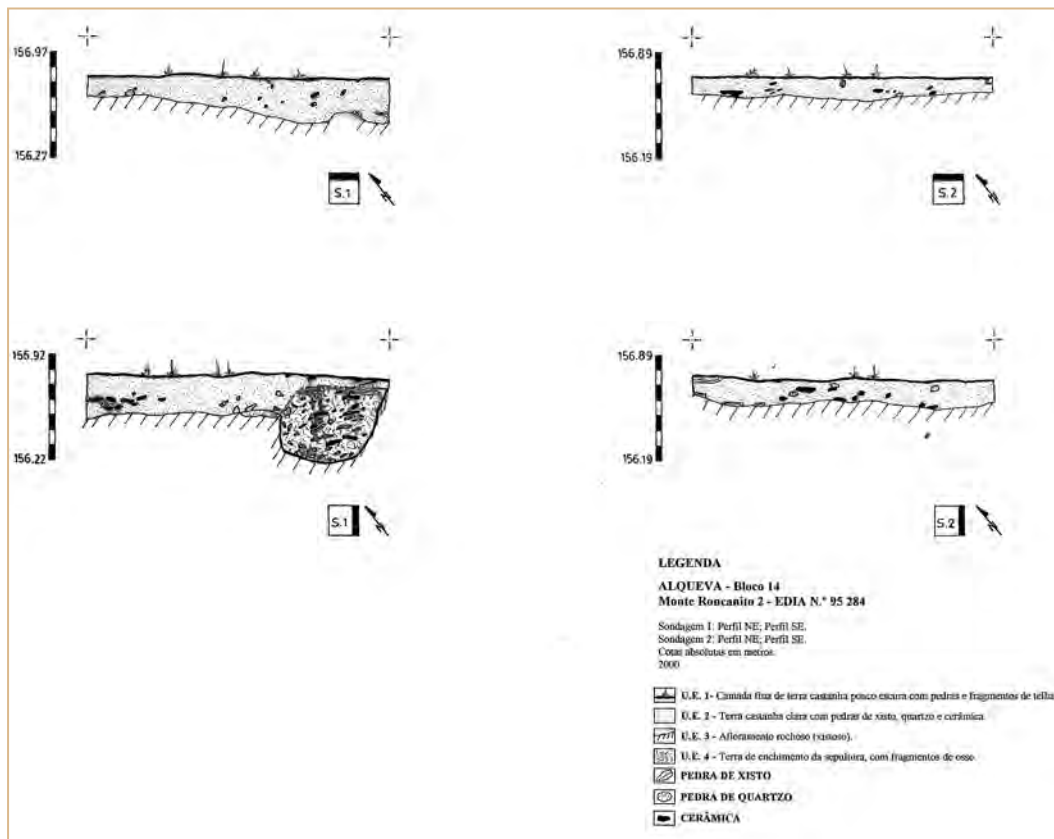


Fig. 3 – Sondagens 1 e 2, perfis estratigráficos.

muito fragmentados e destruídos, levantados em bloco para posterior escavação e análise em laboratório.

Tipologicamente tratava-se de uma fossa escavada na rocha de base de contornos sub-retangulares, revestida com lajes de xisto e orientada genericamente a noroeste. Durante a sua escavação, foram detectados alguns elementos possivelmente da sua cobertura em xisto e de telha, caídos no interior da sepultura de forma desordenada, que poderiam atestar uma eventual destruição/violação da mesma. Não foram observados quaisquer outros vestígios de outras estruturas tumulares/sepulturas.

O estudo antropológico preliminar revelou que as ossadas deveriam pertencer a um adolescente ou jovem adulto do sexo masculino e que os vestígios osteológicos exumados corresponderiam à zona do crânio e tronco.

3.16.2.1.2. Sondagem 2

U.E.1 – Estrato composto terra humosa castanha não muito escura e que apresentava pequenos fragmentos de pedras de quartzo e xisto bem como muitos fragmentos de cerâmica de construção (telha).

U.E.2 – Estrato composto por terra castanha clara com pedras de quartzo e xisto e fragmentos de telha.

U.E.3 – Corresponde ao afloramento xistoso.

Localizada a noroeste da Sondagem 1, a Sondagem 2 revelou igualmente uma estratigrafia reduzida, sem quaisquer vestígios de outras sepulturas ou fossas/depressões ou níveis arqueológicos conservados.

3.16.2.1.3. Síntese da análise estratigráfica

Apesar da reduzida estratigrafia observada nas duas sondagens, foi possível recolher alguns dados que permitiram equacionar uma futura intervenção no local. Apesar deste se encontrar fora da cota de enchimento máximo da albufeira, converteu-se num istmo de uma pequena península tendo como ponto dominante o próprio Monte Roncanito. Foi sobretudo uma ocupação futura dessa envolvente por outras actividades que considerámos que poderia colocar em causa o conjunto de vestígios então detectados.

Com vista a uma minimização deste cenário, foi proposto um conjunto alargado de sondagens para determinar se se tratava de um caso único de uma inumação ou parte de uma necrópole, o que se revelaria de grande interesse para o conhecimento da ocupação rural medieval deste território, e aferir da sua eventual relação com o conjunto de possíveis habitats que sur-

gem na envolvente do Monte Roncanito. Uma segunda intervenção não foi contudo, contemplada.

3.16.3. Estudo do espólio

O espólio recolhido foi diminuto, 27 fragmentos de cerâmica, dos quais a maioria pertencia a telhas (56%), repartidos pela estratigrafia de forma bastante equilibrada entre as U.E.1 e 2 (ver quadro 1).

Excluindo o material de construção, apenas foi identificada a forma de 3 fragmentos cerâmicos (ver gráfico 1): uma talha, um pote e uma taça (ver fig. 4 e fot. 5) de forma demasiado simples para se extraírem conclusões tipológicas.

Nestas vasilha, as pastas eram castanhas, na sua maior parte, avermelhadas ou alaranjadas (ver quadro 2), com texturas granulosas ou friáveis (ver quadro

FORMA FUNCIONAL	Unidades Estratigráficas		
	1	2	Total
Indeterminado	3	6	9
Talha	1		1
Pote		1	1
Taça		1	1
Telha	8	7	15
TOTAL	12	15	27

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

3). No que diz respeito aos elementos não plásticos, o feldspato está presente em todos os fragmentos, frequentemente combinando com mica e xisto (ver quadro 4).

As técnicas de fabrico (ver quadro 5 e gráfico 2) apresentam percentagens semelhantes de torneado lento (41,67%) e rápido (58,33%), com cozeduras maioritariamente irregulares (75% no vasilhame) ou que alternam a redução e a oxidação (especialmente no material de construção).

Os acabamentos das vasilhas são alisados em maior percentagem (41,67% apresentam esta técnica tanto no interior como no exterior) sendo pontuais os casos de superfícies revestidas de engobo ou aguada (quatro exemplares) e o polimento ou brunido (um exemplar). Não se identificou qualquer tipo de decoração nos conjuntos.

Em resumo, o espólio cerâmico apresenta-se como diminuto e pouco expressivo, dificultando a obtenção de conclusões fiáveis. Deste modo apenas podemos argumentar tratar-se de um conjunto de época medieval/moderna, de um ambiente rural sem aparentes ligações com mercados urbanos próximos.

Dada a densidade de ocupação desta zona, onde estão presentes desde sítios da Idade do Ferro como o Monte Roncanito 2A ao próprio Monte Roncanito actual, é pertinente considerar que alguns dos materiais encontrados neste sítio correspondam as ocupações dos sítios limítrofes. Deste modo, o exemplar de

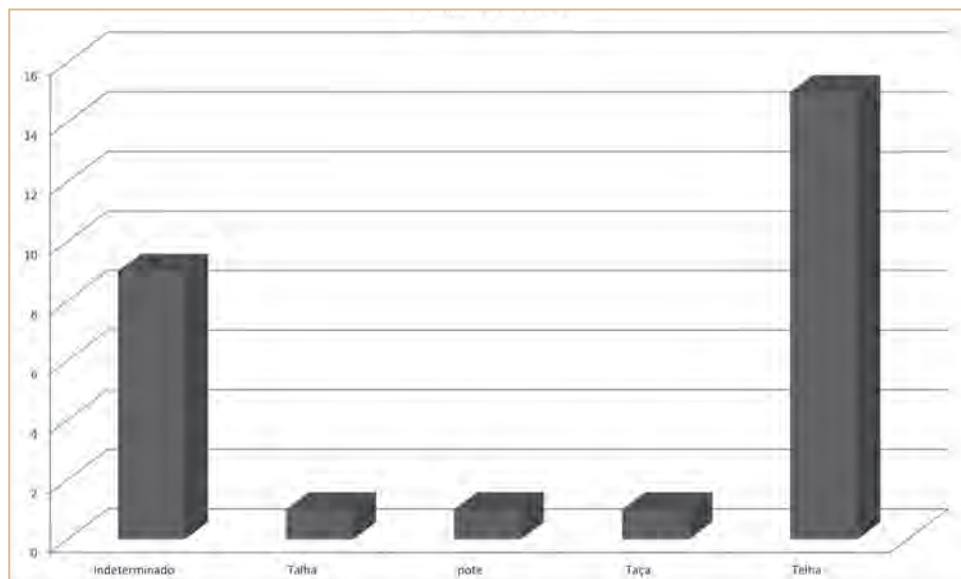


Gráfico 1 – Formas funcionais



Fig. 4 – Peça (25)0025, taça.



Fot. 5 – Peça (25)0025, taça.

COR EXTERIOR	COR CENTRO			
	Vermelha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Bege		1		1
Alaranjada	1	2		3
Vermelha		2	1	3
Castanha	1	4		5
TOTAL	2	9	1	12

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)					
	E1	G1	G2	G4	H2	TOTAL
Indeterminado	1	4	1	3		9
Pote	1					1
Talha				1		1
Taça					1	1
TOTAL	2	4	1	4	1	12

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

taça poderá corresponder a uma peça da Idade do Ferro, e os fragmentos vidrados referidos no Quadro Geral de Referência (SILVA, 1996) e não comprovados durante a escavação pertencer a contaminações vindas do vizinho Monte Roncanito.

3.16.4. Conclusão

O sítio apenas permitiu testemunhar uma sepultura isolada de cronologia imprecisa e, eventualmente violada, dada a estranha mistura de vestígios encontrados nas suas proximidades, onde convive uma taça da Idade do Ferro, e fragmentos de talha e telha.

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)				
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	TOTAL
Feldspato	1				1
Feldspato mica			1	2	3
Feldspato xisto				1	1
Feldspato mica xisto		1	2	2	4
Feldspato mica quartzo		1			1
Feldspato mica min.ferrosos		1			1
TOTAL	1	3	3	5	12

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA				
	OXIDANTE	ALTERNA	IRREGULAR	REDUTORA	TOTAL
Torno Lento			4	1	5
Torno Rápido	1	1	5		7
Molde (mat. construção)	1	10		4	15
TOTAL	2	11	9	5	27

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

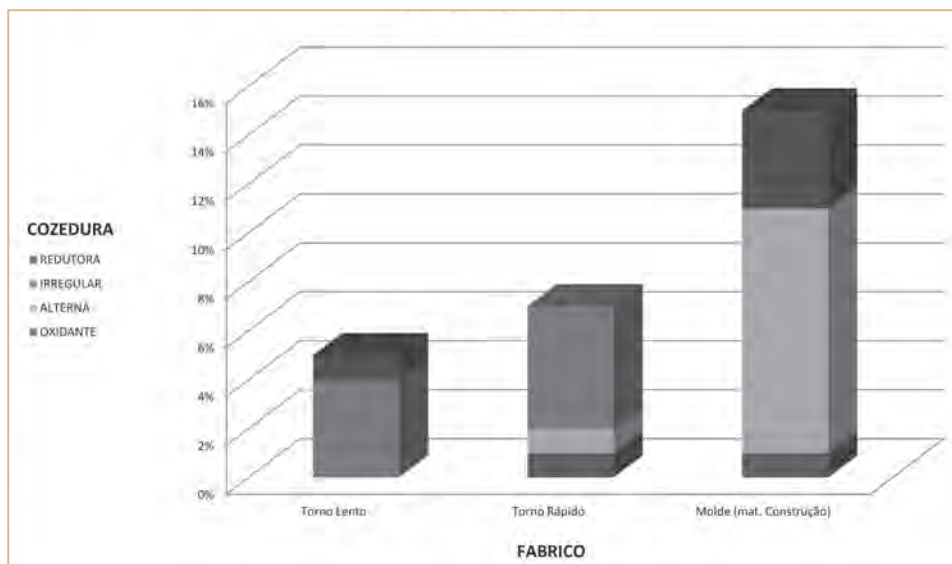


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR				TOTAL
	Grossoiro	Alisado	Sem superfície	Engobado	
Grossoiro	2				2
Alisado		5		1	6
Polido				1	1
Engobado				1	1
Aguada			1		1
Sem tratamento	1				1
TOTAL	3	5	1	3	12

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

3.17. Monte Roncão 12

3.17.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio identificado como Monte Roncão 12 foram efectuados em Julho de 1999³³, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campinho, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado

com o número de inventário da EDIA n.º 95385, como um habitat de cronologia medieval.

Situado na margem esquerda do Rio Guadiana, o sítio Monte Roncão 12; localiza-se na Herdade de Ceuta, no topo de um cabeço aplanado atravessado por um caminho vicinal que conduz até ao Guadiana.

A sua localização, relativamente à área envolvente, permite um excelente domínio da paisagem e um fácil acesso ao rio, do qual dista poucos metros.

A informação contida no Quadro Geral de Referência define o local com a seguinte descrição: “No topo de pequena elevação, na encosta Sul encontra-se à superfície cerâmica de construção (telha grossa) e comum, bem como muitas pedras de xisto e quartzito, numa área de 150 m².” (SILVA, 1996). Posteriormente, o reconhecimento efectuado confirmava a presença

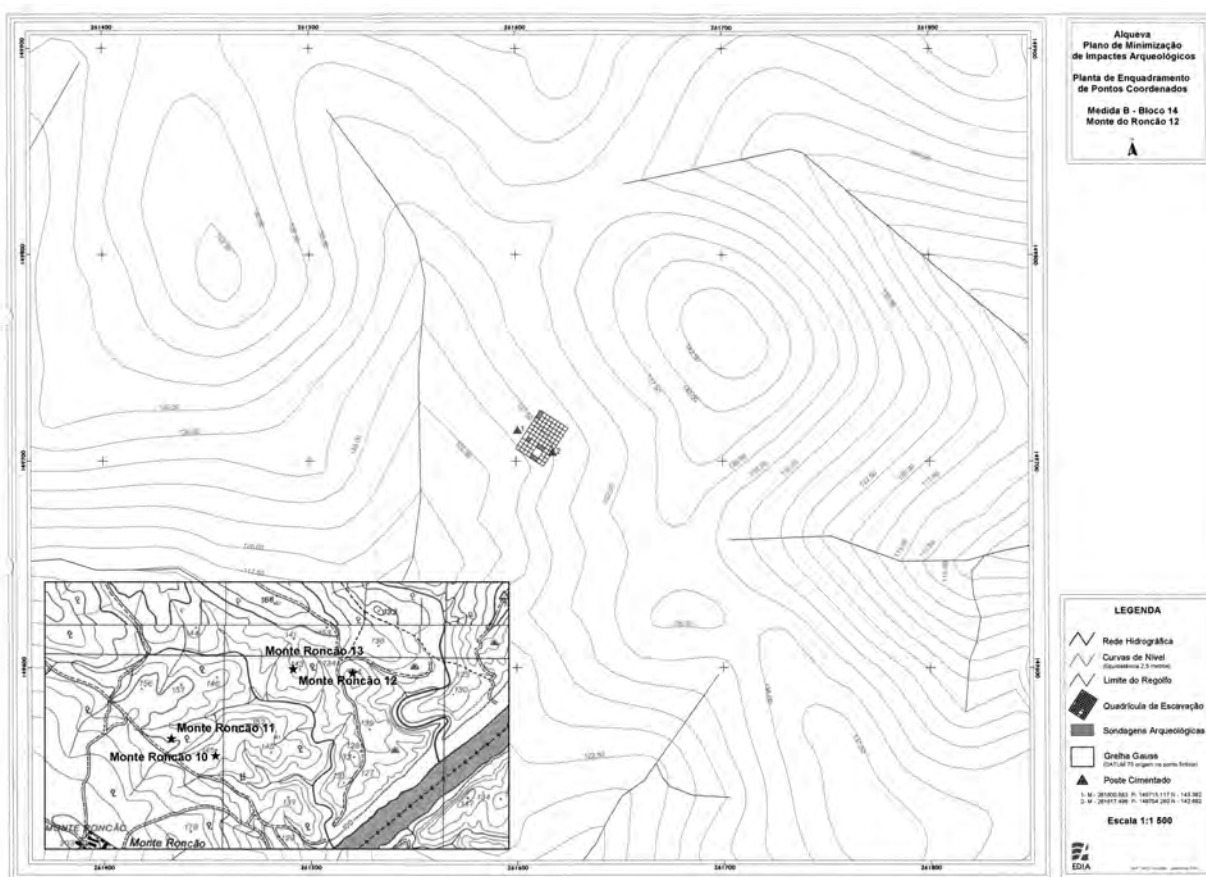


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.

³³ Os trabalhos arqueológicos no Monte Roncão 12 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Danilo Pavone, desenhador; Vitória Valverde, estagiária; Carlos Fona, estagiário; António Cristino, José Rito e José Sardinha, trabalhadores indiferenciados; Topografia de Carlos Picaró.

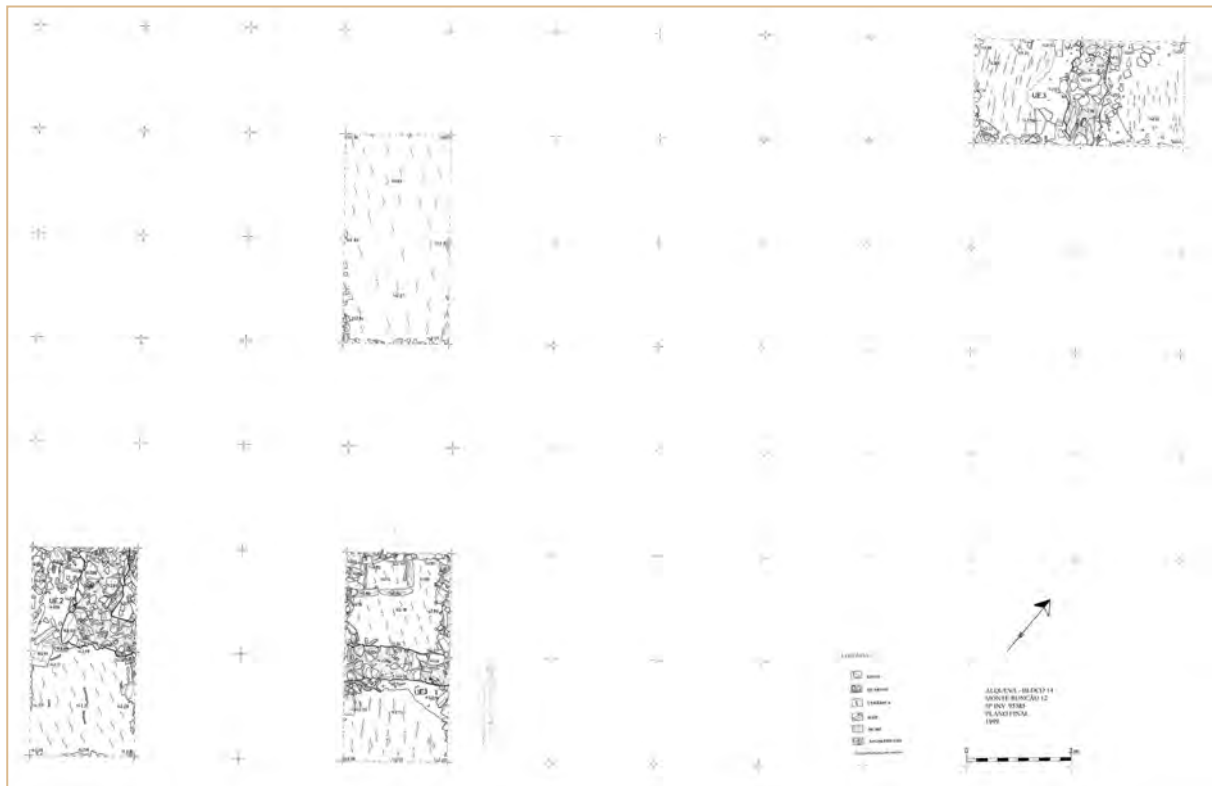


Fig. 2 – Plano final das sondagens intervencionadas.

de materiais cerâmicos à superfície do terreno, e destacava, ainda, no topo do cabeço, pequenas elevações que sugeriam a presença de várias estruturas pétreas de forma aparentemente rectangular, cobertas de estevas e pedras de xisto e quartzo de calibre diverso.

3.17.2. Trabalhos arqueológicos

Após a desmatação e limpeza cuidada da área a escavar e a fim de obter uma cronologia baseada em dados arqueológicos e entender a clara funcionalidade do local, foi estabelecido um programa de sondagens arqueológicas. No topo do cabeço foram implantadas duas sondagens de 2x4 m (Sondagens 1 e 2) e uma sondagem de 2x2 m (Sondagem 3), incidindo sobre os possíveis vestígios de estruturas detectados. Posteriormente, foram acrescentadas e intervencionadas duas novas sondagens: uma de 2x4 m (Sondagem 4) e outra de 2x2 m (Sondagem 5).

3.17.2.1. Estratigrafia

3.17.2.1.1. Sondagem 1

A Sondagem 1 apresentou a seguinte sequência estratigráfica:

U.E.1 – Terras húmusas de cor castanha enegrecida, soltas com grande quantidade de carvões.

U.E.2 – Terras de cor castanha rosácea, compactadas, com relativa concentração de pequenos fragmentos de xisto de cor avermelhada.

U.E.3 – Terras semelhantes às terras da U.E.2 mas com maior concentração de fragmentos de xisto de cor avermelhada, desta feita de maiores dimensões.

U.E.4 – Corresponde ao afloramento xistoso.

U.E.5 – Terras castanhas escuras, bem depuradas identificadas na estrutura pétreia tipo “caixa”.

3.17.2.1.1.1. Interpretação

Com a remoção da U.E.1 destacou-se, de imediato, um troço de um muro formado por pedras de xisto de médio e grande calibre, imbricadas entre si e colmatadas com terra argilosa. Apresentava uma orientação sudeste/nordeste, com cerca de 2 m de comprimento e 0,60 m de espessura total, com ambas as faces bem definidas e um alçado de cerca de 0,30 m, denunciando dois espaços distintos: Ambiente 1 e Ambiente 2.

3.17.2.1.1.1.1. Ambientes 1 e 2

Um destes espaços, considerado como uma apa-

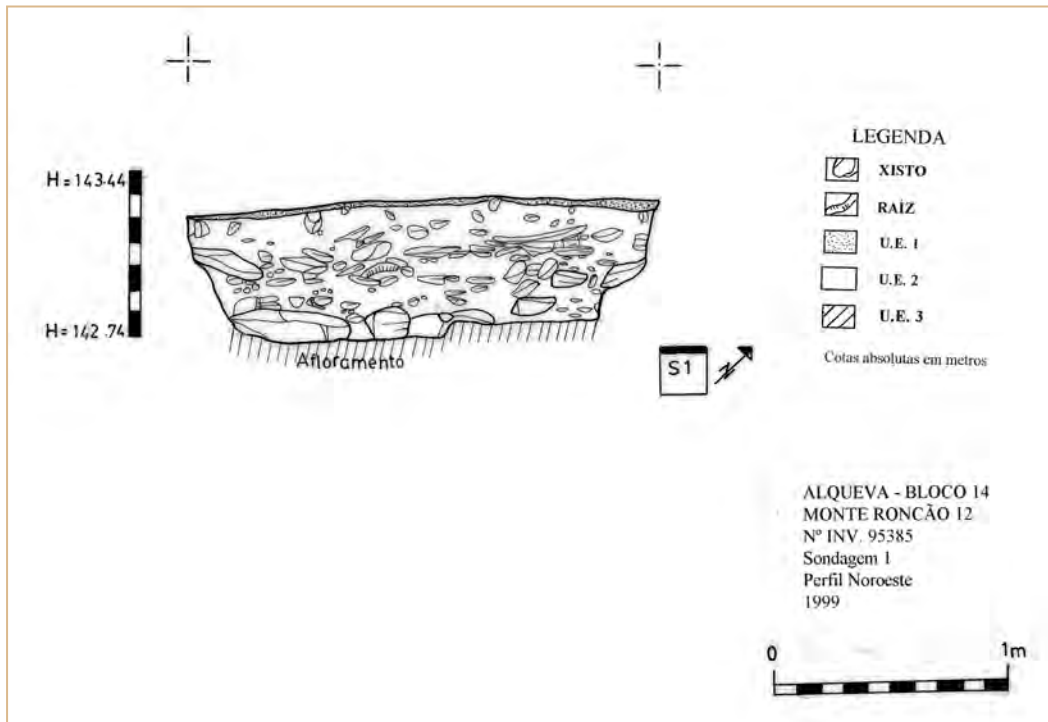


Fig. 3 – Sondagem 1, perfil estratigráfico Noroeste.



Fot. 1 – Sondagem 1, vista para noroeste.

rente área exterior, apresentava uma potência estratigráfica muito reduzida, com o afloramento rochoso a cerca de 0,15 a 0,20 m de profundidade.

Já a área correspondente ao interior da estrutura, definida como Ambiente 1, permitiu observar claras diferenças. Com a escavação da U.E.2, definiu-se uma forte concentração de pedras de xisto de grandes dimensões, que deveriam estar relacionadas com o nível de destruição deste espaço, que cobriam a U.E.3, um estrato onde esta concentração de pedras se mantinha, com boa parte destes elementos pétreos fincados verticalmente e associados a alguma cerâmica de construção e comum bastante fragmentada.

Com a remoção deste último nível, observou-se no quadrante oeste da Sondagem 1 uma estrutura pétreo do tipo caixa rectangular, elaborada em lajes de xisto adossadas ao perfil noroeste da Sondagem 1 (ver fig. 3). O seu interior era preenchido por um nível sedimentar de terras bem depuradas, a U.E.5, sem quaisquer vestígios de cinzas ou carvões, que sugerissem tratar-se de uma estrutura de combustão, e com escasso espólio associado (cerâmica comum e de armazenamento, talha e algum material de construção) pelo que a sua presença poderá sugerir a existência de estruturas secundárias, como bancadas ou poiais de apoio à actividade doméstica e à estrutura habitacional.

3.17.2.1.2. Sondagem 2

A Sondagem 2 apresentou a seguinte sequência estratigráfica:

U.E.1 – Terras húmidas de cor castanha escura, soltas, com pouca vegetação.

U.E.2 – Terras de cor castanha rosácea, compactadas, com relativa concentração de pequenos fragmentos de xisto de cor avermelhada.

U.E.3 – Terras de cor castanha escura e extremamente compactadas, com vestígios de cozedura.

U.E.4 – Corresponde ao afloramento xistoso.

3.17.2.1.2.1. Interpretação

Implantada sobre uma área onde se vislumbrava uma outra concentração de elementos pétreos, a Sondagem 2 destacou, com a remoção da U.E.2 um troço de muro (Muro 2), muito destruído, destacando-se, contudo, o seu alinhamento de pedras de xisto de médio e grande calibre, com cerca de 2 m de comprimento, 0,70 m de espessura máxima, e cerca de 0,20 m de altura, processando-se a sua orientação no sentido sudeste/noroeste. Foram, ainda, identificados diversos fragmentos de cerâmica comum e de construção na remoção da U.E.2, que cobria a U.E.3, um estrato de terras muito depuradas, com alguns vestígios de aquecimento/acção de fogo, identificada a espaços ao longo da sondagem, que poderá estar relacionada com a presença de um eventual piso ou nível de chão do espaço delimitado pelo Muro 2.

3.17.2.1.3. Sondagem 3

A Sondagem 3 apresentou a seguinte sequência estratigráfica:

U.E.1 - Terras humosas de cor castanha escura, soltas, idênticas às U.E.1 das Sondagens 1 e 2.

U.E.2 - Terras de cor castanha rosácea, compactadas, com relativa concentração de pequenos fragmentos de xisto de cor avermelhada.

U.E.3 - Corresponde ao afloramento xistoso.

3.17.2.1.3.1. Interpretação

Nesta sondagem, a potência estratigráfica foi escassa. Efectuada com o objectivo de identificar a noroeste um eventual muro paralelo ao identificado na



Fot. 2 – Sondagem 2, vista para sudoeste.

Sondagem 1, a Sondagem 3 não mostrou quaisquer evidências de outras estruturas ou níveis arqueológicos conservados, detectando-se o afloramento rochoso imediatamente sob a U.E.2, onde foi exumado um único fragmento de cerâmica comum.

3.17.2.1.4. Sondagem 4

A Sondagem 4 apresentou a seguinte sequência estratigráfica:

U.E.1 – Terras humosas de cor castanha escura, soltas, idênticas às U.E.1 das restantes sondagens.

U.E.2 – Terras de cor castanha rosácea, compactadas, com relativa concentração de pequenos fragmentos de xisto de cor avermelhada.

U.E.3 – Terras semelhantes às da U.E.2 mas com maior concentração de pedras de xisto de cor avermelhada, desta feita de maiores dimensões.

U.E.4 – Afloramento rochoso.

3.17.2.1.4.1. Interpretação

A escavação da Sondagem 4 visava identificar um eventual fecho do Muro I, identificado na Sondagem 1. Com a decapagem da U.E.2, identificou-se o canto do Muro I e a sua continuação para norte. De igual modo, na área interior do mesmo (definida como Ambiente 1 aquando da descrição estratigráfica da Sondagem 1) localizava-se a U.E.3. Também aqui, a dimensão das pedras era significativa, e a constatação do nível de destruição interno da estrutura não deixou grandes dúvidas sobre o elevado grau de destruição da mesma.

Na escavação das U.E.2 e U.E.3 foram exumados diversos fragmentos de cerâmica de construção e de cerâmica comum.

3.17.2.1.5. Sondagem 5

A Sondagem 5 revelou uma sequência estratigráfica idêntica à Sondagem 3 e igualmente muito reduzida, não tendo sido detectados quaisquer vestígios da continuação do Muro 1 da Sondagem 1.

A hipótese levantada aquando da identificação do canto do muro na Sondagem 4 e a sua eventual continuação para norte ou noroeste, não se confirmou. Será provável que o mesmo tenha sido destruído pela lavra, em virtude dos dados das Sondagens 3 e 5 e da observação da área limítrofe, onde não se registam, à superfície, quaisquer vestígios da estrutura identificada nas Sondagens 1 e 4.

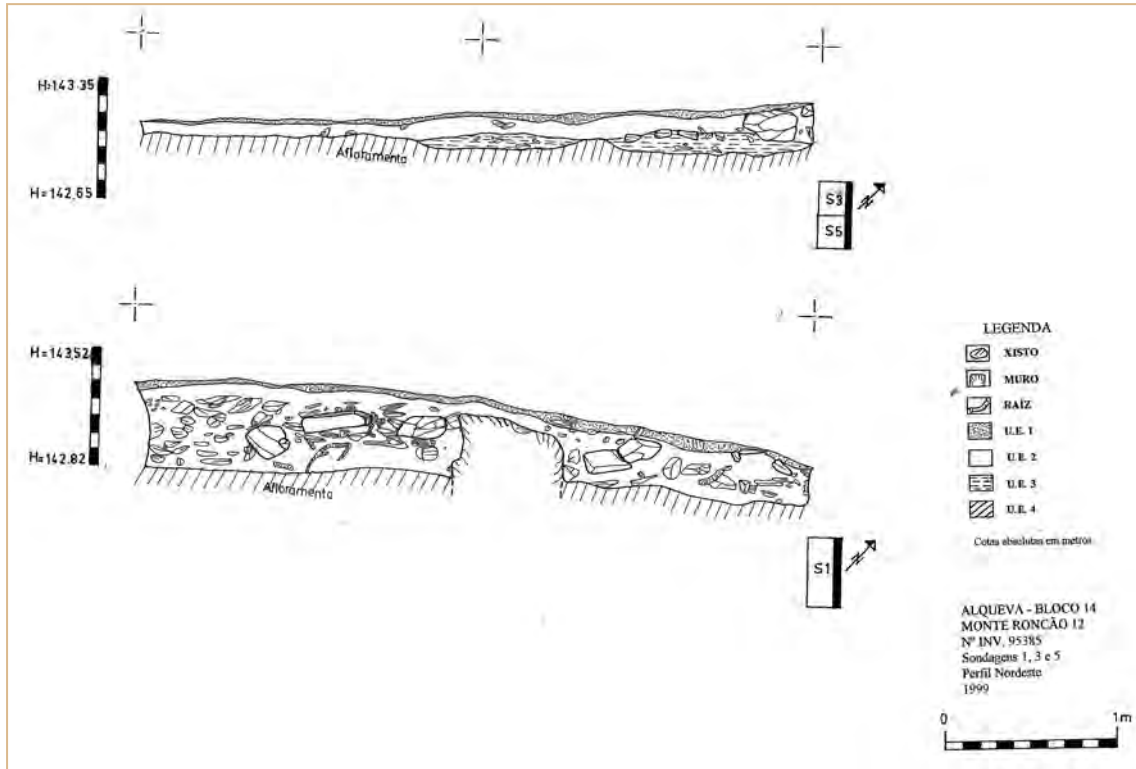


Fig. 4 – Sondagens 1, 3 e 5, perfis estratigráficos nordeste.



Fot. 3 – Sondagem 4, metade noroeste: vista para norte da área do vértice do Muro I.

3.17.2.2. Interpretação geral

Foi nítido o elevado grau de destruição do sítio arqueológico por acção dos trabalhos agrícolas, que terão contribuído para a degradação das estruturas e da parca potência estratigráfica dos solos locais. Não obstante, foi possível observar algumas estruturas que denunciam dois espaços diferenciados, um dos quais com presença de algumas estruturas que poderíamos

enquadrar como de apoio às actividades produtivas e domésticas, como bancadas ou poiais, comuns nos espaços de habitação de cronologias coevas, assumindo assim que a área definida como Ambiente 1 seria um espaço de habitat, reforçado pelos indícios de um possível pavimento.

Por outro lado, desconhece-se se a grande dispersão do espólio detectada à superfície, praticamente toda a extensão do cabeço onde se situa a estação arqueológica, poderia corresponder à totalidade do espaço anteriormente ocupado pelas estruturas, dada a ausência de relação directa entre os dois ambientes definidos, ou se corresponde a um efeito da profunda destruição do mesmo.

Será então o espólio cerâmico recolhido, o único *fóssil director* para podermos avançar para a cronologia medieval do sítio.

Por outro lado, a proximidade deste sítio com o Monte Roncão 13, localizado a cerca de 200 m a noroeste da estação, leva-nos a suspeitar da conjugação de um núcleo de pequenos casais rurais, que, apesar do grau de destruição, não deixam de ser bastante importantes para uma tentativa/proposta de explicação do modelo de povoamento rural da região no período medieval ou ulterior.

3.17.3. Estudo do espólio

O espólio recolhido nesta estação não foi particularmente volumoso: corresponde a um total de 114 entradas na base de dados, das quais 43 fragmentos correspondem a vasilhas, sendo, portanto, muito elevada a quantidade de materiais de construção e pouco fiável, estatisticamente falando, a representatividade da amostra. O maior número de fragmentos encontra-se concentrado nas U.E.0 e U.E.2, sendo muito poucos no resto das unidades estudadas. A U.E.2, é também a que concentra mais material de construção (ver quadro

1). O grau de fragmentação é extraordinariamente alto motivo pelo qual, se excluimos os materiais de construção, uma elevada percentagem de peças ficou sem atribuição da sua forma funcional (41,86%).

As formas cerâmicas identificadas mais comuns são, em primeiro lugar, a loiça de cozinha representada pelas panelas (20,93% do vasilhame) e um fragmento de alguidar. Em segundo lugar, os objectos de armazenamento e transporte, as talhas (13,95%), os cântaros (9,30%) e o porte. Em último lugar, encontra-se a loiça de mesa: jarro, jarrinha em percentagens inferiores a 5%.

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS					
	0	2	3	5	2, 3	Total
Indeterminado	6	6	3		3	18
Talha	1	3	1	1		6
Pote		2				2
Cântaro	2	2				4
Panela	1	4	3		1	9
Alguidar		1				1
Bilha		1				1
Jarro/jarrinho		1	1			2
Imbrex	1	52	3	9		65
Telha		6				6
TOTAL	11	78	11	10	4	114

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

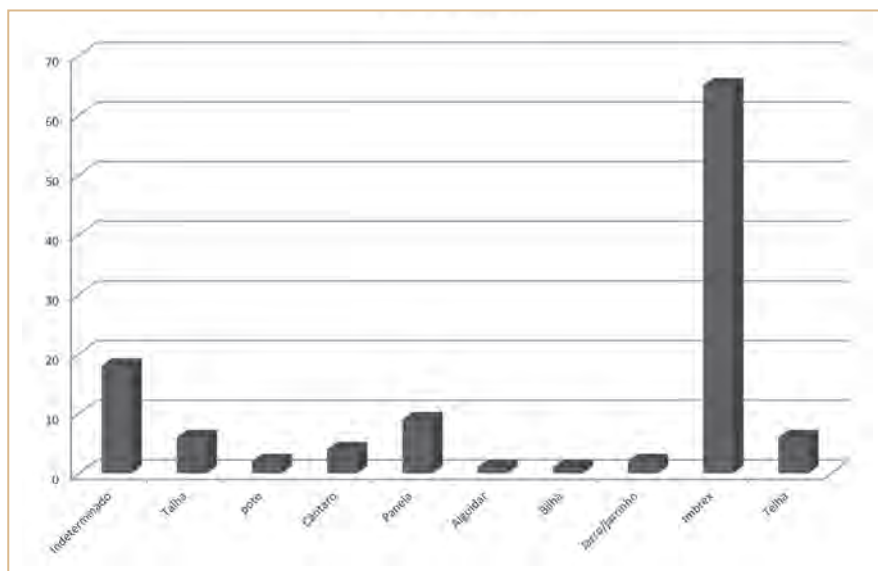


Gráfico 1 – Formas funcionais.



Fot. 4 – Peça (020)0109, fragmento de bordo de alguidar.

As pastas predominantes (ver quadros 2 e 3) são as castanhas (72,09%) seguidas das pretas e cinzentas (9,30% ambas). Combinando cor e textura, o grupo mais frequente é o das pastas castanho-avermelhadas de textura grosseira e friável, ou compacta (tipo F1 e F2 que representam 27,91% e 13,95% do vasilhame respectivamente), assim como as pastas de cor cinzenta e textura compacta (G2, 13, 95%) e preta de textura granulosa e compacta (H1 e H2 ambas com 11,63%). As panelas, a forma cerâmica mais representada, apresentam pastas pretas, cinzentas e acastanhadas. Os elementos não plásticos mais comuns (ENP, ver quadro 5) são o feldspato, a mica e o quart-

COR EXTERIOR	COR CENTRO					TOTAL
	Bege	Alaranjada	Castanha	Cinzenta	Preto	
Bege	1					1
Alaranjada		2				2
Vermelha				1		1
Castanha			19	6	6	31
Cinzenta			1	2	1	4
Preto			1		3	4
TOTAL	1	2	21	9	10	43

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)												TOTAL
	B2	C1	D2	F1	F2	F3	F4	G1	G2	G3	H1	H2	
Indeterminado		1	1	8	3		1	1	1		2		18
Pote					2								2
Panela				2					2		2	3	9
Cântaro						1			2		1		4
Talha				2			1		1			2	6
Bilha										1			1
Alguidar								1					1
Jarro/jarrinho	1				1								2
TOTAL	1	1	1	12	6	1	2	2	6	1	5	5	43

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)						TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	
Feldspato				1			1
Feldspato mica				3		1	4
Feldspato mica quartzo	1	1	1	22	4		29
Feldspato mica quartzo hematite						1	1
Mica		1		3		2	6
Quartzo				1			1
Quartzo mica				1			1
TOTAL	1	2	1	31	4	4	43

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	2	4	1	7
Torno Lento	8	1		9
Torno Rápido	17	4	2	23
Indeterminado	1	2		3
Molde			1	1
Molde (mat. construção)	70	1		71
TOTAL	98	12	4	114

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

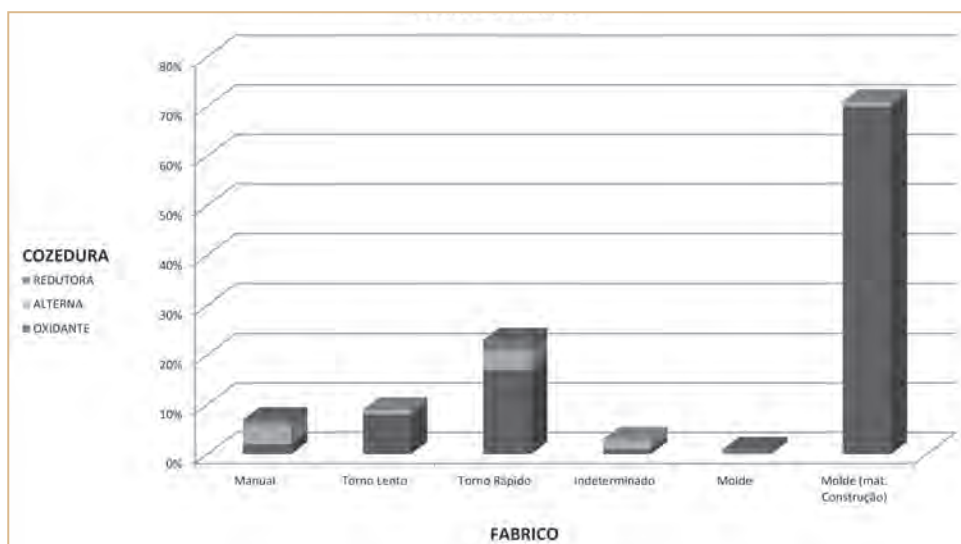


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR		
	Grosseiro	Alisado	TOTAL
Grosseiro	1	2	3
Alisado		15	15
Espatulado		1	1
Em branco		1	1
Sem tratamento		23	23
TOTAL	1	42	43

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

zo, que muito frequentemente se apresentam em conjunto (67,44%), por regra geral com calibre médio e densidade média.

Nas técnicas de fabrico (ver quadro 5), se excluimos o material de construção que sempre é mol-

gado, é o dominante o torneado rápido (53,49%), mas ainda estão bem representados os torneados lentos e o fabrico manual (20,93% e 16,28% respectivamente). A cozadura era realizada normalmente em atmosfera oxidante (65,12%) ou alternando com a re-



Fot. 5 – Peça (020)0123, pedra de jogo.

a esmagadora maioria da amostra apresenta superfícies alisadas (97,67% no exterior), em 53,49% dos casos sem tratamento interior.

Ainda podemos mencionar que a amostra não apresenta nenhum elemento ornamental.

Por último cabe referir a presença de uma pedra de jogo, realizada em xisto de muito boa execução.

A fraca representatividade do espólio impede afirmar conclusões fiáveis. Apenas as características técnicas das cerâmicas permitem especular com a possibilidade de tratar-se de um conjunto datável do final da Idade Média ou do início do período moderno, dada a percentagem dominante de panelas e talhas com pastas castanhas ou cinzentas e encontrarmos, ainda, fabricos manuais e de torneado lento.

3.17.4. Conclusão

O Monte Roncão 12 corresponde a um pequeno assentamento rural, com estruturas cuja forma não foi possível definir na sua totalidade, e com um espólio reduzido e inexpressivo. No entanto, a presença de materiais de construção (telhas) e de utilização doméstica (panelas, alguidares e alguma loiça de mesa) permite definir o sítio como um espaço de habitação de uma cronologia imprecisa, entre o final da Idade Média e o início da Época Moderna, dadas as características técnicas do espólio cerâmico.

³⁴ Os trabalhos arqueológicos no Monte do Balanco foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Maria João Miranda, arqueóloga estagiária; Vera Assunção, arqueóloga estagiária; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Armando Guerreiro.

³⁵ O facto de grande parte dos vestígios se encontrar fora da cota de enchimento da albufeira e o grau de destruição do local foram determinantes para a não prossecução de novos programas de sondagens de caracterização do local.

3.18. Monte do Balanco

3.18.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no Monte do Balanco foram efectuados entre Maio e Junho de 2000³⁴, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14, procurando efectuar uma avaliação do potencial arqueológico do local e aferir a sua funcionalidade e cronologia, mediante a identificação de (eventuais) estruturas e níveis arqueológicos preservados.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Amieira, concelho de Portel, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 951058, de cronologia medieval.

O local encontra-se na vertente oeste do rio Degebe, a cerca de 150 m do Monte que lhe dá o nome, no topo de uma pequena plataforma atravessada por um caminho rural, com uma vista desafogada sobre a paisagem e um fácil acesso ao rio.

À data da intervenção eram visíveis pequenos aglomerados pétreos de calibre diverso de xisto e quartzo e fragmentos de cerâmica de construção (telha) e de cerâmica comum, distribuídos pela plataforma e terraços adjacentes a nordeste e noroeste, indicadores de um possível habitat de cronologia medieval/moderna.

A intervenção arqueológica consistiu na realização de 12 sondagens distribuídas pelas áreas de maior concentração de vestígios, ao longo da plataforma local³⁵.

Estas foram numeradas sequencialmente, em função da sua ordem de escavação, apresentando dimensões de 2x2 m e georreferenciadas à rede geodésica nacional, seguindo a metodologia de intervenção supra referida.

3.18.2. Estratigrafia

Caracterizado pela extrema magreza dos solos locais, o sítio arqueológico do Monte do Balanco estava bastante afectado pelos trabalhos agrícolas. A

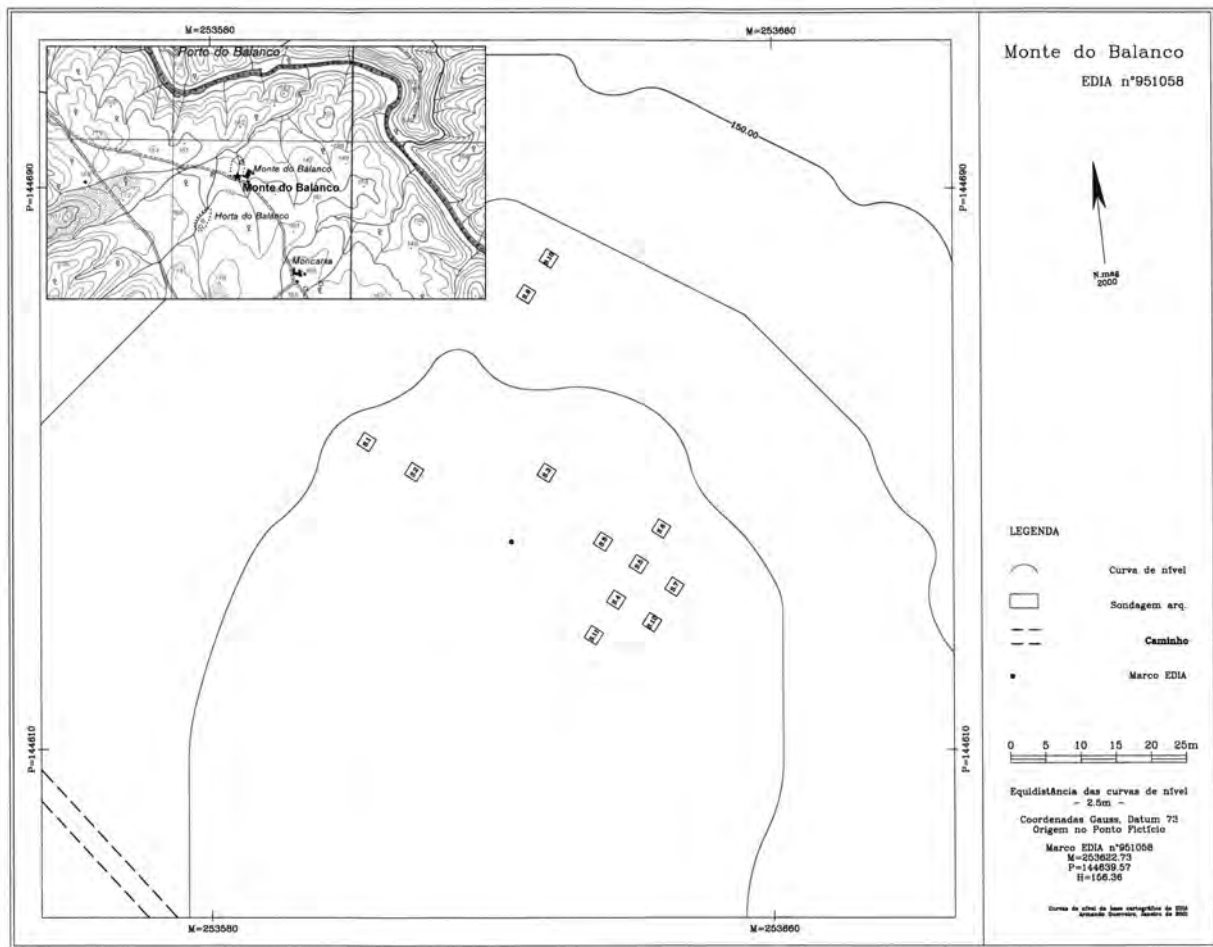


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.



Fot. 1 – Vista geral de enquadramento para noroeste, Sondagens 2 e 1, onde é visível o Monte do Balanço contemporâneo.



Fot. 2 – Vista geral de enquadramento para norte, Sondagens 12, 4, 7 e 5.

estratigrafia observada pautou-se pela existência de um único estrato sedimentar, observado em todas as sondagens efectuadas, sobre um nível de desagregação do tecido rochoso.

U.E.0 – Nível de coberto vegetal. Interface de separação da U.E.1.

U.E.1 – Estrato de coloração castanho clara, homogéneo e pouco compacto, com relativa concentração de pedras de xisto de calibre reduzido e potência desigual, de acordo com a localização das sondagens ao longo da plataforma. Corresponde ao actual solo agrícola local, profundamente alterado, onde foi recolhido abundante espólio cerâmico e grande parte da componente pétreo local.

U.E.2 – Nível de desagregação do afloramento rochoso, muito argiloso de tonalidade avermelhada com abundantes fragmentos de xisto partidos. Interface de separação entre a U.E.1 e U.E.2.

U.E.3 – Afloramento de base. Xisto argiloso acinzentado e avermelhado do Silúrico. Nas sondagens de topo da plataforma apresentava-se alterado pelos trabalhos agrícolas.

Não foram detectadas quaisquer estruturas arqueológicas nas sondagens efectuadas, ainda que a forte presença de elementos pétreos e o abundante espólio cerâmico reforcem a possibilidade da existência de um núcleo habitacional no local, cujas dimensões e localização precisa desconhecemos.

Refere-se igualmente a inexistência nas áreas sondadas de estruturas ou interfaces negativos.

3.18.3. Espólio

O espólio da estação do Monte do Balanco é quantitativamente pouco significativo, mesmo quando comparado com as restantes estações do Bloco

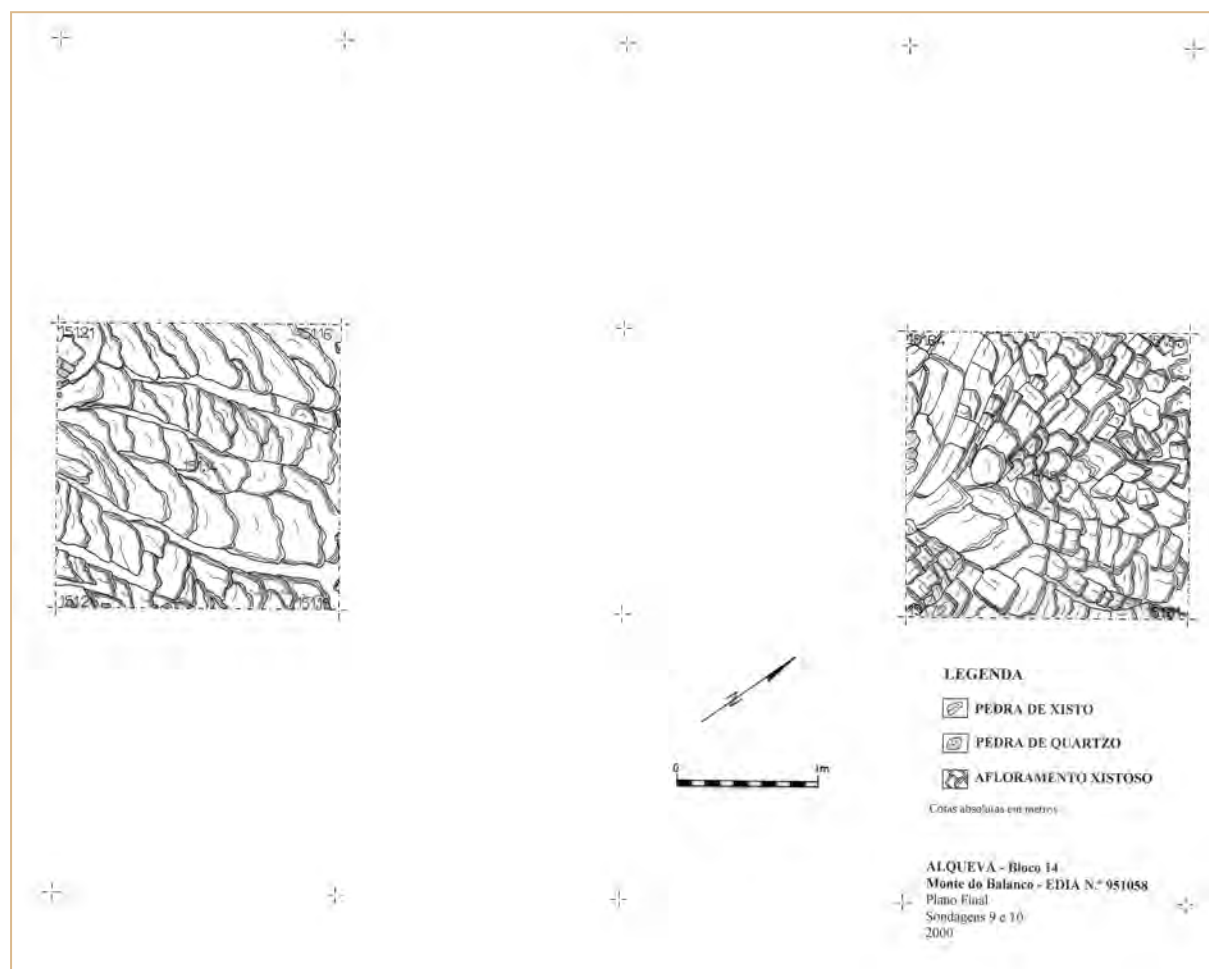
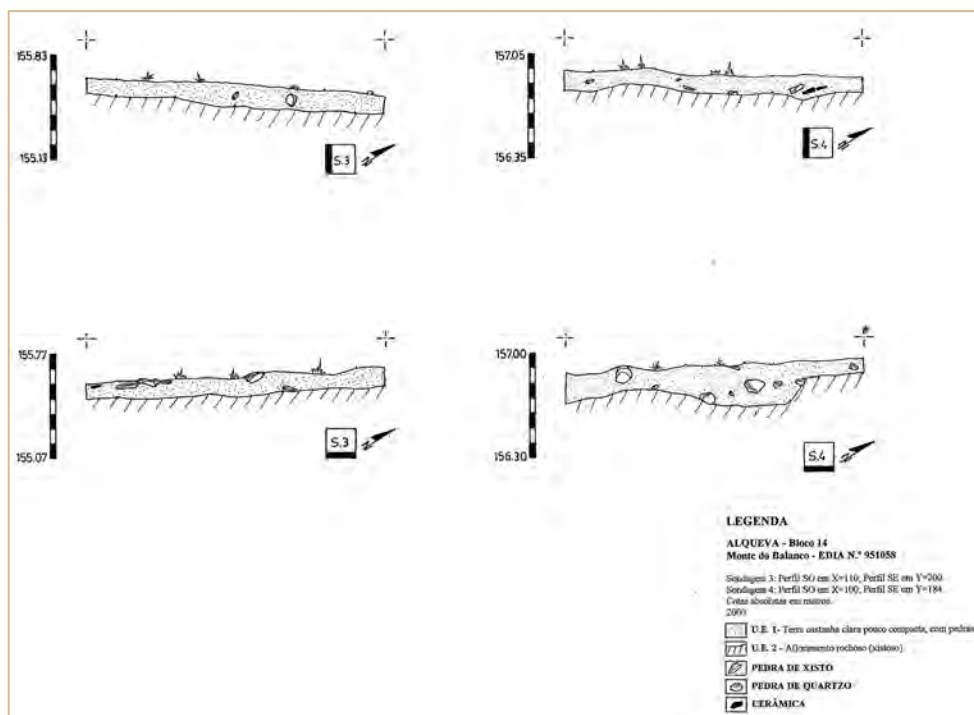


Fig. 2 – Sondagens 9 e 10, plano final.

Fig. 3 – Sondagens 3 e 4, perfis estratigráficos.



Fot. 3 e 4 – Sondagens 4 e 5, plano final.

14. Encontrou-se um conjunto de 83 fragmentos cerâmicos (cerca de 32 correspondendo a materiais de construção), traduzidos em um número máximo de 54 indivíduos cerâmicos.

Na sua maioria, o espólio compreende recolhas efectuadas nas Sondagens 2, 4, e 11, atribuídas à U.E.1 (cerca de 72,22% indivíduos), existindo contudo materiais oriundos das restantes unidades estratigráficas atribuídas: U.E.0, 3,70% e U.E.2, 24,07%.

Apesar do elevado grau de fragmentação dos objectos, foi possível uma razoável identificação formal das peças exumadas, salientando-se uma percentagem

de 55,46% de peças identificadas, sem formas completas, e de 44,44% de formas não identificadas. Esta situação contrasta claramente com a maioria das estações do Bloco 14 e fornece uma sólida amostragem do espólio local.

Entre os materiais identificados, os grupos cerâmicos com maior representatividade são a cerâmica de armazenamento e transporte, claramente maioritária (53,33%), a loiça de cozinha (30,00%), representada exclusivamente por panelas, e a loiça de mesa (16,66%). Este último grupo, de menor incidência, encontra-se representado por jarros/jarrinhos (6,67%)

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS			
	1	2	0	Total
Indeterminado	18	6		24
<i>Dollium</i>	1			1
Talha	10	1		11
Pote	2	1		3
Cântaro			1	1
Panela	5	4		9
Jarro/jarrinho	2			2
Jarra/jarrinha			1	1
Tigela	1			1
Taça		1		1
TOTAL	39	13	2	54

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

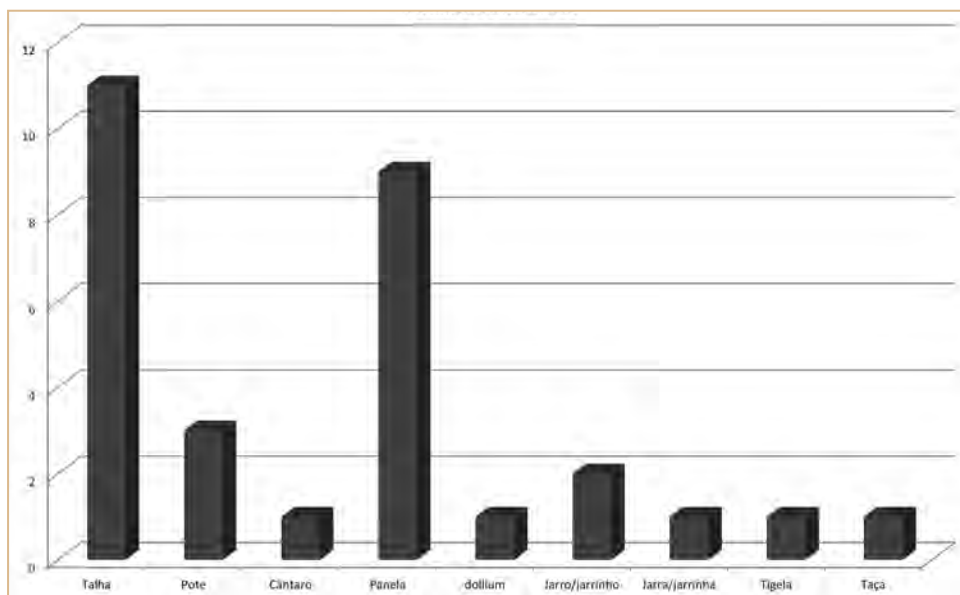


Gráfico 1 – Formas funcionais.

seguidos percentualmente pelas taças, tigelas e jarras/jarrinhas, todas com cerca de 3,33% de representação.

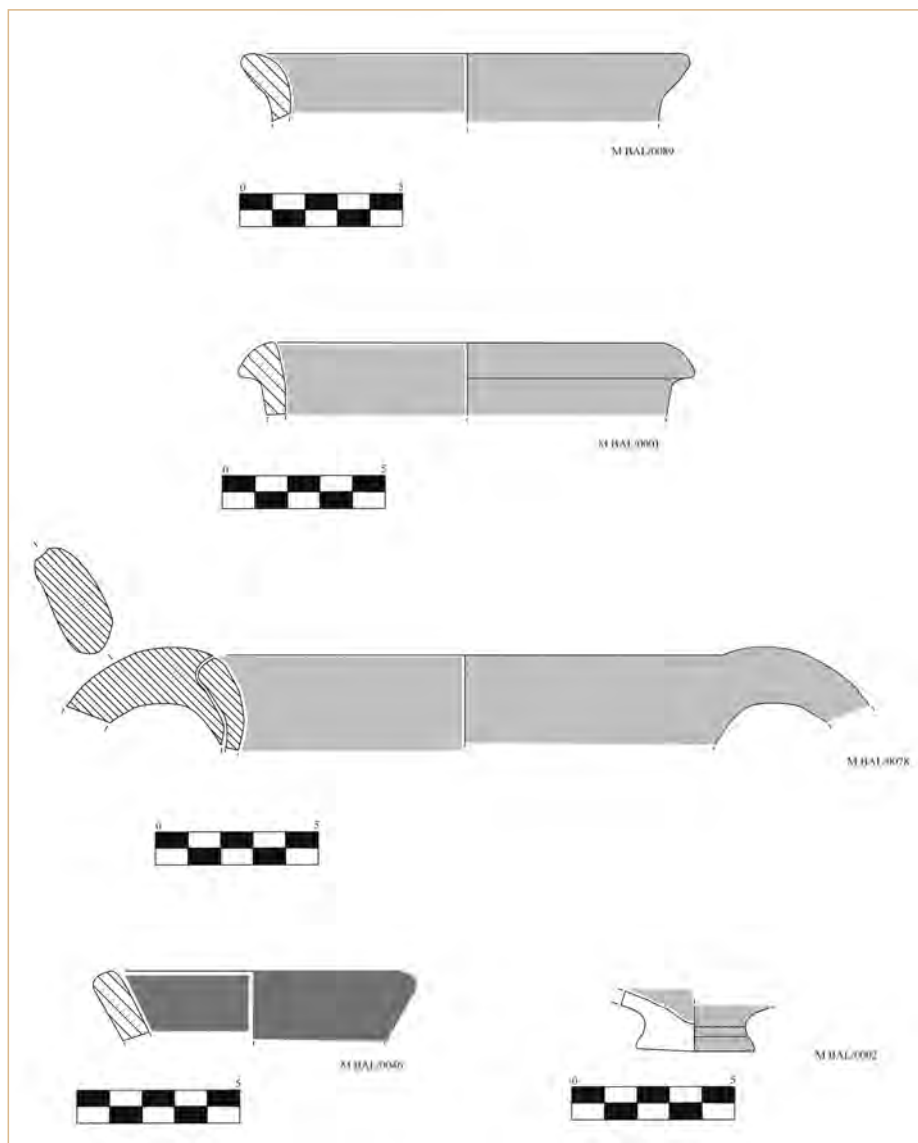
O grupo de loiça de cozinha apresenta uma percentagem relativamente superior, cerca de 30%, que contrasta com a pobreza formal, onde se verifica exclusivamente a presença de panelas, aqui muito representadas, com cerca de 9 exemplares, factor aliás bastante comum no quadro das estações do Bloco 14, onde a variabilidade formal no âmbito dos grupos funcionais cerâmicos é escassa.

Este cenário contrasta claramente no quadro da cerâmica de armazenamento onde se assiste a uma relativa diversidade formal com vários exemplares de

talhas (36,67%), potes (10,00%) e cântaros (3,33%). Ainda no conjunto do vasilhame de armazenamento e transporte, destaca-se a presença embora escassa de uma forma interpretada como *dolia* (3,33%). Como forma funcional individual mais abundante regista-se a talha, com cerca de 36,67% das ocorrências formais.

Se bem que foi possível identificar a funcionalidade dos objectos em percentagem elevada, foi mais difícil precisar o tipo formal a que correspondem os fragmentos encontrados, muitos deles demasiado pequenos para estabelecer paralelismos fiáveis. O fragmento com forma singular mais significativa é uma base de jarrinha (MBAL/0002, ver fig. 4) de pequenas

Fig. 4 – Principais peças.



Fot. 5 – Peça (031)0046, bordo vidrado a verde.

dimensões mas bastante característica pelo reduzido diâmetro da base que é frequente em peças do final da Idade Média e inícios do período moderno, com paralelos, por exemplo, em Évora (TEICHNER & SCHIERL, 2009: fig. 5).

No que respeita às pastas, a maioria dos fragmentos cerâmicos encontra-se agrupada nos grupos de pastas denominados de F1 (pastas de textura granulosa, algo grosseira ou arenosa, de coloração oscilante entre o castanho e o castanho chocolate, 35,19%), G1 (textura igualmente granulosa, algo friável, de coloração cinzento ou cinzento azulada 16,67%), F2 (texturas compactas e foliáceas ou lami-

nosas, de coloração castanha 14,81%) e H1 (texturas granuladas, de coloração preto acastanhada 12,96%). Não obstante, estão igualmente representadas variações de outros tipos de pastas tendo em atenção a relativa escassez numérica de fragmentos totais, o que indica uma grande variação de fabricos representados, como se pode observar no quadro de variações formais/tipos de pasta (ver quadro 3).

Reflectindo exclusivamente na relação coloração/cozedura, verificamos uma predominância das pastas castanhas 51,85%, brancas 9,26% e laranjas 5,56% contra cerca de 11,11% de pastas pretas e cinzentas, 7,41% do total (ver quadro 2), o que demonstra um claro desequilíbrio entre cozeduras oxidantes e reductoras, infra corroborado.

A maioria dos elementos não plásticos (ENP) caracteriza-se por uma combinação de feldspato, mica e quartzo, patente em cerca de 40,74% dos indivíduos, seguida pelas pastas onde o elemento dominante corresponde ao feldspato isoladamente, em cerca de 25,92%. A combinação de elementos não plásticos de quartzo e mica possui uma representatividade de 16,66%. Combinando as variáveis densidade/dimen-

são dos ENP, verificamos que a maior parte apresenta-se com forte densidade e pequena e média dimensão, 48,14%, (ver quadro 4).

Excluindo o material de construção, as cerâmicas exumadas no Monte do Balanco foram, na sua maioria efectuadas com recurso à moldagem em torno rápido (72,22%), contrariamente a outras estações do Bloco 14 onde a predominância do torno rápido não é tão evidente ou mais equilibrada em relação aos demais modos produtivos. Foram igualmente observadas outras técnicas de fabrico comportando a utilização do torneado lento em cerca de 16,67% dos indivíduos e o recurso à moldagem manual em cerca de 9,26%.

Cerca de 81,48% dos materiais recolhidos apresentam cozeduras em atmosfera oxidante, contrastando com as escassas percentagens de cozeduras em ambiente reductor (cerca de 11,11%). Percentualmente menor, está ainda patente a cozedura alternante com cerca de 7,41% dos objectos.

Observando o processo de fabrico e cozedura, verificamos existir, no quadro das produções a torno rápido um claro domínio das cozeduras oxidantes (cerca de 76,31%), em relação aos demais tipos de cozedura.

COR EXTERIOR	COR CENTRO					
	Alaranjada	Castanha	Cinzenta	Preto	Branco	TOTAL
Alaranjada	2		3			5
Rosada			1			1
Castanha	1	28	3		4	36
Cinzenta			4			4
Branco					1	1
Preto		1		6		7
TOTAL	3	29	11	6	5	54

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)											
	AI	CI	C2	FI	F2	F4	G1	G2	H1	H2	H3	TOTAL
Indeterminado		2	1	7	4	2	4	1	2		1	24
Pote				1			2					3
Panela				3					5	1		9
Cântaro							1					1
Talha				7	1		2			1		11
<i>Dolium</i>					1							1
Jarro/jarrinho				1	1			1				3
Tigela					1							2
Taça	1											
TOTAL	1	2	1	19	8	2	9	2	7	2	1	54

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)				
	Alaranjada	Branco	Castanha	Preto	TOTAL
Feldspato			14		14
Feldspato mica			2		2
Feldspato mica quartzo	2		18	2	22
Imperceptíveis		1			1
Mica			1		1
Quartzo			1		1
Quartzo mica			8	1	9
Quartzo mica xisto			1		1
Quartzo xisto			1		1
Feldspato quartzo			1		1
TOTAL	2	1	47	3	54

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	5			5
Torno Lento	9			9
Torno Rápido	29	4	5	38
Indeterminado	1		1	2
TOTAL	44	4	6	54

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

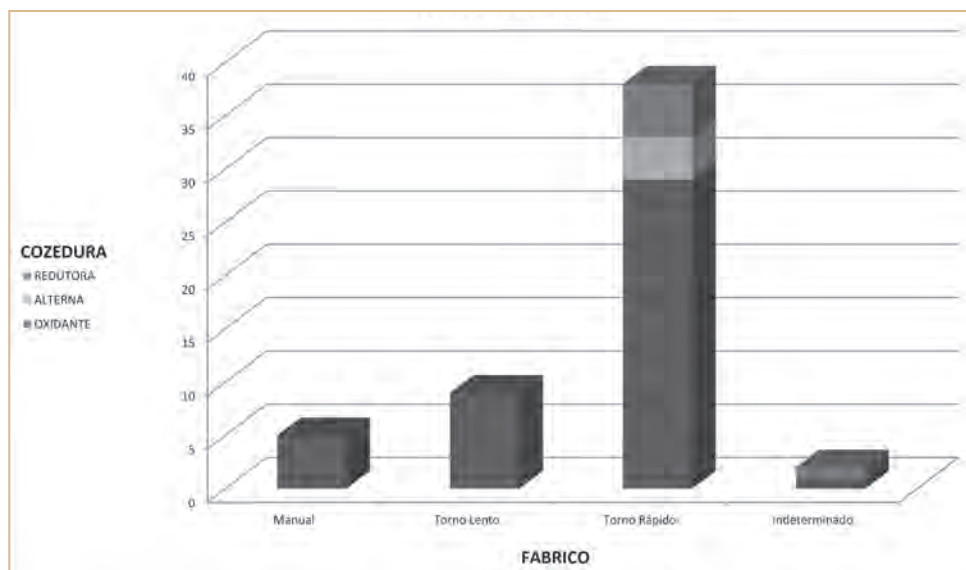


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

Em relação às técnicas de acabamento, é notória uma escassa variabilidade de tratamentos superficiais, onde a grande maioria dos indivíduos apresenta um acabamento alisado combinado no interior e no exterior (94,44%), ocorrendo igualmente materiais com revestimento vítreo em ambas as superfícies (3,85%).

Estes últimos correspondem a formas de loiça de mesa de produção a torno rápido, taças.

A incidência de decorações e padrões/temáticas decorativos é, no conjunto dos materiais do Monte do Balanco, mínima, representada por cerca de 5,56%, manifestando-se tendencialmente na superfície exte-

INTERIOR	EXTERIOR		
	Alisado	Vidrado	TOTAL
Grosseiro	1		1
Alisado	14		14
Sem tratamento	37		37
Vidrado		2	2
TOTAL	52	2	54

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

INTERIOR	DECORAÇÃO EXTERIOR			
	Impressão	V. Monocromo	Não dec.	TOTAL
Vidrado monocromo		1		1
Não decoradas	2		52	52
TOTAL	2	1	52	53

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

rior. O conjunto total de fragmentos de revestimento vidrado em ambas as superfícies apresenta sistematicamente uma decoração monocroma, existindo igualmente a técnica decorativa por impressão (1,85%), patente em formas de armazenagem (*dolia*) com torneado lento.

Em conclusão, o espólio do Monte do Balanco corresponde a um contexto rural, que podemos datar de forma imprecisa entre o final da Idade Média e o início da Época Moderna, com características formais e técnicas (torneados rápidos e acabamentos vidrados) que o aproximam das produções urbanas de Évora, embora ainda estejam presentes alguns aspectos endémicos das produções locais da região (fabricos manuais e de torneado lento).

3.18.4. Conclusão

Como a grande maioria dos demais locais em análise, os resultados da intervenção no Monte do Balanco foram limitados pela destruição provocada pelos trabalhos agrícolas, traduzidos em abundantes vestígios superficiais e escassos restos construtivos preservados.

Da efectiva presença de distintos grupos formais (de mesa, cozinha e armazenagem) depreende-se uma utilização em contexto habitacional do local, ainda que

de características construtivas desconhecidas. Os grupos formais representados inserem-se no padrão dos restantes sítios do Bloco 14, com maior ênfase nas formas de armazenagem.

Contudo, o conjunto do Monte do Balanco parece traduzir um contexto cronológico isolado dos demais sítios, que poderá ser revelador de um modelo de povoamento diverso na margem direita do Degebe em momentos já tardios na época Moderna.

3.19. Monte Roncanito 23

3.19.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio Monte Roncanito 23 foram iniciados em Outubro de 1999³⁶, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

Após um programa inicial de sondagens arqueológicas, comum à maioria dos locais intervencionados, entre Novembro e Dezembro foi estabelecido um plano de intervenção e escavação em área a fim de caracterizar, com maior rigor, o potencial arqueológico do local e aferir a sua cronologia de utilização.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o

³⁶ As distintas intervenções efectuadas no sítio Monte Roncão 10 foram asseguradas pela seguinte equipa: Apresentamos aqui a equipa quer das sondagens quer da escavação em área: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Mário Reis, arqueólogo; António Bairinhas, assistente de arqueólogo; Pedro Canto, Carlos Fona e Vitória Valverde, estagiários; António Garcia Cristino, José Sardinha, José Rito, José Cachaço e Gomes, trabalhadores indiferenciados.



Fig. I – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação dos sectores intervencionados.



Fot. I – Vista geral de enquadramento para este, Sector I.

De acordo com a bibliografia disponível, o sítio Monte Roncanito 23 correspondia ao topo de uma pequena elevação, onde se observava à superfície cerâmica de construção (tijolo e telha) numa área de cerca 200 m² (SILVA, 1996). Estas informações foram confirmadas na fase de prospecção/reavaliação do local, onde foram ainda identificados vestígios de muros em xisto e quartzo.

3.19.2. Trabalhos arqueológicos

Foi efectuado um programa inicial de trabalhos, com a implantação de duas sondagens de diagnóstico nas zonas de maior concentração de vestígios e onde ocorriam grandes pedras de quartzo, que sobressaíam no terreno e dispostas de forma aparentemente rectangular. As mesmas foram georreferenciadas à rede geodésica nacional. A estratigrafia revelou-se comum às duas áreas escavadas:

número de inventário da EDIA n.º 95292, como um habitat de cronologia medieval/moderno.

O Monte Roncanito 23 localizava-se no topo de uma pequena elevação aplanada, algo irregular, virada a uma linha de água sazonal. A sua localização, relativamente à área envolvente, permite um bom domínio da paisagem, bem como um fácil acesso ao Rio Guadiana.

3.19.2.1. Estratigrafia

3.19.2.1.1. Sondagens 1 e 2

U.E.1 – Terra vegetal de superfície com terras castanhas escuras, húmusas e soltas, com pedras de xisto e quartzo de pequeno e médio calibre.

U.E.2 – Terra castanha clara pouco compacta, com pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

3.19.2.1.1.1. Interpretação

Na Sondagem 1 a decapagem da U.E.1 permitiu uma melhor definição do muro pétreo detectado à superfície (Muro A). Composto por pedras de xisto de grande e médio calibre bem imbricadas entre si, o muro apresentava-se bastante danificado por uma raiz. Possuía uma orientação sudeste/noroeste e media aproximadamente 1,8 m de comprimento e 0,80 m de largura.

Foi também identificado um grande derrube composto por abundante cerâmica de construção e pedras de xisto de pequeno e médio calibre. Algumas telhas, muito fracturadas, apresentavam decoração digitada em caneluras.

O desmonte deste derrube de material de construção e pedras de xisto de médias e grandes dimensões, desordenadas, permitiu a definição total do muro em questão. Sob este não se registou qualquer nível de pavimento, apenas um nível de terra semi-compacta, que, para além de pequenas pedras de xisto e quartzo, continha ainda pequenos fragmentos de telha.

Apesar do grau de destruição observado não permitir avaliar o tipo de estrutura identificada, a presença de grande quantidade de cerâmica de construção de fabrico e composição diversa, bem como das formas



Fot. 2 – Sondagem 2, plano final, vista para norte.

cerâmicas identificadas, evidenciaram a presença de uma estrutura habitacional.

A Sondagem 2 incidiu sobre uma outra estrutura de contornos rectangulares e dimensões superiores, que seguia uma orientação sudoeste/nordeste. No seu interior era visível uma grande concentração de pedras de xisto e quartzo de médio e grande calibre, dispostas desorganizadamente, sugerindo um derrube da própria estrutura. A sua remoção permitiu identificar com clareza os muros que a compunham: no limite noroeste foi identificado o Muro B, composto por pedras de xisto e quartzo de médio e grande calibre ligadas com terras castanhas argilosas, com cerca de 3 m de comprimento e 0,60 m de espessura e o Muro C, idêntico ao anterior, no limite sudeste da sondagem e de dimensões aproximadas.

A escavação do espaço interior desta estrutura permitiu observar o estado de relativa conservação dos mesmos, com um alçado preservado de 0,40 m, não se tendo identificado qualquer vestígio de um nível de pavimento até ao afloramento rochoso. Não obstante, este espaço apresenta uma largura demasiado pequena para se tratar de um espaço habitacional. A sua forma aparentemente rectangular, com uma largura de cerca de 1,8 m e um comprimento ainda não definido, sugerem, em contrapartida, um eventual local de armazenagem de produtos e ou/animais que estaria associado à estrutura de habitat identificada na Sondagem 1.

Face aos dados obtidos no programa de sondagens foi estabelecida uma intervenção em área para o local.

3.19.2.1.2. Intervenção em área

A desmatação total da área que apresentava potencial arqueológico permitiu distinguir três sectores bem delimitados, onde os vestígios das estruturas eram visíveis à superfície: o Sector 1, englobando a Sondagem 2 e a totalidade dos vestígios da estrutura aí identificada; o Sector 2 que definia a estrutura posta a descoberto nos trabalhos levados a cabo na Sondagem 1; e o Sector 3, a norte do Sector 1, que cobria toda uma área de vestígios posta a descoberto pela desmatação efectuada.

3.19.2.1.2.1. Sector 1

No Sector 1, a estratigrafia observada apresentava genericamente três camadas:

U.E.1 – Fina camada vegetal de superfície com terras castanhas escuras, húmusas e soltas, com pedras

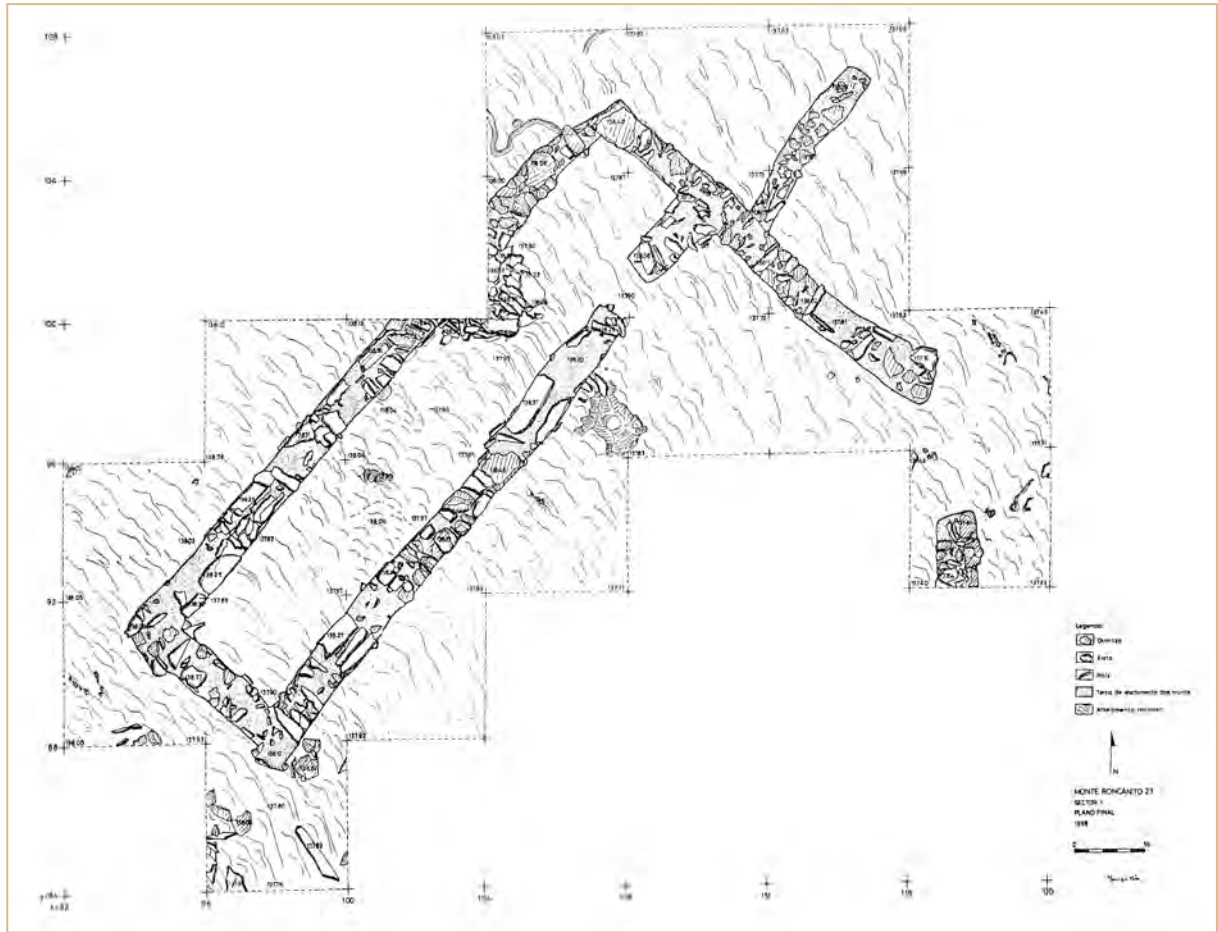
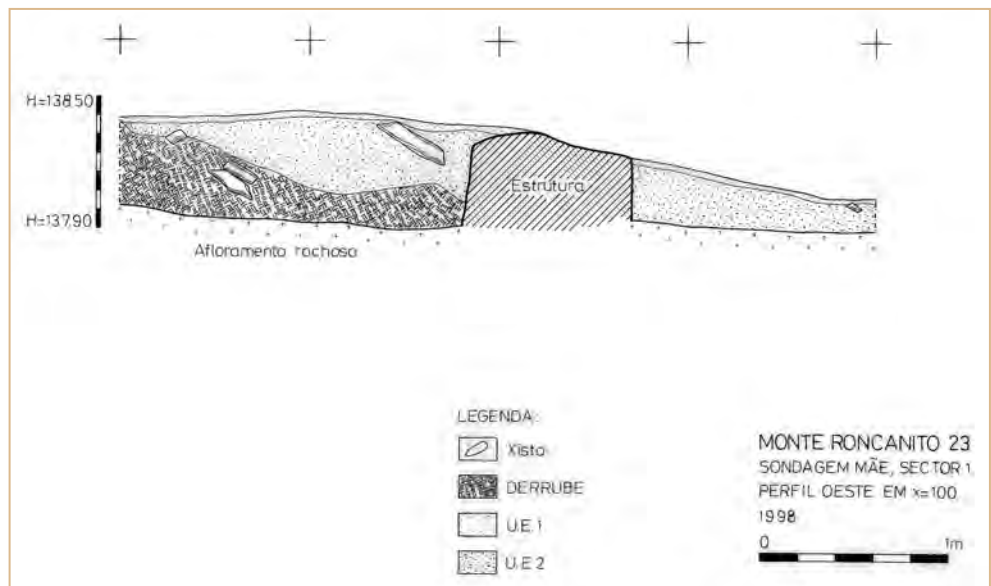


Fig. 2 – Sector I, plano final.

Fig. 3 – Sondagem 2, perfil estratigráfico oeste, em $x=100, y=92$ a 100 (ver fig. 2).



de quartzo e xisto de pequeno e médio calibre. A sua espessura não ultrapassava os 5 cm.

U.E.2 – Terras castanhas claras, pouco compactas com pedras de xisto e quartzo de pequeno calibre. A sua profundidade, regra geral não ultrapassava os 0,15/0,20 m de espessura.

A U.E.2 abrangia a quase totalidade do potencial arqueológico, sendo que a presença do derrube identificado no interior da estrutura, alterava ligeiramente o seu grau de compactação e/ou espessura. Era notória a sua heterogeneidade nos quadrados que correspondiam ao interior da estrutura.

U.E.3 – corresponde ao afloramento xistoso. Este era visível à superfície do terreno em diversas áreas da plataforma, como entre os Sectores 1 e 3, atestando a fraca potência estratigráfica do local.

3.19.2.1.2.1.1. Interpretação

Com a escavação em área, definiu-se um conjunto de realidades estruturais compostas por diferentes espaços, com enfoque para a área observada na Sondagem 2, de planta rectangular e construção em aparelho pétreo de xisto e quartzo, definida como Ambiente 1.

3.19.2.1.2.1.1.1. Ambiente 1

Neste espaço destacava-se uma área de cerca de 26 m², com os muros divisórios construídos com blocos de xisto e quartzo faceados e dispostos em cunha, ocasionalmente travados, colmatados com terras argilosas e avermelhadas muito compactas e um enchimento de elementos pétreos menores, que se encontravam conservados em cerca de duas a três fiadas, observando uma espessura de 0,50 m.



Fot. 3 – Área norte do Sector 1, plano final: vista para sudeste, sendo visível o vão de acesso ao interior da estrutura (Ambiente 1).

O acesso ao Ambiente 1 era efectuado a este, por um vão natural no Muro B, com cerca de 0,70 m de largura, sem vestígios de soleira. Permitia a circulação entre o Ambiente 1 e uma outra estância contígua, designada como Ambiente 2. A sua orientação sudoeste/nordeste, era já evidente, destacando ainda a presença de outras estruturas adossadas, em particular o muro numerado como 4, que continuava na direcção sudeste e demonstra que esta estrutura é apenas um compartimento de uma estrutura mais complexa.

No seu interior, não foi detectado qualquer tipo de pavimento e circulação, destacando-se apenas o nível de derrube pétreo, mais evidente no interior deste espaço e directamente sobre o afloramento rochoso, tal como a construção dos próprios muros. No caso do Muro 1, este parece ter sido mesmo preparado e/ou desbastado, registando-se um desnível existente no tecido rochoso utilizado para a construção da estrutura.

Esta ausência de estruturas de nivelamento/circulação ou pisos poderá ter estado, eventualmente, relacionada com uma funcionalidade da própria estrutura, na qual também não se registou significativa presença de materiais cerâmicos, argumentando em favor de uma eventual função de armazenamento de produtos agrícolas ou de animais em detrimento de uma função habitacional.

3.19.2.1.2.1.1.2. Ambiente 2

Este correspondeu a uma segunda área definida a este do Ambiente 1, intuída pela presença do Muro 4 e de um pequeno troço de muro detectado a este, de traçado irregular.

Dada a escassez de vestígios, foi impossível obter uma leitura dos seus contornos e dimensões, ainda que a título de hipótese, pudesse corresponder a uma área de circulação e distribuição funcional no quadro do conjunto estrutural.

De igual modo, o mesmo Muro 4 deixa antever, para norte a existência de outras áreas, cuja destruição não permitiu caracterizar.

3.19.2.1.2.2. Sector 2

Neste sector a estratigrafia observada compreendeu genericamente três camadas:

U.E.1 – Terra vegetal de superfície com terras castanhas escuras, húmidas e soltas, com pedras de quartzo e xisto de pequeno e médio calibre. A sua espessura não ultrapassava os 4/5 cm.

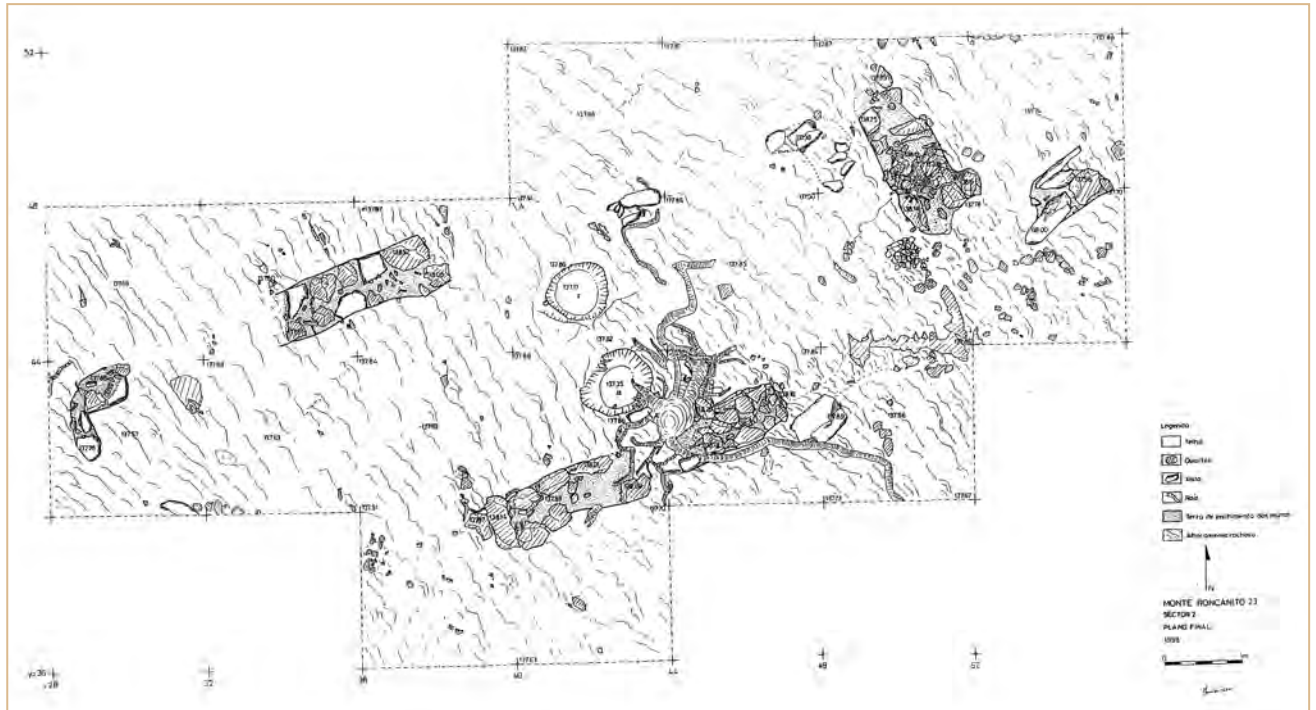


Fig. 4 – Sector 2, plano final.



Fot. 4 – Sector 2, plano final, vista geral para este.

U.E.2 – Terras castanhas claras, pouco compactas com pedras xisto e quartzo de pequeno calibre. A sua profundidade, regra geral não ultrapassava os 0,15/0,20 m de espessura, abrangendo a quase totalidade do potencial arqueológico.

U.E.3 - Afloramento xistoso.

3.19.2.1.2.2.1. Interpretação

Foi identificada, neste sector, a presença de estrutura negativas do tipo silo, com uma estratigrafia

própria, resultante do seu processo de entulhamento, analisados aquando da sua descrição.

A escavação deste sector permitiu observar os vestígios de um outro espaço de planta aparentemente rectangular, muito destruído e definido como Ambiente 3.

3.19.2.1.2.2.1.1. Ambiente 3

Este era formado por muros compostos por pedras de xisto e quartzo de calibre diverso bem faceadas e dispostas em cunha, colmatadas por terras argilosas e apresentava uma orientação sudeste/noroeste, com alçados preservados na ordem dos 0,20 a 0,40 m e espessura de 0,60 m.

Esta estrutura, composta pelos Muros 1, 2, 3 e 4, estava construída sobre o afloramento rochoso, onde era visível alguma preparação/regularização, relacionada com a sua implantação.

No seu interior, foi identificado um grande derrube composto por concentração de cerâmica de construção, bem como por pedras de xisto de pequeno e médio calibre que cobriam o afloramento rochoso (U.E.2). Com a definição deste último, foram observadas duas estruturas negativas, do tipo silos: o primeiro definido por uma moldura de pedras de xisto imbrica-

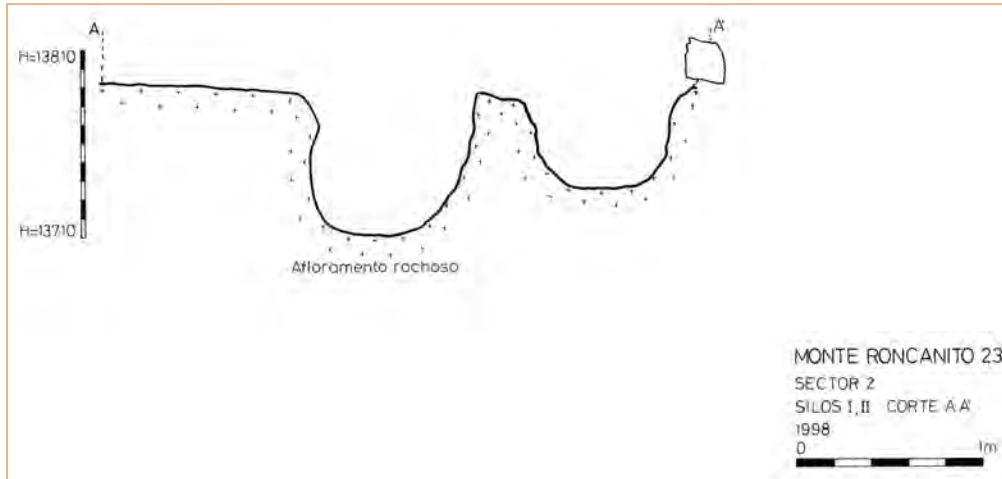


Fig. 5 – Sector 2, corte A, A' dos Silos I e II (ver fig. 4).



Fot. 5 – Silo I, pormenor do enchimento.



Fot. 6 – Silos I e II, após a escavação.

das verticalmente, que compunham a boca de estrutura (Silo I) e um segundo (Silo II), na zona central do espaço interior do A3.

O Silo I apresentava uma secção semi-circular, com um diâmetro de boca de 0,80 m, escavado no afloramento rochoso, que ia estreitando à medida que aprofundava, atingindo 0,90 m. Encontrava-se preenchido por dois níveis sedimentares diferenciados, compostos, na sua quase totalidade, por pedras de xisto e quartzo de pequeno, médio e grande calibre: um primeiro estrato correspondia ao interface entre a U.E.2 definida sobre o afloramento rochoso do interior da estrutura e a boca do silo; sob este definiu-se a U.E.4, um nível de enchimento da estrutura de coloração castanho acinzentada, com pequenos fragmentos de xisto e material pétreo diverso e finalmente a U.E.5, composta por terras cinzentas claras, soltas, resultantes do processo de deterioração/alteração do afloramento xistoso.

O Silo II era tipologicamente semelhante ao anterior, com cerca de 0,80 m de diâmetro de boca

e uma profundidade máxima 0,45 m. Encontrava-se ligeiramente destruído pelas raízes de uma grande árvore. Aqui apenas se detectou um nível de enchimento, composto quase na sua totalidade por pedras de xisto e quartzo de pequeno, médio e grande calibre. Sob a U.E.2, que enchia parcialmente a boca do silo, encontrava-se a designada U.E.4, composta por terras de cor castanha acinzentada, resultantes do processo de deterioração/alteração do afloramento xistoso. Também aí o espólio correspondeu a alguma cerâmica, escassamente representada.

3.19.2.1.2.3. Sector 3

Também neste Sector 3 a estratigrafia observada possuía genericamente três camadas:

U.E.1 – Terra vegetal de superfície com terras castanhas escuras, húmidas e soltas, com pedras de quartzo e xisto de pequeno e médio calibre. A sua espessura não ultrapassava os 5 cm.

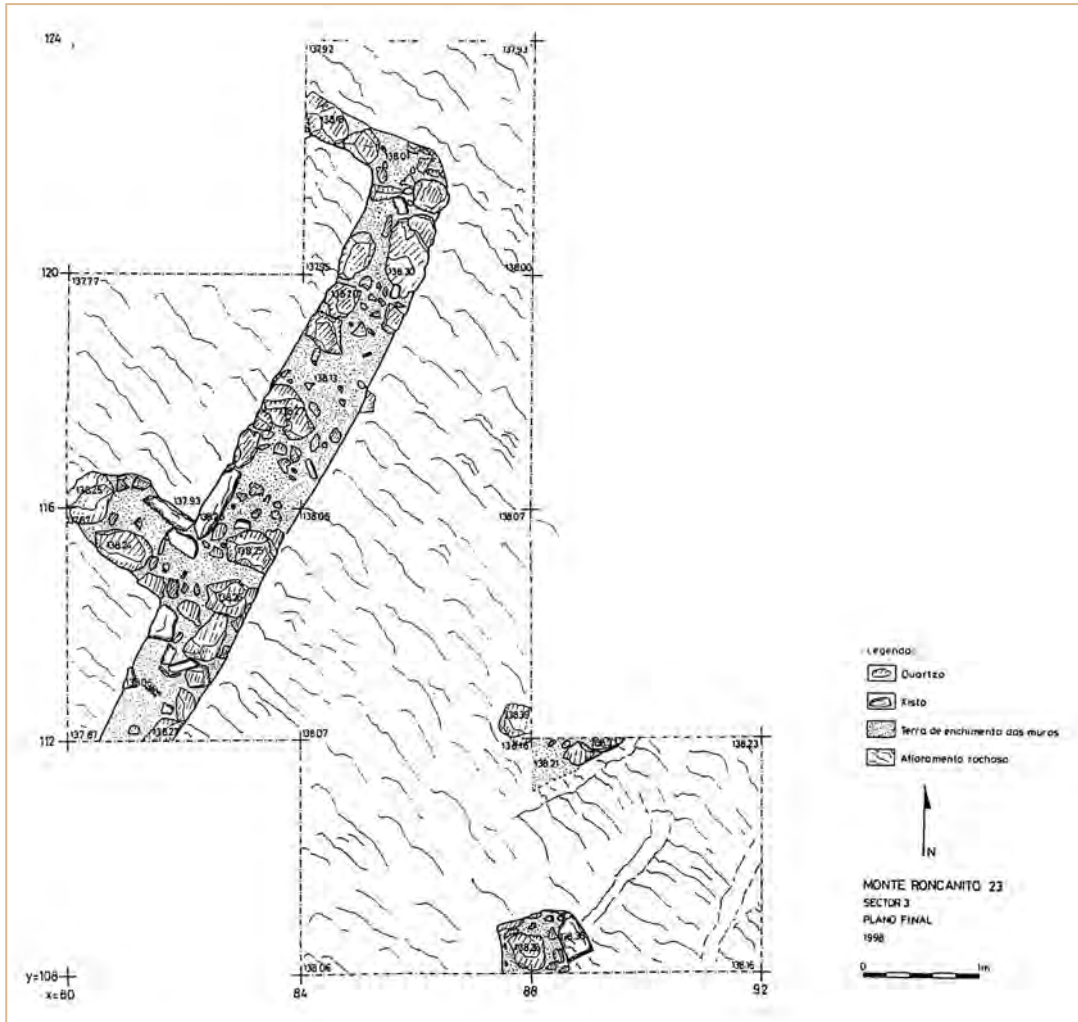


Fig. 6 – Sector 3, plano final.



Fot. 7 – Sector 3, plano final, vista para sul.

U.E.2 – Terras castanhas claras, pouco compactas e algo heterogéneas, com pedras xisto e quartzo de pequeno calibre. A sua profundidade, não ultrapassava os 0,15 m de espessura.

U.E.3 - Afloramento xistoso.

3.19.2.1.2.3.1. Interpretação

A intervenção levada a cabo no Sector 3 permitiu a definição parcial dos vestígios de uma nova estrutura, muito destruída, cuja forma arquitectónica não foi possível identificar. Era formada por quatro muros compostos por pedras de xisto e quartzo de calibre diverso.

Já à superfície, eram evidentes os vestígios de uma estrutura no sector em questão. Com a definição

da U.E.2 foi detectado um grande derrube composto por pedras de xisto e quartzo de calibre diverso, alguns fragmentos de cerâmica de construção e terra que cobria o afloramento xistoso e que permitiu definir um muro (Muro 1) com uma orientação sudoeste/nordeste, que media cerca de 5,6 m de comprimento, 0,60 m de espessura e aproximadamente 0,35 m de altura.

Foram também definidos os Muros 2 e 3, este

último muito destruído, que constituía o fecho e/ou esquina da estrutura a noroeste e o Muro 4, de orientação sudeste/nordeste, sem conexão aparente com os restantes muros identificados.

A área definida apresentava cerca de 9 m², revelando-se profundamente destruída e afectada pela lavoura, destacando-se, contudo, a sua correlação com as estruturas dos Sectores 1 e 2.

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS							
	0	1	2	4	5	23	2, 3	Total
Indeterminado	8	6	129	8	4		1	156
Talha			1					1
Pote		1	5					6
Cântaro			2					2
Panela			4	1				5
Pote/púcaro						1		1
Alguidar	1							1
Contentor			2					2
Púcaro/panelinha		1	1					2
Jarra/jarrinha		1	3					4
Tigela			1					1
Tampa			1					1
Tégula			2					2
Imbrex		5	21	1	1		1	29
Telha	3		18	3				24
TOTAL	10	14	190	9	4	1	2	237

Quadro I – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

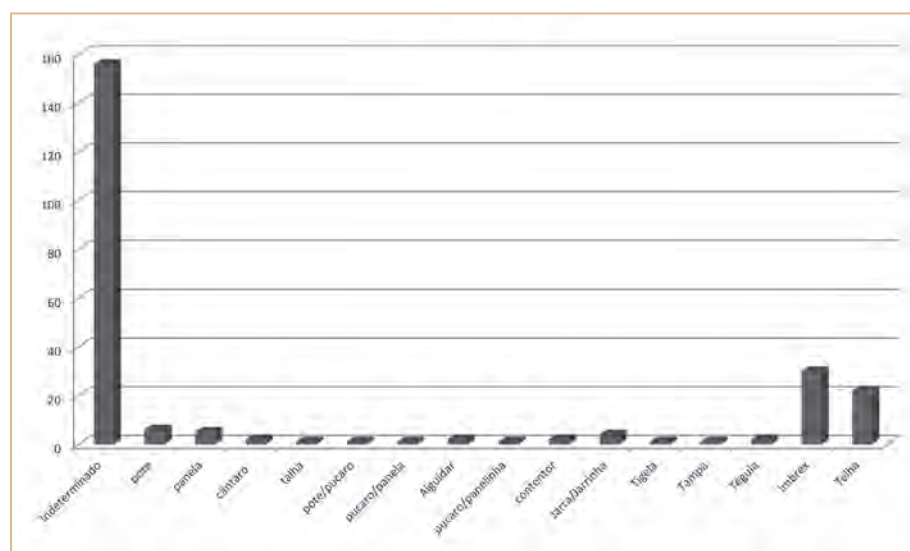


Gráfico I – Formas funcionais.

3.19.3. Estudo do espólio

Nesta estação, foram registadas 346 entradas que correspondem a um número máximo de 237 indivíduos, maioritariamente exumados na U.E.2, onde se concentraram 84% dos materiais. Deparamo-nos com um número importante de peças muito fragmentadas e com uma notável presença dos materiais de construção (55 telhas, que representa o 23,40% do total das cerâmicas). No vasilhame restante, as formas não identificadas são o maior conjunto (85,56%). Dentro das identificadas, a forma funcional mais representada é o pote (23%), seguido da panela (19%) e da jarra/jarrinha (15%). A seguir encontramos os contentores e os cântaros (8%). Em menor proporção, encontramos a talha, o alguidar, o pote/púcaro, o púcaro/panela e a tigela (um exemplar de cada uma delas). Deste modo, podemos indicar que é notavelmente superior a representação de formas destinadas ao armazenamento, tais como os potes, os cântaros, os contentores e as talhas. Segue-se as formas de serviço de mesa, contrastando com a escassa representação da cerâmica de cozinha, ao invés do que seria de esperar.

A fragmentação dos objectos dificulta a identificação de tipos específicos. No entanto, é possível reconhecer um tipo peculiar de pote de grandes dimensões com uma forma invulgar de colo troncocónico, sem ruptura com o corpo, e com as asas a arrancar do ombro. O paralelo formal mais próximo encontra-se na Casa do Infante do Porto, revestido de vidro de chumbo, datado dos séculos XVI-XVIII (BARREIRA, DÓRDIO & TEIXEIRA, 1998: 166, fig. 39). Esta forma também guarda alguma semelhança com peças dos séculos XVI-XVII de Silves (GOMES, 2008: fig. 9).

Mais vulgar é o tipo de alguidar presente na amostra, que podemos encontrar em praticamente todos os sítios de época moderna, e a tigela que corresponde a uma forma hemisférica de bordo engrossado com paralelo em Palmela no século XVII (FERNANDES & CARVALHO, 1998: 192) e na Ria de Aveiro em meados do século XV (ALVES & *alii*, 1998:192).

No que respeita às pastas (ver quadros 2, 3 e 4), se excluirmos o material de construção, as mais frequentes apresentam tom alaranjado no exterior (35%) com predomínio das que combinam com cor cinzenta no cerne (26,11%), seguidas das acastanhadas ao exterior e cinzentas no cerne (22,22%). Os elementos não plásticos (ENP) mais abundantes são os feldspatos e

as suas diversas combinações: feldspato-mica-xisto, (33,33%), feldspato-mica-quartzo (26,11%), e feldspato-mica (18,89%). O resto dos ENP aparece com uma percentagem muito similar, mas notavelmente inferior aos anteriores. ferrosos e feldspato isolado 3,33%.

A técnica de fabrico dominante (ver quadro 5), excluindo o material de construção que foi sempre fabricado mediante molde, é o torneado rápido, presente em 68,68% dos fragmentos, em contraste com o torneado lento (11,54%), e o fabrico manual (17,58%). O fabrico a molde é residual com um 0,01% do conjunto total. No que diz respeito às cozeduras, predomina a cozedura alternante ou irregular que encontramos em 61,54% dos exemplares seguida da oxidante (26,37%) e, por último, a redutora (12,09%). Combinando estes dois aspectos, logicamente dominam os fabricos a torneado rápido com cozeduras irregulares ou que combinam a oxidação e a redução (45,6%).

A elevada percentagem de fragmentos não identificados dificulta a correcta correlação entre técnicas de fabrico e formas. No entanto, podemos destacar a coincidência de fabricos manuais e de tornado lento com formas de armazenamento e transporte (contentores, potes e cântaros).

No conjunto do vasilhame, predomina de forma absoluta o acabamento com simples alisamento que aparece na face exterior num 97,78% dos objectos, e numa percentagem elevada combinando com acabamentos grosseiros no interior. Merecem especial referência a presença de dois objectos que apresentam espatulado no interior, um objecto que foi vidro também no interior, e outro que apresenta uma aguada no exterior.

Quanto à decoração, encontra-se representada de forma diminuta, 1,67% em todo o vasilhame. Os fragmentos decorados correspondem a um alguidar de pasta avermelhada com aplicações plásticas no exterior, uma tigela com vidro monocromático no interior de pasta alaranjada, e um fragmento indeterminado com decoração de caneluras.

Em resumo, o conjunto pode datar-se, de forma aproximada, na Época Moderna, entre os séculos XVI e XVIII, com características técnicas próprias de um meio rural que utiliza objectos fruto de produções locais ou regionais, onde ainda são significativos os contentores fabricados com técnicas toscas, pouco elaboradas. No entanto, alguns artefactos atestam a influência de meios urbanos, mesmo que de forma reduzida.

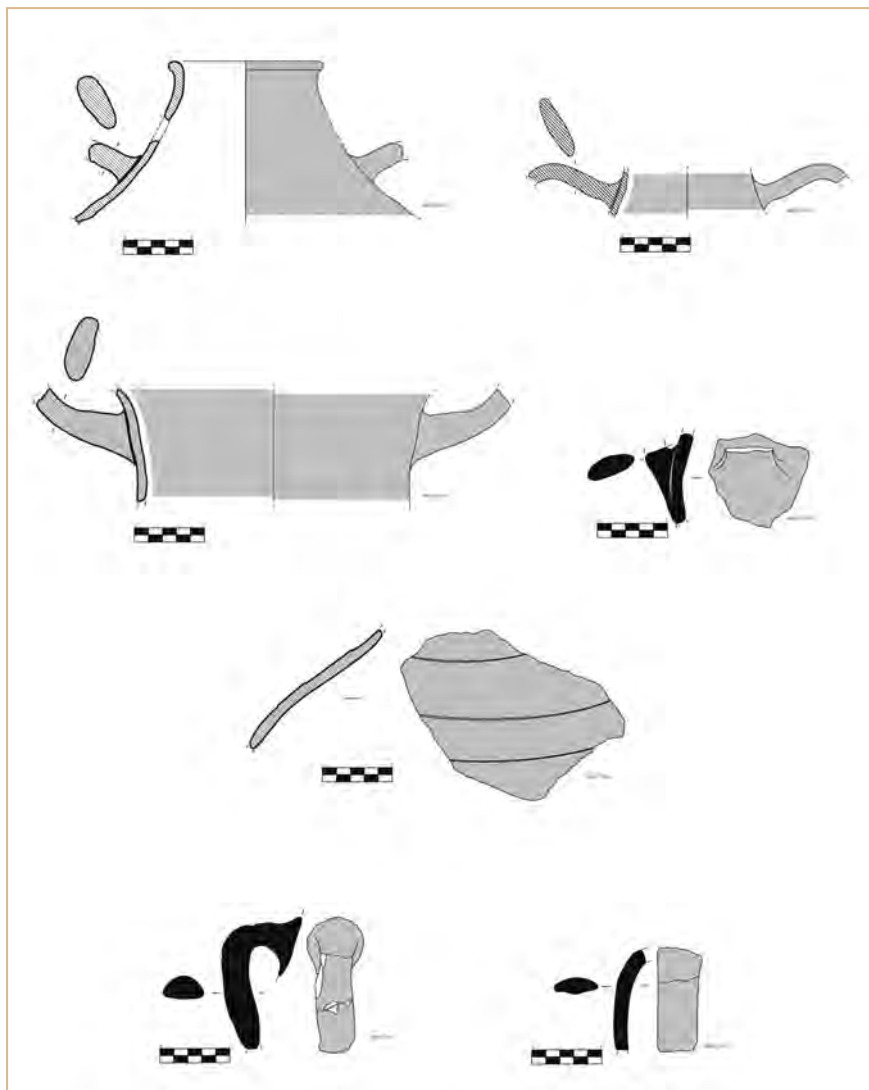


Fig. 7 – Principais peças: potes e cântaros.

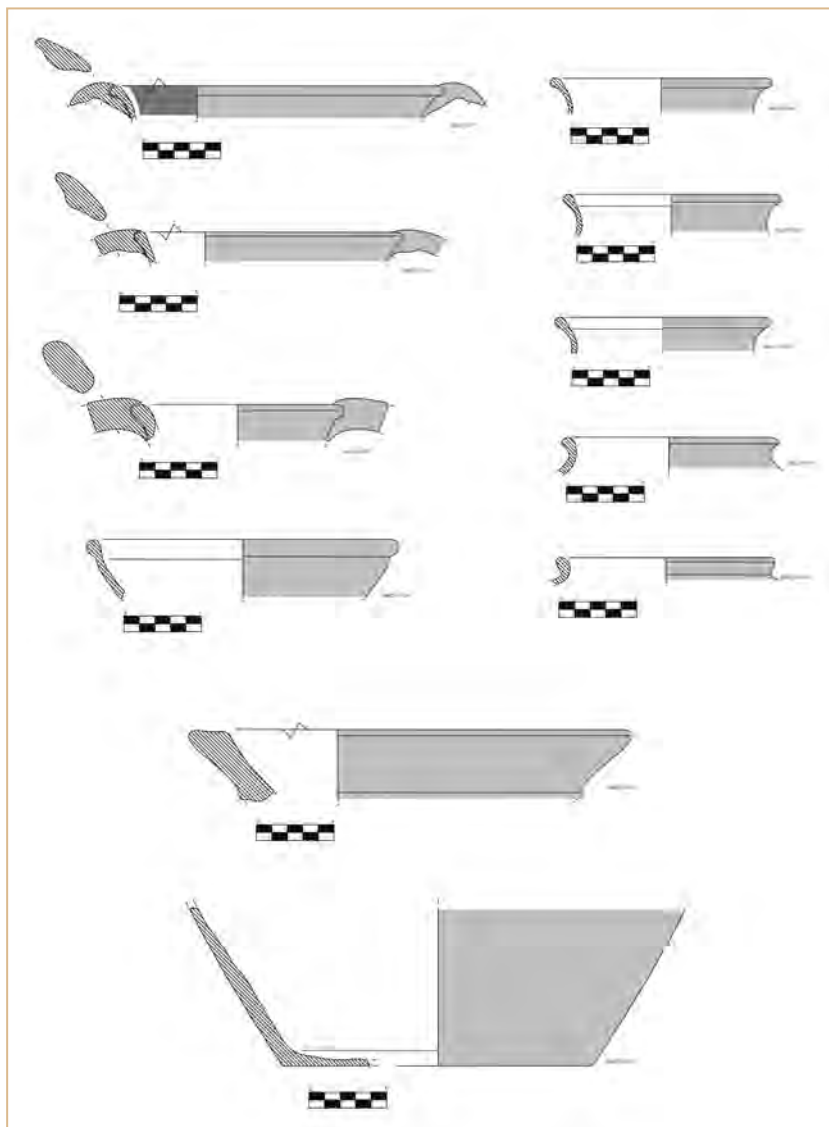


Fot. 8 – Peça (10)0009, pança de eventual pote, decorada com incisões (ver fig. 7).



Fot. 9 – Peça (10)0031, asa de jarra/jarrinha de pasta bege.

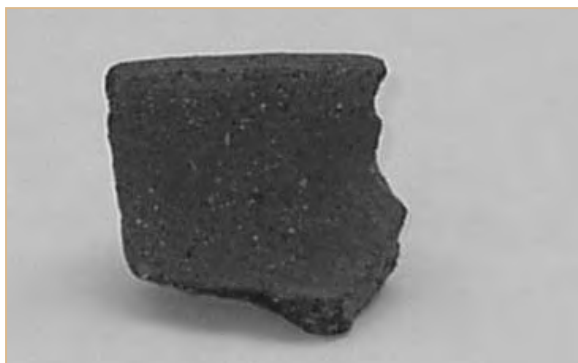
Fig. 8 – Principais peças: potes, púcaros, panelas e taças.



Fot. 10 – Peça (10)0129, fragmento de bordo de pote (ver fig. 8).



Fot. 11 – Peça (10)0068, fragmento de bordo de pote/púcaro proveniente do Silo II (ver fig. 8).



Fot. 12 – Peça (10)0244, fragmento de bordo de púcaro/panelinha (ver fig. 8).



Fot. 13 – Peça (10)0326, fragmento de bordo de taça, com vidroado interno e sobre o bordo (ver fig. 8).

COR EXTERIOR	COR CENTRO						TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	
Bege	12						12
Alaranjada		9	3	4	48		64
Vermelha		1	25	2	18		46
Castanha		1	6	3	40	1	51
Cinzenta					6	1	7
Preto						1	1
TOTAL	12	11	34	9	112	3	181

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR / TEXTURA)																			TOTAL
	B2	C1	C2	D2	E1	E2	E3	E4	F1	F2	F3	F4	G1	G2	G3	G4	H2	H3		
Indeterminado	9	3	6	1	7	16	5	7	2	2		3	16	54	4	20		1	156	
Pote													3	3					6	
Panela				1										3			1		5	
Cântaro														2					2	
Talha										1									1	
Pote/púcaro														1					1	
Púcaro/panela														1					1	
Alguidar								1						1					2	
Púcaro/panelinha														1					1	
Contentor																2			2	
Jarra/jarrinha	3												1						4	
Tigela											1								1	
Tampa																	1		1	
Tégula		2																	2	
Imbrex		29							1										30	
Telha		16	1		1				2				2						22	
TOTAL	12	50	7	2	8	16	5	8	5	3	1	3	22	66	4	22	2	1	237	

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)						
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Feldspato		2	1	3			6
Feldspato mica		8	6	2	1		17
Feldspato xisto				1			1
Feldspato mica xisto	5	20	19	14	2		60
Feldspato mica quartzo	5	18	5	14	3	1	46
Feldspato mica min. ferrosos		1		2			3
Feldspato min. ferrosos	1	1		2			4
Feldspato min. ferrosos xisto		1		3			4
Feldspato mica xisto min. ferrosos		2	3	4			9
Mica quartzo xisto	1	3	4	1	1		10
Mica		3					3
Mica quartzo			4				4
Mica xisto		2	1	1			4
Quartzo calcário mica xisto				1			1
Quartzo mica min ferrosos		2	2	2			6
TOTAL							181

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA				
	OXIDANTE	ALTERNA	IRREGULAR	REDUTORA	TOTAL
Manual	7		16	8	31
Torno Lento	3		13	5	21
Torno Rápido	34	11	72	8	125
Rolo				1	1
Indeterminado	3				3
TOTAL	47	11	101	22	181

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura (excluindo material de construção) .

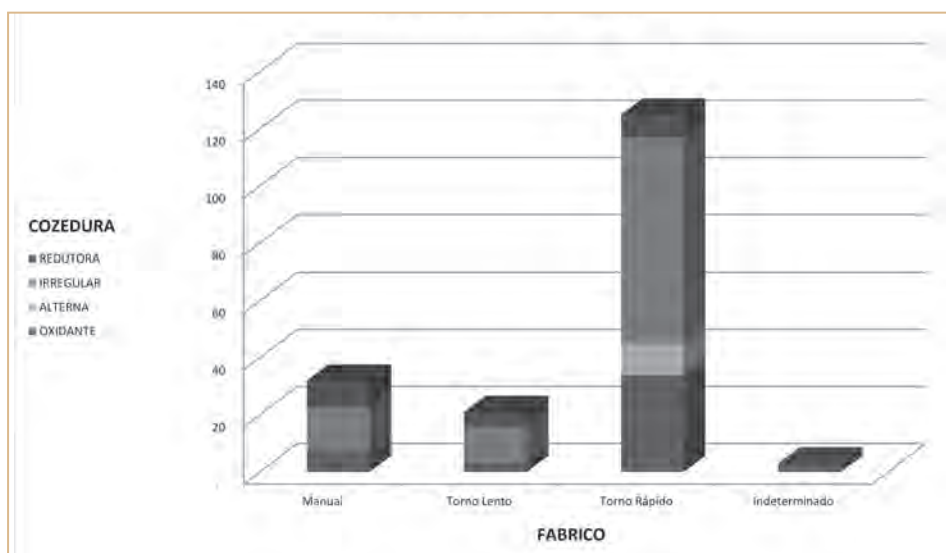


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR			
	Grosseiro	Alisado	Aguada	TOTAL
Grosseiro		5		5
Alisado	1	59	1	61
Espatulado		2		2
Sem tratamento	2	110		112
Vidrado		1		1
TOTAL	3	177	1	181

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

FORMA FUNCIONAL	DECORAÇÃO EXTERIOR			
	Caneluras	Aplicações plásticas	Não dec.	TOTAL
Indeterminado	1		153	154
Pote/púcaro			1	1
Talha			1	1
Pote			6	6
Cântaro			2	2
Panela			5	5
Púcaro/panela			1	1
Contentor			2	2
Alguidar		1		1
Púcaro/panelinha			1	1
Jarra/jarrinha			4	4
Tigela			1	1
Tampa			1	1
Tégula			2	2
Imbrex			29	29
Telha			24	24
TOTAL	1	1	233	237

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

3.19.4. Conclusão

Apesar de integrarem a mesma realidade ocupacional, o conjunto de estruturas escavadas no sítio Monte Roncanito 23 parece traduzir uma especialização funcional das construções observadas nos distintos sectores. Assim, a estrutura identificada no Sector 1 parece ter correspondido a uma estrutura secundária, provavelmente usada para o armazenamento de produtos agrícolas e/ou animais, que estaria intimamente ligada/dependente do espaço observado no Sector 2.

Considerou-se nessa área a existência de uma estrutura de cariz habitacional, dadas as suas dimensões e a presença de outras estruturas secundárias como os silos. A grande quantidade de telha decorada exumada e o restante espólio cerâmico recolhido, sugerem,

apesar da estratigrafia revolvida, uma ocupação permanente, relativamente ao observado nos outros sectores e sítios.

Relativamente aos vestígios da estrutura identificada no Sector 3, não nos é possível avançar para uma análise mais pormenorizada. A exiguidade dos vestígios bem como a reduzida área escavada (apenas nove quadrados) não nos permitem sequer avançar para uma interpretação da sua funcionalidade e correlação com as estruturas identificadas nos Sectores 1 e 2, atendendo contudo à sua efectiva relação com as demais áreas e fazendo parte deste pequeno complexo agrícola, cuja ocupação e destruição parecem estar bem delimitadas num curto espaço de tempo, situados entre os séculos XVI e XVIII, sendo mais provável uma cronologia do século XVII.

3.20. Monte Tapada 40

3.20.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio designado como Monte Tapada 40 foram efectuados em finais de Junho de 2000³⁷, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Alqueva, concelho de Portel, Distrito de Beja, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95175, como um habitat de cronologia medieval.

Numa das vertentes de um vale muito suave junto a uma linha de água pouco cavada, localizou-se numa pequena plataforma, onde se situa um muro em taipa que rodeava o Monte da Tapada, um conjunto de fragmentos de cerâmica comum e de construção, nomeadamente telha que indiciava aí a existência de uma ocupação.

A área envolvente, pouco arborizada, é uma área onde o pasto é alto, revelando algum abandono do uso do solo.

De acordo com a bibliografia disponível, a descrição do sítio Monte da Tapada 40 indicava que numa área de cerca 150 m² encontravam-se à superfície vestígios de cerâmica de construção e comum (SILVA, 1996). Estas informações foram confirmadas na fase de prospecção/reavaliação do local, onde foram ainda identificadas pedras de quartzo e xisto de calibre diverso.



Fig. 1 – Localização na CMP 501 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.

³⁷ O trabalhos arqueológicos foram assegurados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Fernanda Boto, arqueóloga que assegurou os trabalhos de campo; Vitória Valverde e Carlos Fona, licenciados em História; Bruno Cintra, estudante; António Garcia Cristino, José Rito e José Sardinha trabalhadores indiferenciados. Topografia de Carlos Picaró.



Fot. 1 – Enquadramento paisagístico da área da intervenção, sendo visível a norte o então arruinado Monte da Tapada.

3.20.2. Trabalhos arqueológicos

No reconhecimento e reavaliação do sítio, como já foi referido, verificou-se existir uma área situada numa plataforma onde se detectou uma maior concentração de cerâmica, pelo que se optou por intervir no local devido à topografia favorável e onde foram implantadas cinco sondagens de 2x2 m. Inicialmente procedeu-se à desmatação e limpeza da área.

A potência estratigráfica detectada foi escassa, apresentando genericamente três unidades estratigráficas, com cerca de 0,15 a 0,30 m de espessura no seu todo.

Durante a escavação foi detectado um conjunto de muros que foram delimitados evidenciando a existência de uma estrutura eventualmente de uso habitacional, dada a quantidade e qualidade do espólio cerâmico recolhido.

A área encontrava-se coberta de pasto alto e alguns arbustos. Depois de uma prospeção realizada na zona envolvente, e perto de um muro em taipa aí existente, optou-se por abrir três sondagens numa área onde se encontrou alguma cerâmica, embora existisse alguma possibilidade desta ser proveniente do referido muro que apresentava desmoronamentos. Iniciaram-se os trabalhos com a escavação das Sondagens 1 e 2.

3.20.2.1. Estratigrafia

3.20.2.1.1. Sondagens 1 e 3

U.E.1 – Terras castanho-alaranjadas, soltas e húmosas com uma espessura média de 2 cm. A camada mais superficial encontrava-se totalmente coberta de pasto.

U.E.2 – Terras de cor castanho-escura alaranjada soltas e muito soltas, de granulometria muito fina e espessura heterogénea (cerca de 30 a 35 cm).

U.E.2A – Esta unidade estratigráfica define-se dentro da U.E.2 na zona su-sudeste desta sondagem, com uma terra mais escurecida e granulometria levemente superior. Este tom mais escuro parece relacionar-se com a existência de cinzas e de fragmentos muito pequenos de carvões quase imperceptíveis.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

U.E.4 – Esta unidade estratigráfica foi posteriormente identificada como um muro, que se define melhor na Sondagem 4 contígua a esta, mais consistente, ajudada pela grande concentração de materiais pétreos dispostos horizontalmente definindo uma parede.

Na Sondagem 1 foi detectada na zona este um aglomerado de pedras perfiladas que mantinham uma altitude homogénea, levando a pensar tratar-se de uma estrutura. Esta hipótese viria a confirmar-se posteriormente na abertura da Sondagem 4. No quadrante sudeste surgia muita cerâmica comum e de construção, com um sedimento mais escuro e mais solto, parecendo corresponder a uma área de combustão (U.E.2A).

3.20.2.1.2. Sondagem 2

U.E.1 – Terras castanho-alaranjadas, soltas e húmosas com uma espessura média de 2 cm. A camada mais superficial encontrava-se totalmente coberta de pasto.

U.E.2 – Idêntica à U.E.2 da Sondagem 1.

U.E.3 – Afloramento xistoso em decomposição.

Na Sondagem 2 rapidamente se chegou ao afloramento xistoso em decomposição, verificando-se aí a existência de trabalhos agrícolas antigos. A U.E.2 apresentava aqui uma espessura reduzida, (15 a 20 cm) tendo o arado penetrado no próprio afloramento e fornecendo abundante espólio cerâmico, especialmente no quadrante sudeste. A cerâmica incluía vidrados e um fragmento de porcelana atribuída ao séc. XVII, destacando-se também a presença de alguma cerâmica de construção, mas em menor quantidade. O material cerâmico encontrava-se muito fragmentado eventualmente devido aos trabalhos agrícolas.

3.20.2.1.3. Sondagem 4

U.E.1 – Terras castanho-alaranjadas, soltas e húmosas com uma espessura média de 2 cm. A camada mais superficial encontrava-se totalmente coberta de pasto.



Fot. 2 – Sondagens 1 e 4, plano final: vista geral para sul desde a primeira.

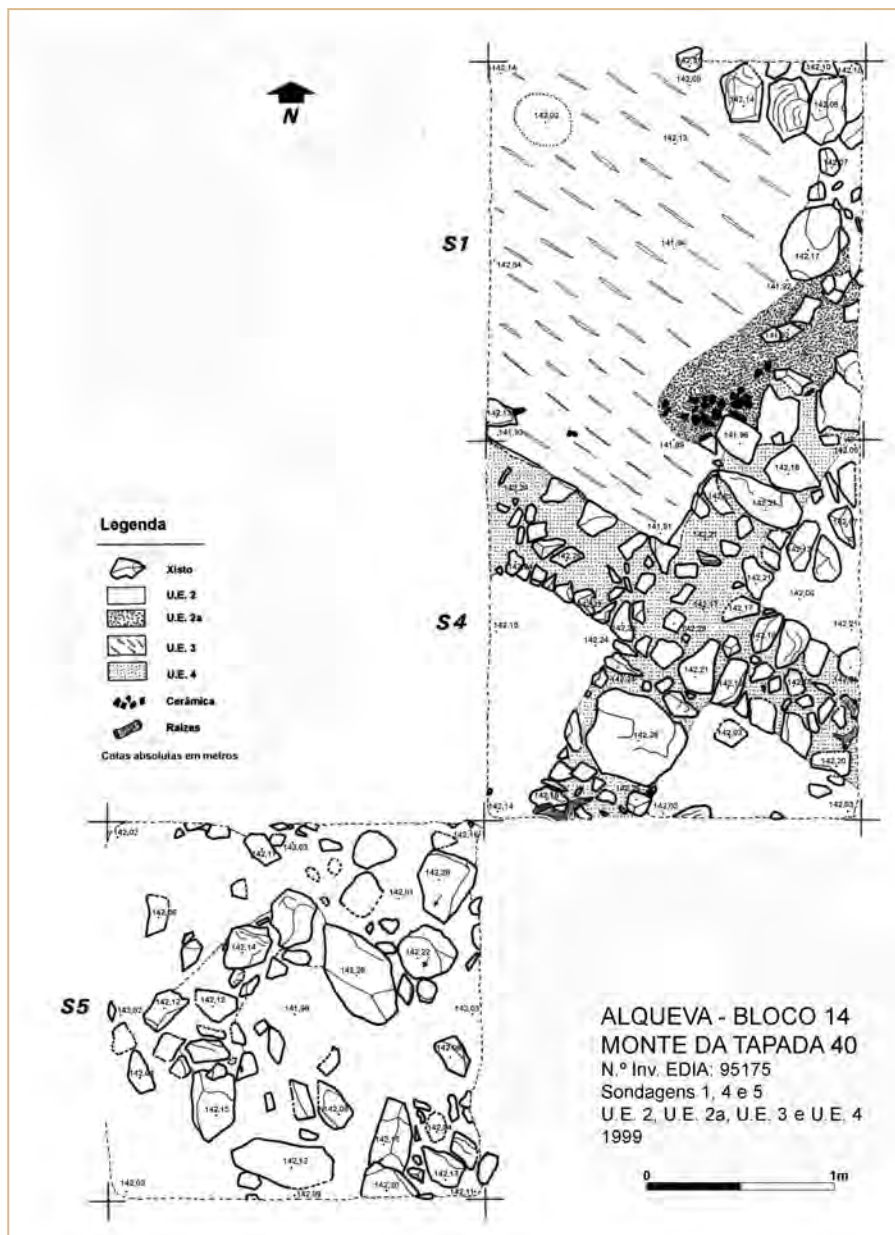


Fig. 2 – Sondagens 1, 4 e 5, plano final.

U.E.2 – Terras de cor castanho-escuro alaranjada soltas e muito soltas, de granulometria muito fina, com uma espessura heterogénea (cerca de 30 a 35 cm). No desmantelamento desta U.E verificou-se a existência de cal misturada com areia, podendo tratar-se de uma argamassa, no limite sudeste da sondagem.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

U.E.4 – Esta U.E. surge em toda a extensão da sondagem formando uma cruz. As terras são bastante mais consistentes colmatadas por blocos de xisto de dimensão heterogénea, definindo-se como uma espécie de parede formando o contraforte de uma eventual



Fot. 3 – Sondagem 1, quadrante sudeste: fragmentos de peça em cerâmica comum.

habitação. Esta unidade estratigráfica foi identificada como um muro.

3.20.2.1.4. Sondagem 5

U.E.1 – Terras de cobertura de cor castanho-alaranjada soltas e húmidas com uma espessura média de 2 cm. A camada mais superficial encontra-se totalmente coberta de pasto.

U.E.2 – Terras de cor castanho-escuro alaranjada soltas e muito soltas, de granulometria fina. Nesta U.E. aparecem grandes blocos de xisto.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

Os trabalhos da Sondagem 3 revelaram alguma cerâmica de construção e muitos elementos pétreos que foram interpretados como o derrube de uma estrutura existente.

Optou-se então por abrir uma sondagem (Sondagem 4) contígua à Sondagem 1 e seguindo o mesmo eixo norte-sul, pondo a descoberto uma estrutura em cruz, parte do que teria sido uma habitação. Encontraram-se ainda vestígios de argamassa que pode ter sido a cobertura da estrutura (U.E.4) ou ter feito parte integrante dela. Também aí surgiu um artefacto metálico, de ferro.

Na tentativa de encontrar o cotovelo da parede para se poder ter uma noção da área de cada divisão, abriu-se uma nova sondagem, a 5, contígua à 4, mas implantada a dois metros a oeste. Os vestígios aí encontrados foram comuns à Sondagem 3, como a cerâmica de construção e elementos pétreos muito heterogêneos, o que reforçava a ideia de um derrube da estrutura.

3.20.2.2. Estruturas

Foi detectado um conjunto de muros, indicando uma estrutura em cruz que deve corresponder a um conjunto de compartimentos de uma estrutura habitacional (monte) com uma ocupação contínua desde o século XVII ao século XIX (ver fig. 2 e fot. 2).

3.20.3. Estudo do espólio

O Monte da Tapada 40 forneceu um total de 524 fragmentos de cerâmica, na sua

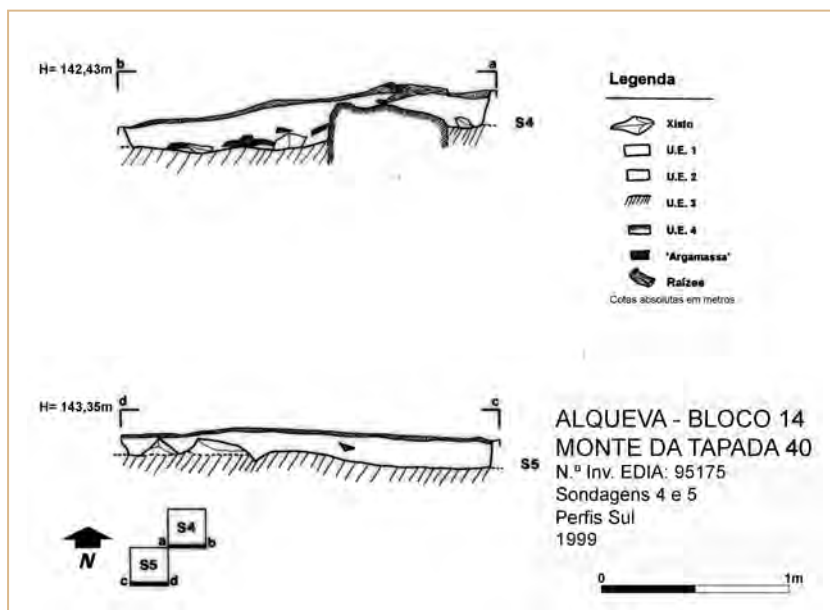


Fig. 3 – Sondagens 4 e 5, perfis estratigráficos sul.

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS		
	0	2	Total
Indeterminado	20	11	31
Cântaro		6	6
Panela	1	15	16
Caçoila	1	2	3
Alguidar	1	4	5
Bilha		1	1
Jarro/jarrinho	2	3	5
Púcaro	1		1
Jarra/jarrinha	2		2
Tigela	1	3	4
Prato	1	1	2
Tampa	1		1
Telha		447	447
TOTAL	31	493	524

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

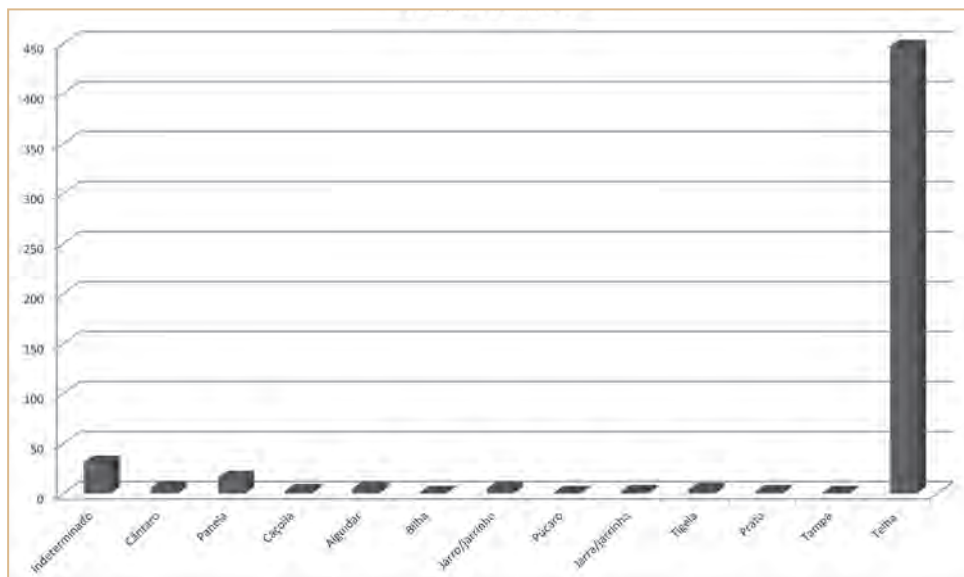


Gráfico 1
Formas funcionais.

maior parte, provenientes da U.E.2 (94,08%), dos quais 447 (85,17%) foram identificados como materiais de construção. Restam os 77 fragmentos de cerâmica de uso comum (14,83% do espólio recolhido), que representam um universo de estudo relativamente pequeno, mas que permite retirar algumas conclusões sobre este sítio.

Mesmo tratando-se de um universo reduzido e muito fragmentado, contamos com razoável grau de identificação das formas funcionais (apenas 40,26%

fragmentos indeterminados) entre as quais reconhecemos loiça de cozinha, de mesa e vasilhas de transporte e armazenamento, neste caso de água (ver fig. 4 e 5, gráfico 1, e quadro 1). A forma mais representada é a da panela (20,78% do vasilhame), seguida do alguidar com 6,49%. O conjunto da loiça de mesa completa-se com caçoilas (3,90%) e uma tampa (1,30%). A loiça de mesa é composta por tigelas (5,19%), prato (2,60%), púcaros (1,30%), jarros/jarrinhos (6,49%) e jarras/jarrinhas (2,60%). Ainda encontramos objectos relacio-

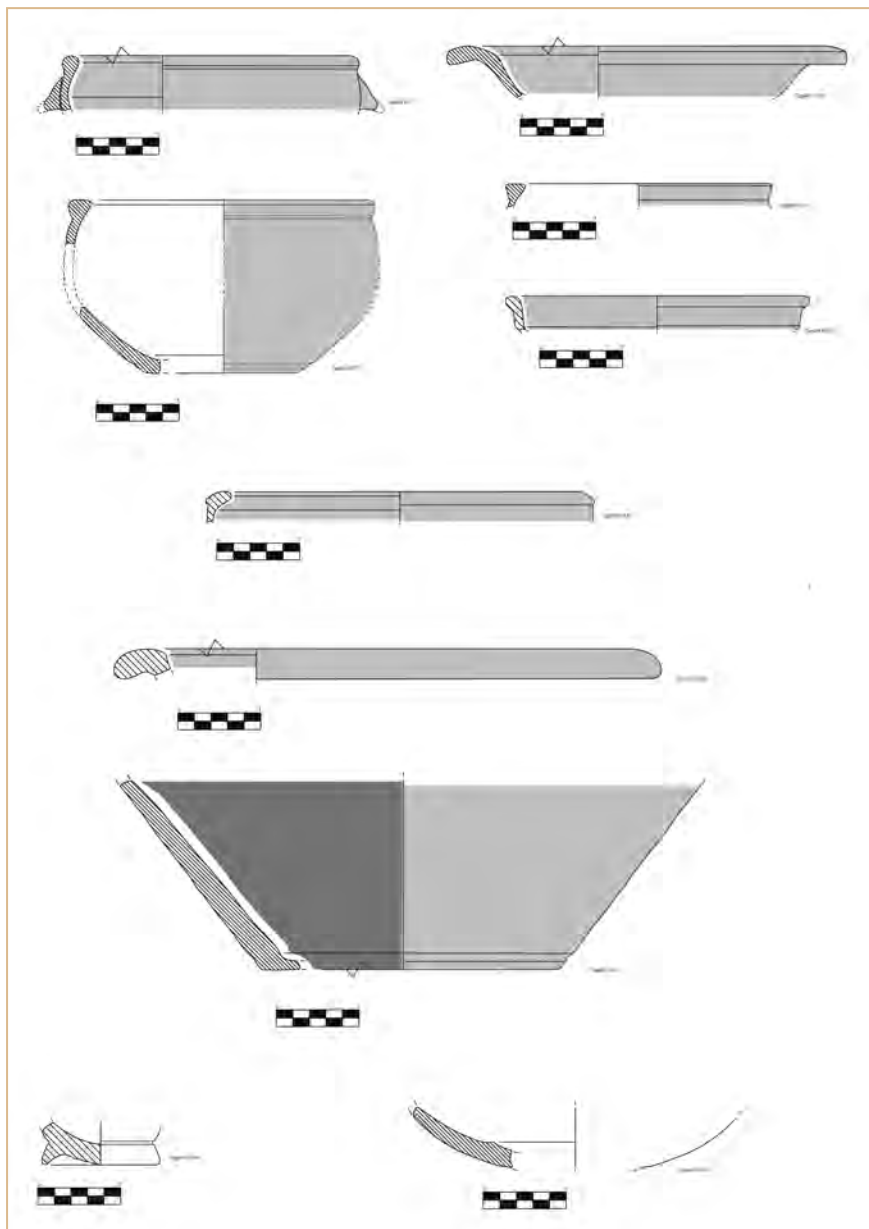


Fig. 4 – Principais peças.

nados com o armazenamento e transporte, nomeadamente o cântaro, segunda forma mais representada na amostra (7,79%), e a bilha (1,30%).

Algumas destas formas podem ser reconhecidas tipologicamente como é o caso dos alguidares de forma troncocónica invertida bastante alta em proporção, bastante comum em formas dos séculos XVI a XVIII (BARREIRA, DORDIO & TEIXEIRA, 1998; TRINDADE & DIOGO, 2003). Também podemos identificar as tigelas altas e de bordo ligeiramente in-

trovertido nestes mesmos contextos (BARREIRA, DORDIO & TEIXEIRA, 1998: fig. 36).

Os objectos foram fabricados com pastas predominantemente alaranjadas (40,26% apresentam esta cor na superfície exterior) e castanhas (35,06%) a bastante distância das outras (ver quadro 2). Em sua maior parte coincidem com texturas compactas (grupo C2 e G2 dentro dos definidos no estudo, ver quadro 3). Apresentam, por regra geral, uma densidade média de elementos não plásticos pequenos ou médios,

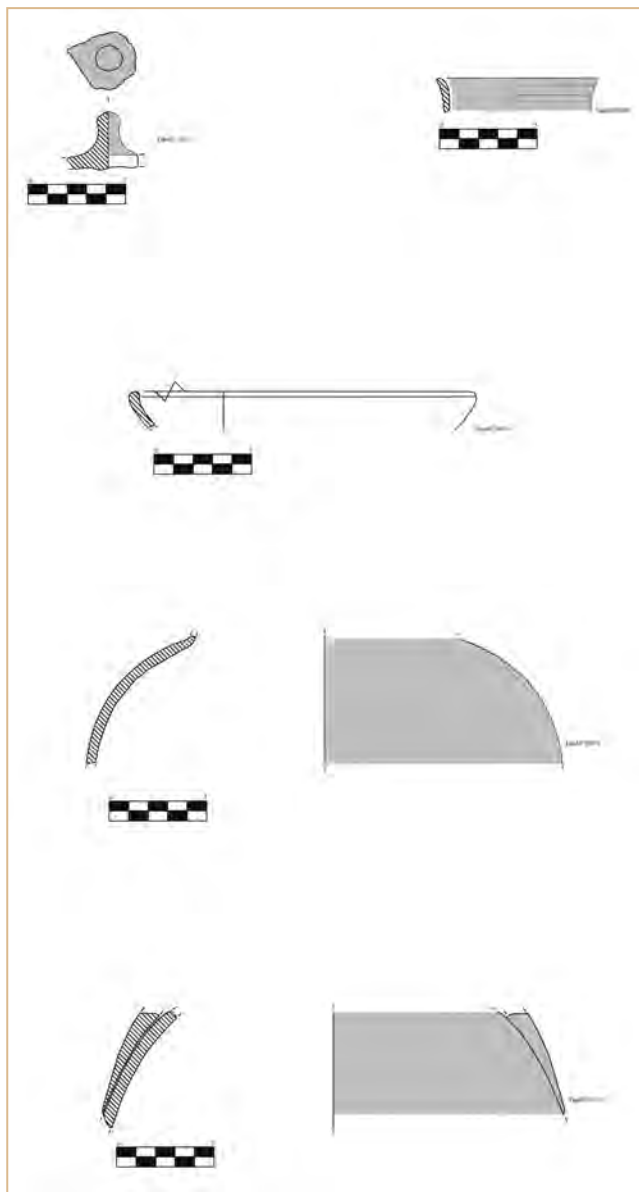


Fig. 5 – Principais peças



Fot. 4 – Peça (23)0131, alguidar (ver fig. 4).



Fot. 5 – Peça (23)0556, fundo anelar de tigela, vidrado (ver fig. 4).

onde dominam as combinações que contêm o quartzo (28,57 dos caso de forma isolada, ver quadro 4), ou combinando com e a mica (25,97%).

As técnicas de fabrico estão dominadas pelo molde (85,17%) devido à forte presença dos materiais de construção (ver quadro 5 e gráfico 2). Se excluirmos as telhas, encontramos um predomínio da cerâmica de torneado rápido (83,12%) seguindo-se o fabrico manual (15,58%). O fabrico a torneado lento surge re-

sidualmente representado com 1,30%. A cozedura empregue na esmagadora maioria das vasilhas foi a oxidante (77,92%), com as cozeduras alternantes e redutoras em volume equiparado (11,69 e 10,39% respectivamente).

Quanto ao acabamento (ver quadro 6), predominam as superfícies alisadas (89,61 % no exterior das peças), sendo bastante significativo o grupo de cerâmicas com revestimento vítreo (7,79% das vasilhas o apresentam no seu interior) facto bastante anormal dentro do conjunto de cerâmicas do Bloco 14 e indicador de uma cronologia bastante avançada.

Este último tipo de acabamento acaba por ser o indicador da presença de decoração nos objectos que surge como vidrado monocromático numa tigela, um prato, um púcaro e num objecto indeterminado (ver quadro 7).

COR EXTERIOR	COR CENTRO							
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	Branco	TOTAL
Bege	2	1			1		1	5
Alaranjada	2	18	1	1	9	1		31
Vermelha			1	1				2
Rosada					1			1
Castanha	2	2		15	5	3		27
Cinzenta					2			2
Branco	2							2
Verde				1				2
Preto		1		2		2		2
TOTAL	8	22	2	20	18	6	1	77

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (cor/textura)																	
	A2	B1	B2	C1	C2	C3	D3	E2	E3	F1	F2	F3	F4	G2	G4	H1	H2	TOTAL
Indeterminado		2		1	6	1			1	3	1	1	4	7	2	1	1	31
Panela					2	3					1	7		3				16
Cântaro			3		1									2				6
Bilha				1														1
Alguidar						1					1			2			1	5
Caçoila					1		1										1	3
Jarro/jarrinho					2			1			1			1				5
Jarra/jarrinha	1													1				2
Púcaro											1							1
Tigela		1				1					1						1	4
Prato		1	1															2
Tampa														1				1
TOTAL	1	4	4	2	12	6	1	1	1	3	6	8	4	17	2	1	4	77

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)						
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Feldspato mica		2		2			4
Feldspato	1	1					2
Imperceptíveis	1			1			3
Mica		1		2		1	4
Quartzo	2	7	1	10		2	22
Quartzo feldspato		1					1
Quartzo feldspato conc. ferrosas		2				1	3
Quartzo feldspato mica		2		1			3
Quartzo mica	2	12		4	1	1	20
Quartzo mica calcário				1			1
Quartzo conc. ferrosas	1	5	1	7	1		15
TOTAL	7	33	2	28	2	5	77

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	7	2	3	12
Torno Lento		1		1
Torno Rápido	53	6	5	64
Molde (mat. construção)	441	1	5	447
TOTAL	501	10	13	524

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

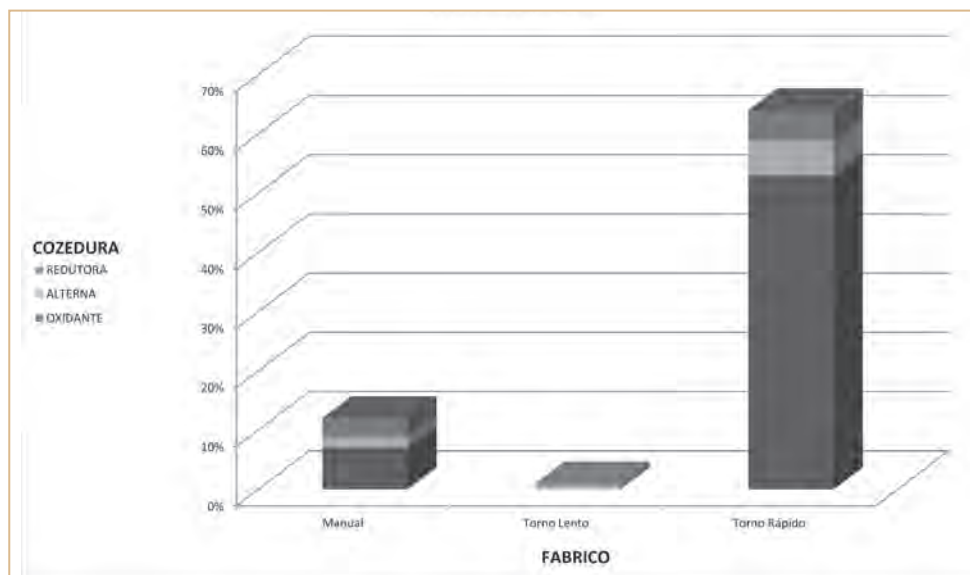


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR					TOTAL
	Grosseiro	Alisado	Polido	Aguada	Vidrado	
Alisado	2	26				28
Brunido		2				2
Engobado		1			1	2
Em branco		2	1			3
Sem tratamento		35		1		36
Vidrado		3			3	6
TOTAL	2	69	1	1	4	77

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

FORMA FUNCIONAL	DECORAÇÃO EXTERIOR		
	V. monocro.	Não dec.	TOTAL
Indeterminado		31	31
Cântaro		6	6
Panela		16	16
Caçoila		3	3
Alguidar		5	5
Bilha		1	1
Jarro/jarrinho		5	5
Púcaro		1	1
Jarra/jarrinha		2	2
Tigela	2	2	4
Prato	2		2
Tampa		1	1
Telha		447	447
TOTAL	4	520	524

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

Em resumo, o espólio cerâmico revela as características de um sítio de cronologia avançada mas difícil de precisar, entre os séculos XVI e XVIII, mais provavelmente em torno ao final deste período.

As características técnicas, com predomínio das cerâmicas de torneado rápido e cozeduras em ambientes predominantemente oxidantes, e com alguns acabamentos depurados como é o caso dos vidrados, levam a interpretar o conjunto como o próprio de um ambiente rural com relações frequentes com os meios urbanos, onde se aprovisiona de boa parte dos seus utensílios. Este contexto diferencia-se, em termos de reportório formal, das estações anteriores onde os grandes contentores de alimentos tinham um forte significado, sendo dominantes no Monte Tapada as loiças de cozinha e mesa, indicando o carácter habitacional do sítio.

3.20.4. Conclusão

Apesar de limitada, a área escavada revelou-se fértil em achados, permitindo vislumbrar um conjunto habitacional, um monte, com uma ocupação de meados do século XVII. Estes vestígios parecem determinar encontrarmos-nos, pelo menos, perante quatro compartimentos o que atesta uma dimensão relativamente grande da estrutura detectada. O espólio encontrado, dada a sua quantidade e qualidade, atestam também a importância da ocupação em presença.

3.21. Monte Roncanito 26

3.21.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio designado como Monte Roncanito 26 foram efectuados em Junho de 1999³⁸, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95353, como um habitat de cronologia medieval.

De acordo com a bibliografia disponível, a descrição do sítio indicava localizar-se no topo de uma pequena elevação, onde era visível apenas um amontoado de pedras de xisto e blocos de quartzo e restos de uma estrutura cuja forma não foi possível avaliar. Nas imediações, à superfície, não foram registados quaisquer elementos cerâmicos (SILVA, 1996). Estas informações foram confirmadas na fase de prospecção/reavaliação do local, uma plataforma situada na encosta de um monte coberto por azinheiras e este-

³⁸ Os trabalhos arqueológicos no sítio Monte Roncanito 26 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pilar Reis arqueóloga que assegurou os trabalhos de campo; Vitória Valverde e Carlos Fona, licenciados em História; Danilo Pavone, desenhador de campo; António Garcia Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Carlos Picaró.

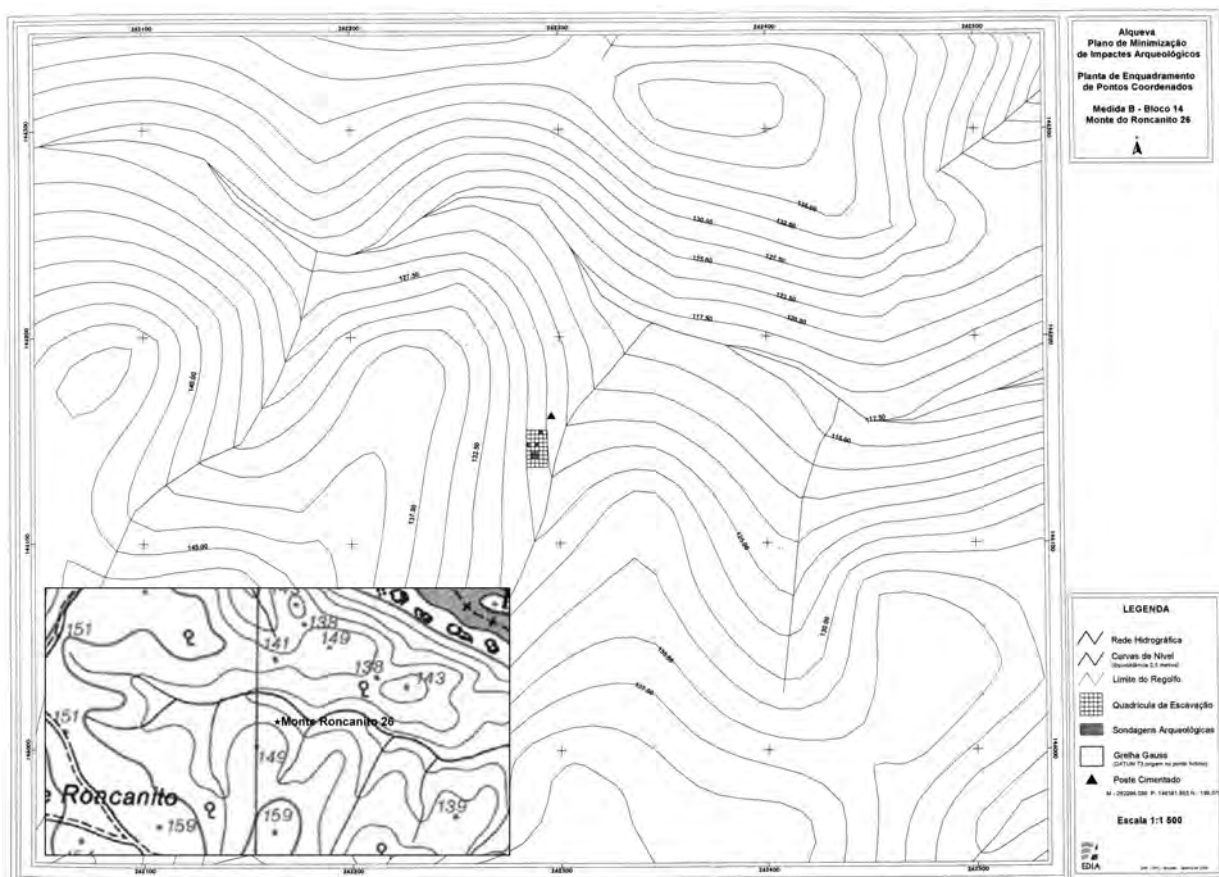


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.

vas, sobranceira a um pequeno vale, onde foi detectado um aglomerado de pedras de xisto e quartzito, que pareciam constituir algum tipo de estrutura em desagregação.

3.2.1.2. Trabalhos Arqueológicos

Em função da zona de grande concentração de materiais pétreos, foram implantadas quatro sondagens arqueológicas: três sondagens de 2x2 m e uma sondagem de 4x4 m (Sondagem 1), de modo a abranger a área de toda a eventual estrutura.

As sondagens escavadas revelaram uma potência estratigráfica diminuta, possuindo genericamente três unidades estratigráficas, com cerca de 0,15 a 0,20 m de espessura no seu todo.

Na Sondagem 1 foi detectada uma estrutura em pedra e uma estrutura de combustão. O espólio exumado é diminuto e de cronologia contemporânea.

3.2.1.1. Estratigrafia

A sequência estratigráfica apresentada foi válida para todas as sondagens abertas:

U.E.1 – Camada superficial composta por terras de cor castanha escura, heterogénea e com quartzos soltos. Na Sondagem 1 apresentava um amontoado de pedras de quartzito que aparentemente fariam parte de uma estrutura.

U.E.2 – Camada composta por terras de cor castanho claro, relativamente compactas e homogéneas e por pequenas lascas de xisto e fragmentos cerâmicos.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

3.2.1.2. Estruturas

Na Sondagem 1 destacou-se uma estrutura em quartzito com forma de meia-lua contendo no seu interior uma “lareira” com restos de cinzas e “terra cozi-

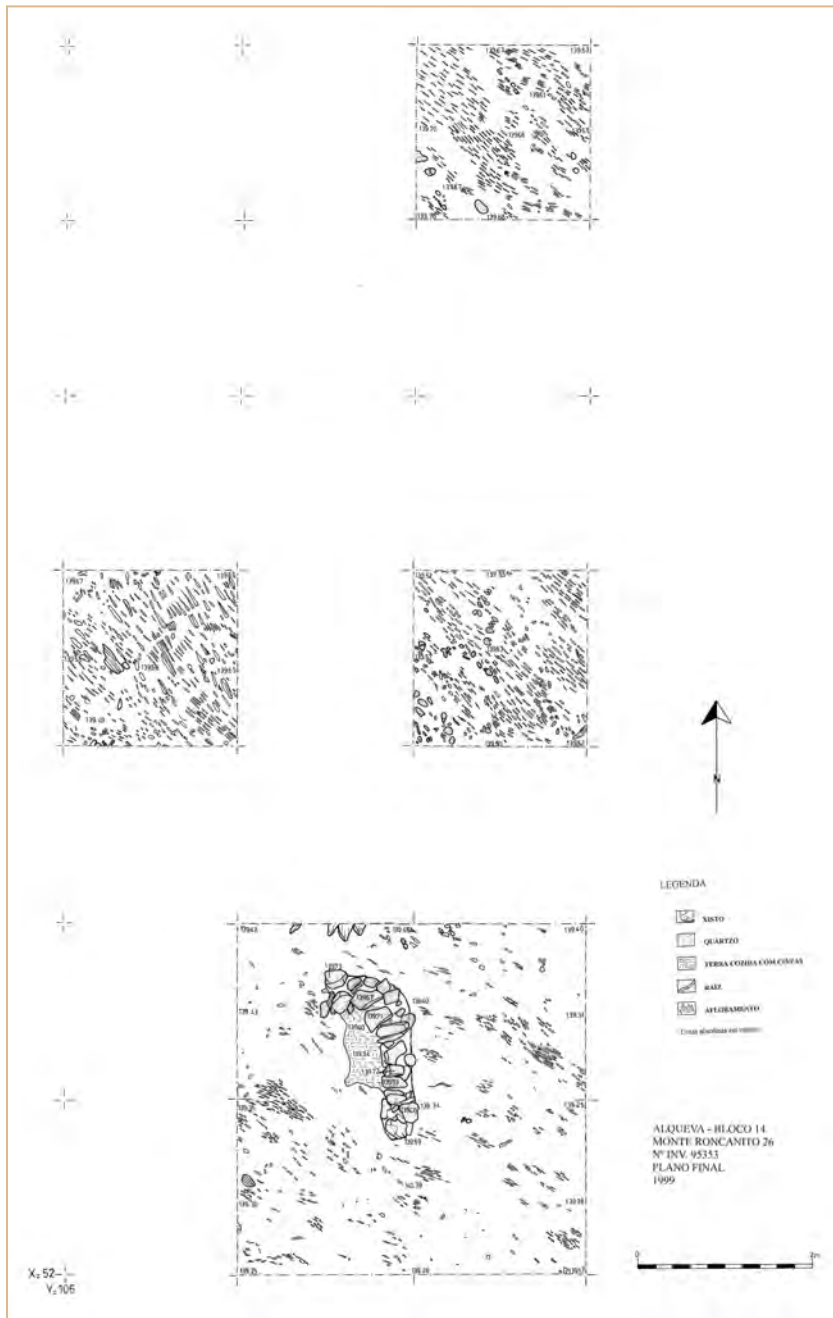


Fig. 2 – Plano final das sondagens intervenionadas.

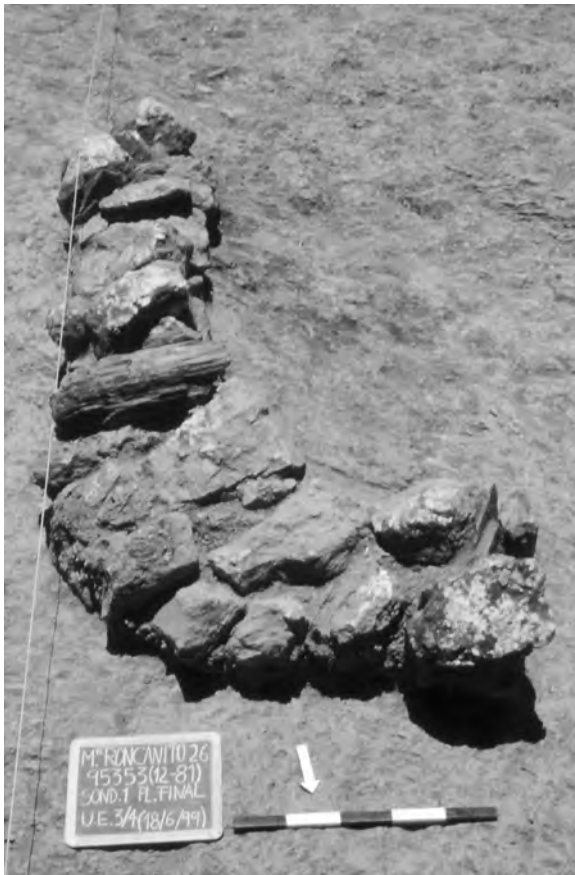
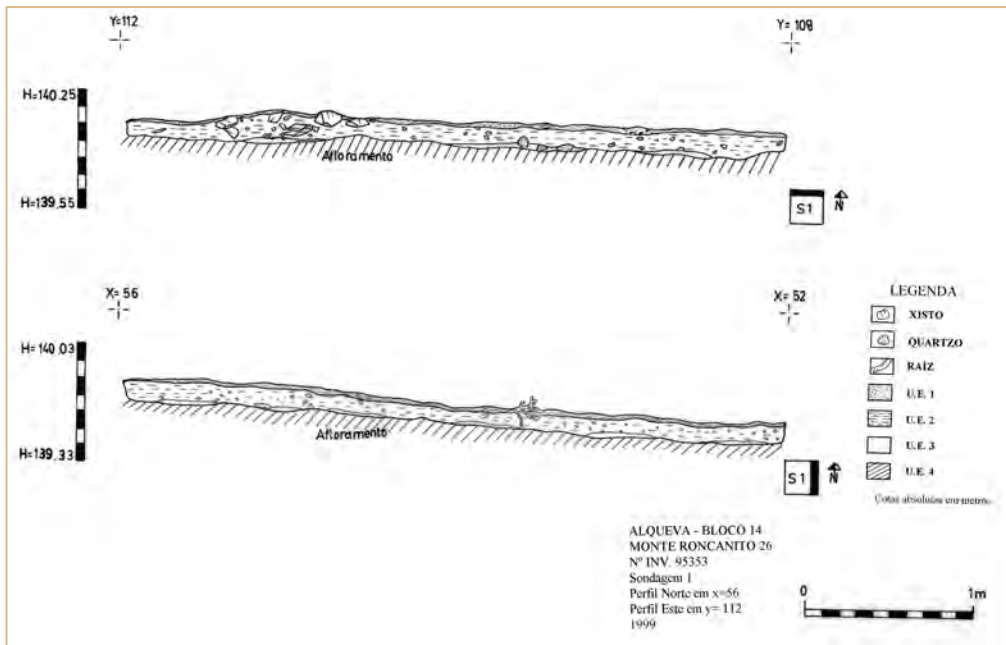


Fot. 1 – Sondagem I, plano final, vista para sul.

da”, sem presença de quaisquer materiais associados à mesma.

Esta estrutura semicircular não se encontrava directamente em contacto com o afloramento rochoso. Na sua construção teria sido utilizada a própria terra para facilitar o assentamento da pedra, cumprindo assim uma função de ligante da pedra mais miúda. A acção do fogo da lareira teria “cozido” a terra que servia de ligante no muro e que assumiu assim uma maior e mais homogênea consistência.

Fig. 3 – Sondagem I: perfis estratigráficos norte e este.



Fot. 2 – Sondagem I, quadrante noroeste, plano da estrutura semicircular.

3.21.3. Estudo dos materiais

Nesta estação destaca-se o reduzidíssimo número de artefactos recolhidos, 15, entre os quais apenas se contabilizam oito fragmentos de cerâmica. Os fragmentos foram todos encontrados na U.E.2 e o seu número é tão reduzido que torna pouco fiável qualquer aproximação estatística.

Embora se trate de um conjunto pequeno, é possível reconhecer a forma funcional de duas peças: um fragmento de panela ou pote e outro de tigela (ver quadro 1, gráfico 1, fig. 4 e foto 3). O primeiro deles é especialmente relevante, já que parece corresponder a uma forma também presente na estação de Monte Roncanito 23, e consiste num tipo peculiar de pote

FORMA FUNCIONAL	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS	
	2	Total
Indeterminado	6	6
Panela	1	1
Tigela	1	1
TOTAL	8	8

Quadro I – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

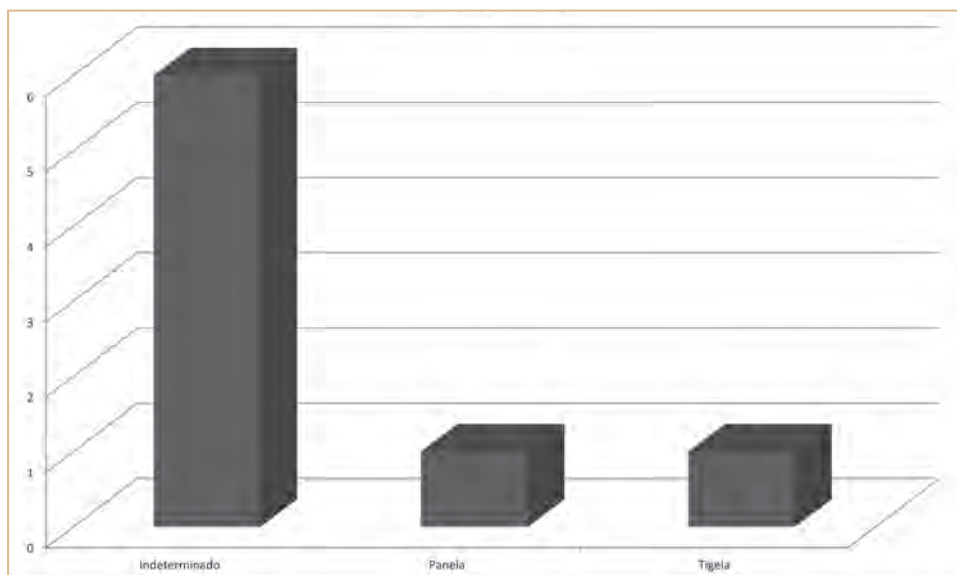


Gráfico I
Formas funcionais.



Fig. 4 – Peça (17)0008, fragmento de asa de panela ou pote.



Fot. 3 – Peça (17)0011, fragmento de bordo de taça.

COR EXTERIOR	COR CENTRO		
	Vermelha	Cinzenta	TOTAL
Vermelha	6	2	8
TOTAL	6	2	8

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)			
	E1	E2	G2	TOTAL
Indeterminado		1	5	6
Panela	1			1
Tigela		1		1
TOTAL	1	2	5	8

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)	
	Vermelha	TOTAL
Mica	6	6
Quartzo	1	1
Quartzo e mica	1	1
TOTAL	8	8

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA		
	OXIDANTE	IRREGULAR	TOTAL
Torno Rápido	2	5	7
Indeterminado	1		1
TOTAL	3	5	8

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

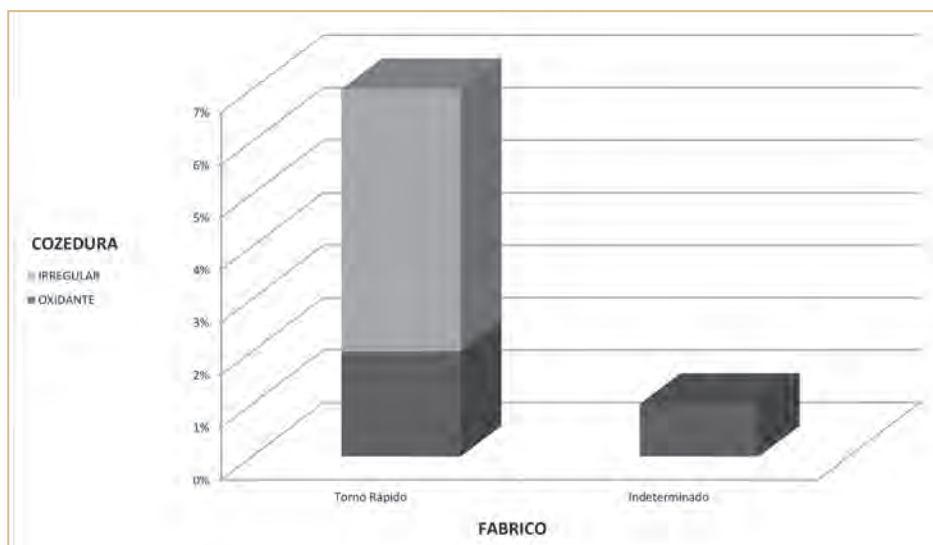


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR			
	Alisado	Brunido	pingos	TOTAL
Alisado	5	1		6
Polido	1			1
Pingos			1	1
TOTAL	6	1	1	8

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO INTERIOR			
	Pingos	V. monocromo	Não dec.	TOTAL
Indeterminado		1	5	6
Panela	1			1
Tigela			1	1
TOTAL	1	1	6	8

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

com uma forma invulgar de colo troncocónico sem ruptura com o corpo e com as asas a arrancar do ombro (ver fig. 4). O paralelo formal mais semelhante encontra-se na Casa do Infante do Porto, revestido de vidro de chumbo, datado dos séculos XVI-XVIII (BARREIRA, DÓRDIO & TEIXEIRA, 1998, p.166, fig. 39). Esta forma também guarda alguma semelhança com formas dos séculos XVI-XVII de Silves (GOMES, 2008: fig. 9).

As pastas da maior parte dos fragmentos apresentam cor vermelha no exterior mas, no que diz respeito à cor interior encontramos dois grupos: cinco fragmentos com pasta cinzenta e três com pasta avermelhada, ambos de textura compacta (ver quadro 2 e 3). Nestes, o elemento não plástico mais frequente é a mica (ver quadro 3) isolada em três casos, combinada com feldspato em dois, e com minerais ferrosos e com quartzo em um. A maior parte trata-se de elementos de pequeno tamanho (em 4 dos fragmentos).

A maior parte dos objectos foi fabricada com torno rápido (7). Apenas encontramos um fragmento de panela fabricada manualmente. No que diz respeito às cozeduras, pouco menos de metade (3) foram realizadas em ambiente oxidante e cinco em atmosfera redutora (ver quadro 5 e gráfico 2).

A técnica de acabamento de metade dos objectos foi o alisado nas duas faces e em dois fragmentos apresentavam superfície exterior alisada e polida ou vidrada no interior (ver quadro 6). Outro fragmento foi alisado no interior e brunido no exterior e o último

apresenta pingos de vidro tanto no interior como exterior. É de ressaltar o facto de esta peça com pingos de vidro tratar-se da panela fabricada manualmente.

No que diz respeito à decoração (ver quadro 7), dois dos fragmentos inventariados possuem alguma decoração: a panela que apresenta pingos de vidro tanto no interior como no exterior, e um fragmento de peça não identificada revestido no interior com vidro.

A forma de pote com asas no ombro e a presença de vidrados em louça de cozinha são elementos que contribuem para datar este sítio no período moderno (séculos XVI-XVIII), sem poder precisar melhor a cronologia. A pobreza do conjunto dificulta a obtenção de outras conclusões, mas podemos considerar a presença de um contexto rural com contactos frequentes com meios urbanos onde obtém parte dos seus utensílios.

3.21.4. Considerações finais

A enigmática estrutura detectada, devia em tempos muito próximos ter constituído parte de uma estrutura sazonal de apoio aos trabalhos nos campos, servido assim de corta-vento para a lareira detectada, pelo que o seu interesse pode-se considerar do âmbito etno-arqueológico. No entanto, o espólio exumado indica uma possível datação mais recuada, que poderá centrar-se nos finais do século XVII ou ao longo do século XVIII.

3.22. Rocha da Gramacha 2

3.22.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio identificado como Rocha da Gramacha 2 foram efectuados entre Julho e Agosto de 1998³⁹, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95253, de cronologia medieval/moderna.

Implantada na vertente oeste do Rio Guadiana, a Rocha da Gramacha 2 encontra-se situada no vale de erosão em forma de V, com pouca planície aluvial que caracteriza este trato do rio. O leito das águas altas, que em alguns troços atinge os 200 m de largura, é escavado nos xistos micáceos e quartzíticos, de disposição vertical e direcção nor-nordeste, testemunhando o trabalho erosivo das cheias.

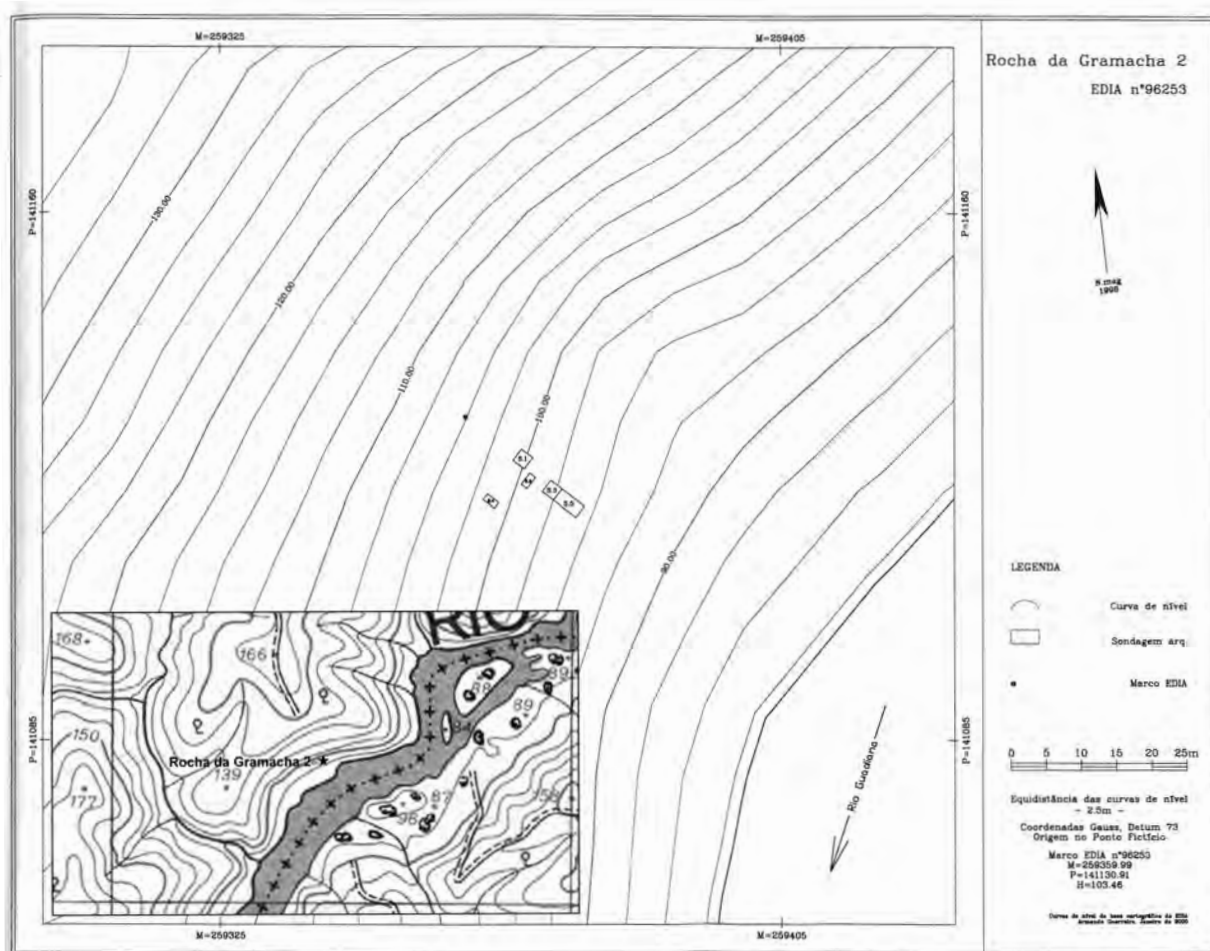


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.

³⁹ Os trabalhos arqueológicos efectuados no local Rocha da Gramacha 2 foram realizados pela seguinte equipa: arqueólogo e responsável científico: João Marques; arqueóloga responsável pelos trabalhos de campo, Pilar Reis; arqueóloga, Renata Almeida; assistentes de arqueólogo, Ricardo Costa, Conceição Roque, Susana Bailarim, Esmeralda Gomes e Frederico Tátá Regala; trabalhador indiferenciado, António Garcia Cristino; voluntários, Júlia Fernandes e José Luís Neto.



Fot. 1 – Vista geral para noroeste da área da intervenção.

O sítio da Gramacha 2 encontra-se a escassos metros a norte da penha que lhe dá o nome, a Rocha da Gramacha, onde se implantava uma antiga atalaia, da qual apenas restam traços. Quando do alto do vale se acede ao local, identifica-se um caminho empedrado que tem início na penha (Rocha da Gramacha), e prossegue até a Gramacha 2.

Este apresentava-se como uma ruína de uma casa, construída em duas plataformas, com algumas paredes com altura máxima de cerca de 1,70 m. O resto da estrutura encontrava-se bastante danificada, sendo ainda visível uma estrutura circular com cerca de 2 m de diâmetro, identificada como um forno de pão, a sul da estrutura principal.

3.22.2. Trabalhos arqueológicos

A fim de obter uma cronologia baseada em dados arqueológicos e entender a clara funcionalidade do local, foram efectuadas cinco sondagens arqueológicas, procedendo-se à desmatagem e limpeza da área envolvente para uma visão geral do local e da sua relação com as estruturas anexas.

As sondagens efectuadas após a limpeza e desmatagem, com dimensões variáveis e georreferenciadas à Rede Geodésica Nacional, foram distribuídas pelo interior da estrutura, (das quais duas na plataforma superior e outra na plataforma inferior), uma quarta junto ao forno e posteriormente uma quinta na plataforma inferior do exterior.

Dada a diversidade das sequências estratigráficas das áreas abertas, apresenta-se em seguida a estratigrafia correspondente a cada sondagem.

3.22.2.1. Sondagem 1

3.22.2.1.1. Estratigrafia

U.E.1 – Terra amarela, compactada por baixo do derrube formado por pedras dos muros norte e oeste.

U.E.2 – Pavimento de seixos rolados.

U.E.3 – Bolsa localizada entre a parede norte e oeste da Sondagem 1, composta por terras de textura arenosa, bastante compactadas, de cor laranja avermelhado, com forte concentração de fragmentos de telha, devendo corresponder a uma das fases de derrube da cobertura.

U.E.4 – Terra arenosa de cor cinzenta com fragmentos de xisto.

U.E.5 – Terra amarela bastante compactada, com pequenos fragmentos de xisto, relacionada com uma preparação de piso.

U.E.6 – Uma faixa estreita de terra cinzenta com carvões que trespassa longitudinalmente os limites da Sondagem 1.

U.E.7 – Camada de terra castanha clara, composta por blocos de pedra xistosa de pequena e média dimensão.

U.E.8 – Camada de terra amarela, arenosa. Presente apenas no quadrante da sondagem.

U.E.9 – Camada de terra amarela acinzentada, com pedras de xisto fincadas.

U.E.10 – Camada de terra cinzenta, com blocos de xisto de médias dimensões.

3.22.2.1.2. Interpretação

Foi identificada na Sondagem 1, até o nível do pavimento, (U.E.2) uma sucessão de camadas de acumulação de terras com componente argilosa, que se sobrepõe ao único pavimento identificado. Esta sequência de deposição de consistência semi-argilosa, misturada com areias de aluvião, terá tido lugar após o abandono da estrutura, aparentando resultar de uma cheia do rio ou, pelo menos, de uma grande intempérie, e foi apenas identificada nesta sondagem, com uma direcção norte/sul, talvez porque se encontram neste alinhamento as paredes mais resistentes da estrutura.

3.22.2.2. Sondagem 2

3.22.2.2.1. Estratigrafia

U.E.1 – Pavimento de seixos rolados, lareira feita em lajes de cerâmica; foi encontrada em contexto uma moeda da segunda metade do século XVIII.

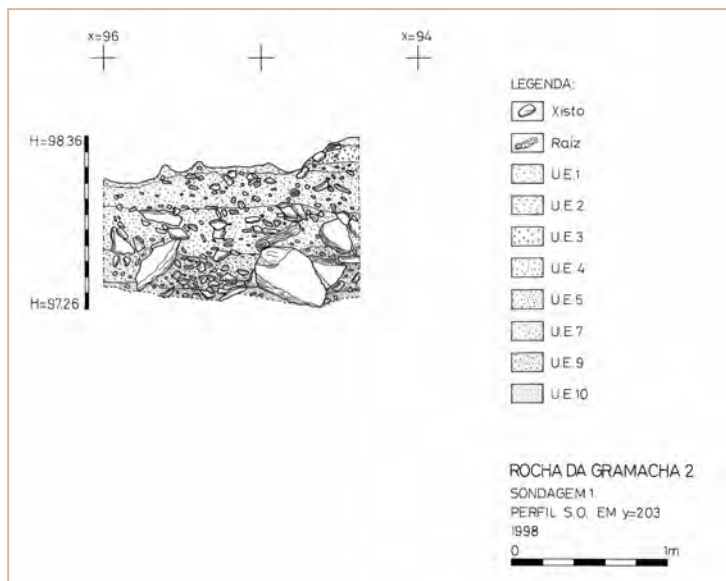
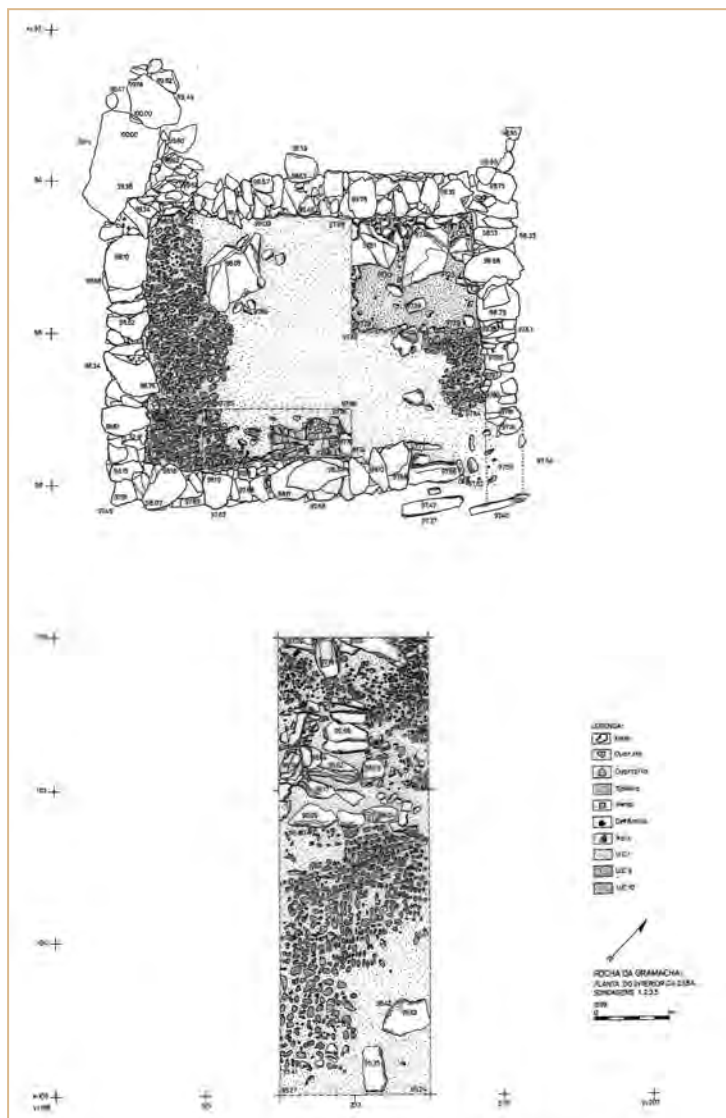


Fig. 3 – Sondagem 1, perfil estratigráfico sudoeste.

Fig. 2 – Plano geral das Sondagens 1, 2, 3 e 5.



Fot. 2 – Vista geral para sudeste do interior da estrutura e da área de implantação da Sondagem 2.



Fot. 3 – Vista para nordeste da Sondagem 2.



Fot. 4 – Sondagem 2, pormenor da lajeira.

U.E.2 – Terra argilosa, muito compactada, de cor alaranjada, composta por pequenos fragmentos de cerâmica; localizada por baixo da lareira, sendo pois a camada de preparação da lareira e com claros sinais de ter sofrido temperaturas elevadas.

U.E.3 – Terra amarelada, com pedras xistosas de pequenas dimensões.

U.E.4 – Terra amarela composta por pequenos fragmentos de xisto, com alguns carvões dispersos.

U.E.5 – Terra castanha acinzentada.

U.E.6 – Terra castanha argilosa, compacta.

3.22.2.2.2. Interpretação

Para além da identificação do pavimento, também observado na Sondagem 1, destacava-se uma lareira de construção simples que foi caracterizada na Sondagem 2, composta por quatro lajes de cerâmica fragmentadas, sem estruturas superiores ou laterais, apenas duas fileiras de xisto fincado de delimitação. Sobre esta, eram ainda visíveis sinais de fogo.

Não se conservou a parte de pavimento exterior à estrutura da lareira, não permitindo descrever como seria a relação entre esta estrutura de combustão e o pavimento; não terá existido também qualquer tipo de preparação especial, pois a camada inferior (U.E.2), diferenciava-se exclusivamente do resto da preparação do piso pela sua consistência mais dura, relacionada claramente com o calor.

3.22.2.3. Sondagem 3

Esta sondagem localizou-se na escadaria de acesso da plataforma inferior à plataforma intermédia, ou seja, à área de acesso da estrutura. O objectivo fundamental era identificar o acesso e compreender a sua forma, sendo naturalmente desnecessária a sua destruição, pelo que apenas se procedeu á remoção do estrato que a cobria, a U.E.1, o pavimento de seixos rolados (U.E.2) e a caixa feita com placas de xisto encaixadas (U.E.3) onde se construíram três degraus, também com lajes horizontais de xisto. A caixa apoiava-se na parede limítrofe da habitação, servindo uma dupla função, de acesso e de parede de contenção das terras que formavam esta plataforma intermédia; seria esta a razão pela qual a escadaria estava encaixada, resultando num maior equilíbrio com a totalidade da construção.

Com a limpeza desta sondagem, foi também identificada uma pequena parte de um lajeado externo do caminho que passava em frente à casa.

3.22.2.4. Sondagem 4

A Sondagem 4 foi efectuada na estrutura circular mais tarde identificada como um forno.

Após uma limpeza superficial, foi aberto um corte na estrutura para definição da sua tipologia. A boca do forno encontrava-se destruída, sendo a presente estrutura a base do mesmo. A desmontagem procedeu-se, simultaneamente, na sua parte superior e no pavimento associado, uma vez que era igualmente importante definir como seria a área envolvente da estrutura.

As camadas estratigráficas seguiram uma sucessão linear, sendo a primeira unidade estratigráfica (U.E.1) a camada respeitante à zona superior do forno e a segunda unidade (U.E.2) a camada respeitante ao pavimento exterior e envolvente da estrutura.

3.22.2.4.1. Estratigrafia

U.E.1 – Camada de terra muito argilosa revolta com areias.

U.E.2 – Camada de terra castanha clara, pouco compacta, composta por pedras e tijolos sem conexão.

U.E.3 – Terra argilosa bastante compacta, de cor avermelhada; composta por pequenos fragmentos de argamassa cozida e tijoleira fragmentada; eventualmente resultante do calor produzido pelo funcionamento do forno.

3.22.2.4.2. Interpretação

Não foi possível identificar o tipo de enchimento da estrutura e o pavimento associado, que talvez tenha sido destruído, pois o desnível tornava-se demasiado grande. O forno, de grandes dimensões, encontra pa-



Fot. 5 – Sondagem 4, forno.

ralelos na região; trata-se possivelmente de um forno de pão, com uma estrutura superior de planta circular, eventualmente, fechando em falsa cúpula. O facto de se encontrar separado da estrutural principal confere-lhe uma certa originalidade entre aqueles que visitamos. No entanto, na zona de Mértola, não é raro encontrar fornos separados da estrutura principal da vivenda, por exemplo, no Monte Mosteiro.

3.22.2.5. Sondagem 5

A Sondagem 5 realizou-se junto da plataforma intermédia da estrutura, procedendo-se à limpeza da camada superficial. Foi localizado nesta sondagem um pavimento em seixo quartzítico, relacionado certamente com o caminho para a escadaria de acesso da plataforma inferior e que, eventualmente, se desenvolveria na direcção do rio Guadiana. Tal como na sondagem anterior, o objectivo fundamental era pôr a descoberto o pavimento e caracterizá-lo sumariamente. Sendo assim, apenas foi identificada uma U.E., designada de U.E.1.



Fot. 6 – Vista geral para noroeste da área das Sondagens 3, em primeiro plano, e 5.

3.22.2.5.1. Estratigrafia

U.E.1 – Pavimento de seixos rolados e placas de xisto.

3.22.3. Estudo do espólio

Foi recolhido um espólio diminuto no qual contabilizamos um total de 63 fragmentos cerâmicos que correspondem a 47 vasilhas (74,6%) e 16 fragmentos de cerâmica de construção (25,4%), motivo pelo qual, mais uma vez a amostra levanta sérios problemas de representatividade e fiabilidade. Os materiais recolhidos à superfície constituem a maioria da amostra (55,56% dos materiais) encontrando-se 23,81% do total na U.E.1; 17,46% na U.E.2; e 1,59% nas U.E.3 e 10 (ver quadro 1).

Os fragmentos cerâmicos estavam muito fragmentados sendo que, se excluirmos o material de construção, a maioria dos fragmentos não permitem identificar a forma a que pertenciam (40,43%). Entre os identificados, encontramos um conjunto razoável de objectos de armazenamento e transporte, embora em percentagem muito inferior aos sítios mais antigos (ver quadro 1 e gráfico 1).

Trata-se de fragmentos de talha (8,51% do total do vasilhame cerâmico), cântaro (10,64%) e pote (2,13%). A loiça de cozinha representa um conjunto pequeno, composto por fragmentos de panela (4,26%), alguidar e tampa (2,13% cada um deles). O grupo mais numeroso é a loiça de mesa, que reúne jarros (4,26%), copos (4,26%), chávenas (2,13%) e um conjunto significativo de formas abertas: taças (10,64%) e tigelas (6,38%), pratos (2,13%).

A fragmentação dos objectos impede identificar tipologias dentro de cada uma das formas, pautadas pela simplicidade dos perfis como, por exemplo as taças hemisféricas com bordo arredondado (RG2/0002, ver fig. 4).

A análise das técnicas de fabrico permitiu constatar que a maior parte da vasilha foi elaborada com recurso ao torneado rápido (74,47% das peças), mas ainda se constata alguns objectos fabricados manualmente (8,51%), com molde (14,89%), ou com torneado lento (2,13%). Na maioria das cerâmicas, a cozedura realizou-se em atmosfera oxidante (78,72%), sendo muito reduzida presença de objectos que alternam a oxidação e a redução (17,02%) ou com cozedura reductora (4,26%). Em consequência, dominam as peças fabricadas a torno rápido com cozedura oxidante, ficando associados o fabrico manual (4,76%) e o torneado

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS					
	0	1	2	3	10	Total
Indeterminado	13	4	1		1	19
Talha	1		3			4
Panela	1	1				2
Alguidar	1					1
Chávena	1					1
Jarro/jarrinho			2			2
Copo	1	1				2
Tigela	2	1				3
Taça	4	1				5
Prato	1					1
Tampa			1			1
Telha	1	2		1		4
Tijolo	3	5	4			12
TOTAL	29	15	11	1	1	57

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

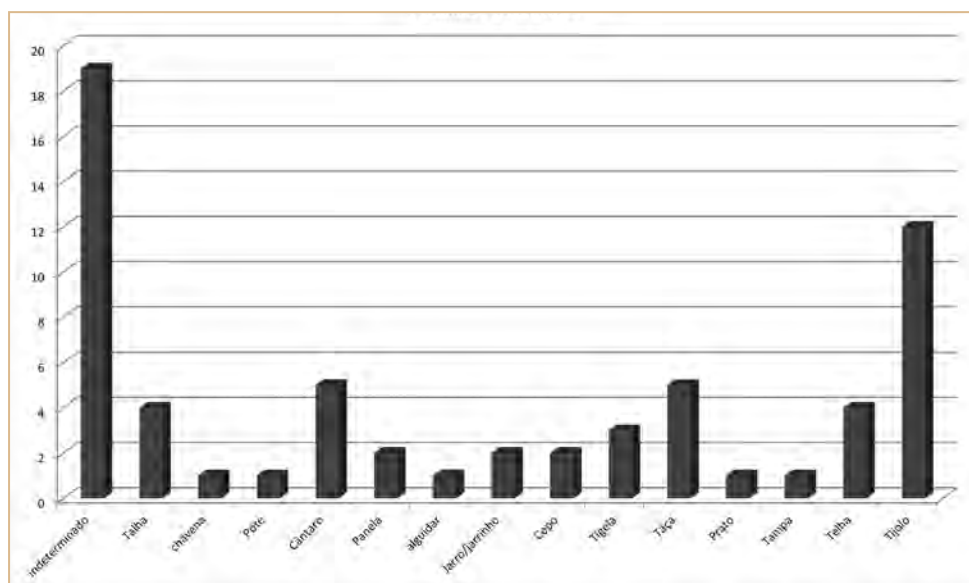


Gráfico 1 – Formas funcionais.

do lento (1,59%) às formas talha e cântaro (ver quadro 5 e gráfico 2).

Os elementos plásticos mais abundantes são o quartzo, que aparece isolado em 27,66%, combinado com o feldspato em 23,40% e com a mica em 10,64% dos fragmentos, normalmente com pequeno calibre e baixa densidade, indicando o uso de pastas bastante depuradas (ver quadro 4).

No que concerne às técnicas de acabamento (ver quadro 6), o alisamento da superfície exterior é, como habitualmente, o predominante (63,83% do vasilhame), tendo tanto o vidrado como a aguada e o engobo uma maior representação do que habitual nas outras estações estudadas (17,02%). São ainda mais abundantes as peças que apresentam revestimento vítreo no interior (31,91%) correspondendo sempre a loiça

de mesa: tigelas, taças, jarro/jarrinho, chávena e prato. Nas formas de cozinha apenas o alguidar possui este acabamento.

Apenas 34,04% das peças apresenta algum tipo de decoração (ver quadro 7), tratando-se, na maior parte dos casos, de loiça de mesa vidrada em alguma das suas faces (27,66% do total do vasilhame), em monocromia ou combinando com motivos bicromáticos ou policromáticos (um exemplo de cada uma destas variantes). Outros três fragmentos possuem decoração incisa, impressa ou canelada.

Em resumo, mesmo tendo em linha de conta a fraca representatividade e fiabilidade da amostra, este

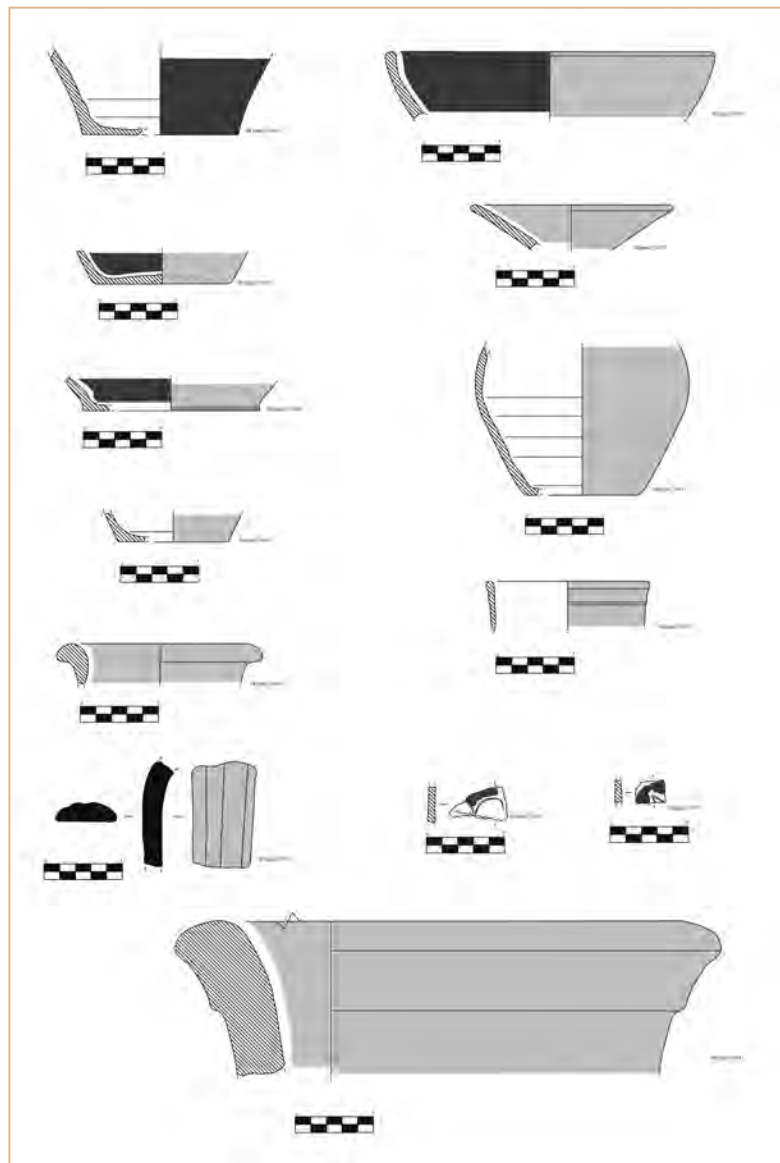


Fig. 4 – Principais peças.



Fot. 7 – Peça (01)0083, fragmento de bordo de talha.

conjunto demonstra um aprovisionamento de bens de consumo em meios urbanos, em olarias que dominam técnicas de fabrico elaboradas e utilizam pastas bem tratadas e depuradas. O reportório funcional variado, indica uma capacidade de aquisição de utensílios maior do que o estritamente necessário para a subsistência do grupo familiar, notando-se um certo requinte na vasilha utilizada.

Mesmo com algumas dificuldades de identificação de formas concretas, as características técnicas permitem identificar um conjunto datável em finais do século XVIII, cronologia corroborada pela presença de uma moeda de 10 reis, de D. José I, datada de 1757.

3.22.4. Conclusões

O sítio designado como Rocha da Gramacha 2 encontra-se junto ao rio Guadiana, próximo da formação rochosa que lhe dá o nome, onde se situava uma eventual fortificação, também intervencionada no âmbito do programa de minimização, que dominava uma passagem fluvial que fazia a ligação entre as duas margens do Guadiana.

Aqui encontrava-se ainda à vista um conjunto arruinado de muros, procedendo-se a uma intervenção arqueológica que pôs a descoberto uma habitação com uma única divisão, com lareira e um forno em alvenaria, no exterior da mesma.

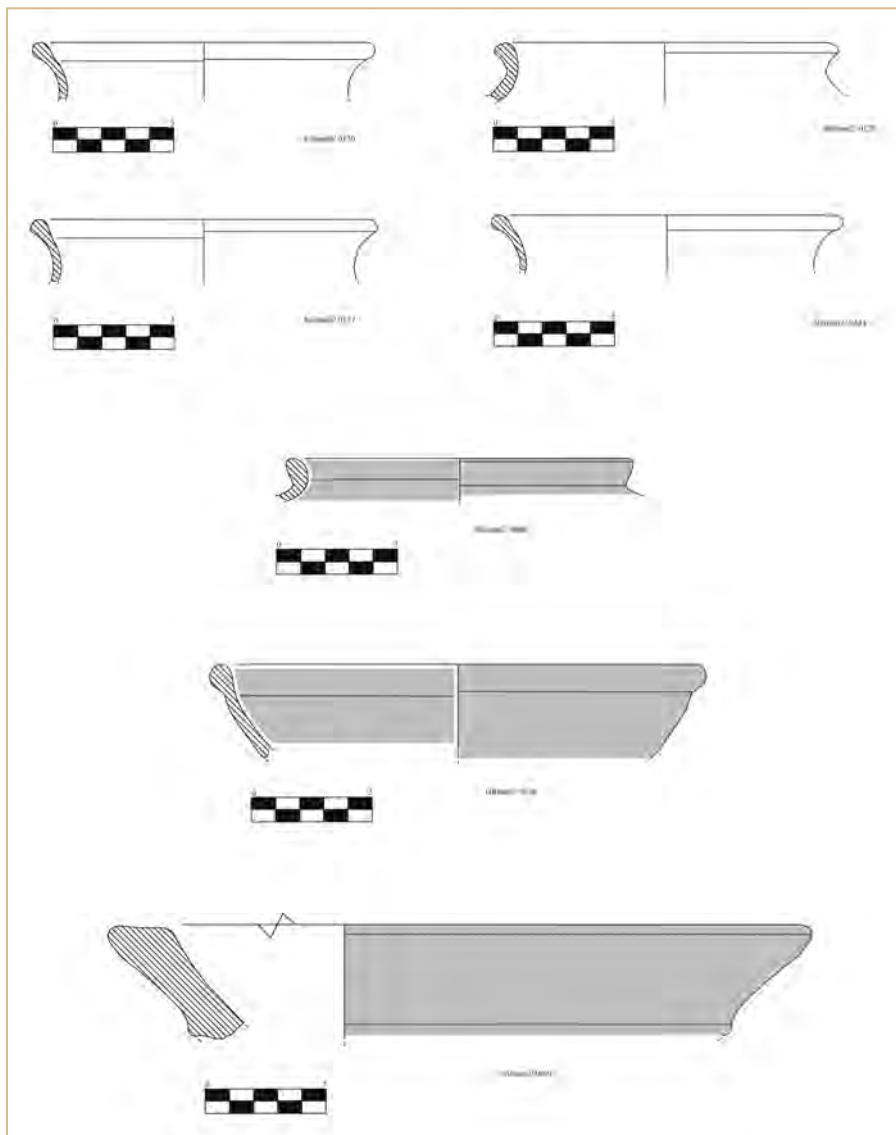


Fig. 5 – Principais peças.



Fot. 8 e 9 – Peça (01)0002, taça vidrada a branco no interior.

COR EXTERIOR	COR CENTRO							
	Bege	Alaranjada	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	Branco	TOTAL
Alaranjada		2						2
Vermelha				1	5			4
Rosada	1				4			5
Castanha			2	12	5	3		22
Cinzenta					1			1
Branco	1						7	8
Verde						1		1
Preto				1		1		2
TOTAL	2	2	2	14	15	5	7	47

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)													
	A2	B1	B2	C2	D3	E2	F2	F4	G2	G3	H1	H2	H3	TOTAL
Indeterminado			1				7		8	1	1	1		19
Pote						1								1
Panela									1			1		2
Cântaro							1		4					5
Talha							1	3						4
Alguidar				1										1
Copo							1		1					2
Jarro/jarrinho													2	2
Chávena	1													1
Tigela					1	2								3
Prato		1												1
Taça	5													5
Tampa							1							1
TOTAL	6	1	1	1	1	3	11	3	14	1	1	2	2	47

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)							
	Bege	Alaranja	Vermelha	Rosada	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Feldspato					3		1	4
Feldspato quartzo mica				4	6	1		11
Feldspato quartzo		4						4
Imperceptíveis	6							6
Mica quartzo		3			2			5
Mica quartzo calcário				1				1
Mica quartzo min. ferroso xisto					1			1
Min. ferrosos quartzo	1							1
Quartzo		2	4		5	1	1	13
Quartzo chamote				1				1
TOTAL	7	9	4	6	17	2	2	47

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA				
	OXIDANTE	ALTERNA	IRREGULAR	REDUTORA	TOTAL
Manual	1		1	2	4
Torno Lento				1	1
Torno Rápido	7	1	21	6	35
Rolo					0
Indeterminado					0
Molde	6		1		7
Molde (Mat. Construção)	16				16
TOTAL	30	1	23	9	63

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

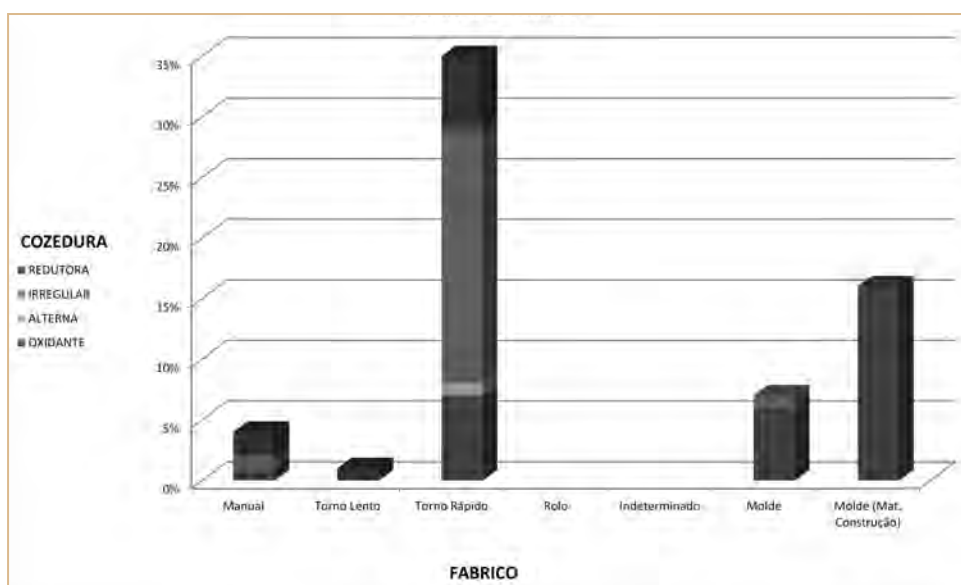


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR					
	Grosseiro	Alisado	Aguada	Engobado	Vidrado	TOTAL
Alisado		10		2		12
Aguada		1	5			6
Engobado		2				2
Sem tratamento		11		1		12
Vidrado	1	6			8	15
TOTAL	1	30	0	3	8	47

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO EXTERIOR						
	Incisão	V. monocroma	V. bicroma	V. policroma	V. monocromo	Não dec.	TOTAL
Indeterminado	2					17	19
Talha						4	4
Chávena					1		1
Pote						1	1
Cântaro						5	5
Panela						2	2
Alguidar						1	1
Jarro/jarrinho					1	1	2
Copo						2	2
Tigela						3	3
Taça		1		1	3		5
Prato					1		1
Tampa						1	1
Telha						4	4
Tijolo						12	12
TOTAL	2	1	0	1	6	53	63

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.



Fot. 10 – Peça (01)0101, moeda de 10 reis de D. José I.

Composta por duas plataformas artificiais, a planta era rectilínea bastante simples, apresentando dois ambientes de médias dimensões, tendo o ambiente localizado na plataforma superior cerca de 3,70 m x 2,60 m, onde foi identificada uma lareira, e o ambiente seguinte, de maiores dimensões, construído na plataforma intermédia. O acesso entre estes espaços era efectuado por dois degraus, e ao exterior, por uma escadaria com três degraus.

A simplicidade da sua arquitectura passava por elementos como os pavimentos, elaborados de seixos rolados calçetados numa camada de argamassa feita com terras mais depuradas e argilosas. A escadaria exterior dava acesso a uma calçada externa, também ela calçetada com seixos, formando em frente da entrada

um desenho simples em losangos, feito com seixos de rio brancos.

A norte desta primeira estrutura e seguindo o perfil do declive, foram construídos muros de contenção de terras, talvez para aí se cultivarem pequenas árvores de fruto. A presença de uma figueira e algumas oliveiras bravias apontava para este facto.

A sul da estrutura principal, junto ao caminho que dava acesso ao local e a escassos metros do mesmo, encontrava-se uma outra estrutura anexa identificada como forno.

Ainda segundo informações orais, junto a esta construção, numa pequena enseada desenhada pelo rio, funcionava um porto de passagem, onde existia uma barca que fazia o trânsito de uma margem à outra.

Cronologicamente, as sondagens realizadas no local apontam para a época moderna/contemporânea, pelo conjunto cerâmico e a presença de uma moeda de D. José I, da segunda metade do século XVIII, encontrada *in situ*.

Outro dado a reter correspondeu à destruição e abandono do local. A presença da camada superficial de areias de aluvião que cobria quase toda a parte baixa da estrutura parece sustentar a hipótese da destruição da estrutura por causas naturais, atendendo às informações da Sondagem 1, provavelmente provocada pelas inúmeras cheias do Guadiana. A “limpeza” do local, deveu-se talvez a este facto.

3.23. Monte Barbosa 7

3.23.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio identificado como Monte Barbosa 7 foram efectuados em Setembro de 1998⁴⁰, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Alqueva, concelho de Portel, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95179, de cronologia medieval/moderna.

O sítio Monte Barbosa 7 localiza-se na Herdade do Barbosa, no topo de uma pequena elevação, sobranceira a um pequeno vale virado à vertente oeste do Rio Guadiana. A sua localização, relativamente à área envolvente, permite um bom domínio da paisagem, bem como um fácil acesso ao rio, do qual dista cerca poucos metros. No reconhecimento efectuado na fase de prospecção/relocalização, foram identificados vestígios

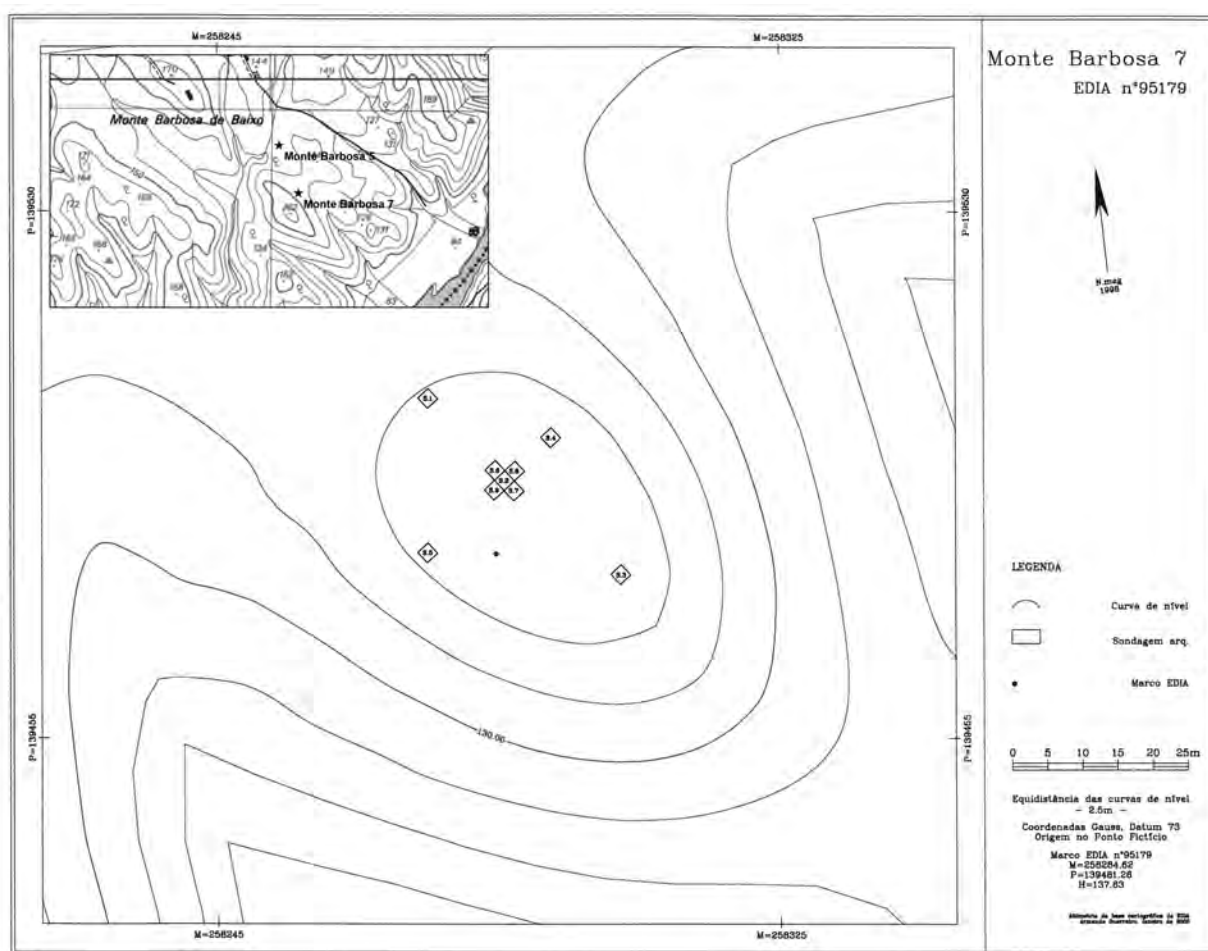


Fig. 1 – Localização na CMP 501 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.

⁴⁰ Os trabalhos arqueológicos efectuados no local Monte Barbosa 7 foram realizados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Conceição Roque, assistente de arqueólogo; Vitória Valverde e Carla Santos, estagiárias; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados; Alice Alves e José Luís Neto, voluntários.

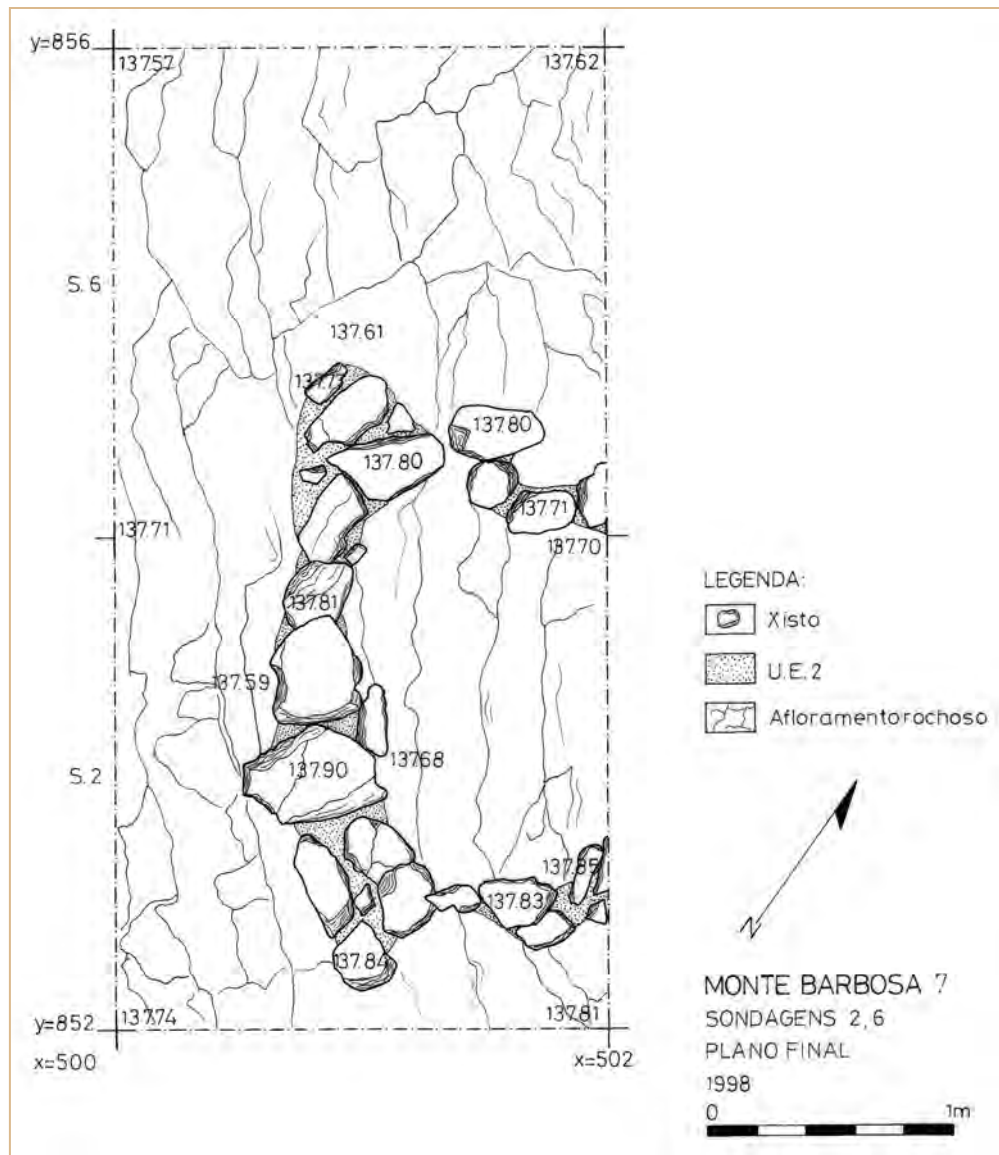


Fot. 1 – Sondagem 2, vista para noroeste da estrutura em direcção à Sondagem 6.

de uma aparente estrutura em xisto. Era igualmente notória a dispersão, à superfície de cerâmica de construção numa área relativamente circunscrita de cerca de 200 m².

3.23.2. Trabalhos arqueológicos

Após a limpeza e desmatação do local, foram marcadas, numa primeira fase, cinco sondagens de 2x2 m, na tentativa de delimitar e identificar a estrutura observada. Posteriormente, em virtude dos resultados da Sondagem 2, foram marcadas quatro novas sondagens, igualmente de 2x2 m e também georreferenciadas à rede Geodésica Nacional. Note-se que face



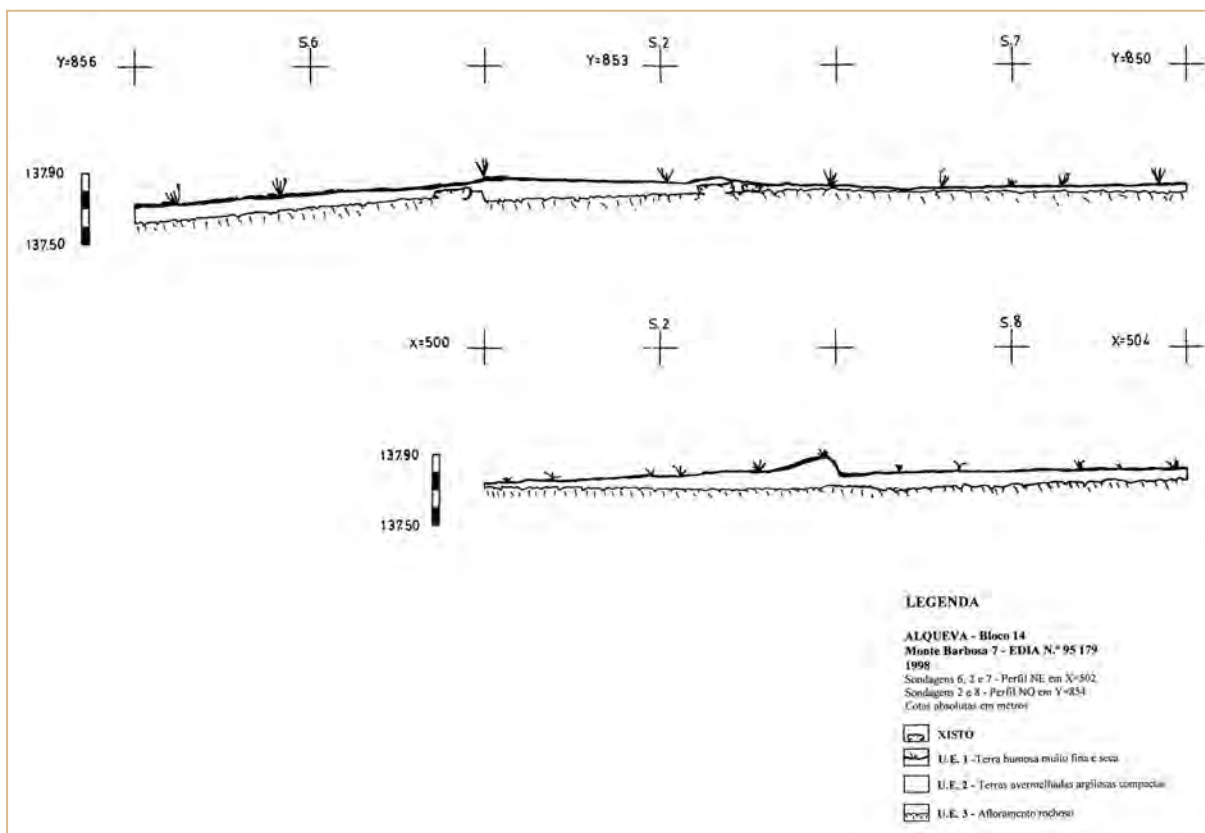


Fig. 3 – Sondagens 6, 2 e 7, perfil estratigráfico a nordeste; Sondagens 2 e 8, perfil estratigráfico a noroeste.

às informações recolhidas nas Sondagens 6, 7 e 8, a Sondagem 9 não foi intervencionada.

3.23.2.1. Estratigrafia

3.23.2.1.1. Sondagens 1, 3, 4, 5 e 8

U.E.1 - Nível vegetal de terra castanha avermelhada barrenta e compacta.

U.E.2 – Estrato homogéneo e argiloso, barrento, de cor castanha avermelhada e extremamente compacta, com pedras de xisto de pequeno calibre. Da sua decapagem até ao afloramento xistoso (U.E.3), não foram observados vestígios de estruturas nem qualquer tipo de espólio.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

3.23.2.1.2. Sondagens 2, 6 e 7

U.E.1 – Estrato idêntico à U.E.1 da Sondagem 1. Com a decapagem foi posta a descoberto uma fiada de elementos pétreos de xisto de médio e grande ca-

ibre, bem imbricada na terra, de forma semi-circular, que apontava para a presença de uma estrutura semelhante a um chafurdo.

U.E.2 – Nível de terra barrenta e avermelhada, muito compacta, permitiu a clara identificação do interior da estrutura, diferindo do referido estrato pela presença de diversos elementos pétreos de médio e grande calibre, resultantes da desagregação e derrube dos muros da estrutura. O alargamento da área com a Sondagem 6 permitiu a definição da planta completa da estrutura

U.E.3 – Afloramento de xisto.

3.23.3. Estudo do espólio

A pobreza do espólio recolhido é notável, sendo o material proveniente apenas de quatro das sondagens executadas e em quantidade diminuta. Foram no total exumados 25 fragmentos, entre os quais duas telhas, tendo sido a maioria encontrados na Sondagem 2 (44% dos fragmentos). A fragmentação extrema dos objectos, representados maioritariamente por panças

(82,1%) apenas permitiu identificar fragmentos relativos a uma talha, a um cântaro, a um jarro, a um pote/panela e a duas telhas. Todos os fragmentos eram muito pequenos impedindo identificar a tipologia morfológica de cada um deles.

No que diz respeito às pastas, a maior parte dos fragmentos corresponde ao tipo de pasta G1 pastas cinzentas granuladas (36% do total), D1 de pastas granuladas de cor laranja acastanhado (20%), e F1 de cor castanha e textura granulada (16%). As pastas alaranjadas grosseiras C1 ou compactas G2 (2 fragmentos cada), surgem sobretudo em telhas e podemos considerar residuais as pastas pretas granuladas (H1) ou compactas (H2) e D2, alaranjada compacta, (1 fragmento cada).

No que aos elementos não plásticos (ENP) diz respeito, encontramos diversas combinações: sendo a

mais repetida a que apresenta muitos elementos de feldspato e quartzo de tamanho médio ou grande (5 e 3 fragmentos respectivamente), seguida da que apresenta pequenos elementos de mica (3 fragmentos), e das que ostentam quartzo, mica e feldspato em distintos tamanhos e densidades.

Quanto as técnicas de fabrico, não foi possível identificar a técnica empregue num grupo importante de fragmentos (36%). Dos restantes, 44% das cerâmicas foram executadas a torno rápido, 12% são de fabrico manual, e as duas telhas moldadas (8%). Já quanto a técnica de cozedura, 48% apresenta sinais duma cozedura em atmosfera redutora, e 44% em oxidante (inclui os dois fragmentos de telhas) sendo que nos dois fragmentos restantes a cozedura alternou entre as duas. A combinação de cozedura e fabrico traduz-se

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS		
	0	2	Total
Indeterminado		19	19
Talha	1		1
Cântaro		1	1
Pote/panela		1	1
Jarro		1	1
Telha		2	2
TOTAL	1	24	25

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

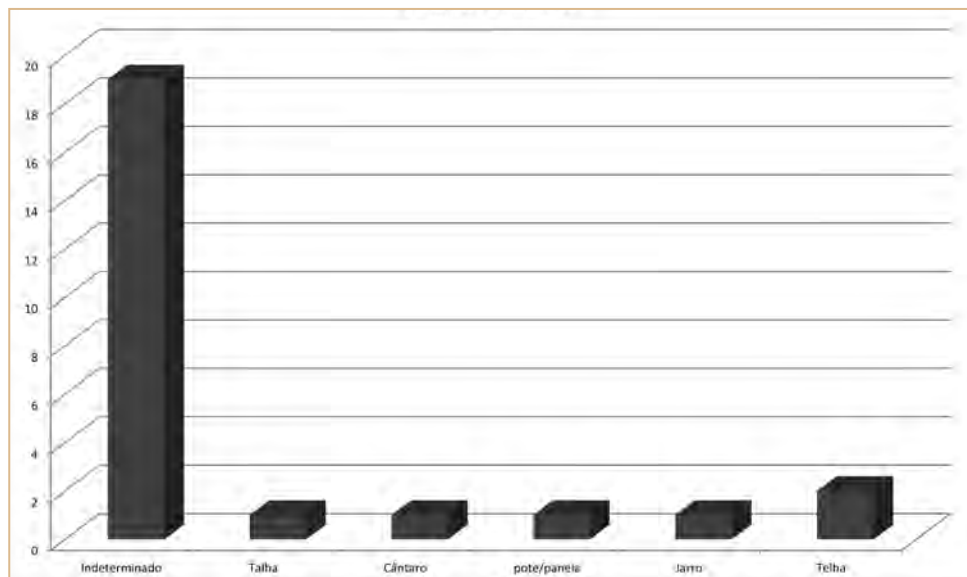


Gráfico 1 – Formas funcionais.

COR EXTERIOR	COR CENTRO					TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preta	
Bege						0
Alaranjada	8			1		9
Vermelha		2				2
Castanha			4	5	2	11
Cinzenta				1		1
TOTAL	8	2	4	7	2	23

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)								TOTAL
	CI	DI	D2	FI	GI	G2	HI	H2	
Indeterminado		4	1	4	7		1	1	18
Cântaro					1				1
Talha					1	2			3
Jarro		1							1
Telha	2								2
TOTAL	2	5	1	4	9	0	0	1	25

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)				TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	
Quartzo moscovite feldspato			1		1
Feldspato quartzo	4		7	1	12
Quartzo mica xisto			2		2
Mica		1	2		3
Quartzo mica			1		1
Quartzo mica feldspato	4				4
TOTAL	9	2	11	1	23

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

num conjunto diversificado de situações sendo as mais destacadas a cozedura oxidante e fabrico com torneado rápido, e a cozedura redutora e torno rápido (5 exemplares em cada uma delas).

No que diz respeito aos acabamentos, 72% dos fragmentos apresentam alisado tanto no interior como no exterior da vasilha, sendo que mais dois fragmentos combinam o alisado com o acabamento grosseiro, outras duas peças apresentam aguada e uma se encontra vidrada tanto no interior como no exterior. As peças sem tratamento em algum dos seus lados representam 8% do total.

A decoração surge de forma escassa, correspondendo a dois fragmentos (8%), sendo um deles um

fragmento indeterminado, fabricado a torno rápido, com vidrado no interior e no exterior, e o outro um fragmento de talha, fabricada mediante a técnica do rolo, com uma impressão exterior.

A pobreza do espólio recolhido impede que se possam extrair conclusões seguras. No que diz respeito à cronologia, apenas a presença de um fragmento de cerâmica vidrada nos leva a atribuir uma cronologia de finais da Idade Média ou, mais provavelmente, de Época Moderna, se bem que a talha com impressões e a frequência de técnicas de fabrico manual e com cozeduras redutoras em percentagens elevadas nos incita a considerar a possibilidade de estreitar essa datação para o final da Idade Média e o início do período moderno.

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual		1	1	2
Torno Lento				0
Torno Rápido	5	1	5	11
Rolo			1	1
Indeterminado	4		5	9
Molde	2			2
TOTAL	11	2	12	25

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

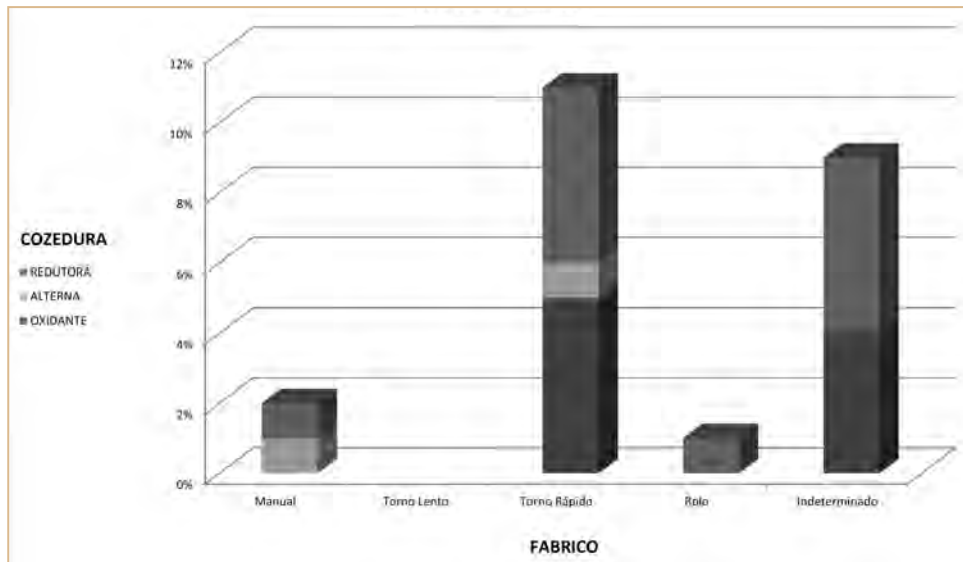


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR			TOTAL
	Alisado	Aguada	Sem tratamento	
Grosseiro		1		1
Alisado	18	1	1	20
Sem tratamento	2			2
TOTAL	20	2	1	23

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO EXTERIOR			TOTAL
	Impressão	V. monocromo	Não dec.	
Indeterminado		1	18	19
Talha	1			1
Cântaro			1	1
Pote/panela			1	1
Jarro			1	1
Telha			2	2
TOTAL	1	1	23	25

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.



Foto 2 – Peça (06)0001, fragmento de pança de talha, com impressão exterior.

A caracterização do reportório formal, contribui para esta última hipótese, pois dominam nele as formas de armazenamento e transporte e de cozinha, facto coerente com o espólio espectacular num contexto rural dessa cronologia.

3.23.4. Conclusão

O sítio do Monte Barbosa 7, distando cerca de 200 metros do Monte Barbosa 5, revelou uma sequência estratigráfica homogénea, pautada pela escassez do solo local e pela ausência de níveis arqueológicos conservados.

A estrutura identificada, de construção pétreo de xisto de grandes blocos aparelhados com terra e em pedra seca e de forma semi-circular, foi classificada como um chafurdo, de técnica construtiva e dimensões com paralelos com outras estruturas do mesmo tipo conhecidas na região, e associado a uma rede de construções de apoio às actividades agro-pecuárias e, eventualmente, ao próprio local Monte Barbosa 5.

3.24. Monte Roncanito 17

3.24.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio identificado como Monte Roncanito 17 foram efectuados em Setembro de 1998⁴¹, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência (SILVA, 1996) afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95303, de cronologia medieval/moderna.

O sítio localizava-se no topo de um pequeno pátio virado para um regato, pequena linha de água subsidiária do rio Guadiana, sendo exíguos os vestígios detectados à superfície, com escassas ocorrências de elementos pétreos e escassos de cerâmica muito rolados e incaracterísticos.

Uma observação mais cuidada na fase de localização e prospecção inicial do local permitiu identificar a face de um muro de xisto, escondido sob a vegetação, no topo do qual se encontrava um tronco de árvore de dimensão média, Considerando-se, desde logo, interesse em delimitar e avaliar a estrutura e interpretar a sua funcionalidade.

3.24.2. Trabalhos arqueológicos

A fim de obter uma cronologia baseada em dados arqueológicos e entender a clara funcionalidade do local, foram efectuadas seis sondagens arqueológicas, após a desmatação e limpeza da área envolvente para aferir da eventual existência de mais estruturas anexas.

A marcação das mesmas foi condicionada pela delimitação da estrutura, apresentando dimensões variáveis: Sondagens 1 e 2, ao longo da plataforma do local (procurando detectar outras eventuais estruturas),

⁴¹ Os trabalhos arqueológicos no Monte Roncanito 17 foram efectuados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo e responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo co-responsável pelos trabalhos de campo. Conceição Roque, Ricardo Costa, Frederico Tátá Regala e Esmeralda Gomes, assistentes de arqueólogo; António Garcia Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados; Carla Lima e Alice Alves.

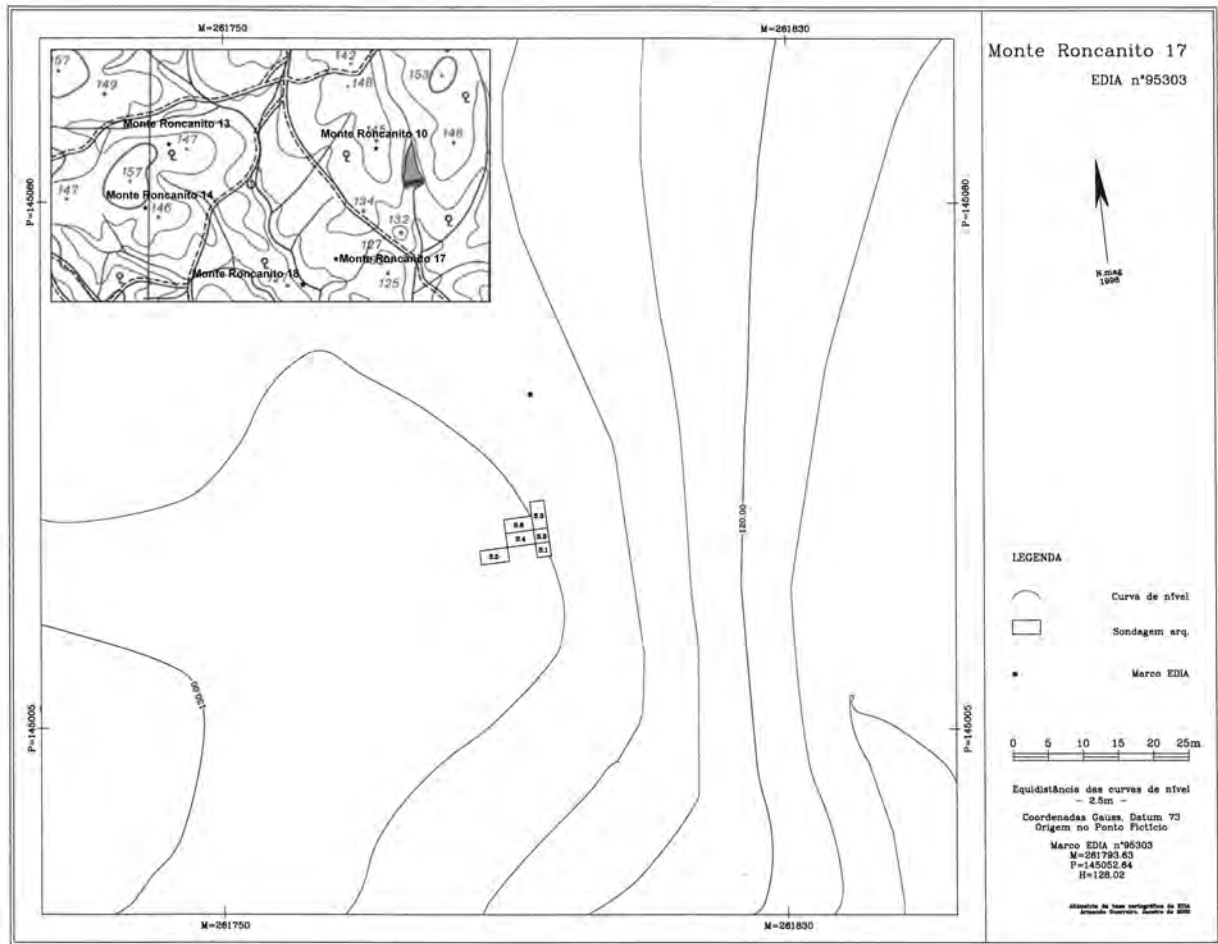


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula.



Fot. 1 – Vista para oeste do local, antes da intervenção.

com cerca de 2x2 m; Sondagens 3, 4, 5 e 6, incidindo sobre a estrutura e área contígua à mesma, com cerca de 2x4 m. As áreas abertas foram georreferenciadas à Rede Geodésica Nacional.

3.24.2.1. Estratigrafia

A potência estratigráfica foi diminuta, compreendendo genericamente duas unidades sedimentares, com cerca de 0,15 a 0,30 m de espessura, comuns a todas as sondagens abertas, com excepção das Sondagens 4, 5 e 6, efectuadas na área da estrutura, cujo interior revelou uma sequência distinta. A estratigrafia destas últimas será apresentada posteriormente.

3.24.2.1.1. Sondagens 1, 2, 3

U.E.1 – Nível de solo vegetal, de terra de cor castanha escura, arenosa com grão fino, solta com pedras

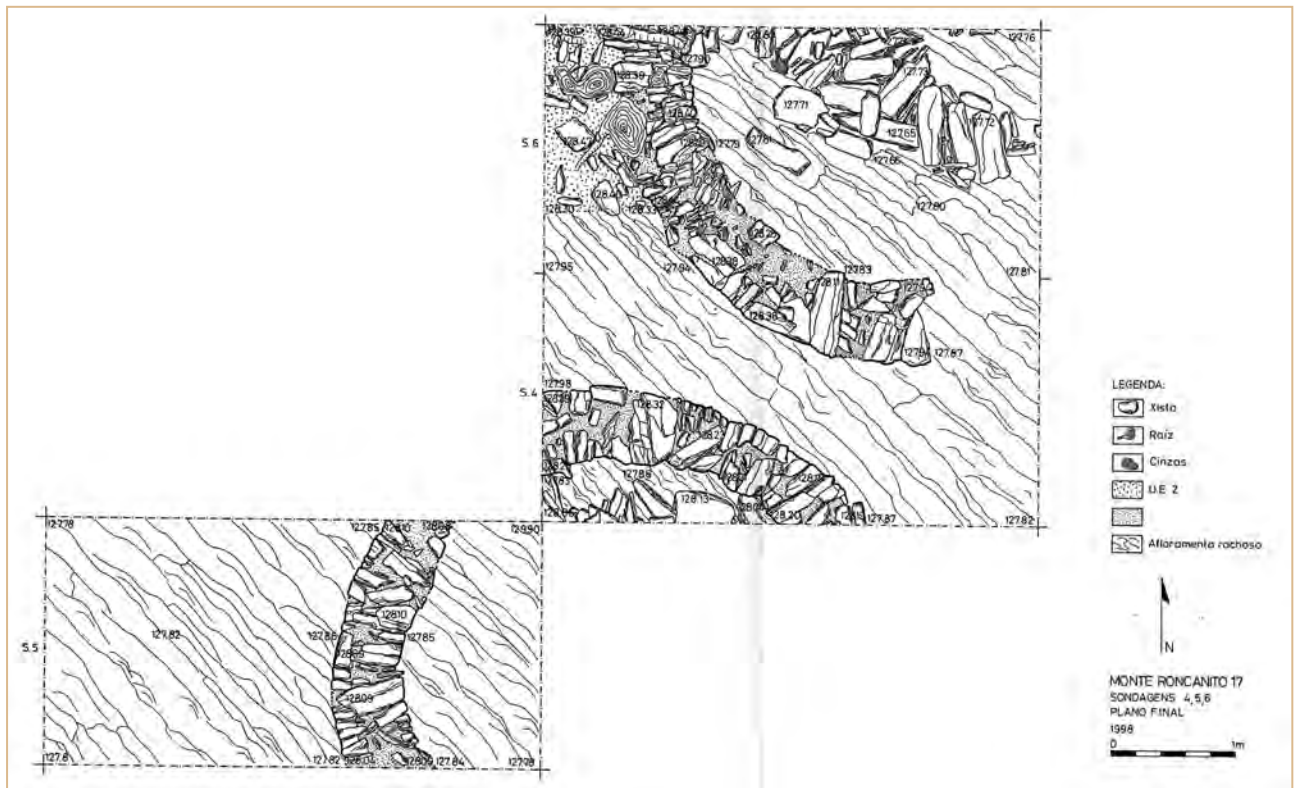


Fig. 2 – Sondagens 4, 5 e 6, plano final.

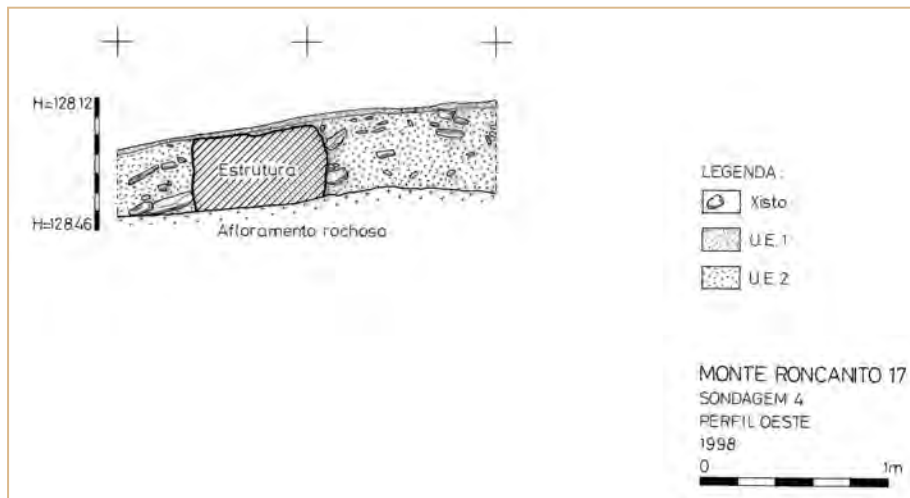


Fig. 3 – Sondagem 4, perfil estratigráfico oeste.



Fot. 2 – Sondagem 4, plano final, vista para oeste.

de xisto de pequeno calibre, com cerca de 3 a 4 cm de espessura, variável consoante as sondagens e o declive natural do terreno onde estas se localizavam. Na Sondagem 4 este estrato apresentava uma tonalidade mais escura, dada a forte presença de raízes provenientes da árvore que se encontrava sobre parte da Estrutura I.

U.E.2 – Terra castanha-clara, desta feita mais compacta, com pedras de xisto e quartzo, de pequeno, médio e grande calibre.

U.E.3 – Afloramento xistoso, de orientação nordeste/sudeste.



Fot. 3 – Sondagem 6, plano de escavação, vista para oeste.

Na Sondagem 3 foi detectado, sobre a U.E.2 um conjunto de pedras de xisto de médio e grande calibre, que uma vez bem definidas, puseram a descoberto no limite norte da sondagem parte da estrutura pétrea circular já visível à superfície, designada de Estrutura I. O troço da estrutura pétrea, bastante destruído, era composto por pedras de xisto de média e grande dimensão, bem fincadas no afloramento rochoso.

3.24.2.1.2. Sondagens 4, 5 e 6

U.E.1 – Nível de solo vegetal, de terra de cor castanha escura, arenosa com grão fino, solta com pedras de xisto de pequeno calibre, com cerca de 3 a 4 cm de espessura, variável consoante as sondagens e o declive natural do terreno onde estas se localizavam.

U.E.2 – Terra castanha clara, desta feita mais compacta, com pedras de xisto e quartzo, de pequeno, médio e grande calibre.

U.E.2A – Terra castanha amarelada, argilosa e muito compacta com presença de elementos de xisto de dimensões variadas.

U.E.2B – Terra castanha-avermelhada, compacta, com pedras de xisto e quartzo, de pequeno, médio e grande calibre.

U.E.3 – Afloramento xistoso, de orientação noroeste/sudeste.

Tal como nas demais sondagens efectuadas, a estratigrafia revelou a mesma sequência, inalterada até à U.E.2, que cobria a Estrutura I e uma nova estrutura, identificada no limite sudoeste da Sondagem 4, constituída por um muro em xisto de forma circular, designada como Estrutura II.

Ainda nesta sondagem, foi detectado um terceiro estrato/nível sedimentar designado de U.E.2A e composto por terra castanho-amarelada, argilosa e muito compacta, com algumas lajes de xisto de calibre diverso. Este depósito, que cobria o topo da Estrutura I, deveria fazer parte da mesma, cujas paredes deveriam ser erguidas em terra.

Na Sondagem 6, efectuada no “interior” da Estrutura II, foi ainda identificado parte do derrube da estrutura mural e, após o seu desmonte, um nível de regularização com pedras de xisto de médio calibre, niveladas à mesma cota e designado como U.E.2B. A sua disposição, sobre as falhas do afloramento sugeria um nivelamento do interior da estrutura para um possível piso de ocupação.

3.24.2.2. Interpretação

Apesar da diminuta potência estratigráfica do local, foi possível confirmar a existência da estrutura observada na fase de prospecção/relocalização (Estrutura I) e identificar uma segunda estrutura, designada de Estrutura II. Ambas apresentavam planta circular, com cerca de 4,5 m de diâmetro e uma construção com pedras de xisto com um ligante de terra argilosa. Encontravam-se muito destruídas a este, onde a potência estratigráfica era reduzida a cerca de 0,10 m de espessura.

Compreendendo apenas uma a duas fiadas de blocos pétreos, estas estruturas seriam provavelmente erigidas em terra, como parecem testemunhar os dados da Sondagem 4, com a identificação de um nível muito compacto e argiloso no topo da Estrutura I, revelando uma técnica comum no mundo rural com recurso à utilização da terra como forma de construção.

3.24.3. Estudo do espólio

O material recolhido na estação Monte Roncaino 17 revela uma grande escassez quantitativa, com

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS				
	1	2	3	0	Total
Indeterminado	5	15	3	2	25
Contentor		1			1
Cântaro		2			2
Panela		2			2
Bilha		1			1
Taça/tigela	1	1			2
Jarra		1			1
Tigela/prato	1				1
Tigela		1			1
Taça		2			2
TOTAL	7	25	3	2	37

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

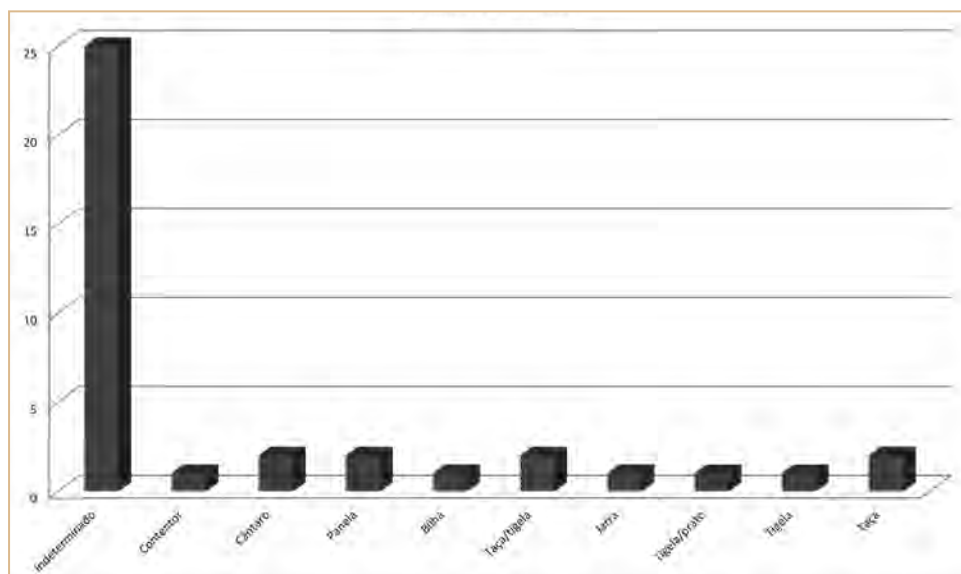


Gráfico 1 – Formas funcionais.

um conjunto de entradas na base de dados na ordem dos 53 fragmentos cerâmicos (reportando quatro a materiais de construção, telhas, tijolos, etc.). Na sua maioria, são recolhidas efectuadas nas Sondagens 2 e 4 (ver quadro 1), atribuídas à U.E.2 (67,57%), existindo contudo materiais oriundos das restantes unidades estratigráficas atribuídas: 5,41% U.E.0; 18,92% U.E.1; 8,11% U.E.3.

O grau de fragmentação dos objectos é nitidamente elevado, o que condicionou sobremaneira a

identificação formal das peças exumadas, salientando-se uma percentagem de 67,57% de formas não identificadas, contando apenas com uma única forma completa. Entre os grupos cerâmicos com maior representatividade (ver quadro 1) destacam-se a loiça de mesa (18,92%) e a cerâmica de armazenamento e transporte (8,11%), sendo bastante reduzido o conjunto de loiça de cozinha (5,41%), representado exclusivamente pela presença de painéis. Uma destas painéis conserva-se quase completa (ver fig. 4). Trata-se de

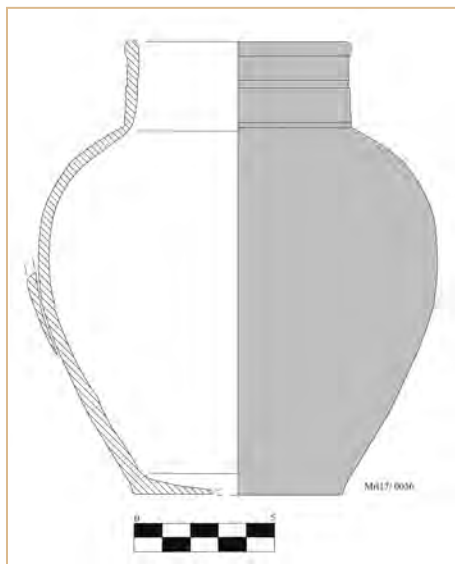


Fig. 4 – Peça (03)0065, panela quase completa.



Fot. 4 – A mesma peça da Fig. 4.

COR EXTERIOR	COR CENTRO						TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	Branco	
Bege							
Alaranjada	1		5	1	2		9
Vermelha		3	1	1	3		8
Castanha			4	9	1		14
Branco						3	3
Preto			1		3		3
TOTAL	1	3	11	11	9	3	37

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

uma forma de base plana, corpo globular com colo cilíndrico de largura e altura médias e bordo vertical com lábio arredondado ligeiramente engrossado ao exterior. Possuía uma única asa, entretanto perdida. Esta forma guarda alguma semelhança com peças encontradas em Évora (TEICHNER & SCHIERL, 2009: fig. 981) datadas dos séculos XIII-XV, mas pensamos tratar-se de uma forma mais recente, já que objectos com formas muito parecidas são vendidos ainda hoje em diversas feiras do Alentejo, provenientes das olarias de São Pedro de Corval.

Como forma funcional individual mais abundante regista-se a taça, taça/tigela com cerca de 10,82% das ocorrências formais.

As pastas (ver quadros 2, 3 e 4) apresentam uma predominância de cores castanhas (37,84%), alaranjadas (24,32%) e vermelhas (21,62%), seguidas pelas pastas pretas e cinzentas (8,11% ambas). A maioria dos fragmentos cerâmicos encontra-se agrupada nos grupos de pastas denominados de F1 (pastas de textura granulosa, algo grosseira ou arenosa, de coloração oscilante entre o castanho avermelhado e o castanho chocolate 18,92%), G1 (textura igualmente granulosa, algo friável, de coloração cinzento ou cinzento azulada 10,81%) e H3 (texturas compactas e folheáceas ou laminosas, de coloração preta 10,81). A maioria dos elementos não plásticos (ENP) revelou-se imperceptível a um exame macroscópico (27,03%), dada a sua

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)															
	A1	B1	C2	E1	E2	E4	F1	F2	F3	G1	G2	G3	H1	H2	H3	TOTAL
Indeterminado				1		1	7	1	2	3	1	1	3	1	3	23
Panela					1						1					2
Cântaro												1			1	2
Bilha			1													2
Contentor										1						1
Jarra											1					1
Taça/tigela	1															1
Tigela											1					1
Taça		1						1								2
tigela/prato		1														1
TOTAL	1	2	1	1	1	1	7	2	2	4	5	2	3	1	4	37

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)					TOTAL
	Alaranjada	Vermelha	Branco	Castanha	Preto	
Feldspato quartzo	1					1
Imperceptíveis	2	3	3	2		10
Mica	2	2			3	7
Feldspato mica				1		1
Quartzo	2	1				3
Quartzo feldspato mica	7				1	8
Quartzo mica	2	2		2		6
Quartzo mica xisto				1		1
TOTAL	16	8	3	6	4	37

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

reduzida dimensão, sendo o ENP mais representado a mica, normalmente em combinação com o quartzo e/ou o feldspato (os três elementos aparecem juntos em 21,62% dos casos). Na sua maior parte são partículas pequenas que aparecem com uma densidade média.

Excluindo o material de construção, o espólio cerâmico exumado do Monte Roncanito 17 foi, na sua maioria efectuado com recurso ao torneado rápido (89,19%), contrariamente a outras estações do Bloco 14 onde a predominância do torneado rápido não é tão evidente ou mais equilibrada em relação aos demais modos produtivos. Foram ainda observadas outras técnicas de fabrico, comportando a moldagem manual (pela técnica do rolo) em cerca de 2,70% do material bem como 8,11%, correspondente a produções indeterminadas, efectuadas a roda manual ou torneado lento. Cerca de 51,35% dos materiais recolhidos apresentam cozeduras em atmosfera redutora,

verificando-se, todavia, um claro equilíbrio em relação às cozeduras oxidantes em cerca de 45,95%. Percentualmente menor, está ainda patente a cozedura alternante em cerca de 2,70% dos objectos. Portanto, observando o processo de fabrico e cozedura, verificamos existir, no quadro das produções a torno rápido uma igualdade das cozeduras redutoras e oxidantes (cerca de 44,60% cada).

Em relação às técnicas de acabamento e tratamento de superfície, a maior parte dos indivíduos apresentam um acabamento alisado (67,57% no exterior), combinado com aguada exterior (21,62%) em formas de armazenamento do tipo cântaro e na loiça de cozinha do tipo panela. São significativos os exemplares que apresentam vidrada alguma ou as duas superfícies (29,73% com vidrado interior), normalmente em monocromia. Para além desta temática decorativa, está patente a decoração por caneluras (2,70%), perfazendo

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Torno Rápido	16	1	16	33
Rolo			1	1
Indeterminado	1		2	3
TOTAL	17	1	19	37

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

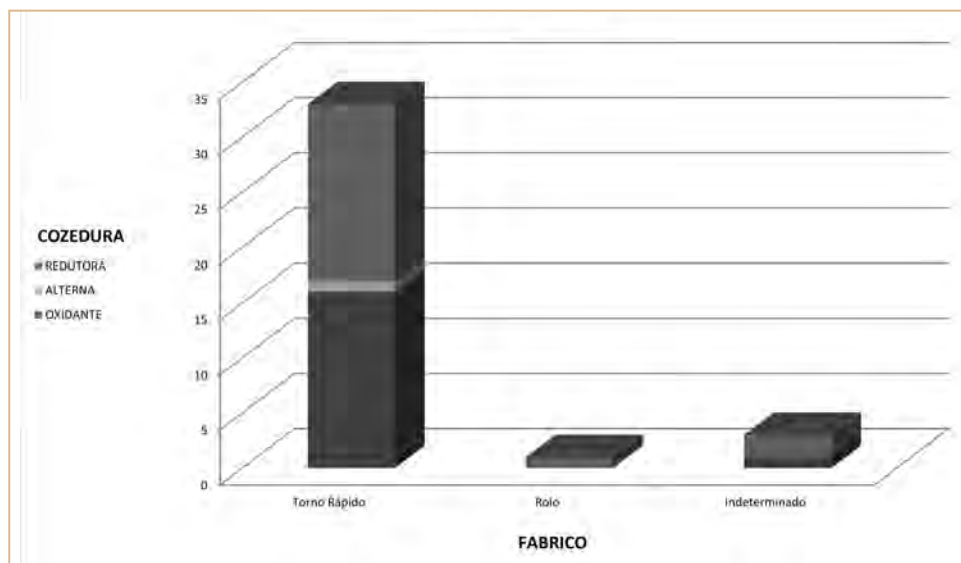


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR			TOTAL
	Alisado	Aguada	Vidrado	
Grossoiro				0
Alisado	8	3	1	12
Sem tratamento	9	5		14
Vidrado	8		3	11
TOTAL	25	8	4	37

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

TIPO DE PEÇA	DECORAÇÃO INTERIOR		
	V. monocromo	Não dec.	TOTAL
Indeterminado	6	18	24
Cântaro		2	2
Panela		2	2
Contentor		1	1
Bilha		2	2
Jarra		1	1
Tigela	1		1
Taça	2		2
Tigela/Prato	1		1
Taça/tigela	1		1
TOTAL	11	26	37

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

um total de 35,14% de material com decoração, uma percentagem, certamente invulgar dentro do conjunto dos sítios do Bloco 14.

Em resumo, mesmo com uma fraca fiabilidade, o conjunto pode datar-se, tanto pelas formas documentadas, como pelas técnicas empregues, no final do período moderno ou mesmo em Época Contemporânea, com uma certa diversidade tanto nas formas como nas técnicas que indica o seu abastecimento em meios urbanos com práticas oleiras bem desenvolvidas.

3.24.4. Conclusão

As sondagens realizadas no sítio do Monte Roncanito 17 permitiram observar uma estratigrafia bastante reduzida e homogénea. Destacaram-se duas estruturas circulares (Estruturas I e II) em pedra de xisto, com um ligante constituído de terra mais argilosa, parcialmente destruídas pela lavra e pelos intensos trabalhos agrícolas. O espólio associado inibe igualmente grandes considerações sobre o local, cuja cronologia deverá situar-se no período contemporâneo, com base nas cerâmicas vidradas.

Como hipótese interpretativa, reforçada por informações orais, equacionamos que as estruturas circulares detectadas no Monte Roncanito 17 fariam parte de um complexo de produção suína, ou seja um conjunto de chafurdos para a criação de porcos, comuns na região.

3.25. Monte Roncanito 5

3.25.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio designado como Monte Roncanito 5 foram efectuados em Abril de 2000⁴², no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Freguesia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95288, como um habitat de cronologia medieval/moderna

Situado na vertente oeste do Rio Guadiana, o sítio Monte Roncanito 5 localiza-se na Herdade do Roncão, no topo de uma pequena plataforma sobranceira a uma estrada de terra batida que atravessa a referida Herdade. A sua localização, relativamente à área envolvente, permite um relativo domínio da paisagem e um fácil acesso ao Guadiana. Encontra-se relativamente próximo dos sítios do Monte Roncanito 2 e Monte Roncanito 4.

De acordo com a bibliografia disponível, a descrição do Monte Roncanito 5 referia uma plataforma aplanada onde se destacavam à superfície restos de muros em forma de quartzo e xisto, bem como cerâmica de construção, material escasso e disperso. (SILVA, 1996), confirmados na fase de prospecção/reavaliação do local, com um pequeno aglomerado de pedras de quartzo e xisto de calibre diverso.

3.25.2. Trabalhos arqueológicos

Observando-se que a maior concentração de vestígios se desenvolvia ao longo da plataforma de topo aplanado, foram aí estabelecidas e marcadas nove sondagens arqueológicas de 2x2 m georreferenciadas ao Sistema Nacional de Referência, a fim de caracterizar a ocupação do local, das quais foram escavadas sete.

3.25.2.1. Estratigrafia

3.25.2.1.1. Sondagens 1, 2, 3, 7, 8 e 9

U.E.1 – Estrato composto por terras castanhas escuras, húmidas e soltas, com pedras de xisto e quartzo de calibre diverso.

U.E.2 – Estrato composto por terras castanhas não muito escuras, ligeiramente compactadas, com concentração de pedras de xisto e quartzo de calibre reduzido.

U.E.3 – Afloramento xistoso.

⁴²A intervenção arqueológica foi efectuada pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Pedro Xavier, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo; Maria João Miranda, arqueóloga estagiária; Vera Assunção, arqueóloga estagiária; António Cristino e José Rito, trabalhadores indiferenciados. Topografia de Armando Guerreiro. Tintagem dos desenhos de campo: Alexandra Lima, Susana Bailarim e Cláudia Rosado.

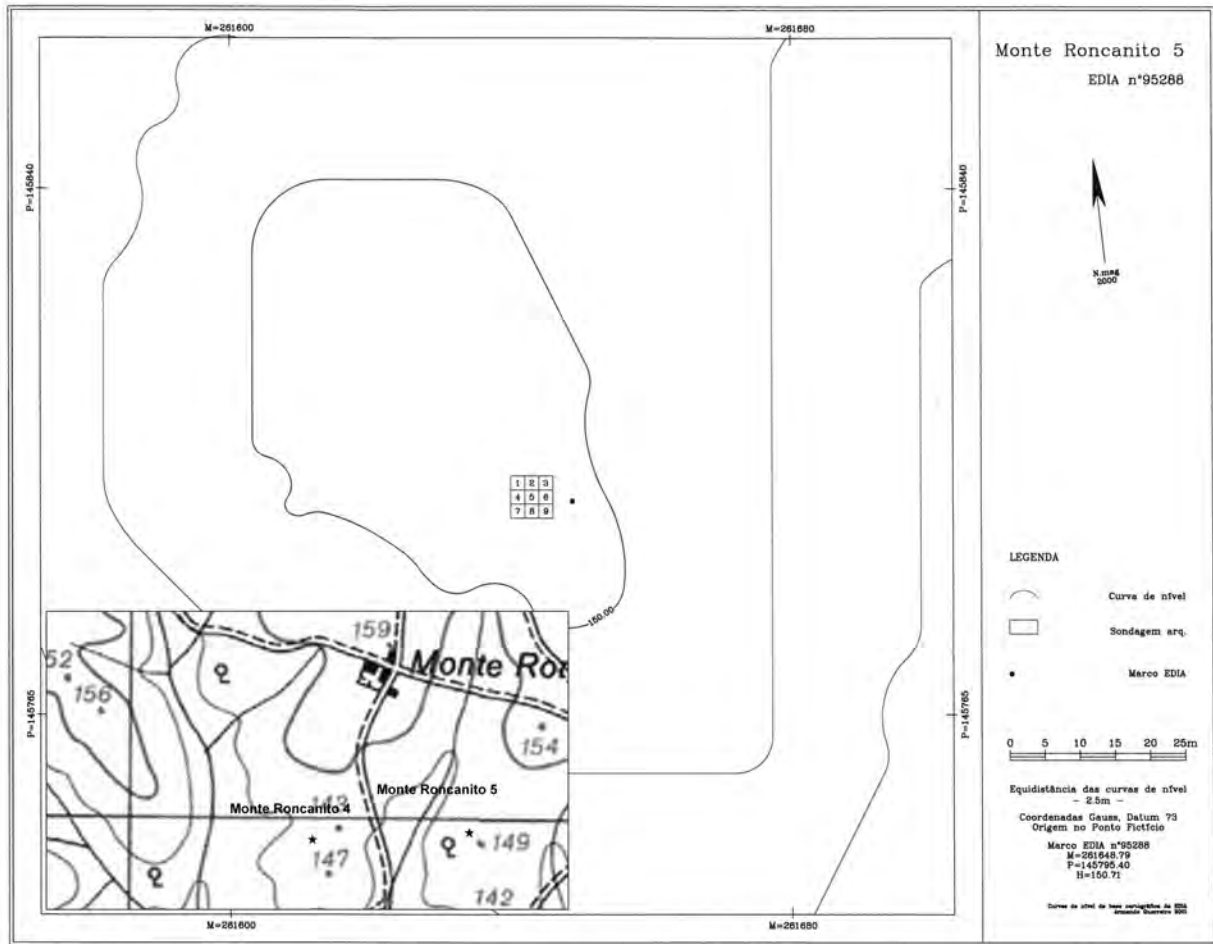


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação das sondagens.



Fot. 1 – Vista geral para oeste da área da intervenção.

A estratigrafia identificada revelou-se extremamente pobre, não tendo sido identificadas quaisquer níveis e/ou estruturas arqueológicas nas Sondagens 1, 3⁴³, 7, 8 e 9, estas três últimas abertas em momento posterior para aferir da eventual continuação das estruturas existentes.

Na Sondagem 2, foi identificada a estrutura visível à superfície do terreno. Tratava-se de um pequeno troço de um muro constituído, na sua maioria, por pedras de quartzo de médio e grande calibre e algumas pedras de xisto, ligadas entre si por terras em tudo semelhantes às da U.E.2, ligeiramente mais argilosas. Encontrava-se muito destruído, seguindo

⁴³ Em função dos resultados obtidos na sondagem 1, optou-se pela não intervenção das Sondagens 4, localizada a sula da primeira e 6, adjacente à Sondagem 3.

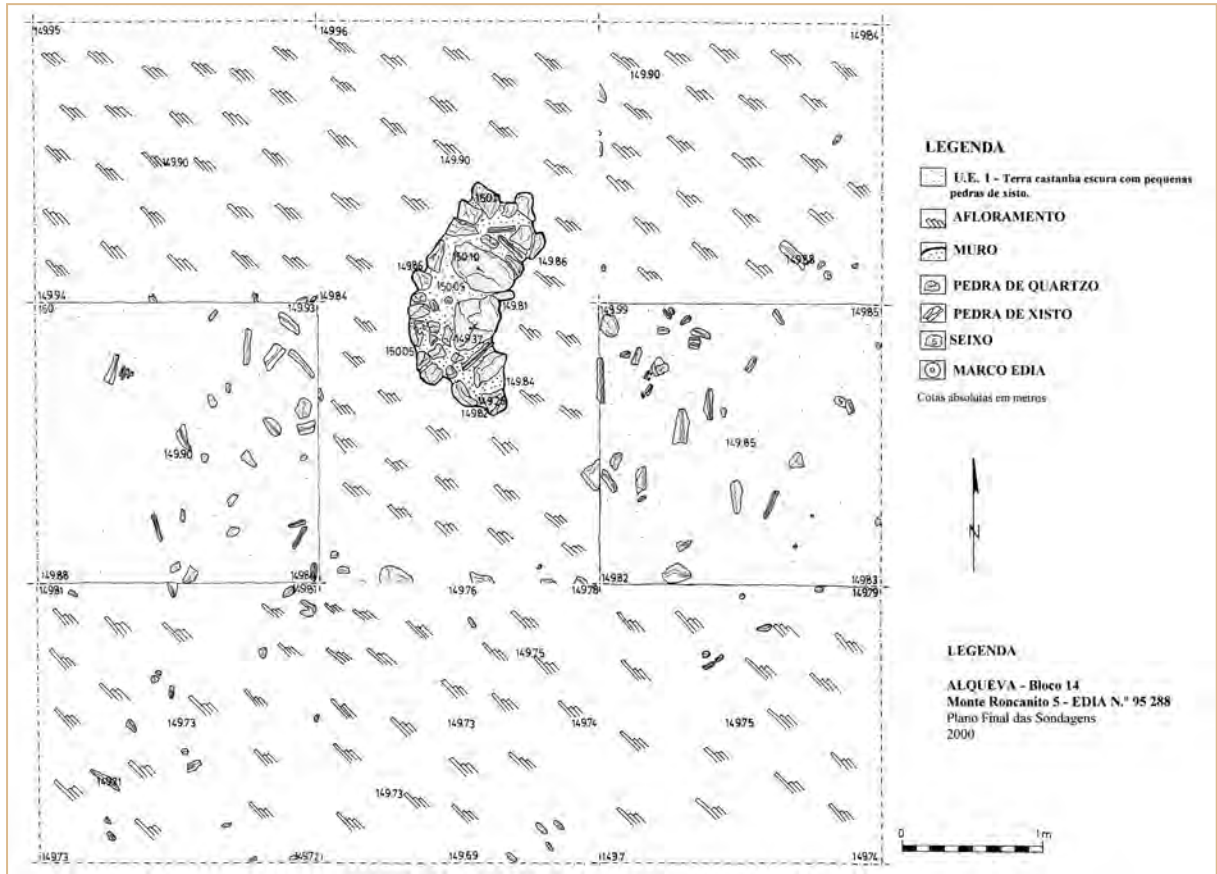


Fig. 2 – Plano final das sondagens.

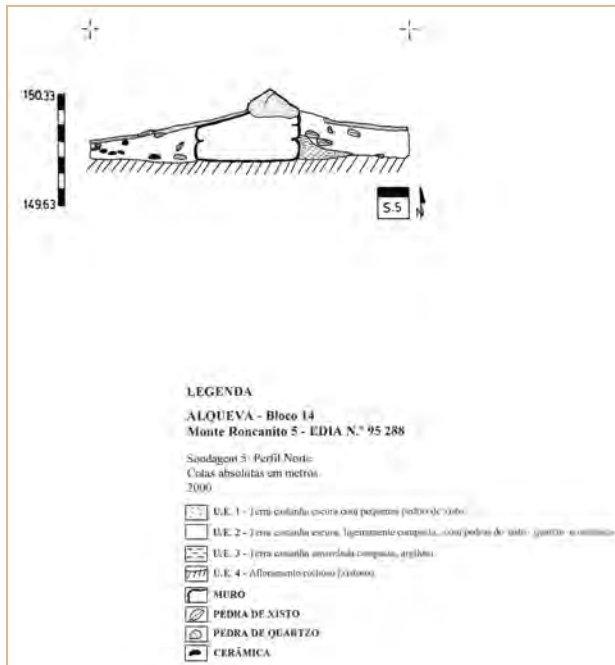


Fig. 3 – Sondagem 5, perfil estratigráfico.



Fot. 2 – Plano geral final, vista para nordeste.

uma orientação sul-norte-nordeste, terminando abruptamente neste limite da sondagem. Apresentava cerca de 0,80 m de comprimento e 0,60 m de espessura máxima, com um alçado conservado de 0,25 m, assentando directamente sobre o afloramento xistoso (U.E.3), sem quaisquer vestígios de pavimento ou valas de fundação.

3.25.2.1.2. Sondagem 5

U.E.1 – Estrato composto por terras castanhas escuras, húmusas e soltas, com pedras de xisto e quartzo de calibre diverso.

U.E.2 – Estrato composto por terras castanhas não muito escuras, ligeiramente compactadas, com concentração de pedras de xisto e quartzo de calibre reduzido.

U.E.3 – Estrato composto por terras castanhas amareladas, relativamente argilosas, com poucos elementos de xisto na sua composição.

U.E.4 – Plano Final - Corresponde ao afloramento xistoso.

Nesta sondagem foi detectado no seu limite nordeste, em área contígua à sondagem 2, uma bolsa de terras castanhas amareladas e argilosas (U.E.3), indicando a presença de um eventual pavimento. A escavação em plano desta realidade permitiu constatar que a mesma só surgia sob a forma de duas pequenas bolsas: uma situada junto ao muro a nordeste, e a outra sensivelmente a meio da sondagem. De qualquer forma, a continuação do muro pétreo para sul era notória, mantendo os mesmos princípios construtivos e dimensões aproximadas, embora também nesta sondagem os sinais de destruição do mesmo fossem igualmente evidentes.

Registou-se igualmente que a U.E.3 continuava no corte norte da sondagem em direcção à Sondagem 2.

FORMAS FUNCIONAIS	UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS		
	1	2	Total
Indeterminado	7	63	70
Pote		1	1
Cântaro		2	2
Panela		1	1
Bilha	2	28	30
Jarro/jarrinho		5	5
Jarro		9	9
Chávena		2	2
Tigela		58	58
Prato		1	1
Telha	4	3	7
TOTAL	13	173	186

Quadro 1 – Formas funcionais conservadas em cada U.E.

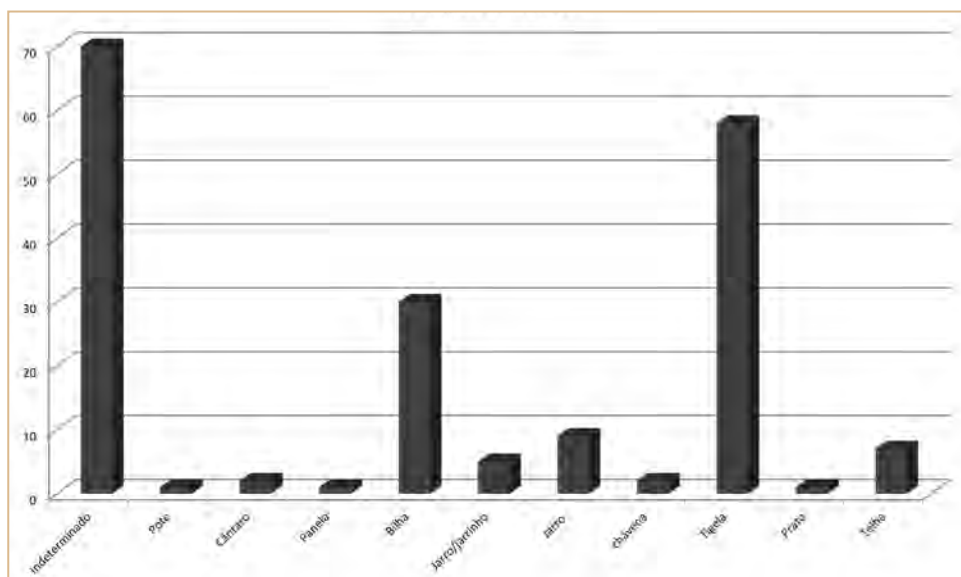


Gráfico 1 – Formas funcionais.

3.25.2.2. Interpretação

A reduzida estratigrafia observada nas sondagens atestou o elevado grau de destruição deste sítio arqueológico. A erosão dos solos e os trabalhos agrícolas terão contribuído para deteriorar e danificar o resto dos vestígios da estrutura pétreia, cujas dimensões e funcionalidade não foi possível aferir. Ainda assim, a identificação do troço de muro, que pertenceria a uma estrutura mais extensa aparentava possuir contornos semi-circulares, de características idênticas aos chafurdos comuns na região.

3.25.3. Estudo do espólio

O conjunto do espólio cerâmico reúne 186 fragmentos sendo a maior parte encontrada na U.E.2 (93,01%), das quais apenas sete correspondem a materiais de construção (ver quadro 1). Excluindo estes últimos, foi identificado um número razoável de formas funcionais (60,89% do vasilhame) ficando o 39,11% dos fragmentos por identificar. As formas mais representadas são as tigelas (32,40%) e as bilhas (16,76%). Em quantidade menor encontramos os jarros (5,03%)

e os jarros/jarrinhas (2,79%), sendo pontual a ocorrência de potes, cântaros, panelas, chávenas e pratos (ver quadro 1 e gráfico 1). Deste modo, quase metade dos objectos correspondem a loiça de mesa (41,90%), estando bem representado o vasilhame de transporte de água (17,32%) mas, anormalmente baixo o de loiça de cozinha (1,68%). Contrariamente ao que é comum em outros sítios do Bloco 14, não se documentam os grandes contentores de armazenamento.

As pastas mais frequentes, no que ao seu cromatismo se refere (ver quadro 2), são as avermelhadas (apresentam esta tonalidade na superfície externa 44,69% do vasilhame), sendo, em termos absolutos, as mais abundantes as que apresentam vermelho tanto no exterior como na parte central (39,11%). Também estão bem representadas as pastas castanhas (31,84%) sendo pontual a presença de pastas alaranjadas (8,38%) cinzentas, amarela e bege. As pastas avermelhadas são sempre compactas (grupo de pastas E2 em percentagem de 40,22%) tendo esta mesma característica a maior parte das castanhas e castanhas acinzentadas (grupos F2 -22,35%- e G2 -8,94%-). As pastas escuras aparecem, normalmente, com texturas laminosas (grupo H3 representada em 8,38% das cerâmicas; ver quadro 3).

COR EXTERIOR	COR CENTRO						TOTAL
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	
Bege	2		1				3
Alaranjada		7		1	7		15
Vermelha			70	10			80
Amarelo			1				1
Castanha		4		34	15	4	57
Cinzenta				1	3	1	5
Preto				1	1	16	18
TOTAL	2	11	72	47	26	21	179

Quadro 2 – Cor das pastas (excluindo material de construção).

FORMAS FUNCIONAIS	TIPOS DE PASTAS (COR/TEXTURA)															
	A2	C2	C4	D2	E2	F1	F2	F4	G1	G2	G3	H1	H2	H3	H4	TOTAL
Indeterminado		1	3	1	1	5	13	2	8	15	1	3	2	14	1	70
Pote									1							1
Panela														1		1
Cântaro					2											2
Bilha					27		2			1						30
Jarro					8		1									9
Jarro/jarrinho		1					4									5
Chávena	2															2
Tigela		4	1		33		20									58
Prato					1											1
TOTAL	2	6	4	1	72	5	40	2	9	16	1	3	2	15	1	179

Quadro 3 – Tipos de pastas em função da cor e da textura (excluindo material de construção).

Combinações de ENP	COR DOMINANTE (EXTERIOR)						
	Bege	Alaranjada	Vermelha	Castanha	Cinzenta	Preto	TOTAL
Feldspato		2					2
Feldspato mica		4		7	2	3	16
Feldspato quartzo		4		3	2		9
Imperceptíveis	2			1			3
Quartzo	2	3	27				32
Feldspato quartzo mica				5			5
Feldspato quartzo min ferrosos		1					1
Quartzo mica chamote					1		1
Mica			1			14	15
Mica quartzo		4	60	31			95
TOTAL	4	18	88	47	5	17	179

Quadro 4 – Elementos não plásticos em função da cor da pasta dominante (excluindo material de construção).

TÉCNICAS DE FABRICO	COZEDURA			
	OXIDANTE	ALTERNA	REDUTORA	TOTAL
Manual	3	6	14	23
Torno Lento	3	2	1	6
Torno Rápido	139	6	1	146
Rolo				0
Indeterminado	2			2
Molde	2			2
Molde (mat. construção)		5	2	7
TOTAL	149	19	18	186

Quadro 5 – Técnicas de fabrico e cozadura.

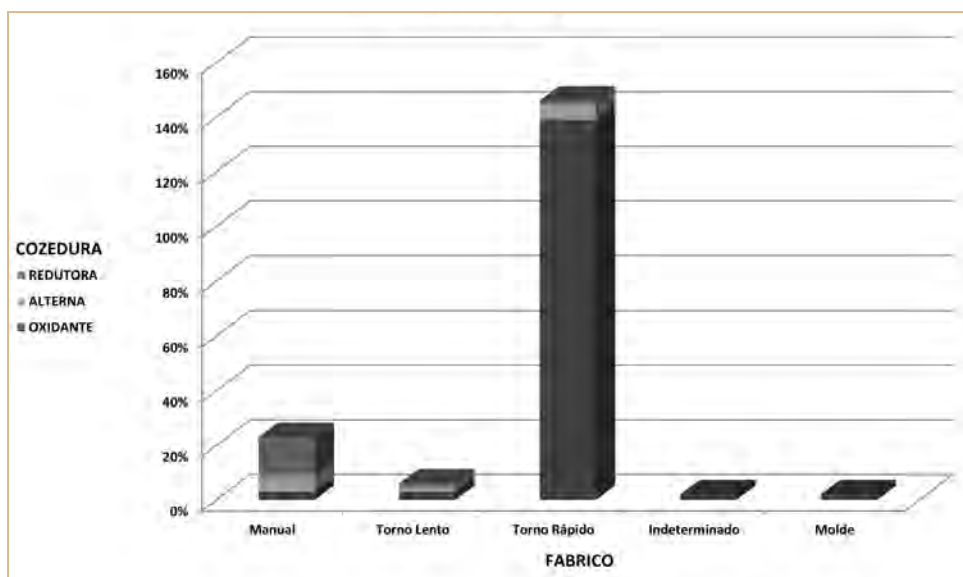


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico e cozadura.

INTERIOR	EXTERIOR				TOTAL
	Alisado	Em branco	Engobado	Vidrado	
Alisado	42		1		43
Polido					0
Espatulado					0
Brunido					0
Engobado			1		1
Em branco		2			2
Sem tratamento	68				68
Vidrado	59			6	65
TOTAL	169	0	2	6	179

Quadro 6 – Técnicas de acabamento (excluindo material de construção).

INTERIOR	DECORAÇÃO EXTERIOR		
	V. monocromo	Não dec.	TOTAL
Incisão		2	2
Vidrado monocromo	6	59	65
Não decoradas		112	112
TOTAL	6	173	179

Quadro 7 – Técnicas ornamentais.

O quartzo e a mica são os ENP mais frequentes, combinados entre si (53,07%), isolados ou com outros minerais (ver quadro 4). Praticamente a totalidade dos ENP apresentam um tamanho pequeno (75,41%).

Quanto às técnicas de fabrico (ver quadro 5 e gráfico 2), excluindo o material de construção fabricado sempre mediante molde, a maioria dos fragmentos foi fabricado com torneado rápido (78,49%), seguindo-se a técnica manual (12,37%), e sendo pontual a ocorrência de torneado lento (3,23%). A cozedura oxidante foi empregue na maioria dos objectos (80,11%). Em percentagens similares aparecem as cozeduras alternantes (10,22%) e redutoras (9,68%). Em termos absolutos o grupo maior corresponde a fabricos de torneado rápido com cozeduras oxidantes (74,73%).

O alisado foi a técnica de acabamento mais utilizada (ver quadro 6), tanto quando aparece com reversos também alisados (23,46%) como quando aparece com reversos sem tratamento (37,99%) ou com vidro (36,21%). Este acabamento acaba por ser o único elemento ornamental, embora o facto de, em muitos casos, aparecer apenas no interior das peças seja indício de uma funcionalidade técnica e não ornamental para estes revestimentos.

Em resumo, o espólio do Monte Roncanito 5, mesmo que fragmentado e pouco expressivo do ponto de vista tipológico, apresenta peculiaridades (abundância de superfícies vidradas) que levam a datá-lo numa cronologia tardia, em Época Moderna ou Contemporânea. A abundância de loiça de mesa e as técnicas de fabrico dominantes (cozedura oxidante, torneado rápido e superfícies vidradas) incitam a afinar a datação em torno aos séculos XIX-XX.

3.25.4. Conclusão

O sítio, apesar de se encontrar quase totalmente destruído, possibilitou a recolha de um conjunto de dados com algum interesse arqueológico, nomeadamente pelo espólio cerâmico exumado.

Funcionalmente, e dada a sua localização, a estrutura detectada poderá corresponder a eventuais vestígios de um chafurdo circular bastante comum nesta região.

Por outro lado, a proximidade deste sítio com o actual sítio do Monte Roncanito, leva-nos a propor que se poderia tratar de uma estrutura de apoio à produção suína desta herdade.

3.26. Espinhaço 6

3.26.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio identificado como Espinhaço 6 foram efectuados em Julho de 1999⁴⁴, no conjunto das ocorrências do Quadro Geral de Referência afectas ao Bloco 14.

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo a avaliação da importância do sítio e o seu potencial arqueológico através da identificação de níveis e estruturas arqueológicas preservadas e da interpretação da sua funcionalidade.

Administrativamente, o local pertence à Fregue-

sia de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, Distrito de Évora, encontrando-se identificado com o número de inventário da EDIA n.º 95266, um habitat de cronologia medieval/moderna.

De acordo com o Quadro Geral de Referência (SILVA, 1996), o sítio estava implantado no topo de uma pequena elevação relativamente arborizada, coberta de estevas de grandes dimensões e junto de um vale muito cavado por um ribeiro sazonal. Aí foi detectado um conjunto de pedras de xisto de médias dimensões, parecendo corresponder ao alinhamento de muros, resultando o moroiço do derrube da estrutura, dos trabalhos agrícolas, ou de ambas as acções.

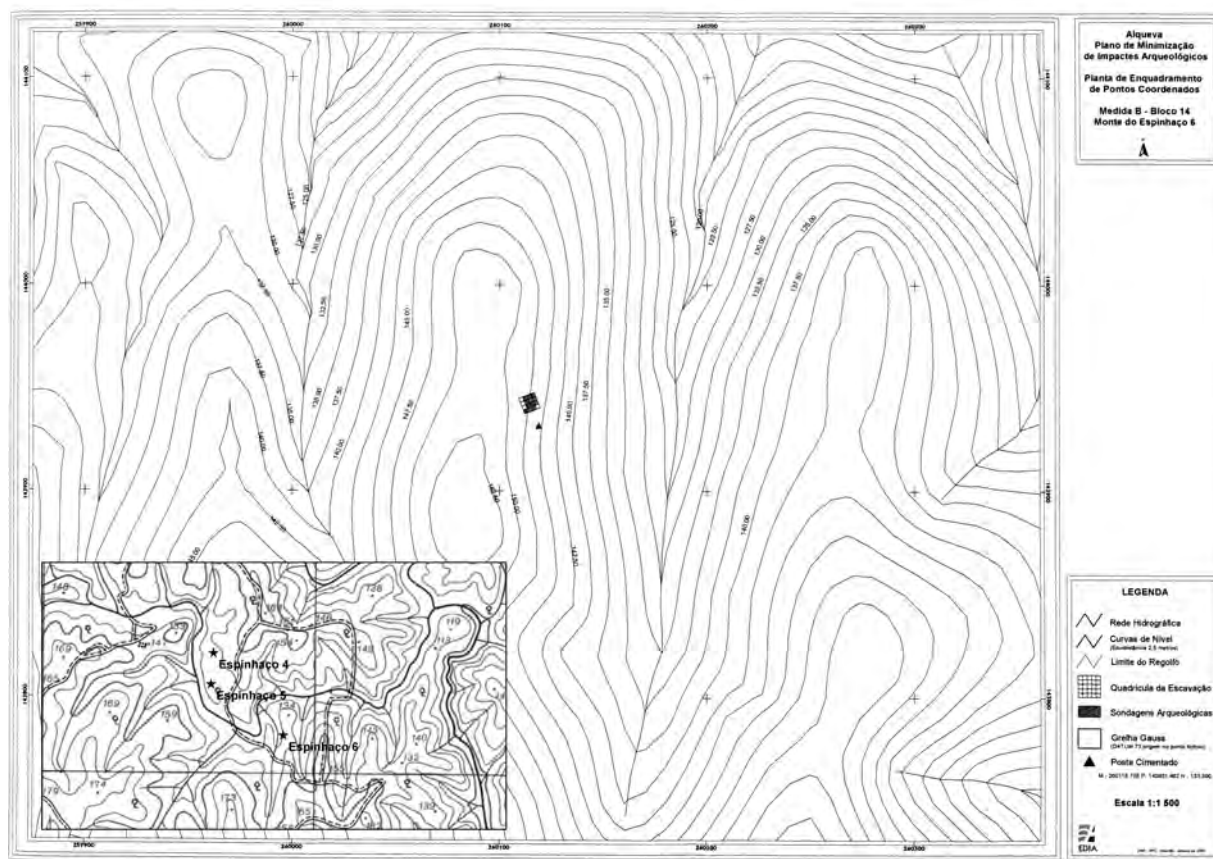


Fig. 1 – Localização na CMP 491 e levantamento topográfico com implantação da quadrícula e das sondagens.

⁴⁴Os trabalhos arqueológicos efectuados no local Espinhaço 6 foram realizados pela seguinte equipa: João Marques, arqueólogo responsável científico; Fernanda Boto, arqueóloga que assegurou os trabalhos de campo; Vitória Valverde e Carlos Fona, licenciados em História; Bruno Cintra, estudante; António Garcia Cristino, José Rito e José Sardinha trabalhadores indiferenciados. Topografia de Carlos Picaró.

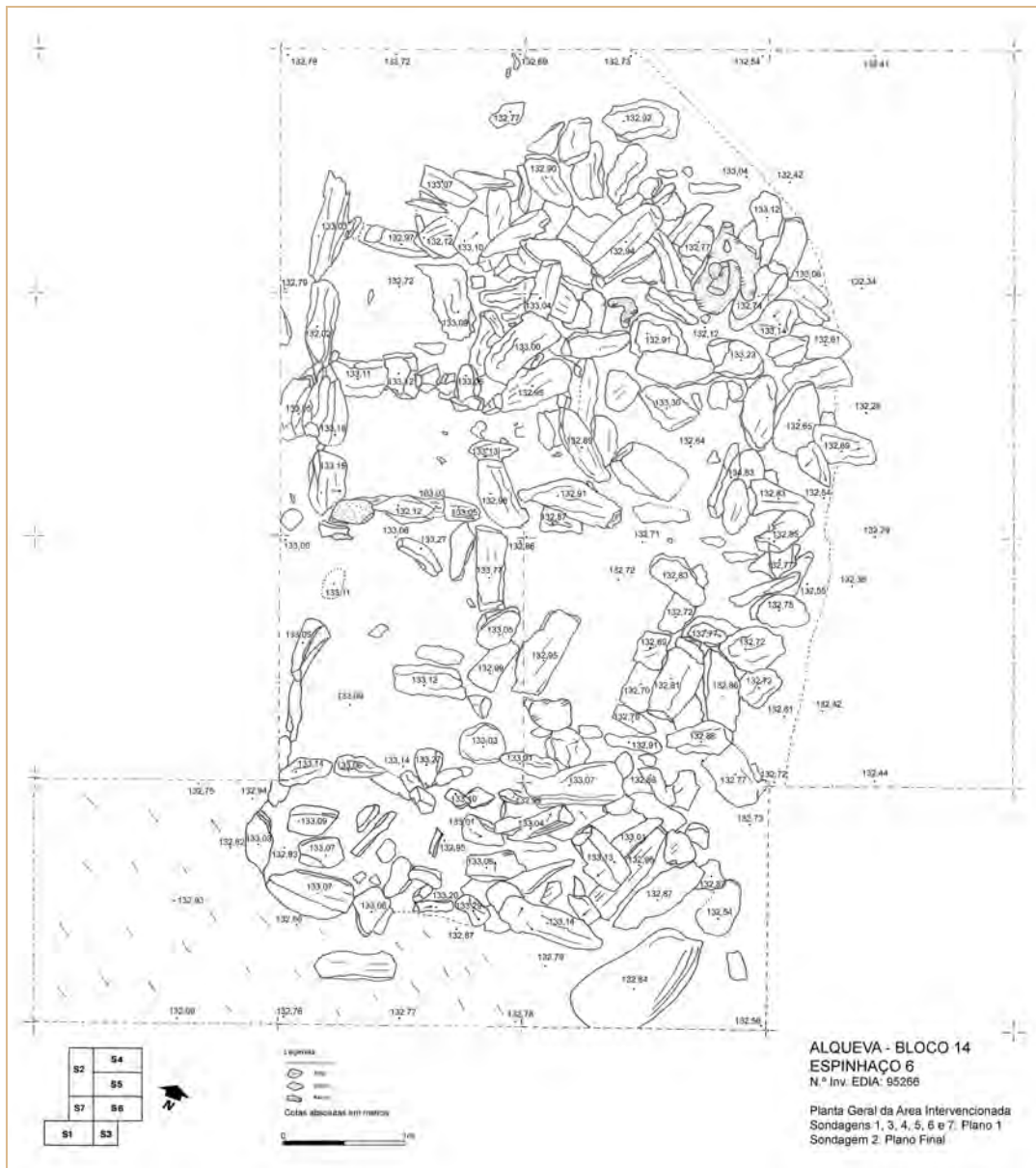


Fig. 2
 Planta geral final
 da área
 intervencionada.



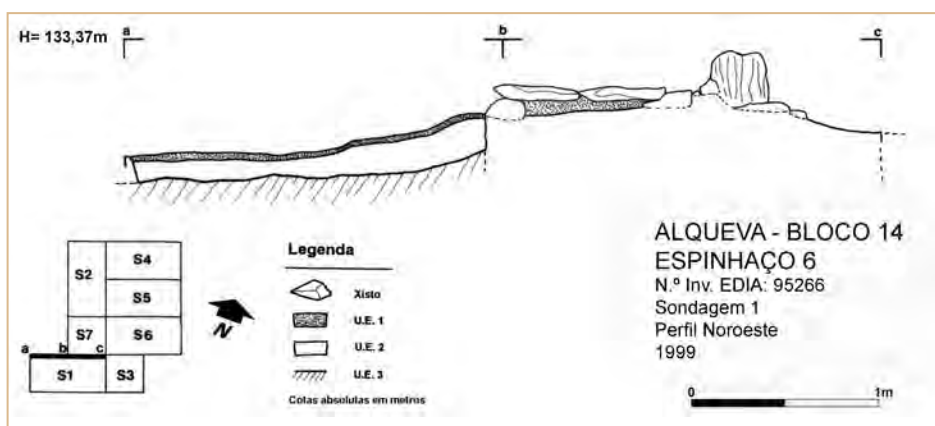
Fot. 1 – Sondagem 2, vista para sudeste.

3.26.2. Trabalhos arqueológicos

A estratégia da intervenção arqueológica incidiu num programa de sondagens para identificar níveis de ocupação delimitados; detectar a existência de estruturas e entender a sua funcionalidade, e atribuir uma cronologia de acordo com os registos arqueológicos.

A marcação das sondagens foi condicionada pelos materiais detectados à superfície e à topografia do local, pelo que foram implantadas sete sondagens, sendo duas de 2x2 m cinco de 2x4 m, todas georreferenciadas ao Sistema Geodésico Nacional.

Fig. 3 – Sondagem 1, perfil estratigráfico noroeste.



3.26.2.1. Sondagens

As sondagens revelaram uma estratigrafia comum, compostas por três estratos sedimentares, com cerca de 0,10 a 0,20 m de espessura.

Com a remoção da U.E.1, foi detectado um conjunto de muros que evidenciavam a existência de uma estrutura, de uso rural, que serviria para a criação de porcos. Não foi recolhido qualquer espólio, salientando-se que a prospeção da área envolvente não revelou também qualquer vestígio arqueológico.

3.26.2.1.1. Estratigrafia

U.E.1 – Camada de terras de cobertura de cor castanha-escura acinzentadas, soltas e húmidas com uma espessura média de 2 cm.

U.E.2 – Camadas de terras de cor creme-acinzentada, argilosas, formando pequenos torrões que se desfazem facilmente, embaladas por areão heterogéneo. A espessura desta camada é variável ao longo da área intervencionada.

U.E. 3 – Afloramento xistoso em decomposição.

3.26.3. Espólio

Não foi recolhido qualquer tipo de espólio.

3.26.4. Conclusões

A área revelou-se estéril em termos arqueológicos. Os vestígios da estrutura aqui existente foram interpretados como sendo uma estrutura etno-arqueológica bastante recente, de meados do século XX e que serviria para guardar porcos, conhecida nesta região como um chafurdo. A estrutura encontrava-se dividida em pequenas divisões (são visíveis cerca de 7) com uma área média de 1 m² (1,15 x 0,80 m) onde eram colocadas as fêmeas durante o período do nascimento das crias. Assim isolavam-se as fêmeas das crias, uma vez que estas podem atacar os leitões, protegendo-se, ao mesmo tempo todas as crias de serem pisadas pelos animais adultos. Esta explicação foi-nos fornecida pelo Sr. António Garcia Cristino, colaborador da equipa e residente na região.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS SÍTIOS MEDIEVAIS E MODERNOS

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS SÍTIOS MEDIEVAIS E MODERNOS

A história local e a micro-história das comunidades rurais não têm sido um objecto de estudo procurado pelos investigadores.

Deste modo, também não tem sido avaliada a incidência que sobre estes locais exerceram, ou não, as culturas que, sobretudo, ao longo da Idade Média, se sobrepujaram no território da Península Ibérica.

Os trabalhos arqueológicos de minimização de impactes da Barragem de Alqueva executados no âmbito do denominado Bloco 14 envolveram a caracterização de um conjunto de habitats agrícolas, de cronologia medieval ou moderna, localizados nas margens dos rios Guadiana, Degebe e afluentes, que foram entretanto submergidos pelas águas do regolfo e que possibilitaram o estudo de uma tipologia de pequenos núcleos rurais que habitualmente não são objecto de investigação devido à sua pobreza. Estas escavações permitiram exumar elementos da cultura material das populações, que numa ampla diacronia, ocuparam e exploraram este território.

Estes trabalhos contribuíram, assim, significativamente para colmatar a falta de fontes escritas, particularmente ao nível regional e local, fazendo a história duma geografia rural, económica e social.

O conjunto das estações intervencionadas permitiram assim identificar sítios com uma ampla diacronia e tipologia, constituindo uma importante amostra para o estudo e interpretação do povoamento rural, entre a Antiguidade Tardia e o período proto-industrial, pelo menos para esta área do vale do Guadiana.

Sobretudo, por volta dos séculos VII-VIII, vai-se intensificar o processo de ruralização da sociedade que marca o início da Idade Média, que dá lugar a multiplicação de pequenos núcleos de povoamento em muitos casos alheios às influências urbanas, verificando-se que da Alta Idade Média até à conquista cristã, a ocupação deste território deverá ter mantido alguma continuidade populacional e de alguns aspectos da cultura material.

Também durante a Idade Moderna e mesmo até à Época Contemporânea verifica-se que vão persistir alguns destes modelos de povoamento e destas tipologias e técnicas construtivas.

Os solos magros, pouco propensos à agricultura, deixam antever nesta área uma exploração baseada sobretudo na pastorícia, podendo-se especular na existên-

cia já em períodos históricos remotos de um sistema agro-pecuário baseado no montado de sobro e azinho.

Este fraco conjunto de recursos sustentou durante centenas de anos, pequenas comunidades camponesas distribuídas num povoamento disperso nos terrenos do troço médio do vale do Guadiana, na área situada entre os rios Degebe e Guadiana, funcionando como elemento condicionante ao tipo de povoamento e ao modelo de exploração económica destas comunidades.

A maioria dos sítios localizava-se em rechãs ou pequenas plataformas situadas nas zonas interfluviais, junto a talvegues pouco pronunciados e, nalguns casos, em terraços fluviais ou junto a pequenas várzeas abertas.

A situação, por exemplo, dos Espinhaços 4 e 5, 9 e 11, e dos Monte Roncanito 4 e 18, junto a linhas de água, que pelo menos actualmente correm sazonalmente ou nos períodos de chuva, denuncia um padrão de assentamento baseado sobretudo na proximidade dos tributários do rio Guadiana, principal recurso da área de estudo e nas suas linhas de água subsidiárias.

Relativamente aos sítios intervencionados, o Cabeçana 4 revelou-se um dos mais importantes do conjunto. Aqui foi possível identificar dois núcleos de construção, certamente relacionados entre si. As técnicas de construção apresentavam alguma diversidade, inclusivamente no mesmo espaço, o que evidencia a capacidade de adaptação e o carácter moldável destes modelos arquitectónicos. Corresponderá a um assentamento rural de uma pequena comunidade, como uma família alargada, com alguma capacidade de armazenar excedentes agrícolas, dada a abundância de grandes contentores, evidenciando uma exploração agrícola de razoáveis dimensões, tratando-se de um espaço de habitação rural permanente.

Quanto à cronologia da sua construção, à duração da ocupação e do seu abandono, aponta-se para um habitat constante desde meados do século V, não se identificando sinais de destruição violenta nem se constatando uma progressiva diminuição do espaço ocupado, mas sim a adaptação do espaço a novas necessidades e condições que levaram à divisão de alguns ambientes criando uma diferente compartimentação dos espaços. O seu abandono produziu-se de forma rápida à volta do final do século VIII.

O sítio Espinhaço 7 encontrava-se muito des-

truído, mas ainda assim permitiu identificar uma estrutura de habitat, revelando o pouco e muito fragmentado espólio cerâmico exumado uma abundante presença de fabricos manuais e de torneado lento, e de cozeduras redutoras e irregulares. Estes indicadores, bem como a presença de um fragmento de tégula, levou a enquadrá-lo de forma imprecisa na Alta Idade Média, entre os séculos VI e VIII.

Na proximidade deste sítio arqueológico, junto da mesma linha de água tributária do rio Guadiana, encontra-se o Espinhaço 11, porventura um habitat de que somente restava o material que eventualmente constituiu os muros da estrutura, como pedras em quartzo e xisto, e a cerâmica de construção constituída por fragmentos de telha. Situou-se o sítio, de forma imprecisa, na Alta Idade Média, tendo por base a elevada percentagem de fabricos manuais e de torneado lento.

As sondagens efectuadas no sítio Monte Roncanito 13 permitiram identificar, apesar de este se encontrar muito destruído, uma estrutura pétreo e exumar algum espólio cerâmico com interesse, apontando para uma ocupação de uma comunidade rural com reduzidas relações de intercâmbio com os meios urbanos mais próximos, no período de transição entre a Antiguidade tardia e o período islâmico, possivelmente centrada à volta dos séculos VIII-IX.

A proximidade deste sítio com o similar do Monte Roncanito 14 sugere a possibilidade de existir um povoamento baseado em pequenos casais agrícolas, eventualmente em conexão uns com os outros.

Noutra área, situa-se o Monte Roncão 13, também muito afectado pelos trabalhos agrícolas mas que revelou estruturas habitacionais bem organizadas, que formavam dois ambientes, e que cronologicamente se situou de forma imprecisa, de acordo com as características técnicas do espólio que se assemelhava ao de outros conjuntos, na transição entre a Antiguidade tardia e a Alta Idade Média, séculos VII e X.

Já o sítio Monte Roncanito 10 desdobrava-se numa plataforma alongada onde se identificaram três núcleos com ocupação simultânea. O núcleo principal de habitação, de razoáveis dimensões e onde se concentra quase todo o espólio encontrado, estava implantado num dos extremos da plataforma, próximo dos caminhos actuais, e deveria ter sido composto por vários espaços, tendo sido edificado com recurso a uma variedade de técnicas construtivas que revelam uma diversidade significativa de soluções na utilização da matéria-prima local, em que o pavimento consis-

tiria no afloramento xistoso regularizado. A cerca de 130 m encontrava-se a estrutura designada como Monte Roncanito 10B, de difícil caracterização devido à escassez dos vestígios murários e do espólio, mas cuja homogeneidade as técnicas de construção e dos materiais permitem considerar contemporânea, constituindo uma dependência de apoio do núcleo principal, com cerca de 10 m², que poderia servir como curral.

A cerâmica exumada, com o predomínio do torneado rápido e da cozedura oxidante ou alternada, evidencia tratar-se sobretudo de produções de carácter regional que remetem para relações com núcleos urbanos onde as trocas com outras áreas geográficas seriam frequentes, de que será exemplo o achado de um fragmento de candil, reunindo características que encontramos em conjuntos cerâmicos urbanos em cronologias dos séculos IX-XI. Esta estação parece tratar-se, assim, de um conjunto habitacional que suportaria uma pequena comunidade camponesa, nomeadamente um grupo familiar, sendo algumas das estruturas dedicadas à residência e outras, possivelmente, às actividades agro-pastoris.

O sítio Monte Roncanito 18 encontrava-se quase totalmente destruído, subsistindo restos de muros de uma estrutura habitacional com pelo menos uma divisão/estância, vestígios de um nível de pavimento de terra batida, no seu interior, junto do vão de acesso e grande quantidade de telha. A estrutura identificada apresentava uma planta muito simples, ortogonal, com muros de xisto em perpiano e um enchimento de terra argilosa e blocos pétreos de quartzo e xisto menores. A tipologia construtiva, com base na matéria-prima local, terra, xisto e quartzo, é similar a grande parte dos restantes sítios com cronologias coevas, como no caso do Monte Roncanito 10. Embora a cerâmica se encontre muito fragmentada, a sua análise aponta para uma ocupação centrada no período islâmico, nos séculos X-XII.

As sondagens efectuadas em Cabeçana 3 permitiram evidenciar o elevado grau de destruição do sítio tendo somente revelado a presença de dois troços de muros de uma estrutura, de planta desconhecida, construídos em xisto e quartzo de pequeno e médio calibre com um ligante de terra argilosa. A ausência de materiais arqueológicos expressivos impede determinar uma cronologia concreta, embora os traços gerais indiquem uma atribuição alargada no período medieval/moderno.

A estrutura quadrangular identificada em Espinhaço 4 deverá corresponder a um pequeno habitat ou a uma instalação de apoio aos trabalhos agrícolas

no meio rural. O espólio encontrado, consentâneo com a interpretação do sítio como um habitat rural, pouco contribui para esclarecer a cronologia do sítio, enquadrado genericamente no período medieval.

A proximidade deste sítio com o de Espinhaço 5, junto à mesma linha de água tributária do rio Guadiana, permite equacionar um padrão de implantação de pequenos casais agrícolas, disseminados em pequenas elevações junto aos interflúvios e pequenas várzeas, que, apesar do seu grau de destruição, não deixam de ser relevantes para o entendimento do modelo de povoamento rural medieval desta área.

O Monte Roncão 10, apesar de se encontrar praticamente arrasado, apresentou o espólio mais numeroso deste conjunto de sítios, o que permitiu uma ampla análise, não fosse a quase ausência de estruturas murárias. A diversidade e amplitude dos vestígios arqueológicos identificados atestam a existência no local de um complexo habitacional de grandes dimensões, onde foram identificados três núcleos de estruturas separadas entre si e que, ou poderiam pertencer a um único complexo, com espaços abertos interiores, como pátios, ou logradouros, ou a um habitat com distintos espaços de utilização.

Relativamente ao espólio cerâmico exumado, embora continuem a dominar as formas de cozinha e de armazenamento e transporte, aumenta significativamente a percentagem de loiça de mesa. A diversidade formal e a presença de loiça de mesa podem ser conotadas com uma maior influência dos meios urbanos. No entanto, sobrevivem formas muito rudimentares, que não parecem corresponder a elementos residuais de eventuais fases de ocupação mais antigas, mas antes a características endémicas do mundo rural onde o sítio se insere. O conjunto do espólio recolhido enquadra-se entre os séculos XIV e XVI, com predominância das formas dos séculos XIV e XV, e atesta o cariz habitacional do local, destacando o Monte Roncão 10 como um habitat rural do período cristão posterior à conquista feudal, revelando uma cultura material que destaca a singularidade do sítio neste contexto rural.

O Monte Barbosa 5 encontrava-se destruído pelas lavras agrícolas, facto que pudemos visualizar após os trabalhos arqueológicos, sendo os dados recolhidos sobretudo correspondentes à cerâmica recolhida, nomeadamente de construção, e a uma estrutura negativa, de onde se exumou variado espólio cerâmico. O relatório formal e a presença de cerâmicas revestidas de vidro atestam relações com meios urbanos só frequentes em época moderna, bem como

o maior poder aquisitivo dos habitantes do sítio e evidenciam a existência de uma ocupação permanente entre finais da Idade Média e os inícios do período moderno, séculos XV-XVI.

O sítio arqueológico Cabeçana 7 enquadra-se no panorama geral das ocupações medievais/modernas da área, correspondentes a habitats localizados sobre pequenas elevações próximas de linhas de água de cariz sazonal, com vestígios de construções muito afectadas pelos trabalhos agrícolas. No local foram identificados três troços de muros, construídos sobre o afloramento rochoso, que integravam um complexo habitacional com diferentes espaços interiores. A exiguidade dos vestígios apenas permite supor a existência de um pequeno habitat, provavelmente de cariz rural, com uma ocupação bastante limitada no tempo. A qualidade dos vidrados das cerâmicas é consentâneo com uma cronologia de finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna, séculos XIV a XVI.

Em Monte Musgos 3 foram efectuados trabalhos de limpeza e de sondagem que permitiram a identificação de uma estrutura pétreia em xisto e argamassa composta por três muros. A sua funcionalidade afigurou-se, contudo, incógnita, dada a exiguidade da área escavada e em virtude da suspensão dos trabalhos face à presença de cerâmicas manuais pré-históricas provenientes de ocorrências do topo da rechã. A presença da interface negativa, tipo silo, no interior da estrutura construída sobre o terraço fluvial, sugere o possível carácter habitacional da mesma, ou, pelo menos, de utilização sazonal, uma vez que as cheias do Degebe invalidariam um uso continuado da mesma. Já a prospecção nas imediações do sítio nas margens do rio permitiu a identificação de outras estruturas murárias, que foram sumariamente limpas e que apontam para uma ocupação do local medieval ou moderna, que poderia estar também relacionada com a travessia do rio, ou com uma estrutura de apoio à mesma.

Em Espinhaço 5 foi identificada uma única construção, aparentemente isolada, de planta rectangular, construída com as técnicas habituais nos vários sítios em análise. O espólio recolhido é muito pobre e pouco contribuiu para esclarecer as características funcionais e a cronologia da ocupação do sítio, que contudo se situou, devido às características técnicas do vasilhame, no final da Idade Média ou inícios do período moderno, séculos XIV a XVI. Ainda a presença de alguma loiça de cozinha, indicia tratar-se de um espaço de habitação de cariz acentuadamente rural, com escassas ligações com ambientes urbanos.

A destruição do sítio Monte Roncanito 14, situado nas proximidades do Monte Roncanito 13, impede qualquer tipo de conclusão para além de enquadrar o sítio, de forma vaga, num contexto rural de época medieval/moderna, onde só a presença de telha, do pequeno silo e dos três outros fragmentos cerâmicos evidencia a existência de uma ocupação humana.

As sondagens efectuadas no núcleo designado como Monte Roncanito 2 permitiram identificar uma sepultura isolada de cronologia imprecisa e eventualmente violada.

O Monte Roncão 12 corresponde a um pequeno assentamento rural, com estruturas cuja forma não foi possível definir na sua totalidade, e com um espólio reduzido e inexpressivo. No entanto, a presença de material de construção, nomeadamente telha, e de cerâmica de utilização doméstica, como painéis, alguidares e alguma loiça de mesa, permite definir o sítio como um espaço de habitação e dadas as características técnicas do espólio cerâmico, com uma cronologia de ocupação imprecisa, que se situará entre o final da Idade Média e o início da Época Moderna (séculos XIV a XVI).

Os resultados da intervenção no Monte do Balanco também foram limitados pela destruição provocada pelos trabalhos agrícolas, traduzidos em abundantes vestígios superficiais e escassos restos construtivos preservados. As cerâmicas exumadas representam distintos grupos formais, nomeadamente de mesa, cozinha e armazenagem, com maior predominância destas últimas formas, e inserem-se no padrão dos restantes sítios estudados, depreendendo-se a sua utilização no contexto habitacional eventualmente existente no local. Esta estação parece traduzir um contexto cronológico isolado dos demais sítios, que poderá ser indicador de um modelo de povoamento diverso na margem direita do Degebe e em momento já tardio na Época Moderna.

O conjunto das estruturas escavadas no sítio Monte Roncanito 23 parece traduzir uma especialização funcional das construções observadas nos três sectores. Assim, no Sector 1 encontrava-se bem conservada uma estrutura secundária, provavelmente usada para o armazenamento de produtos agrícolas e/ou como curral, e que estaria ligada ao espaço observado no Sector 2. Considerou-se que nessa área se situaria a estrutura de cariz habitacional, dadas as suas dimensões e a presença de outras estruturas secundárias como os silos. A grande quantidade de telha decorada exumada e o restante espólio cerâmico

co recolhido, sugerem, apesar da estratigrafia revolvida, uma ocupação permanente, relativamente ao observado nos outros sectores e sítios. No Sector 3 a reduzida área escavada não nos permitiu avançar uma interpretação da funcionalidade da estrutura e a correlação com as outras identificadas nos outros sectores. Este sítio constituía um pequeno complexo agrícola, cuja ocupação e destruição parecem estar bem delimitadas num curto espaço de tempo, provavelmente em meados do século XVII.

O Monte da Tapada 40, apesar da limitada área escavada, revelou-se fértil em achados, permitindo vislumbrar um conjunto habitacional, um monte, com uma ocupação de meados do século XVII. Estes vestígios parecem determinar encontrarmo-nos, pelo menos, perante quatro compartimentos o que atesta uma dimensão relativamente grande da estrutura detectada. O espólio encontrado, dada a sua quantidade e qualidade, atestam também a importância da ocupação em presença.

No Monte Roncanito 26 foi identificada e escavada integralmente uma estrutura que devia, em tempos muito próximos, ter constituído parte de uma estrutura sazonal de apoio aos trabalhos no campo, tendo servido de corta-vento para a lareira detectada, pelo que o seu interesse se pode considerar de âmbito etno-arqueológico. No entanto, o espólio exumado indica uma possível datação que poderá centrar-se nos finais do século XVII ou ao longo do século XVIII.

O sítio designado como Rocha da Gramacha 2 encontra-se implantado em duas plataformas junto ao rio Guadiana, próximo da formação rochosa que lhe dá o nome, onde se situava uma eventual fortificação. Aqui os trabalhos arqueológicos procederam à limpeza das estruturas que eram visíveis e que se encontravam em relativo bom estado de conservação, tendo-se identificado uma habitação com uma única divisão, com lareira e, no exterior da mesma e em anexo, um forno em alvenaria. Apesar da fraca representatividade e fiabilidade da amostra constituída pelo espólio cerâmico recolhido, este conjunto demonstra um aprovisionamento de bens de consumo em meios urbanos, em olarias que dominam técnicas de fabrico elaboradas e utilizam pastas bem tratadas e depuradas. O relatório funcional variado, indica uma capacidade de aquisição de utensílios maior do que o estritamente necessário para a subsistência do grupo familiar, notando-se um certo requinte no vasilhame utilizado. Cronologicamente, aponta-se para uma ocupação de época moderna/contemporânea, pelo conjunto cerâmico e a presença de uma moeda

de D. José I, da segunda metade do século XVIII, encontrada *in situ*.

O sítio do Monte Barbosa 7, distando cerca de 200 metros do Monte Barbosa 5, revelou uma sequência estratigráfica homogénea, pautada pela escassez do solo local e pela ausência de níveis arqueológicos conservados. A estrutura identificada, de construção pétre-a de xisto de grandes blocos aparelhados com terra e em pedra seca e de forma semi-circular, foi classificada como um chafurdo, de técnica construtiva e dimensões com paralelos com outras estruturas do mesmo tipo conhecidas na região, e associado a uma rede de construções de apoio às actividades agro-pecuárias e, eventualmente, ao próprio sítio Monte Barbosa 5.

As sondagens realizadas no sítio do Monte Roncanito 17 permitiram observar uma estratigrafia bastante reduzida e homogénea, tendo-se identificado duas estruturas circulares (alvéolos), parcialmente destruídas pelas lavras, construídas com pedra de xisto, aparelhadas com um ligante constituído de terra mais argilosa. O espólio associado não permite grandes considerações sobre o local, cuja cronologia deverá situar-se no período contemporâneo, tendo por base as cerâmicas vidradas. Estas estruturas têm paralelos noutras conhecidas localmente, no concelho de Reguengos de Monsaraz, caso de Defesinha 11 (SILVA 1999, p. 223) e que são caracterizadas funcionalmente como chafurdos.

O sítio Monte Roncanito 5, apesar de se encontrar quase totalmente destruído, ainda possibilitou a recolha de um conjunto de dados com algum interesse arqueológico, nomeadamente a estrutura identificada, que poderá eventualmente corresponder aos vestígios de um chafurdo circular e pelo espólio cerâmico exumado. Este, mesmo que fragmentado e pouco expressivo do ponto de vista tipológico, apresenta abundância de superfícies vidradas que levam a datá-lo em Época Moderna ou Contemporânea, mas a abundância de loiça de mesa e as técnicas de fabrico dominantes (cozedura oxidante, torneado rápido e superfícies vidradas) incitam a afinar a datação em torno aos séculos XIX-XX. Dada a proximidade deste sítio com o do actual Monte Roncanito, sugere que se pode tratar de uma estrutura de apoio à produção suína desse núcleo rural.

Já a área Espinhaço 6 revelou-se estéril em termos arqueológicos tendo os vestígios da estrutura aqui existente sido interpretados como sendo etno-arqueológicos, correspondentes a um chafurdo, bastante recente, de meados do século XX.

Quanto à organização e modelo do habitat,

o conjunto das estações intervencionadas pode ser agrupado em três tipos de sítios: por um lado os montes, conjuntos formados por moradia e edificações de apoio para unidades agrícolas de reduzida dimensão, onde viveria ou uma família nuclear ou uma família alargada; por outro lado as casas de apoio a trabalhos agrícolas, com ocupações ainda que eventualmente sazonais, podendo também observar-se uma variante correspondente a um grupo de pequenos casais, constituídos por edificações isoladas, eventualmente em conexão uns com os outros, articulando-se através do núcleo central do latifúndio; e por último as construções de apoio a actividades pastoris, como as pocilgas ou chafurdos, de acordo com a designação regional.

Esta divisão não reflecte uma evolução cronológica linear, mas antes uma coexistência entre diferentes tipos e hierarquias de sítios, organizados numa estrutura de povoamento articulada, ao longo dos diferentes séculos que ocupam o nosso estudo.

Refira-se que as técnicas construtivas não são muito sofisticadas e utilizam o material local, pedra de xisto, quartzo e terra, sendo as estruturas em taipa com alicerces em quartzo ou em placas de xisto fincadas no afloramento. Não obstante, a presença de diferentes técnicas construtivas e soluções arquitectónicas identificadas, por vezes, num mesmo local, traduz um claro domínio tecnológico das matérias-primas locais e uma adaptação socioeconómica ao território onde estas comunidades se inserem.

São exemplos do primeiro grupo de sítios, os montes, temos o Cabeçana 4, com ocupação sobretudo alto medieval (séculos V-VIII), o Monte Roncanito 10 (séculos IX-XI), o Monte Roncão 10, habitat da Baixa Idade Média (séculos XIII-XIV), e ainda os sítios atribuídos ao período moderno, Monte Roncanito 23 (século XVII) e Monte da Tapada 40, além de hipoteticamente se poder integrar neste grupo o arrasado Monte Barbosa 5. Portanto, podemos verificar que em todos os períodos encontramos este tipo de estruturas que, embora com localizações diferentes, espelham a continuidade de uma forma específica de ocupação do território em que prima a proximidade do grupo camponês ao meio que lhe providencia o sustento.

No segundo grupo tipológico, as casas de apoio as actividades agrícolas, temos como exemplos o Espinhaço 4 e o Espinhaço 5, Rocha da Gramacha 2, em que a estrutura habitacional é reduzida ao mínimo para albergar uma família, e ainda, eventualmente, os muito destruídos Espinhaço 7 e Cabeçana 7.

O terceiro grupo, que se refere às construções de apoio a actividades pastoris, integra os chafurdos

identificados no Monte Barbosa 7, no Monte Roncanito 5, no Monte Roncanito 17 e no Espinhaço 6.

Pode-se ainda referir um subgrupo de apoio aos trabalhos do campo, constituído por uma lareira estruturada para apoio, por exemplo, aos trabalhos de ceifa, caso do Monte Roncanito 26.

O conjunto das estações intervencionadas revela padrões de assentamento seculares, em que o mesmo tipo de sítio surge em diferentes épocas em espaços com similares características topo-geográficas, com pequenas variações de localização.

Um exemplo muito claro é o conjunto de sítios em redor do actual Monte Roncanito onde encontramos assentamentos desde a Idade do Ferro até ao século XX e, esporadicamente até na actualidade, com características morfológicas semelhantes. Nesta área, em concreto, a confluência de vias de comunicação terrestre definidas pela topografia, e a proximidade do Guadiana e de outras linhas de água secundárias, poderão ter sido factores determinantes para a localização das estações.

Refira-se que a limitação dos estudos à cota 152 metros – nível pleno de armazenamento (NPA) – poderá explicar algumas das lacunas detectadas no povoamento, como por exemplo, a assinalável ausência de espaços funerários bem estruturados: só aparecem enterramentos pontuais e, em princípio, de carácter infantil e associados a espaços de habitat

Também poderá dever-se a este motivo a aparente ausência de espaços de sociabilidade, como no caso dos locais e edificações de culto. Para além da condicionante da cota de afectação, as questões lacunares também poder-se-ão dever à localização da área de estudo, por tratarem-se de espaços agro-pecuários marginais na dinâmica da económica regional e até local.

Relativamente à tipologia dos edifícios e sua evolução, a estrutura mais complexa revelou ser na Antiguidade Tardia e na transição para o período islâmico, como se pode constatar no caso do sítio Cabeçana 4, que poderá ter convivido com outros sítios de menores dimensões, reduzidos a casais agrícolas, que albergariam pouco mais do que uma unidade familiar alargada, nem tão-pouco perceber como este habitat de dimensões razoáveis se articularia com esses mesmos locais. Devido às contingências da intervenção arqueológica e à própria natureza dos sítios, escassamente conservados, não foi possível constatar o modelo de articulação destes habitats e as suas relações de interdependência socioeconómica

É certo que apresentam diferentes orgânicas internas que denotam uma adaptabilidade e modelação

às necessidades da comunidade, denotando-se uma evolução a partir de um núcleo central, em linha ou em bloco, verificando-se ambos os casos.

Também se constatou a existência de sítios polinucleados, onde um edifício principal teria, nas proximidades, embora a 100 ou 200 m, estruturas de apoio de características técnicas construtivas semelhantes, mas de dimensões mais reduzidas e tipologias diferentes, que podem corresponder a diferentes áreas de exploração agrícola e/ou a núcleos de habitat derivados do núcleo original.

Outras estruturas eram compostas por um único compartimento rectangular, especulando-se se não seriam antes utilizadas sazonalmente, ou se não constituíam antes um núcleo de habitação secundário dedicado, por exemplo, a actividades pecuárias.

Embora as estações estudadas apresentem na generalidade mau estado de conservação, uma estratigrafia fina e reduzida quantidade de materiais cerâmicos, características que condicionam a fiabilidade dos resultados, o estudo dos materiais das estações permite constatar evidentes marcas de continuidade, sobretudo nas técnicas construtivas e nas características das pastas das cerâmicas de produção local, que constituem a maior parte do espólio recolhido.

Com o agrupamento e síntese de todos os resultados, foi possível podermos distinguir as produções cerâmicas pela repetição de características associadas: pastas, técnicas, acabamentos, decoração.

No que diz respeito às técnicas de fabrico utilizadas, estas evidenciam a tendência geral resultante da ruptura dos mercados urbanos na Antiguidade tardia, que deu lugar à proliferação de produções locais e regionais com tecnologias que implicavam um reduzido investimento em aprendizagem e infra-estruturas oleiras.

Deste modo, na Alta Idade Média, encontramos elevadas percentagens de produções de fabrico manual e com torneado lento, que a partir do século X decrescem a favor das produções a torno rápido.

Nas cozeduras constatamos a mesma dinâmica, com elevadas percentagens de cozeduras redutoras, alternas e irregulares no período alto-medieval, que vão diminuindo na Baixa Idade Média superiorizando-se as cozeduras oxidantes no período moderno.

No que diz respeito às formas, o claro domínio do vasilhame de armazenamento dos sítios com ocupação mais antiga é substituído, a partir da Baixa Idade Média, por uma maior variedade formal e maior presença de loiça de cozinha, que no período moderno muda para o domínio da loiça de mesa,

evidenciando um reforço das relações de intercâmbio com os meios urbanos e a integração destes núcleos de povoamento rural nos mercados urbanos regionais.

Estas cerâmicas locais, em alguns casos, convivem com elementos exógenos provenientes dos mercados urbanos. Este fenómeno, que se inicia na Antiguidade tardia, continua durante o período islâmico e sobrevive até à época moderna.

De acordo com os dados arqueológicos, constatou-se uma sequência quase ininterrupta no povoamento desde o século V até ao século XX, verificando-se no entanto um hiato nos séculos XII-XIII, o que poderá ter alguma explicação na alteração estrutural do povoamento nos momentos que vão anteceder a conquista cristã e a respectiva consolidação naquela área territorial.

A exploração deste território apresentava várias dificuldades face aos poucos recursos naturais, devendo incidir nos recursos agro-pecuários, não existindo indícios de exploração mineira ou outra qualquer ac-

tividade que não fosse a agricultura e a pastorícia.

Em alguns casos, existia alguma capacidade de acumulação de excedentes, mesmo que pequena, porque existem evidências de alguns pequenos silos e de grandes recipientes cerâmicos de armazenamento, elementos reveladores da pequena escala das comunidades camponesas, eventualmente enquadradas por aristocracias absentistas.

Facto extraordinário, a destacar, é a persistência das técnicas construtivas, adaptadas aos materiais locais, e que se encontram presentes em todas as épocas como uma marca genuína do território e destas comunidades rurais.

Esperamos que estes trabalhos arqueológicos e esta monografia possam contribuir, na medida das suas limitações, para o conhecimento, identificação e compreensão das sociedades camponesas entre a Antiguidade Tardia e a Industrialização pelo menos nesta área do troço médio do vale do Guadiana, situada entre os rios Degebe e Guadiana.

5. BIBLIOGRAFIA

5. BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1975) - *Fouilles de Conimbriga. Vol. V La céramique commune locale & régionale*. Paris: E. de Boccard.
- ALARCÃO, Jorge; SANTOS, Ana Isabel; coord. (1996) - *De Ulisses a Viriato, O primeiro milénio a. C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- ALBA, Miguel; FEIJOO, Santiago (2003) - Pautas evolutivas de la cerâmica común en Mérida en épocas visigoda y emiral. In *Cerâmicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; XXVIII), pp. 483-504.
- ALBERGARIA, João; MELRO, Samuel (no prelo) - *Ocupação Proto-Histórica da margem esquerda do Guadiana*. DRC-Alentejo/EDIA.
- ALVES, Francisco; Rodrigues, PAULO; GARCIA, Cristina; ALELUIA, Miguel (1998) - A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2.ªs jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.
- ANGELLUCI, Diego E. (2003) - *Estudos de geoarqueologia no Castelo da Lousa - Mourão*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Centro de Investigação em Paleocologia Humana e Arqueociências (Cadernos do CIPA; 40). 42 p.
- ARAÚJO, A. (1989) - *Estrutura de uma geotransversal no rio Guadiana, entre Moura e Mourão*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa. 92 p.
- ARAÚJO, A., (1995) - *Estrutura de uma geotransversal entre Brinches e Mourão (Zona de Ossa-Morena): Implicações na evolução geodinâmica da margem Sudoeste do Terreno Autóctone Ibérico*. Dissertação de Doutoramento (não publicada), Universidade de Évora. 200 p.
- ARAÚJO, A.; ALMEIDA, J. PIÇARRA; BORREGO, J.; PEDRO, J.; OLIVEIRA, T. (2006) - As regiões central e sul da Zona de Ossa-Morena. In Dias, R., Araújo, A., Terrinha, P., e Kullberg, Editores - *Geologia de Portugal no contexto da Ibéria*. Évora: Universidade de Évora, pp. 151-172.
- ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de; VALLEJO SÁNCHEZ, Juan I. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 3 (2), p. 25-59.
- ARRUDA, Ana Margarida (2001) - A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 4 (2), pp. 207-291.
- ARRUDA, Ana Margarida (2002) - Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.). *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*. 5-6. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) - 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 1998, pp. 145-184.
- BEIRÃO, Caetano Maria (1986) - *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal - Ier Âge du Fer*. Paris: De Boccard.
- BEIRÃO, Caetano Maria; CORREIA, Virgílio Hipólito (1991) - A cronologia do povoado de Fernão Vaz (Ourique, Beja). *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 5-11.
- BEIRÃO, Caetano Maria; CORREIA, Virgílio Hipólito (1993) - Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. In MANGAS, J.; ALVAR, J. eds. - *Homenaje a José M.ª Blázquez*. Madrid: Ediciones Clásicas. Vol. I, p. 285-302.
- BELARTE FRANCO, C. (1997) - *Arquitectura doméstica i estructura social a la Catalunya protohistòrica. Arqueo Mediterrània*. Barcelona: Àrea d'Arqueologia Universitat de Barcelona. 1.

BOONE, James L. (2001) – Tribalism, Ethnicity, and Islamization in the Baixo Alentejo of Portugal: Preliminary results of investigation into transitional period (AD 550-850) rural settlements. *Era*. Lisboa: Era, Arqueologia/ Colibri. 4, pp. 105-121.

BORREGO, J. (2009) - *Cartografia Geológico-Estrutural de um Sector da Zona de Ossa-Morena (Subsector de Estremoz – Barrancos-Ficalbo) e sua Interpretação Tectónica*. Dissertação de Doutoramento (não publicada), Universidade de Évora. 479 p. Bugalhão, Jacinta (2001) - A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Lisboa: Trabalhos de Arqueologia. 15

CABALLERO, Luis; RETUERCE, Manuel; SÁEZ, Fernando (2003) – Las cerámicas del primer momento de Santa María de Melque (Toledo), construcción, uso y destrucción. In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 28), pp. 225-271.

CABALLERO, Luis; SÁEZ, Fernando (1999) – *La Iglesia Mozárabe de Santa Lucía del Trampal Alcuéscar (Cáceres)*. *Arqueologia y Arquitectura*. Mérida: Junta de Extremadura, 1999.

CALADO, Manuel (2002) - *Povoamento Pré e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana, Al-Madan*. Almada. II.ª Série, n.º 11, pp. 122-127.

CALADO, Manuel; BARRADAS, M; MATALOTO, Rui (1999) - *Povoamento proto-histórico no Alentejo Central*. Revista de Guimarães. Volume especial Centenário da morte de Francisco Martins Sarmento. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, pp. 363-386.

CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui; ROCHA, Artur (2007) - Povoamento Proto-Histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio, eds. *Arqueologia de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*. Cáceres, pp. 129-179.

CALADO, M.; MATALOTO, R. (2008) - O Post-Orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central). In JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. In *Sidereum Ana I – El rio Guadiana en época post-orientalizante*, (Anejos de Archivo Espanhol de Arqueologia; XLVI), pp. 219-249.

CARTA DE CAPACIDADE E USO DO SOLO: FOLHA 40-D [Material cartográfico]/ Ministério da Agricultura. – Escala 1: 50000. – Lisboa: 1967.

CARTA DE CAPACIDADE E USO DO SOLO: FOLHA 43-B [Material cartográfico]/ Ministério da Agricultura. – Escala 1: 50000. – Lisboa: 1966.

CARVALHOSA, A. Barros e (1967) - *Carta Geológica de Portugal – “Notícia Explicativa da Folha 40-D, Portel”*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

CATARINO, Helena (1995) – Cerâmica Tardo-Medievais/Modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato. In *Actas das 1.ªs jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1992*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 129-136.

CATARINO, Helena (1997/1998) – O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. *al-'ulyā*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. N.º 6, 3 vols., 1306 p.

CATARINO, Helena (2003) – Cerâmicas da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcoutim. In *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 161-177.

CATARINO, Helena; INÁCIO, Isabel (2008) – A ocupação tardo-medieval e moderna no Castelo de Paderne. In *Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb; 8), Vol. I, pp. 307-332.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (1995) - El Periodo Orientalizante en Extremadura. *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. IV, pp. 67-89.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian, ed. (1996) - *El Palacio Santuario de Cancho Roano V - VI - VII. Los Sectores Oeste, Sur y Este*. Badajoz: Junta de Extremadura/B. Gil de Santa Cruz.

CHAMORRO, Javier G. (1987) - Survey of Archaeological Research on Tartessos. *American Journal of Archaeology*, 91 (2).

CORREIA, Susana (2002) - Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva. Blocos 4 e 7 do Plano de Minimização de Impactes Arqueológicos. Al-Madan. Almada. II.ª Série, n.º 11, pp. 109-116.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1989-90) - A estação da Idade do Ferro do Porto das Lages (Ourique. Beja). *Portugália*. Porto. Nova Série, 9-10, pp.81-92.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2001) - Arquitectura Oriental e Orientalizante em território português: uma revisão. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S., eds. In *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. S/I: CEPO/CSIC, pp. 57-67.

COUTINHO, Hélder M. R. (2007) – Cerâmica dos séculos VI e VII do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa). *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Nº 7, pp. 283-302.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1998) – Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, nº 36/44, na mouraria, em Lisboa. In *Actas das 2.ªs jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 257-265.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (2003) – Cerâmicas de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de São Lourenço, nº 17/19, em Lisboa. In *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-213.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (2008) – Cerâmicas de barros vermelhos provenientes de entulhos dos terramotos de 1531, em Lisboa. In *Actas das 4.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 24 a 27 de Outubro de 2000*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-185.

ESCACENA, Jose Luis; BELÉN, Maria (1997) - El poblamiento en Baja Andalucía durante los siglos V-IV a. C. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 14, pp. 31-59.

FERNANDES Isabel Cristina; CARVALHO António Rafael (1995) – Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa nº 4 da Rua do Castelo (Palmela). In *Actas das 1.ªs jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1992*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 77-96.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO António Rafael (1998) – Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 211-255.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO António Rafael (2003) – A Loiça Seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela). In *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 231-252.

FUERTES SANTOS, M^a del Camino; HIDALGO, Rafael (2003) – Cerâmicas tardorromanas y altomedievales de Córdoba. In *Cerâmicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; XXVIII), pp. 225-271.

GARCÉS TARRAGONA, Ana María; ROMERO SALINAS, Helena (2009) – La cerámica transicional del yacimiento de Oreto y Zuqueca. In *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real-Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, pp. 1015-1022.

GOMES, A.; GASPAR, A.; PIMENTA, J.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; VALONGO, A.; PINTO, P. (2009) – Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa. In *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real-Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, pp. 653-672.

GOMES, Mário Varela (2008) – Dois fornos de cerâmica de Silves (séculos XVI-XVII) – notícia preliminar. In *Actas das 4.ªs jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 24 a 27 de Outubro de 2000*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 271-292.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006) – *Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*. [Em linha]. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. ISBN: 84-669-2568-6. Disponível em WWW: <URL:http://cisne.sim.ucm.es/search*spi~S7/X?SEARCH=susana+gomez+martinez&searchscope=7&SORT=D>.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; ÁLVARO, Rocío; MARQUES, João; GRILO, Carolina; LOPES, Gonçalo (2009) - Evidências materiais da ocupação islâmica da margem direita do Guadiana (Reguengos de Monsaraz). In *Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb; 9), Vol. II, pp. 685-694.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia; GAMO PARRAS, Blanco; AMORÓS RUIZ, Victoria (2003) – Los contextos cerámicos altomedievales del Tolmo de Minateda y la cerámica altomedieval en el Sudeste de la Península Ibérica. In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; XXVIII), pp. 119-168.

HERAS MORA, Francisco Javier; GILOTTE, Sophie (2008) – Primer balance de las actuaciones arqueológicas en el Pozo de la Cañada (2002-2005). Transformación y continuidad en el campo emeritense (ss. I-IX d.C.). *Arqueología y Territorio Medieval*. Jaen: Universidad de Jaén. 15, pp. 51-72.

HIDALGO, Rafael; ALARCÓN, Francisco Javier; FUERTES, María del Camino; GONZÁLEZ, Marina; MORENO, Maudilio (1996) – *El Criptoportico de Cercadilla: Análisis arquitectónico y secuencia estratigráfica*. Sevilla: Junta de Andalucía, pp. 16-4.

IZQUIERDO BENITO, Ricardo (1983) – Ciudad hispanomusulmana de Vascos (Navalmonalejo, Toledo). Campañas 1978-1980). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. N.º 16, pp. 289-380.

JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (1997) - Cancho Roano y los complejos monumentales post-orientalizantes del Guadiana. *Complutum*. Madrid. 8, p.141-159.

JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2001) - Los complexos monumentales post-orientalizantes del Guadiana y panorama del Hierro Antiguo del Suroeste peninsular. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S., eds. - *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. S/I: CEPO/CSIC, pp. 193-226.

JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; ORTEGA BLANCO, Jaime (2001) - El poblado Orientalizante de El Palomar (Oliva de Mérida, Badajoz). Noticia preliminar. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S. eds. - *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. S/I: CEPO/CSIC, pp. 227-248.

LERMA, J. V. (1992) - *La loza gótico-mudejar en la ciudad de Valencia*. Valencia.

MAIA, Maria (1988) - Neves II e a “facies” cultural de Neves-Corvo. *Arquivo de Beja*. Beja. 2.ª Série, 3, pp. 23-42.

MAIA, Maria; CORREA, José (1985) - Inscrição em escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. *Habis*. Sevilla. 16, pp. 243-274.

MARQUES, João António (2002) – Panorâmica dos trabalhos arqueológicos efectuados no Bloco 14: Medieval/Moderno, Bacia do Degebe e Reguengos de Monsaraz a Sul do Álamo. *Al-Madan*. Almada. II.ª Série, n.º 11, pp. 145-151.

MARQUES, João; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GRILO, Carolina; ÁLVARO, Rocío; LOPES, Gonçalo (2012) - Cerâmica e povoamento rural medieval no troço médio-inferior do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal), In *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo. Venezia, 23-27 novembre 2009*. Venezia. pp. 442-448.

414 MATALOTO, Rui (2004) - *Um “monte “ da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I.º milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia. 37.

MATALOTO, Rui (2007) - Viver no campo: a Herdade da Sapatoa (Redondo) e o povoamento rural centro alentejano em meados do I milénio. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 10: 2, pp. 135-160.

MURCIA MUÑOZ, Antonio Javier; GUILLERMO MARTÍNEZ, Martín (2003) - Cerámicas tardorromanas y altomedievales precedentes del Teatro Romano de Cartagena. In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; XXVIII), pp. 169-223.

- OLIVEIRA, Carlos (2008) – A intervenção arqueológica na Rua São Gonçalo de Lagos, nº 13-15. Um modesto contributo para a história de época moderna na cidade de Lagos. In *Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb; 8), Vol. II, pp. 315-324.
- PASCUAL PACHECO, Josefa; RIBERA I LACOMBA, Albert; ROSSELLÓ MESQUIDA, Miquel (2003) – Cerámicas de la Ciudad de Valencia entre la época visigoda y omeya (siglos VI-X). In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; XXVIII), pp. 67-117.
- PIÇARRA, J.M. (2000) - Estudo estratigráfico do sector de Estremoz-Barrancos, Zona de Ossa Morena, Portugal. Dissertação de Doutoramento (não publicada), Universidade de Évora, 268 p.
- QUERO CASTRO, Salvador; MARTÍN FLORES, Salvador (1987) – La cerámica hispanovisigoda de Perales. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española. Madrid 19-24 Enero 1987*. Madrid: Comunidad de Madrid. Tomo II, pp. 363-372.
- RAMON, Juan (1981) - *Ibiza y la circulación de ánforas fenicias e púnicas en el Mediterráneo occidental*. Museu Arqueológico de Ibiza.
- REYNOLDS, Paul (2003) – Spain, Portugal and the Balearics: 4th-7th century (Late Roman, Byzantine and Visigothic). In *Actes du VIIe Congrès sur la Céramique Médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999*. Atenas: Édition de la Caisse des Recettes Archéologiques, pp. 571-585.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; ORTIZ ROMERO, Pablo (1998) - La Mata de Campanario (Badajoz): un nuevo ejemplo de “Arquitectura de Prestigio” en la Cuenca Media del Guadiana. In RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso (ed.) – *In Extremadura protohistórica: paleoambiente, economía y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 201-246.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ORTIZ ROMERO, P.; PAVÓN SOLDEVILA, I. (2000) - El complejo arqueológico de la Mata (Campanario, Badajoz) en el contexto socioeconómico del postorientalizante extremeño. In *Ibers. Agricultors, artesans icomerciants. III Reunió sobre Economia en el Mon Ibéric*. Valencia: Universidad (Saguntum - Extra; 3), pp. 101-107.
- RODRIGUEZ DÍAZ, Alonso, ed. (2004) - *El edificio protohistórico de “La Mata” (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Ed. Regional Extremadura. 2 vols.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; CHAUTON PÉREZ, Pablo; DUQUE ESPINO David (2006) – Paisajes rurales protohistóricos en/e Guadiana Medio: los Caños (Zafra, Badajoz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 1, pp. 71-113.
- SALVADO, Pedro (1981) - *Fusaiolas do povoado de S. Martinho (Castelo Branco) do Museu Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: IPPC.
- SCHUBART, Hermanfrid (2002) - Toscanos y Alarcón: El asentamiento fenicio en la desembocadura del río de Vélez, Excavaciones de 1967-1984. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 8. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- SILVA, António Carlos (1996) – *Património Arqueológico no Regolfo de Alqueva, Quadro Geral de Referência*. Beja: EDIA. 186 p.
- SILVA, António Carlos (1999) – *Salvamento Arqueológico no Guadiana. Do inventário patrimonial à minimização dos impactes*. Memórias d’Odiana, n.º 1. Beja: EDIA. 416 p.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço de Parques Naturais, Reservas e Conservação da Natureza.
- TEICHNER, Félix (1998) – A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão. In *Actas das 2ªs Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Tondela, 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 17-31.

- TEICHNER, Felix; SCHIERL, Thomas T. (2009) – A olaria medieval da Porta de Lagoa em Évora (Alto Alentejo, Portugal). In *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real-Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, pp. 975-986.
- TORRES, Cláudio (1992a) – O Garb al-Andaluz. In *História de Portugal de José Mattoso*. Primeiro volume. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 417-429.
- TORRES, Cláudio (1992b) – Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica”. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. 1, pp. 189-202.
- TORRES, Cláudio (1995) – O Garb Al-Andaluz. Identidade de um território. In *Actas do Seminário Identidade, Mudança e Criatividade: A Liderança do Futuro*. Lisboa: Ed. Academia Militar. pp. 15-29.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias (2003) – Cerâmicas de barro vermelho de entulhos do Terramoto de 1755 provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correeiros, em Lisboa. In *Actas das 3.ªs jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 285-293.
- VENÂNCIO, Rui (2006) – Acompanhamento arqueológico da obra de alargamento do Porto de Pesca de Peniche: resultados e conclusões. In *Actas do 3º Seminário da Região Oeste. Cadaval 2004*. Cadaval: Câmara Municipal de Cadaval. pp. 79-90.
- VIGIL-ESCALERA GIRADO, Alfonso (2003) – Cerámicas tardorromanas y altomedievales de Madrid. In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; XXVIII), pp. 371-387.
- VILAÇA, Raquel (1995) - *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR. 2.
- WICKHAM, Chris (2004) – Sobre la mutación socioeconómica de larga duración en occidente durante los siglos V-VIII. *Studia Historica. Historia Medieval*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. 22, pp. 17-32.
- YOUNÈS, A. Krandel-Ben (1995) - La necrópole rurale de Thigibba Bure. *Actes du IIIe Congrès International des Études Phéniciennes et Puniques*, Tunis, 11-16 novembre 1991. Institut National du Patrimoine. Tunis.

6. ANEXO

6. ANEXO

LISTA DE PASTAS

1. Pasta branca arenosa
2. Pasta vermelha acastanhada/compacta
3. Pasta vermelha acastanhada / granulosa
4. Bege / arenosa
5. Cor de laranja / compacta
6. Laranja avermelhada/compacta
7. Idem/laminosa-folhiácea
8. Idem / friável
9. Idem / grosseira
10. Castanha chocolate / laminosa-folhiácea
11. Idem / granulosa
12. Cinzenta esverdeada / arenosa
13. Laranja acastanhada / compacta
14. Idem/granulosa
15. Preto / arenosa
16. Preto / compacta
17. Idem / laminosa - folhiácea
18. Cinzenta / granulosa
19. Cinzenta azulada / compacta
20. Vermelha rosado
21. Vermelha compacta/folhiácea
22. Laranja/arenosa
23. Alaranjada/friável/granulosa

BEGE

24. Bege/compacta
25. Bege/compacta/porosa
26. Bege/compacta/arenosa
27. Bege/depurada
28. Bege/depurada/compacta
29. Bege/granulosa
30. Bege/laminosa
31. Bege/porosa
32. Bege/porosa/compacta
33. Bege/porosa/laminosa
34. Bege/purulenta
35. Bege/folhiácea
36. Bege/compacta/purulenta
37. Bege/pouco compacta

BRANCO

38. Branco/friável/poroso
39. Branco/poroso
40. Branco/depurada
41. Branco/compacta
42. Branco/laminosa
43. Branco/friável

CASTANHO

44. Castanha/compacta/granulosa
45. Castanha/compacta densa

46. Castanha/compacta rugosa
47. Castanha/rugosa
48. Castanha/compacta
49. Castanha/friável

CASTANHA ACIZENTADA

50. Castanha acizentada/laminosa

CASTANHA AVERMELHADA

51. Castanha avermelhada/granulosa, laminosa
52. Castanha avermelhada/grosseira
53. Castanha avermelhada/laminosa

CASTANHA CHOCOLATE

54. Castanha chocolate/laminosa
55. Castanha chocolate/arenosa
56. Castanha chocolate/arenosa, friável
57. Castanha chocolate/compacta
58. Castanha chocolate/compacta, arenosa
59. Castanha chocolate/compacta, folhiácea
60. Castanha chocolate/compacta, granulosa
61. Castanha chocolate/compacta, laminosa
62. Castanha chocolate/compacta, rugosa
63. Castanha chocolate/folhiácea
64. Castanha chocolate/folhiácea, compacta
65. Castanha chocolate/friável
66. Castanha chocolate/friável/granulosa
67. Castanha chocolate/friável/rugosa
68. Castanha chocolate/friável/laminosa
69. Castanha chocolate/granulosa, compacta
70. Castanha chocolate/granulosa, friável
71. Castanha chocolate/granulosa, folhiácea
72. Castanha chocolate/granulosa, laminosa
73. Castanha chocolate/grosseira
74. Castanha chocolate/pouco compacta
75. Castanha chocolate/rugosa

CINZENTA

76. Cinzenta/rugosa
77. Cinzenta/granulosa

CINZENTA AZULADA

78. Cinzenta azulada/compacta

CINZENTA ESVERDEADO

79. Cinzenta esverdeada/arenosa
80. Cinzenta granulosa/friável
- Bloco 14 – Med-Mod – Lista de Pastas iii
81. Cinzenta granulosa/laminosa
82. Cinzenta granulosa/arenosa
83. Cinzenta granulosa/compacta
84. Cinzenta granulosa/grosseira
85. Cinzenta granulosa/laminada

86. Cinzenta grosseira
87. Cinzenta laminosa
88. Cinzenta laminosa/arenosa
89. Cinzenta laminosa/granulosa
90. Cinzenta laminosa/compacta
91. Cinzenta porosa
92. Cinzenta pouco compacta
93. Cinzenta vítrea
94. Cinzenta granulosa/friável/rugosa
95. Cinzenta granulosa/friável/arenosa
96. Cinzenta granulosa/friável
97. Cinzenta folhiácea/granulosa
98. Cinzenta folhiácea/compacta
99. Cinzenta folhiácea
100. Cinzenta depurada compacta
101. Cinzenta depurada
102. Cinzenta compacta/rugosa
103. Cinzenta compacta/laminosa
104. Cinzenta compacta/depurada
105. Cinzenta compacta/densa
106. Cinzenta compacta/rugosa
107. Cinzenta compacta/laminosa
108. Cinzenta compacta/granulosa
109. Cinzenta compacta/folhiácea
110. Cinzenta compacta/arenosa

CINZENTA AZULADA

111. Cinzenta azulada arenosa
112. Cinzenta azulada compacta/granulosa
113. Cinzenta azulada compacta/laminosa
114. Cinzenta azulada compacta/rugosa
115. Cinzenta azulada densa
116. Cinzenta azulada depurada densa
117. Cinzenta azulada folhiácea
118. Cinzenta azulada friável
119. Cinzenta azulada granulosa/ grosseira
120. Cinzenta azulada granulosa/ compacta
121. Cinzenta azulada grosseira
122. Cinzenta azulada laminosa
123. Cinzenta azulada rugosa

CINZENTA ESCURO

124. Cinzenta escura rugosa
125. Cinzenta escura rugosa/compacta

126. INDETERMINADO

127. Indeterminado/compacta
128. Indeterminado/Indeterminado
129. Indeterminado/laminosa
130. Indeterminado/porosa

LARANJA

131. Laranja/compacta

132. Laranja avermelhada/compacta
 133. Laranja avermelhada/laminosa-foliácea
 134. Laranja avermelhada/friável
 135. Laranja avermelhada/grosseira
 136. Laranja acastanhada/compacta
 137. Laranja acastanhada/granulosa
 138. Laranja arenosa
 139. Laranja alaranjada/friável/granulosa
 140. Laranja/porosa
 141. Laranja/compacta/foliácea
 142. Laranja/compacta/rugosa
 143. Laranja/depurada
 144. Laranja/foliácea
 145. Laranja foliácea/granulosa
 146. Laranja friável
 147. Laranja friável/granulosa
 148. Laranja friável/rugosa
 149. Laranja granulosa
 150. Laranja granulosa/compacta
 151. Laranja granulosa/friável
 152. Laranja grosseira
 153. Laranja grosseira/granulosa
 154. Laranja grosseira/laminosa
 155. Laranja indeterminada
 156. Laranja laminosa
 157. Laranja laminosa/granulosa
 158. Laranja porosa/rugosa
 159. Laranja pouco compacta
 160. Laranja rugosa

LARANJA ACASTANHADA

161. Laranja acastanhada/compacta
 162. Laranja acastanhada/granulosa
 163. Laranja acastanhada/rugosa
 164. Laranja acastanhada/laminosa
 165. Laranja acastanhada/grosseira
 166. Laranja acastanhada/granulosa/friável
 167. Laranja acastanhada/friável
 168. Laranja acastanhada/densa
 169. Laranja acastanhada/compacta/rugosa
 170. Laranja acastanhada/compacta/granulosa
 171. Laranja acastanhada/compacta/foliácea
 172. Laranja acastanhada/compacta/arenosa
 173. Laranja acastanhada/arenosa
 174. Laranja acastanhada/foliácea
 175. Laranja granulosa/pouco compacta
 176. Laranja laminosa/granulosa

LARANJA AVERMELHADA

177. Laranja avermelhada arenosa
 178. Laranja avermelhada compacta/granulosa
 179. Laranja avermelhada foliácea/granulosa
 180. Laranja avermelhada granulosa
 181. Laranja avermelhada /granulosa/compacta
 182. Laranja avermelhada /granulosa/grosseira
 183. Laranja avermelhada laminosa
 184. (1 Não identificada)

PRETO

185. Preto arenosa
 186. Preto compacta
 187. Preto laminosa/foliácea
 188. Preta compacta/vitrificada
 189. Preto compacta/granulosa
 190. Preto compacta/rugosa
 191. Preto foliácea
 192. Preto compacta/foliácea
 193. Preto friável
 194. Preto friável/granulosa
 195. Preto granulosa
 196. Preto granulosa/friável
 197. Preto granulosa/compacta
 198. Preta granulosa/laminosa
 199. (1 determinada)
 200. Preto laminosa
 201. Preto laminosa/arenosa
 202. Preto pouco compacta
 203. Preto rugosa

LARANJA AVERMELHADA

204. Laranja avermelhada rugosa
 205. Laranja avermelhada pouco compacta
 206. Laranja avermelhada porosa/rugosa
 207. Laranja avermelhada porosa
 208. Laranja avermelhada granulosa/friável
 209. Laranja avermelhada friável/laminosa
 210. Laranja avermelhada friável/granulosa
 211. Laranja avermelhada friável
 212. Laranja avermelhada compacta/arenosa
 213. Laranja avermelhada compacta
 214. Laranja avermelhada arenosa/friável
 215. Laranja avermelhada granulosa
 216. Laranja avermelhada Pouco compacta

VERMELHA ACASTANHADO

217. Vermelha acastanhada arenosa
 218. Vermelha acastanhada compacta
 219. Vermelha acastanhada compacta/arenosa
 220. Vermelha acastanhada compacta/granulosa
 221. Vermelha acastanhada compacta/rugosa
 222. Vermelha acastanhado friável
 223. Vermelha acastanhada granulosa
 224. Vermelha acastanhada rugosa
 225. Vermelha acastanhado laminosa/granulosa

LARANJA ACIZENTADA

226. Laranja acizentada foliácea

LARANJA CLARA

227. Laranja clara compacta

LARANJA ROSADA

228. Laranja rosada granulosa
 229. Laranja rosada grosseira
 230. Laranja rosada granulosa

PRETO/CASTANHA CHOCOLATE

231. Preto/castanha chocolate granulosa
 232. Preto/castanha chocolate compacta
 233. Preto/castanha chocolate arenosa

ROSA

234. Rosa Compacta
 235. Rosa compacta/grosseira
 236. Rosa depurada
 237. Rosa granulosa
 238. Rosa grosseira
 239. Rosa porosa
 240. Rosa purulenta

ROSADA

241. Rosada granulosa
 242. Rosada friável
 243. Rosada porosa

VERMELHA

244. Vermelha arenosa
 245. Vermelha arenosa/compacta
 246. Vermelha compacta
 247. Vermelha compacta/foliácea
 248. Vermelha compacta/granulosa
 249. Vermelha compacta/laminosa
 250. Vermelha compacta/densa
 251. Vermelha compacta/granulosa
 252. Vermelha foliácea
 253. Vermelha granulosa
 254. Vermelha granulosa/laminosa
 255. Vermelha granulosa/compacta
 256. Vermelha granulosa/foliácea
 257. Vermelha granulosa/grosseira
 258. Vermelha granulosa
 259. Vermelha grosseira
 260. Vermelha grosseira/compacta
 261. Vermelha laminosa
 262.

VERDE

263. Verde

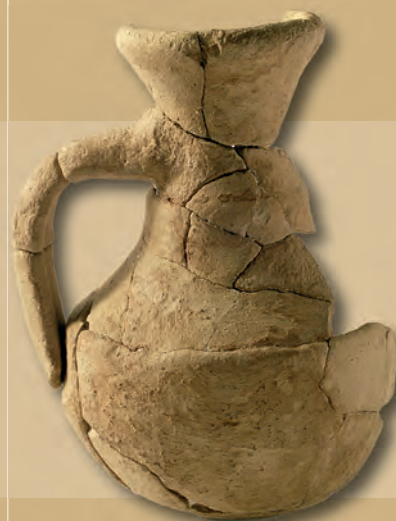
VERMELHA ALARANJADO

264. Vermelha alaranjado friável
 265. Vermelha alaranjada compacta

SÍTIOS E ACRÓNIMOS

Sítio	Nº Inv EDIA
Rocha da Gramacha2 (01)	95353
Monte Roncanito 18 (02)	95304
Monte Roncanito 17 (03)	95303
Cabeçana 3 (04)	95342
Monte Barbosa 5 (05)	95178
Monte Barbosa 7 (06)	95179
Monte Roncanito 10 (07)	95295
Cabeçana 4 (08)	95343
Cabeçana 7 (09)	95348
Monte Roncanito 23 (10)	95292
Monte Musgos 3 (011)	95246
Monte Musgos 10 (12)	951208
Monte Roncanito 13 (013)	95299
Espinhaço 4 (014)	95265
Espinhaço 5 (15)	95267
Espinhaço 11 (016)	95274
Monte Roncanito 26 (017)	95353
Monte Roncão 10 (018)	95382
Monte Roncão 11 (019)	95383
Monte Roncão 12 (020)	95385
Monte Roncão 13 (021)	95386
Espinhaço 6 (022)	95266
Monte da Tapada 40 (23)	95175
Monte Roncanito 14 (24)	95300
Monte Roncanito 2 (025)	95284
Monte Roncanito 2A (026)	—
Monte Roncanito 5 (027)	95288
Monte Roncanito 4 (028)	95286
Espinhaço 9 (029)	95272
Espinhaço 7 (030)	95270
Monte do Balanco (031)	951058

MEMÓRIAS D'ODIANA 2.ª Série



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

Direcção Regional de Cultura do Alentejo



EDIA

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO
E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA S.A.



QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007.2013



ALLENTEJO
2007.2013



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional